

Ana Vitola

Ponto e
Virgula





Prólogo

Ela olhou para o papel na sua mão e confirmou o número da casa.

Ainda sem acreditar que estava naquele lugar, observou a construção a sua frente, quase tão simples, que ninguém poderia acreditar que por entre essas paredes absurdos aconteciam diariamente.

Um absurdo que ela havia se metido.

Com uma respiração lenta e pesada, retornou a caminhar para dentro do portão. Receosa, tocou a campainha e esperou ser atendida.

Ainda não sei como tudo pode desmoronar a minha volta, pensou ela novamente. Aliás, essa era a frase que mais recorria à sua mente. Desde aquele fatídico dia. O que amanheceu com a mesma áurea iluminada, com a promessa silenciosa que seria melhor que o dia que passou.

Mas na verdade, o dia que começou com tanta expectativa, havia se transformado em um pesadelo. Que ela ainda tinha uma vontade visceral de acordar e perceber que nada daquilo tinha passado de um sonho. A cada passo que ela dava para entrar na casa, as suas chances se diminuía cada vez mais de isso acontecer.

A história era a mesma que tantas outras meninas já haviam vivido. Estava acontecendo novamente e sendo “arrumada” nessa casa, localizada em um bairro elegante fora do centro tumultuado da cidade grande.

Ela havia saído de casa com a esperança que a vida na cidade pequena, do interior, não era páreo para o seu futuro promissor. Apenas alguns meses trabalhando como doméstica, até conseguir juntar um bom dinheiro para se manter e conseguir ingressar na faculdade pública. Era um ótimo plano, assim ela pensava, e tinha todos os motivos para acreditar que daria certo.

E foi isso que ela fez. Deixou a sua mãe sozinha em casa e, munida apenas com uma mala, quase nenhum dinheiro e poucas roupas, entrou no ônibus que fazia a linha interior-capital para uma vida nova.

Os sonhos adolescentes sempre parecem mais palpáveis e fáceis de serem atingidos. Como se fossem uma caminhada simples até a esquina, por assim dizer. Era fácil demais simplesmente fechar os olhos, imaginar e traçar o caminho mais fácil para atingi-lo. Não colocam os percalços, acasos e desastres que podem acarretar no meio do caminho. E acredite, por mais simples que o sonho pareça, sempre haverá alguma coisa atrapalhando.

Ela chegou à cidade grande sem nem saber quase como se locomover por entre as ruas que a cercava. De longe, os moradores, já viam que era do interior. O assombro com prédios tão altos, pessoas andando de um lado para o outro sem se importar com o que acontece a sua volta e se a pessoa que esbarra em ti está necessitando de alguma ajuda. A cidade não para e não iria ser ela que conseguiria fazer com que diminuísse o seu ritmo.

Passou as primeiras noites em uma pensão de qualidade duvidosa. Conversou com o dono e conseguiu uma vaga de arrumadeira. De uma coisa ninguém poderia reclamar, ela estava lá para qualquer trabalho que fosse. Aguentou arrumar aqueles quartos fétidos por semanas, sem reclamar, e ainda dava o melhor de si para dar um tipo de vida para aquelas paredes encardidas.

Trabalhava, mas sempre que tinha a oportunidade, olhava os classificados para ver se não

havia nenhuma vaga melhor disponível. Seu plano estava engatinhando para a realização, só faltava o tempo livre para estudar para as provas dos vestibulares e tudo se resolveria automaticamente.

A chance chegou depois de algumas semanas limpando o muquifo e se esquivando de cantadas baratas das pessoas que ali habitavam. Algumas delas até chamaram a sua atenção, com as falsas promessas do dinheiro rápido.

Só fechar os olhos e aguentar, diziam os homens que a convidavam para o seu quarto na calada da noite.

Com o dinheiro da passagem contado, chegou a uma enorme casa em um dos bairros mais chiques da cidade. Era o sonho de qualquer moça do interior. Trabalhar como doméstica em uma casa gigante, ser bem remunerada e conseguir dar mais um passo em direção ao seu sonho. Ela não pensou duas vezes ao arrumar suas poucas coisas e se mudar de vez para o novo emprego.

O trabalho não era nada comparado ao que ela vinha fazendo desde que chegou na cidade. Os quartos e cômodos que eram de sua obrigação eram impecáveis, nem sujavam de um dia para o outro. E acima de tudo, havia um quarto nos fundos a sua disposição para dormir. Dependendo do dia, ela conseguir ainda resgatar algum dos seus livros que ela trouxe para dar uma revisada nas matérias que iam cair no vestibular.

Tudo estava se concretizando. E quando conseguiu um dinheiro extra, por ajudar em uma das festas que os patrões deram, pegou o ônibus de volta para casa. Passou o final de semana na companhia da sua mãe e contando as histórias que tinha descoberto e vivido na cidade grande.

Ela estava feliz, com um sorriso que iluminava o seu rosto de uma forma esplendorosa. Alheia a qualquer rasteira que a vida poderia lhe dar em poucos dias. Indiferente aos conselhos que a sua mãe tanto lhe repetia quando se despedia da única filha.

E então, como num passe de mágica, o vento soprou e derrubou o castelo de cartas, tão frágil, que ela havia construído com os seus sonhos juvenis.

O filho dos patrões havia retornado depois de alguns meses longe de casa. E foi justamente com ela que ele resolveu mexer. Ela, que estava alheia a tudo e qualquer coisa, não teve escapatória quando foi ingenuamente seduzida e capturada.

Acreditou em falsas promessas, sorrisos prontos e palavras que soavam como poesia nos seus ouvidos. Não pensou duas vezes, ou melhor, não conseguiu escutar a voz interior que alarmava os perigos daqueles encontros as escondidas nos corredores inabitáveis.

Ela não teve chance nenhuma quando ele a levou para o seu quartinho de arrumadeira e a tomou. A única coisa que ela ainda podia dizer que era sua.

Na sua cabeça ingênua e romântica, ela não reclamou de nada. Apenas matinha a porta do seu quarto aberta e no silêncio aguardava por uma visita no meio da noite. Escutaria todas aquelas falsas promessas, palavras sem nada de verdadeiras e se deixava levar pelos toques que ele fazia com tanta maestria no seu corpo frágil.

Meses passaram a história continuou a se repetir frequentemente. Porém, as visitas se tornavam cada vez mais escassas, ela estranhando que as conversas e promessas estavam cada

vez menos atraente. Até que ela percebeu mudanças sutis no seu esquelético corpo.

O inevitável aconteceu e ela se descobriu grávida do filho dos seus patrões. E quando resolveu contar a novidade, com um brilho inegável nos olhos, a vida, e ele, lhe deram o maior tapa na cara que ela poderia sonhar em receber.

Restando apenas um pouco da sua dignidade, ela se arrastou até o seu pequeno quarto e fez a mala. Com o coração sangrando e os olhos salpicando em lágrimas, reuniu as poucas coisas que tinha naquela casa e partiu apenas levando o dinheiro que era seu por direito e o papel com esse endereço que ela estava agora.

Parada em frente à casa ela respirou fundo e entrou quando a porta foi aberta. Uma mulher a olhou de cima abaixo e perguntou o seu nome para conferir com uma planilha a sua frente. Depois de confirmado a sua identificação ela entrou, se sentou em uma sala de espera e ficou com uma senha na mão.

Capítulo 1

A senha de atendimento número sete pesava na sua mão. Um simples número normal, impresso em um papel, já amassado, indicando que muito já tinha sido usado.

Quantas mulheres já entraram por aquela mesma porta e pegaram esse número de para ser atendida? Ela pensou enquanto esperava. Será que toda sabiam onde estavam se metendo? Ou, assim como estava se sentido, elas entravam aqui sem muita certeza do que estavam fazendo?

Não. Ela tinha a absoluta convicção de que essa era a única saída para a situação que havia lhe aparecido. Um erro que merece ser tratado como tal e solucionado sem o menor dano possível...

O susto de um número sendo chamado a despertou. Olhou para o seu número sete novamente, só para certificar que ainda era o mesmo papel amassado, com a impressão já começando a ficar falha de tantas mãos o amassarem de nervosismo por estarem na mesma situação.

O plano era perfeito ao seu ver, como ela pôde ser tão ingênua a acreditar que algumas palavras poderiam mudar o seu destino? Sabia das histórias, conhecia muitas moradoras da cidade pequena que vieram e passaram pelas mesmas coisas.

O sonho, a saída de casa, o desejo de liberdade e sentir a pulsação da cidade grande. Fazer parte das massas que movimentam as ruas, de uma infinidade cultural apenas a um passo da porta de casa, pessoas diferentes, que se vestem, pensam e fazem o que querem....

Tudo isso retratado em páginas e mais páginas de diários de adolescentes cansadas da vida em cidades pequenas. Onde o máximo de diversão, e diversidade cultural, que possuíam era quando um circo velho passava pela cidade.

E lá estava ela, vivendo o sonho. Não completamente do jeito que ela queria, mas só o fato dela estar lá já era a realização do mesmo.

Como, ela não entendia ainda, pôde se deixar ser levada por isso? E agora, não sabia como conseguiria aprumar a sua vida. Ela conseguiria sair daqui e voltar a ser a mesma de sempre?

Outro susto quando ela escutou o número sete sendo chamado novamente. Será que era a sétima do dia? A sétima que deixou uma vida inocente acabar?

Caminhou lentamente até o guichê e foi encaminhada para outra sala afastada. Sentou em frente de uma mesa e ficou observando as fotos presas na parede. Alguns diplomas, cartazes sobre DST's e ironicamente um sobre as fases da gestação.

Foi criada por uma família católica, não tão fervorosa como algumas vizinhas, mas passou por todos os rituais que a idade pedia, batismo, primeira comunhão e crisma. Ajudou em muitas quermesses para arrecadar fundos para a igreja, conhecia o padre e seus ajudantes e ia à missa sempre que sentia que precisava de uma luz na sua vida.

Ainda não tinha a resposta certa para a existência de Deus ou de um julgamento final, onde todas as suas falhas e acertos são expostos e ali decidido se ela era merecedora do paraíso ou arder no inferno.

Porém, de uma coisa ela achava errado. Nos antigos debates da escola ela sempre era do time que não apoiava, discutia com os colegas sobre os métodos contraceptivos, uso de preservativos e tantas outras coisas que a deixavam animada só de imaginar o calor da reunião. Fora escolhida como a melhor argumentadora na turma por causa de um desses debates fervorosos.

Imagina se os seus colegas a favor lhe vissem agora, dentro de uma clínica de aborto, decidida a encerrar a vida do seu filho, ou filha, que nem teve oportunidade de conhecer. Ironizava enquanto afastava as lágrimas mais uma vez dos seus olhos.

Mas quando os papéis se invertem, e ela sentiu na pele o que era estar grávida e sem condição nenhuma para criar essa criança, percebeu e a “solução” que os patrões haviam dado, era a mais plausível no momento. Ela só tinha o dinheiro que havia recebido pelo seu trabalho. Dormiu duas noites em uma pensão, tão ruim como a que ficou quando chegou e agora teria que poupar cada centavo que sobrasse até se recuperar e voltar à ativa em algum trabalho. Até dormiria na rodoviária para pegar o ônibus de volta para casa. Ficaria com a mãe por algum tempo para se recuperar do que faria hoje.

O próximo passo era voltar ao plano original. Mas sem tantos enfeites e sonhos quase utópicos. Trabalhar para se sustentar já era o importava no momento.

A porta se abriu e uma mulher vestido de branco se sentou à sua frente e começou a confirmar seus dados.

— Fer... Fernanda Medeiros. — Disse baixo quando questionada. — Dezoito anos.

— Primeira vez que....

E última pensou ela enquanto balançava a cabeça.

— Preciso que tu te levante e me acompanhe, tenho que tirar as tuas medidas e perguntar outras coisas.

Levantou-se, ainda receosa, deixou a bolsa esfarrapada em cima da cadeira enquanto a enfermeira a ajudava a despir-se e fazia mais perguntas. Data da última menstruação, se havia algo diferente no seu corpo e tantas outras que a deixou desconfortável.

Após alguns minutos com esse princípio de tortura, e ela se sentindo completamente vulnerável, voltaram a se sentarem. Uma de frente para a outra. Fernanda pensava em como aquela enfermeira deve estar a julgando. A menina pobre que veio do interior e que acabou na cama do filho do patrão. Mais uma interiorana que se achava inteligente para viver no meio dessa selva e sair ilesa.

— Fernanda, — a enfermeira interrompeu seus pensamentos autocríticos sobre a sua situação — o que nós fazemos aqui é um crime. O aborto não é legalizado no nosso país e nem tem previsão de quando vai ser. Por isso que o que eu vou fazer contigo, antes mesmo de te tocar, é conversar, certo? Quero que tu me escute com toda a atenção que conseguir, para depois nós resolvermos essa situação, ok?

Ela assentiu e sentiu a garganta ficar seca.

— O procedimento é invasivo. Tem tudo para dar certo, assim como tem tudo para dar errado. Como todo o procedimento tem. Nós vamos te dar todo o apoio e suporte em ambos os

casos, por isso que o nosso serviço é caro. Ninguém sai daqui sem amparo. O serviço é feito sem dor para ti e em apenas algumas horas depois tu já pode sair, se tudo ocorrer bem.

Fernanda continuava a escutar a enfermeira com a atenção que ela requisitava. Assimilava cada palavra e o significado dela de uma forma que um estudante interessado aprende uma matéria nova.

A enfermeira pegou um álbum de fotos e começou a foliar na sua frente. Cada foto ali mostrada era uma parte do procedimento que ela enfrentaria em pouco tempo.

Essa era a única maneira de lidar com aquilo tudo, não era?

Ela estava explicando como vai matar essa vida que está se formando dentro de mim, pensou. Como uma professora mostra para os seus alunos como se plantar feijão em um algodão. Como ela pôde se meter naquela situação toda?

— Alguma dúvida, Fernanda?

Com um breve aceno de cabeça e um olhar apático, ela negou.

— Preciso que tu entenda que isso é irreversível. Não tem como voltar atrás depois que os primeiros medicamentos são administrados. Uma vez feito...

E tudo está acabado, completou ela mentalmente.

Tudo. Todo o milagre da concepção, como muitos chamam, descartado como lixo contaminado. A corrida inicial pela vida interrompida pelo homem. Estaria ela mesmo disposta a acabar com isso tão rapidamente? Tão incisivamente? Tão abruptamente? Tão invasivamente? Tão....

— Eu trabalho aqui há mais tempo que me orgulho. — Desabafa a enfermeira, deixando o tom técnico de lado e encarando a Fernanda com os olhos de quem estava entendendo a situação. — E sei o que passa na cabeça que entra aqui nessa sala. Algumas decididas a acabar com tudo isso de uma vez e querendo voltar para casa o mais rápido possível, outras porque não tem mais saída e muitas que não estão nem aí para o que estão fazendo, sem contar as que aparecem aqui frequentemente. Cada uma delas com as suas opiniões e prontas para arcarem com as consequências futuras.

Fernanda encarou a enfermeira que pegou as suas mãos, calejadas pelo trabalho e as apertou.

— Também eu sei reconhecer quando uma mulher entra aqui sem certeza do que está para fazer. E sei que esse é o teu caso, Fernanda. Por isso que eu estou aqui para conversar contigo. Ninguém aqui vai te amarrar na maca e arrancar essa criança do teu ventre. Só vamos fazer alguma coisa depois que tu concordar e estiver certa de que é isso que quer.

Fernanda hesita no olhar.

— Tu está certa que é isso que tu quer? Quero que tu olhe nos meus olhos e me diga isso.

Ela fechou os olhos. Rezou para que alguma luz divina lhe desse força para conseguir repetir aquelas palavras com a convicção necessária que precisava para convencer a enfermeira.

Esperou. Orou mais um pouco, implorou e nada adiantou. Quando reabriu os olhos e focou nos da enfermeira, não conseguir proferir nenhuma palavra que fosse. Toda a sua força,

aquela que havia carregado até aquela sala, tinha esvaído.

— Vai para casa, Fernanda. Quando estiver com a força necessária eu estarei aqui para te ajudar. Pensa por alguns dias, reflete sobre o que conversamos e se mudar de ideia é só voltar que nós te atenderemos.

Limpou os olhos e levantou da cadeira, carregando sua bolsa velha nas mãos. Agradeceu pela compreensão e saiu, deixando a velha ficha com o número sete impresso para a próxima pessoa. Hoje ela não seria utilizada.

Entrou no ônibus, que ligava o bairro que estava até o centro e fez o seu trajeto vendo as pessoas passando pela janela, os prédios, tão imensos que ela quase nem conseguia ver os seus topos, as lojas e as suas promoções imperdíveis e a cidade respirando a sua volta.

Limitou-se a comer um sanduiche na padaria mais fétida na rodoviária e ainda guardou um pedaço para a manhã seguinte. Sentou em um dos bancos, próximo à guarita dos seguranças, para não ter problemas com assaltantes noturnos e começou a reavaliar a sua vida.

Voltaria para casa, moraria com a sua mãe e trabalharia em qualquer lugar que conseguisse. Guardaria o dinheiro que ganhasse para um futuro próximo. Precisaria do máximo que conseguisse para se sustentar, ajudar em casa com algumas despesas e também... ela não tinha tanta certeza para aquela parte ainda.

A noite fria chegou e foi ignorada por tantos pensamentos que vieram. Dessa vez, o sonho adolescente, sem nenhum percalço no caminho, deu lugar a medos, incertezas e dúvidas. Pela primeira vez ela se sentiu abalável. Sabia que esse seria o primeiro de muitos sentimentos de impotência que ela começaria a sentir.

Pela manhã, desamassou o bilhete rodoviário, entregou ao cobrador e sentou-se no banco sem conforto nenhum. Suspirou e olhou novamente pela janela. Viu o sol nascendo por entre os prédios e deu adeus a tudo aquilo.

Capítulo 2

Com os acontecimentos dos últimos dias, Fernanda nem teve tempo de ir ao orelhão mais próximo e ligar para a vizinha mais próxima que possuía um telefone para avisar sua mãe que estava retornando para casa.

Desceu na rodoviária e suspirou ao ver que ainda tinha um bom caminho até chegar a zona em que morava. Por mais que a cidade fosse pequena, ainda tinha locais, como o que sua mãe morava, que se distanciavam muito do pequeno centro que a cidade possuía.

Pegou a sua mala e enquanto outras pessoas carregavam as malas nos táxis parados, ela só olhou para a bagagem e esperou que a sua alça não arrebentasse no meio do caminho. E assim começou a sua jornada para casa.

Fez o seu trajeto sem levantar os olhos do chão. Até porque, assim que colocasse os pés no bairro de casa, sabia que os falatórios começariam. Um dos motivos de ter saído de casa era esse. Simplesmente não suportava a conversa no final das tardes de verão onde as comadres sentavam-se embaixo das árvores de casa e começavam a comentar a vida de todos que moravam na cidade.

Fulano brigou com fulana no meio do baile semana passada. O ciclano, será que está doente, vi ele novamente na farmácia essa semana! E a filha da lavadeira que saiu de casa para trabalhar na cidade grande e voltou para casa? Dizem que ela está grávida! Se meteu com o filho do patrão e ele deu um pé na bunda dela.

Teoricamente, isso era o que menos a incomodava. Ninguém realmente sabia o que acontecia dentro da sua casa, e muito menos todos os trabalhos que a sua mãe passou para nunca deixar que faltasse alguma coisa. Porém, o que a incomodava seria a fofoca que colocasse a sua mãe no meio da roda de conversa. Isso era um desgosto completo para Fernanda.

A culpa era totalmente dela. Completamente sua. Ninguém pode arcar com ele assim como a própria Fernanda. Ela que não conseguiu se conter e acabou caindo no conto mais antigo do mundo. Onde já se viu, Fernanda? Acreditar nas palavras vagas de um homem que tinha um império nas mãos enquanto ela mal tinha o que comer na volta de casa.

E por essa simples, mas potencialmente problemática situação, quem seria taxada de péssima mãe, que não deu a educação que ela precisava, que ao invés de ficar em casa cuidando da filha, batia de casa em casa atrás de roupas para lavar em trocas de migalhas e mal tinha educação para ensinar a filha, seria a sua própria mãe.

Por isso que voltou para casa. Ainda tenha uma decisão a tomar, não é? Precisava da opinião da sua mãe para saber o que eu faço da sua... das vidas. Não se importava em ser taxada como vadia e outras coisas, tinha a consciência limpa por conta dos seus erros e ia assumi-los. Independente de qual estrada eu iria seguir daqui para a frente.

E com isso em mente, seguiu arrastando a sua mala até a porta da sua casa. Não era nem um cômodo da que ela trabalhava, e a nem perto da luxuosidade que aquela possuía, mas em compensação, era um lugar mágico. Todas as vezes que entrava dentro de casa, era como se uma onda de amor entrasse pelo seu corpo. Deixando assim, todos e qualquer mal que alguém poderia lhe rogar.

Dessa vez não foi diferente. Sentiu o peito se apertar de uma forma tão aconchegante que instantaneamente ela se sentiu-se em casa. Pode respirar sem a pressão em cima dos ombros e os problemas pareciam que ficaram no lado de fora da porta de entrada. Comportados e esperando a oportunidade de entrarem na casa para serem discutidos. Nesse momento, ela queria apenas os braços da sua mãe e o cheiro de sabão em pó característico que ela possuía.

Não precisou nem adentrar muito para sua mãe perceber a sua presença.

— Fernanda, o que aconteceu, minha filha?

Não existe nada mais reconfortante do que abraço de mãe, Fernanda já sabia disso, e por isso foi correndo em direção a sua. O laço que une uma mãe de uma filha é visceral, fala mais alto que o próprio instinto de sobrevivência que todas as pessoas têm. Ele vai além do que o amor normal, incondicional ou qualquer outro que a poesia pode narrar.

Quando os dois corpos se uniram, novamente dois corações batendo tão próximos, ela alcançou a paz e equilíbrio que precisava naquele momento. Fernanda deixou ser acalentada e acariciada pelas mãos calejadas da sua mãe. E sua mãe, conhecendo cada trejeito, bem como a personalidade da filha que havia dado à luz, sabia que essa visita tão inesperada tinha um motivo maior.

Não demorou muito para Fernanda começar a falar quase sem respirar direito. Emendou um assunto no outro, começando pelo fato de trabalhar em uma pensão em troca de comida e um lugar para dormir, das propostas indecentes que recebia dos clientes, de como foi parar na casa luxuosa e como acabou voltando para casa.

— Eles me pagaram um aborto. Mas eu não consegui.... eu não....

Sua mãe limpou as lágrimas que corriam dos olhos da filha. Desde que nasceu ela fazia isso, enxugava cada uma delas e sentia como fosse seu próprio coração fosse partido. E agora a sensação ainda era a mesma, e mais dolorosa ainda do que anos atrás.

Ela conhecia o coração doce da sua única filha. Aquela que ela dedicou a vida para que conseguisse tudo. Dias e dias lutando para conquistar cada suado centavo para dar a essa única filha o que ela precisasse. Todo o sacrifício foi recompensado com a filha que cresceu e se tornou uma bela mulher. Mesmo que a sua ingenuidade e a pureza fizessem uma armadilha para o seu futuro que ela sonhou tanto.

— Não tive coragem de aceitar a proposta ainda. Preciso de força para conseguir isso, mãe. Sozinha lá e com tudo isso acontecendo comigo simplesmente eu não...

— Eu sei, minha filha. Tu nunca teria coragem para fazer uma coisa dessas. E também entendo que nunca conseguirá. — Fernanda chorou mais um pouco inconsolável.

Sua única saída era o apoio da sua mãe para retornar àquela clínica e fazer o procedimento. E agora, o seu ponto de apoio mudou completamente.

— Como...?

Foi calada pela mãe com um olhar complacente e como quem queria tirar a dor da filha e pegar para si própria. Uma velha senhora está mais propícia a aguentar certos sofrimento no lugar dos mais novos. Os jovens, a cada decepção na vida perdem um pouco da sua espiritualidade e a felicidade na vida. Tudo que ela não queria para a sua única filha, que o seu

sorriso, a esperança em um mundo melhor e a bondade nunca abandonasse o seu coração.

— Vamos dar um jeito. Uma criança nunca é um ponto final na vida de uma mãe. No máximo um ponto para terminar um capítulo e começar outro. Mas nunca o final.

— Mal temos dinheiro para nós duas. — Choramingou com os olhos aterrorizados.

E era isso que ela mais penava quando pensava em um futuro adiante. Como conseguiria sustentar uma criança? A mãe já estava com uma certa idade e Fernanda não teria coragem de pedir para a mãe trabalhar mais do que já fazia para sustentar um filho seu. Já não bastava todo o sacrifício que sua mãe já fez por ela.

Sentiu na pele e internamente uma força crescer dentro de si. Muitas vezes, na calada da noite, enquanto escutava a mãe trabalhando exaustivamente, ela ficava pensando em qual superpoder ela teria para tirar forças para torcer tantas e tantas roupas por horas a fio. Talvez isso tivesse começando a se criar dentro dela.

Uma força gigante. A expansão do poder de amar para algo maior e mais potente. A áurea e a capacidade de compreensão atingindo o limite máximo do seu poder. Tudo que era necessário para se tornar um lar de apoio e proteção.

Nesse momento ela começou a se sentir como uma mãe, e como tal, estava pronta para começar os seus próprios sacrifícios em nome da vida que ela optara por deixar crescer dentro de si. Carregaria no ventre por nove meses para depois, carregá-lo nos braços e para sempre dentro do seu coração.

— Nós vamos dar um jeito em tudo isso, Fernanda. — Sua mãe a consolou novamente nos seus braços. — Nos viramos muito bem até hoje, não é? E mais uma vez conseguiremos. Só precisamos nos ajustar a nova situação que chegará em breve.

Sua mãe colocou a mão sobre o seu ventre e sentiu a vida florescendo dentro dela.

Seus olhos se encheram de lágrimas de felicidade por ter a sua filha novamente em casa e a alegria em forma de uma criança. No fundo ela sabia que essa mudança seria para melhor.

— Vamos desmanchar essa mala e prepararmos alguma coisa para comermos. A horta do padre deu ótimas cenouras e ganhei umas por ajudar a lavar os tecidos do altar.

Fernanda sorriu atrás das lágrimas. Beijou a bochecha da mãe e fez um agradecimento silencioso.

Tudo melhoraria. Ela já começava a sentir dentro de si que isso em breve aconteceria.

Capítulo 3

Sérgio largou os talheres ao lado do prato e observou o irmão, Ricardo, e a irmã, Liana, brigando entre si na hora do almoço. Suspirou, pegou o seu copo e tomou um pouco. Ele daria tudo para que um único almoço naquela casa fosse sem as ofensas deles.

— Calem a boca. — Ordenou, os dois ainda discutiram mais algumas palavras até o silêncio reinar sobre aquela mesa.

Olhos para os dois demoradamente. Ricardo baixou os olhos e voltou a comer, já Liana o encarou de igual para igual. Sem medo e respeito nenhum pelo seu irmão mais velho, e também, o seu responsável legal.

— Recebi uma visita hoje pela manhã no escritório. — Sérgio falou calmamente ainda encarando a irmã.

— Ainda está cedo para o Papai Noel ou o Coelho da Páscoa pegar os nossos pedidos. — Ela debochou descaradamente de Sérgio. Ricardo chegou a levantar os olhos e ficar com o garfo na metade do caminho.

— Não é nada disso, Liana. Tu deve ter percebido muito bem quem foi ao meu escritório dizer que estava se demitindo.

A irmã dá os ombros e volta a comer como se a conversa nem fosse com ela. Ricardo, prevendo que a terceira guerra mundial se aproximava novamente da casa, deixou os talheres ao lado do prato, sem fazer o mínimo barulho e quando estava saindo de fininho, sentiu a mão do irmão agarrando seu cotovelo. Sem contar o olhar de Sérgio dizendo que era para ele ficar, que ainda tinha mais coisas pela frente e ele o próximo da fila.

— Liana, a Sílvia foi a terceira esse ano que pediu demissão.

— Não posso fazer nada se ela não gostou de trabalhar aqui, assim como as outras.

— Esse não era o motivo, e tu sabe muito bem. Todas as três saíram pelo mesmo motivo. Nome e sobrenome. Liana Chiarelli. As três colocaram a culpa de não aguentar o trabalho por tua culpa, Liana. Não minha e nem do Kado, mas tua. — Sérgio olhou firme para a irmã que não vacilava ao revidar o olhar.

Simplesmente ela voltou a comer, como se não tivesse escutado o que o irmão havia falado. Ricardo, ou Kado, como o irmão tinha se referido, alternava o olhar entre os dois.

— Por que, Li? Por quê? Eu só queria saber isso. Me explica que eu faço qualquer coisa que tu queira.

— Até enviar eu e o Kado para o colégio interno? — Liana se levantou da mesa em fúria.

— Li, isso não é verdade. Eu já expliquei que eu e a Vanessa estávamos brincando sobre isso e....

— Brincando?! — Ela explode. No auge dos seus treze anos, ela consegue incendiar uma discussão como ninguém.

Principalmente com os seus irmãos.

— Eu detesto aquela mulher, ela é uma.... uma vaca, Sérgio! E não sei como tu não percebeu isso antes. Ela xinga o Kado de retardado pelas tuas costas! Só eu posso chamar o Ricardo assim! Ninguém mais tem o direito de chamar o meu irmão desse jeito.

— Na verdade... — Ricardo tenta falar, mas como sempre é barrado pela irmã mais nova.

— Cala a boca, Retardado!

— Calem a boca os dois! Mas que saco, Liana! Para de chamar o teu irmão de retardado, para de falar que a Vanessa é uma vaca, para de criar caso com todas as empregadas aqui de casa! O que tu quer que eu faça? — Sérgio se levantou e foi em direção à irmã. — Que eu largue o mercado e fique a tua disposição o dia todo? E quem vai sustentar a porcaria dessa casa? Da onde vamos tirar dinheiro para as coisas que vocês querem.

Ele caminhou decidido até ela. No momento que a encarou de quase o mesmo nível, pensou em virar a mão no seu rosto. Deixar a marca dos seus cinco dedos na face da sua irmã mais nova. Ele poderia fazer isso, colocar Liana no lugar dela, tirar o sorriso de escárnio que ela apresenta em situações como a de hoje e simplesmente mostrar quem manda naquela casa.

Fazia cinco anos que o chefe de tudo era Sérgio. Com vinte anos assumiu toda a responsabilidade que seus pais dividiam. Desde o mercado que a família possuía até os irmãos com onze e oito anos. Largou a faculdade de advocacia, na capital e voltou para sua cidade natal para se tornar o homem da casa e o principal referencial de educação para os seus irmãos.

Só ele sabe como isso tudo foi difícil. E ainda continua sendo. Todos os dias que acorda, até a hora que se deita para dormir, ele tem que matar diversos leões.

Liana ainda encara o irmão, mas ao invés dos olhos incendiados pela discussão, Sérgio captou algo diferente. Um sentimento que ele não via no olhar da irmã há um bom tempo.

Fechou os olhos e deixou a vontade de bater nela se esvair pelo vento. Suspirou e olhou novamente para Liana que ainda o encarava.

— Eu só quero que vocês me ajudem. Já são grandes para entenderem que não é fazendo isso que se consegue as coisas. Estamos juntos nessa e para sempre. Só nós três. Eu, tu — ele olha para a irmã e depois para o Ricardo, ainda olhando para a cena — e tu. Só preciso que entendam disso e que me ajudem.

— Iríamos te ajudar indo para um colégio interno. — Ricardo fala baixinho.

— É isso que ela quer.... E tu está quase cedendo. Eu não quero sair daqui! Eu não vou para lugar nenhum!

— Então me ajudem! Para de encher o saco de todas as empregadas a ponto de elas desistirem de trabalhar aqui! Para de chamar o teu irmão de coisas horríveis.

— E quem ajuda a gente? — Liana volta a gritar. — Quem?!

Ela sai da cozinha em direção as escadas e quando chega no seu quarto, bate à porta com toda a força que ela possui.

Sérgio se escora na porta e suplica por uma ajuda divina para superar essa fase da pré-adolescência que a irmã estava passando. O Ricardo era bem mais tranquilo quando tinha treze anos do que a irmã... E por falar em Ricardo...

Voltou a abrir os olhos e a encarar a irmão que olhava para todos os locais, menos para ele.

— Depois que a Sílvia saiu do meu escritório, dizendo que não ia voltar mais, eu recebi uma ligação da escola, Kado.

Sérgio voltou a sentar-se, em frente ao irmão.

— Eu não sei mais o que fazer. As reclamações de briga na hora do recreio são quase diárias. Tu nunca foi disso, Ricardo.

— Eles que começam. — Essa foi a única resposta que recebeu e assentiu.

— Não importa quem começa. Eu já passei por isso e nunca revidei, um dia passa. Só não quero mais ouvir a diretora reclamando de ti. Eu sei que tu é bem mais do que isso, mano.

Ricardo fitou a mesa do almoço e balançou a cabeça concordando com o Sérgio. Realmente lidar com ele sempre foi mais fácil do que qualquer coisa relacionada à Liana. Como os três irmãos poderiam ser tão diferentes entre si?

Sérgio ignorou a pergunta essa pergunta que surgiu, e começou a recolher os pratos de cima da mesa. Com a ajuda de Ricardo, terminaram de guardar tudo, lavar e guardar os pratos. Sérgio olhou para o relógio e percebeu que se não saísse começaria as entregas atrasado. E tudo que ele mais queria no dia de hoje era encerrar o expediente, vir para casa e ficar quieto. Sem a Liana para gritar nos seus ouvidos ou o Ricardo conversando sobre todas as descobertas científicas, químicas e físicas que ele tinha feito ao longo do dia.

Uma noite de paz, sossego e preocupações. Era a única coisa que ele precisava. Já que amanhã ele teria que começar a procurar outra empregada para cuidar da casa e dos seus irmãos enquanto ele trabalhava.

— É início do mês e estamos lotados de entregas no mercado. Quer me ajudar a entregar?
— Sérgio perguntou ao irmão antes de sair de casa.

Ricardo levantou os olhos para o irmão e sorriu. Sérgio sempre adorou fazer as entregas, quando era menor, junto com o pai na caminhonete velha que ele possuía. Era um tempo extra entre pai e filho que ele nunca negou de participar. Daria tudo por mais uma entrega ao pai e se ressentia ao saber que o irmão participou de poucas desses dias de entregas e a Liana nunca fez parte.

Era claro que se ele convidasse a Liana, ainda mais hoje depois dessa briga, ela não aceitaria o convite, mas o Ricardo era assim como o irmão, não precisava do segundo.

Saíram em direção ao mercado para carregar a caminhonete, ainda a mesma que era do pai, apenas mais reformada e adaptada, e começaram a carregar a carroceria para entregar aos clientes.

O sonho tinha começado há muito tempo. Sérgio não tinha nem saído das fraldas, como sua mãe dizia, quando o seu pai começou a montar o pequeno mercado. Com muitos trancos e barracos conseguiram crescer e expandir o negócio e deixar a família em uma situação confortável. Só que tanto trabalho final, aquele que o Sérgio colhe os frutos hoje em dia, foi enterrado junto com os pais.

Por ser uma cidade pequena, mas costeada à uma das principais estradas do país, que o liga de norte a sul, a fazia se tornar alvo de assaltantes que veem das grandes cidades. Eles conseguem escapar por dentro das estradas secundárias que desembocam na estrada principal. O rumo perfeito para os ladrões.

Os assaltantes se infiltraram na cidade e chegaram ao mercado central, na hora que o caixa estava sendo fechado, perto das oito da noite. O pai estava com o dinheiro para guardar no cofre e a mãe pegando pães na padaria com a companhia do Ricardo, que então estava nem com onze anos. A ação era para ser perfeita, rápida e sem testemunhas e não desastrosa como acabou sendo.

Surpreendidos pela mãe e Ricardo, o pai reagiu e acabou sendo atingido primeiro, e para proteger o filho, a mãe o segurou atrás de si, e o comparsa pensou que ela estava sacando uma arma para se defender. O último ato de bravura da mãe, foi cair em cima do Ricardo, fazendo que os assaltantes pensassem que ele também estava morto.

O menino entrou em estado de choque. Quase catatônico por horas, até o Sérgio chegar na cidade e cuidar de todos os assuntos. Quando ele viu o irmão, ainda manchado pelo sangue da mãe, agradeceu aos céus pelo último ato de amor dela. Ela havia o salvado e pagou com a sua vida.

Ricardo nunca mais foi o mesmo menino alegre de sempre. Se reclusou de uma forma preocupante, por isso a implicância da Liana por chama-lo de retardado e dizendo que só ela possuía o poder de usar esse apelido.

Sérgio fez e ainda faz o melhor que pode. Conseguiu transformar o próspero negócio dos pais no maior mercado da cidade, desbancando até um de uma rede nacional que se instalou na região. Nada chega aos pés do que ele havia transformado. Desde o atendimento aos clientes, as entregas pontuais e até os preços imbatíveis das mercadorias. Todas as pessoas da cidade conheciam o Mercado Chiarelli.

— A próxima entrega é longe, lá na paróquia do padre Simas. — Ricardo falou olhando para a lista e ficando encarregado de fazer o roteiro. — É naquelas estradas sozinhas e a última do dia, posso voltar dirigindo?

Sérgio sorriu. O irmão estava prestes a fazer dezesseis anos. A mesma idade que o pai havia ensinado o irmão mais velho a dirigir, e por isso ele resolveu fazer a mesma coisa com o Ricardo. Ensinar ele a dirigir pelas estradas vazias da cidade. Mal havia policiamento nas ruas principais, quem dirá nas longes do centro da cidade. E outra, em cidade pequena, todo mundo conhece os guardas de trânsito e eles não conseguem multar os cidadãos por coisa tão simples assim. Só sai multa por coisas maiores e que precisam de registro.

— Tu me ajudou bastante hoje, então merece dirigir um pouco. Assim posso descansar. — Sérgio notou o sorriso largo do irmão e se sentiu bem por isso.

Ah se a Liana se contentasse com tão pouca coisa assim, pensou enquanto chegava a sua entrega final.

Estacionou o carro e juntos descarregaram as compras do padre Simas. Ricardo mal terminou os afazeres e já se sentou no banco do motorista, arrumando o banco e espelhos a espera de Sérgio que ainda conversava com o padre.

— Como estão as coisas, meu filho? — O padre perguntou ao notar o olhar cansado de Sérgio.

Eles se conheceram no momento em que o padre foi chamado para acompanhar o velório dos seus pais. Viu a dor dos filhos em perderem precocemente seus familiares e ficou à disposição deles para quando precisassem de uma ajuda espiritual maior. E Sérgio aceitou com bom grado a mão ajuda e as palavras sábias do padre.

— Indo, por assim dizer. — Deu um sorriso cansado ao pároco. — Perdi mais uma empregada hoje e o Ricardo brigando na escola. — Suspirou e confidenciou ao amigo. — Não vejo a hora deles crescerem e pararem com essas birras.

— Eles são ótimas crianças. O Ricardo deve estar sofrendo por algumas coisas, ele sempre foi mais sensível. E a Liana, ela ainda tem algumas coisas para aprender...

— Como não brincar com a sua vela durante a eucaristia e quase colocar fogo na igreja?

— E outras coisas. — O padre lhe sorriu. — Mas o que eles realmente precisam é de amor, Sérgio. Principalmente de um pai e uma mãe.

— Só que isso é impossível, padre Simas. Eles só têm esse irmão aqui para tudo, e ultimamente eu não tenho conseguido dar conta. Se com ajuda de uma empregada já é uma tragédia, imagina sem. A Vanessa não gosta muito de me ajudar na questão deles, por ela eles estariam longe daqui. Mas eu não acredito que isso seja a coisa certa para se fazer.

— Sim, meu filho. Eles, e tu, já sofreram demais e afastar vocês três não é a resposta certa. Ainda não conheço a Vanessa, mas se precisar de alguma ajuda para aconselhamento, eu estou à disposição.

— Eu sei, padre Simas. Já falei isso, mas ela não aceitou a ideia.

Padre Simas assentiu sabendo, lá no fundo, que a mulher que ele havia escolhido não era espiritualizada. Colocaria ela nas suas orações para que parasse de pôr essas ideias de separação dos irmãos. Tudo que eles precisavam nesse momento era a união e amor que só uma família consegue ter.

— A única ajuda que eu preciso nesse momento é de uma pessoa que cuide dos meus irmãos enquanto eu trabalho e cuide da casa. Infelizmente eu não consigo dar conta dos dois e do mercado ao mesmo tempo. Se souber de alguém que tenha disponibilidade e paciência para aguentar eles pode mandar me procurar no mercado.

Padre Simas sorriu e se despediu, abençoando um dos seus filhos que mais precisava de uma onda de luz na sua vida naquele momento.

Capítulo 4

Padre Simas, como sempre, abriu cedo a porta da sua pequena paróquia na parte mais pobre da cidade. Ele sempre trabalhou nessa cidade, desde que acabou o seminário. Começou na Igreja principal e lá ficou durante boa parte da sua vida. Agora, com a idade chegando deixou o cargo principal para um padre mais novo e decidiu dedicar o resto da sua vida em uma paróquia menor com um rebanho mais pobre de dinheiro, mas rico em espírito.

Para ele, era isso que realmente importava. Na paróquia principal da cidade, nos seus anos ministrando missas, escutando confissões e fazendo o seu trabalho espiritual com os moradores, escutou e viu de tudo. Desde pessoas ricas em espírito que se doavam ao próximo às pobres que desdenhavam dos seus irmãos e participavam ativamente da vida religiosa da cidade.

Uma ovelha incompleta, como ele as chamava nos seus pensamentos. Do que adiantava pagar o dízimo, confessar regularmente, comungar em todas as missas de domingo, mas não conseguirem ajudar os próprios familiares que passavam por problemas. Ou então que ignoravam os próprios problemas dentro de casa como traição e outras coisas. Tudo pela “visão da sociedade”, perfeita e inegável que era uma família tradicional.

Só que o padre Simas sabia que tudo era fachada, e isso o machucava muito e ele ficava orando e pedindo a Deus uma luz para ajudar essas suas ovelhas perdidas no próprio ego e ambição.

Na sua nova função, com um rebanho tão diminuto e necessitado, sentiu a sua serventia. Acalentar os corações necessitados de uma palavra de consolo, projetos sociais para ajudar os necessitados e as crianças que estavam em idade escolar com um mutirão de ensino. Poucos gestos, mas que para aquelas pessoas sofredas, já era uma ajuda e tanta.

Padre Simas, sentou-se na sua sacristia e, pelo horário, não imaginava a chegada de uma jovem que se aproximava de sua porta. Ela bateu de leve à espera de ser convidada a entrar, e quando deu o primeiro passo após o convite, o pároco levantou-se alegremente.

— Fernanda, minha filha! — Abraçou a menina que havia saído de casa com um sonho em direção à cidade grande.

— Benção, padre.

— Deus te abençoe. — Ele sorriu e ficou espantado com a falta de brilho no olhar da jovem. — O que te traz de volta à cidade.

Ela hesitou e afastou-se um pouco do padre. Olhou para a imagem de Jesus Cristo na cruz, vacilou e falou.

— Preciso contar em confissão, padre.

O padre segurou suas mãos e assentiu. Encaminhou Fernanda para o confessionário e voltou para os seus aposentos para vestir-se para o acontecimento. Ele conhecia Fernanda desde que havia assumido a paróquia. Uma moça quieta, inteligente e que sempre estava a volta dos afazeres que lhe coubessem. Até mesmo nos mutirões de ensino para as crianças com dificuldade em aprendizado. Uma moça que ele sabia que tinha um coração bom.

Fernanda, ajoelhada no confessionário antigo da igreja, enrolava as mãos em sinal de

nervosismo. Sempre que fazia esse ritual era para confessar os pequenos pecados que todos realizavam, e nem se lembrava de receber uma punição tão severa do padre. Ela entrava e saía tão rapidamente que não chegava a nem a ficar com os joelhos doloridos da posição que estava. Hoje ela sabia que iria sair daqui flagelada.

A noite passada ela havia adormecido no meio das suas lágrimas. O desespero bateu por completo ao ver que estava em uma posição nada privilegiada e que necessitava urgentemente de algum emprego para se sustentar, ajudar a casa e começar o enxoval do seu bebê. E então a verdade lhe ocorreu.

Onde ela conseguiria um emprego por alguns meses que a mantivesse por alguns meses e depois ela pudesse voltar para o cargo? A cidade era pequena demais para tais luxos. O comércio era praticamente caseiro, onde os pais empregavam os seus filhos e os parentes quase não sobrando vagas para terceiros. Era realmente uma posição de risco que ela havia se metido. E somente umas palavras de acalento para a alma que ela precisava para não se desesperar por completo.

Ouviu o barulho do padre Simas sentando no seu lugar no confessionário e começou baixinho a recitar as palavras aprendida há muito tempo.

— Abençoei-me, padre, porque pequei. — Falou com sua voz falhando.

— O Senhor esteja no teu coração, para que confesses os teus pecados com espírito arrependido. — Escutou como resposta e então começou a falar.

Contou ao padre Simas tudo que havia acontecido desde que tinha saído de casa. O como se encantou com as construções gigantes, do movimento das pessoas cedo da manhã, iniciando os seus dias e ajudando a cidade a respirar. Dos lugares que havia passado e conhecido, aqueles que muitos ela só tinha visto falar na televisão, como a catedral metropolitana, no centro da cidade com os vitrais mais lindos que ela poderia colocar os olhos. Os Theatros, tão antigos e anunciando peças que ela havia estudado na escola em literatura, como a releitura de Romeu e Julieta, bem com o ensaio da filarmônica com as portas abertas para a comunidade. Contou dos passeios que fez quando estava de folga do trabalho na pensão que estava. Não foram muitos, mas os que ela conseguiu fazer abriram os seus olhos para as belezas culturais.

E quando chegou a confissão de fato, abaixou a animação da voz que não saía mais do que um sussurro lamentoso de sua parte. Explicou ao padre como tinha sido tola, deixado cair em tentação e o ápice dos seus pecados. A ida até a clínica de aborto, um ato que ela ainda não conseguia explicar nem para si mesma como havia tirado a coragem mínima para tal coisa.

— Eu pensei em fazer coisas horríveis, padre. — Lamentou-se. — Nunca imaginei que pudesse ter pensamentos desse tipo. Fiquei com medo de mim mesma.

— A tentação vem de todos os lados, minha filha. — Acalmou-a o padre, ainda sentindo o pesar da jovem nas suas palavras. — Mas o que conta são os atos que te fizeram voltar para casa, escutar a voz dentro do teu coração e não dar mais ouvidos para a tentação.

Fernanda ficou em silêncio remoendo a sua culpa.

— A cidade grande é traiçoeira para moças que foram criadas em cidades pequenas como a nossa. A beleza de algumas coisas ameniza a feiura, e faz com que ela se pareça inofensiva ao

olhar de pessoas de coração puro como o teu, Fernanda. Nós somos acostumados aqui a confiar na palavra de todos que conhecemos e até dos que não conhecemos, pois, a nossa cidade ainda é abençoada por pessoas boas. E quando saímos daqui, carregamos o mesmo coração e a confiança que temos nas pessoas daqui, e muitas vezes nos deparamos com situações fantasiadas de boas intenções.

Padre Simas continuou com as palavras de sabedoria, deixando Fernanda mais calma com a sua alma corrompida. Assim como um médico, ele cuidava dos seus ferimentos e aconselhava para que eles curassem mais rápido e não deixassem cicatrizes permanentes. Fernanda, com o seu coração puro não era merecedora de uma cicatriz dessa, tão jovem e ainda com a vida toda pela frente.

— Não conhecemos os caminhos que o Senhor escolhe para os seus filhos. Nem mesmo seu próprio filho enviado à Terra sabia dos planos do Pai. Por isso que eu te acalmo, Fernanda. Essa criança que está por vir poderá trazer novos caminhos e planos para ti e todos os envolvidos.

Ela escutou as palavras com atenção e a carência que necessitava. Recebeu a penitência, finalizou os ritos de confissão e foi em direção ao altar, onde voltou a ajoelhar-se e começou com as orações.

O pároco ficou observando sua filha, tão concentrada entoar a punição pelos seus pecados com tanto afinco. Ele sabia que Fernanda estava arrependida de cada um dos seus erros, assim como assumiria qualquer que fosse as obrigações com eles. E como disse, sabia que Deus sempre escreveu certo por linhas tortas. Essa criança que viria para os braços de Fernanda seria abençoada e faria sua vida melhor.

Ficou assistindo Fernanda pagar sua penitência e pensando como poderia ajudar sua filha em um momento tão delicado. Sabia da realidade em que ela e sua mãe viviam, e que não poderiam se dar ao luxo de ficarem sem um emprego para sustentar todos os gastos da casa somente com os trabalhos de lavadeira que a mãe possuía.

E naquele momento, lembrou-se da conversa de ontem com outro de seu rebanho tão sofredor como Fernanda. Sérgio precisava de alguém, desesperadamente, que o ajudasse com os seus irmãos e ajudasse na casa.

Com um plano se formando em mente, sabia que tinha sido abençoado com essa ideia. Juntaria o pranto dos dois em um só. Sérgio com alguém bondoso e trabalhador para cuidar dos seus irmãos e Fernanda com um trabalho, um salário para segurar as pontas em casa e um patrão justo.

Esperou Fernanda terminar suas rezas e quando ela se levantou, foi ao seu encontro com o plano já formando e, se Deus quisesse, com dois do seu rebanho trabalhando junto e um resolvendo o problema do outro.

— Fernanda, eu sei de um trabalho para ti. Como empregada em uma casa de uma família muito boa aqui da cidade. São três irmãos, o mais velho que é como um pai e um casal de irmãos mais novos que precisam de alguém para tomar conta deles e limpar a casa. Sei que não é o trabalho indicado para quem está grávida, mas dá para aguentar pelos primeiros meses.

— Eu agradeço de todo o meu coração, padre! Eu não me importo com o trabalho pesado e

a gravidez não vai me impedir de fazer as minhas tarefas. — Ela abriu um sorriso tão agradecido que o padre ficou encantado por ele.

— Vou até ao centro hoje à tarde e posso conversar com essa pessoa que está atrás de alguém.

Fernanda se emocionou que não hesitou em abraçar o velho padre.

— Não tenho palavras para agradecer, padre Simas.

— O meu trabalho é ajudar a comunidade, minha filha. Não estou fazendo nada mais do que isso. Vá para casa, ajude tua mãe e me espere no final da tarde. Assim que eu descer do ônibus irei te procurar para te contar o que foi acertado.

Novamente Fernanda sorriu tão esperançosa, que o padre nem conseguia mais ver a filha tão sofrida que havia chegado aqui mais cedo. Ela pediu a benção novamente e foi para casa esperando ansiosamente a visita do padre mais tarde.

Do outro lado da cidade, Sérgio enfrentava outro pesadelo na sua frente. Tinha sido chamado às pressas na diretoria da escola para levar o Ricardo até o médico mais próximo. O roxo no olho do irmão e sangue escorrendo lhe haviam fazer tremer as pernas por instantes.

— Ele apanhou e segundo os alunos que assistiram, não reagiu. Por isso que ficou desse estado. — A diretora falou sem cruzar o olhar dos dois.

Olhou para o irmão que segurava um pano encharcado do próprio sangue e pediu que ele esperasse lá fora. Assim que Ricardo saiu, soltou a respiração e se voltou para a diretora.

— Ele me prometeu que não revidaria e fez isso. Não posso deixar o meu irmão indefeso assim. Se os pais que também estão envolvidos não fizerem nada ele vai ficar apanhando o resto do ano?

— Nós já entramos em contato com os pais e avisamos que isso se voltar a acontecer eles serão expulsos.

Sérgio assentiu e levou o irmão ao médico próximo para avaliar o dano e remendar o rasgo que não parava de sangrar. Chegaram em casa em silêncio, Ele sabia que precisava conversar como irmão do meio, mas não tinha a mínima ideia de como fazer esse contato inicial. Largou as chaves do carro em cima da bancada e abraçou Ricardo apático.

— Se quiser me falar o que está acontecendo, eu estou aqui, certo? — Disse baixo para o irmão que nada respondeu.

— Podemos ir para a oficina? O carro precisa de um reparo no motor se quisermos sair nele final de semana. — Kado disse se afastando do abraço fraterno.

Sérgio olhou para o irmão enfaixado e não soube como contornar a situação. Apenas deixou o vício que eles haviam herdado do pai, concertar carros antigos falar mais alto por algumas horas. Pode ser que assim ele pudesse se abrir mais com ele e contar o que estava acontecendo dentro dos muros da escola.

— Tenho que estar no mercado depois do almoço.

— Eu e a Li temos ensaio no CTG hoje, quem vai nos levar?

— Pergunta para a tua irmã e a necessidade dela de expulsar cada empregada aqui de casa.
— Ricardo sorriu de leve. — Vou ter que dar um jeito de largar vocês lá. Mas vamos pensar nisso depois, vamos lá ver o que o carro precisa no motor.

Sérgio abraçou os ombros do irmão e ambos saíram em direção à garagem para trabalharem em paz por algumas horas. Ele olhou o irmão abrindo as caixas de ferramentas e colocando tudo meticulosamente em ordem. Sabia que algo estava acontecendo de grave com Ricardo, mas não tinha a mínima ideia de como ajudar o irmão.

Ele precisava, urgentemente, de ajuda.

Capítulo 5

Sérgio abriu a porta com tanta velocidade que Fernanda chegou a dar um pulo da cadeira em que estava sentada em frente à sua sala. Ela engoliu em seco enquanto ele fazia uma cara estranha se perguntando o que ela fazia ali.

— Boa tarde. — Levantou-se alisando as roupas que estava vestindo. — Meu nome é Fernanda, o padre Simas que...

— Claro! — Sérgio apressou-se em dizer e estender a mão em sua direção. — Ele me disse que tu viria hoje à tarde, mas eu havia me esquecido completamente. Com a função de ficar de olho nas crianças e mais o mercado, acabei esquecendo.

Ela sorriu na direção dele, focando no seu rosto. Quase teve que inclinar o pescoço ao máximo para conseguir olhar para ele. Sérgio era alto, se entrasse na sua casa, provavelmente teria que abaixar a cabeça para passar em certos cômodos. Um cabelo cortado em perfeito estado, combinando com seus olhos castanhos que a analisavam de cima a baixo.

Além de estar completamente atordoado com os acontecimentos dos últimos dias, ele andava com a cabeça nas nuvens. Tudo que ele pensava era se a Liana não havia colocado fogo na casa ou se o Ricardo não esqueceu de ir à aula de inglês e se tinha ajudado a irmã na lição de matemática. Sem contar o padeiro que estava de férias e ele lembrou do fato no meio da noite passada, tendo que ter levantado da cama e vindo direto para o mercado para fazer as massas.

A sua sorte que desde novo, antes mesmo de aprender a escrever o seu nome, estava por entre essas prateleiras. E com a companhia do pai aprendeu a fazer os pães como a cortes de carne. Era uma lição que ele sempre escutou.

— Se é para comandar, temos que aprender tudo que se faz. Desde as coisas mais fáceis até as mais complicadas.

Até hoje ele ainda escutava a voz do seu pai ecoando por entre as prateleiras enquanto os dois limpavam o chão depois do expediente. Ou no meio da padaria enquanto amassavam a massa do pão, e no açougue, lugar que o Sérgio não é muito fã de trabalhar, mas se precisarem de um açougueiro de plantão, ele não hesita de vestir a roupa branca, as botas de proteção e trabalhar.

Cresceu vendo o seu pai fazendo isso e chegando aonde chegou. Não ia ser ele que não enfiaria a mão na massa, literalmente, para deixar os seus clientes na mão.

Os dois continuaram a se observarem por um momento até Fernanda quebrar o olhar e focar na foto que aparecia atrás da porta. Sérgio, alguns anos mais novo, um casal sorrindo e duas crianças. Ela, assim como todos os moradores da região sabiam da existência família Chiarelli. Desde como eram bem quistos por todos que ali moravam e compradores. Foi o assunto durante meses. A cidade parou e chorou junto com os filhos a perda de um casal jovem, trabalhador e querido por todos.

— O padre Simas te recomendou em uma hora que eu preciso muito. — Ele falou, mas já imaginando que isso seria temporário.

A menina, porque não era mais do que isso que Fernanda aparentava era um pouco maior

que a Liana. Uns olhos fundos em um rosto magro, como o resto do seu corpo esquelético.

Minha irmã vai te trucidar em pedaços. Como eu faço para me desculpar desde agora? Pensou Sérgio, atrás de um sorriso reticente.

O padre havia avisado ontem à tarde que tinha uma pessoa para indicar para o cargo que Sérgio precisava. Uma moça, educada e que precisava de uma oportunidade de emprego para corrigir seus erros. Não quebrando seus votos de revelar uma confissão, apenas deu as informações básicas. Que ela havia terminado os estudos, morou um tempo na capital e que teve que retornar para casa pois estava grávida. E assim como uma boa mãe, ela precisava de um emprego para sustentar o filho.

Claro que nessa parte Sérgio havia ficado na dúvida. Sabia que a casa deles era grande suficiente para dar bastante trabalho para uma pessoa, quem dirá uma grávida. Tentou abrir a boca para se opor, mas o padre, prevendo isso, começou um sermão que quando acabou, chegou a estar envergonhado pelas coisas que pensou em dizer.

Ele não era preconceituoso. Longe disso. Mas sabia que a gravidez ainda era um tema tabu naquela cidade em pessoas sem companheiros. Em pouco tempo os falatórios começariam e, mais uma vez, a família dele estaria no meio de tudo isso.

— Só uma oportunidade, Sérgio. — O pároco havia lhe dito no final, arrematando a questão. — Ela é uma boa moça e está pronta para qualquer coisa que apareça na sua frente.

Com certeza, pensou Sérgio, a coitada vai pagar todos os seus pecados só em ficar uma semana lá em casa nas mãos da Liana.

Caminharam até o escritório onde ela quase desapareceu na cadeira a sua frente.

— O trabalho é relativamente simples. Tenho um irmão de quinze para dezesseis anos. Ele não dá trabalho nenhum, nem precisa se incomodar, arruma o próprio quarto e as suas coisas, só precisa de alguém que o lembre de ir para os compromissos. O Ricardo é focado em seus estudos e às vezes acaba perdendo o horário para outras coisas. Já a minha irmã mais nova, ela tem treze anos e — para apaziguar a situação com a Liana, Sérgio escolhe as palavras meticulosamente — um pouco rebelde. Ainda mais por causa da idade e outras coisas.

Novamente ele fez uma pausa e se desculpou mentalmente com Fernanda pela enrascada que ela não sabia que estava se metendo.

— Idade, sabe como é... — Disfarçou com um sorriso simples.

Fernanda ficou em silêncio absorvendo cada palavra que pudesse e as novas atribuições naquela casa tão conhecida externamente por todos. O horário que as “crianças”, como ele as chamava, acordavam, horário de escola e os compromissos à tarde que ela os acompanharia.

— Eu sei que eles já têm idade suficiente para andarem sozinhos. O Kado sabe até dirigir, mas eu não me sinto seguro sabendo que eles estão andando por aí sem eu saber onde estão ou se estão bem. Um fardo que eu herdei, por assim dizer...

Deixou subentendido que o assalto que acabou com parte da sua família ainda pairava por cima dele. Paranoias à parte, mas o seguro morreu de velho.

Deixaram a sala depois de acertarem salário, que Fernanda teve que se segurar para não

chorar na frente do novo patrão com os valores, horário e tudo mais o que precisava saber. Depois de alguns minutos mais, agradeceu, de coração a oportunidade que lhe foi concedida e saiu da sala com um sorriso tão bonito que não conseguia se segurar.

Quando chegou em casa, de tão feliz, mal conseguia colocar em palavras para a mãe sobre o seu novo emprego. Ela havia conseguido e os ventos finalmente estavam soprando ao seu favor e ainda trazendo um aroma doce. Antes de dormir, ansiosa para o seu primeiro dia, colocou as mãos sobre a barriga, ainda sem nenhum sinal visível de que ali se desenvolvia uma criança e suspirou feliz. Sabia que estava com meio caminho andado para os primeiros meses de vida do seu filho, ou filha, e que se Deus quisesse esse seria só o primeiro passo.

Em contrapartida, do outro lado da cidade, enquanto Sérgio fechava o mercado, olhou para um velho amigo que ele não tinha contato há quase três meses. Ele ponderou, voltou para dentro e pegou a carteira de cigarro que ele gostava.

Precisava desestressar de alguma forma. Então que ela fosse em forma de nicotina. Só dessa vez, pensou, acabaria essa carteira e não pegaria em outra por mais três meses. E quando percebesse, não precisaria mais deles.

Tirou um, junto com o isqueiro que pegou, e escondeu o resto no bolso das calças e fechou o mercado. A caminhada de poucos minutos foi o tempo suficiente para tragar lentamente, deixando a nicotina e outros compostos o acalmarem parcialmente. Ainda estava com a cabeça à mil com toda a situação e sabia que quando chegasse em casa outras preocupações começariam ao atormentar.

Abriu o portão já escutando os gritos dos irmãos, e por incrível que pareça, não eram de um xingamento real. Era apenas Liana e Ricardo demonstrando o seu amor entre irmãos da forma deles.

— Liana! Se eu pedisse para uma égua lá do CTG fazer isso ela teria feito melhor!

— Dá próxima vez pede para a égua então! Aposto que ela vai te dar uma patada daquelas, num lugar bem dolorido ainda. Para quieto que eu não terminei aqui.

— Está doendo demais! Para com isso!

— Para de ser saco de pancada de todo mundo e.... Ahhhhhh, não faz isso em mim!

Sérgio apareceu na porta e se encantou com os irmãos se engalfinhando no meio do tapete da sala. De uma coisa ele não podia reclamar, Ricardo e Liana tinham uma cumplicidade única. Ainda demonstrando como irmãos, com brigas, tapas e outras coisas, mas nunca de um jeito que fosse magoar o outro.

Especialmente a Liana, ela podia chamar o irmão de retardado e outras coisas, mas se alguém falasse alguma coisa do seu irmão do meio, ela virava uma pequena fera e atacava com tudo. Tanto que Sérgio ainda temia alguma retaliação dela com as pessoas que machucaram seu irmão.

E o Ricardo é todo amores com a irmã. Sérgio ainda recorda a primeira vez que eles viram a pequena, vermelha e chorosa Liana. Ricardo foi o primeiro a pegar ela no colo e a acalmar, mesmo com pouca idade naquela época. E até hoje ele ainda consegue fazer isso com maestria.

Ambos chegavam a enciumar o irmão mais velho. Queria ele ter tanta afinidade com eles,

ou nem que seja com algum dos dois. Tudo ficaria mais fácil com essa cumplicidade tripla. Mas isso nunca aconteceu de fato. Por ser mais velho, ficado quase três anos fora de casa, voltando esporadicamente nos finais de semana, Sérgio havia perdido muito com Ricardo e Liana. E quando retornou, na situação que estavam, ele teve que se tornar pai e mãe dos dois, deixando toda a parte que irmãos fazem de lado. E assim era até hoje.

Os dois seguem brigando até começarem a rir de uma forma que ele viu eles limpando as lágrimas de diversão. Ricardo voltou a sentar no chão, ainda recuperando o fôlego, com a irmã no sofá atrás dele continuando o seu curativo improvisado. E Sérgio não poderia deixar de concordar, se a égua do CTG que o Kado estava falando fizesse um curativo, seria melhor que esse que a Li estava fazendo. E também tinha a certeza que o Kado não ia tirar ele até ter que fazer o próximo.

— Boa noite para vocês dois. — Ele entrou na sala e os dois o viram com um sorriso no rosto.

Apesar de não terem uma cumplicidade tão nata, os três não deixavam de serem irmãos e como tais, se amavam. A trancos e barrancos iam vivendo.

— Tenho uma novidade para vocês. — Sérgio sorriu e sentiu os olhos de Liana nos dele.

— Amanhã vem alguma mulher chata me dizendo o que eu devo fazer, que não posso me sentar com as pernas abertas e que é feio chamar o Kado de tantas coisas.

— Sim. — Disse cortando a animação da irmã, que depois que acabou o nada estético curativo ficou mexendo nos cabelos do Ricardo, ainda sentado no chão. — E a Vanessa vem também.

— Meu Deus, Mano. Para que eu vou explodir de tanta animação assim! Tenho que acalmar para poder dormir essa noite!

Ricardo riu da ironia e olhou para a Liana por cima e ambos bateram as mãos.

— Pois se contenha, Liana, as coisas vão melhorar e para comprovar isso eu trouxe coisas para a gente fazer uma pizza.

— Calabresa, queijo e tomate? — Ricardo se levantou rápido.

— Muito de tudo. Mas antes eu quero um pagamento.

Os dois suspiraram e olharam para o irmão que estendeu os braços.

— Meu abraço do dia.

Ricardo foi o primeiro em direção ao irmão e o abraçou forte. Sérgio beijo na bochecha do irmão e quando o soltou, comentou:

— Em breve vou ter que te levar no barbeiro ou é impressão minha, Kado? — Esse colocou a mão no seu rosto e brincou.

— Ainda falta muito para isso acontecer, mano. — E depois do pagamento aceito, seguiu para a cozinha.

Liana ficou parada na frente do irmão o encarando com uma cara de quem estava armando alguma coisa. Sérgio caminhou lentamente em direção à irmã e a envolveu com os braços até

conseguir apoio para levantá-la do chão.

— Há um tempo atrás eu conseguia fazer isso sem esforço nenhum. Para de crescer, Li. Não estou preparado psicologicamente para isso! — Ela riu e abraçou o irmão.

— E alguém voltou a fumar! — Ela olhou séria para o irmão.

— Só por alguns dias — já aumentando a sua própria promessa — vocês me estressaram demais nesses últimos dias. Mereço um pagamento.

— Gosto do teu cheiro de cigarro misturado com pão feito na hora, me lembra do pai quando chegava em casa do mercado. — Ela voltou a abraçar o irmão e a inspirar direto da fonte nostálgica que ele havia se tornado momentaneamente.

Ele se deixou ser abraçado pela irmã e retribuiu com a mesma, e até, maior intensidade. E quando estavam se afastando ele falou baixo no ouvido dela.

— Diz para mim que vai te comportar? Por favor, Li?

A irmã o soltou, beijou a sua bochecha, que já estava começando a aparecer uma sombra de barba rente e o soltou.

— Se ela for legal comigo eu vou ser também.

E saiu em direção à cozinha depois que Ricardo a chamou de lá. Sérgio abriu a janela, gigante, envidraçada que dava para o pátio e funcionava como uma porta, sentou em uma das cadeiras que ali havia e puxou mais um cigarro, sabendo que ainda não havia descoberto qual o parâmetro da irmã para uma pessoa ser considerada legal para ela.

Capítulo 6

Fernanda entrou no ônibus que ligava o seu distante bairro da periferia da cidade, por pouco não se encaixando na descrição de zona rural, e sentou-se na janela para observar os últimos raios de sol que despertavam no horizonte.

Estava com o estômago embrulhado, não só pelo fato da gravidez em si que cobrava o seu preço e reivindicava seus direitos sempre quando acordava pela manhã. Era pelo simples fato de ter que dar o seu melhor no novo emprego. Fazer com que gostassem do seu trabalho como empregada e assim poder ficar até o último dia que pudesse aguentar com a gravidez já bem avançada. Sua mãe trabalhou até hora antes do seu parto, ela também conseguiria esse feito.

Padre Simas havia pintado um excelente quadro sobre Sérgio e a família Chiarelli. Dizendo que ele era um patrão bondoso e justo. Nunca iria cobrar mais do que esperava e nem coisas que não estavam em sua alçada.

E isso acalmou seus receios de não conseguir lidar com a carga do trabalho. Essa era a situação que mais lhe amedrontava, desde que o padre havia contado sobre a resposta positiva quanto a proposta de emprego.

Fez o trajeto em silêncio, calculando o tempo que faria de viagem todos dias e pensando nas coisas novas que aprenderia a lidar na casa nova daqui em diante. Desceu no ponto central da cidade e caminhou até a residência onde estaria passando a trabalhar daqui em diante. Tocou a campainha e ficou esperando por resposta. Quando a porta abriu, um jovem, que ela presumiu ser o Ricardo apareceu.

— Bom dia. — Falou observando o jovem, não tão alto como o irmão mais velho, mas ainda tinha chance de alcançá-lo em breve.

Ele ficou desconfiado e antes que fechasse a porta com medo que fosse alguma emboscada, Fernanda apressou-se em se apresentar decentemente.

— Meu nome é Fernanda. Conversei com o Sérgio ontem à tarde sobre...

— Sim, sobre trabalhar aqui, não é? — O espanto dele deu lugar a um olhar mais relaxado. — Mano! — Gritou pegando Fernanda de surpresa. — A moça chegou!

— Já notei. — Sérgio apareceu abrindo mais a porta e sorrindo. — Bom dia, Fernanda e seja bem-vinda à nossa casa.

Com um passo para trás ele deu espaço para que ela pudesse entrar e conhecesse um dos cômodos. Sérgio começou a conversar com ela e a mostrar a casa por completo. Primeiro o andar de baixo, com o hall por onde entraram, passando pela sala onde havia uma televisão grande e sofás, a cozinha com a mesa para as refeições e um banheiro sobressalente.

Apresentou Ricardo, que ela havia acertado e na cozinha, Liana, que estava muito ocupada comendo para conhecer Fernanda. Subiram as escadas que dava para os quartos e foi apresentada a cada uma das suítes que ali possuíam. Foram para a rua onde um imenso pátio com uma piscina no meio e encerrando o tour na pequena peça que ficava na rua com armários para os materiais de limpeza, e de manutenção da piscina.

— Praticamente um depósito com outro banheiro. — Como falou Sérgio ao final do

pequeno passeio pela propriedade. — Tem uma geladeira que eu sempre deixo com algumas coisas para ti comer e tudo mais que não cabe lá em casa.

Ela assentiu percebendo que essa era a hora de começar a trabalhar. Uma vassoura, panos, baldes e materiais de limpeza não precisam ser tão bem apresentados assim. Todos já conheciam suas funções.

— Essa tarde é a única que eles têm livre. Então vão ficar por aqui, ou lá no mercado me incomodando. — Sérgio riu sem jeito. — Desde que eles não tenham mais lição de casa podem ir para lá ou qualquer lugar que tu esteja junto, certo?

— Sem problemas. — Respondeu percebendo que o trabalho não era tão difícil assim.

Limpar uma casa como essa não levaria tanto tempo ela já havia trabalhado em outras ao lado da mãe com muito mais anexos e dependências que essa. Realmente o trabalho dos sonhos, pensou quando a porta da frente se fechou com o Sérgio acompanhando os dois até a escola.

Fernanda abriu o armário de materiais e tirou tudo o que precisava. Começou com o andar de cima, entrando na primeira porta que encontrou e classificou como o quarto do Ricardo, já com a cama feita e tudo no seu devido lugar. O segundo de Sérgio, não tão organizado como o do irmão, mas bem prático de se arrumar.

Quando chegou ao terceiro, o de Liana, aí ela percebeu que havia uma pequena bagunceira em casa. Porém, nada de alarmante e que alguns minutos a mais não pudessem resolver tudo. Desceu as escadas e começou a cantarolar enquanto limpava o andar de baixo, sem nem perceber que o tempo passava.

Ao chegar ao meio dia, foi surpreendida com a chegada de todos juntos. A casa começou a ficar com mais barulho e vida do que ela havia passado nesta manhã. Desceu para a casa ao lado onde percebeu que seria o seu refúgio e enquanto almoçavam, um detalhe importante, já que Sérgio a garantiu que nesse quesito ela não precisava se preocupar, já que ele sempre trazia de algum restaurante, e começou a arrumar aquele pequeno caos de coisas descartadas.

— Oi. — A porta se abriu com a Liana aparecendo depois de um bom tempo em que ficou entretida arrumando as coisas.

— Olá, Liana. Foi tudo bem na escola?

A menina olhou para Fernanda como se visse algum animal exótico em uma redoma de vidro.

— Acho que sim. — Respondeu mesmo sem saber se essa era realmente a resposta certa para essa pergunta estranha.

Fernanda levantou-se ficando em pé olhando para a Liana. Os traços entre os três irmãos eram visíveis para qualquer pessoa. As duas ficaram se encarando por um tempo. Fernanda até quis abrir a boca para perguntar no que ela estava pensando ao a ver ali trabalhando. Mas por ora resolveu amenizar a situação.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

— Sim. — Liana se atrapalhou, mas logo recuperou a ordem. — Acabamos de almoçar. Eu e o Kado vamos jogar videogame na sala, depois de acabar a lição.

— Certo. Vou lá arrumar a cozinha e se quiserem alguma coisa hoje à tarde é só me pedir.

— Ok... — A irmã mais nova saiu de fininho fazendo Fernanda sorrir pela sua chegada inesperada.

Liana foi correndo para casa, literalmente fez o caminho em passos rápidos e mais ainda quando subiu as escadas em direção ao quarto do irmão.

— Depois que acabar as minhas eu te ajudo, Li. — Ricardo respondeu antes mesmo da irmã pedir. Ele sempre soube que ela não era um gênio em matemática e que precisava ajudar sem reclamar.

— Não é isso, Kado. — Ele levantou os olhos, que já estavam nos cadernos e observou a irmã. — Queria te perguntar se tu viu a nova empregada-babá?

— Quem abriu a porta hoje pela manhã foi eu, Li. Não sou tão retardado como tu acha que eu sou.

— Tu é retardado sim, mas o meu retardadinho do coração. — Ela se aproximou do irmão e o abraçou por trás.

Ricardo parou o que estava fazendo e segurou os braços da irmã que enrolava o seu pescoço. Liana sempre foi a sua irmãzinha do coração. Sua princesa que ele tinha que proteger de tudo e todos. Ele não conseguia lembrar de como ficou eufórico com a chegada dela por causa da sua pouca idade. Mas os seus pais sempre contavam como ele ficava na volta da sua mãe esperando que ela nascesse, e quando o dia chegou, Ricardo foi o primeiro a chegar ao hospital para conhecer a tão sonhada Liana que havia chegado.

Seu pai havia conversado muito com ele a respeito disso. Falou para ele, no auge dos seus dois para três anos, que ela era uma joia rara que veio para o cuidado deles. Precisava ser amada, mimada e acima de tudo, protegida por Ricardo acima de todas as circunstâncias. E desde então ele vem fazendo o seu papel de irmão mais velho para ela.

Desde que eles se conheceram compactuaram automaticamente a promessa de um ser o melhor amigo do outro, apesar das brigas recorrentes, eles nunca haviam partido para a agressão física, como puxões de cabelos, mordidas e outras coisas que as crianças sempre fazem com os irmãos. Ricardo e Liana eram amigos, e acima de tudo, cuidavam um do outro.

Eram completamente o avesso um do outro. Enquanto ele era quieto, calmo, extremamente organizado com as suas coisas ela era a espoleta da casa. Falava o que vinha na sua cabeça, não importando sobre o que fosse, agia no impulso sempre que podia e não dava a mínima para o que as pessoas pensavam dela. Quem os conhecesse separadamente, nunca poderia afirmar que eram irmãos.

Depois do assalto que acabou finalizando na morte dos pais, eles tiveram que se unir mais ainda, para um pouco do desespero do Sérgio, já que eles nunca deduravam um ao outro, ou então assumiam a culpa do irmão sem pestanejar. Causando até certo ponto, um pouco de estresse em Sérgio, principalmente por não poder confiar neles para certas coisas.

Ricardo era fechado. Silencioso e na dele. Se pudesse, passaria o dia inteiro dentro de casa estudando ou no videogame, sua única amiga e confidente era a irmã. E sempre que estava se sentindo mal em alguma questão, era para os braços dela que ele corria e era amparado.

Liana, por ser mais extrovertida, mantinha certas amizades e era leal a elas, assim como em tudo que fazia, mas quando a coisa apertava para o seu lado, era para Ricardo que ela corria e pedia ajuda. Ou para conversarem sobre algum assunto de interesse próprio ou mútuo, como o de hoje.

— O mano falou a idade dela? Acho que sou mais alta que ela.

— Acho que dezoito, se não me engano.

— Então é essa idade mesmo. Tu nunca te engana, Kado.

Ela riu e soltou o irmão sentando na ponta da sua cama e se atirando para trás fitando as estrelas fluorescentes que tinha ajudado ele a colar no teto. Ela não entendia como o irmão pudesse gostar de coisas tão estranhas como número e estrelas, e ainda achar uma conexão entre elas.

— Ela tem quase a tua idade, isso sim. Nova demais para a função que está exercendo.

— Talvez seja porque todas as velhas não aguentaram o tirão aqui em casa, por tua causa.

— Quem te vê falando diz que eu sou uma péssima pessoa! — Liana sentiu-se falsamente atingida pela frase do irmão. — Só não gosto de ninguém me dizendo o que fazer, já tenho o Sérgio para isso e também não sou muito a favor.

— Ele é nosso irmão e está fazendo o trabalho dele. — Ricardo voltou a olhar para o seu caderno e deixando que ela falasse. Sabia que não adiantaria mandar ela para o seu quarto, ela ficaria lá falando tudo que tivesse para falar até se cansar e ir embora.

— Tu também é meu irmão e não faz isso.

— Sou teu irmão, mas não o responsável legal. Cargo que o Sérgio assumiu sem pedir.

Liana soltou um som de escárnio, debochando do fato em si.

A realidade era essa, apesar dela não gostar muito. Com a morte dos pais e tendo duas crianças menores de idade, Sérgio teve que abandonar os estudos às pressas para provar que era hábil para dar conta dos dois. Voltou para casa, assumiu a responsabilidade do mercado nas costas e ainda a casa para três morarem. Não foi uma época fácil, o trio teve que aprender a equilibrar as coisas até conseguirem uma estabilidade. Antes tudo era encargo do pai no mercado e da mãe na casa. E de uma hora para outra, somente o irmão mais velho para assumir ambas e grandes responsabilidades.

— Pois eu preferiria que ele fosse somente o meu irmão, que não ficasse me mandando fazer as coisas que eu não estou afim de fazer.

Ricardo até pensou em falar alguma coisa, mas resolveu acabar o exercício que estava para terminar com aquilo de uma vez e partir para as tarefas da Liana que ele ajudava.

Liana ficou em silêncio por tempo suficiente para que ele acabasse sua lição. Se bem conhecesse a irmã, ela estava dormindo profundamente na sua cama. Quando ele fez menção de se virar e guardar o material, ela estava completamente acordada, o observando e bem de perto.

— Como está o machucado?

— Nem me lembrava mais dele. — Mentiu, já que ainda estava com dor de cabeça pela pancada e um pouco de dificuldade para respirar mais fundo por alguma coisa que havia pegado

nas suas costas. Provavelmente um soco.

— Eu sei quem fez isso e posso dar uma surra neles também. Minhas aulas de caratê devem servir para alguma coisa.

— Não! — Ricardo soltou mais alto que pretendia e a assustando. — Não quero que tu te meta nisso, ok?

— Só um soco. Não vai me custar nada e nem me machucar, Kado. Eu sou ótima no que faço.

— Pode até ser, mas não. E nenhuma palavra mais sobre isso.

Ela tentou argumentar, mas Ricardo a suprimiu de qualquer comentário que fosse. Liana sabia que tinha coisa errada aí, como também entendia que pressionar o irmão não levaria a lugar nenhum.

— Acabei aqui, vamos lá ver o que tem os teus de tão complicados para ti não fazer sozinha.

Liana saltou na frente dele e foram até o seu quarto completamente arrumado e impecável com o trabalho de Fernanda.

— Nem parece o mesmo muquifo que tu dorme, mana. Tem forma de um quarto e até a tua cadeira da escrivaninha está aparecendo.

Ela suspirou e quase comentou para o irmão que isso seria por pouco tempo. Bastaria a moça começar a mandar nela para que Liana arregaçasse as mangas e começasse a colocar o seu plano em prática.

Como já era esperado, a lição da Liana era bem mais fácil do que ela imaginava, desde que fosse o irmão que ensinasse. E também era bem mais rápido aprender quando ele explicava daquela forma que a fazia entender e até compreender bem mais do que em sala de aula. Quando acabaram, Fernanda estava arrumando uma parte da cozinha e quando os viu, sorriu e perguntou se eles queriam alguma coisa em especial para comerem à tarde.

Depois de escolherem o que queriam, foram para a sala onde estava o videogame e montaram o aparelho.

— Acho que nenhuma das empregadas aqui de casa se ofereceram para fazer alguma coisa dessas à tarde para nós. — Comentou Ricardo.

— Basta oferecerem comida e vocês homens já se apaixonam. — Ela revirou os olhos para o irmão.

— Não. — defendeu-se Ricardo. — A oferta me fez lembrar a mãe quando éramos menores. Ela sempre fazia coisas para a gente, lembra? E depois o pai arrematava quando chegava em casa.

Liana ficou em silêncio enquanto o irmão narrava fatos que ela já quase não lembrava mais. Por ser a mais nova e ter apenas oito anos quando eles faleceram, muitas das suas lembranças são construídas pelas histórias que Ricardo e Sérgio contavam. E com isso, ela colocava a imaginação fértil para funcionar e montava a cena na sua cabeça. Muitas vezes, nem mesmo ela sabia se o que se lembrava havia acontecido de verdade ou era uma dessas histórias

que escutava e fazia a montagem para si mesma.

— Hoje eu tive uma daquelas coisas que eu tenho de lembrança, e não sei se era das verdadeiras ou essas que vocês falam. — Confidenciou ao irmão que estava a par desses acontecimentos e a sua luz nesses momentos.

— Qual?

— De eu chegar da escola e a mãe perguntar como foi o dia na aula.

— Verdadeira. — Recordou-se. — Todos os dias, sempre que nós chegávamos, a mãe perguntava isso e o pai depois. Por que teve esse vislumbre?

— Não sei — ela deu de ombros, mentindo descaradamente — o Sérgio nunca fez isso.

— Acho que ele nem se lembra dessas coisas. Só pergunta esporadicamente se estamos bem na escola. E por falar nele, viu que ele voltou a fumar? Ele disse que tinha parado por completo.

— Senti ontem à noite quando ele me abraçou. Parecia o cheiro que eu associava ao pai.

— Pão quentinho com nicotina? — Liana riu e concordou. — Esse mesmo. Impossível de esquecer.

Os dois continuaram a jogar até sentirem o cheiro dos biscoitos de milho que Fernanda fazia na cozinha. E depois de atíçar os seus sentidos, eles desistiram de jogar e foram ao seu encontro.

Capítulo 7

Sérgio observou seu reflexo no espelho do banheiro e constatou uma coisa que já sabia há certo tempo. Ele estava cansado e seu corpo pagando o preço por isso. As olheiras já eram profundas e não seria apenas uma noite de sono que as melhorariam. As costas já não eram mais as mesmas, ainda mais pegando peso todos os dias, todas as noites ao se deitar, sentia que ela reclamava pelo esforço diário. E ontem, já havia enxergado um cabelo branco na sua cabeça. Já sabia que tinha predisposição para tal coisa, mas não imaginava que começariam a chegar tão cedo assim.

Terminou-se de vestir e saiu para o quarto onde Vanessa o esperava sentada. Ela era a sua namorada desde do tempo da faculdade. Estavam juntos há sete anos e foi ela quem colocou a mão no seu ombro enquanto Sérgio enterrava os pais tão precocemente. O namoro perdurou até hoje, com alguns altos e baixos, e sem contar a distância que havia entre eles de vários quilômetros.

Vanessa formou-se na faculdade e era uma excelente advogada na área que exercia. Ambiciosa ao extremo e ainda incentivava Sérgio a voltar para a faculdade, acabar as matérias que ainda faltavam e se mudar para sua cidade para trabalhar ao seu lado. Ela o conhecia e sabia que estava jogando o seu futuro fora por causa de um mercadinho em uma cidade pequena, como se referia ao trabalho do namorado. No início Sérgio argumentava que em breve voltaria à faculdade para encerrar os estudos, mas que não ficaria na capital a não ser se fosse para passeio. Nunca moraria lá o resto da sua vida. Ele gostava da pacacidade da sua cidade natal e a tranquilidade que tinha para ir e vir todos os dias. Nada de ficar dentro de um carro fechado por horas para atravessar de um extremo ao outro, ele poderia fazer isso a pé na sua cidade e ainda conversar com as pessoas que passavam ao redor.

Esse sempre foi um dos pontos de estresse entre os dois. A falta de visão de um futuro brilhante frustrava Vanessa a ponto de ela quase abandonar tudo e seguir em frente com a sua vida e carreira brilhante, e também, Ricardo e Liana.

A história dela com os dois irmãos sempre foi bem ríspida. Depois que Sérgio assumiu tudo, Vanessa pensou que também poderia intervir na educação dos dois e foi completamente ignorada, principalmente por Liana. A briga entre as duas sempre foi ferrenha, ainda mais quando Vanessa tentava fazer a sua cabeça, ou reclamasse alguma coisa de Ricardo. Liana nunca que aceitaria uma vaca loira, como ela se referia à namorada do irmão, dizer alguma coisa para ela e o irmão.

E no meio de tudo isso, Sérgio tentava apaziguar as duas feras que se formavam em todas as vezes que a briga acontecia. E hoje a situação não poderia ter sido diferente.

Ninguém nem sabe como tudo começou e quando viram, a situação toda já estava armada. Ricardo, como sempre, com os olhos arregalados olhando para as duas enquanto elas estavam proferindo palavras que não deveriam ser ditas no meio de um jantar em família. Liana estava em pé em frente a Vanessa gritando poucas e boas, e essa discutindo de igual para igual com a menina. Lá pelas tantas, Sérgio teve que apartar antes que elas passassem para a agressão física no meio da cozinha e tudo dissipou quando elas se afastaram e Liana estava subindo para o quarto com passadas tão pesadas que poderiam destruir a escada. Sem contar com a porrada que ela deu na porta que chegou a estremecer os vidros.

Ricardo ficou sentado, ainda com a metade do seu jantar no prato e sem vontade de acabar. Vanessa ainda bufava de raiva e dizia para Sérgio o que tinha que fazer com aquela mal-educada.

— Uma temporada no colégio interno e ela se ajeita, Sérgio! Eu estou te avisando há tempos que é isso que essa guria precisa. Uma boa dose de disciplina! De preferência militar!

O irmão do meio não esperou o mais velho falar alguma coisa, apenas retirou o seu prato, deixou na pia e não se importou em lavá-lo, um hábito que sempre possuiu. Simplesmente subiu as escadas e foi de encontro ao quarto da irmã, que estava chorando as escondidas em sua cama. Apenas Ricardo que podia ver ela chorar, Liana nunca permitiria que Sérgio ou Vanessa vissem uma das suas lágrimas.

E depois desse frustrado jantar, tudo foi por água abaixo mesmo. Sérgio e Vanessa foram para o quarto e tudo que ele mais queria era se atirar na cama e esquecer daqueles últimos dias. O movimento do mercado, graças aos céus, estava intenso. Tinha horas que ele não sabia se ajudava a repor as prateleiras, conversar com os fornecedores que chegavam ou dava atenção aos clientes que ali estavam. Por pouco que não esqueceu de buscar os irmãos na escola e pegar o almoço, aquele que ele mal engoliu e já teve que se levantar para o turno da tarde.

A sua sorte era que Fernanda estava dando muito bem conta do recado de cuidar da casa e ficar de olho em Liana e Ricardo. Se não fosse por esse detalhe, Sérgio teria que encontrar um jeito de se dividir em dois para aguentar tudo nas costas. Fez um lembrete de quando tiver um tempo, passaria na paróquia do padre Simas para agradecer pessoalmente a ele pela indicação de Fernanda.

Ela ainda estava aprendendo alguns detalhes, mas nada que em menos de um mês já não estivesse completamente à vontade com toda a rotina daquela casa. E por milagre, ainda não tinha reclamado uma vez que seja, ou dito alguma coisa sobre as bagunças recorrentes de Liana. Esse sempre foi um fato que arrepiava qualquer empregada que aparecia naquela casa.

Fernanda era quase invisível e rápida. Tinha dias que ele nem chegava a ver, já que ela tinha ganhando uma chave do portão menor do outro lado da porta. Só sabia que ela havia passado o dia na sua casa quando chegava à noite e tudo estava completamente arrumado, cheiroso e com alguma coisa diferente em cima da mesa para comerem. Pelo que Ricardo falava, já que Liana não era muito fã de falar sobre essas coisas, Fernanda os acompanhava em todos os lugares que tinham que ir, e não se incomodava quando eles queriam passar em algum lugar não programado. Simplesmente sentava em algum lugar e esperava por eles pacientemente.

Ele chegava até sentir um pouco de vergonha sobre o que havia pensando ao seu respeito quando a conheceu e sentia-se muito mal por isso. Ainda tinha que descobrir um modo de agradecer corretamente por essa ajuda tão bem-vinda naquele momento.

Deitou-se na cama, gemendo por finalmente a semana estar chegando ao seu fim e quando fechou os olhos, sentiu Vanessa se aproximando do seu corpo.

— Eu não gostei da nova empregada. — Sérgio chegou a quase gemer de frustração após escutar ela falar isso. — Ela parece nova demais para trabalhar aqui e tem uma cara de morta de fome. Se o vento soprar um pouco mais forte capaz de levar a guria pelos ares. — Vanessa rui maldosamente.

Sérgio endireitou-se e pensou no termo “morta de fome” que ela havia usado. Sabia que Fernanda era mirrada, quase menor que a sua irmã de treze anos. E que também vinha de uma

zona tão pobre da cidade. Mas morta de fome, a ponto de estar passando dificuldades em questão disso? Ele acreditava que não, até porque todas as coisas que ele havia abastecido na pequena geladeira da peça de baixo ainda estavam presente, apenas com algumas coisas que ela havia comido desde então. Se fosse o caso ela teria comido mais, ou até mesmo levado para casa. Padre Simas havia dito que ela era simples, mas não tão pobre assim e que precisava trabalhar para juntar dinheiro para a criança que está por vir.

— Acho que ela é simples, não morta de fome — a corrigiu. — Nessa semana que passou aqui não tenho nenhuma reclamação dela, bem pelo contrário. Ricardo gostou dela e a Liana não fez nenhum comentário, tanto bom como ruim, e isso é um ótimo sinal para mim.

— Claro que o Ricardo não ia falar nada. Ela é magra, mas tem um corpo decente e ele não é cego. Cuidado para não deixar ela a vontade de mais para se avançar no teu irmão. Ele tem cara de quem se deixa ser enfeitado por uma dessas.

— Jesus, Vanessa. Vira essa boca para lá, e o Ricardo ainda nem pensa nessas coisas.

— Mas tu pensa.... — Ela se insinuou para ele.

— Eu estou muito cansado, Vanessa. Não tenho forças nem para me mexer na cama, quem dirá fazer outras coisas. Amanhã tenho que ir cedo e ainda temos uma janta no CTG à noite. As reuniões para decidir as apresentações que começarão em breve e eu vou ter que assar o churrasco.

— CTG de novo? Mosquito e cheiro de bosta de cavalo! São as únicas coisas que se tem por lá. Se eu soubesse que esse final de semana teria isso, nem teria vindo.

— Desculpa, eu sei que tu não gosta, mas é que eu me esqueci. Lembrei hoje quando o patrão do CTG foi lá confirmar comigo e tu já estava quase chegando. — Vanessa bufou e se afastou dele.

— Quero um final de semana nosso na capital! Com um cinema, um restaurante decente e alguma coisa que não envolva esse teu mercado, crianças ou bosta de cavalo.

Sérgio poderia dizer que estava impossível uma coisa dessas, já que ele não confiava em ninguém para abrir e fechar o mercado e nem tinha o que fazer com Ricardo e Liana, mas como estava muito cansado, apenas murmurou alguma coisa em concordância e caiu no sono rapidamente, deixando Vanessa mais frustrada do que já estava.

Do outro lado do corredor, depois de finalmente ter acalmado Liana e tirado todas as ideias que a irmã estava tendo, inclusive de fugir de casa para nunca mais voltar, Ricardo conseguiu voltar para o seu quarto.

Deitou-se depois de dobrar a sua roupa e vestir o seu pijama. Embaixo das cobertas o aperto no peito voltou novamente. Ele já estava se sentindo assim fazia algum tempo, mas ainda não teve a coragem necessária para contar nem mesmo a Liana.

Tudo estava explodindo ao seu redor. E ele estava começando a ficar sem opções para se proteger. Os pais, mortos, o irmão com mais responsabilidade nas costas, a irmã com a sua rebeldia nata e não aceitando nenhum conselho dele. Sem contar nas ameaças constantes que vem recendo na escola.

Havia um grupo de “colegas” que espalhavam pela turma piadas, frases feitas, como

desenhos debochando de Ricardo. Ninguém entende seu jeito quieto e inteligente de ser. Ele não tem culpa de sempre tirar as notas mais altas e ser o primeiro a acabar as coisas e ser bem tratado pelas professoras, que não fazem nada a respeito da situação. Apenas pedem para os colegas pararem de incomodar e seguem a aula normalmente. Só que nunca para, e quando eles conseguem uma brecha, acabam atacando novamente.

A última que Ricardo viu, perdeu a cabeça e resultou nas brigas, foi quando pegou um desenho onde aparecia ele e sua mãe, onde ele estava embaixo dela com o vermelho na volta indicando o seu sangue. Isso o enfureceu de uma forma inexplicável até mesmo para ele. Por isso partiu para cima dos colegas que espalharam aquilo, sendo apartado por professores. Acabou jurando ao Sérgio que não revidaria, causando hoje aquele ferimento que estava na cabeça quando os mesmos colegas o encurralaram. E quanto um o segurava pelas costas, dois batiam sem dó nem piedade.

Tudo que Ricardo mais queria era que essa angústia no seu peito acabasse. Que acordasse de um sonho vívido, e encontrasse sua mãe o esperando com um abraço no andar de baixo, que quando chegasse ao mercado, encontrasse o pai rindo e dizendo para todos que o filho era um gênio e que não precisava de uma calculadora para fazer qualquer conta no caixa. Que o irmão mais velho ainda fosse o seu herói e tudo que ele sonhava para quando crescesse e que Liana ainda fosse a sua princesinha que não chorava e nem brigava o deixando mais angustiado ainda.

Quando notou, as lágrimas inundaram seu travesseiro. Ricardo chorou até apagar por completo e se encontrar com oito anos e a cena do assalto novamente. Escutou o barulho dos assaltantes chegando e anunciando o crime, o pai tentando resolver a situação e o tiro que ele levou.

Ele se encolheu e sentiu a mãe aparecendo na sua frente e tentando o proteger. Sentiu a mão dela no seu peito, novamente o barulho de tiro e a sua mãe caindo por cima dele o sujando todo com o seu sangue.

O grito ecoou em toda a casa. Sérgio acordou no susto, não sabendo o que havia acontecido. Notou Vanessa se virando para o outro lado ao mesmo tempo em que se levantava e saía em direção ao corredor para saber o que estava acontecendo naquela hora da madrugada. Ainda meio zozinho do sono, colocou a mão na maçaneta do quarto de Liana quando escutou o grito vindo do outro quarto.

Adentrou no quarto de Ricardo e encontrou o irmão completamente enrolado em cima da cama. Chorava, gemia e gritava coisas incompreensíveis, deixando Sérgio completamente sem ação ao ver o ele daquela forma. Se não fosse Liana entrar no quarto como um furacão e começar a sacudir o irmão, ele não saberia quando tempo ficaria ali parado, travado, vendo o sofrimento de Ricardo na sua frente. A única vez que ele parou e precisou de um empurrão para continuar a se movimentar, foi quando recebeu a notícia que mudou a vida do trio Chiarelli.

Aproximou-se da cama do irmão e tomou ele nos braços, como um bebê, que ainda soluçava e se enrolava como uma bola. Liana se aproximou pelo outro lado e tentaram acordar Ricardo que estava em algum tipo de transe e não respondia a nenhum estímulo externo. Depois de um tempo se contorcendo nos braços de Sérgio que ele se acalmou e voltou a dormir calmamente.

Com medo de que alguma coisa acontecesse novamente, Sérgio não saiu do lado do irmão durante a noite toda. Manteve Ricardo nos seus braços, e Liana do outro lado, ainda tão

assustada com o que havia presenciado como ele. Se ajeitou como pode na cama, meio sentado, meio deitado e passou o resto da noite quase em claro.

Ele poderia dormir outro dia, mas não deixaria o irmão do meio sofrer com mais pesadelos assustadores aquela noite.

Capítulo 8

Fernanda fechou a porta atrás de si e entrou pela pequena entrada lateral da casa. Deixou suas coisas dentro de um pequeno armário no banheiro na casinha ao lado da principal e sentiu o cheiro do pão quente e novo em cima da mesa que ali tinha. Sérgio sempre que trazia alguns para ela quando voltava para casa e tomava café com os seus irmãos antes deles irem para a aula.

Era um dos gestos que ela mais passou a apreciar naquela casa. Nada melhor do que começar o dia com esse cheiro tão bom e que não fazia o seu estômago embrulhar, como o resto de quase tudo. Ela sorriu e pegou um para comer enquanto se preparava para começar a trabalhar mais um dia.

Estava contente com o trabalho que havia começando há alguns dias. Tudo estava perfeitamente se encaixando. Os horários de saída e chegada do seu ônibus, o tempo para arrumar a casa para à tarde ficar à disposição das crianças e principalmente o salário que ela receberia no final do mês. Era bem mais do que ela esperava encontrar aqui na cidade.

Claro que ela ainda tinha alguns pontos para se ajustar com o trabalho. Ricardo ainda era muito quieto, mais do que ela poderia imaginar e Liana ainda não dirigia a palavra a ela conforme era de se esperar, e sempre dava um jeito de surpreender Fernanda quando ela chegava no seu quarto para arrumar. Ontem tinha sido uma peça de roupa em cima do guarda—roupa e outra em cima do chuveiro. Ela não via a hora de saber qual era a surpresa desse dia.

Caminhou até a casa principal e entrou em silêncio onde uma música tocava em um rádio ao lado da pia. E levou um susto quando encontrou Sérgio sentado à mesa, com uma térmica de água quente e uma cuia de chimarrão nas mãos.

— Bom dia, Fernanda.

— Bom dia. — Apressou—se ao dizer e seguir o seu caminho em direção à pia onde a louça do jantar de ontem à noite a esperava.

Começou a lavar a louça em silêncio enquanto Sérgio continuava a escutar o programa tradicionalista, tocando clássicos do regionalismo como Teixeira e Gildo de Freitas, ainda com um pouco do chiado antigo de discos de vinil e o locutor dando o ano das músicas. Muitos antes de Fernanda, e até mesmo Sérgio, nascerem.

Como moravam em uma cidade que fazia parte da rota dos farroupilhas, conhecido e famoso roteiro de cidades históricas por onde os generais dos Farrapos residiam. Por aquelas terras, traçaram o destino de quase dez anos de guerra contra o governo imperial do Brasil de 20 de setembro de 1835 a 1 março de 1845. Isso é um fato e orgulho para a pequena cidade. Ainda mais em um estado tão bairrista e orgulhoso da sua história e faz questão de que todos que ali vivem saibam a importância dessa guerra para o povo.

Por conta desse detalhe, os moradores valorizavam a tradição gaúcha e passavam para os seus filhos coisas que aprendiam com os pais. Naquela casa não poderia ser diferente. Os pais de Sérgio, Ricardo e Liana, mantiveram as tradições, como o chimarrão quente e amargo todas as manhãs, quase substituindo por completo o café e a presença de toda a família no CTG em todos os eventos.

Sábado era o único dia que Sérgio realmente ele podia aproveitar o seu chimarrão sem ter que tomar caminhando de um lado para o outro dentro do mercado. Ricardo e Liana não tinham aula e poderia sentar, escutar o velho rádio do pai e não pensar em nada. Era um momento somente dele.

Levantou, desligou e guardou o rádio e quando voltou, levou a cuia e a garrafa para fora e acendeu um cigarro para fumar e pensar em paz. Havia passado a noite entre um cochilo e outro, sempre acordando quando Ricardo se mexia na cama e murmurava coisa sem nexo durante o seu sono. Ele realmente precisava conseguir alguma forma de acessar o que estava incomodando o irmão e não tinha a mínima ideia de como fazer.

E também, fazer Vanessa parar de proferir pela casa que colocaria Liana em um colégio interno. Por mais que às vezes a premissa fosse tentadora, ele não conseguiria fazer isso com a irmã. Sabia que se fizesse isso perderia o pouco respeito que ela sentia por ele e também Ricardo. O irmão do meio nunca perdoaria Sérgio se ele despachasse sua aliada de casa.

E não queria fazer isso. Ter os dois em casa era a única coisa que mantinha Sérgio focado e sem força para desistir do mercado, do fardo de carregar o nome Chiarelli nas costas e da responsabilidade de cuidar dos irmãos. Se ele jogasse tudo para o ar de uma vez, seria mais fácil e ao mesmo tempo tão chato. Por mais que Vanessa tentasse o convencer todos as vezes de que ele pode vender tudo e ir morar com ela, isso não o atraía nenhum pouco.

Por isso que ele ainda estava na luta. Acordava antes do sol nascer, abria, fechava e mantinha aquele mercado e pensava que estava fazendo um bom trabalho com os irmãos. Eles estavam bem alimentados, não passavam frio, tinham uma ótima casa e tudo que queriam e nem tinham problemas com notas na escola. O resto se ajustaria com o tempo, não era o que todo mundo disse para ele quando os pais morreram? Apesar de ter passado cinco anos, ele ainda sonhava no dia que esse “tempo” realmente passasse e tudo se ajustasse.

Voltou para casa, serviu mais uma cuia e foi falar com Fernanda. Ainda não tinha tido tempo de saber como ela estava se sentindo nesses primeiros dias na sua casa e nem se estava faltando alguma coisa que ela pudesse precisar.

Escorrou—se no balcão ao seu lado e começou a falar, um pouco para o desespero de Fernanda. Ela nunca soube como se portar em situações que estava sendo observada tão de perto. Da última vez que isso aconteceu, ela havia saído da história carregando uma criança dentro dela.

Apesar de saber que Sérgio não teria motivo nenhum para tal assédio. Fernanda ontem, ao sair do trabalho, conheceu Vanessa, sua namorada. Chegou a ficar com as bochechas vermelha com a inspeção minuciosa de Vanessa. O olhar de cima abaixo a atingiu e cheio, seguido pelo dar de ombros de que ela não apresentava risco nenhum ao seu posto ao constatar que Fernanda era uma pequena formiga que ela poderia esmagar com apenas um dedo.

Isso não chegou a atingir nenhum fio de cabelo de Fernanda. Sua única função naquela casa já estava bem definida e sem margem para erros. Ela não queria mais incomodação nesta e nem nenhuma outra vida que pudesse ter além dessa. Se pudesse, se vestiria com algum tipo de pano que a deixasse invisível e faria o seu trabalho sem ter nenhum contato com outras pessoas. Apenas com Ricardo, tão tímido que só falava quando alguém o dirigia a palavra e Liana que mesmo sem o tal pano fazia com a Fernanda fosse invisível aos seus olhos.

Uma coisa que ela não conseguia ser nesse momento. Sérgio se aproximou mais ainda fazendo com o que o seu cheiro de pão, misturado com nicotina, se misturasse com o ar que ela estava respirando.

— E então, Fernanda — começou ele sutilmente — como foi esses primeiros dias aqui em casa?

— Ótimos — ela não tirou os olhos da louça que estava concentrada.

— Está precisando de alguma coisa? Ou me mencionar um fato que não te agradou?

Nesse momento era que as queixas contra Liana começavam. E elas sempre eram as mesmas. Bagunça feita de propósito no seu quarto, insubordinação, mal educação e a lista seguia longe.

— Nenhuma. — Fernanda disse tão naturalmente que Sérgio chegou a se afogar com uma lasca de erva que engoliu sem perceber.

Teve que largar a cuia em cima do balcão para conseguir recuperar o fôlego, Fernanda quase largou tudo para desafogar o patrão com um tapa nas costas forte. Afogamentos por erva mate são horríveis mesmo.

— Nenhuma mesmo? — Ele repetiu para ter certeza de que não havia ouvido errado entre um acesso de tosse e outro.

— Não. — Ela reafirmou.

E dessa vez, quem olhou para Fernanda como se ela fosse um animal exótico em uma redoma de vidro foi Sérgio, logo seguido por um grande sorriso, que deixou Fernanda sem entender nada do que estava acontecendo no momento.

Será que finalmente Liana tinha tomado jeito de gente?, pensou Sérgio. Essa seria a primeira vez que não havia escutado nenhum tipo de reclamação da irmã por parte de uma empregada. Isso era quase considerado como um milagre!

— Que ótimo, Fernanda. Eu também não nenhuma queixa tua. Acho que vamos nos acertar muito bem nesse tempo que tu ficar aqui em casa.

Ele estava em êxtase por finalmente conseguir falar isso para uma empregada. E quando foi falar mais alguma coisa, percebeu a presença de um Ricardo ainda de pijama e sonolento.

Sérgio deixou o balcão da cozinha onde Fernanda estava acabando de limpar e foi em direção ao irmão. E sem hesitar, puxou Ricardo para um abraço tão forte que quase deixou o guri sem respirar.

— Está tudo bem? — Sérgio o soltou e colocou as mãos na lateral do rosto de Ricardo, focando bem nos seus olhos.

— Sim. — Murmurou.

— Está sentindo alguma coisa? — Questionou ao também notar as olheiras de uma noite mal dormida dele.

— Como se um caminhão tivesse passado em cima de mim. — Admitiu Ricardo. — Sonhei com...

— Eu sei. — Sérgio voltou a abraça-lo forte. — Tu começou a gritar e te contorcer na cama. Eu e a Li ficamos do teu lado te acalmando.

— Não lembro de nada disso.

E assim Sérgio esperava mesmo. Que Ricardo não lembrasse do seu rosto de pânico ao ver o irmão daquela forma e ele sem poder fazer nada para ajudá-lo. Nem acordar o próprio Ricardo ele conseguiu para parar com a sua angústia.

Sérgio acompanhou o irmão até a mesa onde o café estava posto e ficou ao lado dele e ficaram conversando. Sobre assuntos aleatórios e as coisas que ele sabia que Ricardo se interessava, como o carro que eles iriam pegar amanhã para instalar as novas peças e a coreografia que o grupo juvenil estava começando a ensaiar para a apresentação no CTG aquele ano.

— A Bia que vai ser a minha parceira — Ricardo admitiu depois de um tempo.

— A amiga da Li. — confirmou. — Legal, vocês podem ensaiar aqui em casa.

— Sim. — Ricardo recolheu seu prato e xícara e levou para a pia onde Fernanda recebeu e agradeceu que ele havia levado até lá para ela.

Ele saiu em direção à casinha ao lado para pegar os materiais de limpeza da piscina, ainda com Sérgio no seu encalço.

— Deixa isso aí, Kado. Ainda é cedo para limpar a piscina e ela está limpa.

— Gosto de fazer isso cedo sábado. — Insistiu. E seguiu o seu caminho. — Tu não tem que ir para o mercado?

— Está cedo ainda, posso me dar ao luxo de chegar mais tarde um pouco hoje. Quer ajuda? Faz anos que eu não sei o que é limpar a piscina.

— Não precisa, eu faço aqui.

Sérgio desistiu de ir por esse caminho para se aproximar do irmão e foi até uma das cadeiras da beirada e enquanto observava Ricardo, puxou mais um cigarro para se acalmar.

— O que tu vai fazer mais tarde? — Ricardo deu os ombros. — Quer ir lá para o mercado comigo?

— E quem vai segurar a Li para não matar a Vanessa? — Sérgio ponderou e teve que concordar, alguém precisava ficar em casa para amenizar o clima entre as duas. Ele tinha certeza de que Fernanda não conseguiria resolver esse problema. E aí teria o do que reclamar sobre a irmã.

— Poderia ir vocês dois.

Ricardo não respondeu, apenas ficou limpando a volta da piscina por um bom tempo enquanto seu irmão o observava.

— Prometi que daria um CD para a Li hoje. A Fernanda pode nos levar à loja quando ela acordar?

— Tu prometeu ou a tua irmã está pegando a tua mesada descaradamente novamente? Não adianta nada eu tirar a mesada de castigo e quem acabar sem dinheiro é tu.

— Eu não gasto a minha toda e também vou escutar o CD junto. É uma compra compartilhada.

— Conheço bem vocês dois, mano. O que ela te prometeu de volta em troca do CD comprado com a tua mesada?

Sérgio terminou de fumar o seu cigarro e caminhou até a frente do irmão. Ambos já estavam quase do mesmo tamanho e ele já não conseguia ver o ar de criança que Ricardo tinha até pouco tempo atrás. Seu irmãozinho, que muito ele carregou nas costas, estava quase um homem feito.

— Brigas. — Ricardo acabou cedendo. — O resto do final de semana sem briga nenhuma. Seja com a Vanessa, comigo ou contigo. Com qualquer pessoa que fosse. Nada de gritos, ofensas e ameaças. Só quero isso e pagar por um CD é um valor irrisório perto do que eu vou ganhar.

Sérgio ficou parado com aquelas palavras que havia escutado do seu irmão. Não imaginou que assim como ele, Ricardo também se afetava e estava cansado de tantas brigas naquela casa. Os dois queriam a mesma coisa e nem sabiam.

— É o que eu mais quero também, Kado. Mas não por um final de semana, quero isso para o resto da vida. Só que sozinho eu não consigo fazer isso. Simplesmente não possuo o dom de apaziguar, ser o intermediário entre a Vanessa e a Liana, sem machucar uma das duas ou até mesmo fazer com que a nossa irmã se comporte como uma pessoa normal. Sem gritar e quebrar a casa por qualquer coisa que ela não goste.

— Eu sei — admitiu Ricardo — e tento ajudar com o que eu posso, mesmo que para isso precise perder um pouco do meu dinheiro. Eu fico tão mal quando escuto vocês dois brigando e ontem....

— Te peço desculpas por ontem.... Não deveria ter deixado as duas chegarem tão longe assim. Mas eu estava e ainda estou cansado. O mercado está me consumindo demais e sou eu para tudo. Aqui, lá e pensar em vocês, no que precisam, em que está faltando.... Não consigo ser perfeito em todos os momentos e sei que estou longe disso.

Ambos ficaram em silêncio por um tempo.

— Também sinto falta deles — murmurou Sérgio.

Ricardo suspirou para deixar as lágrimas de lado. Voltou a trabalhar em silêncio enquanto via o irmão se afastar em direção à casa. Terminou o serviço um tempo depois e após guardar os materiais percebeu que Fernanda estava a sua frente.

— Está tudo bem, Ricardo? — A voz suave dela bateu fundo no seu peito.

Por um milésimo de segundo pensou em contar tudo que o afligia para a nova empregada. Ela sempre estava se importando com os dois. Se precisavam de alguma coisa, se não queriam comer alguma coisa fora de hora ou se tudo estava bem com eles. Liana sempre ignorava as perguntas, como se elas nem haviam sido feitas, mas Ricardo sentia—se bem em saber que alguém estava, naquele momento, se importando com ele. Fazendo perguntas tão simples, mas que faziam toda a diferença para ele que estava se sentindo tão perdido em relação a tudo.

— Está tudo bem... — Desistiu ele por fim. Por mais que soubesse que essas perguntas

eram genuínas portadoras de um bem querer a ele, Fernanda não se importaria com os seus problemas existenciais naquele momento.

Ela poderia até escutar, mas não conseguiria fazer nada para ajudar. Então para que se abrir com ela? Para que fazer dos seus ouvidos um sanitário onde ele vomitaria todos as suas angústias? No momento em que Fernanda saísse por aquela porta, o que acontecia nessa casa não era mais da sua conta e nem se importaria mais em saber o que aconteceria. Bem pelo contrário, pensava erroneamente Ricardo, se despejasse em cima dela essas coisas, provavelmente o pouco de atenção que ele recebia seria extinto.

— Eu sei que tu gosta do teu quarto e as tuas coisas no lugar certo. Tenho observado a posição de algumas coisas para deixar no mesmo jeito. Se eu estiver fazendo alguma coisa errada, me avisa que eu corrijo, certo?

Ela sorriu olhando fundo nos seus olhos, o fazendo perder as palavras. Apenas acenou de volta olhando para ela, como se implorasse por uma ajuda que ele não tinha coragem de pedir com palavras. Fernanda sentiu o impacto desse olhar e se sentiu impotente quanto ao poder que ele o fazia sobre ela.

— Eu estou aqui para qualquer coisa. Se precisar de mim sabe onde me procurar. — Ela passou por ele e quando estava quase saindo se virou e completou. — Sérgio disse para eu sair com vocês hoje pela manhã, mas antes temos que passar no mercado para pegar alguma coisa. Quando estiverem prontos só me avisem que saímos.

— Obrigado. — Foi o que coube para ele dizer depois disso tudo.

Ricardo subiu as escadas de dois em dois degraus e quando chegou no seu quarto, encontrou Liana enrolada no seu lençol e ainda dormindo.

— Li, acorda. Senão tu vai ficar sem o teu CD aquele.

E depois de levar uma travesseirada na cara e dizer que na próxima a irmã não ganharia nada, Liana teve que acordar e começar o seu dia também.

Capítulo 9

Liana entrou na cozinha sendo recebida por uma Fernanda sorridente para o seu lado.

— Bom dia, Liana. — O sorriso de Fernanda não chegou até Liana que passou pela empregada sem dar nenhuma palavra se quer.

Sentou à mesa e começou a tomar o seu café imaginando a surpresa que a empregada teria ao abrir a porta do seu quarto. Nada que dois rolos de papel higiênico desenrolados por toda a extensão do cômodo.

Isso vai acabar com qualquer sorrisinho que ela possa ter para o meu lado. Pensou ela enquanto comia um pedaço de bolo de chocolate. Ela não suportava gente estranha caminhando pela sua casa, ainda mais quando ela estava nela. Por isso atazanava a vida de qualquer pessoa que tentasse ocupar um lugar que um dia foi da sua mãe.

Era como se cada dia que uma pessoa diferente mexesse em alguma coisa um pouco da memória da sua mãe se esvaísse. E ela não tolerava que suas memórias fossem alteradas por pessoas estranhas. Achava que tudo estava sendo profanado, como se quem estivesse limpando debochasse da realidade que a sua mãe nunca mais iria voltar para casa para fazer as coisas que ela sempre fazia.

Sérgio chegou a ameaçar que se essa história continuasse, quem teria que limpar toda a casa seria a própria Liana. E até aceitaria isso, pois sabia que somente ela tocaria nas coisas que um dia sua mãe tocou. Faria todo o trabalho de casa em troca de somente ela poder tocar as coisas dentro de casa. Guardar o resto de memórias que ainda tinha da mãe em casa coisa que havia ali.

Para o seu desespero, ela estava sozinha nesse pensamento. Sérgio nunca apoiaria isso e Ricardo era retardado demais para entender as razões que a irmã havia enumerado diversas vezes para que ele entendesse.

E para piorar mais ainda a situação, a Vaca Loira da Vanessa estava aqui. Liana tinha pensamentos destrutivos quando via aquela mulher ao lado do seu irmão. Não pelo fato dela estar com o seu irmão em si, mas sim por ela ser tudo de ruim que uma pessoa pode ser. Desde que viu ela pela primeira vez, anos atrás, soube que nunca iria ir com a sua cara de falsa. E isso triplicava sempre que ela chega e quer mandar na casa que ela mora.

Começando pelo fato de implicar até com as roupas que a Liana vestia. Que uma mocinha não pode vestir tal coisa, tem que cruzar as pernas quando sentar, não deve caminhar de pés descalços na rua muito menos andar a cavalo quando se tem a oportunidade.... Só de escutar a voz dela, Liana tinha vontade de vomitar.

Tudo piorava, exponencialmente, quando ela chegava com ideias ridículas, como aquela vez que queria mudar o quarto do Sérgio para o que era dos seus pais. A terceira Guerra Mundial quase teve início naquela noite mesmo. Liana ia montar guarda na porta do quarto dos seus pais para impedir que aquela mulher entrasse em um solo tão sagrado dela. Sorte que o irmão mais velho havia dito que não tinha coragem de fazer tal mudança, para o desespero de Vanessa.

E se dependesse de Liana, Vanessa nem entrava naquela casa mais. Achava que ela

contaminava o ambiente bem mais do que qualquer empregada tocando nas coisas alheias.

— Papel higiênico é covardia, Li... — Ricardo apareceu escorado na porta.

A irmã deu os ombros e acabou o seu café.

— Se tu gosta tanto dela, vai lá avisar que estamos prontos para sair. E rápido antes que a Vanessa acorde e eu vomite em cima dela.

O irmão do meio revirou os olhos e subiu as escadas em direção à Fernanda. Liana ficou a espera e pensando no que havia visto Ricardo fazer essa noite. Apesar de ser a única confidente que ele tinha, sabia que ainda havia coisas que não sabia ao seu respeito. E o que estava passando dentro da cabecinha brilhante de Ricardo era uma dessas.

O caso da escola ela sabia da missa a metade. Das brincadeiras sem graça que ele estava sendo alvo, do isolamento dentro de sala de aula e até mesmo no CTG, o qual ela teve que pedir para Bia, sua melhor amiga, para fazer par com o irmão. Senão ele ficaria de fora do grupo esse ano, e fazer parte do grupo de dança do CTG ainda era uma das poucas coisas que trazia um sorriso ao rosto do irmão.

Ricardo desceu as escadas conversando com Fernanda e a fazendo rir de alguma coisa que ele disse. Fazendo com que ele se encantasse cada vez mais pela empregada que estava mexendo nas suas coisas todos os dias. E para acabar com isso, pegou no braço do irmão e saíram logo a frente deixando ela alguns passos atrás.

— Acho que o Sérgio pensa que ainda somos bebês para andar com alguém atrás da gente o tempo todo. A cidade é tão grande assim para nos perdermos?

— O mano tem medo que aconteça alguma coisa enquanto a gente está sozinho, isso sim, Li. E com alguém por perto ele pode ter o controle da situação.

— Ele que vá para longe com esse controle! Detesto ter essa sombra atrás de mim. Qualquer dia vou estar no banheiro com ela ao meu lado.

Kado riu e argumentou.

— Eu gosto da Fernanda. Ela parece mais legal do que todas as outras que já passaram lá em casa. E ainda me perguntou se ela estava deixando as coisas como eu gosto. Pela primeira vez eu sei que posso abrir o meu guarda-roupa sem ter que arrumar tudo de novo.

— Ela te seduziu com organização e comida! E tu ficou todo caidinho por isso. Cuidado, daqui a pouco ela te seduz com outras coisas.

— Menos, Liana. Bem menos! — Falou o irmão irritado com o rumo da conversa. — Se tu tem alguma coisa contra ela, ou com todo mundo, problema é teu. Só não me faz escutar essas tuas bobagens pela manhã cedo!

Liana olhou para Ricardo e quase não reconheceu o irmão pela grosseria que havia escutado ele falar. Isso, com toda a certeza do mundo, não era um gesto que Kado faria e justamente com ela.

— Credo, Kado. Eu sei que a noite foi tensa para ti, mas não precisa descontar em mim...

— Desculpa. Eu só não quero ficar escutando essas coisas, ok? Me sinto ruim quando te vejo fazendo isso. A Fernanda me parece uma pessoa legal e está sempre de prontidão quando eu

ou tu precisa de alguma coisa. Não tenho razão para pensar alguma coisa de ruim dela e não gosto de te ver fazendo isso.

— Ela está mexendo nas nossas coisas, já disse isso e ninguém me entende.

— É o trabalho dela! É claro que ela tem que mexer nas nossas coisas, Liana. Aceita, ok? Deixa dessa coisa de que estão profanando a nossa casa. Ela já foi profanada assim que eles morreram.

Ricardo acabou de falar e entrou no mercado onde Sérgio o esperava. Liana ficou conversando com as atendentes e Fernanda esperando na porta.

Kado subiu as escadas em direção à sala do irmão e o encontrou no telefone. Sérgio se despediu, deligou o telefone e antes de Ricardo falar alguma coisa ele entregou dinheiro a ele.

— Não gasta da tua mesada com a Liana. Se é para ela ficar quieta esse final de semana, até eu mesmo pago. E aproveita e compra um para ti também.

Sérgio levantou-se abraçou o irmão pelos ombros e desceram as escadas juntos.

— Bom dia, Li. — O irmão mais velho foi em direção à mais nova e a abraçou.

— Bom dia, mano. — Sérgio começou a fazer cócegas nela que começou a rir.

Seguiram o caminho até a loja de CD da cidade. Apesar de ser a única da cidade, os lançamentos demoravam uma eternidade, segundo os parâmetros de Liana para chegarem. Geralmente em torno de um mês de espera angustiante.

Liana chegou a respirar fundo quando entrou na loja a busca dos novos lançamentos para levar até a sua coleção. Uma invejável coleção para alguém tão novo, como dizia Sérgio. Antes de ser rebelde assim e ainda ganhar uma mesada do irmão, que segundo as suas contas, até o ano que vem não deve receber por acúmulos de delitos, todo o seu dinheiro era gasto essa loja e por isso Liana se tornou uma cliente quase VIP.

Na lista estavam desde o rock clássico, passando para uma coisa mais pesada e acabando no brasileiro e gaúcho. Bastava um CD novo ser lançado que se encaixava nessas faixas, que ela não pensava duas vezes de subornar o irmão do meio ou apelar para o mais velho mesmo.

Música era a sua paixão, seu sonho mais utópico era cantar, mas por vergonha de se expor e ainda fazer feio, nunca revelou para ninguém isso. Apenas se conformava com o maior número de música que pudesse saber de cor e escutá-las trancada no seu quarto com os fones de ouvido.

Até pensou, um dia, depois de escutar uma música que havia feito seu corpo se transportar para dentro da melodia, em pedir para que Sérgio a inscrevesse em uma aula de violão e música. Chegou a descer as escadas para falar com ele, mas quando chegou perto foi dispensada por Sérgio que estava atrás de uma pilha de papel dizendo que estava muito ocupado fazendo a contabilidade do mercado e não podia a escutar naquela hora.

E desde então, Liana havia perdido a chance e a coragem de realizar seu sonho, nem que fosse somente para os irmãos a escutarem.

Ela e Ricardo olharam todos os CD's que haviam chegado ontem à loja e depois de muito debaterem sobre quais dois iriam levar, escolheram três para a grande final e Ricardo teve que pagar o terceiro com a sua mesada mesmo. Sérgio não precisava ficar sabendo desse pequeno

deslize, e no fundo, Kado sentiu-se um pouco mal em ter falado daquele jeito ríspido com a irmã e se desculpou dessa forma.

Voltaram para casa, com Fernanda no seu encalço e sempre silenciosa. Ela sabia que essa pequena saída havia atrapalhado todos os seus planos cronometrados de limpar a casa até o horário de saída. Quando voltaram, ao pegar as coisas para continuar de onde havia parado, ela e Liana entraram em um conflito leve.

— Eu quero escutar música agora! Não vou deixar que tu entre no meu quarto para limpar!

— Li, menos.... — Ricardo tentou amenizar. — Fica lá no meu por um tempo, depois tu fica a tarde toda encerrada no teu. E eu sei que tu vai pegar os dois meus que comprei e nem me deixar escutar, então dá para fazer isso? Por mim... — Liana olhou para Fernanda como se quisesse avançar no seu pescoço, mas como havia prometido a Ricardo que esse final de semana seria sem briga em troca do seu CD, acatou sem falar mais nada.

Somente pelo Ricardo, pensou. Dá próxima vez a coisa ficaria feia!

Ricardo abriu a porta do seu quarto e deixou que a irmã entrasse, e quando Fernanda passou por ele, colocou a mão no seu ombro, sorriu e piscou em agradecimento a pequena ajuda que havia recebido dele.

Entrou no quarto e quase caiu no chão ao ver as tiras de papel higiênico dançando de um lado para o outro em toda a sua extensão. Respirou fundo e começou a limpar o quarto com toda a dedicação que ele precisava naquele momento.

Liana estava testando a sua paciência. Disso ela não tinha dúvida. Só que Liana não sabia que isso era uma coisa Fernanda tinha até de sobra. Não seria uma festinha empolgada com papel higiênico que a abalaria dessa forma. O seu emprego era mais importante do que a birra de uma menina rebelde.

Ouviu o barulho do som sendo ligado a uma altura quase que ensurdecidora e continuou a fazer o seu trabalho, que ela percebeu que levaria mais tempo do que imaginava a atrasando mais ainda do que já estava. A porta do quarto abriu-se com uma fúria fazendo Fernanda olhar rápido para ela e se dando de cara com Vanessa enfurecida.

— Bom.... — Tentou saudar, mas foi vetada.

— Vou matar aquela guria com essa música a todo volume! E tu, vê se limpa direito tudo isso ou esse é teu último dia aqui!

A porta se fechou com outro estrondo fazendo com que ela se assustasse. Apavorada com a ameaça gratuita que havia recebido, Fernanda colocou a mão na barriga ainda lisa e prometeu para a criança que ali se desenvolvia que só iria sair daquela casa quando ela estivesse brilhando.

Capítulo 10

Para alívio da sua cabeça, Vanessa deu graças ao saber que Liana iria para a casa de uma amiga passar a tarde. Não precisar ver a cara daquela pirralha mimada por algumas horas era o paraíso na terra.

Aliás, se soubesse que não conseguiria um minuto de paz ao lado de Sérgio, ela nem tinha encarado as quase duas horas de trânsito intenso para chegar nesse fim de mundo, onde a palavra asfalto ainda nem existia. Poderia ter ficado em casa, curtindo um barzinho com as amigas, trabalhando em alguns processos importantes ou até mesmo saindo com aquele carinha novo do escritório que passou a semana toda comendo ela com os olhos.

Sim, Vanessa não tinha pudor nenhum em convidar um colega de trabalho para uma festinha particular, mesmo sabendo que o Sérgio era um santo de marca maior. Se não fosse por ela vir aqui e tirar o atraso dele, a situação de Sérgio seria deixada para escanteio como toda a sua vida que ele estava fazendo. Bem a cara dele.

Tudo para esse mercadinho e essas crianças, a pirralha mimada e o retardadinho do meio. Para Vanessa, absolutamente nada! E isso frustrava.

Vanessa ajudou a fazer toda a papelada junto aos advogados quando os pais dele haviam morrido. Tinha segurado muito a mão de Sérgio e sentido enjoo todas as vezes que ele tinha chorado. Até ela derramou algumas falsas lágrimas com a morte dos sogros, que nunca tinham ido com a cara dela. Isso tudo principalmente quando viu o seguro de vida que os pais haviam deixado para os filhos.

Quase uma pequena fortuna. Aquela que Vanessa não via a hora de poder realmente gastar um pouco. Já que o mão de ferro de Sérgio, deixou o dinheiro aplicado no banco e nunca havia mexido em um centavo que fosse. Ira esperar os pirralhos crescerem para dividir igualmente entre os três.

Um idiotice de marca maior, segundo os pensamentos de Vanessa. Se fosse ela, já teria vendido o mercado, arrecadando mais dinheiro, mandava os pirralhos, especialmente Liana, para o colégio mais longe que tivesse e curtiria a vida com todo esse dinheiro. E com ela ao seu lado.

Mas não. Já fazia cinco anos, desde que tudo foi revelado, que ela tentava colocar alguma coisa na cabeça de Sérgio, mas nada adiantava. Ele era teimoso e saudosista demais. E isso irritava ela de uma forma surpreendente.

E agora aqui estava ela se arrumando para ir para o meio do mato, como Vanessa chamava o CTG onde os pirralhos dançavam, e o saudosista do Sérgio ainda recriava as memórias de quando ele participava ativamente ao lado dos pais. Para Vanessa não passava de um lugar sujo, cheio de mosquitos que ela ainda saia fedendo a fumaça.

— Te deixei esperando demais hoje? — Sérgio apareceu vestido como um palhaço, segundo Vanessa, sorrindo para o seu lado.

Ele poderia ser burro, mas compensava em ser bonito e ter algumas boas qualidades na cama.

— Muito. Fiquei aqui sem ter nada para fazer. — Reclamou.

— Desculpa — Sérgio aproximou-se e a beijou — levei a Liana para a casa da Bia e depois o Kado ficou comigo lá. E tu não ficou completamente sozinha, a Fernanda estava aqui.

E como esquecer da empregadinha nova?

Uma coisinha insossa que não fedia e nem cheirava, por assim dizer. Um ratinho assustado, bastava Vanessa fazer um “buuh” em sua direção que ela sairia com o rabinho por entre as pernas e se mijando toda. E Vanessa fez isso. A apavorou só para ter o gostinho de ver aquela cara de sonsa de Fernanda morrendo de medo.

— É.... ela estava aqui. — Disse indiferente.

Sérgio estava na frente do espelho arrumando o lenço de seda, uma herança tradicionalista ainda da época da guerra dos Farrapos, onde os farroupilhas amarravam o lenço vermelho de uma forma peculiar em volta do pescoço. Não estava completamente pilchado, como mandava a tradição. Apenas uma bombacha, um par de botas velhas, ainda por cima da bombacha, a camisa de botão branco e uma guaiaca, mais conhecido com cinto, gravado com o sobrenome da família no couro e a faca, embainhada e personalizada que era de seu pai.

Ele estava animado por estar indo ao CTG, era uma das únicas coisas que os três irmãos Chiarelli poderiam compartilhar o gosto. Era uma unanimidade. Aprenderam com os pais desde antes de caminharem a estarem dentro do CTG e ao aprenderem a escrever os seus nomes, já sabiam dançar as principais músicas do tradicionalismo.

Sérgio ainda foi mais além do que as danças tradicionalistas, aprendeu a laçar e ginetejar, mas depois de quebrar o braço em um dos rodeios da região, a mãe o proibiu de exercer qualquer atividade mais perigosa que fosse. Então focou-se na dança e um pouco de violão e voz em algumas músicas. Foi assíduo até sair de casa e se mudar para a capital e ingressar na faculdade. Passou o legado para Ricardo e Liana, como ele mesmo diz, e foi substituído com louvor pelos irmãos.

Quando os pais morreram, além da cidade toda ficar de luto, o CTG onde a família participava decretou três dias de luto e com as bandeiras do CTG e do estado a meio mastro. Uma cavalaria saiu junto ao cortejo funerário e participaram do enterro com os cavaleiros pilchados e sentindo muita a morte de um irmão.

Pelo espelho, Sérgio notou a cara de poucos amigos de Vanessa e saiu do quarto para deixar ela terminar de se arrumar em paz. Sabia que estava em falta com ela e que precisava recompensar de alguma forma. Só não sabia como.

— Aconteceu alguma coisa? — Encontrou Ricardo parado na porta do seu quarto.

— Estava te esperando. — Sérgio olhou para o pescoço do irmão e sorriu.

Ele poderia dançar muito bem, mas ainda não conseguia nem arrumar o seu lenço sozinho.

— Pronto, peão de apartamento. — Brincou Sérgio ao se referir aqueles tradicionalistas que só vestem a pilcha na semana farroupilha e quando veem um cavalo morrem de medo.

— Valeu, mano. — Ricardo voltou para o quarto e Sérgio continuou seu caminho até o pátio onde puxou um cigarro.

A casa estava uma calmaria, sem a Liana e Vanessa se estranhando pelos cantos. O

mercado fechou sem problemas nenhum e só reabriria segunda pela manhã. Tudo estava em ordem e perfeitamente limpo, graças a Fernanda e sua agilidade que o espantava.

Ricardo até tinha confidenciado ao irmão mais velho que havia gostado de Fernanda. Que tinha trocado poucas palavras com ela e que gostou de como ela estava lidando com as suas manias de organização ao extremo. Um ponto que ele sempre reclamava de todas as empregadas que passavam por ali. Todas elas não faziam do jeito que ele gostava e Ricardo tinha que arrumar tudo novamente ao seu agrado.

Isso era melhor do que Sérgio esperava! Seria o tal tempo passando e tudo começando a se ajeitar?

Ele esperava que sim.

Estava cansado de ficar trocando de empregada a cada poucos meses. Sentia-se um pouco invadido por diversas pessoas passarem por dentro da sua casa, mexendo nas coisas, conhecendo a rotina dele e dos irmãos e acima de tudo, sabendo de todos os segredos que aquela casa possuía. Desde os mais simples aos mais íntimos possíveis.

Sérgio apostava todas as suas fichas em Fernanda.

Saíram depois de muita demora de Vanessa e Sérgio tendo que ir busca-la quase no laço. Chegaram já quando Liana estava começando a ficar preocupada com a demora deles. Por estar na casa da Bia, sua melhor amiga, estava vestindo uma pilcha improvisada da amiga.

— Oi, Bia. — Ricardo passou por elas e caminhou em direção ao fundo do salão seguindo Sérgio e Vanessa.

Beatriz seguiu ele com os olhos e só acordou com o cutucão da amiga.

— Para de babar, ele é o retardado do meu irmão, Bia!

— E está cada vez mais lindo. Como ele consegue isso?

Liana ficou sem entender o que acontecia com a Beatriz quando Ricardo ficava por perto delas. E para o seu desespero, esse ano eles ainda iam formar par na internada do CTG.

— Para mim ele ainda continua sendo o retardado do meu irmão do meio.

— Não fala assim do Kado! Eu vou morrer até o final do ano sendo o seu par. Ninguém dança melhor que ele e.... Liana, volta aqui!

— Eu deveria ter ido para a fazenda da Elis. Lá pelo menos ele fala com as vacas e não como o Ricardo é bonito.

As duas se olharam feio e logo começaram a rir como duas amigas fazem. Hoje o trio estava incompleto, já que Elis, a outra amiga, morava em uma fazenda e não era muito ligada ao tradicionalismo em si, como seus pais eram veterinários, sua área era outra.

— Olha lá a vaca loira com aquela cara de nojo dela em tudo. — Liana disse ao ver Vanessa limpando o banco com um guardanapo antes de se sentar em uma mesa isolada.

— Parece que somos indignos de respirar o mesmo ar que ela. — Acrescentou Bia baixinho.

— Se a Elis estivesse aqui me ajudaria a derrubar um copo de bebida nela. O mano deve

ter trazido chimarrão, uma mancha erva naquele casaco dela faria um estrago.

— Chega, Li! Para de pensar nessas coisas, vamos lá para fora conversar. Ai meu Deus, o Ricardo está vindo para cá!

— Te segura, Bia, ou eu vou te bater por falar essas coisas!

— Que coisas? — Ricardo puxou uma cadeira e sentou ao lado de Beatriz que nem respirava direito.

Uma legitima paixonite infanto-juvenil, já que Beatriz tinha apenas quatorze anos, alguns meses mais velha que Liana. E para o seu desespero, Ricardo não a via como um nada além da melhor amiga da irmã. Eles se conheciam desde que ela se lembrava e a cada vez que o via, suspirava um pouco mais pelos olhos castanhos e os cabelos rebeldes dele.

— De como a Vanessa é chata e a Bia queria derrubar alguma coisa em cima dela.

— E desde quando tu bateria em alguém por falar uma coisa dessas, ainda mais contra a Vanessa? — Ricardo olhou para as duas e pegou a irmã na mentira.

Liana chega a abrir a boca para contradizer alguma coisa, mas não consegue formular nada ao seu favor. Poderia falar da queda gigante que Bia tinha por Ricardo e passar a bola toda para a amiga. Gostaria de ver a reação, principalmente de Ricardo, por não saber como lidar com uma situação dessa. Porém, não seria perdoada por Beatriz para o resto da sua vida. Tirar um sarro do irmão não valeria a pena por perder a amizade de Bia.

— Peguei vocês duas em uma mentira. — Ricardo piscou para Beatriz que quase desmaiou ali mesmo.

— É segredo nosso. Coisa de guria. — Liana rebateu e acabou com o assunto.

O assunto foi esquecido e os três ficaram conversando enquanto o churrasco não ficava pronto. E tudo ficou bem mais divertido quando o próprio Sérgio derramou quase meio copo de cerveja nas roupas de Vanessa quando servia ela direto do espeto de carne assada.

Capítulo 11

Fernanda estendeu a última peça de roupa no varal quando escutou o barulho do carro chegando. A manhã havia passado rápido demais e ela ainda tinha muita coisa para fazer até o final do dia. Tudo isso por conta de Liana, que há três dias vinha colocando abaixo uma parte do seu guarda-roupa por pura maldade. Fernanda perdia quase a metade da manhã arrumando todas as peças no seu devido lugar novamente.

Ela achava que na cabecinha de Liana isso iria afastar Fernanda do trabalho. Afugentar, por assim dizer. Colocar Fernanda num patamar que a faria desistir de fazer o trabalho todos os dias novamente e assim sair do trabalho deliberadamente. Só que isso não ia adiantar.

Fernanda pouco se importava se Liana derrubasse o seu armário de roupas todos os dias. Simplesmente juntava e ainda até gostava do tempo que passava dobrando e alisando as roupas. Era quase uma folga de ter que subir e descer escadas inúmeras vezes ou estar com os braços para cima estendendo elas no varal. O tiro de Liana havia saído pela culatra.

Apressou-se ao entrar para postar a mesa para o almoço dos três irmãos. E quando se retirou para dar privacidade à família, foi até o seu pequeno reduto em forma de casa e começou a colocar outra máquina de roupa para lavar em silêncio.

Ela estava feliz. Já havia completado um mês naquele serviço e recebido seu primeiro salário, que estava bem escondido no fundo do seu guarda-roupa escasso em casa. Junto com o envelope que havia conseguido, estava uma sacola embrulhada com uma peça de roupa para o seu bebê, comprada em um brechó para arrecadação de verbas para alguma entidade. Havia feito essa extravagância com o seu primeiro salário junto com uma bola de sorvete que estava desejando há alguns dias.

Sua gravidez estava lhe dando um único trabalho. O enjoo extremo pela manhã, acentuado com as viagens de ônibus que fazia diariamente. Tinha dias que ela mal chegava no trabalho e já tinha que ir correndo para o banheiro na casinha ao lado para vomitar. E hoje ainda tinha sido flagrada por Sérgio que estava trazendo os pães de sempre para o café.

Ele entrou em silêncio e escutou o barulho dela no banheiro com a revolta do seu estômago. Encontrou Fernanda sentada no chão e se recuperando de uma onda de vômito não bem-vinda no momento. Levantou-se rápido, assustada, começando a se desculpar que quase tonteou e caiu novamente. Para a sua vergonha ficar ainda maior, foi Sérgio que a amparou para que não caísse e se machucasse feio.

Ele a ajudou a sentar enquanto perguntava se ela estava realmente bem. Fernanda teve que explicar que isso acontecia regularmente, mas que passava depois de alguns minutos. Minutos que hoje pela manhã, Sérgio passou ao seu lado se certificando de que ela estava realmente bem. Fazendo com que Fernanda ficasse ainda mais nervosa do que estava.

Ela fazia de tudo para que esses sintomas desagradáveis não aparecessem assim e a fizesse ficar exposta e gerando dúvidas se realmente ela era capaz de ficar no emprego. Imagine se fosse Vanessa que a pegasse vomitando e tonteando pelos cantos? Seria despedida naquele exato momento sem direito a nenhuma argumentação de sua conta.

Por isso que logo que sentiu o seu estômago melhorar e a sua manhã começar normalmente, levantou e começou a dobrar as roupas que haviam ficado de ontem para hoje.

Dispensado, Sérgio seguiu o seu caminho, mas não sem dizer à Fernanda que se sentisse mal novamente, era para entrar em contato que ele voltava para casa. Só que isso não foi necessário. Era apenas um enjoo matinal normal decorrente de uma gravidez e segundo a mãe de Fernanda, um ótimo presságio e sinal de boa saúde da criança.

— Olá! — Sérgio apareceu na porta assustando Fernanda que deu um gritinho seguido de um pulo. — Desculpa, não quis te assustar. Só queria saber se estava tudo bem...

— Ah... sim... eu... estou ótima. Foi só o enjoo de sempre. Normal para a minha situação. — Esfarrapadamente se desculpou Fernanda.

— Quase voltei no meio da manhã para saber como tu estava, mas aconteceu tanta coisa que nem deu tempo. — Outra esfarrapada desculpa pelo lado de Sérgio, mas com um fundo de verdade.

Como no mercado é tudo com ele, às vezes a correria é tanta que ele nem sabe para onde se virar. E hoje a manhã foi bem tumultuada com a chegada de mercadoria no estoque e ele tendo que conferir todas as notas.

Sérgio ainda não admitia que precisava de alguém para o auxiliar em certas coisas. Seu ímpeto de querer abraçar o mundo com os braços e as pernas estavam custando um preço alto, geralmente pago em maços de cigarro que ele estava consumindo e em cada vez mais fios de cabelos brancos aparecendo. Se continuasse assim, teria todo o cabelo já branco com menos de quarenta anos, batendo o recorde do seu pai que estava se encaminhando para os quarenta e cinco e ainda grisalho.

— Não precisa se incomodar — admitiu Fernanda envergonhada, já que nunca tinha sido alvo de tanta preocupação assim por conta dos patrões. O primeiro dia passando mal é aceitável, no segundo já era demissão.

— Acho que tu deveria avisar o teu médico sobre isso. Nunca gostei de vomitar e acho que a sensação de ter isso todos os dias deve ser péssima.

— Eu ainda não fui ao médico, mas a sensação nem é tão ruim assim. — Mentiu.

Sérgio a observou e nem argumentou sobre a sensação de vomitar diariamente não ser tão ruim e sim pelo fato dela não estar tendo acompanhamento médico durante a gestação.

— Fernanda, porque tu não procurou um médico ainda?

— Eu andei me informando no posto de saúde, mas tem que ir para a fila de madrugada, ficar contando com o número de fichas disponíveis e....

— Tu não precisa te preocupar com o teu emprego por causa disso, ok? — Garantiu Sérgio fitando os olhos de Fernanda. — Já tive várias empregadas do mercado que engravidaram e todas elas fizeram as consultas com o médico sem desconto nenhum. Se eu pensasse em fazer isso meu pai me assombraria nos meus sonhos com a minha mãe junto. Eu não posso te pedir para ficar aqui se tu precisa ver se a tua gravidez está correndo bem. Lembro quando a mãe estava grávida da Li e como ela precisou de ajuda médica desde o início da gestação.

Sérgio estava sendo simplório ao relatar a gestação que a mãe havia passado com a irmã mais nova. Ricardo já tinha sido uma gravidez de risco, Liana era considerada um milagre. Foram oito meses de consultas regulares com médicos na capital que aconselharam uma gestação

praticamente acamada. A mãe só poderia levantar-se para ir ao banheiro e nas consultas agendadas. Dois ameaços de abortos precoces a fizeram aceitar o diagnóstico e passar o resto do tempo na cama.

Talvez, por esse fato de ser tão querida e protegida pelos pais e logo após o seu nascimento sendo transformada na princesa da casa, Liana seja tão intransigente hoje dia. Sem contar que depois da morte dos pais e passado toda a responsabilidade para Sérgio de sua criação e ele não tendo o pulso forte que seus pais tinham, agravou mais ainda o caso de Liana.

— Então eu quero que tu vá em busca de acompanhamento, Fernanda. E eu vou ficar te perguntando isso todos os dias até te ver dizendo o dia da consulta.

Fernanda ficou sem palavras ao ver Sérgio proferir essas frases com tanta veemência para ela. Simplesmente não havia argumentação contra aquelas palavras. Ele havia dado uma ordem e caberia a ela aceitá-las sem pestanejar. E no fundo sabia que elas eram verdadeiras e visando não só a sua saúde, mas como a de seu bebê.

— Obrigada. — Agradeceu de coração.

— É o mínimo que eu possa fazer. Tu foi a única que se adaptou tão bem aqui em casa e acho que o Ricardo me mataria se acontecesse alguma coisa contigo.

Fernanda não deixou de sorrir depois que Sérgio saiu a deixando sozinha. Ser reconhecida pelo seu trabalho era um trunfo que ela seguiria carregando pelo tempo que estivesse aqui nessa casa.

Gostava de trabalhar, mas além desse detalhe, ainda havia a amizade que ela começava a fazer com Ricardo. Ao contrário da irmã sem papas na língua, ele era todo contido, reservado e tímido. E estar quebrando esses parâmetros dele e aos poucos revelando o rapaz maravilhoso que havia embaixo era gratificante.

Eles começaram aos poucos, com breves conversas e quase nenhuma resposta, mas iam avançando gradativamente. Tinha dias que o Ricardo não saía da sua volta conversando sobre tantas coisas que Fernanda às vezes se perdia e pedia para que ele começasse novamente.

Ela não ria do seu jeito emocionado e apaixonada de falar sobre números, química, física e astronomia. Bem pelo contrário, ficava hora escutando e questionando Ricardo com as coisas que não entendia e ele voltava o assunto e explicava com toda a paciência e exemplos que conseguia. Professor, era assim que Fernanda acabou chamando Ricardo por tanto que ele havia explicado para ela.

E hoje, depois que ele almoçou e fez os seus deveres ficou à procura de Fernanda com um livro nas mãos. Encabulado, sorriu e estendeu para ela.

— Estávamos falando desse livro aquele dia, eu achei na biblioteca da escola no recreio e trouxe para ti ler, se te interessar.

— Mas é claro! — Fernanda secou as mãos no pano que tinha a disposição e segurou o livro o abraçando. — Vou ler com todo o prazer do mundo e quando acabar te entrego e conversamos sobre ele.

Ela ficou tão feliz com o pequeno gesto que acabou o abraçando, inesperadamente, por alguns segundos. Ricardo ficou parado, sem saber o que fazer com aquela reação. E quando se

recuperou, teve que se sintonizar novamente para começar a falar novamente.

— Sim! Eu já li umas três vezes e ainda continua sendo o meu favorito de todos.

Ricardo deixou a timidez de lado e enquanto Fernanda voltava a trabalhar ele se empolgou e começou a falar todo entusiasmado. Eles continuaram por toda a tarde, enquanto ela fazia um bolo para ele e Liana e só parou quando ela encerrou o seu horário e foi para casa.

Ele, um pouco contente por ter alguém com quem falar por uma boa parte do dia, foi para a sala onde Liana estava deitada no sofá, olhando tv. Como de praxe, sentou-se no chão para a irmã começar a mexer nos seus cabelos. Um hábito que os dois compartilhavam desde pequenos.

— Já estava te mandando calar a boca de tanto que te escutei falando hoje. — Liana falou fazendo o irmão rir.

— Ela gosta de me escutar e quando eu penso que parou, me faz uma pergunta que eu não esperava.

— Parecem dois CDF's conversando, isso sim. — Ironizou a irmã. — Mas eu vi que tu estava bem empolgado e não quis cortar o teu barato.

— Já disse que gosto da Fernanda. A única pessoa implicante nessa casa é tu, Li. Acho que já está na hora de parar de fazer essas coisas. Ela não vai embora.

Liana suspirou e voltou a mexer nos cabelos do irmão. Seu plano de desarrumar todos os dias uma parte do seu guarda-roupa não estava dando certo, e ela estava quase se convencendo de que isso não iria adiantar. Sérgio e Ricardo estavam arrebatados pela Fernanda e ela teria que aguentar por mais tempo que queria.

A única vantagem nisso tudo era os bolos, biscoitos e sobremesas que ela fazia quando tinha tempo. Até chegou a comentar isso para o irmão.

— Se ela não tivesse que limpar o teu quarto por toda a manhã poderia ter mais tempo para fazer essas coisas para nós. — Argumentou Ricardo, quase dormindo com o carinho da irmã.

Segundos depois Liana viu o irmão dormindo sentado no chão e voltou a olhar a TV em silêncio. Ela ainda tinha uma carta ou duas na manga.

Capítulo 12

Assim como havia sido recomendada por Sérgio, Fernanda foi ao posto de saúde, o único da cidade, informar-se sobre o atendimento a gestantes na cidade. E como ela previa, era precário.

O SUS não era de todo ruim, longe disso. Há muitos países que nem o básico tinham, quem dirá consultas obstétricas. Fernanda já achava muita sorte em ter um posto de saúde em pleno funcionamento na sua pequena cidade. Sempre quando precisou de ajuda médica, teve que enfrentar as filas de esperas na madrugada e a chegada imprevisível do médico ao local de trabalho.

Seu único problema era que madrugar seria impossível. Das últimas vezes, como o atendimento era para médico clínico, conseguia pegar o primeiro ônibus que passava na sua região e chegar a tempo de conseguir atendimento. Agora, o mesmo ônibus que fazia a ligação entre o seu bairro distante e o centro da cidade só chegava ao final da linha depois das sete e meia da manhã. E nesse horário as fichas disponíveis para o obstetra já teriam se esgotado há muito tempo. Restava a única opção de passar a noite em frente ao posto de saúde para ser a primeira a conseguir a ficha de atendimento.

Fernanda não reclamou do sistema para a atendente que tirou todas as suas dúvidas. Sabia que não era sua culpa por toda essa burocracia e quase desumana forma de se conseguir uma consulta gratuita para quem precisa. Apenas sorriu, agradeceu e correu até a parada de ônibus para retornar para casa.

Puxou da bolsa o livro que Ricardo havia lhe emprestado e se deixou levar pela história que começou. Ao chegar em casa, encontrou a mãe debruçada em cima do tanque cheio de roupas de clientes que ainda preferiam uma lavagem à mão e começou a ajudá-la, mesmo sobre os seus protestos de que não precisava de auxílio.

No fundo, Fernanda sabia que a mãe precisava e muito da sua ajuda. Viu a mãe sacrificar anos a fio com o corpo molhado encostado no tanque para que ela pudesse estudar e ter o que comer em casa. Percebia o seu olhar cansado, o caminhar cada vez mais fraco e muitas vezes ir para a cama sem comer nada. Apenas para sobrar para o outro dia e Fernanda poder comer.

A vida nunca havia sido fácil naquela casa, ainda mais quando o pai de Fernanda morreu em um trabalho clandestino quando ela ainda era pequena. As duas nunca receberam nenhum tipo de auxílio ou indenização pelo fato ocorrido, fazendo com que a mãe de Fernanda trabalhasse em todos os turnos para manter a casa. Depois que Fernanda cresceu, pode começar a ajudar a mãe em algumas faxinas em casas esporádicas e sempre ficando com o trabalho mais leve.

Fernanda sabia que o sonho da mãe para ela não era aquele. Não era de engravidar de um filho de patrão que lhe deu as costas e um aborto, e muito menos de se tornar uma empregada doméstica em tempo integral. Fernanda ainda se ressentia muito quando pensava na situação que estava. Um completamente diferente do que até ela mesma sonhava para si.

É claro que ela não poderia reclamar, já que se meteu nessa história sabendo de todos os riscos que corria. A vida não era um conto de fadas que ela estava acostumada a ler nos livros da escola. Fernanda estava aprendendo isso a cada dia que se passava.

Ajudou a mãe até a pilha de roupas chegar ao fim e o varal completo para secar. Tomou um banho rápido e foi para cama com o livro na cabeceira. Não demorou muito para que o largasse e colocasse as mãos por baixo do pijama velho sobre a barriga.

Como de costume, conversou com a vida que ali se desenvolvia e dormiu minutos depois.

No outro dia, trabalhou durante a manhã toda, especialmente no quarto de Liana, que havia acordado com outra parte do guarda-roupa no chão e à tarde ficou de companhia de Ricardo e Liana no CTG a espera que eles acabassem a aula de dança.

Sentou-se no fundo do salão, e ao invés de ler o livro que havia trazido, se pegou observando o professor de dança tradicionalista ensaiar os primeiros passos da nova coreografia para a turma. Encantou-se com a desenvoltura de Ricardo, e como ele parecia estar feliz ao lado de Bia, amiga de Liana, enquanto dançavam. Era como se fosse outro guri, diferente do que estava em casa tão tímido e recluso. Uma parte da sua face que ela ainda não havia conhecido e esperava ser apresentada a ela em breve. E do outro lado do salão, com a mesma atitude do irmão, Liana sorria e ficava atenta aos passos de dança que o professor ensinava e tentava reproduzir com o seu parceiro.

Fernanda havia participado de um grupo de dança tradicionalista quando era mais nova. Uma pequena internada que os professores de sua escola haviam formado e ensinado aos alunos que participavam. Ela adorava aquelas horas que passava dentro de uma sala abafada e aprendendo a dançar e a cultivar as tradições do estado. Eles até chegaram a se apresentar na Semana Farroupilha da cidade! Um feito e tanto para uma escola quase do interior, onde muitas vezes, as aulas eram suspensas por falta de material básico para funcionar.

Recordou-se do vestido de prenda que havia ganhado de uma das professoras, cuja filha havia crescido e não servia mais. Era de um rosa com babados brancos que lhe acinturava perfeitamente e só precisou de alguns ajustes na barra que ficava arrastando demais no chão. Como não possuía condições de comprar uma sapatilha adequada, e já se sentia sortuda demais em conseguir um vestido tão bonito, nem se ressentiu por usar os velhos tênis gasto para dançar com o seu parceiro que tinha uma bombacha bem maior que ele, e as botas alguns números acima do que ele usava.

No dia da apresentação, sua mãe fez uma trança costurada. Começando no alto da sua cabeça e se alastrando até o final dos seus cabelos, que naquela época eram bem mais compridos do que hoje. Sua mãe ainda achou na volta para casa, uma flor vermelha e acoplou no penteado. Fernanda nunca se sentiu tão bonita na vida como naquele dia. Ela ainda guardava a foto que uma das professoras havia tirado, revelado e presenteado os alunos com uma cópia de cada. O sorriso de Fernanda era o que mais se destacava por entre os colegas.

Ela sentiu-se nostálgica com aqueles pensamentos que se deixou mergulhar naquela época em que tudo em que o seu mundo girava eram os deveres da escola, os passos de dança que os professores ensaiavam exaustivamente, ajudar a mãe em casa e outras coisas tão singelas. Realmente nada parecido com as de hoje em dia. Ficou tão perdida nas lembranças que nem viu uma pessoa se aproximar.

— Eu gostava dessa fase de início de ensaios. Eram divertidos. Depois que as apresentações chegavam, tudo ficava uma loucura sem fim. Quase pior que um regime militar. Um erro de qualquer um e a gente tinha que recomeçar tudo de novo até ficar perfeito. — Sérgio olhou para os irmãos e sorriu.

Fernanda levou um leve susto ao ver que ele estava ali ao seu lado olhando para a mesma cena que ela. Não imaginava que poderia encontrá-lo ali. E como se adivinhasse os seus pensamentos, Sérgio começou a se explicar sobre o seu aparecimento repentino.

— O patrão do CTG me chamou para conversar. Pensei que ia conseguir me livrar dele e ainda dar tempo para dar carona para vocês, mas ele me pegou de jeito e só consegui me liberar agora. — Disse em tom de desculpas. — Mas pelo menos vou dar a carona de volta. — Sérgio abanou Ricardo que percebeu a sua presença.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Fernanda ainda não conseguia ficar muito à vontade com a sua presença. Era intimidante demais ter alguém ao seu lado tão alto e confortável consigo mesmo como Sérgio. Para Fernanda, que sempre foi apenas a filha da lavadeira e quase sempre invisível, era uma cena de duas realidades bem distintas se chocando.

Alheio a tudo isso, Sérgio puxava conversa como se Fernanda fosse uma velha amiga. E não a empregada que limpava a sua casa, lavava suas roupas e levava seus irmãos para todos os lados. Realmente Fernanda nunca havia conversado tanto com os patrões (excluído o pai do seu bebê que a abandonou), eram sempre ordens para serem executadas. Uma roupa para ser lavada na urgência, alguém que derrubou alguma coisa na cozinha ou uma peça de roupa malpassada e precisava ficar perfeita em menos de cinco minutos.

Ordens claras e sem direito a serem discutidas. Era assim que os patrões se dirigiam a palavra para ela. E toda essa conversa e camaradagem de Sérgio a deixava um pouco sem saber como agir.

— Acho que estou falando demais já. — Admitiu por fim. — Estou aqui há quase vinte minutos e tu não me disse nenhuma palavra. Relaxa, Fernanda, eu não mordo, ao contrário da minha irmã.

Sérgio riu baixinho, fazendo com que Fernanda levantasse seus olhos em sua direção.

Ele poderia ter marcado a reunião que o patrão do CTG queria com ele em qualquer outro horário, inclusive no seu próprio escritório no fundo do mercado. Porém, escolheu exatamente o horário que poderia reencontrar seus irmãos e ela.

Por ser criado com o pai sendo cordial com todas as pessoas que estavam a sua volta, desde os mais renomados que comandavam a cidade aos simples moradores que passavam pelo mercado. Sérgio cresceu vendo o pai tratar todos com o mesmo respeito, carisma e educação. Um exemplo perfeito.

Vanessa se irritava facilmente quando ele começava a conversar com todas as pessoas que passasse na sua frente, perguntando por todos os parentes e conversando sobre os assuntos mais aleatórios sem nexos. Ela não entendia que em uma cidade pequena como aquela, todo mundo se conhece e mantinham a empatia de saberem todos os problemas das pessoas e se ajudarem na medida do possível. Uma vizinhança solidária, assim achava Sérgio.

E dotado desse atributo de conversar e ser cordial como todas as pessoas, Sérgio não poderia ser diferente com Fernanda. Mesmo quando ela ficava tensa ao seu lado, como que sem quisesse se enfiar no primeiro buraco que encontrasse para se esconder. Sérgio colocou como prioridade acabar com essa vergonha nata que Fernanda possuía. E estava dando tão certo como a promessa que ele havia feito de se aproximar mais dos seus irmãos.

Só que nesse caso, Sérgio sabia que era só uma questão de tempo para que Fernanda parasse com aquela timidez toda. Ele já se pegou flagrando ela cantando baixo pelos cantos enquanto fazia alguma coisa aleatória, sorrindo quando escutava o jeito “amigável” entre Liana e Ricardo, ou quando parou e ficou observando ela conversando com o irmão por quase cinco minutos.

Foi uma cena indescritível para Sérgio e por muitos motivos. Além de ver ela mais relaxada dentro da sua casa, viu Ricardo sorrindo e rindo como não via há muito tempo. E isso o encantou. Ricardo é extremamente tímido, quase não sai de casa e muito menos dava risada no meio da casa com estranhos. E num passe de mágico isso estava acontecendo justamente com Fernanda. Bem, já diz que a afinidade é uma coisa instantânea.

Quando Sérgio perguntava sobre as novas empregadas para os irmãos, Liana já fazia cara de quem não havia gostado e Ricardo dava os ombros não se importando por quem fizesse o trabalho. E agora, apesar de Liana ainda ter a mesma reação, Ricardo virava outra pessoa enchendo Fernanda de elogios. Desde o modo que se ajustava as suas manias excêntrica de arrumação do seu quarto até quando ele estava estudando e eles começavam a falar sobre biologia, química e física. Coisa que Sérgio não sabia nem o que eles comiam, por assim dizer.

E isso tudo se tornou um mistério e tanto. Como Fernanda conseguia se aproximar tanto de Ricardo em pouco tempo? Até mais do que ele próprio! E o seu plano, era conseguir se aproximar mais de Fernanda. Fazer com que ela perdesse o aparente “medo” que sentia quando ele estava a sua volta, para que pudesse lhe dar alguns conselhos de como se aproximar do irmão com mais facilidade e assim podendo o ajudar como ele realmente precisava e que Sérgio sentia que era necessário.

E ele começava a colocar o seu plano em prática. A recebendo todos os dias em casa, aparecendo no meio da manhã quando ela está sozinha para levar alguma coisa para casa do mercado, e porque não marcar as reuniões para poder passar um pouco de tempo ao seu lado enquanto acumula trabalho no mercado?

Para Sérgio, decifrar Fernanda além de ser um passatempo divertido, poderia trazer mais benefícios que ele poderia esperar.

Capítulo 13

— Acho que estragou de vez. — Sérgio falou enquanto limpava as mãos sujas de graxa em algum pobre pano que um dia foi branco.

— Tu acha? — Ricardo levanta a cabeça para olhar o irmão. — Tenho absoluta certeza de que estragou de vez. Eu disse que usar essas peças não ia dar certo no motor. Agora temos que rezar para que nem todo o trabalho tenha se perdido.

Ambos suspiraram e resolveram acabar com o trabalho no motor do carro que estavam arrumando há mais de dois meses. Um hobby que foi passado de pai para filho e de irmão mais velho para o mais novo. Ricardo ainda não sabia, mas Sérgio havia comprado aquele velho Opala 77, com teto de vinil no ferro velho para presentear o irmão no seu aniversário de 16 anos. Eles estavam quase na reta final dos preparativos do motor. E como sempre, o quase às vezes se tornava mais demorado que todo o resto.

Sérgio puxou um cigarro enquanto observava o irmão guardar as ferramentas que eles estavam usando, meticulosamente. Não conseguia acreditar que Ricardo estava chegando nessa idade. Parecia que foi ontem quando ele dava os primeiros passos pelos corredores do mercado e brincava no caixa no colo do pai no final do dia. Hoje Ricardo estava tão alto como o irmão e quando Sérgio precisava, ele o ajudava a fechar o mês do mercado bem mais rápido que alguém poderia imaginar.

Sérgio se lembrava quando tinha a mesma idade que o irmão. Contava as horas para poder sair de casa, morar na capital e cursar a faculdade de direito. E quando o último dia de aula do ensino médio acabou, Sérgio começou a fazer os planos para tudo o que mudaria na sua vida.

E primeiramente era a casa. Sua mãe, preocupada com a mudança do filho mais velho, pediu para que o pai comprasse um pequeno apartamento na capital para que Sérgio pudesse morar. Ele já valeria o investimento por isso e para a família ter uma moradia fixa quando precisassem ir à capital. E levando em consideração as suas palavras e argumentos, compraram um pequeno apartamento de dois quartos, banheiro, sala e cozinha em um prédio simples, mas que oferecia a segurança necessária para Sérgio e a família.

Essa foi a sua morada por três anos. Sérgio aproveitou bem o tempo que morou fora. Com uma miríade de acontecimentos, festas e o pai pagando todas as contas, tudo que Sérgio menos queria era voltar para casa nos finais de semana. E por isso que o quarto que sobrava quase sempre era usado pelos pais, enquanto Liana e Ricardo dividiam a cama de Sérgio e ele ficava no sofá da sala.

Boa parte da sua distância de casa, foi culpa direta de Vanessa. Ela era responsável por ter todo o final de semana planejado dos dois, desde as festas, as casas de shows e as bebidas que consumia. Com a “liberdade” conquistada por Sérgio ele acabou de se levar pelos momentos e esquecendo em parte da família. E hoje ele lamenta por todas as festas, bebedeiras e vezes que os pais lhe ligaram pedindo para que viesse para casa passar um final de semana com eles e os seus irmãos.

Hoje, sendo responsável por Ricardo e Liana, Sérgio não deixaria os irmãos cometerem os mesmos erros dele. Eles podem, e vão para a capital estudar, mas todos os finais de semana e

feriados estarão aqui para bater cartão em casa. Ricardo seria bem mais fácil de se controlar nesse aspecto, sendo bem mais introspectivo e tímido, sairia da última aula de sexta direto para casa. Já Liana, conhecendo ela como já conhecia, sabia que se encantaria pelos atrativos da capital e viraria as costas para casa.

Sérgio sabia que essa era quase uma concorrência quase que desleal. A cidade pequena que moravam não havia nada de atrativo para os jovens. E quando eles saíam de casa, não queriam mais voltar para casa. E esse seria um assunto que traria muita dor de cabeça para Sérgio.

— Vai chover. — Disse o irmão mais velho ao apagar o cigarro em um cinzeiro.

— O tempo se armou de fato. — Começou a declamar Ricardo, fazendo o irmão sorrir e entrar na onda.

— Lá pra o lado do Uruguai. — Sérgio respondeu com o outro verso da música Previsão de Adair de Freitas. Uma das músicas que o pai sempre cantava quando se armava um temporal.

— Vai chover barbaridade.

— E sem poncho ninguém sai....

Sérgio levantou-se para ajudar o irmão a guardar as ferramentas. No primeiro estrondo de um trovão, ambos começaram a contar alto e não conseguiram chegar até o dez ao verem Liana procurando os dois por toda a casa.

— Está vindo temporal. — Ela disse com os olhos arregalados, quase o dobro do seu tamanho normal. — Com raio e trovões!

— Já percebemos. — Ricardo disse passando a mão pelos ombros da irmã.

— Seria prudente se tomássemos um banho antes da luz cair então. Principalmente nós, Kado. — Ricardo assentiu e passou a mão no rosto acentuando mais ainda a marca de graxa no rosto.

— Eu não tomo banho sozinha. — Liana demonstrou o seu medo de infância e herdado da mãe. O medo de chuva forte e trovões.

— Fica esperando no meu quarto, Li. — Ricardo já prevendo o medo da irmã ficar sozinha no escuro no seu quarto. — Eu tomo banho primeiro e enquanto eu me visto tu toma banho e eu te espero no quarto.

— E eu vou tomar banho para começar a fazer o churrasco para nós. Assim já deixo pronto o almoço de amanhã.

Os três saíram e se reencontram minutos depois. A chuva ainda caía mansa e trazendo um vento agradável à garagem onde tinha uma churrasqueira grande em uma das paredes. Sérgio terminava de salgar a carne com sal grosso enquanto o fogo pegava no carvão, estalando e fazendo com que Liana se assustasse mais ainda.

Desde quando se recordava, Liana morria de medo de qualquer barulho de chuva que se aproximasse. Assim como a mãe dos três, que o tempo começava a se armar e ela fechava toda a casa, pegava uma vela, e ficava sentada de olhos fechados esperando que parasse junto com a filha, enquanto o marido e os filhos ficavam tomando banho de chuva no pátio de casa.

Ricardo já explicou milhares de vezes para Liana que os relâmpagos e trovões não eram

nada demais e que eles estavam seguros em casa. Nenhum iria atingir a casa ou a cabeça de algum deles.

— Olha lá, Li. — Ricardo incentivava a irmã a se aproximar da rua e a observar os raios. — A terra é positiva e as nuvens negativas, e a descarga elétrica entre eles forma o raio. É magnífico.

— Magnífico — Liana geme e se abraça no irmão do meio — é o Angus Young, do AC/CD tocando Highway to Hell, o Slash tocando Sweet Child O'Mine ou o Eric Clapton com Laila. Isto é pavoroso! Isso sim!

— Teus medos são infundados, Liana. Não temos que ter medo das coisas naturais. Chuva, vento, raio, trovão... isso acontece há mais tempo do que toda a humanidade na Terra! Se não fosse por esses fenômenos a gente não estaria aqui.

— Se eu pudesse também não estaria. — Outro trovão faz a luz piscar e Liana dar um passo mais para dentro da garagem. Sérgio observava os irmãos com um sorriso no rosto.

— Deixa de ser boba, Li. Uma chuva não faz mal a ninguém!

— Faz sim! Tu viu o anuncio no jornal hoje. O perigo de inundação é grande aqui na nossa região. Todos os anos acontece isso.

— Não aqui na nossa casa. Isso é para aquelas no interior bem longe daqui. — Ricardo estendeu a mão para a irmã. — Já disse que o teu medo é bobo, a chuva não vai te fazer mal nenhum.

— Tu também tem teus medos, Kado. Nem por isso eu fico tentando te fazer encarar eles assim. Vou ficar aqui do lado da churrasqueira, o cheiro da carne assada está bem melhor.

Ricardo deu os ombros e se aproximou dos dois. Sérgio, com a deixa, aproveitou para tirar um espeto do fogo e servir os dois, que continuaram a falar sobre medos e como enfrentar eles da melhor maneira possível.

— E tu, mano, qual o teu maior medo? — Liana perguntou enquanto comia.

Sérgio, não esperando que a pergunta voltasse para ele, quase engasgou com um pouco de cerveja que tomava no seu copo.

O único medo, aquele que fazia com que ele levantasse cedo todos os dias era perder seus irmãos. O receio que ele ficou depois da perda dos seus pais se voltou para Ricardo e Liana. Tudo o que ele se arrependeu de não poder passado os últimos anos ao lado dos seus pais havia feito com que ele voltasse para casa e continuasse o legado que tinha recebido de herança. Sérgio não queria perder as únicas pessoas que sobrara da sua família.

— De que essa costela queime e não de para aproveitar amanhã. — Sorriu e disfarçou para os irmãos menores.

Um trovão retumbou pela cidade naquele instante fazendo com que as luzes da casa e dos arredores se apagasse de vez. Liana deu um grito seguido de um pulo até o colo de Sérgio que quase não conseguiu segurar o peso da irmã.

— Ainda temos a luz da churrasqueira, Li. — Ele acalmou a irmã que havia se escondido no seu pescoço e estava quase o esgoelando. — Ninguém vai te deixar aqui no escuro.

Ricardo apenas revirou os olhos para o medo infundado da irmã, mas assim como Sérgio fez de tudo para desviar a atenção dela, para que, pelo menos, ela conseguisse se desgrudar de Sérgio, que ainda estava cuidando o resto do churrasco que estava fazendo.

Então ele começou a falar sobre a nova coreografia que estavam fazendo no CTG para as apresentações, e que a primeira já estava marcada para o rodeio da cidade em pouco tempo.

— Queria te ver gineteando, mano. — Liana murmurou depois de conseguir voltar para o seu lugar na mesa improvisada na garagem.

— Gineteando? Se eu fizer isso saio de lá em uma cama hospitalar e passo o resto da vida em uma cadeira de roda. — Desdenhou Sérgio. — Fazia isso na idade do Kado, quando eu era louco e o pai ainda me incentivava. Depois que eu quebrei o braço no lombo daquele tordilho que disse que não ia mais montar em um.

Ricardo e Liana começaram a escutar as histórias do irmão mais velho no tempo que ele ginetava nos campos do CTG. Montava em um cavalo não domado e tentava ficar o maior tempo possível. Na adolescência até chegou a participar de alguns rodeios nas provas de gineteadas. Um segredo que ele só dividia com o seu pai que o incentivava, para o não desespero da sua mãe que não toleraria o seu filho mais velho em cima de um cavalo xucro. Isso durou até os dezesseis anos, quando Sérgio se machucou e quebrou o braço, acabando com a sua carreira breve de ginete.

Só aí que ele se concentrou mesmo na parte artística da tradição. Se antes ele já dançava e praticava um pouco de violão, não desenvolvendo nenhum talento excepcional, só tocando o básico das batidas tradicionalistas, como a rancheira, milonga, chamamé, bugio, xote e afins.

E quando começou a falar dessa parte, Ricardo e Liana fizeram com que o irmão buscasse o velho violão da família e tentasse tocar alguma coisa que ele ainda se lembrava. Sérgio teve a certeza de que estava muito enferrujado nesse quesito e mais se atrapalhou do que tocou para os dois.

Os vizinhos, se não fosse o barulho da chuva forte, que não dava nenhum sinal de que pararia durante a noite, e quem sabe no outro dia, teriam escutado as risadas que os três soltavam cada vez que um verso era errado e Sérgio tentava acertar.

Liana chegou até se esquecer dos trovões que ainda ecoavam ao longe. Ricardo estava impressionado com o irmão, com um olhar quase que infantil sobre Sérgio enquanto ele tocava, errava e cantava alguma música que eles conheciam. E quando o fogo da churrasqueira estava quase se apagando, encerram a noite.

Sérgio deitou na sua cama, depois de arrumar as coisas, colocar os dois na cama e encerrar o dia fumando mais um cigarro sentado na porta de casa, observando a chuva. Pela primeira vez sentiu saudade de poder tocar violão e até cogitou fazer algumas aulas com um professor que havia no CTG, mas lembrou-se que mal tinha tempo para ficar em casa e cuidar do mercado sozinho, quem dirá de ter aulas de violão campeão. Se pelo menos ele tivesse alguém de confiança para ficar algumas horas no mercado segurando as pontas para ele...

Não pediria para Ricardo ficar nesse compromisso. Ele tinha uma vida inteira longe daquele mercado, e Sérgio não deixaria que Ricardo e nem Liana tivessem o seu futuro independente ligado aquele mercado. Os dois teriam profissões, assim como Sérgio quase teve a

sua de advogado. Ele faria dos planos do seus pais para os seus irmãos se realizarem de uma forma ou de outra. Nada que remetesse a compra e venda de mercadorias, feira direto da capital de órgãos fiscalizados, açougue e tantas outras burocracias que Sérgio lidava diariamente.

Esse era o seu fardo, herdado e carregado nas costas do filho mais velho e responsável por tudo que os pais haviam deixado de legado para eles.

Sérgio fechou os olhos e o quarto iluminou-se com o clarão de outro relâmpago ao longe. Sorriu para o nada ao escutar a porta de um quarto se abrindo e segundos depois a do seu próprio quarto. Sua cama afundou e quando Liana se aconchegou ao seu lado, pensando que o irmão já estava dormindo. Ele a abraçou e beijou os seus cabelos, como se isso a protegesse da chuva que caia torrencialmente lá fora.

Capítulo 14

Quase do outro lado da cidade, a situação não era nada comparável com o que estava acontecendo no centro. A chuva estava imbatível. Entrando em residências, destruindo sonhos e levando as poucas coisas que os moradores daquela região possuíam.

Dentro de casa, Fernanda varria a água que entrava pelas portas enquanto a mãe tentava colocar alguns móveis para o alto e rezava para que as chuvas amenizassem e aquele tormento chegasse ao fim o mais rápido possível e sem nenhum dano irreparável.

Como moradoras antigas daquela região, sabiam que essa época era de chuvas perigosas e que não davam clemência às famílias que ali residiam. Ano após anos, as enxurradas castigavam as casas e traziam destruição. E anualmente, esse fato se tornava o assunto central da pequena cidade em que viviam em especial a questão que ficava: porque elas ainda viviam naquelas zonas de enchente? Mesmo sabendo da predisposição para que encostas se desintegrassem formando avalanches de terra e lodo para cima das casas. Que as enxurradas levavam casas feitas de madeira como um sopro. E que móveis, colchões, roupas e alimentos eram perdidos pela inundação que entrava pelas casas.

A resposta, tão simples e singela, que os moradores da cidade se recusavam a acreditar era que essas pessoas não tinham para onde ir. Suas casas eram naquelas regiões, e esse fato, agrupado de que não tinham condições financeiras de abrirem mão de um lugar para chamar de seu, pesavam bem mais do que empacotar as coisas que sobraram e recomeçar em outro lugar.

Pessoas são orgulhosas. Muitas delas criadas desde o início da vida naquelas terras. E não davam a mão a torcer pela desocupação. Até como citado, eles não teriam outro lugar para recomeçar. Principalmente porque com o risco alto de chuvas, ninguém se interessava de comprar as terras para utilizar para outras coisas. Nem mesmo a prefeitura da cidade, como já havia sido feito um pedido dos próprios moradores, se interessava em comprar os casebres para utilizar o espaço para outros fins.

E tudo isso se tornava uma bola de neve. A cada ano, novas chuvas, novas perdas e entre elas, a perda da esperança entre os moradores de poderem investir nas suas casas para melhorá-las. Do que adiantava gastar o dinheiro que eles quase não tinham se a chuva levaria tudo de novo em pouco tempo?

Fernanda e a mãe eram uma dessas famílias atingidas pela chuva frequentemente. E por saberem desse percalço o pai anos atrás tinha construído da casa adaptada para esses momentos e todos já sabiam como agir quando a chuva chegasse. Toda a comida, eletrodomésticos e coisas essenciais ficavam na parte alta da casa, em cima de prateleiras espalhadas por entre os cômodos, ou dentro dos armários. As camas eram armadas de tijolos baratos e somente o colchão que elas colocavam em cima de algumas cadeiras. As partes mais baixas do guarda-roupa ficavam as coisas mais leves e fáceis de serem mudadas de lugar. Tudo ficaria pronto rápido para que a chuva chegasse e entrasse na casa.

— Deixa que eu continuo varrendo, Fernanda. — Sua mãe tirou a vassoura da sua mão quase que a força. — Vai para o quarto e fica quieta lá.

— Mas mãe....

— Nada de mas.... Tu nem deveria estar aqui pegando essa chuva! E já fez tanta força levantando as coisas. Isso não é bom para o bebê. Pega uma vela e vai para o quarto esperar parar tudo isso.

Fernanda tentou argumentar, mas a mãe não lhe deu chances para isso. Então munuiu-se com o seu pedaço de vela e caminhou até o seu quarto, onde a água suja da chuva começava a entrar por baixo da porta. Colocou a vela ao lado da sua cama e deitou-se para escutar o barulho dos trovões, o clarão dos raios e a chuva caindo interruptamente e forte batendo na sua janela.

Já havia passado por situações de chuvas bem piores do que essa. E mais uma vez agradeceu aos céus pelo pai ter sido um ótimo construtor e ter feito aquela pequena casa com tanta sabedoria e amor, o suficiente para aguentar mais um ano de chuvas sem nenhuma avaria. Ao contrário de muitos moradores da região que sempre sofriam com esses períodos.

Com a luz bruxuleante que a vela emanava, Fernanda olhou para o seu teto. Pediu para que a chuva se abrandasse e o estrago para aquelas famílias fosse o mínimo e sem nenhuma tragédia para aquele povo que já viva com tão pouco...

Na manhã seguinte, Sérgio acordou, como de costume, antes mesmo do sol terminar de nascer. Observou Liana ao seu lado, dormindo com uma manta de cabelos no seu rosto e resmungando quando ele saiu da cama. Preparou o seu café com as janelas abertas, onde o vento fresco e úmido da chuva forte da noite passada entrava e deixava a manhã mais silenciosa ainda.

Fez o habitual chimarrão quente de todas as manhãs e munido com a carteira de cigarro dentro do bolso da bermuda velha, foi até a garagem arrumar as coisas que havia tirado do lugar ontem durante o churrasco. Ligou o rádio do carro, para não ter que voltar em casa para buscar o aparelho, e ficou limpando os espetos e grelha enquanto assoviava ao ritmo das músicas antigas. Ele não deixaria esse trabalho pesado para Fernanda amanhã. Ela já fazia demais naquela casa e Sérgio até gostava dessa parte de lavar alguns apetrechos à mão.

Deixou tudo limpo e no lugar. Quando estava terminando mais um cigarro e as últimas cuias que a térmica oferecia de água quente é que o radialista entrou ao vivo falando de uma zona afastada da cidade onde narrava os estragos da chuva na última noite. Ele geralmente nem dava bola para as tragédias que acontecia naquela região, não gostava de começar o seu dia escutando essas coisas. Apenas fazia boas doações de alimentos do mercado ao padre Simas que distribuía na região. Assim como deixava para fazer a limpa nas suas roupas e dos irmãos nessa época, já sabendo do estrago que as chuvas faziam para aquelas famílias em questão. E também, uma caixa de coletas na entrada do mercado para a população se incentivar e doar também. Geralmente elas enchiam com facilidade.

Sérgio espantou-se quando escutou a voz do padre Simas falando com um tom tão abatido na rádio e narrando que alguns moradores estavam abrigados na paróquia da igreja enquanto a água escoava das suas casas. Falou das necessidades de água e outros itens básicos e pedia pela compaixão dos seus irmãos para estender a mão nesse momento de solidariedade.

A única coisa que realmente chamou a atenção de Sérgio nisso tudo, foi a ligação direta que o padre Simas tinha com Fernanda. Foi ele quem fez a intermediária entre os dois e Sérgio calculou que se aquela área da paróquia foi atingida, com certeza a casa de Fernanda era uma das desabrigadas.

Deixou o rádio ligado e retornou à casa correndo. Subiu as escadas e bateu no quarto de Ricardo que acordou no susto ao ver o irmão tão eufórico na sua frente.

— Acorda, tchê! — Sérgio sacudiu mais um pouco Ricardo. — Te mexe que nós vamos sair.

— Ahn...?

— A chuva trouxe estragos na região do padre Simas, acho que a casa da Fernanda pode ter sido atingida. Vamos levar algumas garrafas de água e outra coisa do mercado. Acorda a Liana lá na minha cama que eu vou carregar a caminhonete.

Ricardo ainda demorou um pouco para pegar no tranco, e quando se deu conta sobre o que o irmão falava é que realmente acordou e começou a se arrumar. Acordou Liana, que não estava muito afim de sair da cama quente do irmão. Mas ela não teve escolha quando Sérgio retornou para casa e a obrigou a ir. E por isso que ela pegou o seu walkman e os fones e se sentou ao lado do irritante Ricardo e seguir viagem com os irmãos.

O rádio continuou ligada por toda a estrada que eles tinham pela frente, no meio do caminho, Liana adormeceu e Ricardo não estava tão longe como a irmã. Sérgio continuou fixo na estrada e com os pensamentos à mil.

Fernanda era pobre, isso ele sabia desde o momento que a viu no seu escritório com suas roupas surradas indicando que já haviam sido usadas muitas vezes. Sem contar por outros motivos que ele havia notado de longe, com o fato de sempre reaproveitar as coisas que para Sérgio já estavam no lixo há muito tempo.

Ele não poderia deixar que alguma coisa acontecesse com Fernanda, pelos motivos mais egoístas que Sérgio gostaria de admitir. Ele precisava dela para que o ajudasse a se relacionar com seus irmãos. Ela estava fazendo um trabalho incrível com Ricardo e, misteriosamente, Liana estava tão indiferente que nem reclamava mais da presença dela nas casas ou em qualquer lugar que Fernanda os acompanhassem. Era como se ela fosse invisível ao olhar da irmã e na atual situação era bem melhor do que a implicância.

Ao se aproximarem do local, já conseguia se perceber os problemas que a chuva havia trazido para aquela região. Árvores caídas, pequenos rios invadindo a estrada em alguns trechos e encostas de morros desmoronadas e as pessoas tirando os móveis dentro de casa para secarem.

— Nossa... — Liana, ainda acordando falou. — Só tinha visto isso pela tv.

— Triste... — Ricardo complementou.

— A gente nem sabe o quanto somos abençoados por termos a nossa casa sem risco de inundação. — Murmurou Sérgio tendo que limpar a garganta depois daquelas palavras.

Ricardo e Liana nem eram nascidos, mas Sérgio lembra de quando era pequeno e morava em uma casa não tão diferente de muitas das que eles passavam de carro. Seus pais nunca deixaram ele passar fome, mas ele sabia que não foram poucas as dificuldades que eles passaram até se consolidarem como comerciantes pequenos e terem a ascensão na cidade e prosperando cada vez mais.

Ao estacionarem o carro ao lado da paróquia, Sérgio ficou tonto com as imagens que via. Era como se estivesse em casa assistindo aquelas reportagens especiais sobre as zonas de guerra.

Ele olhava a procura de uma pessoa e para todos os lados que olhava não a encontrava.

— Sérgio? — Virou-se e cumprimentou padre Simas, tão abatido como a voz que ele havia escutado no rádio. — O que te traz aqui, meu filho?

— Escutei a situação da região pelo rádio e vim trazer alguns galões de água para distribuir. E outras coisas que eu peguei às pressas no mercado.

— Abençoado seja tu, Sérgio. E as crianças, que estão tão grandes que eu não as reconheci. Está fazendo um bom trabalho com elas.

O pároco sorriu cansado para Sérgio que ficou sem palavras e apenas acenou a cabeça como agradecimento.

— Já esperávamos a chuva, mas não tão cedo assim.

Eles começaram a caminhar até o salão da paróquia onde algumas famílias estavam abrigadas esperando a água baixar para que pudessem começar a limpeza das casas. Mais uma vez aquela cena de pessoas dormindo nos colchões no chão o abatia e cada rosto que ele via tentava encontrar a similaridade das feições de Fernanda.

— Nosso maior medo agora, além de uma nova chuva vir e terminar de carregar o resto, são as doenças que as pessoas, especialmente as crianças possam pegar por caminharem no meio da água suja e....

O padre ficou falando até Sérgio se perder por completo do assunto. Viu Ricardo e Liana em cima da caminhonete ajudando a descarregar as caixas que eles trouxeram do mercado. E quando viu o irmão pulando da carroceria e indo em direção a um grupo de pessoas percebeu que ele havia encontrado o que Sérgio estava procurando.

Capítulo 15

E lá estava ela. Cheia de crianças pequenas na sua volta encantadas com o jeito meigo de Fernanda. Ela, ao contrário de todas as outras pessoas que estavam carregando peso e ajudando a limpar as casas que já estavam com a água escoada, teve que encontrar outra ocupação.

Sua mãe, assim como o padre Simas não deixaram que Fernanda entrasse para o mutirão de limpeza e nem fazer nenhum tipo de força. Sua gravidez, mesmo que ainda no início ela não poderia se expor tanto assim, principalmente já tendo levantando tantas coisas em casa na noite passada.

A chuva não diminuiu o ritmo até quase o amanhecer. E graças aos céus e ao pai que havia feito aquela casa com tanto sacrifício, que ela suportou mais uma enchente sem nenhum dano. Apenas aquele pouco de água que havia entrado por uma das portas. E com isso, ela foi das únicas casas da região que havia saído ilesa dessa vez. Alguns vizinhos próximos tinham perdido boa parte dos seus pertences, e outros a casa inteira.

E por esse motivo que ela e a mãe estavam lá. O pouco que elas tinham ainda dava para ajudar os que mais necessitavam. Sua mãe não hesitou, depois de limpar a casa enquanto Fernanda ainda dormia, em sair para ajudar. E depois de vetada em poder ajudar na lida bruta, Fernanda teve que procurar outra ocupação para ela que queria muito ajudar as pessoas que precisavam de uma mão naquele momento.

Entrou no salão da paróquia, onde algumas famílias se alojavam para se abrigarem e também guardar o que conseguiram salvar da água e encontrou muitas crianças sozinhas, esperando que os pais voltassem. E ali achou onde poderia ser útil.

Conhecia todas aquelas crianças, desde que nasceram por assim dizer. Desde as missas nas manhãs de domingo até as aulas que ela dava para as que precisavam de reforço nas leituras e matemática. E todas as crianças adoravam Fernanda e o seu jeito de ser. Era considerada a melhor professora voluntária que havia lecionado naquela região.

Começou a conversar com elas e a contar as histórias que conhecia, de fadas, princesas e dragões que cuspiam fogo, chamando a atenção das meninas e meninos que ali estava. E quando as histórias acabaram, ela resolveu levar eles para a rua para elas correrem e se divertirem um pouco. Até ela já estava começando a ficar com dor nas costas de ficar sentada no chão com as crianças.

Ficou caminhando por elas e cuidando para que as crianças não atrapalhassem os adultos trabalhando carregando as coisas que se salvaram e outros uma pilha dos que não iriam se aproveitar. E sentiu-se triste ao ver que a última pilha estava bem maior do que a primeira.

Isso sempre era um martírio para Fernanda. Aquele bendito plano de ir para a capital, trabalhar, estudar e voltar para casa com condições era exclusivamente para tirar a mãe dessa zona de risco. Se ela pudesse, ajudaria a todos os moradores daquela região a saírem para casas mais seguras e sem riscos de inundação sempre que a chuva apertasse um pouco mais do que o normal. E agora, vendo tanta tristeza nas pessoas colocando suas coisas fora que ela percebeu que no ano que vem, na época das chuvas, ela estará com o seu bebê nos braços.

Fernanda continuou caminhando, acompanhada por um círculo de crianças, para assimilar

aquela verdade que havia lhe ocorrido naquele momento. Seu pequeno bebê nos seus braços e ela com a casa inundada e levando todos os seus pertences. Mais uma vez ela pensou no que havia dado errado no seu plano e como ela conseguiria criar uma criança naquelas condições.

Por mais que gostasse, bem mais do que esperava no início do seu trabalho, nunca conseguiria juntar dinheiro suficiente para tirar a mãe daquela casa e muito menos o seu pequeno bebê que nasceria em alguns meses. O barulho das crianças a sua volta, alheias ao desespero dos seus pais, a fez enxergar um futuro onde no próximo ano poderia ser ela desesperada vendo que não havia sobrado nenhuma roupa ou comida dentro de casa, pois a chuva teria levado tudo.

Fernanda teve que se segurar na parede da igreja para não cair com aquela visão. Teve que respirar fundo para que não desmaiasse e ainda fizesse um papelão por estar passando mal em pleno trabalho de reconstrução de quem realmente precisava de ajuda.

Fechou os olhos, respirou fundo e quando reabriu pensou que estava realmente delirando.

— Oi, Fernanda! — Ela piscou algumas vezes e quando a visão do Ricardo não desapareceu ela esticou a mão e tocou no seu braço.

Muito real para ser apenas uma visão....

— Está tudo bem? — Ele questionou e a amparou com os braços quando ela realmente cambaleou.

— Fernan....— Ela escutou a voz de Sérgio e desabou por completo.

Acordou segundos depois nos braços dele e sendo carregada para dentro da sua casa até a sua cama. Conversas ao longe a levavam e traziam de volta para a realidade, até finalmente escutar com mais clareza e abrir os olhos.

— Eu acho que devemos levar ela para o hospital e....

Fernanda tentou sentar-se na cama, mas foi impedida pela sua mãe ao seu lado. Olhou para frente e não entendeu o que estava acontecendo dentro do seu quarto. Sérgio caminhando de um lado para o outro, padre Simas do outro lado da cama e perto da porta, com os olhos arregalados, Ricardo e até a Liana.

— O que... que aconteceu...? — Balbuciou ainda meio tonta.

— Tu desmaiou, filha. — Sua mãe colocou seus cabelos no lugar, daquele jeito que só uma mãe consegue fazer com uma filha. — Está tudo bem?

Fernanda sentiu os olhos de todos no quarto em si. Simplesmente não poderia falar do seu medo recente de estar sofrendo por antecedência para um futuro que poderá acontecer.

— Eu estou de carro e posso leva-la ao hospital para ver se está tudo bem contigo e com o bebê. — Sérgio se ofereceu, quase que encostando a cabeça no teto da casa.

— Bebê? — Ricardo e Liana se entreolharam e cochicharam não entendendo mais o que estava acontecendo.

— Ela está grávida? — Liana replicou para o irmão ao seu lado.

— É o que parece. — Ricardo deu os ombros e voltou a olhar para Fernanda, que já estava ficando desconfortável com a situação toda.

— Eu estou bem, foi só... só um desmaio normal. Assim como os enjoos que eu tenho pela manhã depois que eu como e....

— Tu comeu hoje pela manhã? — Sérgio questionou ainda com um tom preocupado.

E quando Fernanda olhou para todos e negou viu as bochechas dela se avermelharem com a situação toda.

— Acordamos quando o pessoal começou a chegar para ajudar com os escombros e já saí sem nem me lembrar de comer.

— Então o problema está resolvido da melhor forma possível — padre Simas sorriu e chamou a mãe de Fernanda para fora do quarto.

Sérgio, Liana e Ricardo ficaram e Ricardo foi o primeiro a sentar ao lado de Fernanda e sorrir para ele. Ele se sentia tão bem ao lado dela que ficou sem reação ao ver ela quase caindo por cima de si. Pela primeira vez, Ricardo percebeu o quanto estimava Fernanda e sua companhia todas as tardes ao seu lado. Ela era a sua única amiga fora da sua família.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Ela sussurrou enquanto apertava a mão de Ricardo gentilmente.

— O mano escutou no rádio a situação do pessoal daqui e nos tirou da cama para trazer algumas coisas para ajudar.

— Fiquei... — Sérgio limpou a garganta quando Fernanda lhe dirigiu o olhar — Ficamos preocupado e queríamos saber se a tua casa foi atingida.

Ele falou aquilo com o coração tão leve que, por alguns instantes, nem se reconheceu. Sua preocupação, aquela que ele achava que fosse simplesmente egoísta, assim que colocou os olhos em Fernanda e viu ela cercada com as crianças e o sol secando a chuva ao redor e iluminando o seu rosto, percebeu que estava completamente enganado. Ele estava ali por ela, preocupado se a sua casa havia sido atingida e se Fernanda precisava de ajuda.

Qualquer uma que fosse.

— Obrigada — ela sussurrou ainda sorrindo — minha casa não foi atingida, graças aos céus, mas muita gente perdeu as poucas coisas que eles tinham.

— Nós vimos. — Ricardo falou, ainda sentado ao lado de Fernanda que já estava bem melhor. — Foi chocante ver as casas daquela forma.

— Eu trouxe algumas coisas e o padre Simas vai ajudar a distribuir.

Sua mãe entrou no quarto trazendo um copo de café e um pouco de pão para Fernanda colocar no estômago. Ricardo e Liana foram chamados por padre Simas para o ajuda-lo a terminar de descarregar a caminhonete deixando os dois sozinhos. E depois de comer um pouco, Fernanda tentou levantar.

— Acho bom tu ficar na cama — advertiu Sérgio. — Não precisamos de mais sustos por hoje. — Por fim, riu.

— Quero ajudar a distribuir as coisas.

— O Ricardo e a Liana são fortes o bastante para descer as caixas. Peguei poucas coisas

na corrida. E...

Sem dar ouvidos para Sérgio, Fernanda se levantou e ficou parada na frente dele. Quase tendo que levantar a cabeça para encará-lo. Sentiu o cheiro tradicional dele, que como Ricardo e Liana falavam, era a mistura entre cigarro e pão quente.

— Obrigada. — Ela tocou-lhe o braço e sorriu — por ajudar esse pessoal, por me trazer para casa e por se preocupar comigo.

— Meus motivos são puramente egoístas. — Brincou Sérgio. — Se tu não estivesse bem, quem vai aguentar a Liana e o Ricardo para mim?

Fernanda riu e pela primeira vez, sentiu-se à vontade conversando com Sérgio tão informalmente e dentro da sua pequena casa. Realmente ela estava agradecida por tudo que ele já vinha fazendo por há algumas semanas.

— Eles são uns amores. Só precisam de alguém que os escute com mais frequência. — Admitiu por fim.

— Eu sei. — Fernanda fez menção de sair do quarto, mas Sérgio a segurou pelo braço.

Ela, mais uma vez, o fitou nos olhos e Sérgio ficou quase sem ação.

— Realmente eu acho que tu deveria ficar em casa, deitada e quieta. Tua mãe disse que tu fez esforço demais ontem à noite. E ainda não esqueci da consulta com o médico...

— Eu sei. Já me informei no posto de saúde. Essa semana eu vou fazer isso.

— Sem falta. — Acrescentou Sérgio sorrindo.

Fernanda e ele saíram do quarto e, mesmo contra as ordens da mãe e de Sérgio, ela foi para a rua ajudar e ficar com as crianças que estavam preocupadas com o seu sumiço.

Sérgio foi até o carro, onde já havia sido descarregado e padre Simas estava a sua espera. O pároco bateu amigavelmente no seu ombro e o chamou para dentro da igreja para conversarem um pouco.

Capítulo 16

Fernanda estava terminando de almoçar quando escutou a batida de leve na porta da pequena casa que ali havia. Ela estava cansada por ter ficado até altas horas cuidando das crianças. Se não fosse a sua mãe o chamando hoje pela manhã, nem teria acordado a tempo para pegar o ônibus para chegar no trabalho. Ônibus aquele que fez o trajeto bem mais demorado do que o costume, por causa dos buracos na pista de terra e o perigo de atolarem.

Quando chegou a casa estava vazia. Ricardo e Liana já tinham ido para a escola e Sérgio foi aparecer quase no final da manhã para ver como ela estava e conversar um pouco. Pelo o que ele tinha falado, já havia colocado uma caixa para arrecadar e já possuía algumas coisas que ele levaria até o padre Simas.

— Oi... — Fernanda levantou os olhos e encarou Ricardo da porta.

— Olá, Ricardo. Tudo bem? Como foi na aula?

Ricardo terminou de abrir a porta e entrou. Fernanda levantou-se para lavar o seu prato e arrumar as coisas.

— Tudo sim. A aula foi a mesma coisa de sempre, sem muita novidade.

Ele sentou-se e ficou observando Fernanda se movimento ao seu redor. Ela notou o seu silêncio e o desânimo que o acometera naquela tarde.

Todos os dias, Ricardo a acompanhava pela casa, conversando, contando piadas, rindo ou explicando alguma coisa interessante que ele havia descoberto. Trocavam indicações de livros, debatiam, calorosamente, tanto que uma vez, Liana chegou a observar os dois do alto da escada enquanto cada um defendia o seu ponto sobre um tal livro.

E hoje, Ricardo estava sem aquele brilho no olhar de quem havia descoberto alguma coisa incrível ou que a sua opinião sobre um certo assunto era a mais aceitável do que a de Fernanda.

Fernanda terminou de arrumar as suas coisas e convidou Ricardo para a acompanhar até a cozinha da casa maior onde ela tinha muito o que arrumar.

— Tu está quieto, Ricardo. — Ela comentou depois de puxar diversos assuntos e não ter nenhuma resposta de sua parte.

Virou-se e viu ele baixar os olhos e dar de ombros milimetricamente.

— É verdade? — Ele perguntou tão baixo que Fernanda quase não escutou.

— O que?

— Que o mano falou ontem.... — Ricardo olhou para Fernanda e continuou. — O bebê....

Fernanda parou o que estava fazendo e se virou para Ricardo. Tomou uma respiração profunda e falou a verdade.

Ela não estava espalhando isso aos quatro ventos da cidade. O bebê era um assunto somente seu e ela poderia contar nos dedos as pessoas que sabiam do seu estado. E depois de ontem, poderia contabilizar Ricardo e Liana na pequena lista.

Por ser um filho sem pai, em uma cidade pequena e numa região completamente retirada

da cidade, no momento que as pessoas começarem a notar a gravidez de Fernanda, o falatório começaria. E quanto mais ela evitar isso, melhor para ela, sua mãe, seu bebê, e até mesmo no seu emprego. Toda a cidade já sabe que ela trabalha na casa da família Chiarelli, e suspeitas infundáveis para a situação iriam começar a aparecer.

— Por que tu não me contou antes? — Ela percebeu o tom de mágoa na voz de Ricardo.

Ele pensou que havia escutado errado quando Sérgio havia mencionado o bebê. Até porque pensava que Fernanda não poderia esconder uma coisa como essa para ele. Pensava que ela era a sua única amiga e contaria...

Fernanda colocou a mão gelada no braço de Ricardo. Procurou palavras para expressar seu sentimento de dúvida que teve no início da gravidez, de como ela ainda se pegava pensando em como criar essa criança e tantas outras coisas mais. Coisas que a cabeça de Ricardo não entenderia e nem precisava entender por ora.

— Lembra quando eu disse que estava morando na capital, mas tive um contratempo e tive que voltar? — Ele assentiu para que ela continuasse. — Eu descobri que estava grávida, Ricardo, e por isso que eu voltei. Estava desesperada atrás de um emprego e fiquei muito feliz em vir trabalhar aqui com vocês. Teu irmão sabe desde o início quando eu me apresentei para ele que eu estava grávida e como ele é uma ótima pessoa, me deu a oportunidade de trabalhar aqui. Coisa que muita gente não faria na minha situação. Ele não sabe o quanto eu sou grata por essa chance.

Ela sorriu e puxou Ricardo para a mesa onde eles se sentaram.

— Eu não sou casada e nem noiva. — Disse em um tom mais baixo. — E vou ter essa criança sozinha. Isso é uma coisa muito difícil de se fazer. Muita gente não aceita e julga o caráter das pessoas que fazem isso sem nem ao menos escutar as suas histórias para chegarem a essa conclusão. E eu não contei e nem conto para todo mundo por causa disso. As pessoas iriam, e vão, quando descobrirem, falar muito sobre isso e indiretamente falar de vocês juntos. Vão supor coisas que não existem e colocar o nome de vocês no meio. O do Sérgio, o teu e o da Liana. Dizendo que isso é uma imoralidade. Colocar uma mulher solteira e grávida para trabalhar em uma casa de família. Que esse não é lugar para alguém que faz uma coisa dessas trabalhar. Que não é prudente, principalmente para a Liana ficar junto comigo e tomar isso como exemplo.

Ricardo ficou em silêncio e um pouco perplexo com as palavras que Fernanda falava tão dolorosamente.

— Mas isso é uma mentira, Fernanda. Tu não é nada disso e...

— Eu sei, Ricardo e fico muito feliz em saber que tu também sabe disso. Mas algumas pessoas não pensam assim como a gente e vão julgar, falar e apontar para mim, esse bebê que está dentro de mim e até de vocês. Eu aguento isso, não me importo com o que as pessoas falam e pensam de mim, sei que não estou errada ou fazendo alguma coisa de mal. Bem pelo contrário — sorriu ela já emocionada — estou dando a chance para esse bebê nascer e ser meu filho. É isso que importa para mim e sempre vai importar. O que eu não quero ver, e nem aceitar, é colocarem vocês, que não tem nada a ver com essa história no meio. Por isso que eu não contei para ninguém.

Fernanda baixou mais a voz e tentou sorrir para Ricardo.

— Eu me preocupo com vocês. Contigo, com o Sérgio e até com a Liana, que nem me responde. Faço as coisas aqui com todo o amor e carinho que eu tenho para agradecer o que vocês fazem por mim. E sem esquecer o que fizeram ontem, indo até lá onde eu moro para ver se eu estava bem e precisando de alguma coisa.

— Eu acordei com o mano me dizendo tudo aquilo. Fiquei nervoso com a possibilidade de... — Ricardo fecha os olhos e faz uma cara de quem estava sentindo muito tudo aquilo. — De que tivesse acontecido alguma coisa contigo.

— E eu agradeço, com todo o meu coração essa preocupação, Ricardo. Saber que a minha situação preocupa vocês é mais do que eu poderia receber de qualquer patrão que eu já tive.

Por alguns momentos ela deixou ser tomada por tantas vezes que já havia sido humilhada e rebaixada ao máximo pelos seus patrões. Uma coisa que não acontecia ali naquela casa.

Fernanda levantou e quando menos esperou, recebeu um abraço de Ricardo. Envolveu ele com os seus braços e ficaram assim por alguns instantes. Pela primeira vez, depois que se descobriu grávida que teve um pouco da dimensão do que seria amar incondicionalmente alguém como um filho. Ricardo poderia ter um pouco mais de alguns anos de diferença que Fernanda, mas ainda era tão carente de afeto como uma criança. E ela estava pronta para dar aquele carinho que ele tanto precisava.

O brilho no olhar de Ricardo não voltou totalmente, mas parcialmente já se notava uma mudança. Ela foi terminar o seu serviço antes deles saírem para alguma atividade da tarde e Ricardo ficou na sua volta conversando bem mais do que estava antes. E curioso em relação a novidade que havia sido revelada.

E então o questionamento começou desde o início, fazendo com que Fernanda se divertisse com a curiosidade nata de Ricardo e as explicações precisas que ele dava para cada coisa que ela comentava.

— O enjoo é porque o teu corpo está produzindo hormônios e eles atrasam a digestão provocando isso.

— Então acho que vou manejar na comida para que não passe mal assim.

— Aí vai desmaiar como ontem, e nem eu e o mano vamos estar por perto para te socorrer.

— Ahhh, então não sei o que eu faço mais! Minha mãe me enche de chás para enjoos, mas já disse que eles não adiantam em nada.

— Vou pegar o meu livro de biologia para ver algumas coisas sobre gravidez.

Ricardo sumiu e reapareceu na mesma proporção, quase nem dando tempo de Fernanda ir ao banheiro. Ele estava na porta com o livro e uma régua na mão.

— Olha. — Ele apontou na régua. — Esse é o tamanho do teu bebê com oito semanas em média.

Menos de dois centímetros. Ricardo mostrou uma foto, preto e branco da representação de um feto nessa idade que fez Fernanda pegar o livro e sorrir para o nada. E lendo o que o livro falava se emocionava mais ainda.

— Várias mudanças acontecem esta semana — leu em voz alta e piscou para Ricardo que

sorria. — A cauda embrionária desaparece e todos os órgãos, músculos e nervos estão começando a funcionar. As mãos já se flexionam no punho, e os pés começam a perder a aparência de pé-de-pato. As pálpebras começam a cobrir os olhos.

— Um centímetro e seis milímetros, e já causando enjoos e desmaios.

— Imagina quando crescer mais.

— Menino ou menina? — Ricardo perguntou logo em seguida enquanto ela ainda analisava a foto impressa no livro.

— Minha mãe já fez mil e umas simpatias e todas elas deu menino. Mas eu não me importo, desde que venha com saúde.

— Já pensou em nomes?

Fernanda pensou um pouco e resolveu contar o segredo que ela tinha só para ela.

— Se for menina é Isabela. Assim como naquele livro que eu te indiquei.

— E se for menino?

— Não tenho a mínima ideia.

— Eu escolheria Inácio.

— Um bom nome. Vou colocar em mente para quando chegar a hora escolher certo.

Do outro lado da porta, Liana estava escutando todas as conversas do irmão com Fernanda. Desde ontem, quando viu aquelas inúmeras casas destruídas pelas chuvas e as pessoas removendo as coisas que sobraram, ela estava quieta.

Havia visto muita coisa que não conseguia acreditar que se passava na sua cidade. Era uma verdade nata que Liana era inocente quanto ao que acontecia fora da sua casa e com outras pessoas. Um pouco de culpa de Sérgio, que nunca deixou que a irmã tivesse contato com tantas tragédias, já bastava as que eles haviam passado na própria família há alguns anos. E essa realidade a bateu forte. Tanto que pela primeira vez ela começa a ver Fernanda com outros olhos.

E agora, vendo ela abraçada com o irmão alguns instantes atrás e agora com ambos rindo e interagindo, sua vontade era de se intrometer entre eles e participar das descobertas do bebê de Fernanda e comentar que gostava dos nomes Isabela e Inácio para a criança. Porém ela resolveu ficar nas sombras e escutando a conversa dos dois, com medo que fosse ignorada.

Ela estava com vergonha dos próprios atos que fizera com Fernanda e não sabia como se desculpar decentemente.

Capítulo 17

Fernanda nem se deu por conta que Liana estava dentro do seu quarto, sentada no chão escutando suas músicas no fone de ouvido, quando abriu a porta para guardar o resto das roupas que ainda havia sobrado para terminar de dobrar. Apenas enfiou-se dentro do quarto, colocou as roupas no lugar e quando estava saindo percebeu o olhar de Liana sobre si.

— Desculpa. Não queria te incomodar, só vim deixar as roupas limpas aqui.

Falou, mas sem esperar qualquer reação que fosse de Liana, assim como estava acostumada como sempre. Aliás, Fernanda nem sabia porque havia se dado o trabalho de subir as escadas e guardar as roupas, normalmente elas apareciam no chão amanhã pela manhã quando chegasse. Um trabalho em vão, olhando por esse lado.

— Sem problemas.... — Fernanda escutou o muxoxo de Liana e quase que pediu para que a guria repetisse o que havia falado.

Dava para contar nos dedos as vezes que Liana havia lhe dirigido a palavra tão deliberadamente como agora. Seria Fernanda que estivesse delirando sobre esse momento?

Ela quase não havia visto Liana no dia de hoje. Suas amigas chegaram logo depois que Fernanda e Ricardo havia conversado pelo bebê e falado tantas coisas sobre a sua gravidez. Ricardo poderia ser até tímido e quieto, mas quando começava a falar, ainda mais coisas que ele gostava e tinha interesse, não fechava a boca por nenhum momento.

E ele ficou na volta de Fernanda o resto da tarde. Enquanto ela recolhia a roupa do varal, e ele a ajudava pegando os prendedores, passava e dobrava a roupa e até quando fazia um café da tarde para as crianças quase no final da tarde. Ele só parou de segui-la quando Sérgio havia ligado para casa e pedindo para que ele fosse ajudar o irmão a fazer algumas contas que não estavam batendo.

Somente nesse momento é que Fernanda pode ficar a sós com os seus pensamentos e digerindo a realidade que todos naquela casa já sabiam do seu segredo. Ela sentia-se um misto de liberdade em finalmente não esconder nenhuma das suas facetas e ser sincera, para quando a hora chegar e não der mais para esconder as evidências da gravidez, saberem se forem alvo de algum tipo de pré-julgamento. Saberem da verdade e toda a sua extensão. Falar e abrir o seu coração com Ricardo era a melhor decisão que poderia fazer naquele momento, e sabendo da proximidade entre ele e Liana, sabia que o recado seria transmitido.

Porém, naquele segundo em que ambas se entreolharam, Fernanda pode notar um quê de curiosidade ou outro sentimento que ela não conseguia decifrar no momento em Liana.

Fernanda pensou em falar alguma coisa, mas exatamente não sabia o que. Sua relação, ou o que poderia ser chamado aquilo que elas tinham, sempre havia sido muito silenciosa. Fernanda apenas era a empregada da casa para Liana, alguém que mexia nas suas coisas apagava cada vez mais as lembranças que a irmã mais nova tinha de como os pais se movimentavam ou cuidavam da casa. E enquanto pensava em formar alguma coisa audível que se tornasse compreensível, o momento havia passado. Internamente, Fernanda se lamentava por perder o instante em que poderia falar alguma coisa que pudesse, talvez, mudar o momento.

Apenas limitou-se a tocar na maçaneta da porta do quarto de Liana e enquanto dava o

primeiro passo em direção a ela, ouviu a voz da menina formar algumas palavras.

— Está tudo bem com ele?

Fernanda virou-se e encarou Liana com descrença de que ela estava lhe referindo a palavra assim.

Abriu a boca para responder que não havia compreendido e Liana voltou a falar novamente.

— Com o bebê. Era isso que estava preocupando o mano, desde o início, não era? O bebê...

Fernanda fechou a boca e ficou parada sendo encarada por Liana. E pela primeira vez, o que via nos seus olhos não era nada igual ao escárnio, deboche ou ironia. Era o olhar de uma criança, ainda sem saber o seu lugar na transição entre ser pequena e uma mulher. E isso tocou o seu coração, a fazendo sorrir para ela.

— Acredito que sim. — Respondeu Fernanda ainda com um sorriso meigo no rosto. — Amanhã eu pretendo consultar com o médico e ver como tudo está.

Liana continuava a observar e com um semblante mais sereno do que todas as vezes que elas haviam ficado tanto tempo se encarando. E Fernanda sentiu que ela ainda tinha mais algumas perguntas ou curiosidade sobre ela. Então afastou-se da porta de saída e deu um passo em direção de Liana, ainda sentada no chão e com os fones de ouvido em forma de arco, pendurado no seu pescoço.

— Tu tem mais alguma pergunta a me fazer? — Disse ela calmamente sem forçar a voz e sim incentivar a menina a perguntar mais. — Respondi todas para o Ricardo e se quiser posso responder todas as tuas sem problema nenhum.

Fernanda viu o modo como Liana ficou inclinada a enchê-la de perguntas, e conhecendo a irmã mais nova como ela já conhecia, sabia que se não puxasse ela para o seu lado, nunca conseguiria que ela se abrisse.

Liana era uma boa menina, mesmo quando a ignorava e bagunçava o seu quarto de propósito. Fernanda via pelos bastidores como ela adorava e cuidava de Ricardo como se ela fosse a mais velha e ficava na volta de Sérgio buscando um pouco de atenção diferenciada do irmão. E quando ganhava a menor que fosse ficava iluminada. E era essa Liana que Fernanda queria conhecer e provar que também poderia ser sua amiga.

E então, para começar a se aproximar de Liana, Fernanda se aproximou mais ainda com o intuito de puxar assunto.

— Tu tem uma voz bonita. Te escuto cantando quando estou guardando as roupas dos teus irmãos e tu está no quarto. Já pensou em fazer alguma aula de canto?

Liana hesitou e desviou o olhar, focando no seu aparelho de som e no fio que ligava ele ao seu fone de ouvido.

— O Sérgio nunca deu bola para isso quando eu pedi. E eu só canto quando estou distraída. — Ela deu os ombros, indiferente.

— Então tu anda muito distraída mesmo. — Fernanda riu. — É todos os dias quando eu

estou aqui em cima. E acho muito agradável te escutar. Com certeza é bem melhor que eu cantando.

Liana ainda focava no fio do seu fone.

— Eu fui convidada a sair do coral da escola quando tinha tua idade. — Fernanda revelou com a mesma indiferença de Liana.

A menina levantou os olhos e um brilho de diversão se criou nos seus olhos.

— Verdade. — Fernanda continuou a falar. — O professor era tão querido que não teve coragem de me expulsar da turma e teve que pedir ajuda para outro professor que chamou a minha mãe e disse que havia outras coisas para eu fazer ao invés de canto.

E dessa vez Liana riu com gosto.

— Eu queria fazer isso com o professor de canto da escola, isso sim. Ele só quer cantar as mesmas músicas que ele cantava quando era da minha idade, e isso foi há tanto tempo que eu nem sei se já existia música naquela época.

— Será que não é o mesmo da minha época? O eu também só queria cantar músicas que ele escutava na adolescência.

Liana disse o nome do professor e Fernanda começou a rir mais ainda quando confirmou que era a mesma pessoa.

As duas começaram a rir a ponto de Liana sentir as lágrimas nos olhos, ainda mais quando Fernanda começou a contar o que a turma aprontava com ele e depois o papel se inverteu quando Li narrava o que os colegas haviam feito no último recital que o coral tinha se apresentado. Com toda a certeza do mundo, esse professor sofria na mão de todos os seus alunos, não dependendo de qual geração que se fosse.

O ambiente ficou leve. Era como se a mesma tempestade que havia caído no local onde Fernanda morava tivesse passado, feito o estrago e agora o sol estava brilhando, quente e secando o que havia avariado para se recuperar novamente.

Naquele momento Fernanda sentiu que esse poderia ser o momento em que a sua relação com Liana começava a mudar de panorama. E ela esperava que continuasse por um bom tempo assim. E com isso ter Ricardo e Liana como seus amigos nesse trabalho que ela enfrentava.

Era uma das coisas que Fernanda pedia aos céus e quando orava todos os dias antes de dormir. Que se bebê esteja bem dentro de si, seguro e se formando perfeitamente, que nada falte dentro de casa para ela e mãe, que a mãe continue firme, forte e com saúde ao seu lado e, desde que voltou para casa, e começou a trabalhar com aquela família, que todos recebessem as bênçãos que mereciam. Sem excluir um integrante que fosse.

E depois de ontem, percebeu que estava incluída, nem que fosse o mínimo que fosse, nas orações de Sérgio e Ricardo. Não seria todos os padrões que saíam do conforto da sua casa em um domingo e encararia as estradas enlameadas e perigosas, com risco de desabamento, somente para se assegurar que a empregada estava bem. Isso era bem mais do que simples altruísmo. Era mais uma prova de que Sérgio possuía um coração maior que ele mesmo e Fernanda sabia disso e admirava.

O tempo passou e as duas continuaram a rirem e contarem suas histórias em sala de aula

e quando o assunto se encerrou, Fernanda olhou para Liana, que ainda mantinha o brilho nos olhos e falou.

— Eu gosto muito de ti, Liana. Sei que por trás dessa marra toda tem uma menina que canta bem, adora dançar no CTG e ama os irmãos acima de tudo. — Ela esperou por um momento, para que Liana assentisse o que estava falando. — Nós podemos ser amigas, assim como eu sou do teu irmão. Gosto muito de vocês aqui.

Fernanda sorriu por fim e deixou Liana com os seus pensamentos e seguiu o seu caminho.

Foi até a casa ao lado e pegou a sua bolsa esfarrapada de sempre. Fechou com a sua chave reserva e quando estava chegando ao portão para sair viu Liana. A menina correu em sua direção e sem nenhum aviso implícito nas suas ações, abraçou Fernanda fortemente.

Fernanda, admirada com a reação, demorou para corresponder o afeto, e quando fez isso, se entregou de todo o coração para os braços daquela menina tão em dúvida com os seus sentimentos adolescentes e precoces. E que naquele momento precisava tanto de um abraço.

Ela sentiu um aperto no peito, assim quando sentia quando Ricardo a abraçava e ficava nos seus braços por alguns instantes. Talvez fosse a sua habilidade de mãe que estava surgindo dentro de si. A vontade de cuidar daquelas crianças, que apesar de Sérgio dar tudo que eles queriam, o amor de uma mãe era insubstituível. E o irmão não conseguia suprir isso com os dois.

— Desculpa. — Liana falou quando elas se desconectaram.

— A gente nunca pede desculpa por um abraço, Liana. É uma coisa tão boa que nós damos sem pedir, sem cobrar e muito menos se desculpar.

Liana assentiu e voltou a falar.

— Desculpa então por tudo que eu fiz. As roupas, a indiferença e...

— Está tudo bem, Liana. — Fernanda limpou o rastro de uma lágrima que escorreu do olho dela. — Amanhã é outro dia e nós recomeçamos do zero, ok?

Outro abraço demorado e mais um aperto no peito de Fernanda. Cada vez mais ela se apegava a essa família. E ainda tentava descobrir se isso era uma boa coisa ou não.

Capítulo 18

Fernanda entrou no mercado da família Chiarelli e logo foi surpreendida pelas funcionárias do caixa que a cumprimentaram e avisaram que Sérgio e Ricardo estavam dentro do escritório. Era só ela subir e aparecer na porta. E elas sorriram quando ela disse que estava lá para comprar algumas coisas mesmo.

Percorreu os corredores por entre as prateleiras, pegou um pacote de bolacha barato e uma garrafa de água e quando voltou ao caixa, para pagar, viu Sérgio escurado em um deles.

— Bem que eu vi que tu não estava no ônibus no horário de sempre. — Lentamente, ele serviu—se com a água quente da térmica na cuia. — Consigo ver ele passando e se tu está dentro dele.

Fernanda espantou-se com aquela novidade. Ficou parada olhando Sérgio que havia começado a tomar o chimarrão.

— Espero que não tenha te atrasado lá em casa arrumando as coisas.

— Não. — Ela recuperou os movimentos do seu corpo e respondeu colocando as compras em cima do caixa. — Não me atrasei por lá, só vou ficar pela cidade para a consulta amanhã.

— Ah, já tinha até me esquecido. Tenho que levar umas coisas a mais para casa então, para amansar as feras cedo.

Fernanda sorriu ao encarar Sérgio e o seu humor de sempre. Pensou em até narrar a conversa que ela havia tido com Liana há poucos minutos, mas preferiu não falar nada e começar a conversar com a menina aos poucos. Apostaria que se Liana soubesse que Fernanda havia contado para o seu irmão o que tinha acontecido com elas, as duas voltariam a estaca zero no mesmo instante. Então para não arriscar o pequeno passo que Liana tinha feito, guardou aquele segredo para si mesma.

Sérgio foi para trás do caixa, passou as coisas que Fernanda tinha comprado, ensacou e ficou olhando para ela e entregando a sacola plástica. De cabeça Fernanda havia feito as contas e quando abriu a sua bolsa velha para pegar as moedas que havia trazido. Sérgio a impediu.

— Não vou te cobrar isso, Fernanda. É um pacote de bolacha e uma garrafa de água, duas coisas que não se nega para ninguém.

— Mas eu estou comprando elas do mercado, eu tenho que pagar.

— Não precisa, aguentei o Ricardo falando sobre ti um bom tempo, e vendo ele sorrir, isso já vale bem mais do que essas coisas que tu está levando.

Fernanda hesitou, e Sérgio deu como a batalha encerrada. Pegou a mão dela, abriu e colocou a alça da sacola plástica com o nome do mercado estampado.

— Muito obrigado pela compra e volte sempre. — Disse ele ainda segurando a sua mão e a encarando nos olhos profundamente.

Com um sorriso modesto e um pouco ruborizada, Fernanda agradeceu com um sussurro e saiu levando a sacola com as coisas que havia pego.

Sérgio continuou olhando por onde ela saía e continuou olhando para a porta por onde

Fernanda havia passado por alguns incontáveis segundos. Sua mão estava com a sensação do toque sutil que ela havia dado ao pegar a sacola.

— Conheço esse olhar.... — Nara, a funcionária mais velha e responsável pela padaria do mercado olhava para Sérgio que se recompôs em menos de um segundo e voltou a tomar o seu chimarrão.

— De alguém que não vê a hora de fechar o mercado, ir para casa e dormir até o outro mês?

— Nenhum pouco desse tipo de olhar, Sérgio. — Ele terminou de tomar a sua cuia, encheu e passou para ela.

— E qual tipo seria? — A encarou sorrindo.

— Em breve eu falarei. Ainda é cedo demais para ti pensar nessas coisas.

Sérgio levantou-se e ficou olhando para Nara.

— Te conheço desde quando tu andava com as cuecas furadas no meio desses corredores. Não adianta fazer essa cara para mim.

— Velha enxerida. — Disse brincando, como sempre, e saiu para os eu escritório onde precisava terminar o seu trabalho de fechar as contas do mês.

Ricardo tinha feito a parte que sempre dava dor de cabeça, quase rindo e agora sobrava o mais fácil para que ele encerrasse. Mais um mês havia passado e o mercado estava a salvo. Sentiu-se orgulhoso por conseguir dar continuidade aos trabalhos do pai. No início havia dias que ele pensava que não conseguiria levar o mercado nas costas sozinho por tanto tempo.

Porém, apesar de tudo estar correndo perfeitamente bem, Sérgio ainda sentia falta de poder contar com alguém com quem pudesse confiar de olhos fechados na administração do mercado ao seu lado. Dividir um pouco o fardo que só ficava nas suas costas e começava a pesar demais.

Tudo que Sérgio queria, às vezes, era poder pegar as crianças e sair de casa por uma semana. Ou nem precisa sair, só o fato de poder dormir sem hora para acordar e não se preocupar se o carregamento de batata não veio estragado ou se tinha alguma coisa vencendo nos próximos dias no estoque. Um descanso para a cabeça e o corpo.

O seu pai tinha o dom de conseguir deixar as coisas calmas por uma semana e sair com toda a família para a paria em todo o verão. Uma habilidade que Sérgio pensava que conseguiria aprender rapidamente, e há cinco anos que não conseguia desenvolver. Ricardo e Liana já nem perguntavam mais quando é que poderiam ter umas férias de verdade, pois já conheciam a resposta do irmão mais velho.

O único passeio que eles conseguiam fazer era de sair no sábado no início da noite e voltar no domingo no mesmo horário. Iam para a capital aproveitar para passear um pouco ou então um dia na praia mais próxima para que eles desentocassem de casa um pouco. E mesmo assim, na segunda pela manhã, Sérgio estava mais casando do que nunca.

A única pessoa que reclamava disso sempre era Vanessa. Sérgio já nem contabilizava mais as viagens que ela planejava para os dois, e Sérgio não tinha a mínima chance de conseguir ir em nenhuma delas. Aliás, ele nem sabia como ainda conseguia cultivar algum tipo de

relacionamento com ela. Seus mundos, que um dia eram parecidos, hoje são dois extremos.

Ele terminou de fazer o fechamento das contas, encostou a cabeça na mesa e quase dormiu por ali mesmo. Só não fez isso porque Nara entrou na sua sala sem cerimônia nenhuma e disse que já estavam prontos para irem embora. Sérgio a beijou no rosto, só por essa boa notícia e ainda quase apanhou da antiga funcionária e amiga de sua mãe.

Fechou o mercado, pegou um cigarro e foi para casa fumando calmamente. Caminhou por entre as casas dos vizinhos, cumprimentando todos que encontrava no caminho, o dia estava quente o bastante para que as pessoas fossem para as calçadas com cadeiras para tomarem um chimarrão e conversar sobre o dia. Um hábito que as cidades pequenas ainda mantinham.

Parou para conversar com alguns, riu e descontraiu as tensões que acumulou durante o dia. Foi criado naquela região, e como Nara disse, todos o conheciam desde que corria com as cuecas furadas por entre os corredores do antigo mercado que o pai abriu. E todos naquela região da cidade sabiam como Sérgio trabalhava duro para manter o mercado em pé como o pai fez um dia. As conversas que se davam nesses dias, depois que ele passava pelas casas sempre eram as mesmas. De como era estimado pela população, trabalhador como o pai e um bom homem.

Seguiu o seu caminho, sem escutar as conversas sobre si e quando dobrou uma esquina encontrou uma pessoa sentada no chão em frente ao posto de saúde. Essa era uma cena que acontecia todos os dias quando fazia esse caminho de volta para casa e quando ia, de manhã cedo, a fila era bem maior, geralmente muito mais pessoas do que o número de fichas que o posto oferecia.

Tinha dias que a pessoa que estava na porta do posto desde a noite anterior era algum morador conhecido. Sérgio ainda parava e conversava com a pessoa por um tempo antes de seguir para casa e, ao seu aproximar mais, percebeu que a pessoa em questão era bem mais que um simples morador da cidade.

— Fernanda? — Ele chegou a afogar-se com a fumaça do seu cigarro. — O que tu está fazendo aqui?

Ela, que estava tão concentrada lendo um livro, nem percebeu a aproximação dele. Levantou os olhos, ainda mastigando as bolachas que há pouco tempo havia comprado do próprio Sérgio. Engoliu rapidamente e fechou o livro com uma das mãos marcando a página que estava lendo.

— Esperando o posto abrir para consultar amanhã. — Disse tão inocente que Sérgio chegou a rir.

— Isso eu percebi, só quero saber do porquê passar a noite aqui, na rua e sozinha.

— Não ia dar tempo de ir para casa, pegar o ônibus e conseguir ficha. A única solução é passar a noite aqui. — Ela continua olhando Sérgio que vai até a lixeira para colocar o final do cigarro no lixo.

— Eu pensei que tu fosse para a casa de alguém. Não que passaria a noite toda aqui sozinha.

— Estou lendo um livro que o Ricardo me emprestou. — Disse levantando a capa do livro velho.

— Por mais que a cidade seja tranquila, não dá para abusar assim. — Sérgio ralhou, pois sabia dos riscos que a cidade poderia oferecer. Sentia até hoje essas consequências.

— O último ônibus para casa já passou, e o meu patrão foi bem enfático em dizer que eu tenho que consultar com um médico para ver a saúde do meu bebê.

— Concordo com ele, mas não aqui é lugar para ti ficar, ainda mais sentada no chão, Fernanda! Vem — ele estendeu a mão para ela que ficou o olhando — fica lá em casa e sai na madrugada. Assim vou ficar mais tranquilo.

Ela tentou falar alguma coisa, mas no fundo também estava morrendo de medo de passar a noite sozinha na porta do posto de saúde da cidade. Acabou pegando na mão de Sérgio que a ajudou levantar do chão.

— Nem precisava ter falado comigo para ficar lá em casa. Tem um colchão naquela peça lá em baixo. Pode usar quando precisar ficar na cidade, ok? Não precisa nem me pedir uma coisa dessas.

— Posso acrescentar isso nas coisas que não se nega para ninguém? — Ela sorriu enquanto pegava a fina almofada que havia trazido de casa e socou dentro da sua bolsa velha.

— Deve!

Os dois caminharam mais um pouco até chegarem na casa de Sérgio. Conversaram sobre a chuva, mais calma dessa vez, que estava se armando e coisas que aconteciam na casa enquanto Sérgio estava ausente.

Ele gostava do jeito como ela comandava a sua casa sem que Sérgio precisasse se preocupar com mais uma coisa na sua extensa lista de afazeres. Uma coisa que todas as outras empregadas não comandavam e iam atrás da sua autorização toda hora. Chegava a ser inconveniente as milhares de ligações de casa para as coisas mais simples que pudesse ser. Agora, tudo se resolvia sozinho sem que Sérgio nem soubesse da maioria delas. Como o cano que havia estourado embaixo da pia e Fernanda havia arrumado sem nem o seu conhecimento.

Os dois entraram rindo pelo portão que Sérgio abriu e pararam de rir automaticamente quando os gritos de Liana encheram a casa.

— Seu retardado!

— Para, está me machucando! — Ouviram a voz abafada de Ricardo.

Entraram pela cozinha às pressas e quando entraram na sala encontraram Liana em cima do irmão com uma almofada no seu rosto.

— Isso é uma coisa normal que eu enfrento toda a tarde. — Fernanda disse baixinho a Sérgio que estava assistindo a cena da porta.

— Eu vou te matar! Aquele pedaço de bolo era meu! — Liana disse sem se dar conta dos expectadores.

Ricardo, por ser mais maior e mais pesado que a irmã, se desvencilhou da irmã que montou em cima dele novamente. Ela poderia ser menor, mas era bem mais ágil.

— Não tinha o teu nome no pote! — Ricardo ficou de braços no sofá e Liana nas suas costas ainda o batendo.

— Dá próxima vez vou lamber em cima dele para ninguém chegar perto daquele bolo! Está me escutando!?

— Ok, chega de briga os dois. — Sérgio adentrou na sala, segurando o riso e tirou Liana de cima do irmão do meio. — Podem me explicar o que está acontecendo aqui para vocês estarem se matando desse jeito?

— Ele comeu o último pedaço de bolo! MEU pedaço de bolo!

Ricardo levantou-se arrumando a camiseta e falou calmamente.

— Já disse que não tinha nome naquele pote. Se quiser eu vomito aqui no chão e tu lambe!

— Eu vou te... — Sérgio, antes de Liana tentar se avançar no irmão a segurou pelos ombros.

— Ninguém vai matar ninguém e muito menos vomitar. — Ele olhou para Ricardo. — Se o bolo era tão bom amanhã a Fernanda faz dois, um para cada um e acaba com essa briga. Quem vê vocês brigando assim pensa que não tem nada para comer nessa casa.

— Ela só vai vir amanhã à tarde! Não vai dar tempo e eu quero o meu pedaço de bolo!

Fernanda, ainda da porta começou a rir dos dois brigando por um pedaço de bolo e Sérgio tendo que apartar a briga dos dois, sem contar com o medo de ser atingindo junto. Ela já tinha visto inúmeras vezes os dois brigarem por comida e sabia como era quase uma guerra apartar os dois. Aprendeu que nada melhor do que inventar alguma receita mirabolante para que eles parassem de se engalfinhar e voltassem a agir como pessoas normais.

— Eu faço o bolo hoje à noite então! — Ela entrou na sala e os dois olharam para ela espantados.

Ricardo foi o primeiro a sorrir largamente ao ver a sua amiga a essa hora na sua casa. Já Liana, depois da conversa que elas haviam tido horas atrás, chegou a abrir um breve sorriso, mas se recompondo depois.

— Mas eu quero ajuda! — Fernanda disse e se caminhou para a cozinha onde os dois a seguiram.

Sérgio ficou na sala, juntando a almofada que Liana usava para matar o irmão sufocado e sentiu-se em casa. Leve e um pouco mais feliz por saber que teriam mais uma pessoa em casa essa noite.

Capítulo 19

A chuva começou a cair de mansinho enquanto Fernanda terminava de colocar o bolo, vulgo quase estopim de uma guerra dentro daquela casa, para assar. Ela olhou pela janela da cozinha e soltou um suspiro sabendo que se não fosse pelo convite de Sérgio para passar a noite na casinha ao lado, a essa hora estaria sentada no chão frio e provavelmente toda molhada. E a noite nem havia chegado por completo ainda.

Seus pensamentos foram atropelados quando percebeu outro princípio de tumulto entre Ricardo e Liana, seus ajudantes, que mais atrapalharam na hora de confeccionar o bolo. Agora a briga era pela cobertura.

— Acho que vocês dois já me ajudaram demais. Eu continuo daqui sozinha mesmo antes que vocês se queimem.

— Eu não acredito que vocês dois colocaram a Fernanda na cozinha. — Sérgio apareceu na cozinha usando uma roupa mais à vontade e os cabelos molhados do banho. — Se eu soubesse disso ia não tinha deixado ela nem aparecer aqui e a dito para ela ir direto para casa ao lado, descansando de vocês dois.

— Isso não é problema nenhum — disse Fernanda antes mesmo algum deles respondesse o irmão mais velho. — Assim já deixo as coisas adiantadas para amanhã.

— Só vocês dois mesmo para fazerem isso... — Ricardo e Liana continuaram a raspar o fundo de uma lata de leite condensado a qual Fernanda já suspeitava que ambos estavam ingerindo mais alumínio do que o doce em si. — Fernanda, deixa isso, vai descansar. E acho bom os dois já irem tomar banho para comerem o bolo.

Com muita relutância, gemidos e murmúros os dois subiram as escadas e foram para os seus respectivos quartos tomarem seus banhos. Pelo menos seria uns quinze minutos que Sérgio não se preocuparia com a possibilidade deles se engalfinharem por entre os cantos.

— Acho que quanto mais velhos eles ficam, mais crianças voltam a ser. — Ele disse se escorando na pia ao lado de Fernanda. — Não se agarravam tanto no pau antigamente.

— É coisa de irmãos. O Ricardo, apesar de ser mais velho e muito inteligente, ainda tem um pensamento de criança. E a Liana está naquela fase de poder adaptar a mentalidade para a idade que lhe convém para a situação.

Sérgio analisou a frase que Fernanda disse por alguns segundos e respondeu.

— Acho que eu não poderia colocar em palavras melhores para descrever os dois. — Concordou. — Mas quem realmente me preocupa é o Kado. Na idade dele a minha mentalidade era completamente outra. Nunca que eu ia passar as minhas tardes enfiado dentro dos livros e lendo aquelas revistas científicas que eu nem sabia que se vendia na cidade. Eu era mais dos gibis de super heróis e quando ia comprar com os meus amigos, nós ainda íamos escondidos naquelas sessões proibidas para a nossa idade.

Fernanda riu alto com a revelação.

— Tinha colegas que se fingiam de machucados e diziam que a bola estava em cima da árvore para as meninas de vestidos subirem para eles verem as calcinhas delas. — Disse entre os

risos.

— Sim! Essa era uma coisa que eu faria na idade do Ricardo sem pensar duas vezes na surra que eu levaria da mãe quando chegasse em casa. Brincadeiras inocentes, — ele parou encarou a Fernanda e no tom de brincadeira piscou — ou não.

Riram juntos por mais alguns instantes e Sérgio suspirou e desviou o olhar de Fernanda fechando o rosto para um semblante mais sério.

— Mas me tira o sono o estado de espírito dele. Depois que os nossos pais morreram ele se fechou demais. Só consigo ver o meu irmão mesmo em raros momentos hoje em dia. É como se ele não conseguisse mais ficar feliz e por mais que tentasse alguma coisa puxa ele para baixo novamente.

Fernanda entendeu com todas as palavras o que ele queria dizer. Via isso no Ricardo todos os dias. Aquela quase dependência afetiva que ele tanto demonstrava por ela chamava a sua atenção. Sabia que não era uma coisa normal a carência que ele transmitia e, por isso, não negava um minuto que fosse a atenção que dava para Ricardo todos os dias.

— Ele sempre me disse que era muito apegado aos pais. E eu nem consigo colocar em palavras o que ele deve ter sentido ao ver a cena do assalto e todo aquele horror. Tenho certeza que ele é o que mais sente nessa história por ter estado lá, visto e sentido. Acredito que ele não quer ficar triste todo esse tempo, só simplesmente não consegue afastar aquilo dele. Creio que as lembranças devem o impedir de ser o antigo Ricardo e ele tenta afasta-las estudando, lendo e fazendo as coisas que ele gosta. Uma forma de impedir de pensar no que aconteceu. Quando ele se sente livre e solto das lembranças é que o verdadeiro e feliz Ricardo volta à tona.

Ela abriu o seu coração a respeito de Ricardo tão serenamente. E quando se deu por conta, expandiu o assunto para Liana. Mesmo sabendo que a conexão entre elas ainda não tinha criado um vínculo tão forte.

— Já a Liana, como tu mesmo me disse, era a princesinha da casa. Mimada pelos pais de vocês pela história que eles passaram para que ela sobrevivesse. E eu entendo porque eles fizeram isso. — Deu um sorriso fraco, sabendo que se precisasse também faria certas escolhas pelo filho. Como já havia feito. — Ela era muito nova quando isso aconteceu, oito anos. De uma hora para outra ela passou de princesinha para a filha mais nova que só tem os irmãos para cuidá-la. E cá entre nós, os mimos de irmãos não são como de pais. Irmãos não sabem certos limites entre mimo e exagero.

— É, eu sei que exagero para compensar algumas coisas. E o Kado pela infância que eles dividiram mais do que comigo.

— Então. E tu ainda é irmão dela. Por mais que seja o guardião legal e tudo mais o que o papel pode dizer, ainda vai continuar o irmão. Aquele que vai mimar ela e não consegue distinguir o limite entre certas coisas. Claro que a Liana sabe os seus limites, tenta quebrar, mas nem ela mesma consegue. — Esclareceu Fernanda. Sabia que apesar de tudo, Liana não era daquelas crianças extremamente insuportável que fazia e acontecia dentro de casa e com outras pessoas. A sua rixa era somente com Fernanda, e ela nem considerava isso, pois entendia o que Liana pensava dela. Uma empregada que vinha para dar ordens e mais ordens, e ainda mexer nas coisas da sua casa. Coisas que para a sua cabeça em formação pertenciam a sua mãe.

Uma opinião errônea que Fernanda conseguia quebrar a cada dia que se passava. E depois

da conversa que elas haviam tido hoje pela tarde, sabia que boa parte estava destruída e sem forma de reconstruir.

— Eu sei que nunca foi conseguir ser mais do que um irmão para eles, e sei que precisam bem mais de mim do que eu posso oferecer. Mas eu cheguei a um ponto que não sei mais o que fazer. Tudo que eu faço por eles não parece suficiente para os ver felizes. — Admitiu Sérgio, a sua maior falha desde então.

Ouvindo tudo com uma atenção mais relacionada a emoção, Fernanda não conseguiu não se comover com as palavras sinceras de Sérgio. Ela via todo o esforço dele em fazer todas as vontades dos irmãos, desde os pedidos mais simples aos mais inusitados. E nada disso era o que eles realmente precisavam.

— Tu faz o teu melhor, Sérgio. — Ela falou francamente tocando o seu braço. — Mas, às vezes, o que eles precisam é bem mais do que tu pode oferecer, sim. O que a família de vocês passou é uma tragédia e deixou marcas bem mais profundas que as pessoas de fora podem ver e imaginar. Eu não me imagino passando o que vocês passaram. Não temos tantos anos de diferença assim e eu ainda conto com a minha mãe para tantas coisas. Quem dirá, tu, Ricardo e Liana, especialmente eles que ainda eram crianças quando tudo isso aconteceu.

Sérgio assentiu, sabendo que Fernanda falava uma coisa que era verdade. Ninguém sabia as marcas que aquele atentado havia deixado na sua vida e nas dos seus irmãos. E muitas delas não conseguiam entender, por mais que se explicasse. A família Chiarelli era unida, apesar dos últimos anos em que Sérgio se afastou, mas quando ele retornava para casa, sentia toda aquela união que só uma família poderia ter. O modo como a mãe cuidava dos seus filhos junto com o pai era uma coisa que ele nunca poderia suprir para os seus irmãos. Até por que, ele também era uma vítima e sentia falta de ambos até hoje. Principalmente nesses momentos. Eles saberiam como lidar com a personalidade forte de Liana e o distanciamento de Ricardo.

— Eles ainda estão aprendendo a lidar com tudo isso. Assim como tu. O tempo pode ser cruel nesse quesito e demorar a passar, mas eu tenho certeza de que um dia eles vão estar grandes, independentes e tu vai ver que todo esse trabalho para cuidar deles valeu a pena.

— Já está valendo. Apesar da Liana ser do jeito dele e o Kado tão diferente, não tenho o que reclamar deles. Ricardo é inteligente, até demais, — acrescentou rapidamente — e a Liana é uma ótima aluna também. Até já escolheu a profissão dela, odonto, e o Kado eu sei que vai ser alguma coisa que envolva números, cálculos e aquelas coisas que ninguém sabe na escola. Sei que os dois vão se saírem melhor que eu na faculdade e nunca vão se abandonarem. Apesar de quererem se matar nos dias de hoje.

— Isso é coisa de irmãos, já disse. — Ele sorriu quando ela repetiu a frase.

E quando Sérgio ia responder alguma coisa, o som alto demais invadiu a casa com um solo de guitarra.

— Acho que o período de calmaria na casa acabou. — Quase gritou para que Fernanda o escutasse.

O bolo ficou pronto logo depois que Ricardo e Liana desceram as escadas já de pijamas. Sérgio deixou eles comendo, desesperados o bolo ainda quente com leite gelado e foi até a sala onde o telefone tocava. Atendeu reconhecendo a voz de Vanessa e conversaram por alguns minutos.

Minutos e conversas tão diferentes do que ele havia tido com Fernanda momentos antes. Ele pensou nisso algum tempo depois, enquanto estava sentado no escuro do degrau da porta que dava para o pátio fumando o último cigarro do dia. Ele conhecia Vanessa há quase sete anos, ela esteve com ele nos momentos mais difíceis que alguém já poderia ter passado. A morte repentina e trágica dos pais, o desespero de não saber o que fazer, abandonar a faculdade e os amigos para voltar para casa, carregar nas costas sozinho o mercado e os dois irmãos e toda a complicação burocrática que isso tudo gerou. Lá estava ela ao seu lado segurando a sua mão. Mesmo que não estando de acordo com as decisões que ele tomava.

Por ela a situação se resolvia toda mais praticamente. A venda do mercado, o resgate dos valores do seguro dos pais, a internação dos irmãos no colégio bem longe e pronto. Era só continuar a vida como se nada tivesse acontecido. Apenas um ponto final na questão familiar sem direito a mais nenhum capítulo que fosse.

Apesar de todas as controvérsias entre os pensamentos, os dois continuavam juntos. Com visitas esporádicas que geralmente eram recebidas com hostilidade, principalmente por parte de Liana. E todo aquele estresse psicológico que acompanhava Vanessa sempre. As mesmas discussões, os mesmos tópicos, mesmas chantagens e tudo mais que ela havia se especializado durante os anos....

E agora, com menos de dois meses de trabalho, Fernanda conseguia colocar em palavras coisas que ele nunca tinha conseguido expressar para Vanessa. Da mentalidade dos irmãos, a fragilidade de Ricardo em alguns segmentos e o oportunismo de Liana de acordo com a situação que estava. Ela compreendia isso tão bem como ele. E, principalmente, sabiam como os dois agiam e o que causava todas essas coisas.

Enquanto Vanessa xingava Liana de tudo e mais um pouco, Fernanda conseguia encaixar uma explicação mais lógica para o que a menina passava. E quanto Ricardo, Vanessa o achava quase um deficiente mental e Fernanda colocava em palavras o sentimento de perda que ele sentia e não conseguia se expressar de outra forma a não ser a tristeza que eles tanto tentavam burlar. E se pegou fazendo essa comparação no meio da noite que ainda chovia calmamente enquanto fumava.

— Eu realmente deveria estar dormindo agora. — Murmurou para si mesmo enquanto se levantava no escuro. Já sabia fazer aquele trajeto no mais absoluto escuro.

Subiu as escadas, passou no quarto dos irmãos, para ver como eles estavam dormindo. Beijou os cabelos de Liana enquanto arrumava o seu cobertor, tirou o livro de cima de Ricardo para colocar ao lado na mesa de cabeceira e desligou o abajur.

Escovou os dentes, vestiu o pijama e quando foi abrir a janela para que o vento da chuva refrescasse o seu quarto viu a luz da casa ao lado desligar, aquela que Fernanda estava passando a noite. Ficou observando por mais alguns segundos e depois atirou-se na cama.

Fechou os olhos e antes de desligar a mente, continuou fazendo as comparações entre Vanessa e Fernanda até dormir.

Capítulo 20

Fernanda deitou-se na cama improvisada que Liana e Sérgio prepararam enquanto ela terminava de arrumar as coisas na casa principal. Mesmo com Sérgio pedindo para ela deixar as coisas como estavam. Ela estava cansada, o dia tinha sido bem agitado e cheio das surpresas, mas nem por isso ela deixaria a cozinha suja. Não custava nada para Fernanda terminar de lavar e arrumar as coisas. Assim seria uma coisa a menos para fazer amanhã.

O despertador, emprestado de Liana, já que ela nunca conseguia acordar quando ele tocava e precisava de uma mãozinha de Ricardo para sair da cama, estava tiquetaqueando perto da sua cabeça que ainda não conseguia desligar depois das conversas de hoje.

Ainda pensava em Sérgio e de como ele estava atento a cada palavra que ela falava enquanto abria o coração com as suas opiniões e conselhos sobre a sua família. Chegava a ser uma coisa quase que irônica ou hilária, ela ainda não tinha encontrado o adjetivo correto para aquela situação toda.

Teve momentos em que ela pensava que Sérgio se irritaria, a mandaria calar sua boca e se recolher aos seus simples atos de empregada. Era o que todos os seus patrões teriam feito. E no fundo, quando não conseguiu se controlar e falar todas aquelas coisas que ela vinha notando desde que começou a trabalhar ali.

E se expor desse jeito foi uma coisa idiota a ser feita, mas sentiu-se tão à vontade com Sérgio escorado, tão perto dela, e atento ao que dizia que quando percebeu, já havia dito bem mais do que sua posição naquela casa pedia. Tinha cruzado muitos metros a linha de relação patrão-empregada em uma simples conversa.

Teria que pedir desculpas a Sérgio assim que o visse amanhã. Fechou os olhos, colocou as mãos na barriga, e pensou se estava imaginando coisas ou a sua barriga tinha crescido desde que se descobriu grávida. Já estava com mais de dois meses de gestação e se perguntou quando que os sinais visíveis começariam a aparecer com mais evidências.

Fechou os olhos e acordou com o despertador gritando ao seu lado avisando que já estava na hora de levantar. O sol ainda nem fazia menção de aparecer no horizonte e apenas o vento que a chuva trouxe se fazia presente. Levantou-se vagarosamente, levantou o colchão que dormiu, dobrou as roupas de cama, vestiu-se e pegou a sua bolsa com aquelas bolachas e a garrafa de água. Saiu da casinha e percebeu a luz acesa da cozinha, coisa que ontem não estava acesa. Supôs que alguém havia ligado durante a noite e nem deu bola para o fato. Apenas quando estava no portão, com a chave na fechadura escutou o barulho da porta principal.

— Bom dia, ou noite ainda. — Sérgio falou animadamente e se postou ao seu lado. Mesmo no quase breu da noite ela percebeu o sorriso dele.

— Bom dia... — Disse ainda sem entender o que ele fazia acordado àquela hora.

Sérgio tomou a dianteira e abriu o portão dando espaço para Fernanda passar por ele. Fechou e começaram a andar pela calçada em silêncio, até ele ser o primeiro a quebrar isso.

— Hoje é dia de carregamento da feira. O caminhão chega cedo e como eu tenho que resolver algumas coisas, aí já aproveitei e vim cedo também. — Se justificou como se precisasse de alguma.

Fernanda quis comentar que cedo era uma coisa, agora madrugar era outra. Porém, decidiu ficar calada, e lembrou-se de se desculpar pelas coisas que havia dito ontem à noite. Esperou virarem uma esquina, tomou uma respiração forte e começou a falar.

— Queria me desculpar pela minha audácia ontem à noite.

Sérgio olhou Fernanda de cima, por ser mais alto que ela e percebeu a sua cabeça abaixada olhando para as pedras iluminadas pelos postes da rua em que caminhavam.

— Como? — Não entendeu a pergunta por estar pensando em como ele ficou girando e girando na cama durante a noite.

O sono disputava par a par com acontecimentos da noite passada. E foi isso que fez ele pular da cama tão cedo. Ela parecia que tinha espinhos e não deixavam que ele descansasse decentemente. Então para que ficar lá se havia tantas coisas para resolver hoje no mercado? Levantou, se arrumou e saiu junto com Fernanda, assim já deixava ela na porta do posto de saúde acompanhada dos prováveis pacientes que iriam chegar para conseguir um atendimento.

Era unir o útil ao agradável. Ou assim ele pensava que fosse...

— Pelas coisas que eu falei — repetiu Fernanda. — Coisas que eu analisei por ficar na casa e observar vocês. Foi muita audácia minha falar aquelas coisas. Não tinha o direito de me intrometer assim, mais ainda, na vida de vocês.

Ela disse tão ressentida que Sérgio percebeu que ela estava realmente arrependida da conversa que eles tiveram ontem. Aquela mesma conversa que Sérgio surpreendeu-se em ver alguns aspectos da sua vida, tão singelos que somente uma pessoa de fora conseguia perceber.

E agora ela estava se desculpendo por isso?

Sérgio começou a rir. Literalmente desatou a rir no meio da rua. Fernanda parou e ficou olhando para ele rindo no meio da rua, um pouco desconfiada e até mesmo assustada com aquela reação. Quem na vida pede desculpas por alguma coisa e recebe como resposta risadas no meio da rua em plena madrugada.

Sérgio terminou o seu acesso com um suspiro e olhou para ela sorrindo. Notou os olhos arregalados de Fernanda e a sua postura, agarrada aquela bolsa velha que ela tinha e se recompôs.

— Desculpas não aceitas, Fernanda. — Disso isso de uma forma tão genuína que os olhos dela conseguiram se arregalar mais ainda do que já estavam.

Sérgio pensou que ela fosse sair correndo depois que disse aquelas palavras. E uma ponta de arrependimento surgiu no seu peito como uma dorzinha chata e aguda. Se aproximou dela, segurando pelos seus cotovelos, quase invadindo o seu espaço pessoal. Suavizou a voz e sentiu um arrepio passar pelo seu corpo, milímetros de distância do dela. Uma zona que o perfume dela invadia sua respiração e fazia com que ele tivesse vontade de sentir de mais perto ainda.

— Não desculpo porque não há nada para se desculpar. — Sentiu os braços de Fernanda afrouxarem um pouco a tensão. — Tudo aquilo que tu me disse ontem eu já sabia ou então já começava a imaginar que era verdade. Faltava só alguém de fora, que conhece tão bem a nossa rotina, me falasse.

Ele deu um passo para trás para que Fernanda voltasse a ficar mais relaxada. Foi apenas poucos segundos, mas aquela proximidade repentina poderia ser a peça principal para que ambos se sentissem diferente.

Fernanda deixou de ficar na defensiva e relaxasse novamente. Por alguns instantes viu tudo por água abaixo. O apego com Ricardo e também em Liana, o plano de trabalhar até conseguir aguentar o máximo que puder para ter dinheiro para o seu bebê e todos os planos que ela tinha em mente. Tudo jogado fora por falar demais e não saber o seu lugar como empregada naquela casa.

— Te assustei, não foi? — Sérgio assumiu um semblante mais relaxado.

— Muito. — Ela enfim falou, sentindo o seu coração acelerado voltar aos batimentos normais.

Eles recomeçaram a andar devagar.

— Mas foi como eu disse. Não precisa te desculpar por isso, bem pelo contrário. Eu que tenho que te agradecer por me falar aquelas coisas. É bom saber que posso ter alguém com quem contar e que presta atenção nos meus irmãos enquanto eu não estou em casa. É quase como se tirasse um pouco do peso das minhas costas. Não me sentia relaxado o suficiente com as outras empregadas em relação a isso como eu fico contigo.

— Já disse que gosto de trabalhar ali. Me dou bem como o Ricardo e sei que ainda vou ter o mesmo relacionamento com a Liana em breve. E não me perdoaria se tu ficasse irritado comigo por causa do que eu falei e não saber o meu lugar.

— E qual seria o teu lugar? — Questionou ele, quase no mesmo tom de curiosidade que Ricardo tinha.

Fernanda deu alguns passos em silêncio enquanto pensava na resposta que daria para Sérgio.

— Sou uma empregada. Meu lugar é limpando e organizando a casa, não dando a minha opinião sobre os moradores dela.

Eles pararam em frente ao posto de saúde onde poucas pessoas já formavam a fila para o atendimento. E quando ela mudou a sua rota, Sérgio a segurou pelo braço e os dois olhares se cruzaram.

— Teu lugar naquela casa não é esse. Pode ter certeza, Fernanda. Tua chegada é como uma luz para todos nós e eu tenho certeza de que tu tem muito o que brilhar ainda.

Fernanda ficou parada enquanto ele se despedia e seguia o seu caminho em direção ao mercado. Ao dobrar a esquina Sérgio enfiou a mão dentro do bolso e puxou a carteira de cigarro e o isqueiro. Nada melhor do que começar a trabalhar já calibrado.

Se trancou dentro do mercado e começou a trabalhar como um condenado. Notas, carregamentos, entregas, salário dos funcionários e tantas coisas mais. Um tipo de fuga para não parar e recomeçar a pensar em Fernanda e nas palavras que ela havia dito.

Como ela conseguia fazer isso em um trajeto tão simples como de casa até aqui? Realmente era uma façanha e tanto!

Focou no trabalho e só parou quando os primeiros funcionários começaram a chegar. Ajudou a descarregar a carga da feira e a colocar as caixas nos mostruários. Correu até a casa para dar café para os irmãos com pão quente e a achou tão quieta ao não encontrar Fernanda já trabalhando tão cedo.

— Já estamos atrasados! — Ricardo falou como se fosse o fim do mundo. — Liana! — Gritou para a irmã que ainda estava escovando os dentes no andar de cima.

— Já vou! — Respondeu a irmã, já irritada.

— Que horas a Fernanda volta? — Ricardo olhou para Sérgio que ainda comia alguma coisa que havia sobrado. — Ela vem hoje à tarde?

— Não tinha nenhuma grávida lá no posto quando ela chegou. Que eu tenha visto. Deve ser uma das primeiras e quando vocês chegarem ela já deve estar aqui.

— Certo. Vai precisar de mim hoje?

— Não sei. Depende de como vai ser o movimento do mercado. Mas acho que não. Quero ir lá levar as doações que recebemos para os vizinhos da Fernanda.

— Posso ir e voltar dirigindo?

— As estradas ainda não estão boas, mas no final de semana te levo para algum lugar melhor.

Liana finalmente desceu as escadas e ela e Ricardo saíram com as mochilas nas costas, conversando, e por incrível que pareça, não estavam brigando. Chegaram na escola ainda com alguns minutinhos de folga. Liana correu para junto das suas amigas deixando o irmão perto da porta da sua sala de aula.

Sozinho no corredor, Ricardo não percebeu a chegada de alguns colegas que zombavam dele vindo do outro lado. Quando percebeu já era tarde demais para fugir. E ele aprendeu na pele que fugir não era a melhor saída para esses casos.

Simplesmente respirou fundo e se preparou para aguentar todas as piadas sem graça envolvendo a morte dos seus pais e outras coisas que não o agradava nenhum pouco.

Capítulo 21

— Oi! — Ricardo apareceu na porta com um meio sorriso no rosto. — Pensei que fosse ficar a tarde toda fora hoje.

Fernanda terminou de secar as mãos e sorriu para Ricardo.

— Era só mostrar os exames. Foi bem mais rápido do que as consultas normais. Ahhh, e escutei o coraçãozinho.

E que emoção!

Depois de esperar as datas para conseguir fazer todos os exames que a médica havia pedido para ver se tudo estava bem com o bebê, finalmente Fernanda conseguiu entregar todos. Foi mais uma noite dormindo sozinha dentro daquela casinha depois da Liana pedir para ela fazer pizza caseira.

Outra madrugada na fila do posto para depois de estar na consulta ela não durar mais do que míseros cinco minutos, até porque ainda haviam muitas gestantes para atenderem ainda naquele turno.

Fernanda já nem pensava mais nesse trabalho todo. E nem deu continuidade ao assunto quando Sérgio criticou o serviço público de saúde para com as grávidas da cidade. Tudo era alegria para Fernanda sabendo que o seu bebê se desenvolvia perfeitamente dentro dela.

— Cerca de 150 batidas por minuto?

— Não cheguei a ter tempo de contar de tão emocionante que foi, tão quanto ver aquela foto da ecografia e...

— Hey! Porque vocês estão conversando sobre a consulta sem eu ter chegado aqui! — Liana apareceu com uma cara de poucos amigos e olhou para os dois.

— Desculpa! — Fernanda sorriu para Liana. Que ainda encarava o irmão daquele jeito mortal, como os irmãos sempre se encaram.

A relação das duas estava cada vez melhor. O guarda-roupa de Liana já não parecia que o diabo da tasmânia havia visitado todos os dias. O silêncio foi quebrado no início em pequenas conversar, algumas risadas e hoje já chegaram a outro patamar.

— Eu falo tudo de novo sem problema!

Fernanda contou as novidades que já havia adiantado para Ricardo e narrou as novas para os dois que ouviam atentamente. A perspectiva da chegada do bebê deixava os dois calmos e sonhadores por algumas horas. Eles embarcavam nas histórias sonhadoras de Fernanda para o futuro do seu bebê e ali ficavam horas e horas sonhando e rindo juntos.

E em uma dessas horas de brincadeira, Ricardo havia questionado Fernanda sobre o pai do bebê. Pela primeira vez em semanas que ela não pensava no filho dos seus antigos patrões, aqueles que nunca lhe deram nenhum pouco de crédito ou palavra para se defender do que havia acontecido. Uma coisa tão linda e amada para Fernanda e vista por eles como uma coisa suja e que precisava ser eliminada de uma forma ou de outra.

Naquele dia, perante os olhares curiosos de Liana e Ricardo, ainda tão inocentes das

armadilhas que a vida pregava em jovens tão cheios de sonhos e esperanças, Fernanda ficou com o coração na mão.

Teve que respirar fundo e medir muito as palavras para explicar para os dois o que tinha acontecido. Colocar em palavras o inexplicável ao olhar de ambos. E, acima de tudo, narrar os passos da derrota que lhe trouxe para casa e de como ser bem recebida por ele nessa casa a ajudou a encarar tudo novamente.

— Nem todas as histórias têm finais felizes. — Começou ela depois de pensar um pouco. — E a minha nem é tão bonita e digna de ser escrita como aquelas que lemos. — Ela olhou para Ricardo e piscou, já que a lista de livros que ambos leram e discutiram só aumentava. — Porém, aconteceu comigo e eu espero e sei que nunca vai acontecer com vocês dois.

O seu olhar focou-se especialmente em Liana. Lembrou da época em que tinha a idade dela e sonhava em construir a sua família como num conto de fadas. Mesmo ela sabendo que a onda dela é bem diferente da que Fernanda possuía naquela época. Mas todo o cuidado é pouco e nunca é tarde demais para dar mais uma reforçada nos conselhos.

Ela poupou os ouvidos deles com detalhes insignificantes. Apenas disse que trabalhava em uma certa casa na capital e que por lá encontrou um rapaz e ela pensou que estava apaixonada por ele e que o sentimento era recíproco. Com o descobrimento da gravidez tudo havia sido revelado e o seu destino mudado por completo.

— Então ele te abandonou? — Ricardo perguntou tão baixo que quase não se conseguia ouvir. Fernanda assentiu que sim, e sem tocar no assunto do aborto.

Aquele era um assunto que ela nem fazia questão de lembrar e nem de comentar. Ainda não conseguia entender como o desespero havia a levado até lá. Nunca iria se perdoar se seguisse com essa ideia absurda adiante.

— Mas se eu vejo esse cara na minha frente eu dou um soco no nariz dele e quebro! — Liana, ao contrário do irmão, deixou sua opinião bem clara e audível para todos os vizinhos.

— Não vai ser preciso porque ele nem sabe onde eu moro ou vai vir me procurar. Eu vim para cá e vou ter o bebê aqui. — Colocou um sorriso no rosto e tentou espantar a tristeza que havia se instaurado no ambiente, mesclando com a raiva que Liana ainda estava sentido naquele momento.

Por alguns momentos o assunto perdurou, Fernanda ainda respondia a perguntas dos dois. Se ela seria mãe solteira, e o bebê teria só o seu sobrenome e como ele ficaria sem pai.

— O meu morreu cedo e eu tive a minha mãe para fazer o papel dos dois. Acho que vou me sair bem também.

— Claro que vai! Lembro que a mãe vivia dizendo que o pai só servia para estragar nós três. Não vai fazer falta mesmo! — Liana falou tão incisa, como se homem nenhum no mundo era preciso para a humanidade que Fernanda chegou a sorrir com a sua declaração.

Ricardo que ficou mais quieto, como sempre, pensando sobre o assunto. Liana já emendou outra conversa, como se não fosse nada e minutos depois saiu para se arrumar, já que eles teriam aula de inglês em breve.

— Não acredito no que a Li falou — murmurou ele ao saírem pela porta. — Meu pai era

importante para mim.

— E ainda é, Ricardo. Nunca duvide disso. Ainda penso no meu até hoje e sei que vou fazer isso até os meus últimos dias. — Ele apenas respondeu com um meio sorriso.

— E também sei que as mães têm ligações maiores com os filhos, ainda mais por causa da gestação e amamentação. Li isso em algum livro de biologia. Até os animais, as fêmeas protegem os filhotes dos ataques de predadores e...

Ele calou, mas não precisou terminar a frase. Fernanda sabia muito bem do que Ricardo estava falando. A mãe de Ricardo havia o protegido durante o assalto. Levado um tiro fatal ao se colocar entre o assaltante e o seu filho.

— Todas as mães fazem certos sacrifícios, Ricardo. Até eu já fiz e ainda faço alguns para proteger o meu. É o nosso papel, emprestar o nosso corpo por nove meses e depois o coração para sempre. Uma vez mãe, sempre mãe. — Eles continuaram a caminhar até Fernanda parar para arrumar alguma coisa e Ricardo continuar para pegar as suas coisas.

E desde aquele dia, Fernanda pensava mais nos sacrifícios que ela nomeara como tal tudo aquilo que estava fazendo pelo seu bebê. Porém, chegou à conclusão que nada foi tão brutal como o sacrifício que a mãe dos três havia feito pelo seu filho. Dar a própria vida em troca da vida dele. Esse sim era o papel de uma mãe de verdade.

— E quando vamos saber se vai ser menino ou menina? — Liana perguntou quase que em cima de Fernanda, a assustando e a trazendo de novo para a realidade.

— Talvez na próxima ecografia. — Fernanda respondeu.

— Que pode ser daqui a mais de três meses! Não vou aguentar até lá! — Ricardo disse revirando os olhos.

— Como? A criança vai nascer até lá! Preciso saber disso semana que vem! No máximo no início do mês!

— Então é melhor vocês conversarem com ele — e apontou para a pequena saliência que ela já achava a maior barriga do mundo — para que fique na posição certa e não brinque de esconde-esconde dentro de mim. Tinha uma grávida lá no posto, já nos últimos dias e o bebê ainda não tinha se revelado!

— Não! — Liana quase pulou em cima da mesa. — Eu e o Kado apostamos um CD com isso!

— Já disse que é um menino!

— Não vai ser menino! Vai ser menina! Para mandar em todos vocês!

Fernanda se encantou com os dois discutindo e nem percebeu a porta se abrindo e o Sérgio entrando.

— E a minha opinião, não conta?

— Não! — Liana disse antes mesmo que Fernanda pudesse responder. — Tu vai dizer menino e aí eu fico em desvantagem, já que para a Fernanda tanto importa o que vier.

Sérgio colocou as mãos na cintura e olhou para a irmã de cima abaixo.

— Mas vai te deitar, antes que eu me esqueça! Vai ser menino e ponto final!

Ricardo começou a rir, ainda mais quando Liana subiu na cadeira e encarou Sérgio de cima. Os irmãos, o mais velho e a mais nova se encararam como dois cães raivosos separados por um portão invisível. Só que Liana nunca leva em consideração que Sérgio a levanta sem fazer esforço nenhum. Muitos dias carregando caixas e mais caixas de mercadorias deixam qualquer pessoa preparadas para qualquer adversidade.

Inclusive virar a irmã de cabeça para baixo e segurar ela pelas pernas.

— Ela acabou de almoçar! — Fernanda tentou intervir quando Sérgio começou a sacudir a Liana como se ela não pesasse mais do que uma folha de papel, ou um bela compra no mercado que ele carregava no ombro sem reclamar. — Se vomitar no meu chão eu vou fazer os três limparem!

— Eu estou sentado e quieto aqui! — Ricardo defendeu-se quase gritando para conseguir responder sobre os gritos de Liana e a risada de Sérgio.

Fernanda e Sérgio conseguiram se aproximar mais. Como ele disse, a luz de Fernanda ainda iluminaria muito aquela casa. E quem visse de fora, conseguia captar essa energia. O riso era bem mais frequente, as brigas entre os irmãos quase não passavam de meras bobagens, coisas quase insignificantes perto das que eles travavam.

Tudo estava se encaixando perfeitamente. Ou assim eles pensavam, já que ainda havia muito o que acontecer por entre aqueles muros que cercavam a casa da família Chiarelli.

Capítulo 22

Vanessa sentia-se à vontade com a sua nudez, e nem estranhava a parcial de Sérgio enquanto o observava fumando pela janela do quarto.

Ela estava emburrada, como sempre. Chegou sobre mau tempo na pequena cidade, imaginando todas as coisas que deixaria de fazer na capital para ficar enfurnada dentro de casa com aqueles dois pivetes incomodando nos seus ouvidos.

E agora, para o seu calvário ficar pior, Sérgio lhe largou a bomba.

— Um baile! — Ela exclamou ironicamente.

— Sim, — Sérgio tragou mais um pouco e expeliu a fumaça pela janela. — No CTG, a rigor. — Adicionou.

Se não estivesse de frente para a janela teria visto Vanessa revirando os olhos para suas costas.

— Eu prometi para eles que os levaria. — Concluiu.

— É só dizer que está com dor de cabeça ou sei lá, inventa alguma coisa. Já basta aquela vez que eu fui naquela casa caindo aos pedaços e sai fedendo a fumaça, sem contar no banho de bebida que tu me deu!

Sérgio riu e segundos depois sentiu alguma coisa sendo jogada nas suas costas.

— Não posso fazer isso com os dois. É uma das poucas coisas que podemos fazer os três juntos. E eu quero ir no baile também, faz tempo que não vou em um.

Ele se virou e ela o encarava da cama, com os lençóis revirados, travesseiros e roupas espalhadas no chão. Apagou o cigarro, caminhou e deitou-se ao seu lado na cama. Deixando o ambiente e a casa no silêncio absoluto da madrugada.

— Algum vestido de prenda da Li deve servir em ti, ou então vai até a casa que vende e vê se tem algum do teu tamanho.

— Não vou me vestir como uma palhaça naqueles vestidos horríveis.

— Então vai ficar em casa. — Disse Sérgio virando de lado e pegando o seu travesseiro do chão.

Vanessa fechou os olhos e quase começou a contar até mil. Ao invés disso, lembrou do dinheiro que a família de Sérgio tinha no banco e como já deveria ter rendido até os dias de hoje. Até valia a pena se vestir como uma caipira idiota e sair fedendo a fumaça. Segunda teria que tirar o dia no salão de beleza para tirar todos os resquícios daquela casa e final de semana do seu corpo.

Mas isso era por pouco tempo. O outro irmão estaria indo para a faculdade em breve e a mal-educada só mais dois anos depois. E quando Sérgio estivesse livre desses encostos, ela conseguiria virar a sua cabecinha rapidamente. Faria com que ele vendesse aquele mercado precário e se desfizesse de todas as coisas que o ligassem a essa cidade imunda que nem sabia o que era um asfalto.

Um casamento fajuto, alguns anos burlando alguns papéis e colhendo algumas assinaturas alheias e pronto! Todo o dinheiro da família numa conta aleatória e tudo seria seu!

Refletindo por esse ângulo, ela aproximou de Sérgio e beijou o seu pescoço.

— Tudo bem! — Falou enquanto ele se virava.

Sentiu-se em cima dele, olhando nos seus olhos e disse algumas coisas idiotas, mas que sabia que o faria satisfeito e o seduziu. Para Vanessa, Sérgio poderia ser um pamonha, mas pelo menos na cama se garantia. E isso ela ainda conseguia aproveitar sem sentir nojo.

O sábado chegou e quando Fernanda abriu a porta da frente e viu o carro diferente estacionado na garagem suspirou. Ela e Vanessa não tinham o mesmo relacionamento do que com o resto da família.

Por alguns motivos, altamente egoístas e prejudgados, Fernanda não conseguia entender como Sérgio pudesse se relacionar com Vanessa. Eram visivelmente o oposto um do outro. Enquanto Sérgio era brincalhão e justo, Vanessa era daquelas pessoas que achavam que os empregados eram quase como escravos, e de preferência, nem olhassem para os lados ou dirigisse a palavra aos patrões.

O máximo aceitável era um pedido de desculpa por algum serviço mal fez ou algo esquecido.

Da última vez que Vanessa havia passado o final de semana, ela havia feito Fernanda lavar o banheiro três vezes, e ainda dizer que ela tinha que melhorar muito para que continuasse trabalhando naquela casa. Fernanda saiu de lá no último suspiro para pegar o seu ônibus para casa.

Guardou as suas coisas, suspirou fundo enquanto prendia os cabelos e arregaçou as mangas para começar a trabalhar.

Ficou nos bastidores o máximo de tempo que conseguiu. E depois que Ricardo e Liana acordaram foi que conseguiu relaxar mais com a presença dos dois ao seu redor. Mas nem por isso deixou de notar o modo como Vanessa olhava para Liana como se ela fosse uma ameaça constante e com um certo asco para Ricardo, principalmente depois que ele começou a mexer no motor do carro antigo e ficou todo sujo de graxa.

Os dois estavam animados. Quase que contando as horas para o tal baile que teria no CTG de comemoração da abertura da temporada de internadas artísticas. O circuito era longo e o prêmio de melhor grupo de dança de cada faixa etária era almejado por todos. Os ensaios estavam se tornando quase que exaustivos, tanto que para não ficar lá parada, Fernanda deixa Ricardo e Liana e volta para casa para depois ir busca-los, ou até mesmo Sérgio no final do expediente.

E hoje tinha o tão esperado baile de comemoração e boa sorte para os casais que dançavam. Música, churrasco, risos e amigos. E para Ricardo e Liana, era como se fosse o evento mais esperado de todo o ano! Quase como um grito de liberdade, onde um adolescente de quinze anos e outra de treze iriam para um baile de adultos e voltariam para casa só quando a festa acabasse.

Por isso de toda a expectativa dos dois. Fernanda já estava tão ansiosa como os dois,

mesmo sabendo que na hora do baile ela estaria em casa, deitada e conversando com o seu bebê por baixo das cobertas. Ficaria sabendo de cada detalhe do baile na segunda. E seguiria pela semana toda escutando os acontecimentos narrado pelos dois.

Ao pegar a sua bolsa velha para ir embora, percebeu Vanessa, com toda a sua pompa dentro da pequena casa observando os móveis como se procurasse a menor falha que tivesse e colocasse a culpa em Fernanda. No momento em que o olhar das duas se cruzaram, Fernanda automaticamente assumiu uma personalidade submissa. E ficou à espera de ordens.

Vanessa abriu um sorriso presunçoso, sabendo que naquela casa era ela quem mandava e esperava que a sua ordem era lei e deveria ser obedecida sem pestanejar.

— Preciso disso, — e jogou um vestido na altura do peito de Fernanda que quase não conseguiu pegar a tempo antes de cair no chão — limpo, sem esse cheiro de mofo e bem passado para daqui a pouco.

Fernanda olhou para o vestido gigante que estava segurando e abriu a boca para falar alguma coisa.

— Alguma dúvida quanto essa tarefa tão simples? Ou será que eu vou ter que desenhar o teu trabalho?

— Meu ônibus.... Sai em menos de quinze minutos. — Murmurou ela, já que viu Vanessa sem fazer nada o dia todo. Porque logo agora que ela estava saindo?

— Não é meu problema.

Vanessa olhou para Fernanda como se não entendesse a ousadia dela em querer argumentar alguma ordem sua. Além de aguentar Sérgio e sua cabeça pequena, os dois pirralhos que passaram a tarde toda fazendo barulho dentro de casa enquanto ela tentava descansar, ainda tinha que aguentar essazinha da empregada.

Realmente Vanessa estava se superando nos últimos tempos para aguentar tudo isso. Saiu batendo a porta com tanta força que duvidava que a empregadinha pudesse abri-la novamente. Talvez tivesse que sair por entre uma das janelas ou ficar por lá mesmo. Ninguém notaria a ausência de uma insignificante assim.

Com o barulho alto da porta batendo, Fernanda levou um susto. Colocou a mão na barriga, protegendo o seu bebê de pessoas como Vanessa e o acalmando pelo susto do barulho alto. E largou a sua bolsa velha para começar a trabalhar.

Com a mãe trabalhando de lavadeira, por sorte, ela conhecia alguns truques que a ajudariam a fazer aquele trabalho rápido. Não tão rápido a ponto de conseguir embarcar no último ônibus de volta para casa. Os horários de sábado eram bem mais escassos do que nos dias normais. Teria que encarar uma longa caminhada, que já começava a ficar cada vez mais difícil com o peso que havia adquirido com a gravidez.

Fez uma mistura de materiais de limpeza, mais um ingrediente secreto que sua mãe usava, umedeceu o vestido de prenda que Vanessa tinha conseguido e o colocou para secar na secadora de roupas para agilizar o seu trabalho.

O vestido era um dos mais bonitos que ela já havia visto. Com as cores se harmonizando e os babados tão delicados e perfeitos que Fernanda imaginou uma mulher alta e bonita usando,

junto com uma trança costurada comprida e um aplique de flores nos cabelos.

Levou mais tempo do que esperava para desamarrotar o vestido com o ferro. Os babados poderiam ser lindos, mas davam um trabalho imenso para deixar em ordem e sem nenhum vinco que fosse. Depois de terminado, o cheiro de mofo e guardado longe do requintado tecido e milimetricamente liso, Fernanda o colocou em um cabide e com muito cuidado deixou dentro do guarda-roupa de Sérgio ao lado da pilcha que ela já havia cuidado bem mais cedo naquele dia, junto com o vestido de Liana e a indumentária de Ricardo, que passou boa parte da tarde lustrando suas botas e as do seu irmão.

Ao descer as escadas, sentiu o olhar de Vanessa nas suas costas e seguiu o seu caminho. Já havia deixado sua bolsa e a casa ao lado fechada, para que largasse o vestido e saísse correndo de lá. Pela primeira vez fechou o portão da casa Chiarelli com ânsia de ir embora o mais rápido possível. Vanessa a fazia sentir mais desconfortável do que nunca e não queria se sentir assim e muito menos deixar o seu bebê exposto a prepotência exacerbada de Vanessa.

Na segunda feira se desculparia pela saída abrupta com Liana e Ricardo com um bolo gigante e tempo de sobra para escutar as histórias do primeiro e grande baile dos irmãos. E com isso esqueceria do que havia passado com Vanessa.

Começou a sua longa caminhada de cabeça baixa não notou uma pessoa parada na sua frente, tanto que só percebeu quando estava quase esbarrando nela.

— Amanhã é domingo e não tem consulta médica no posto, por que está saindo de casa agora? — Sérgio falou já com os braços cruzados esperando a resposta. — Teu ônibus saiu há mais de uma hora e não tinha motivo para ter ficado lá em casa até agora.

Pega de surpresa e se xingando um pouco por não ter dobrado na esquina passada Fernanda não conseguia responder.

— Não me diz que os dois fizeram uma bagunça enorme e tu só te livrou agora? Me diz o nome e sem acobertar eles como da última vez.

Sérgio riu lembrando do ocorrido com um atraso de meia hora para saírem para o curso de inglês e perderem a aula. Os três ficaram em silêncio quando interrogados, não colocando e nem tirando a culpa de ninguém. Um crime perfeito em que todos saíram ilesos e prontos para outra.

— Eu estava arrumando as roupas para hoje à noite e...

— Como arrumando se a Liana escolheu o vestido antes de ontem comigo e o Kado opinando e nós dois não fazemos desfile de moda por causa de uma camisa branca e uma bombacha... Ahh, já entendi.

Fernanda engoliu em seco. Poderia ter cruzado muitos metros a linha entre patrão-empregada com Sérgio, mas com Vanessa, a linha era bem marcada e com ampla distância entre as duas.

A situação até fez Sérgio pegar mais um cigarro. O modo como Fernanda se fechou e desviou o olhar explicou tudo. Vanessa tinha o dom de conseguir intimidar as pessoas com um simples olhar. Quanto mais humilde e simples a pessoa, mais Vanessa exercia o seu “poder”. Ele acha uma coisa completamente desnecessária, ainda mais quando ela ficava rindo das pessoas que tratava mal.

— Não precisa me explicar nada, eu vou te levar em casa.

— Obrigada, mas não te incomoda por isso, eu já estou acostumada com o trajeto.

— Pode até estar acostumada, mas não quando estava grávida. A culpa disso ter acontecido é minha e eu vou arrumar.

Sérgio falou e começou a retornar para casa. A chegada repentina de Vanessa, o descaso dela com os seus irmãos e também as ironias relacionadas ao evento da noite já tinham deixado Sérgio fora da sua zona de conforto com ele. Mas fazer que Fernanda, uma funcionária sua, fosse tratada dentro da sua própria casa com descaso já era outra história e bem mais perigosa do que ela poderia imaginar.

Capítulo 23

Fernanda teve que dar uma corridinha para conseguir alcançar Sérgio que disparava no rumo de casa.

— Espera! — Apelou ela colocando a mão no seu ombro e fazendo com que ele parasse e a encarasse.

Ela ofegou, colocando a mão no coração que havia dado uma pequena disparada com a corrida e se pôs a falar rapidamente.

— Não precisa me dar uma carona. Vai atrasar todos os planos dos dois para o baile e eu não quero ser esse motivo. Se estiver tudo bem por ti, eu fico na casa ao lado sem incomodar ninguém, nem saio de lá e amanhã cedo eu pego o ônibus para casa.

Sua mão ainda repousava no ombro de Sérgio.

Realmente ele precisava parar de bancar o seu herói no cavalo branco. Tudo que era problema que Fernanda enfrentava, lá estava Sérgio para salvar o dia ou com alguma ideia para a poupar de alguma coisa desgastante.

Se ele quisesse ajudar, já faria muito em ceder um lugar para ela passar a noite em segurança. Mas leva-la em casa, Fernanda não poderia aceitar de maneira nenhuma. A situação já estava ficando constrangedora.

Ela retirou a mão do ombro dele e silenciosamente eles seguiram o caminho de casa. Sérgio, ainda fumando, ficou alguns passos à frente e entrou em casa sem nem olhar para trás. Fernanda fechou o portão atrás de si e caminhou para a casa ao lado onde sentou-se à mesa e abaixou a cabeça sobre os braços.

Sérgio passou na sala, encontrou Ricardo e Liana jogando vide-game e rindo de alguma coisa que havia passado no jogo alheio a sua atenção.

— A Bia vai com os pais dela — disse Liana sem desgrudar os olhos da TV — não vou conseguir trançar o meu cabelo como eu queria, será que tu....

— A Fernanda vai passar a noite aqui, vê se ela não pode te ajudar. Tu reclama que eu sempre puxo demais os teus cabelos.

— E que eu faço errado. — Ricardo concluiu, tão vidrado no jogo como a irmã.

— Isso. E cadê a Vanes....

— A vaca loira está no quarto, hoje foi uma tarde boa, só quis quebrar a cara dela umas quinze vezes. Acho que esse foi o mínimo que eu já registrei.

— Só vi ela depois do almoço pela janela. Eu estava instalando aquela peça nova que chegou para o carro. Estava te esperando para testar o motor, mas acho melhor deixar para amanhã.

— Me atrasei no mercado...

— Como sempre... — Liana completou.

E novamente, pensou ele. Sérgio gostaria de saber qual seria o dia que ele conseguiria

chegar em casa no horário que queria. O dia que isso acontecesse seria um marco e tanto na sua vida.

Ele sentou no sofá, ao lado de Liana, que já foi se escorando no seu ombro e com Ricardo, sentado no chão, na sua perna. Perguntou sobre o dia dos dois, o que haviam feito, se tinham feito alguma coisa de produtivo e simplesmente relaxou um pouco na companhia dos dois antes de enfrentar Vanessa e lhe dizer algumas coisas.

Ela poderia ser uma esnobe que se achava superior perto de qualquer coisa viva ao seu redor. Só que dentro daquela casa, quem mandava era Sérgio, e ele não admitiria que alguém tratasse Fernanda desse modo, ou qualquer um dos seus empregados. Nem mesmo Liana fazia isso, o máximo que ela tinha era algumas implicações sem fundamentos nenhum, atitude típica de uma pré-adolescente da sua idade.

Depois de um breve tempo de descontração entre os irmãos, Liana levantou-se e disse que estava indo se arrumar. Ainda tinha que lavar e secar os cabelos antes de começar a peregrinação de arrumá-los, e tanto Sérgio como Ricardo torciam para que Fernanda pudesse ajudar nesse momento.

Com a morte da mãe e Sérgio ficando de responsável pelos dois, ele teve que começar a conhecer mais o universo cor-de-rosa das meninas. Dos oito até a metade dos onze anos, tudo que Liana vestia tinha que estar combinando perfeitamente. Eram horas e mais horas em lojas escolhendo roupas coloridas, tênis que combinasse com as roupas, e sem contar os sapatos com os acessórios que eram moda na ocasião. De lá para cá, a coisa ficou um pouco mais complicada. Do rosa, amarelo, laranja e cores alegres de infância, o guarda roupa de Liana começou a ser preenchido por mais roupas pretas, cinzas e outras escalas que ele nem sabia decifrar.

Calcinhas de bichinhos fofos, que ela andava pela casa somente com elas até poucos anos atrás, começaram a ficarem mais sóbrias. Os seios se desenvolveram com mais rapidez que ele desejava e o corpo de criança a cada dia se desfazia mais perante os seus olhos de irmão mais velho. Tudo era novidade para os três, por assim dizer, já que Ricardo também acompanhava a mudança da irmã e entendia o que estava acontecendo. Ele e Sérgio até já compartilhavam as mesmas roupas. Bem mais prático, camisetas, calças, tênis e tudo mais. Nada de vestidos, blusas com corte e decote tal, ou calças de diferentes tons, caimentos e tecidos.

Tudo era tão mais fácil esses assuntos entre Ricardo e Sérgio que já era automático. Agora com Liana.... Quase um campo minado, onde cada passo era uma bomba de destruição em massa. Sérgio quase teve um infarto ao ver Liana pedindo dinheiro semana passada para comprar um estojo de maquiagem. E quando ele perguntou se era para as bonecas, aqueles kits que se vendia nas lojinhas de R\$1,99, Liana quase morreu de rir do irmão. Ela queria um de mulher, igual aos que Vanessa tanto se vangloriava e usava no banheiro de Sérgio no momento em que ele subiu as escadas em direção ao seu quarto.

— Olha quem apareceu em casa. Lembrou do caminho? — Ela riu enquanto espalhava milhares de coisas por cima da sua pia do banheiro.

Será que era um desses que Liana queria? Ela tinha idade para querer uma coisa dessas? Não seria cedo demais? Um de R\$1,99 já não adiantava?

Sérgio desviou o olhar e percebeu Vanessa se aproximando e o beijando. Ele deixou levar-

se pela luxúria por alguns segundos e acabou recuando quando Vanessa tentava avançar mais.

— Preciso conversar contigo.

Ela o empurrou e saiu caminhando pelo quarto dele.

— Já disse que vou a esse baile! E nem saí para não ter problemas com os teus irmãos. — De costa para ele, não precisou disfarçar a cara de desgosto.

— Não é sobre isso e nem sobre os meus irmãos. — Ela virou-se e ficou encarando Sérgio quase com um rosto angelical. — É sobre a Fernanda.

O rosto meigo de fingimento de Vanessa sumiu em poucos segundos, dando lugar ao verdadeiro rosto de fúria e asco que ela estava sentindo naquele momento.

— Não quero que tu a trate do mesmo jeito que faz com o resto do mundo e com os teus empregados, ok? Aqui em casa esse tipo de coisa não acontece.

Vanessa chegou a admirar-se com o tom incisivo de Sérgio. Ela nunca tinha visto isso em todos os anos que estavam juntos. Nem parecia o mesmo palerma que o Sérgio era.

— Ela é só uma empregada. Se não aguenta uma ordem daquelas nem era para estar trabalhando aqui. Sem contar a sujeira que eu vi pelos cantos da casa.

— Ela nunca deixou nada sujo, certo? Nunca vi essa casa brilhando tanto depois que ela veio para cá. E me referi ao fato de tu ter feito ela perder o ônibus de volta para casa para atender um pedido teu. E te conhecendo, sei que tu não pediu com nenhum pinga de humildade.

— E por isso, a empregadinha foi direto chorar para o patrãozinho? — Vanessa riu com um escárnio na voz quase que diabólico. — Me poupe, Sérgio. Não estou nem aí para o ônibus dela e muito menos para ela.

— E não tem mesmo, já que ela não tem que te responder por nada. Quem manda nessa casa e, especialmente nela, sou eu. O máximo que eu tolero são os meus irmãos pedindo alguma coisa para ela educadamente. Mas tu ela não precisa e nem vai te fazer mais nada.

Vanessa abriu a boca para responder alguma coisa, mas não conseguiu pois o modo como Sérgio tomou as dores daquela ratinha era muito atípico do seu jeito de ser.

— Que bom que estamos conversados. Vou tomar o meu banho e... — O som alto de um solo de guitarra preencheu a casa.

No quarto de Liana, ela estava sentada em uma cadeira, enquanto Fernanda na sua cama e secando os longos cabelos da menina. A música alta, um rock bem mais pesadinho, fazia com que as duas rissem mais alto ainda.

Fernanda alisava o cabelo de Liana como se lembrava que a mãe fazia com o seu. Passava a escova com delicadeza e um cuidado tão minucioso que Liana começou a contar de como Sérgio puxava os seus cabelos quando ia fazer isso e Ricardo quase a deixava com os olhos esticados, puxando mais que o irmão mais velho, fazendo ela quase quebrar o pescoço.

— Pelo menos eles se esforçam para fazer isso.

— É. Mas poderiam colocar um pouco menos de força nesse esforço aí.

Pelo espelho grande em frente, as duas se entreolharam e riram alto.

O papo continuou até a porta abrir e Ricardo se juntar as duas. Por alguns segundos, Fernanda quase nem o reconheceu todo pilchado, imaginou que fosse Sérgio parado na porta e pedindo para que Liana abaixasse o som.

Fernanda trançou o cabelo de Liana costurando cada mecha com perfeição e até a ponta. Colocou a pequena tiara de prata no lugar e, com muito cuidado e delicadeza, aplicou uma maquiagem com o pouco que ela sabia de como fazer isso.

Liana estava a legítima prenda. Tão bonita e perfeita que o seu sorriso contagiava até Fernanda que estava tão empolgada quanto a própria menina no seu primeiro baile.

— Uau, maninha, tu até parece gente vestida assim! — Ricardo brincou com a irmã.

— E tu ainda com cara de peão de fazenda que passou a tarde toda limpando cocheira de cavalo.

Ricardo sorriu para a irmã com cumplicidade e os dois desceram as escadas para esperar por Sérgio e Vanessa para o evento. Fernanda, por força do hábito ficou arrumando todas as coisas que Liana havia deixado fora do lugar.

No quarto próximo, Vanessa ainda se maquiava e nem tinha colocado o vestido ainda. Sérgio já tinha até tirado um cochilo atirado na cama só de toalha enquanto ela tomava banho. Se arrumou sem pressa nenhuma e ainda estava esperando.

— A Li já desligou a música. Sinal que já está pronta. — Disse ele olhando para o teto e esperando.

— Pode ser que agora eu consiga me maquiar decentemente sem essa música horrível gritando nos meus ouvidos!

— Vou te esperar lá embaixo então. — Abriu a porta e ia direto a cozinha beliscar alguma coisa antes de saírem.

Ao descer as escadas parou nos últimos degraus e teve um baque ao ver a irmãzinha toda vestida e arrumada para a noite. Percebeu naquele instante que a moleca que andava pelada pelo meio da casa havia desaparecido para sempre.

— Ela está linda, não é? — Escutou Fernanda falando atrás de si. E quando se virou viu o sorriso dela em direção a irmã.

— Sim. — Suspirou ele e voltou a olhar para Liana. — E eu acho que vou ter muitas dores de cabeça por causa disso.

Fernanda riu, bateu duas vezes no seu ombro, como quem soubesse todas as complicações e problemas que Sérgio ainda teria com Liana. Principalmente se quase todos os guris da escola dela fossem parecidos com Sérgio nessa idade.

Jesus, ele estava com um sério problema nas mãos! E sabia que todas as pragas que a mãe havia lhe conjugado na adolescência por ser uma peste como menino, ele pagaria com juro e correção monetária nas mãos de Liana.

Capítulo 24

Liana estava impaciente. Caminhava de um lado para o outro com o pequeno salto da sua sapatilha ecoando por onde passava. Foi da sala até a cozinha e quando chegou lá, deu um tapa nas costas do irmão que estava debruçado sobre a bancada da pia comendo.

— Para de comer! Vai acabar te sujando!

— Eu estou com fome! — Falou Ricardo limpando a boca das migalhas de bolo que haviam sobrado. — E nem comi tudo, deixei um pedaço para ti amanhã.

— Acho bom! — Liana alisou a camisa branca de botões de Ricardo, ajustou o lenço vermelho e centralizou o cinto. — Estamos atrasados.

— Ainda temos tempo, Li.

— Não temos! Olha lá no relógio! Tudo por culpa dessa vaca loira! Como eu detesto essa mulher. Ela pensa que eu não vi ela saindo lá da casinha àquela hora, na hora em que a Fernanda deveria estar indo para a parada do ônibus! Porque tu acha que a Fernanda ainda está aqui?

— Sei lá... — Ricardo pegou outro pedaço de bolo e começou a comer.

— Como tu é retardado, Ricardo! — E bateu novamente no irmão. — A vaca fez de propósito! Deixou para levar o vestido, que eu não sei de onde ela tirou, e entregou para a Fernanda àquela hora para ela passar!

Homens! Pensou Liana enquanto revirava os olhos. Tão inteligentes para algumas coisas e tão burros para outras....

Ela também aplicava aquele pensamento ao seu irmão mais velho, Sérgio. Tão inteligente para tocar o mercado e a casa, mas burro como uma porta para perceber que Vanessa é o pior tipo de pessoa que já tinha pisado na face da Terra. Simplesmente ela não entendia como o irmão poderia ser tão burro a ponto de não perceber certas coisas. Principalmente na questão Vanessa.

Será que ele não via a manipulação que ela, ao auge dos seus treze anos, via de longe? A pressão para que o irmão vendesse o mercado, que colocasse ela e Ricardo em um colégio interno, longe de tudo e de todos para que os dois pudesse voltar a morar na capital do estado e aproveitarem a vida juntos.

Jesus, até ela via o veneno escorrendo pelo canto da boca quando Vanessa falava!

Liana não sabia muito de valores, mas entendia que o que os pais haviam deixado em vida, junto com a casa, mercado e até um seguro não era pouco assim. Dava para os três terem uma vida bem confortável, faculdade e se souberem administrar, duraria muitos e muitos anos. E Liana tinha certeza que Vanessa sabia disso e mais um pouco.

Por isso que ela era totalmente hostil. Se quisesse, poderia fazer que nem ela fazia com Fernanda no início, simplesmente ignorar e ficar na sua, mas com Vanessa ela fazia questão de bater de frente. Mesmo com pouca idade e vendo o seu irmão lutando para manter as coisas como antes dos pais falecerem, ela também poderia defender a sua família e cuidar dos dois irmãos burros que tinha.

Era o seu dever como irmã.

Voltou a caminhar pela casa e parou em frente a um espelho. Ajeitou a trança perfeita que Fernanda havia feito, com tanto carinho, que parecia a sua mãe quando era menor. E tão linda quanto as que ela se recordava. Observou o pouco de maquiagem que usava, mesmo pedindo para que Fernanda usasse mais. Estava se sentindo bonita.

Era o seu primeiro baile no CTG, a data mais esperada para quem saía da internada infantil e entrava na juvenil. Poder participar dos eventos noturnos, no meio dos adultos e quase sentir-se como tal. Ela já havia implorado para os irmãos a levarem nos anos anteriores, e eles ainda a viam como uma criança que brincava de boneca.

Agora eles não podem me impedir. Pensou enquanto alisava o vestido e reparava se não havia pisado e sujado a barra do vestido ou puxado fio da meia-calça que estava usando.

Ouvindo a porta da rua abrir e deu graças em saber que Sérgio já estava tirando o carro da garagem para sair. Ela já estava ansiosa de pedir para que Ricardo a levasse e depois trouxesse o carro de volta para levar o resto.

— Ansiedade acima da média. — Fernanda apareceu por trás dela.

— Já devíamos estar lá! A Bia deve estar me procurando.

— Relaxa, Li. Daqui a pouco vocês saem....

O barulho de alguém descendo as escadas fez a frase de Fernanda ficar no ar. No momento em que Liana colocou os olhos em Vanessa tudo veio abaixo.

— Onde tu achou esse vestido! — Gritou a menina para a mulher.

Vanessa terminou de descer as escadas e nem se importando com quem lhe dirigia a palavra.

— Liana, não...

Fernanda tentou caçar Liana para impedir que ela fosse atrás de Vanessa, mas foi impossível. Ela saiu em direção de Vanessa com tanta rapidez que nada a pararia.

— Eu estou falando contigo, sua vaca! — Liana gritou e só depois disso é que Vanessa virou-se e a encarou.

— Como é que é, sua pirralha?

— Da onde tu conseguiu esse vestido! Me responde, agora!

Ricardo, assustado com a irmã gritando, chegou até a largar o pedaço de bolo que estava comendo no momento para ver o que estava acontecendo.

— Esse vestido era da minha mãe! — Gritou Liana em plenos pulmões. — Tira ele agora!

— Cala a boca, sua mimada! Não vejo a hora do teu irmão se livrar de ti, — ela olhou para Ricardo, já apavorado — de vocês dois!

— O mano não vai fazer isso com a gente! E TIRA ESSE VESTIDO! Minha mãe nunca aprovaria que tu entrasse no quarto dela, muito menos usasse o melhor vestido que ela tinha.

Vanessa riu desdenhosamente para Liana, já em fúria total com a cena que acontecia.

— E o que a mamãezinha vai fazer? Ahhh...

Ela colocou a mão no coração atuando falsamente.

— Ela está morta!

Sérgio colocou o carro em posição para sair e quando abriu a porta de casa só viu o vulto de Liana voando em cima de Vanessa e as duas se engalfinhando num emaranhado de cabelos e vestidos.

— Jesus Cristo!

Ele se enfiou no meio das duas e agarrou Vanessa pela cintura enquanto Ricardo pegava Liana, mas não sem a irmã arrancar alguns fios de cabelo de Vanessa e antes do som de um tapa no rosto da menina ser deferido altamente. Fernanda, que estava na porta correu em direção de Liana, vendo o vergão da mão de Vanessa começar a subir no rosto dela.

— Sua vadia! — Gritou Liana, esperneando e com Ricardo a contendo. — Eu te odeio!

Sérgio agarrava Vanessa, que apesar de não ter se escutado, estava com o mesmo vergão na bochecha e um filete de sangue no canto da boca de algum contato com Liana.

— Mimada! — Gritou Vanessa! — É isso que tu é! Faltou umas boas surras em vocês para que virassem gente! Se os teus pais estivessem vivos era o que eles teriam feito, colocado vocês no eixo para deixarem de serem tão mimados!

— Chega! — Gritou Sérgio mais alto que as duas.

Ele largou Vanessa, que na ânsia de se libertar, acabou caindo no chão.

— O que está acontecendo aqui!? Isso até parece casa de loucos! Eu saio para tirar o carro para a gente sair e quando volto encontro as duas se engalfinhando?

As duas começaram a gritar novamente e Sérgio mandou as duas calarem a boca com a autoridade que lhe possuía.

Fernanda puxou Ricardo, que ainda estava segurando a irmã e com as lágrimas manchando as suas faces.

— Vem, vamos subir...

Sérgio e Vanessa começam a discutir em alto e bom som, para todos que estão na quadra escutarem. E tudo que Fernanda pode fazer nesse momento é tirar os dois desse meio antes que a briga recomeçasse.

Subiram as escadas e se trancaram no quarto de Liana. O vestido, que estava limpo e bem passado, estava amarrotado, a trança tão delicada e bonita já não tinha mais forma e a flor que a prendia jazia no chão da cozinha, onde as duas haviam brigado. Os olhos de Liana já não estavam mais marcados pelo contorno fraco que Fernanda havia feito com tanto esmero e cuidado, eram uma mistura de maquiagem com lágrimas trágicas.

Ricardo se encolheu em cima da cama de Liana tentando se acalmar por conta. A camisa de botão tinha uma mancha preta que Liana havia deixado da sua maquiagem, profanando a pureza branca que antes era. O lenço estava retorcido no pescoço e as lágrimas ainda escorriam.

Uma cena que quebrava o coração de Fernanda. Há pouco tempo os dois estavam tão

lindos que ela queria salvar aquela imagem dos irmãos, e não o que eles haviam se transformado agora.

Os gritos de Sérgio e Vanessa ainda ecoavam pela casa, num misto de cacofonia que não se distinguia. Mesmo com a porta fechada, nada abafava o som.

Fernanda na vontade de confortar os dois, se aproximou de Ricardo e o abraçou, e Liana, que não estava tão longe se aproximou para participar do abraço coletivo. No final, até mesmo Fernanda chorava junto com os dois.

— Ela... — Liana gaguejava — ela não tinha o direito de usar o vestido da mãe!

Fernanda limpou as lágrimas da menina delicadamente, evitando de tocar no vermelho da sua face para não irritar mais.

— Eu não sabia que o vestido era da mãe de vocês. — Disse ela delicadamente.

— Foi as únicas coisas que ficamos deles. — Respondeu Ricardo, ainda se abraçando no canto da cama. — Alguns vestidos da mãe, que guardamos, roupas do pai, esse cinto que eu uso, a faca guardada e o chapéu que ficou com o mano.

— Nem eu iria usar o vestido... Era só para ter alguma coisa deles... Que... que...

A menina voltou a chorar e abraçou Fernanda tão forte que ela não sabia se era a pessoa certa para consolar os dois.

— Talvez ela não tenha feito por maldade e....

Liana saiu do seu abraço e olhou bem séria para Fernanda.

— Não! Não defende ela.... Se ela quisesse, poderia ter me respondido decentemente e tirado o vestido por livre e espontânea vontade.

— E nem dito aquelas coisas. — Ricardo complementou. — Ela pensa que a gente não sabe que os nossos pais estão mortos? Para que falar daquele jeito....? Foi mesquinho demais.

Os dois suspiravam e os gritos lá foram continuavam altos e acusatórios. Fernanda abraçou os dois novamente e pediu para que tudo aquilo parasse sem mais nenhum dano para ninguém.

Capítulo 25

Fernanda ajudou Liana a sair do vestido depois que os ânimos aparentemente se acalmaram. Ouviram-se o barulho de um carro saindo e logo após outro. A briga havia cessado, a calma e silêncio havia se restaurado.

Ricardo, ainda mantinha os olhos vermelhos pelo choro incessante quando saiu do quarto deixando as duas sozinhas por alguns instantes. O clima ainda era tenso, Liana estava muito enraivecida pelo que tinha acontecido, tanto que o vermelho no seu rosto tinha se intensificado.

Essa era para ser a noite dela. O seu primeiro baile, quase que um grito que a infância havia passado e agora poderia andar no mesmo reduto que os adultos, sem ninguém ficar apertando suas bochechas e dizendo que ela ainda parecia aquela menininha que andava correndo pelo CTG quando menor. E isso, na idade dela era um marco que não deveria passar em branco.

Ela já estava pronta, vestida dos pés à cabeça, linda e esperando para que todos saíssem. Era para ser uma noite de festa e felicidade. E agora toda a preparação e ansiedade de Liana, por dar esse passo tão esperado, tinha ido por água abaixo! Tudo por causa daquela vaca loira!

Não era a primeira vez que ela se enfiava no quarto dos seus pais em busca de confusão. O sonho de Vanessa era que Sérgio mudasse de quarto e ficasse com o que era dos seus pais. Aquela vez já tinha sido uma briga ferrenha, e Sérgio havia ficado ao lado dos irmãos naquela decisão. Não sairia do seu pequeno quarto para ocupar os dos pais. Achava isso até uma falta de respeito por sua parte.

Liana não parava de pensar que essa briga tinha se dado por pura maldade de Vanessa. Ela era ciente que no quarto dos pais ninguém mexia, e estava implícito nas coisas que haviam dentro do guarda-roupa. As únicas lembranças que os três irmãos guardavam dos pais. Se isso não era de propósito, Liana mudaria o nome para Pafúncia, apelido que seu pai a chamava quando era menor.

Fernanda desmanchou a trança perfeita que havia feito e a vontade de Liana era novamente de chorar. Mas não de tristeza por estar perdendo o seu baile por causa de Vanessa. Era de raiva! E por não ter batido mais naquela mulher.

Ainda queria saber o que o irmão tinha visto naquela mulher asquerosa. Ela tinha nojo até mesmo de ficar no mesmo ambiente e compartilhar o ar com ela, quem dirá dividir uma cama ou.... Liana até teve que parar de pensar antes que terminasse a noite vomitando das coisas que pensava.

E o jeito que Vanessa havia deixado o Ricardo! Aquilo era pior do que perder o próprio baile. Ninguém falava aquelas coisas para o seu irmão. Só Liana que poderia xingar Ricardo de tudo que é coisa e depois ficar pedindo carinho. Ricardo era seu irmão e por esse motivo Liana tinha todos os direitos de chamar o irmão de qualquer coisa sem que o ofendesse ou o magoasse. Mas o que Vanessa havia feito e dito extrapolava qualquer parâmetro que houvesse.

Sem contar o que a vaca havia feito com Fernanda. Isso era um caso à parte que a própria Liana iria falar com Sérgio. Entre outras coisas mais.

A noite caiu mais rápido do que esperavam. O silêncio da casa não era quebrado com a

chegada de Sérgio, após ele ter saído minutos depois que o carro de Vanessa tinha deixado a garagem. Fernanda estava aflita, sozinha e pensando no que viria no dia de amanhã. Como seria o após toda essa confusão toda.

Por uma decisão, unanime de Ricardo e Liana, ela deitou-se com os dois no quarto de Liana. Ficou na ponta e quase não conseguiu pegar no sono direito. Ora era porque alguém se mexia na cama e ela desistiu depois de escutar Ricardo gemendo e se contorcendo desesperadamente em seu sono. Ela levantou-se e tentou acordar o menino, um trabalho em vão, já que Liana acordou e avisou que quando o irmão ficava agitado assim, nada o acordava.

Esperou Ricardo voltar a se acalmar em seu sono e Liana no dela e desceu as escadas. A cozinha ainda tinha indícios do que havia ocorrido horas antes. Ela juntou a flor que enfeitava a trança de Liana e arrumou as cadeiras que estava fora do lugar. Encheu um copo de água e tomou lentamente.

O barulho do portão se abrindo chamou sua atenção. Viu as luzes do carro de Sérgio entrar no pátio, e da janela da cozinha que dava para o pátio, viu Sérgio deixar o carro estacionado de qualquer jeito, com as luzes acesas e a porta do motorista aberta. Ficou observando Sérgio cambaleiar em direção da piscina e ouviu o barulho de alguma coisa grande e pesada caindo dentro d'água.

Fernanda ficou intrigada. Esperou um pouco para ver se Sérgio reaparecia atrás do carro, mas nada aconteceu. Saiu da cozinha em direção a área da piscina e quando chegou perto o suficiente, encontrou Sérgio boiando, com as pernas e braços abertos na superfície da água, com os olhos fechados e um semblante calmo e tranquilo.

Com aquela visão, foi como se um peso enorme tivesse saído dos seus ombros. Já bastava a briga entre Liana e Vanessa, tudo que ela menos queria para encerrar a noite era o Sérgio se afogando dentro da própria piscina de casa. Virou-se para voltar a cozinha e acompanhar a trajetória do patrão de longe, só que não foi tão rápida e eficiente como gostaria. Depois de alguns poucos passos, escutou a voz de Sérgio a chamando.

— Fernanda! Fernandinha! — Sérgio riu.

Fernanda se virou a tempo de ver ele afundando e segundos depois com um impulso voltar a superfície.

— Volta aqui. Vem cá e entra na piscina comigo a água está bem quente.

Hesitante e imaginando que ele estaria um pouco bêbado, deu aqueles poucos passos de volta para onde estava observando Sérgio nadar a extensão da piscina, de roupas, pilchado, e ainda com as botas e o lenço vermelho que estava usando para ir ao baile.

Com a graciosidade de um grande nadador, ele voltou até a borda mais próxima dela e se escorou. Esticou a mão e repetiu o convite para ela.

— Não tenho roupa para nadar. — Fernanda tentou se esquivar do convite inusitado.

— E por acaso eu estou de roupa para nadar? Olha isso — ele levantou os braços e riu — ainda estou de bota, bombacha e camisa. Nunca vi gaudério nadando assim, não sem um cavalo pelo menos. — E com isso riu mais alto ainda.

Sérgio voltou a nadar e ficou fazendo voltas e mais voltas na piscina. Fernanda chegou

até se sentar por um momento e depois resolveu buscar uma toalha para quando ele resolvesse sair de lá, mesmo com Sérgio gritando e dizendo que era para ela entrar na água com ele. Fernanda estava com medo que daqui a pouco os vizinhos chamassem a polícia pelos gritos dele chamando o seu nome.

— Tu ainda está de roupa! Pensei que fosse lá pegar alguma coisa da Liana para vestir e vir para cá comigo!

— Acho bom tu sair daí! Daqui a pouco vai ficar doente. — Falou ela mais enfática que antes.

Com muita briga ela conseguiu com que ele saísse de dentro d'água. Entregou a toalha, mas Sérgio declinou e começou a tirar a roupa molhada ali mesmo. Com um pouco de vergonha ao ver essa cena tão íntima, Fernanda se afastou e olhou para o outro lado, já que ele não a liberava e falava sem parar sobre assuntos completamente aleatórios.

Como um peso morto, Sérgio se atirou na cadeira da beira da piscina. Brigou com as botas encharcadas e com muito sacrifício ficou só de cueca na presença de Fernanda, que deu graças por estar iluminada somente com a luz fraca da rua e não poderia demonstrar as suas bochechas vermelhas de vergonha.

Com um suspiro, Sérgio se atirou para trás na cadeira e fechou os olhos.

— Às vezes eu queria ser só o Sérgio. — Disse para Fernanda. — Não o Sérgio Chiarelli, o filho mais velho, que perdeu os pais, ficou com o mercado da família e dois irmãos mais novos para cuidar. Apenas Sérgio.

Como sendo a primeira coisa com nexos que ele havia falado em todo esse tempo, Fernanda prestou mais a atenção.

— Nada de contas para pagar, problemas para resolver ou coisas para me preocupar. Só o Sérgio.

Ele começa a divagar sobre estar conversando com alguém imaginário perguntando quem era ele e Sérgio respondendo que ele era apenas Sérgio. Sem sobrenome, sem emprego, sem família e sem nada.

— Eu não tenho trinta anos e tenho mais responsabilidade e pesos nos ombros do que muitas pessoas que já se aposentaram. — Voltou a falar. — De um dia para o outro eu fiquei com tudo. E esse tudo, nada dele eu pedi. Simplesmente “puff” e lá estou eu atrás de uma mesa pesquisando preços de mercadorias, dentro de uma padaria me cozinhando vivo nos fornos ou no açougue me congelando nas geladeiras. Sem contar nos problemas que eu tenho que resolver. Aí venho para casa e tenho um adolescente e uma pré-adolescentes, um completamente diferente do outro e eu tenho que prover os dois.

Fernanda observa o relato de livre e espontânea vontade que o álcool estava fazendo com Sérgio. Por alguns instantes chega a sentir um pouco do peso que ele carrega. Se ela já acha a responsabilidade de ter um filho uma coisa gigante, nunca que ela iria querer a de Sérgio.

— Mas eu estou aqui, levando na cabeça todos os dias. Sendo o alvo de todos os lados. Sendo o Sérgio que todos esperam, falam que o Kado e a Li precisam. Estou tentando, trabalhando todos os dias, de segunda a segunda para ser tudo isso e simplesmente... “Puff”...

E ficou repetindo o “puff” por mais algumas vezes, olhando para o nada, como se pensasse na sua atual condição. Um bêbado filosófico, enquadraria Fernanda.

— Eu sei que a Vanessa não era uma boa pessoa. — Voltou a falar depois de todas as vozes diferentes que pode fazer para o “puff”. — Isso eu vi de cara, mas me deixei levar para o lado em que uma mulher gostosa estava dando em cima de mim. — Ele faz um cara de culpado e fica com um sorriso de cafajeste no rosto.

Fernanda teve que se conter para não rir demais. Já tinha visto alguns tipos de bêbados enquanto trabalhava na pensão na capital, quase todos fediam a bebida e eram nojentos. Sérgio até que era divertido nessa condição. E ela sabia que, por mais bêbado que ele pudesse estar, não a machucaria.

— E eu era o colono riquinho. Saído da cidade do interior de calça e havaianas querendo virar gente no meio da cidade grande. E consegui me virar até, não acha? Fiquei com a mais bonita da turma, mesmo ela sendo uma cadela — ele uivou e começou a rir. — E ela estava ao meu lado quando recebi a notícia do “puff”...

Ele parou, apoiou os cotovelos nas coxas e a cabeça nas mãos, o ar brincalhão havia se esvaído deixando um triste vir à tona.

— E aí o meu lado colono voltou e eu tentei o equilíbrio. Por quase cinco anos eu consegui. — Suspirou e começou a enumerar com os dedos. — Disse que iria voltar para a faculdade, que ia ficar dando continuidade aos trabalhos do pai, cuidaria da Li e do Kado, dando as mesmas oportunidades que os meus pais me deram na idade deles. E ela querendo que o meu lado colono morresse por completo. Disse que eu poderia trabalhar no mesmo escritório que ela, ganhando tão bem como eu ganho no mercado, e com bem menos problemas. Só que eu sou colono do interior!

Sérgio levantou-se, mesmo tento que se agarrar na cadeira para conseguir o feito.

— Gosto de conhecer todo mundo, de conversar com as pessoas que entram no mercado e todas essas coisas que o pessoal do interior faz. De conhecer todo mundo pelo nome, parentesco e escutar tudo da vida de todo mundo que mora aqui. Isso é uma coisa errada? — Ele olhou fixamente para Fernanda. — Querer ficar, morar e trabalhar na cidade em que nasceu, foi criado e conhece todo mundo? Eu morei por cinco anos fora e não sei o nome do meu vizinho de porta até hoje! Aqui eu sei até o nome dos cachorros da praça!

— Não tem nada de errado nisso. — Finalmente disse Fernanda, já que o olhar de Sérgio, um pouco enuviado, clamava por uma resposta sincera.

— Obrigado! E agora me diz que defender a minha irmã também não é errado! — Sérgio se exaltou e Fernanda viu seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu sei que a Liana é difícil de se conviver. Até eu tenho vontade de esganar ela, mas eu respiro fundo, porque sei que ela é minha irmã e, assim como eu questiono o “puff”, ela também não tem culpa do que aconteceu.

— Nenhum pouco. — Murmurou.

Sérgio desabou na cadeira novamente e uma lágrima desceu o seu rosto cansado. Ele não fez menção de limpar. Apenas deixou ela escorrer enquanto assimilava o que havia se passado. Tomou uma respiração e voltou a falar com um tom mais baixo.

— Ninguém tem culpa do “puff”, apenas fomos presenteados com ele. Ninguém nos prepara para esses “puffs” da vida. Se o meu pai tivesse sentado comigo e dito que poderia vir a morrer ao lado da minha mãe, com ela protegendo o Kado como fez, e que com isso tudo eu ficaria responsável por tudo e pelos os dois, as coisas poderiam ser diferentes. Ele poderia até falar isso com o Kado e a Li, mas não. Ninguém nos avisou, ninguém pensou nessa possibilidade, nem que fosse só um toque. Oh, algum dia eu e a tua mãe podemos morrer e tu vai ter que ficar com tudo, te antena e te apruma, guri. Vai ser tudo contigo. Queremos que tu dê continuidade ao mercado e termine de criar os teus irmãos, ou vende tudo e te larga para as cordas com eles.

Sérgio toma uma respiração profunda.

— Mas não. Nenhum aviso prévio, vislumbre ou meia palavra. Simplesmente me largaram tudo e eu não tive como desistir. Não consegui largar os meus irmãos, que têm o mesmo sangue que eu, em qualquer lugar. Não consigo me desfazer do mercado, que o pai começou do nada e hoje é um dos maiores da cidade. E ainda sou criticado por uma cadela por isso? — Sérgio solta uma risada irônica. — Não. Nananinão.

— Vamos entrar? Já está tarde.... — Tentou intervir Fernanda. O relato já estava mexendo demais com ela.

— Só eu posso xingar a Liana. Ninguém tem esse direito. — Ele voltou a levantar e Fernanda foi para o seu lado o ajudar. — Ela é minha irmã. Minha irmãzinha. Minha princesinha. Ninguém toca nela. Ninguém... E o Kado é o meu irmão. Meu irmãozinho. Só ele sabe o que passou naquele dia no mercado com o corpo da nossa mãe em cima dele... Tão pequeno, tão frágil, tão sozinho.... Eu lembro de ter que ir buscar ele na delegacia, quase uma bolinha de tão encolhido que estava. Nem parecia o meu irmãozinho que pulava nas minhas costas... — Sérgio chorava copiosamente apoiado em Fernanda.

— Vamos para dentro... — Disse ela novamente para impulsioná-lo.

Entraram em casa e com muita dificuldade conseguiram subir as escadas. Sérgio continuava falando sobre os pais, irmãos e a briga que havia tido com Vanessa, aquela à qual os gritos eram escutados por todos, mas indecifráveis.

Segundo ele, tudo havia acabado. Ele poderia tolerar todos os defeitos de Vanessa, mas esbofetear Liana havia sido o limite, mesmo sabendo que a irmã tinha uma parcela de culpa na história. E Vanessa, acumulando a falta grave de mexer nas roupas da mãe, agravou mais ainda o seu caso fazendo com que Sérgio tomasse aquela decisão.

Com muita dificuldade, Fernanda conseguiu fazer com que Sérgio colocasse uma roupa seca sozinho. Quando estava saindo, percebeu ele estava indo ao seu encontro.

Sem reação, deixou que Sérgio a abraçasse tão forte que ela pensou que iria ultrapassar o corpo dele. E quando a soltou, recebeu um beijo na bochecha. Cambaleando, depois disso, Sérgio atirou-se na cama e dormiu profundamente.

Capítulo 26

A opinião de Fernanda sobre Sérgio ser um bêbado legal mudou depois que ela o colocou na cama pela terceira vez. Ela deitava na cama, no pequeno espaço no canto que Ricardo e Liana deixaram e quando conseguia relaxar, a porta se abria com o Sérgio entrando no quarto chorando.

Treinamento intensivo para quando o bebê de Fernanda nascer, pensou ela.

— Eles estão dormindo. — Cochichou Fernanda segurando ele pelos ombros na cama.

— Mas eu quero ver os meus irmãos. — Enrolava Sérgio ao falar. — Preciso ver se está tudo bem com eles. Ninguém mais vai tocar neles!

E voltava a chorar novamente. Fernanda estava para ver quem ficava tão mole como uma gelatina quando bebia como Sérgio. Pelo menos ele não impunha nenhum tipo de força sobre ela, ou Fernanda estaria perdida. Uma mão dele já desmontava ela tranquilamente.

— Eu também não vou deixar ninguém encostar neles. — Disse ela esperando que aquilo acabasse e ele dormisse e, de preferência, acordasse só no meio da tarde de amanhã somente com uma dor de cabeça e a ressaca em si.

Fernanda o soltou e ficou olhando para ele ao lado da cama. Esperou um pouco e quando se virou para sair, escutou o gemido de Sérgio se levantando novamente.

Jesus, pensou ela, como faço para derrubar esse touro?

— Aonde tu vai? — Questionou ela quando ele esbarrou nela.

— Vou ver os meus irmãos. Vá que a Vanessa tenha pulado a janela e machucado eles! Minha mãe já vai me matar só por ela ter batido na Li, quem dirá se a louca voltar e fazer outra coisa. — Além de bêbado, agora delirava.

Ela deu-se por vencida. Jogou as mãos para o ar em um sinal de que estava desistindo. Simplesmente deixou Sérgio caminhar por entre o corredor e entrar no quarto dos irmãos. Ela foi atrás e a cena dele de joelhos no chão fazendo carinho no rosto de Liana, que dormia serenamente atingiu seu coração.

Sérgio beijou a irmã inúmeras vezes e falou alguma coisa que Fernanda não pode decifrar. Arrumou o cobertor que a cobria, como já tivesse feito aquele gesto inúmeras vezes e foi para o outro lado onde estava Ricardo. Repetiu o carinho nos cabelos, falou alguma coisa inaudível e o cobriu.

A demonstração de carinho tão crua na sua frente fez Fernanda sentir as lágrimas sair dos seus olhos. Uma coisa tão bonita e quase visceral, o amor de um irmão mais velho pelos dois mais novos. Ela pode ter escutado todo o desabafo de Sérgio estar cansado de tanta responsabilidade, e mesmo sem ver o que acontecia nesse quarto, sabia que ele nunca desistiria de Ricardo e Liana. E isso agora só realçou o que ela já sabia.

— Pronto? — Ela afastou as lágrimas e ajudou ele a se levantar.

Sérgio suspirou tão aliviado que até ela mesmo sentiu o seu corpo relaxar com isso.

— Sim. Agora eu posso dormir em paz.

Pela última vez, Fernanda ajudou Sérgio a se deitar enquanto ele falava.

— Eu sei que os dois vão ser pessoas melhores que eu. Meu orgulho. Ricardo vai ser mais inteligente do que já é e a Liana não vai descansar antes de atingir o que ela quer ser. Ela já me disse que quer ser dentista. E vai ser a melhor dessa cidade, a minha princesinha de branco.

— Vão sim, e tu vai te sentir mais orgulhoso se dormir um pouco e acordar amanhã. Só amanhã, ok?

— Ok. — Sérgio fechou os olhos e Fernanda resolveu ficar sentada na cadeira da escrivaninha que ali tinha.

Se ele resolvesse acordar, ela estaria ali de prontidão para evitar que ele saísse quarto afora e ainda caísse na escada e quebrasse o pescoço. Ricardo e Liana estava dormindo tão profundamente que nem notaria a falta dela no quarto. E assim que ouvisse o primeiro movimento deles, diria que estava em outro cômodo da casa arrumando alguma coisa.

Só não queria deixar Sérgio sozinho. Viu a sua vulnerabilidade essa noite e não conseguia o abandonar em uma hora dessa. Se ele foi solidário o bastante para se deslocar de casa para saber se ela estava bem depois de uma enxurrada, e a deixava à vontade para ficar na casa ao lado para não passar a noite na rua, ela poderia sim ficar ao seu lado em um momento como esse.

Algumas horas depois, com o sol entrando pela janela e batendo no seu rosto, Sérgio despertou. Sua cabeça parecia que estava pesando dez vezes mais que o normal e ele não lembrava de como tinha chegado em casa e muito menos deitado só de cueca na sua cama. Tentou se virar, mas a dor de cabeça foi tão forte que ele gemeu de dor.

E só depois desse estouro foi que as lembranças começaram a chegar. Desde separar a briga de Vanessa com Liana, a briga entre ele e Vanessa, e a saída de carro até o mercado para encher a cara com todas as bebidas possíveis que o mercado tinha. Depois disso era um branco total na sua cabeça.

Mexeu-se novamente e só então notou alguém debruçado em sua escrivaninha. Por um momento suspeitou que fosse Vanessa, mas a cor dos cabelos não combinava com o tom loiro que ela tinha. E então a revelação veio como outro estouro. Era Fernanda que estava ali, com os braços em cima da mesinha e a cabeça apoiada.

Ele levantou, já não dando mais atenção para a dor que estava sentindo e encostou nela que se esquivou. Tentou novamente e Fernanda o empurrou. Sérgio achou engraçado e repetiu o gesto.

— Sai... — Fernanda murmurou e tentou achar outra posição confortável para continuar a dormir.

Sem esforço nenhum, Sérgio carregou Fernanda no colo até a sua cama e a colocou no meio. Pegou o cobertor, a cobriu e saiu fechando a porta.

Escorou-se no corredor e tentou, mais uma vez lembrar-se do que havia acontecido depois de mandar Vanessa sair daquela casa e nunca mais voltar. Só que o branco tomava conta das lembranças e nenhum vislumbre do que se passou durante essas horas voltava.

Sérgio sabia que era péssimo com bebidas. Não era de beber muito, só socialmente e sempre parava depois de um tempo, porém quando enfiava a cara na bebida demais, ficava com

esses lapsos. E dessa vez ele exagerou mesmo.

Desceu as escadas, como se cada degrau fosse um martelo quebrando sua cabeça. Chegou à cozinha onde começou a tomar água e viu o carro mal estacionado no meio do pátio. Saiu para a rua, viu que um dos lados do carro estava sem o espelho retrovisor e notou o arranhão de fora a fora na lataria do carro. Que ótimo! Desligou a luz dos faróis e fechou a porta e tendo mais uma martelada na cabeça com isso.

Olhou para as roupas atiradas na borda da piscina e gemeu.

— Que ótimo, me atirei na piscina de roupa e tudo! Por isso que eu estou com esse cheiro de cloro. — Falou para ele mesmo sozinho no pátio.

Recolheu as roupas, vendo que teria que comprar outras botas, porque aquela nem para o lixo servia mais e foi até a casa ao lado, onde iria deixar as roupas para serem lavadas.

Voltou para casa e antes de pegar algumas roupas e tomar um banho, passou no quarto de Ricardo e encontrou tudo na mais perfeita ordem, inclusive a sua cama, indicando que ele estava dormindo com sua irmã. No quarto de Liana, silenciosamente, Sérgio entrou e suspirou ao ver os irmãos dormindo tão tranquilamente.

Sentou-se na cama e ao acariciar os cabelos de Liana, a acordou.

— Bom dia, maninha.

— Dia. — Ela gemeu e passou a mão pelo colo de Sérgio o abraçando estranhamente.

— Está tudo bem? — Sérgio tirou uma boa parte dos cabelos emaranhados dela do seu rosto revelando a marca vermelha que Vanessa havia deixado.

Outra vez sentiu a raiva ferver nas suas veias com Vanessa. Nunca tinha perdido a cabeça como ontem à noite. E foi por pouco que ele mesmo não tinha se atracado no pescoço dela. Sua paciência já estava no limite. E se acumulando até o ponto de estourar de vez. E foi exatamente o que aconteceu.

Depois de Vanessa concordar de ir ao baile, novamente ela começou a falar sobre os planos que tinha para Sérgio quando ele saísse da cidade e vendesse o mercado. A continuação da faculdade, que faltava tão pouco, a vaga no escritório que ela trabalhava, que estava a sua espera e os planos que envolviam apenas os dois. Excluía totalmente Ricardo e Liana.

E quando questionada sobre os dois, Vanessa apenas disse para Sérgio não ser tão protetor e deixar os dois se virarem por conta. Simplesmente largar os dois em algum lugar, uma boa mesada e adeus. Cada um dos três cuidando da sua própria vida e não atravancando a de Sérgio.

Simplesmente ele ficou sem palavras para o que ela falava e sonhava tão alto para os dois. Não conseguia imaginar, nem que se fosse num universo paralelo, abandonar Ricardo e Liana, a cidade e o mercado, assim, sem mais nem menos e seguir os planos dela.

Se fosse há alguns anos, quando Sérgio não tinha toda essa responsabilidade até poderia realizar cada uma das fantasias de Vanessa. Sérgio seria livre, leve e solto. Não teria os irmãos para cuidar e nem o mercado para comandar. Os pais estariam vivos e cumpririam esse papel com todo o amor do mundo. Disso ele não duvidaria nenhum pouco. E apostava que os pais o incentivaria em qualquer rumo que levasse na vida.

Porém, hoje, a situação era completamente diferente de quando os dois estavam na faculdade. Sérgio já tinha aceitado isso, por mais que às vezes ele se sentisse completamente sobrecarregado, estressado e com o mundo nas suas costas. Só que Vanessa ainda não tinha assimilado isso e continuava a insistir em coisas que nunca mais habitaram os sonhos de Sérgio. E com aquela conversa no meio da noite a paciência dele já tinha começado a se encher e a sobrecarregar.

O dia no mercado também teve os seus problemas de sempre. E acumulando com o fato de Vanessa ter incomodado a noite inteira, criticando o modo simples de viver de Sérgio, implicando com os irmãos, falando até do modo em que eles conversavam entre si e que teria que passar a noite toda de sábado num baile fedido a bosta de cavalo. Sem contar que precisaria de uma semana no salão de beleza para tirar toda a sujeira que acumularia naquelas horas dentro do CTG. Sérgio já estava quase no limite. E ao ver Fernanda àquela hora, por ter ficado à mercê de Vanessa ajudou um pouco.

Mas ao ver a cena da irmã se avançando em Vanessa e ela revidando, foi o estouro da represa. Sérgio sabe que Liana tem uma culpa no cartório, reconhece que a irmã é impulsiva e que fazer isso foi errado. Porém, a adulta na história era Vanessa, e como tal, não tinha que sair no braço com uma pré-adolescente, coisa que nem sua mãe ou pai fez, muito menos Sérgio. E ele não ia deixar que alguém batesse na sua irmã.

O bate-boca começou a ofensas foram trocadas. Coisas que Sérgio estava engasgado e que não tinha referido ainda por ter muita consideração com Vanessa e como ela lhe ajudou quando os pais morreram. Como ela segurou uma barra ao seu lado e tantas outras coisas mais que ainda haviam entre eles. Sérgio aprendeu que a consideração ainda valia alguma coisa e deveria sempre estar em primeiro lugar. Não seria justamente com Vanessa que ele esqueceria disso.

E depois de tudo que havia acontecido, a bomba tinha explodido e destruído muitas coisas. Tudo que ambos tinha construído em mais de cinco anos de relacionamento se esvaiu. Nada que pudesse ser levado em consideração era maior do que tinha acontecido naquela cozinha.

A família ainda vinha em primeiro lugar na casa dos Chiarelli. Ninguém machucaria seus irmãos, tanto fisicamente como em qualquer outro aspecto. E disso Sérgio tinha certeza.

Capítulo 27

A casa estava silenciosa. Depois de um café da manhã fraco, sem toda a agitação dos irmãos, tudo ficou mais calmo ainda.

Sem jeito nenhum com as palavras, Sérgio tentou explicar o que havia acontecido na noite passada. A briga com Vanessa, enaltecendo que isso não ia voltar a se repetir, e por entrelinhas esperou que Ricardo e Liana entendesse que ninguém os tratava daquele jeito e saia ileso. E se desculpou por ter deixado a situação chegar aquele ponto.

Liana ainda ficou se remoendo por não ter batido mais em Vanessa, isso sim. Ainda não tinha perdoado os irmãos por apartarem a briga. Por ela, a vaca loira teria saído daquela casa numa maca e sem nunca mais poder se ver no espelho de casa, de tão grande que ia ser o estrago.

Já Ricardo ainda não conseguia se expressar corretamente sobre o que havia acontecido. Seu corpo inteiro doía da noite mal dormida, carregada de pesadelos cada vez mais reais sobre o havia acontecido há cinco anos atrás.

Depois da breve conversa, Sérgio sair para rua e começar a caminhar de um lado para o outro do pátio enquanto fumava, os dois irmãos ficaram na sala. Ricardo sentando olhando a irmã expressar a sua raiva, assim como o irmão mais velho, caminhando de um lado para o outro em silêncio, só que sem a parte do cigarro.

— Pelo menos aquela lá não volta mais aqui. — Grunhiu Liana depois de vários minutos em silêncio, aqueles que ela usou para imaginar o que poderia fazer com a Vanessa se tivesse mais alguns minutinhos de briga com ela.

Depois de escutar o irmão do meio gemer e se contorcer na cama antes dela dormir, a picuinha com Vanessa tinha extrapolado outro nível para Liana. Ela havia afetado até Ricardo! E isso ela não poderia aceitar.

Liana caminhou e sentou no sofá, ao lado de Ricardo que estava sentado no chão e se escorou nas pernas da irmã. Ele ainda não havia falado nada mais do que algumas palavras, enquanto Liana tinha falado demais com Sérgio, Ricardo apenas escutou e olhou para os dois, assimilando tudo que estava acontecendo ao seu redor. Liana detestava quando Ricardo ficava assim, era como se a alma do irmão tivesse abandonado e deixado ali apenas o seu corpo como uma casca sem reação e emoção. E ela demorava muito para retornar, deixando Liana quase em uma missão impossível para fazer com que o irmão voltasse a ser o mesmo que ela conhecia.

Ele se recostou nas pernas de Liana e ela automaticamente começou a mexer nos cabelos do irmão, sabendo que isso era uma das coisas que ele mais gostava e pedia com frequência que ela fizesse. Às vezes ela só revirava os olhos e atendia renegada ao pedido do irmão, mas hoje ela faria de bom grado e esperava que esse gesto o acalmasse e não deixasse que ele ficasse tão triste.

— A Fernanda ainda está aqui em casa? — Murmurou ele quase inaudível.

— Não sei. — Deu de ombros Liana. — Não lembro de ter visto ela levantando ou na nossa cama hoje pela manhã.

— O mano disse que ela tinha ajudado ele a chegar no quarto. E ficado ao lado dele até

dormir.

— Ela deve ter ido para casa cedo, tem ônibus hoje, não?

A discussão foi encerrada pelo barulho da campainha tocando assustando os dois. Ricardo e Liana se entreolharam e cada um fez um pequeno pedido. Liana querendo que fosse Vanessa para ela terminar o servicinho e Ricardo que não fosse ela para que as brigas não recomeçassem.

Sérgio apareceu de repente e olhou para os dois.

— Vocês ouviram a campainha ou... — E como se soubesse que estavam falando dela, o som voltou a tocar.

Deixou a sala, onde os irmãos estavam e se encaminhou para frente da porta. Por alguns segundos pensou em deixar de atender. Ninguém precisava saber se eles estavam em casa mesmo. Porém, zelando pela a educação que havia recebido dos pais, Sérgio girou a chave e abriu a porta de uma vez só, sem se dar ao trabalho de checar no olho mágico quem seria.

— Bom dia — uma senhora, aparentemente atordoada, quase que desesperada, apareceu fazendo Sérgio recuar um passo.

Antes mesmo dele responder cordialmente a mulher recomeçou a falar.

— Estou desesperada, minha filha não apareceu ontem e nem hoje pela manhã no ônibus. Fiquei na parada esperando por ela e com a bondade do motorista que consegui chegar aqui.

Ainda nublado do tanto que havia bebido ontem à noite, Sérgio quase pediu para que a senhora repetisse o seu dilema para que ele pudesse compreendê-lo corretamente. Porém, com um vislumbre momentâneo lembrou-se que havia mais alguém na sua casa. Especificamente na sua cama.

Deitada, bem à vontade, com a camisa um pouco para cima revelando a pequena barriga onde um bebê se formava, Fernanda dormia profundamente. E ligando um mais um e recordando da senhora naquele dia que foi correndo saber como estava a situação da sua casa, depois de uma grande enxurrada, Sérgio começou a falar e a tranquilizar a pobre senhora desesperada.

— Ela está aqui! — Falou para a o alívio da mulher. — Por favor, entra.

Sérgio deu espaço para que a mãe de Fernanda entrasse dentro da sua casa e voltou a falar em tom de desculpas.

— Ela perdeu o ônibus e ficou aqui. Era para eu ter levado ela em casa, mas aconteceu alguns imprevistos graves e... ela acabou ficando e está dormindo na minha cama.

Depois de proferir as palavras e perceber que poderiam ser interpretadas erroneamente, Sérgio tentou argumentar, mas foi barrado por Liana.

— A Fernanda está na tua cama? Por que disso? — E a menina começou a subir as escadas, sem nem dar ouvidos para o irmão.

Já a senhora continuava a encarar Sérgio, como se aquilo fosse até um pouco mais preocupante que o próprio sumiço da filha por aquelas horas. Mas, como a mãe de Fernanda sabia da origem do seu neto, esperava que a filha não cometesse os mesmos erros, ainda mais tão cedo!

— Não é nada de mais, eu juro! — Sérgio se apressou em dizer, antes que a senhora pensasse mais do que já havia pensado. — Ela me ajudou a me colocar na cama e de preocupada ficou no meu quarto enquanto eu dormia um pouco. Acordei e vi ela dormindo encostada na minha escrivaninha, e o mínimo que eu poderia fazer naquele momento era ceder a minha cama para que ela continuasse a dormir.

Sérgio parou de falar atropeladamente para desfazer a imagem que havia pintado na cabeça da mãe de Fernanda e recomeçou a falar mais calmamente e limpando a garganta continuou.

— Sua filha é um tesouro aqui de casa. Meus irmãos e eu gostamos muito do trabalho dela e nós a respeitamos.

Mesmo confiando na educação que havia dado a sua filha, sabendo que ela tinha aprendido com o seu erro, sua mãe se acalmou mais ainda. Contudo, não pode deixar de não notar o nervosismo de Sérgio ao se referir a Fernanda e como a sua expressão mudou completamente.

No segundo andar, Liana abria a porta do quarto de Sérgio e encontrava Fernanda dormindo com a mão por cima da barriga, a qual Liana agora percebia o seu desenvolvimento. Ela se aproximou da cama sorrateiramente e se sentou ao lado de Fernanda.

— Bom dia, mocinha! — Disse a menina e depois teve um lapso de memória, como ela no lugar de Fernanda e a mãe a acordando dessa maneira. — O sol já nasceu e o dia está te esperando. — Concluiu o versinho e precisava perguntar a alguns dos irmãos se isso realmente acontecia ou era um fruto da sua cabeça imaginativa. Vá que toda a imaginação de como dar aqueles golpes do Mortal Kombat que ela joga com o irmão em Vanessa também inventasse aquilo?

Fernanda abriu os olhos e não reconheceu o lugar que estava. Pulou da cama, quase batendo de cabeça em Liana, tão próxima dela.

— Onde eu estou? Que horas são? Liana!

A menina se afastou e riu do desespero de Fernanda. Fernanda colocou a mão no rosto e tentou se situar no lugar em que estava. Lembrou da Liana pulando no pescoço de Vanessa, a briga, como Liana e Ricardo ficaram desolados e chateados com a situação e depois o que aconteceu com Sérgio.

Enquanto Liana ainda achava engraçado o susto, Fernanda se situou no quarto de Sérgio. A última coisa que ela se lembra é de ter ficado preocupada com ele a ponto de sentar-se para se certificar de que ele estava realmente dormindo e não sufocando no seu próprio vômito.

— Pelo cheiro desses lençóis e a cara de porre, o mano deve ter tomado todas ontem, não é? O pai quando bebia não parava de falar e a mãe ficava rindo da cara dele. Eu acho que era assim, pelo menos. — E adicionou mais esse item as perguntas aos irmãos.

Fernanda levantou-se ainda não acreditando que havia feito esse papelão. Era para ela ter ficado de sentinela caso Sérgio precisasse e não dormisse mais que o próprio necessitado.

— Vamos descer. Tua mãe está aqui.

— Minha mãe?

— Sim, e bem agitada. Se o Kado deixou, pode ainda ter um pedaço de bolo para ti comer.

As duas desceram as escadas e antes mesmo de Fernanda acabar os degraus, sua mãe já estava a abraçando.

— Tem noção de como eu fiquei desesperada quando não te vi descer do ônibus hoje pela manhã? — O esporro pegou os três irmãos de surpresa, inclusive Ricardo que apareceu timidamente no meio da conversa entre Sérgio e a mãe de Fernanda. — Pensei que tinha acontecido alguma coisa contigo, com o bebê, com vocês...

Sérgio se xingou por ser o principal motivo daquela discussão. Liana e Ricardo ficaram olhando a briga entre mãe e filha e quase imaginando como seria receber um esporro daqueles e se entreolharam.

— Senhora, — Sérgio interviu.

A mãe de Fernanda foi mais rápida e o calou com um levantar de mão.

— Eu sei que tu é um ótimo patrão para a minha filha, todos nós somos muitos gratos por essa oportunidade, mas nada vai desculpar Fernanda por não ter me avisado que estava bem.

— Eu entendo, senhora, minha mãe — ele vacilou — fazia a mesma coisa comigo e quase me batia quando eu não dava notícias.

— Mãe, — Fernanda interveio para o bem de Sérgio — me desculpa mesmo. Eu me esqueci completamente. Deveria ter ligado para a empresa do ônibus e pedido para alguém dar o recado.

Fernanda falou arrependida. Poderia mesmo ter ligado para a companhia de ônibus que faz a linha até a sua casa. Era uma artimanha que funcionava há tempo. A pessoa ligava, o atendente anotava o recado e entregava para o cobrador que faria a viagem. Quando chegava à parada, entregava para o dono do boteco em frente ou o próprio familiar estava lá para receber a mensagem.

— Eu estou bem, o bebê está ótimo. Nós estamos bem. Desculpa te fazer passar por isso. Foi completamente inconsequente da minha parte, eu sei. Ontem à noite foi bem — ela observou Sérgio desviar o olhar e focar no chão — diferente a situação e eu prometo que não vai mais repetir.

A mãe de Fernanda suspirou. Seu coração de mãe, que havia passado a noite preocupado e mais ainda não encontrou a filha na parada sem nem um recado pela manhã, havia finalmente se controlado. Sua filha e o seu neto (a) estavam bem. Tudo tinha voltado aos eixos.

— Acho que essa é a nossa deixa, mãe. — Fernanda falou carinhosamente. — Acho que ainda conseguimos pegar o ônibus de volta.

A mãe sorriu e virou-se para a porta para ambas saírem de volta para casa.

— Fernanda — Sérgio se intrometeu e falou baixo para ela. — Fiquem, — ela fez menção de interromper, mas ele foi mais rápido — por tudo que tu fez ontem. Eu sei que sou um pé no saco quando bebo e para te encontrar dormindo na minha escrivaninha eu devo ter aprontado alguma coisa.

— Aquela vaca estragou com o meu baile, mas não vai acabar com o meu churrasco de domingo. Não pude quebrar a cara dela como queria, mas vou comer bastante.

— Liana! — Sérgio ralhou com a irmã. — Olha essa boca!

— Que foi? Só falei a verdade! E essa é a nossa tradição aqui em casa. — Ela se intrometeu no meio dos dois e puxou o braço de Fernanda. — Vem que eu vou te ensinar a fazer maionese como a mãe me ensinou.

E depois desse convite nada convencional, Fernanda e sua mãe não tiveram escolha.

Capítulo 28

— Agora tu pode me contra o que eu aprontei ontem à noite? — Sérgio nem precisou se virar para perceber a presença de Fernanda atrás de si.

Ele estava travando uma briga com a grelha que tinha utilizado para fazer o churrasco que Liana tanto pediu para o almoço. Por ele, ficaria longe de qualquer coisa com fogo, um pouco com medo de ainda estar exalando álcool e entrar em combustão espontaneamente.

Fernanda deixou os pratos sujos na pia e juntos começaram a limpar as coisas.

— Sou péssimo bebedor, e tenho amnésia. Então além de abrir a porta do mercado, sentar na frente do freezer e começar a beber foi a minha última lembrança confiável. Ainda estou criando coragem de ir até o mercado e ver o estrago que fiz.

Ela deu uma risadinha quase infantil e suspirou.

— Eu acordei com sede e desci para beber um pouco d'água. Aí tu chegou de carro, deixou ele no meio do pátio, bloqueando a minha visão e eu escutei o barulho de alguma coisa pesada caindo na piscina. Fiquei preocupada e fui lá ver.

— Vou ter que colocar as minhas botas no lixo e não achei meu cinto. Provavelmente deve estar atirado no chão do mercado.

— Tu queria que eu entrasse contigo na piscina e ficou nadando por um bom tempo até eu conseguir te convencer a sair.

— Bêbado e chato. Mistura perfeita para ser idiota completo. Nem sei o que falar para me desculpar por todo esse papelão. — Disse envergonhado ao extremo.

— Já convivi com bêbados, e chato tu não é, Sérgio. Pode ter certeza. — Respondeu Fernanda tentando amenizar o sentimento de culpa dele.

E não adiantou em nada. Sérgio ainda achava o seu comportamento completamente inaceitável.

— E depois disso, começou a falar algumas coisas....

— Jesus! — Fechou os olhos. — Nem quero imaginar as coisas que eu devo ter falado.

Fernanda riu se divertindo daquilo tudo, principalmente do modo como Sérgio reagia a cada novidade da noite esquecida.

— Relaxa, foi tudo coisas que o teu coração quis falar. Nada de estarrecedor, comprometedor ou assustador. Foi até tocante. — Admitiu um pouco envergonhada. — O sentimento de amor entre ti e os teus irmãos. Deu para perceber que apesar de tu dizer que estás cansado de trabalhar no mercado e outras coisas, não desistiria por causa deles.

Sérgio continuou a lavar a grelha e depois de alguns momentos começou a falar baixo.

— Sim. — Admitiu. — Eu sou tudo que eles têm e eles tudo para mim. Meus pais me deram muitas oportunidades e eu não poderia fazer menos pelo Ricardo e Liana. Seria injusto com eles, comigo e com o que os meus pais conseguiram fazer até o último dia de vida.

Fernanda olhou para ele e compreendeu o que aquilo significava. Por certo lado também

era o que ela estava passando. Sua mãe, e agora se bebê era tudo que tinha e, daqui uns meses, seu bebê e ela eram tudo que sua mãe haveria de ter. E por esse motivo que Fernanda faria qualquer coisa pelos dois. Apesar de não ter o que reclamar do seu trabalho, ela também se sacrificaria em fazer alguma coisa que não gostasse só para dar o melhor que poderia para ambos.

— Eu gosto de trabalhar no mercado, — Sérgio revelou — só que eu sou tudo lá dentro. E tem dias que dá vontade de sair porta a fora e nunca mais voltar. Porém eu sei que vai passar alguns dias e eu vou querer voltar.

— E por que não contrata alguém para te ajudar lá no mercado.

— Uma vez eu fiz isso, mas o cara estava me roubando e eu demorei uns seis meses para descobrir isso. Então tive que demitir e fico com medo de conseguir alguém em que eu possa confiar às finanças do mercado, compras e coisas que envolvem dinheiro. E quase tudo envolve dinheiro praticamente.

Ela assentiu.

— Infelizmente nem todas as pessoas são boas — recitou ela.

— Não. Então eu prefiro me arrebentar trabalhando a deixar que alguém me roube pelas costas. E agora continuando, o que eu aprontei mais. Ainda não atingi o meu recorde de vergonha alheia do dia.

— Bom — Fernanda pensou um pouco para lembrar do próximo ato dele. — Com muita briga eu consegui te trazer aqui para cima, e te desviei do quarto deles diversas vezes. Te arrastei para o banheiro, fiquei esperando e rezando que tu não caísse dentro do banheiro e eu tivesse que te salvar.

Sérgio riu.

— Eu voltei para a cama quando imaginei que tu estava dormindo e acordei contigo entrando no quarto como um fantasma. Voltei a te levar para o quarto, mas não consegui te conter por muito tempo.

— Jesus Cristo, que cara chato! — brincou ainda rindo.

— Aí eu desisti. Te deixei ir no quarto deles para ti ter certeza que eles estavam bem e eu não estava mentindo.

— Era claro que eu sabia que eles estavam bem, eles estavam contigo. Tu é a única pessoa que eu confio em deixar os meus irmãos.

Fernanda sorriu como um agradecimento e sentindo as bochechas esquentarem um pouco.

— Fisicamente eu sei que eles estão bem. Mas psicologicamente, especialmente o Ricardo, eu não tenho certeza de nada. No fundo sei que ele está com algum problema, dificuldade... alguma coisa e não quer falar para mim. Já a Liana está mais triste por não ter batido mais. Ela é a única pessoa aparentemente feliz com essa situação toda.

— Percebi isso quando acordei.

— É. Eu sei que a culpa de tudo isso é minha, absolutamente minha. Me acomodei com a situação com a Vanessa, entre outras coisas — ele deixou subentendido, mas Fernanda

conseguiu entender.

O fato era que Vanessa era uma mulher bonita. Tinha porte e, aparentemente, uma mulher modelo. Qualquer homem gostaria de ter ela ao seu lado como um belo troféu. Ao contrário de Fernanda, sem atrativo nenhum e que não valia a pena ostentar. Simplesmente um divertimento passageiro e quando não servisse mais, ou como no seu caso, engravidasse, fosse descartada como lixo comum. Outras como Fernanda era só dar dois passos que se encontrava aos montes, já como Vanessa exigia um certo cuidado extra.

— Consegui perceber ontem durante a briga. Por isso que me castiguei bebendo daquele jeito como um cachorro. Para esquecer de como eu fui tão idiota a ponto de deixar os meus irmãos expostos a certas coisas. Agora acabou — e suspirou, como se colocar isso em palavras o livrasse de um peso extra. — Vou ficar quieto na minha, cuidando dos dois e do mercado até eles crescerem e saírem de casa. Depois eu posso voltar a cuidar de mim.

— Tu pode fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Ou três, cuidar do mercado, deles e de ti ao mesmo tempo. Eu ajudo a cuidar deles. Bom, pelo menos por enquanto.

— Eu sei! E já adianto que nada vai te fazer sair daqui. E no momento preciso de uma dica para lidar com essa situação, especialmente com o Kado. Ele não fala comigo.

— O Ricardo é sensível. Muitas vezes ele só precisa saber que tu está ali por ele. — Sérgio olhou para Fernanda e assentiu.

Tudo que ele precisava no momento era encontrar um modo de demonstrar que estava lá e se preocupava com o irmão mais do que ninguém. Teria que fazer isso o mais rápido possível.

Os dois continuaram a limpar as coisas e conversar sobre coisas mais amenas. Gostava de conversar com ela, com certeza era bem mais proveitoso do que as conversas com Vanessa. E Sérgio precisava relaxar um pouco depois dos últimos acontecimentos. Tudo que ele queria era de um tempo só falando besteiras ao lado de Fernanda para recomeçar a se preparar para enfrentar mais um dia e novos problemas.

Quase no último instantes, Fernanda conseguiu arrastar sua mãe para a parada de ônibus e irem para casa. Ela se encantou por Liana e Ricardo e quando Fernanda viu, ela já estava dentro da cozinha fazendo brigadeiro de panela para os dois.

Sérgio ficou com Ricardo trabalhando silenciosamente no carro que ele pretende dar de presente para o irmão no seu aniversário. Liana foi para casa de Bia, onde outras amigas estavam e assim já aproveitava e contava tudo para todas de uma vez só o que havia acontecido.

Os dois trabalharam até quase não conseguirem enxergar mais nada diante dos olhos, apenas conversando o básico sobre ferramentas, peças e o que ainda precisavam fazer para terminar o carro. Sérgio procurava desesperadamente um jeito de conseguir quebrar esse silêncio todo entre eles. Mas nada que conseguisse surgia efeito. Quando Ricardo ficava naquele estado de espírito tão fechado, era difícil penetrar.

Depois que tiraram todo o óleo e a sujeira desceram para a sala e Sérgio sentou no sofá observando Ricardo sentado no chão jogando videogame. Novamente ele quis puxar algum assunto com o irmão que estava mais interessado em olhar para a TV do que para ele.

E por esse motivo, Sérgio resolveu ser mais radical. Levantou do sofá, foi até a TV e

desligou o aparelho, para o descontentamento de Ricardo.

— Por que tu fez isso? — Bradou o menino bem mais alterado do que o normal.

— Porque quero conversar contigo. — Respondeu Sérgio no mesmo tom de irritação de Ricardo. — Por que tu não fala comigo, Kado?

— Não tenho nada para te falar. Se tivesse eu teria falado.

Sérgio balançou a cabeça e riu ironicamente.

— Tua irmã se agarrou no pau com a minha namorada, tu briga na escola e conversa mais com a Fernanda e a Liana do que comigo. Só quero entender o motivo disso. Não sou a pessoa certa para essas conversas? Sou teu irmão e quero saber o que se passa na tua cabeça pelo menos uma vez na vida!

Ricardo engoliu as lágrimas e fixou um olhar quase ameaçador e ao mesmo tempo com tantos significados que Sérgio ficava mais frustrado ao tentar interpretá-lo.

— Vamos lá, Ricardo! Seja como a Liana, grite, esperneie, tente me bater, mas faz alguma coisa!

E a única coisa que Ricardo fez foi baixar a cabeça e começar a chorar copiosamente. Sérgio se aproximou do irmão e o abraçou quase a ponto de quebrar as suas costelas.

— Desculpa — murmurou para o irmão que ainda chorava alto. — Desculpa. Eu te amo. — Suas lágrimas caíram junto. — Desculpa por tudo. Eu sabia que a Vanessa não era pessoa para ficar contigo e a Liana, mas eu me acomodei e pensava só em mim.

Os dois continuaram a chorar por um tempo enquanto dividiam o abraço.

Sérgio falou muitas coisas para o irmão. Que o amava acima de todas as coisas e ver ele sofrer quieto era a coisa que mais fazia ele sofrer. Que o erro em deixar Vanessa ficar mais tempo do que gostariam era uma coisa que ele nunca iria se perdoar, principalmente por deixar tudo chegar àquele ponto crítico. Que quer ser o melhor amigo do irmão e que para isso, precisava que Ricardo confiasse mais nele e se abrisse. Sérgio estaria pronto para escutá-lo a qualquer hora que fosse. Largaria o que estivesse fazendo para atender o irmão.

Era isso que um irmão faria pelo outro.

Capítulo 29

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — Disse Fernanda ao ver Ricardo e Liana chegando ao posto de saúde onde ela estava esperando para fazer uma ecografia.

“A” ecografia. A mais esperada e com direito até de apostas para descobrirem o sexo do bebê.

— Saímos mais cedo da aula — disse Liana sentando ao lado dela — passamos no mercado...

— Pegamos um monte de doce escondido do mano — mostrou Ricardo a prova do crime de dentro de uma sacola que estava escondida na sua mochila.

— E passamos aqui para ver se te encontrávamos.

— Demos sorte. — Ricardo entregou a sacola cheia de doces para a irmã e sentou-se do outro lado.

Liana dividiu o roubo com os três que começaram a comer ali mesmo, esperando a hora para que Fernanda fosse chamada para realizar o exame e cada um dos irmãos torcendo para que o bebê seja o sexo que eles querem.

Fernanda já estava com a barriga bem delineada. Já não conseguia mais esconder o fato que realmente estivesse grávida. E por isso, os rumores por onde ela passava cada vez aumentavam mais. Principalmente quando as pessoas a paravam na rua e questionavam na cara dura se ela estava grávida e quem era o pai.

Nesses momentos ela simplesmente dava os ombros e tentava mudar de assunto, como a data provável do parto, os nomes e afins. Mas a curiosidade sobre a empregada dos irmãos Chiarelli sempre falava mais alto naquela pequena cidade. Nas filas ela mesmo escutava as pessoas falando dela. De que não era uma boa cia para as crianças, que exemplo ela seria para elas, sendo uma mãe solteira e de como ela foi engravidar assim tão nova.

Era um desafio e tanto escutar tudo aquilo calada. A sua vontade era de se virar para essas pessoas e dizer que nada daquilo era de interesse delas! Fernanda admitiria que cometera um erro, mas estava fazendo o seu papel em assumi-lo e principalmente amar o seu bebê acima de todas as coisas, inclusive as palavras maldosas que ela vinha escutando. Até que tinha virado “menina da noite” e quando engravidou teve que parar de trabalhar. E também falaria que ao contrário do que todos pensam, a família Chiarelli havia recebido ela de braços aberto e em nenhum momento julgou a sua gravidez como um erro. Bem pelo contrário, se ela deixasse, era capaz de Ricardo e Liana roubarem o seu bebê só para eles.

Essa vontade que ela sentia em falar tudo isso se apagava quando ela chegava em casa ou ocupava a cabeça com o trabalho. Trabalho esse que aos poucos andava encontrando certas dificuldades. Com a gravidez já ultrapassando a metade, Fernanda começava a ficar mais lenta e especialmente mais cansada.

Todos já começaram a perceber isso e, por isso, até mesmo Liana tinha reduzido a sua bagunça diária a quase nada. Tudo para poupar que Fernanda se desgastasse em subir as escadas diversas vezes, carregasse muito peso e muito esforço. Ninguém aceitaria a saída dela daquela

casa por causa do trabalho que os três irmãos poderiam administrar.

Fernanda tinha se tornado a peça principal para que aquela família voltasse aos eixos. As brigas ainda continuavam, mas com um teor bem menos caótico e sem risco de vida para algum integrante. Liana estava até virando gente, como Sérgio havia comentado com Fernanda em um dia desses. Mais calma, centrada e, apesar de ainda falar o que lhe vem à cabeça, sem filtrar antes, já era bem mais sociável e até um pouco amável. Ricardo continuava o mesmo de sempre, quieto, organizado ao extremo e apesar de voltar com alguns roxos escondidos no corpo da escola, não tinha se envolvido em nenhuma briga mais e nem Sérgio tinha sido chamado na escola para resolver algum problema dos irmãos.

Era quase como um milagre que estava acontecendo naquela casa. E, por mais que Fernanda não aceitasse esse reconhecimento, Sérgio fazia questão de dizer isso sempre que podia para ela.

Para Fernanda, o emprego que havia conseguido só para ter dinheiro para cuidar do seu bebê tinha se transformado em algo bem a mais e profundamente emocional. Aqueles dois adolescentes tinham virado sua vida, bem mais que a própria gravidez, de cabeça para baixo. Era quase impossível não pensar/ver/ler em qualquer coisa e não associar a Ricardo e Liana.

Acompanhar para todos os lados e ficar em casa com eles era o melhor trabalho e passar de tempo que alguém poderia ter. O dia poderia ser o mais frio, chuvoso e triste que poderia ter, com os três juntos era como se o sol brilhasse apenas para eles.

Era como se tivesse adotado os dois como filhos, de tão forte que era aquela relação. Sua mãe dizia que era pelo fato de Fernanda estar grávida e aflorando todo aquele turbilhão de sentimentos, e como Ricardo e Liana não tinham uma mãe para cuidar deles, os três se uniram e completaram-se perfeitamente como um triângulo.

Ela ria, mas no fundo concordava um pouco com essa teoria louca da sua mãe. O fato era que Fernanda faria qualquer coisa pelos dois. E sabia que Ricardo e Liana também fariam o mesmo por ela. Inclusive ela já tinha puxado Liana para um lado antes que a menina xingasse uma senhora que olhou para a barriga de Fernanda e comentado alguma coisa sem cabimento. Tudo que ela não queria era que os seus problemas refletissem neles.

Tudo estava indo perfeitamente bem.

Ricardo tinha puxado um livro da sua mochila enquanto Fernanda trançava o cabelo de Liana com o quinto tipo de penteado que ela conhecia quando a chamaram para entrar na sala do exame. Antes mesmo de se levantar os dois já estavam na porta da sala, quase mais ansiosos que a própria mãe para descobrir o sexo do bebê.

A enfermeira colocou Fernanda deitada na cama, à espera do médico para realizar o exame e Ricardo começou a olhar a máquina de ecografia e a falar.

— Ele funciona por um tipo de eco que através de ondas de frequência pela sonda e depois essa mesma sonda recebe o eco e transmite para a tela.

— Por isso que se chama Ecografia e não outra coisa, né Kado. — Disse Liana já impaciente.

Os dois começaram a inticar um com o outro, tanto que Fernanda pediu para que os dois

parassem, pois até ela já estava ficando nervosa com a demora e a ansiedade de saber qual o sexo do seu bebê. Claro que por ela não importava qual sexo seria, estava pronta para receber um menino ou uma menina e que principalmente viesse com muita saúde. Ela só queria saber mesmo para começar a comprar algumas roupinhas com cores específicas, ou a criança viveria em branco, amarelo e verde. Cores que já predominavam no pequeno enxoval que ela vinha arrumando aos poucos.

A hora mais esperada começou. O médico mexia aquela sonda com tanta força que Fernanda chega a sentir um pouco de dor ao ser apertada assim. Ricardo e Liana se acotovelavam para conseguir uma visão melhor do monitor, só que não adiantava nada, pois nenhum deles conseguia interpretar o que aquela tela preta mostrava.

O som foi preenchido por um ritmo acelerado de um coração batendo. Fernanda sentiu as lágrimas brotando nos seus olhos e não se importou em deixar elas escapar. Esse era o som mais bonito que ela poderia escutar. O barulho de um coração batendo dentro de si, um pedaço do seu próprio coração se desenvolvendo até sair de dentro dela e virar uma pessoa por completo.

— Hoje estamos com sorte. Estamos bem agitado aqui. — Disse o médico. — A mãe que saiu daqui estava com o bebê sentado e com as pernas bem fechada, mas esse aqui está se mostrando para todo mundo. Querem saber?

— Sim! — Liana, quase em cima do médico falou antes mesmo de Fernanda.

— Pois é um menino.

— Eu sabia! — Ricardo vibrou e ainda levou um tapa no ombro da sua irmã. — Ai!

Fernanda já tinha se desligado do mundo. Seria mãe de um menino.

Só depois que saíram do consultório que ela pode assimilar tudo que teria que enfrentar agora. Nem deu bola para Ricardo implicando com a irmã pela aposta que ela tinha perdido. O mundo de Fernanda tinha acabado de ficar azul, com bolas de futebol, carrinhos e tantas outras coisas mais que ela não tinha a mínima ideia de como lidar. Só sabia que amava o seu pequeno homezinho que se desenvolvia e se mexia freneticamente dentro dela.

Nem percebeu no caminho de volta que os irmãos entraram dentro do mercado da família. Sérgio estava escorado em um dos caixas, tomando chimarrão quando os três entraram.

— Pela cara da Li e do Kado, me deixem adivinha. É menino!

Liana falou algum palavrão inaudível enquanto Sérgio e Ricardo batiam as mãos em comemoração.

— Homens ganham, Li. Aprende isso desde cedo. — Caçoou Sérgio e apertou uma das bochechas de Liana que queria matar o irmão mais velho nesse momento.

E quando Sérgio olhou para Fernanda saiu em sua direção e a abraçou.

A relação dos dois havia evoluído muito desde a partida de Vanessa. Sérgio, com essa mudança de status de relacionamento pode perceber tantas coisas que lhe escapavam que nem se espantava mais.

Vanessa ainda ligou diversas vezes no início para que ambos reatassem, mas nada que ela falava mudava a cabeça de Sérgio. Tudo estava acabado, enterrado e com uma grande e pesada

pedra em cima. E com isso, a sua amizade com Fernanda rendeu bem mais. Por não ter ninguém para conversar coisas além de trabalho no mercado, Fernanda assumiu esse papel e tomou todo para si.

Sérgio entendia perfeitamente qual era a magia que ela usava para ganhar Ricardo e Liana tão rápido, era a mesma que utilizava nele sem nenhum pudor. O interesse em cada assunto chato que Sérgio falava, o entusiasmo que ela sentia e passava para ele em cada momento de alegria por alguma conquista que Sérgio tinha. E também, os conselhos, todos eles certos. Às vezes, Sérgio se pegava pensando se Fernanda era mesmo tão nova e tão sábia em algumas coisas que ele perdia a noite pensando, e ela com poucas palavras, consegue resolver com a maior tranquilidade.

— Parabéns, Fernanda. Não vejo a hora desse guri estar correndo pelado lá por casa e tu atrás dele.

— Para de me rogar praga! A Nara me disse que tu fazia essas coisas quando era pequeno. Não estou preparada para ter um mini-furacão!

— E por falar em Nara, — Sérgio se vira para os irmãos — ela me disse que vocês passaram por aqui e fizeram um rancho de doces.

— Era o nosso plano para o bebê se mexer e dar para ver o que era. — Liana contou o plano mirabolante.

Sérgio e Fernanda se entreolharam e ao invés de brigar com os dois, caíram na risada.

— Que foi, pelo menos funcionou e eu preciso de dinheiro para pagar essa aposta.

— E eu tenho cara de quem vai bancar essas tua aposta com o teu irmão. — Sérgio ironizou a situação.

— Quem mandou me tirar a mesada até os anos dois mil? Agora aguenta, maninho.

Sérgio cruzou os braços meio que desafiando Liana, que com toda a ousadia que tinha naquele corpo, que não sabia se ainda era de criança ou de mulher, e ficou encarando o seu irmão mais velho. Nem precisou durar um minuto essa discussão silenciosa, Sérgio acabou puxando a carteira e entregando o dinheiro a irmã, que ainda saiu sorrindo acompanhada de Fernanda e Ricardo.

Capítulo 30

Sérgio precisava desesperadamente de um banho. Havia ajudado a descarregar meio caminhão de mercadoria. Não via a hora de chegar em casa, ficar uma hora embaixo do chuveiro tirando toda aquela poeira e sujeira do corpo, colocar as pernas para cima e dormir.

Por esse motivo que ele tinha saído do mercado mais cedo, iria para casa, tomaria o seu banho, descansaria um pouco e depois voltava só para fechar o mercado. Daria duas horas para não pensar em nada. Aproveitaria que os irmãos estariam entretidos na frente da TV, alucinados jogando videogame e ficaria no sofá observando os dois.

Avisou Nara da sua pequena escapada, acendeu um cigarro e rumou para casa. Ao abrir o portão escutou a música alta. Provavelmente toda a quadra deveria estar escutando. Suspirou pensando que havia feito uma péssima escolha em voltar para casa, talvez ter dormido na sua cadeira no escritório fosse melhor...

Ao entrar em casa, quase ficando surdo, caminhou até a sala onde, além da música altíssima, escutava os risos. Chegou até lá, abriu levemente a porta e ficou observando a cena do trio parada dura tocando guitarra no ar descontroladamente. Ricardo e Liana como astros do rock no auge e, mais delicada na profissão estava Fernanda.

Os três riam das performances acompanhando os solos de guitarra que a música tinha. Depois de olhar para essa cena, Sérgio até esqueceu do cansaço, nas dores nas costas e todos os outros problemas que tinha. Seu mundo se resumia àquelas duas crianças, quase adultas, e o sorriso iluminado de ambas. Coisa que ele faria tudo para deixar nos rostos dos irmãos pelo máximo de tempo que conseguisse.

Tudo estava caminhando para o rumo certo, assim ele pensava. Os irmãos felizes, o mercado cada vez melhor e todas as outras coisas. Claro que ele nunca incluía a sua própria vida pessoal nesse quesito. Isso era um assunto no qual ele nem pensava, e sabia que não tinha importância naquele momento.

A música acaba e Sérgio começa a bater palmas para a encenação dos três, pegando todos de surpresa.

— Só estou sem dinheiro para a gorjeta da apresentação. — Disse ele ao ser notado.

— Aconteceu alguma coisa para estar em casa essa hora? — Ricardo questionou com uma expressão preocupada.

Isso era inédito naquela casa. Sérgio chegando antes do pôr do sol.

— Só dor nas costas, cansaço e a urgência para tomar um bom banho.

Liana observa o irmão e se aproxima dele cheia de inúmeras intenções.

— Pensou com carinho? — Ela faz uma cara, que o pai dizia que era fatal para quando a menina pedia doce no mercado. Impossível de resistir.

— Ainda não. — Respondeu ele. — Nem está tão calor assim para irmos amanhã para a praia. Vocês vão acabar pegando uma pneumonia, isso sim.

— Não precisamos entrar na água. É só o fato de sair de dentro dessa casa. Já sei até o

número de tijolos em cada parede daqui de tão enfurnada que estou. Podemos fazer um churrasco na beira da praia, jogar bola e ficar lá de bobeira.... — Implorou ela.

Sérgio olhou para Fernanda, que deu os ombros, e Ricardo que pelo visto estava inclinado a aceitar a sugestão da irmã. E se caso não aceitasse, Liana daria um jeito de fazer ele mudar de ideia rapidinho.

O irmão mais velho ainda ponderava. Queria fazer o tradicional churrasco de domingo em casa, sem pegar a estrada, dirigir até a praia, montar acampamento, porque não existe a possibilidade de sair com os dois sem um mini acampamento de arrasto, e depois de tudo isso fazer o trabalho reverso. Parecia bem mais cansativo do que ficar em casa e dormir depois do almoço sem hora para acordar.

Porém ir para praia, aquele silêncio, nessa época, quase deserto era uma proposta e tanto. Deitar na areia fofa e dormir com o barulho das ondas quebrando ao fundo e o vento batendo no rosto. Teria coisa mais relaxante que isso?

— Vocês vão passar o tempo todo brigando um com o outro? Vão me deixar louco querendo afogar os dois na lagoa e voltar para casa sozinho?

— Não... — Liana respondeu como se pensasse no assunto. — Só se o Kado não me incomodar e...

— Eu não incomodo, a chata na história é tu. Não eu!

— Como é que é? Seu retardado e....

— Fazendo isso que o Sérgio não vai sair mesmo. — Fernanda se intrometeu a tempo dos dois se agarrarem no pau. A banda imaginária mal tinha começado e os guitarristas principais já estavam brigando desse jeito....

Automaticamente os dois calaram a boca, e se tivessem a oportunidade se abraçariam e jurariam amor eterno. Tudo para sair de casa.

— Certo. Nós vamos — antes de Liana começar a gritar como uma louca para casa Sérgio emendou — mas com uma condição. Um “ai” de qualquer um de vocês e eu junto as coisas e volto para casa no mesmo minuto. Ou faço o retorno no meio da estrada.

Ele olhou para os dois fixamente, indicando que não estava brincando. Qualquer dedo fora da linha era o final do passeio em família por completo.

— Eles vão se comportar. — Fernanda disse sorrindo.

— Acho bom. — Sérgio relaxou e aproveitando a brecha, Liana se atirou nos braços do irmão.

— Obrigada, mano. Vai ser o melhor domingo de todos.

Sabendo que o afeto da irmã era puramente interesse, Sérgio não deixou que ela se livrasse tão fácil do abraço. E por isso aproveitou para amassar Liana, apertar e ainda fazer cócegas. O riso da irmã era o seu tranquilizante.

Correndo os dois se despediram de Fernanda, que já estava de partida e Sérgio ficou observando os dois subirem as escadas correndo para começarem a arrumar as coisas.

— Ainda estou para ver uma guria mais interesseira que a Liana. — Riu ao falar para Fernanda.

— Ela faz isso de charme. O Ricardo cai completamente na lábia esperta dela. Acredita que ela conseguiu reverter a aposta para ela?

— Não só o Kado cai na lábia dela. Eu também. E ele me disse ontem à noite isso. Coitado do meu irmão, um legítimo pau mandado. — Sérgio suspira e se lembra de uma coisa.

Fernanda o acompanha até a cozinha onde ele lhe entrega um pacote embrulhado para presente.

— Um pequeno presente para o Inácio. — Disse ele ansioso para que ela abrisse o presente. — Agora que sabemos que é menino fica mais fácil de escolher as coisas.

— Não precisava! — Exclamou ela quase sem graça por receber o presente.

Tão animada como se fosse para si o presente, Fernanda rasgou o pacote para tirar o pequeno conjunto azul com o símbolo do Grêmio bordado. Fernanda sorriu espontaneamente ao segurar o tecido tão delicado. Se imaginou com o Inácio nos seus braços vestindo aquele conjuntinho azul.

— Acabei de escolher o time do teu filho, deduzi que ele também vai ser gremista como a mãe.

Ela concordou emocionada.

— Obrigada! Esse é o primeiro presente do Inácio, eu nem sei o que dizer...

Fernanda abraçou Sérgio espontaneamente. Deixou o seu corpo, principalmente a sua barriga, onde o Inácio ainda se desenvolvia encostar em Sérgio o tirando da realidade pelo tempo do abraço.

Ao seu ver, Fernanda era delicada. Desde os seus gestos, modo de andar e falar. Porém, sentindo o seu cheiro e o seu toque, Sérgio conseguia classificar a delicadeza dela igual ao de uma flor. Que ao toque mais severo se despedaça completamente e estraga sua beleza.

Ficou estático com essa revelação. O contato tão breve tinha feito revelações profundas para ele. Como poderia ficar ao lado dela por tanto tempo e não perceber certas coisas. Ou melhor, como ela conseguia carregar toda essa fragilidade externamente e ter passado por tanta coisa até hoje. Seria ela um tipo de flor que possui uma beleza protegida por espinho, que ao menor toque fere quem tenta a machucar?

Ou talvez tudo isso seja fruto de alguém que passou a tarde toda fazendo força e está sem comer desde o meio dia?

O abraço acabou e ele ainda se pegava olhando para o sorriso tão alegre dele. Talvez Sérgio pudesse colocar mais um adendo a lista de coisas que ele gosta de ver em todas as oportunidades. O riso despreocupado de Fernanda, quase infantil e o dos irmãos de felicidade.

— Obrigada mesmo. Ainda não sei o que seria de mim sem esse emprego.

— Não há de que, Fernanda. E eu também não sei o que seria de mim se tu nesse emprego.

Ela ainda continuava a admirar o conjunto enquanto ele a observava. Sérgio não era cego e

Fernanda era atraente. Ele mesmo já havia notado os olhares dos clientes do mercado quando ela está lá. Escutava vários comentários dos próprios funcionários homens que ele possui no mercado. Inclusive um dos açougueiros tem uma paixão por Fernanda. E por esse motivo, Sérgio tinha pegado um pouco de implicância com o funcionário em questão.

— Eu vou indo e....

— Fernanda!!! — Ouviu-se o grito de Liana do andar de cima. — Vem aqui! Não acho uma coisa!

— Já vou! — Respondeu e saiu em direção às escadas.

Sérgio ficou ali parado. Ainda conseguia sentir o cheiro de Fernanda no ar e se dependesse dele ficaria ali até o último resquício acabar. Porém ele acabou rápido demais e Sérgio começou a sentir o próprio cheiro, quase o enjoando.

Fernanda chegou ao quarto de Liana, a menina estava em dúvida em qual roupa colocar e não achava uma peça específica. Fernanda nem precisou olhar para onde enfiar a mão e puxar a tal roupa de tanto que conhecia o seu guarda-roupa.

— Agora sim, obrigada.

— E tu te comporta e me conta tudo segunda.

— Pode deixar. O que vocês dois vão fazer amanhã?

Ela sorriu ao saber que Inácio já era considerado alguém fora do seu corpo.

— Provavelmente arrumar a casa e descansar. Meus pés vão agradecer por ficarem um pouco para cima.

— Porque tu não vem com a gente? — Os olhos de Liana se iluminaram. — Ricardo! — Gritou ela para que o irmão respondesse.

— Li, não...

— Que foi! — Bradou Ricardo do outro lado do corredor.

— A Fernanda vai com a gente para a praia amanhã. — Liana respondeu no mesmo tom.

Fernanda tentou interromper aquele diálogo aos gritos dos irmãos.

— Liana, não. Eu vou ficar em casa. Tenho coisa para fazer e...

— Tu acabou de dizer que não vai fazer nada, só descansar. Quer lugar melhor do que descansar na praia? — Uma sombra passou no corredor e Liana voltou a gritar.

Era Sérgio passando em direção ao seu quarto.

— Mano! — Ela gritou, mas como Sérgio está acostumado com os gritos de Liana para Ricardo, nem se manifestou. — Sérgio! — Gritou ela mais uma vez.

— Que foi gasguita? Para de gritar.

Liana saiu no corredor em direção ao irmão com Fernanda tentando a segurar antes de falar.

— A Fernanda vai amanhã com a gente.

— Li! Eu já disse que...

O rosto de Sérgio se abriu em um sorriso.

— Isso é ótimo, Fernanda! Eu não te convidei porque pensei que tu queria distância de nós por um dia.

— Eu... Eu não sei o que eu faço. — Admitiu por fim.

Fernanda nunca foi fã de praia. Aliás o único contato dela com uma quantidade de água assim era no riacho perto de casa e a última vez que havia ido, seu pai ainda era vivo. Ela morria de medo de entrar, ser levada por uma onda e morrer afogada. Era pequena quando aconteceu uma tragédia dessas perto da sua casa e isso a marcou para sempre.

Mas ficar na areia, olhando a água quebrar parecia bem mais relaxante do que ficar com as pernas para cima na guarda da sua cama. Sem contar que estaria na presença de Ricardo e Liana. Com os dois ela se divertiria certo.

— O convite está feito. Posso passar na tua casa amanhã cedo e te pegar. Aí se tu quiser dormir aqui de amanhã para segunda para não cansar muito da viagem, sabe que a casa lá está sempre a tua disposição. Tua mãe não quer ir junto?

— Ela é mais medrosa que eu e.... — Ricardo se juntou ao bolinho dos três irmãos Chairelli e todos olharam para ela.

Parece que não era só a Liana que tinha o dom de ganhar as pessoas somente com o olhar.

— Ok, eu vou. Mas só para ficar na areia olhando vocês de longe.

— Isso! — Liana vibrou e bateu a mão com a de Ricardo.

— Então está fechado. Amanhã cedo eu passo na tua casa e vamos passar o dia na praia. — Sérgio disse tão animado como Liana.

Capítulo 31

Fernanda sorriu ao enterrar os pés na areia fofa da praia. No fundo ela duvidava que Sérgio, Liana e Ricardo passassem na sua casa tão cedo para que os quatro saíssem em direção à praia. Ela conhecia bem os três para saber que eles não conseguem ficar muito tempo sem brigarem entre si, e imaginava que isso fosse acontecer e Sérgio desistir da viagem.

Mas por mais incrível que isso pudesse soar, no horário marcado ela se viu abrindo a sua porta para encontrar os três com o carro lotado, sorridentes e loucos para pegarem a estrada.

Mesmo tendo muito medo de água, Fernanda foi. Vestiu um vestido mais solto que tinha, arrumou a sua bolsa velha e surrada e se despediu da sua mãe, que passava mil e umas orientações para Sérgio na frente de casa.

O litoral gaúcho não é reconhecido pela sua beleza. Suas praias marítimas são geladas, não muito bonitas ao olhar e geralmente fundas. Porém, existe uma particularidade que não se acha em muitos lugares no mundo. Uma grande laguna, uma porção de água doce com ligação com o mar. Em várias cidades costeiras as praias são rasas, de caminhar metros e não passar da cintura de profundidade. Dependendo da estação do ano e da chuva que caia na região, a água doce dá lugar à salgada do mar deixando a água mais límpida e quase transparente. Isso sem contar na infestação de camarões que invade as praias, fazendo com que todas as receitas possuam a especiaria.

E era em uma dessas praias da tão ilustre Lagoa dos Patos, inspiradora de muitos poetas e cancionistas do estado que eles se encontravam. E com a ajuda do calor, a orla estava repletas de banhistas e família inteiras fazendo seu churrasco de domingo nas áreas permitidas.

— Está vendo eles? — Fernanda perguntou a Sérgio a procura de Ricardo e Liana dentro d'água.

— Estou. Atrás daquele guarda-sol.

Fernanda faz um esforço e enxerga a cabeça dos irmãos.

— Eles não estão muito longe? Só vejo a cabeça dos dois.

— Não. Aposto que eles estão agachados. Olha lá — ao longe Fernanda viu Ricardo levantar e a água não chegar na sua cintura. — E os dois são acostumados a ficarem aqui. Já sabem até os caminhos das pedras que existe.

Fernanda não ficou muito relaxada com a citação das pedras que existem naquela região. Ficava mais tranquila com os dois mais perto da margem, de pé e preferencialmente bem a vista de todos. Para não correrem risco nenhum mesmo.

O acampamento estava montado. Sérgio não esqueceu de nada para que todos ficassem bem à vontade para passar o dia sem se preocupar com nada. A churrasqueira de tijolos era fornecida pela própria praia, quem chegava antes pegava as melhores, mas por via das dúvidas, ele tinha trazido uma de alumínio desmontável. Cadeiras, toalhas, roupas e tudo mais para que ninguém sentisse frio depois que saísse da água. Sem contar no isopor cheio de água e refrigerante.

O cheiro do churrasco de várias famílias se misturava. Algumas até já almoçavam.

— Daqui a pouco já vai estar pronto. — Sérgio sentou-se ao lado de Fernanda enquanto tomava chimarrão. O calor poderia estar horrível, mas ele não largava o vício do chá quente e amargo. — O problema vai ser tirar os dois de dentro d'água. Da última vez que viemos a Liana ficou toda roxa de frio, mas não queria sair. Tive que quase colocar ela dentro da churrasqueira para se aquecer.

— Ela gosta de água bastante. Tenho que brigar com ela todos os dias para ela não sair da mesa do almoço e se atirar na piscina.

— Coitado do Ricardo que ela não deixa sair da água. Olha lá ele jogando ela como uma boneca de pano dentro d'água. Amanhã vai estar todo dolorido por isso.

— Ele não consegue deixar a Liana sozinha. Se ela pedir para que ele busque alguma coisa na lua ele vai. Reclamando, mas vai.

— Meu irmão é um capacho. Quando ele começar a namorar a guria vai fazer gato e sapato dele. Aliás, — Sérgio terminou de tomar o chimarrão e começou a encher outra cuia — sabe de alguma coisa sobre esse assunto?

Ele ofereceu o chimarrão servido para Fernanda que aceitou, respeitado uma das regras do chimarrão a qual a bebida nunca deve ser solicitada e sim oferecida ao amigo em sinal a hospitalidade e amizade entre os participantes da roda.

Esse assunto era de curiosidade de Sergio. Na idade de Ricardo, ele já tinha aprontado algumas coisas, nada sério, mas que renderam boas experiências para o futuro. E Sérgio nunca tinha visto o irmão falando nada sobre meninas ou muito menos acompanhado de qualquer uma a não ser as colegas de aula e as amigas de Liana.

Fernanda fez um pouco de mistério começando a tomar o seu chimarrão ao ver a curiosidade nata no olhar de Sérgio para a questão.

— O Ricardo nunca me falou nada sobre meninas comigo, mas a Liana me disse que a Bia é apaixonada por ele.

— A Bia!? — Sérgio ficou espantado com a revelação.

— Por favor, não me faz de fofqueira nessa história! Elas me matam se souberem que eu falei alguma coisa.

— Não vou falar nada. Só fiquei espantado, a Bia! Quem diria! — Sérgio riu. — Não vejo ele com a Bia, ela foi criada lá em casa junto com a Liana. Ele brincava de casinha com elas. E se elas pedirem brinca até hoje. Tomavam banhos pelados de mangueira juntos lá no quintal antes do pai colocar a piscina, quando a Bia e a Li mal sabiam se equilibrar.

— Sem contar que os dois fazem parem par na invernoada.

— Ahhh, agora eu entendo porque a Bia é a que mais sorri enquanto dança. Acho que vou ter que dar uma conversada com o meu irmão sobre algumas coisas. Ele precisa abrir mais os olhos. Capaz da Liana já ter beijado algum guri por aí e o Ricardo nada ainda.

— Deixa o guri, Sérgio. Cada um tem o seu tempo, e não, a Liana ainda não beijou ninguém por aí. Ela teria me falado. O único precoce dessa família foi tu.

Ela entregou a cuia de chimarrão vazia para ele e continuaram a conversar. Deixaram a

parte dos relacionamentos dos irmãos de lado e focaram em outro assunto. Sérgio conseguia conversar com Fernanda assuntos que iam além dos problemas de casa e do mercado, entravam em uma veia pessoal. Coisas que não seria para qualquer um dos seus funcionários escutarem. Mas qual dos seus funcionários que iam passar um domingo junto com eles na praia?

Por mais que Sérgio dissesse com todas as palavras que Fernanda era apenas mais uma das suas funcionárias, lá no fundo ele sentia que ela era bem mais do que isso. Ela tinha sentimentos pelos irmãos acima do que qualquer empregada comum deveria ter. Assim como Ricardo e Liana se tornaram tão dependente dela, não só para fazer suas coisas, como sentimentalmente.

Até que ponto aquilo tudo era normal? Sérgio não sabia delimitar, mas compreendia que tudo isso ia além do salário pago que Fernanda recebia. O jeito como ela cuidava dos irmãos, e até dele mesmo, não ressarcível. Não havia dinheiro no mundo que pudesse pagar Fernanda por todo o trabalho que ela estava fazendo por aquela família.

E isso, por um certo lado, aquele que Sérgio não conseguia definir, o encantava de uma forma única. Fernanda era perfeita, em todos os sentidos das palavras, e se pudesse, Sérgio nunca mais deixaria que ela saísse de perto da sua família.

De fato, foi uma briga para conseguir tirar Ricardo e, especialmente Liana, de dentro d'água. Ela já tinha atingido um certo tom de roxo de tanto frio que ficou. Tanto que Fernanda teve que estender uma toalha no chão, no sol, para que os dois se aquecessem enquanto arrumavam os pratos e Sérgio preparava a carne assada para cortar.

— A faculdade voltou a me ligar esses dias. — Disse ele enquanto preparavam o almoço. — Novas propostas de parcelamento e inúmeras vantagens financeiras. — Brinco ele, já que esse não era o problema em questão.

— Quanto tempo falta mesmo?

— Um ano, mais ou menos. — Fernanda tentou pegar o isopor pesado, mas Sérgio a impediu e colocou perto de onde eles comeriam.

— Falta tão pouco, não tem forma mesmo de tu terminar?

— Então, eu disse que financeiro não era o meu problema, e sim tempo. Aí eles me deram a opção de sexta à noite e sábado o dia todo.

— Que ótimo! — Animou-se Fernanda.

Sérgio até perdeu a linha de pensamento alguns segundos ao ver a empolgação dela por ele. Era essas pequenas coisas que faziam com que Sérgio pensasse em Fernanda como além de uma simples empregada, funcionária assalariada.

— Sim, — ele recuperou os sentidos e voltou a falar — mas o que eu faço com a dupla imbatível ali? Capaz de eu sair sexta à noite e chegar em casa no sábado à noite e encontrar os dois num caminhão de bombeiro e um jogando a culpa no outro. E tu sabe que eles sozinhos são um perigo.

Fernanda riu, fazendo com que ele voltasse a focar no seu olhar.

— Eu sei. Ahh sei muito bem disso. Mas melhor uma casa incendiada do que ir para a faculdade todos os dias, não é?

— Com certeza. — Sérgio pegou um dos espetos de carne, bateu no fogo com a faca para retirar o excesso de sal e começou a cortar enquanto Fernanda servia os dois.

— Como eu disse, é uma oportunidade. Um ano passa rápido demais. Quando tu perceber já vai ter acabado.

— Eu sei, mas o que eu faço com eles? Levo junto? Deixando presos em um apartamento na cidade grande ou soltos na cidade pequena? Não sei qual é o mais perigoso dos dois.

— Se precisar de alguém para ficar com eles eu posso ficar. Tu sabe que eu nunca vou deixar vocês na mão. Se precisar de mim é só me pedir. E antes que tu reclame que não tem ninguém para ficar no mercado...

— Já sei! — Cortou Sérgio já sabendo o sermão de cor — Tenho que encontrar alguém para me ajudar na administração. Estou procurando, eu juro!

E ele estava tentando mesmo. Fernanda via o cansaço no olhar de Sérgio todos os dias que passavam juntos e de tanto falar, conseguiu o convencer de encontrar alguém para delegar algumas das atividades do mercado. Nem que fosse as que não exigissem a presença de dinheiro no meio, já que ser passado para trás era um dos medos de Sérgio.

— Já disse que vou te colocar lá para me ajudar. — Brincou ele, já que se isso acontecesse, a terceira guerra mundial começaria pelos irmãos Chiarelli. — Mas eu vou pensar na proposta.

— Não pensa muito, só faz. E não falo isso pelo fato de ter que ficar mais tempo trabalhando. É pela oportunidade. — Ela limpou a garganta antes de continuar. — Não é todos que conseguem.

Fernanda terminou de servir Ricardo e Liana e, para não falar mais do que devia, foi entregar o prato servido para os dois que ainda tremiam de frio no sol e agarrados nas toalhas.

Ela não precisava ter dito aquela última parte para Sérgio. Sabia que essa amizade deles a deixa confortável para tais assuntos, porém aquela indecisão de Sérgio por voltar a estudar a deixava inquieta. Queria ela ter a oportunidade de estudar como ele tem. De poder pagar uma faculdade integral, renomada e faltar tão pouco para se formar. Se fosse ela no seu lugar já estaria lá sem pensar duas vezes.

Esse era o seu sonho principal quando saiu de casa. Estudar para ingressar em uma faculdade e se formar. Porém, por sua ingenuidade nata, a incapacidade de nunca enxergar o outro lado das pessoas, havia feito os planos de Fernanda se esvaírem. Afinal, ao invés de voltar para casa com um diploma, ela tinha retornado grávida.

Claro que agora, depois do desespero inicial de não saber o que fazer com a sua situação, e tendo sido amenizado com a oportunidade de trabalhar para Sérgio, e se apaixonado por Liana e Ricardo, ela não podia se queixar de nada. Aceitou o seu destino como toda a mãe deve fazer. Sacrificou o seu sonho de estudar e se formar para dar a oportunidade de vida para aquela criança. Quem sabe daqui uns anos, quando Inácio crescer e compreender algumas coisas, ela não possa voltar a sonhar com o seu estudo?

Sérgio percebeu a indireta que Fernanda havia lhe dado e sentiu aquilo como um soco no estômago. Ele tinha a faca e o queijo na mão para voltar a estudar. Era só o fato de um pouco de esforço e boa vontade em parar de desconfiar de todos os funcionários do mercado. Era

impossível que ninguém, além de Fernanda, que ele pudesse confiar a esse ponto?

Porém deixaria isso para pensar amanhã. Hoje ele só quer desfrutar a cia de Fernanda, não como sua empregada, mas sua amiga e seus irmãos, isso se eles não resolvessem a ir morar com algum cardume de peixe por ficarem tanto tempo na água.

Capítulo 32

Ricardo estava sentado em uma das pedras na beira d'água, aproveitando o tempo que Liana tinha tirado para deitar na sombra e escutar música junto com Fernanda. Um momento de paz para ele, já que a irmã tinha grudado como sempre fazia quando estavam na praia.

Ele ainda se lembrava de como era passar boa parte das férias nessa cidade. Os pais alugavam uma casa por uma temporada e os irmãos, junto com a mãe ficavam na praia enquanto o pai trabalhava e vinha os finais de semana, e na última semana, ficava com os quatros na casa.

Era o tempo das férias mais esperados por eles. Praia, sol, água e diversão. Ricardo ainda tinha memórias nítidas dos verões que ali havia passado. E num acesso de nostalgia queria que ele voltasse.

Ficou um bom tempo, lagarteando no sol, uma expressão que combinava bem com o seu estado atual. Tomando sol como um lagarto em cima de uma pedra. Era bom estar ali sem fazer nada, apenas olhando o vai e vem das ondas e a água subindo na sua pedra enquanto ele pensava na vida que tinha e como gostaria que ela voltasse.

— Eu não tenho mais idade para ficar subindo nessas pedras, daqui a pouco eu vou cair e me machucar, isso sim. — Ricardo ouviu seu irmão e o ajudou a subir. — Quando eu tinha a tua idade ficava nessa pedra também, agora já não consigo mais quase subir.

Ricardo deu espaço e ficou sentado ao lado do irmão.

— As duas começaram a escutar música e rir de coisas que eu não entendia, então vim para cá. Não gosto de lugares onde me sinto um idiota. E perto da Liana e Fernanda eu me sinto assim.

— As duas são cheias de segredos. — Ricardo revelou. — Às vezes eu me sinto um intruso no meio delas. Principalmente se tem alguma amiga da Li junto, aí eu fico completamente perdido.

— Acho que as mulheres vivem num mundo alheio, só delas. — Sérgio complementou. — Mas de uma coisa é certo, o nosso mundo fica bem melhor quando tem uma junto com a gente. — Ele empurra o irmão com o ombro o fazendo sorrir.

Sérgio estava jogando bem verde, quase amarelo por assim dizer, para colher uma fruta bem madura. Até porque depois que Vanessa havia saído da sua vida, por parte dele, já que ela ainda tentava retornar para o seu lado, ele estava sozinho. E muito bem, por assim dizer. Talvez Vanessa o tivesse traumatizado por uns bons anos até ele voltar a se relacionar novamente com alguém.

— Vi que a guria da família ao lado estava conversando contigo agora a pouco. — Sérgio impulsionou o irmão a falar.

A menina estava fazendo de tudo para chamar a atenção de Ricardo. Até estendido a toalha ao lado da dele para ver se ele notava, mas nada de Ricardo entender. Ao invés disso Ricardo se enfiou em cima daquela pedra e Sérgio arriscou quebrar um braço, ou o pescoço, para dar uma empurrada amiga no irmão.

— Ela me perguntou onde ficava a sorveteria. Aí eu respondi que a mais perto fica longe, mas tem os carrinhos que passam e...

Sérgio queria grudar a cabeça de Ricardo na pedra. Só faltava a coitada da menina se jogar nos braços do Ricardo, afogada, implorando por um boca a boca e nem isso o seu irmão se ligaria no que estava acontecendo. Tão inteligente para fazer todo o fechamento contábil do mercado, mas para outras...

— Ricardo — Sérgio respirou fundo — pega a minha carteira a vai até a sorveteria com a menina. Paga cinco sorvetes para cada um, mas não me volta aqui sem ter passado mais que meia hora com ela, ok?

— Mas...

— Mano, — ele disse calmamente — a guria está na tua, quase implorando por um pouco de atenção.

Ricardo ficou olhando para Sérgio abismado.

— Vai de uma vez! — E com esse nada sutil incentivo, Ricardo pulou da pedra o mais rápido que conseguiu e saiu em direção à menina.

Sérgio percebeu que tinha ganhado o dia fazendo com que Ricardo saísse com a menina, porém ficou um bom tempo tentando sair daquela maldita pedra sem cair e se machucar.

Ao voltar para o acampamento, ileso, foi recebido por uma Liana indignada.

— Aonde o Kado foi e por que eu não fui junto?

— Ele foi comer um sorvete na sorveteria com uma amiga que fez aqui na praia.

— Que amiga? Ele passou o tempo todo ao meu lado, e eu quero um sorvete também. — Ele foi se levantando e Fernanda a agarrou pelo braço.

— O carrinho vem vindo. Fica aqui escutando música. — Ao se virar para Sérgio ela piscou entendendo a artimanha do irmão mais velho para com Ricardo.

— Eu pego um para nós. — Sérgio levantou-se e foi em direção ao carrinho.

Fernanda também havia notado que a menina do casal ao lado do acampamento dele estava fazendo de tudo para chamar a atenção de Ricardo, mas sem efeito. Ela mesmo estava afim de dizer isso para ele, porém gostou mais de ver Sérgio tomando a iniciativa, mesmo que isso fizesse Ricardo voltar da pedra correndo como se estivesse com medo de Sérgio se não fizesse o que ele havia dito.

— Comprei de chocolate porque é de gosto universal. — Ele estendeu para elas e os três comeram conversando.

Fernanda se deliciou com o doce gelado. Esse era o seu desejo constante na gravidez e sempre que tinha a oportunidade comprava um e fazia Inácio vibrar dentro dela. Uma coisa que ela adorava sentir.

— Só acho que a Fernanda tem que entrar dentro d'água. — Sérgio falou depois de um tempo.

— Também acho! — Liana olhou para Fernanda com aquele olhar de quem estava

cúmplice do irmão.

— Nem trouxe roupa — disse Fernanda sabendo que contra isso não havia argumentos. Seu medo de água era mais forte que isso.

— Pode usar aquele short que eu trouxe — a menina sorriu, uma resposta que Fernanda não esperava. — Te levo até o banheiro daquela lanchonete ali e tu troca.

O medo subiu a espinha de Fernanda.

— Não! — Ela se assustou. — Eu não vou entrar na água!

— Ahhh, qual é, Fernanda! Aqui é bem tranquilo de entrar, nem é fundo! — Liana se animou e ficou em cima dela.

— Eu entro contigo, Fernanda. — Sérgio se meteu no assunto. — Tu é minha responsabilidade e a tua mãe me fez prometer que nada aconteceria contigo. Eu te levo — insistiu.

Ela ficou num beco sem saída. Por um lado ela queria sentir a água da lagoa, mas ao mesmo tempo ficar bem longe dela.

— Ok, sem mais problemas então. — Liana levantou-se foi até a sua mochila, tirou os shorts e a blusa sobressalente que ela havia trazido e entregou para Fernanda.

— Li eu....

— Vamos Fernanda, vou fumar um cigarro e te espero para entrarmos, se tu não te vestir eu te carrego do mesmo jeito. — Sérgio puxou um cigarro da carteira e se afastou para fumar.

— Temos menos de cinco minutos para o mano fumar. — Fernanda olha para Liana. — Sério, como tu acha que eu faço as coisas quando estou de castigo dentro de casa? Espero o mano ir fumar a casa fica limpa.

A menina dá os ombros com uma carinha de inocente, aquela que Fernanda sabe que Liana não é nada. Com muita relutância Fernanda a seguiu até a lanchonete próxima de onde eles estavam. Liana ficou esperando na porta enquanto ela se vestia lentamente. O short de Liana serviu ficando um pouco apertado na cintura por causa de Inácio que crescia cada vez mais expandido sua barriga. A blusa era outro caso à parte, deixando um pouco da sua barriga visível. Pelo espelho, Fernanda suspirou observando-se no espelho e se achando exposta demais e expondo a barriga a léguas de distância de quem visse. Seu pesar só não era maior por causa que eles estavam em uma cidade diferente e ninguém sabia que ela era mãe solteira.

Na cidade onde moravam, os rumores estavam cada vez maiores.

Saiu do banheiro e Liana ficou satisfeita com as suas roupas nela. Toda feliz, ela arrastou Fernanda até de volta à orla, onde Sérgio as esperavam e Ricardo e a amiga retornavam da sorveteria.

— Tu fica aqui com eles que eu levo a Fernanda para ser batizada na lagoa. — Liana nem retrucou depois daquele pedido, quase ordem de seu irmão.

Fernanda resistiu um pouco, mas Sérgio a puxou pela mão em direção à água. E quando os seus pés tiveram o primeiro contato com a água, ela parou.

— Vamos aos poucos. — Sérgio disse bem mais relaxado.

Realmente ele queria levar Fernanda para a água, sem a presença incomodativa de Liana. Ele poderia amar a irmã com toda a sua força, mas às vezes gostava quando ela ficava longe. Principalmente quando ele queria ficar com Fernanda. Quem os conhecia melhor, até poderia dizer que o irmão mais velho tinha um pouco de ciúmes quando as duas estavam juntas.

— Para mim já está bom aqui. Molhar os meus pés está ótimo. — Disfarçou Fernanda.

Sérgio riu. Viu a mesma birra de Liana ao ver um temporal. Qual será o problema das mulheres e seus medos? Chagava até ser bonitinho essas carinhas assustadas delas.

— O Inácio também quer se molhar.

— O Inácio já está bem submerso em mim. Não precisa de mais água.

— Confia em mim, Fernanda....

Sérgio estendeu a mão para ela. Fernanda hesitou por alguns momentos, mas com um impulso desconhecido por ela, aceitou a mão dele que apertou a sua delicadamente. Ela confiava em Sérgio, sabia que se estivesse na presença dele nada de ruim aconteceria.

Sérgio sentiu um certo arrepio quando suas mãos se tocarem e teve que suprimir um sorriso que chegou aos seus lábios. A mão de Fernanda era delicada e pequena perto da sua. Aliás, toda ela era pequena em comparação de Sérgio, sua cabeça por pouco não passava os seus ombros. Talvez por esse motivo que ele se sentia tão protetor quando estava ao lado dela. E por isso que ele estava entrando com ela na água, para que Fernanda não sentisse medo.

— Está gelada! — Fernanda reclamou.

— Isso é água de lagoa, te acostuma ou morre congelada. — Ele riu quando escutou ela gemendo em desaprovação.

Caminharam devagar dentro da água gelada, Fernanda se esquivava toda quando uma onda vinha até eles e molhava mais ainda. Sérgio se deliciava com os gritos de Fernanda a cada passo que ela dava.

— Cuidado que aqui tem uma pedra. Uma vez arranquei um pedaço do meu pé numa dessas. Devia ter uns dez anos. Quase morri de hemorragia, mas nem por isso sai da água. Só sai porque a mãe disse que um jacaré ia vir me comer.

E com a menção do réptil, Fernanda se agarrou mais ainda nele.

— Tudo que eu menos quero é ser comida por um jacaré aqui!

— Eu já vi um, mas não aqui nessa região, para os lados mais de banhado. — Falou para acalmá-la, mas nem por esse motivo Fernanda o soltou, bem pelo contrário, se aproximou mais ainda.

Com muita relutância, eles ainda deram mais alguns passos. A água ainda nem chegava a bater na metade da barriga saliente de Fernanda quando ela disse que não daria mais nenhum passo, ainda mais quando Sérgio começou a falar dos buracos que apareciam do nada não dando pé nem para ele. Como incentivador para que ela perdesse o medo d'água, Sérgio estava se saindo um ótimo torturador.

— Agora fica de joelhos, pelo menos. — Sérgio, ainda segurando a mão dela, e não sentindo a ponta dos dedos que aquela mão tão delicada exercia contra a sua.

— Não. Está bom aqui! Estou procurando as crianças lá na areia e...

— Jogando bola, acho que o Kado fez uma amiga... precisou de um empurrão, tipo de um penhasco, para que ele percebesse. Se fosse eu na minha época....

— Tu não é parâmetro. Esses dias estava conversando com a Nara e ela me disse que tu era pior que os dois juntos.

— Era mesmo. Cada verão que nós passávamos aqui era uma guria com o coração partido quando eu voltava para casa.

Os dois comeram a rir, e mais descontraída, Fernanda nem percebeu a onda alta vindo em sua direção, derrubando ela com toda força. Foi o quanto o capote vir e Sérgio puxar ela para a superfície.

— Agora sim, batizada na Lagoa dos Patos com louvor. Te afogou?

Fernanda, pega no susto completamente, respirava e tossia enquanto tirava os cabelos da frente do rosto.

— Não vomitou nem nada, como a Liana fez uma vez, então está bem. Agora senta!

Sérgio começou a agarrar Fernanda rindo e brincando com ela dentro d'água, a ponto dela rir e não conseguir mais se segurar, até se encontrar de joelhos na água e só com a cabeça de fora.

— Eu vou te matar, Sérgio. — Disse entre risos.

— Não vai nada. Ou eu vou te deixar aqui no meio da lagoa, com os jacarés e os buracos. — E ele à solta e desaparece embaixo d'água.

Fernanda se encanta e não acredita que está dentro d'água, longe da orla e gostando da água batendo no seu corpo. Talvez o seu medo por água fosse bobo, ou então, a presença de Sérgio suavizasse a questão e passasse a segurança que ela precisava para vencer isso.

Claro que ela deu um grito e tanto quando sentiu alguma encostando nela, e por pouco não chutou Sérgio pensando que ele fosse o tal jacaré que andava pela região.

Capítulo 33

Fernanda fechou o portão atrás de si com um sorriso no rosto. A manhã de segunda prometia ser clara, sem nenhuma nuvem no céu, ótima para abrir a casa toda e deixar a luz com força total entrar.

Era o seu primeiro final de semana em casa novamente. Sérgio finalmente havia aceitado a proposta da faculdade em voltar a estudar naqueles horários diferenciados. Ele saía na sexta à tarde e retornava no sábado no início da noite.

E nesse meio tempo, Fernanda ficava com Ricardo e Liana. Cada noite de sexta que o trio, quase quarteto se contar o Inácio, aproveitavam para fazer alguma coisa diferente. Por mais que Fernanda pensasse que a imaginação dos dois tivesse fim, eles conseguiam se superar fazendo outra coisa completamente inesperada.

Era nítido para todos que os conheciam que tudo estava diferente naquela casa. Ricardo e Liana, apesar de suas singularidades como indivíduos, tinham sinais visíveis de comportamento. E para quem os conhecia mais profundamente, poderia dizer que aquela casa, carregada de sentimentos, pesares e tristeza, novamente encontrava um ambiente mais limpo.

Talvez o que a família precisasse mesmo era de uma presença externa. Alguém de fora que os acolhesse e suprisse o que Sérgio não entendia ou não conseguia dar aos seus irmãos como eles merecessem. E Fernanda caiu como uma luva naquela ocasião. Se fosse combinado, não seria tão perfeito como estava sendo.

Talvez perfeito não fosse, ainda, a palavra para se utilizar, contudo, o significado chegava perto cada vez mais. E a esperança era essa. Porém, essa “quase perfeição” ainda pagava o preço por alguns atos. Desde as rebeldias de Liana, a falta de comunicação entre Ricardo e Sérgio ou até mesmo relapsos que Sérgio achava tão inocente, mas que no fundo eram bem mais do que ele pensava.

Fernanda abriu a porta da cozinha, onde notou um silêncio incomparável para aquela hora da manhã. Geralmente era Liana gritando que não encontrava certo livro na última hora e Sérgio apressando os dois para que não perdessem a hora da escola e nem a carona que ele oferecia regularmente.

Encontrou Ricardo na deixando o seu prato do café da manhã na pia, Sérgio ainda comendo e Liana descendo as escadas.

— Bom dia! — Disse ela animada.

Sérgio respondeu no mesmo tom e Ricardo mal murmurou o cumprimento. Liana olhou para ela, mas se limitou a falar automaticamente e lançar um olhar que ela já conhecia pelo tempo que trabalhava com eles, dizendo que as duas conversavam mais tarde.

— Vão querer...

— Não. — Liana falou colocando a mochila nas costas.

— E que eu...

— Também não. — A menina esperou Ricardo terminar de colocar a sua mochila.

— Tcha...

— Tchau, Fernanda. — Liana disse para ela e Ricardo apenas olhou para ela, abaixou a cabeça e seguiu a irmã em direção à escola.

Fernanda e Sérgio escutaram a porta batendo e ele soltou um suspiro longo.

— E aí, Fernanda. — Se virou para ela que ainda tentava entender o que estava acontecendo ali.

Quando saiu na sexta, o clima era de harmonia entre os três. Sérgio os levaria para a Capital, já que não teria aulas sábado à tarde e passaria com eles no cinema e shopping. Liana estava com uma lista de cd's novos para comprar e Ricardo com alguns títulos que esperava encontrar na livraria.

Tudo isso para compensar um o final de semana passado, aquele que Sérgio não conseguiu se dispensar da faculdade para ir a uma apresentação de Ricardo e Liana no CTG. E não era uma simples apresentação, era uma das eliminatórias das cidades da região, onde os dois melhores CTG's passavam para a próxima fase. Um marco e tanto para aquele ano, já que no anterior, o grupo deles tinha caído nessa mesma fase.

Fernanda foi a acompanhante dos dois. Até treinar os passos ela fez, tudo por causa dessa apresentação icônica, e tão esperada por eles. Claro que Liana não deixou a falta do irmão em branco, queria a presença deles a todo custo. Tanto ela como Ricardo, já que ele tinha grandes chances de ganhar, junto com Bia como par destaque daquela região. Como Sérgio, irmão deles, poderia deixar de ir e prestigiar o trabalho que eles tiveram por todo esse tempo?

O espetáculo foi lindo. Em uma cidade vizinha, onde os três partiram de ônibus fretado pelo CTG para levar o grupo e os pais, ou no caso de Fernanda, a empregada.

Munidos de muitos ensaios exaustivos, malas e mais sacolas contendo a roupa de cada um deles, peças avulsas, caso acontecesse algum acidente no percurso e a ansiedade que só um bando de pré-adolescente e adolescentes conseguem armazenar.

Foi uma coisa tão cansativa, principalmente para Fernanda e Inácio, que estava cada vez mais pesado e o espaço dentro dela diminuindo a cada dia. Mas ao mesmo tempo tão bonita e alegre, que Fernanda nem se importava que seus pés estivessem inchados, doloridos e sem contar no desconforto da viagem. Tudo que importava para ela era o sorriso cada vez que via Ricardo ou Liana no meio do salão. O modo impecável que os dois estavam pilchados. O tempo que ela levou domando os cabelos da Liana naquela trança costurada tão perfeita, sem nenhum fio de cabelo fora do lugar, a barra das bombachas de Ricardo, quase milimetricamente perfeita, teriam que pegar uma régua para verem a diferença. E o lenço vermelho, com o nó perfeito. De dar inveja a cada peão e prenda que passavam os observando.

Não tiveram dúvidas quando a premiação chegou, mesmo ela demorando tanto para ser apresentada. O grupo de Ricardo e Liana havia ficado em primeiro lugar, sem a mínima condição de ser alcançado pelo segundo lugar. E de quebra, o reconhecimento de Bia e Ricardo como melhor par da noite.

Tudo estava quase perfeito, apenas faltava a presença de Sérgio. Se emocionando ao lado de Fernanda ao ver a vitória dos dois, mais um passo para o sonho do título estadual de dança

tradicionalistas. Era como se uma parte da família não estivesse presente, e Fernanda, sabendo que essa falta era em prol de um sonho antigo de Sérgio de se formar, ela tentou amenizar os ânimos, principalmente entre ele e Liana. Já que ela era bem mais incisiva e explosiva que o irmão, o qual internalizava os seus sentimentos.

E depois de muita briga, chantagem e um certo apelo emocional, os dois conseguiram se satisfazer com essa tarde na capital com o Sérgio. Tudo planejado pelos dois, Sérgio apenas seguiria e pagaria por cada coisa que eles quisessem. Apesar de todas as brigas, Ricardo e Liana mereciam todo esse mimo por parte de Sérgio.

Porém, agora, na segunda, Fernanda percebe que alguma coisa deve ter saído errado no final de semana dos três. Era para ela chegar aqui e os dois pularem em cima dela com tantas novidades, até quase se atrasarem para a aula. E o assunto perdurar o resto da semana.

— Como foi o final de semana? — Ela questionou com um pouco de medo da resposta.

— Antes de tudo, como foi o de vocês — Sérgio se referindo a ela e Inácio. — Conseguiram uma boa folga de nós?

— Não deu para reclamar.

Fernanda nunca reclamou do seu trabalho, ou das horas a mais que estava fazendo para ficar com as crianças. Bem pelo contrário, unia o útil ao agradável. Seu salário estava bem mais recheado de quando começou no trabalho e de quebra, ainda ficava com Ricardo e Liana. Nunca que ela reclamaria de fazer o que amava e, principalmente, com quem ela amava.

— Já o nosso foi — Sérgio chega a fazer uma parada para encher uma cuia de chimarrão em busca da palavra para descrever o que havia acontecido. — Um misto de alegria com tragédia extrema. Descobri que sou o pior irmão do mundo para eles.

Sem entender, Fernanda chegou a se sentar à mesa ao seu lado observando o patrão tomando o chimarrão, que esfumaçava a água e deixava a espuma da erva bem evidente pela qualidade de primeira da erva bem cevada.

— E o pior de tudo isso, foi perceber isso pelo olhar do Ricardo. Jesus, como isso me bateu fundo. Com a Liana eu me acerto de um jeito de outro, ela faz os escândalos dela, mas vira e mexe já está na minha volta me incomodando de novo, — ele ri de leve entre um trago e outro — mas com o Kado a coisa é bem diferente. O olhar que eu vi do meu irmão foi o que me deixou tão sem ar e vendo a merda de irmão que eu sou.

Sérgio desabafou e por alguns segundos pensou em ter visto os olhos dele mais úmidos que de costume.

— Tu é um ótimo irmão, Sérgio. — Ele não respondeu, apenas terminou de tomar a sua cuia, encheu outra lentamente e ofereceu a Fernanda, que já tão acostumada com a cortesia, aceitou automaticamente.

Ela não concordava que Sérgio era tudo aquilo. Sabia e, principalmente, via tudo que ele fazia pelos dois. O trabalho exaustivo no mercado, as olheiras cada vez mais profundas no seu rosto, das noites que ele estava usando para estudar e fazer os trabalhos da faculdade e tudo mais que só os bastidores comprovavam.

— Sabe o final de semana passado, aquele da apresentação deles? Eu tinha uma prova, não

é? — Ocupada tomando o seu chimarrão, Fernanda acenou que sim. — O professor não foi e eu poderia ter voltado para casa às pressas e chegado a tempo para ver a apresentação deles. Daria tempo de voltar para a aula de sábado à tarde, já que a aula pela manhã também tinha sido cancelada. Dava direitinho, Fernanda. Melhor cronograma impossível. E sabe o que eu fiz? Ao invés de voltar para casa e ver os meus irmãos ganharem o primeiro título da região, aquele que eu, na idade deles, me orgulhei muito na época e, principalmente, tive os meus pais assistindo tudo na primeira fila?

Fernanda não ousava em dizer nada. Aquela história já tinha mexido bastante com ela, porque ela sabia como aquilo era importante para os dois. Tantos ensaios que ela observou, tantas horas que Ricardo e Liana passavam enfiados naquele CTG ensaiando para que pudessem ganhar o mesmo prêmio que o irmão ganhou e ser tão reconhecido dentro do CTG como Sérgio ainda era.

— Eu fui para um barzinho. Com alguns colegas da faculdade que me convidaram. E depois enfiei a manhã toda dormindo. Estava cansado, precisava de um bom tempo dormindo. Trabalho como um cachorro aqui para dar tudo do bom e do melhor para os dois. Sou um monstro por fazer isso, Fernanda?

— Eu... — Ela simplesmente não sabia o que responder, pois viu todo o esforço de Ricardo e Liana e o quanto eles queriam que Sérgio estivesse presente vendo a conquista deles.

— Não precisa responder, porque eu já sei que eu sou. Porque a eles descobriram isso por intermédio de um colega que comentou e isso virou o meu inferno na terra. Aguardei a Liana gritando e chorando nos meus ouvidos pelo resto do dia. No meio do shopping, na lanchonete, no cinema e se duvidar até no banheiro quando eu estava mijando. Ela estava lá me infernizando e me xingando de tudo que era coisa. Que eu deveria estar lá, que eles eram os únicos que não tinham nenhum familiar por lá para acompanhar, que todos perguntaram do porquê da minha ausência e ela dizia que eu estava estudando. Só que na verdade eu estava livre, leve e solto sem compromisso nenhum.

Fernanda ficou em um beco sem saída, já que enxergava os dois lados daquela história. O lado das crianças, que queriam que seu irmão estivesse lá para ver a vitória deles, para acalmar Liana quando ela começou a tremer ou para incentivar Ricardo quando a hora chegasse. E também o lado de Sérgio que trabalhava incessantemente sem nenhum tipo de diversão na sua vida. E porque isso teve que acontecer naquele fatídico final de semana?

A vida às vezes gostava de pregar essas peças sem nexos. Alguns dias eram cheios até demais, já outros, o relógio faz hora extra para que o tempo não passasse.

— E no meio desse xingamento todo — Sérgio continuou a falar depois de Fernanda terminar o seu chimarrão e ele encher novamente um para si. — que eu nem estava dando bola, eu vi o Ricardo. O meu irmão, que já passou por tantas e boas me olhar e eu perceber a tristeza nos seus olhos. Na mágoa que eu, Sérgio, o irmão mais velho, que assumiu eles, provoqueei nele, principalmente. Como um simples olhar em nossa direção pode nos fazer mais inúteis do que pode nem pensar em ser.

— Sérgio, não é....

— É assim, sim, Fernanda. Se de um lado a Liana extrapola na hora de demonstrar os seus

sentimentos, o Ricardo ressentia tudo para dentro dele mesmo.

Ela concordou, já tinha notado isso na primeira vez que eles tinham se conhecido. Que o olhar de Ricardo carregava bem mais do que ele podia aguentar. Seu sonho, era ver ele sorrindo e o sorriso chegar aos seus olhos e na sua alma. Aquela que ela sabe que é tão doce e pura e merece ser transmitida para todos que estão ao seu alcance.

— Meu medo, — continuou Sérgio — é que um dia ele não consiga mais aguentar tudo isso, sem colocar para fora, e venha a explodir de uma maneira que não haja conserto.

Os olhos de Sérgio chegaram aos de Fernanda e ambos compartilhavam o mesmo sentimento. Se alguma coisa acontecesse com Ricardo, ambos nunca mais se perdoariam.

Capítulo 34

Sérgio estava furioso. Irritado e principalmente frustrado.

Tudo se resumia pelo final de semana que ele tirou de folga, por assim dizer. Ele pensou que não teria problema nenhum em ficar algumas horas sozinho, sem problemas relacionados ao mercado, com os irmãos e toda aquela pressão que ele carregava nos ombros.

Nunca que ele imaginou que essa pequena escapada fosse doer tanto na sua alma. O arrependimento veio instantâneo ao ver o que isso tinha causado.

Certo, Sérgio precisava de uma vida social. Tudo na sua vida era focado em outros objetivos, nada para o seu prazer ou divertimento. E logo na primeira vez que ele ousava a fazer alguma coisa para si, se transformaria em uma rachadura feia que começava a surgir no pequeno avanço que ele estava tendo com os irmãos.

Parecia que quanto mais ele rezava, mais assombração aparecia para Sérgio. E para complicar mais a situação, além da raiva de Liana, a mágoa de Ricardo, agora ele tinha que lidar com a reação de Fernanda. E ele pode colocar esse sentimento no mesmo patamar que a situação dos irmãos.

Ao contar para ela, sentiu novamente aquela pontada na sua alma de ter decepcionado novamente. Ainda mais com ela, que assumiu um papel importante na sua vida e na dos seus irmãos. Sérgio acreditava que Ricardo e Liana gostavam mais dela do que ele mesmo.

Ainda mais depois dos últimos dias....

Ele acendeu um cigarro no depósito do mercado. Sentado em cima de uma das caixas, com as pernas suspensas, começou novamente a pensar na conversa que eles tiveram quando os dois iam até o mercado. Vendo a situação que havia se enfiado, Fernanda resolveu acalmar os ânimos dos seus irmãos do único jeito que funcionava: pela barriga. E por esse motivo ela o seguiu até o mercado, para pegar alguns ingredientes para a farra gastronômica que ela faria hoje à tarde.

Sérgio caminhou ao seu lado, bem mais lentamente que o seu ritmo acelerado de sempre. Fernanda não conseguia acompanhar com o Inácio se mexendo frequentemente.

Ela expos o seu posicionamento pendendo para os dois lados. O lado que Sérgio precisava sair com amigos, se divertir e ter uma vida longe do mercado, e também aquele que defende Ricardo e Liana veemente. Ela foi a única testemunha da vitória deles e sabia o quanto era importante a presença de Sérgio lá.

E tudo isso contribuiu drasticamente para o estado de espírito de Sérgio decair mais ainda. Pensando, racionalmente, a opinião de Fernanda não deveria abalar ele tanto. Já que no fundo, ela era apenas uma empregada. Recebia um bom salário para acompanhar os dois e fazer o seu trabalho.

Contudo, o apego emocional de Fernanda para com eles, e deles com ela, falava muito mais alto. Nenhuma outra empregada, nesses cinco anos que Sérgio as contratava chegava aos pés de Fernanda.

Apesar do seu jeito meigo, amigo e querido, ela conseguia fazer uma revolução por dentro daquelas paredes da casa. Sérgio nunca tinha visto Liana lavando a louça de livre e espontânea

vontade, ou de Ricardo deixando de estudar para a acompanhar até algum lugar. Era uma coisa bem diferente do que Sérgio estava acostumado com os irmãos.

E sem falar no respeito que ambos tinham por ela. Coisa que nem ele mesmo conseguia controlar. Liana o mandava longe todos os dias todas as empregadas, sem respeito nenhum e desde que Fernanda a conquistou, ele não ouviu nenhuma palavra malcriada em sua direção. E quando ela se empenhava em desgraçar alguém, bastava um olhar de Fernanda para que Liana baixasse a cabeça e ficasse em silêncio.

Fernanda era incrível. Sérgio admitia isso para si e para quem mais o perguntasse. Nenhuma outra mulher era capaz de administrar sua casa como a pequena Fernanda, com aquelas mãos tão frágeis, o modo lento de caminhar e o jeito meigo de conquistar qualquer pessoa que passasse ao seu lado com uma simples troca de frases.

Ele se encantava como ela conseguiu, em tão pouco tempo, extrair o melhor de cada um dos seus irmãos. Até ele chegar com uma retroescavadeira e fazer um estrago gigante.

Sérgio terminou o seu cigarro, nos seus cinco minutos de sossego, escondido dentro do depósito e voltou para a sua realidade. Uma pilha de notas fiscais, outra de contagem de estoque e milhares de contas para pagar aos seus fornecedores.

Passou por entre os caixas, onde se encontrava Nara, e antes que se esquecesse completamente, já deixou um recado para ela.

— Está tudo bem? — A funcionária mais velha do mercado questionou ao notar o olhar distante de Sérgio.

— As mesmas coisas de sempre. — Sérgio deu os ombros. — As crianças, o mercado, minha vida e afins... Nada de mais.

— Ou bem mais.

A senhora o fitou, relembrando do tempo em que Sérgio andava correndo por entre os corredores minúsculos que o primeiro mercado que seus pais conseguiram erguer.

— Te vejo muito com a Fernanda. — Disse ela, querendo chegar a um ponto que muito a agradava.

— Ela tem me dado um apoio e tanto. Às vezes eu penso que não sei o que fazer da minha vida sem ela ao meu lado.

— Pode parecer engraçado, mas quando vi vocês dois chegando hoje aqui, podia jurar que era o teu pai e a tua mãe, grávida de algum deles. — Ela suspirou. — Tu está cada dia mais parecido com ele. E eu tenho certeza que a tua mãe iria gostar muito da Fernanda. — Principalmente ao lado de Sérgio pensou Nara.

Será que só ela percebia que os dois poderiam ter um futuro juntos? Nara conhecia aquele olhar que o pai do Sérgio tinha para a sua mãe, era o mesmo olhar de amor que Sérgio tinha para com Fernanda. Mas assim como o seu pai, Sérgio era completamente alheio ao que acontecia dentro do seu próprio coração.

— A Fernanda é especial, e também sei que a mãe iria gostar muito dela.

Nesse momento, outro funcionário, que trabalhava no açougue, juntou-se a dupla e meteu-

se no assunto.

— A Fernanda? — Disse ele com um sorriso lascivo no rosto. — Seria a nora perfeita para qualquer mãe. Principalmente a minha. — Debochou. — Se já não tivesse sido “usada”...

A fúria de Sérgio aumentou consideradamente depois desse comentário extremamente estapafúrdio do seu funcionário. Nara percebeu que a situação poderia ficar bem mais complexa por causa disso, e não ponderou em dar um sermão ao funcionário.

— E o que isso quer dizer? — Ela olhou para o rapaz que mudou de expressão rapidamente.

— Ela está grávida, nunca vimos ela com nenhum namorado. Simplesmente saiu da cidade e voltou para cá desse jeito. Parece coisa de quem foi para cidade tentar a vida e...

— Se tu continuar essa frase não precisa vir amanhã trabalhar. — Ameaçou Sérgio, com um olhar furioso para o funcionário.

O rapaz perdeu a cor instantaneamente.

— E eu que veja algum de vocês falando isso da Fernanda por aqui. — Completou Nara.

O clima ficou pesado. A vontade de Sérgio era de esmurrar a cara daquele açougueiro. Para ele aprender a nunca mais falar o mínimo que fosse de Fernanda. E se dependesse dele, faria isso com qualquer outra pessoa que ousasse fazer isso. Se não fosse Nara dispensar o rapaz, ele teria feito isso mesmo.

Sérgio resolveu sair para o outro lado, e de preferência nem ver a cara do rapaz pelo resto do dia. Ou não se responsabilizaria pelos seus atos impensáveis. Por isso resolveu enfiar a cara no trabalho e só sair de lá quando o mercado estivesse vazio.

Em casa a poeira ainda não havia sentado também. Liana estava impossível, indomável e mais afiada do que nunca. Então foi o plano perfeito para que Sérgio chegasse em casa, tomasse um banho e deitasse, sem nem ao menos comer alguma coisa. Tudo que ele queria era dormir e acordar com tudo novamente no seu lugar.

No meio da noite, um barulho de trovão acordou Liana. O seu impulso foi de correr para o quarto do irmão mais velho e se enfiar na cama dele para esperar que a chuva cessasse. Quando saiu do seu quarto, mudou a rota e se dirigiu ao de Ricardo. Abriu a porta silenciosamente e parou ao lado da cama do irmão.

— Ricardo! — Sussurrou. — Está acordado, Kado?

O irmão gemeu, mas não acordou completamente.

— Está trovejando, posso deitar aqui? Não entro no quarto do Sérgio por nada nesse mundo.

— Deita de uma vez e me deixa dormir. — Ricardo foi para outra ponta da cama sentindo a pontada nas suas costas.

— Ainda está doendo? — Liana deitou-se e escutou o irmão gemendo de dor.

Ela tinha visto pela janela da sua sala de aula, ao lado da quadra de esportes a entrada violenta que um dos colegas de Ricardo tinha dado nele. Era como se o irmão tivesse voado e

caído com toda a força no chão. E o professor de educação física nem havia parado o jogo para ver se ele estava bem.

— Sim, principalmente quando eu respiro. — Queixou-se o irmão.

— Tu deveria ter contado para alguém, ou deixar eu bater na cara daqueles idiotas. Poderia arrebentar eles rapidinho.

Ricardo não respondeu. Não queria meter a irmã naquela situação toda. Aguentaria tudo na pele, como estava fazendo, ainda mais com rapazes mais velhos, que poderiam fazer qualquer maldade com a sua irmã. Algumas bem piores das agressões físicas e morais que ele mesmo estava recebendo.

— E se tu quebrou alguma coisa? Uma costela ou sei lá... Lembra quando a gente era pequena e o Sérgio caiu do cavalo? Ele quebrou uma e disse que doía muito para respirar....

— Não foi nada, Li. — Mentiu. Já que ele tinha a certeza de que tinha se ferido feio.

— Como não foi nada, Ricardo? Eu vi e... — um trovão novamente fez com que os vidros vibrassem.

— Não me agarra assim que doi! — Reclamou.

— Desculpa. — Liana voltou para o seu lado da cama.

— A Fernanda me perguntou sobre o sangue na minha roupa. Eu disse que era um machucado normal na aula. Se ela te perguntar, já sabe...

— Isso é errado, Kado... — Tentou argumentar Liana.

Novamente Ricardo não respondeu, apenas fechou os olhos e como um pedido proibido, desejou dormir. E não acordar na manhã seguinte.

Capítulo 35

Sérgio acordou no horário de sempre. Às cinco e quinze da manhã ele descia as escadas, já de banho tomado, barba feita e pronto para abrir o mercado para os padeiros que chegavam antes de todos. Às sete e meia o pão estaria pronto para os clientes fiéis que gostavam do pão quentinho e bem fresco.

O dia estava frio, acentuado pelo vento que a chuva havia trazido à região aquela noite. Fato que ele não deixou de perceber que não teve nenhuma visita assustada com o barulho dos trovões, Sérgio até acordou, acostumado a receber Liana no primeiro indício de chuva mais forte que o normal. No momento que acordou e ela não veio, teve a esperança de que ela havia vencido o medo e ficado no quarto. E quando abriu a porta do seu quarto ao acordar, para se certificar que ela estava bem, quase teve um ataque do coração ao ver os lençóis revirados, mas nenhuma presença da irmã. O ar ficou preso nos seus pulmões até ele passar para o quarto do irmão e ver os dois dormindo juntos.

Liana havia trocado a cia de Sérgio pela de Kado. Mesmo sabendo que os dois dormindo juntos era sinônimo de mal humor por parte dele, já que Liana se mexia o tempo todo.

Sérgio abriu o mercado e subiu para o escritório. Tentou colocar em ordem a bagunça que havia deixado no dia anterior, esperava que hoje conseguisse trabalhar na santa paz e sem nada para o atrapalhar ou tirar sua concentração. Quando começou a sentir o cheiro do pão, desceu as escadas rapidamente, pegou os pães separados que sempre pegava e voltou para casa.

Ao abrir a porta da cozinha, deparou-se com o Ricardo sentado à mesa, com uma cara de cansado. As olheiras bem profundas, bem mais acentuadas do que a necessário para apenas uma noite mal dormida. Ele estava sentado, parado em frente ao prato vazio, a xícara com café e olhando para o nada. Completamente alheio a presença do irmão.

— Bom dia, Ricardo. — Sérgio falou animadamente, mas não teve nenhuma reação. — Kado? Kado, está tudo bem?

Sérgio encostou a mão nas costas do irmão que deu um pulo da cadeira.

— E aí, cara? — Riu Sérgio um pouco espantado com a reação exagerada dele. — Bom dia, estava dormindo acordado?

— É.... — Ricardo fez uma cara de dor e meneou a cabeça. — Sim, dormi de mal jeito e... — calou-se.

— Eu sei como é dormir com a Li, parece que tem uma cobra se remexendo ao seu lado. Sem contar que ela fica gelada por qualquer coisa.

— É... isso mesmo.

Ricardo encerrou o assunto e pegou o pão e começou a comer. Sérgio estranhou tudo isso, e ao invés de questionar o irmão, resolveu tomar o seu café. Liana desceu as escadas como um furação que era.

— Bom dia, Li. — Sérgio interceptou a irmã que não conseguiu escapar.

Como uma criança pequena, ele puxou a irmã e a sentou no seu colo. Claro que ela se

debateu como um peixe fora d'água, mas como sendo mais forte e conhecendo a fera enjaulada que tinha em casa, Sérgio começou a fazer cócegas até que ela cedesse por completo. Uma estratégia com anos de aperfeiçoamento e técnicas para fazer com que a irmã não resistisse.

— Bom dia, Li! — O irmão a apertou mais forte fazendo com que ela risse mais alto.

— Bom dia, Mano! Me larga! — Antes de fazer isso, Sérgio beijou os cabelos molhados de Liana.

— Passa no mercado hoje à tarde depois da aula de dança... — Murmurou e quando a irmã saiu de cima dele, Sérgio completou com uma piscadela.

Sabia que conseguiria reconquistar a irmã com algum presente. E era isso que ele faria hoje. Já com Ricardo, planejava ficar o domingo todo a sua disposição para arrumarem a embreagem do velho Opala na garagem. E assim ele faria a pazes com os dois, e tudo voltaria a se normalizar naquela casa.

Fernanda chegou alguns minutos depois e, logo em seguida, Ricardo e Liana saíram para a aula. Ricardo, ainda com muitas dores, não conseguiu nem colocar a mochila nas costas, tendo que levar ela nas mãos e caminhando bem mais lentamente que a irmã que falava sem parar.

— Se tu não estiver bom hoje à noite, eu vou contar para o mano.

— Não, Li. Não quero que ninguém sabia.

— Seu burro e retardado! — Bufou ela no meio do caminho. — E se quebrou mesmo? Tu está machucado e ficou a noite toda gemendo de dor. Eu escutei.

— Talvez eu não gemesse de dor se tu não ficasse se mexendo a cada cinco minutos. Isso é uma dor normal da contusão, no segundo dia sempre dói um pouco mais, mas depois diminui. Já tive várias lesões destas...

— E nenhuma dessa proporção! — Os dois dobraram a esquina que dava para a escola. De longe Liana via as amigas e antes de ir de encontro a elas, ameaçou — Se amanhã pela manhã tu estiver com essa cara de zumbi com dor de barriga, eu falo e não vai ter nada que vai me impedir.

Ela encerrou o assunto olhando firme para o irmão.

Ricardo ficou sozinho e caminhou em direção a sua sala de aula. Sua vontade era de ir para outro lugar. Um local onde não havia a dor nas suas costas, a certeza de que havia quebrado alguma costela, de que Liana não interferisse nos seus problemas e, especialmente, que não houvesse problemas.

Por ser tão retraídos, seus pesares estavam se transformando em uma represa de água a ponto de estourar com a mínima gota d'água que caísse ali. Tudo estava ficando sufocante e Ricardo não conseguia achar nenhuma escapatória, independente do lado para que olhasse.

Ao se sentar, com dificuldade, na sua cadeira, ele agradeceu por estar sozinho na sala de aula. Enquanto os colegas conversam, brincavam entre si e riam, ele agradecia pelo silêncio.

Era no silêncio que ele se sentia em paz. Não havia ninguém caçoando do modo como ele agia, andava, falava ou qualquer coisa que ele fizesse. Mas isso não durou muito tempo. Os colegas começavam a chegar e a continuarem a agitação dentro da sala de aula. E quando

chegaram os que o hostilizavam, ele apenas concentrou-se em sua caneta.

— Ricardo, meu amigo! — Um deles lhe deu um tapa nas costas, fazendo com que Ricardo sentisse a visão embaralhar da dor e o gosto de sangue subir à garganta.

— Acabamos de ver a tua irmãzinha. — Outro disse com um tom de desdém. — Ela está ficando cada vez mais bonita. Quem sabe a gente um dia vire cunhado, hein? — Outro empurrão o fazendo ir para frente quase batendo na classe da frente. — Já pensou?

Ricardo manteve-se quieto. Já tinha descoberto que revidar só piorava a situação. Por mais que fosse mais alto e pesado que eles, ainda estava na desvantagem. Suas mãos se apertaram. Detestava as coisas que eles falavam para ele, de como era esquisito por ser inteligente, nota dez em tudo, por ser alto, dançar no CTG e órfão, sendo o ocasionador da morte dos pais, mas nada superava a sua raiva quando eles começavam a falar de Liana.

Ela ainda era uma criança para os seus olhos. A princesa que o seu pai sempre lhe dizia que ele deveria cuidar com toda a sua força. E escutar os colegas falando obscenidades sobre a irmã era a sua morte em forma de palavras.

— Já pensou tu jantando com os pais deles? — O terceiro colega debochou. — Opa, não vai ter como, porque eles estão mortos.

O riso deles explodiu ao mesmo tempo. Ricardo manteve-se quieto, só esperando para que o sinal tocasse logo e o tormento acabasse. E quando isso aconteceu, com dificuldade, ele conseguiu respirar aliviado. Tinha sobrevivido a mais um massacre psicológico proposital dos colegas. No recreio, escondeu-se na biblioteca, lá a professora não deixava que eles o seguisse e ficassem falando e rindo. Era um lugar de paz, silêncio e alívio para Ricardo.

Reencontrou Liana na saída e os dois voltaram para casa com ela falando animadamente durante todo o trajeto. O mundo dela estava preocupado com os seus próprios problemas, nem se lembrando do machucado do irmão ou qualquer coisa que estivesse o afligindo.

Chegaram em casa e Fernanda os recebeu como sempre, com um grande sorriso no rosto. Almoçaram Sérgio e Liana conversando sobre alguma coisa alheia a Ricardo. E quando Fernanda avisou que Bia não iria para o CTG começar os ensaios para a próxima etapa, ele decidiu ficar em casa mesmo. Já que não teria par, seria só perda de tempo e mais dor para ele. Subiu as escadas, fechou a porta do seu quarto e deitou-se na cama, a procura de uma posição que não doesse tanto.

Às vezes as pessoas pensam que os seus problemas são maiores do que os das pessoas que estão ao seu lado. Infelizmente ninguém naquela casa estava a par do que realmente estava acontecendo com Ricardo. E também, ele não conseguia encontrar uma maneira de se expressar. Simplesmente não conseguia encontrar as palavras certas para explicar ao irmão que estava sofrendo demais calado. Sua dor estava além da física que ele sentia. Era quase espiritual, na alma, essência do seu ser.

No fundo Ricardo culpava-se por tudo que acontecia e aconteceu naquela casa. Se não fosse por ele, seus pais poderiam estar vivos. Teriam apenas sofrido o assalto. Bens materiais que se conquistavam novamente. Com certeza o que aquele ladrão levaria seria uma mixaria perto do que ele realmente levou.

Se Ricardo, naquele dia, não tivesse implorado por algo tão banal como um pacote de bolacha recheada e pedido insistentemente para que a mãe o levasse ao mercado para buscar. Uma mania que ela tentava tirar dos filhos, a de pegarem as coisas da prateleira a hora que bem entendessem. Além de prejudicar na hora das contas no estoque, arruinavam as refeições decentes que os filhos tinham que fazer. Muitas foram as vezes que o jantar foi arruinado por um chocolate fora de hora ou qualquer guloseima que Ricardo e Liana pegavam a toda a hora às escondidas.

Mas Ricardo insistiu. Diversas vezes, apelando para o bom coração da mãe, que no fim acabou cedendo aos encantos do filho do meio. Deixaram Liana com a empregada e foram até o mercado. Como se achava grande, Ricardo negou segurar a mão da mãe ao atravessarem, como vinha fazendo nos últimos tempos. A mãe não acreditava que Ricardo estava crescendo. E quando ela menos esperasse, ele estria um homem de verdade e saindo de casa assim como Sérgio fez.

Ricardo matou o desejo de comer a tão sonhada bolacha recheada, comeu tão rápido que nem chegou a saborear o doce. E quando a mãe quis ir embora, ele bateu o pé para que esperassem o pai fechar o mercado e irem juntos para casa.

Nenhum deles esperava que aquele seria os últimos momentos entre eles. Ou que a última pessoa que entrou no mercado era um assaltante armado. O pai de Ricardo não hesitou em entregar tudo o que havia no caixa para o meliante. Ele só queria que ele fosse embora e deixasse sua família em paz. Sua mãe, ao ver a arma apontada para o marido, deu um passo para trás para evitar que Ricardo entrasse na mira também. E Ricardo, não entendendo do porque a mãe atrapalhou seu caminho, tentou passar para o outro lado. Nesse momento, sua mãe colocou a mão para trás e o assaltante não hesitou em pensar que ela estava sacando outra arma e atirou ali mesmo.

Ela cambaleou para trás, com o impacto da bala, caiu em cima de Ricardo, que sentiu o seu sangue escorrendo pelo seu corpo. Escutou o grito do pai e seguido de outro disparo.

Tudo havia acabado naquele momento.

Tudo culpa de Ricardo.

O sofrimento que a família passou, o modo abrupto que Sérgio abandonou tudo para se dedicar aos irmãos e ao mercado, a dor constante da saudade dos pais, o sobrecarga do irmão mais velho, o comportamento de Liana, os deboches em sala de aula e as ameaças a integridade física da irmã. Toda a responsabilidade por todas as tragédias que assolavam aquela família era por causa de Ricardo.

Se seus pais estivessem vivos, eles ainda seriam a família perfeita e feliz. Sérgio teria acabado a faculdade, se tornado o advogado que faria toda a família orgulhosa. Liana seria a princesa com todos aos seus pés e ela sendo mais feliz e não tão irritada, feroz e explosiva. E Ricardo seria aquele que era quando os pais ainda eram vivos, feliz, sem problemas em não conseguir se abrir sobre os seus sentimentos, já que os pais nem precisavam perguntar o que estava acontecendo com ele, sabiam com um simples olhar.

A vida seria livre e leve. Não haveriam cobranças para cima de Sérgio para com os irmãos, nunca que ele deixaria de fazer alguma coisa pessoal para acompanhar eles à um evento do CTG, os pais estariam lá na primeira fila torcendo por eles. A família seria unida na felicidade

e não na fatalidade. Viagens de finais de semana se estenderiam por dias e semanas. Alegrias seriam em dobro e comemoradas entre os cinco integrantes.

E tudo isso foi perdido por culpa de Ricardo. Por mais que todos dissessem que o que aconteceu foi um acidente, nada mudaria o fato de que por causa de Ricardo e uma birra infantil, tudo tinha terminado. Às vezes ele pensava quer seria mais fácil se ele tivesse morrido junto. Se a bala que acertou a mãe tivesse desviado o seu caminho e o acertado fatalmente.

Se Ricardo não estivesse mais entre eles, tudo seria melhor. Sérgio não teria mais um para se preocupar em trabalhar exaustivamente, pagar a faculdade em pouco tempo, como ele mesmo já havia dito. Poderia ter uma vida menos estressante e mais feliz. Liana estaria a salvo das colegas que falavam aquelas coisas grotescas, que faziam Ricardo ficar com medo do que poderia acontecer. Ninguém mais olharia para ele com aquele olhar acusatório, que na sua cabeça vinha de toda a parte, de que ele era o responsável pela morte dos pais por uma coisa tão insignificante.

O ato de desespero leva qualquer pessoa a medidas drásticas. E era isso que Ricardo estava passando. Estava desesperado para que aquilo tudo parasse por completo. Queria uma solução rápida e que acabasse com o sofrimento de uma vez por todas. O seu, o dos seus irmãos, de todas as pessoas que Ricardo imaginava que estava ferindo de uma forma ou de outra e aquelas que ainda poderiam se machucar com isso.

Ele não queria fazer aquilo que estava indo fazer. Estava cego com o pesar e o remorso o corroendo por dentro. Porém, não conseguia encontrar outra saída além daquela.

Ricardo saiu do seu quarto e foi em direção ao dos seus pais. Abriu o guarda-roupa, na parte que era de seu pai e viu a foto, a mesma que fica em cima da mesa de Sérgio no escritório do mercado. Onde os cinco estavam na serra gaúcha, no forte do inverno com o branco da neve em toda a volta. Uma foto em que dava mais convicção ao que a sua mente o mostrava. De que nada poderia mudar o passado e ele deveria mudar o presente para que os irmãos ainda fossem felizes, já que ele não conseguia mais sentir isso.

Abriu a primeira gaveta e encontrou a bainha de couro, com o sobrenome da família gravado em baixo relevo manualmente, pegou a faca de aço forjado que era de um antepassado distante, passado de geração em geração até seu pai e, agora por sua causa, a Sérgio. Olhou para a foto pela última vez e seguiu até o banheiro.

Tirou a roupa, ficando apenas de cueca. Dobrou elas meticulosamente, como sempre fez na beira da banheira. Trancou o ralo, ajustou a temperatura para a mais fria que conseguia e entrou. Deixou o corpo tremer de frio, fazendo que o seu coração batesse cada vez mais rápido e forte. Completamente em êxtase, deixando a mente conturbada se sobrepor à razão, sentiu o quente do seu sangue escorrer sobre o seu braço. A dor física não era nada perto da que ele estava sentindo no seu ser aquele momento.

Imergiu totalmente, manchando a pureza da água com o vermelho vivo, fechou os olhos e finalmente esperaria a paz ser sua companheira para a eternidade.

Capítulo 36

Sérgio levou um susto do nada. Um aperto no peito que chegou a dar falta de ar. Levantou a cabeça da planilha em que estava trabalhando e seus olhos focaram na foto que o pai havia deixado em cima da mesa de trabalho. A mesma que ele tinha dentro do seu antigo guarda-roupa e que Sérgio não tinha coragem de tirar dali e nem mudar a foto antiga.

Um final de semana na serra. Sérgio ainda lembrava do frio que a família havia passado naqueles dias, mas a emoção de ver a neve pela primeira vez era o que contava. Tiveram que comprar roupas sobressalentes e dormirem o mais próximo que conseguiram para se aquecer. Na foto em questão, Liana só era visível pelos olhos em cima dos ombros de Sérgio e Ricardo estava com o dobro do seu tamanho de tantas roupas que usava.

O aperto no peito de Sérgio continuou. Por alguns segundos até cogitou a ideia de estar tendo um ataque do coração, uma praga antiga que Liana havia lhe rogado há muitos anos quando ele começou a fumar pela primeira vez. E descartou logo em seguida, ainda teria uns bons anos para ter um infarto por causa do cigarro.

Ele levantou, bebeu um pouco de água e quando estava voltando para a sua mesa, escutou o barulho inconfundível de alguém subindo as escadas correndo. Nem deu tempo de sentar quando ouviu a voz de Liana atrás da porta.

— Quer que eu chame um guindaste para te ajudar a subir?

— Não seria uma péssima ideia. — Disse Fernanda mais atrás, subindo bem mais devagar os lances da escada.

A porta se abriu, já que Liana não se importava em bater para se anunciar. Ela entrou e algum tempo depois, Fernanda apareceu com as bochechas rosadas e respirando rapidamente.

— Eu nem sei porque eu ainda insisto em subir essas escadas. A daqui é bem mais complicada que a lá da casa. — Ela colocou a mão na barriga e continuou a falar. — Já parei de subir, Inácio, pode se acalmar aí dentro.

Sérgio riu. Liana começou a ficar impaciente quanto ao pedido do irmão em passar depois do ensaio no mercado para visita-lo. E para conter a ansiedade, Sérgio entregou o presente antes que a irmã entrasse em surto. Era um CD raro, que havia chegado na loja da cidade. Como não tinham conseguido avisar diretamente Liana, ligaram para Sérgio. Nada melhor do que ir direto à fonte.

Aos olhos de Sérgio, a paz com a irmã havia sido restabelecida com sucesso. E com Ricardo pretendia colocar em vigor quando tivesse um tempo sobrando.

Desceram a escada os três juntos, e enquanto Liana já estava no andar de baixo, Sérgio e Fernanda estavam na metade e baixinho conversavam.

— Tem como ir para casa agora rapidinho? — Ela murmurou. — Estou preocupada com o Ricardo. Ele não está agindo normalmente. Almoçou e foi direto para o quarto e se trancou lá.

— Estou atarefado nesse momento e...

— Sérgio, eu acho que tudo aqui pode esperar um pouco. — Fernanda disse com mais

ênfase.

E depois desse aviso, ele não conseguiu rebater ou desviar da ação. Teria que largar tudo aqui para ver como o irmão estava. Acreditava que era uma gripe que estava o derrubando, nada de mais....

Encontraram Liana conversando com Hélio, o veterinário da cidade e pai de uma das colegas de classe dela.

— Mano, o tio Hélio está me convidando para ir para a casa deles agora. A Bia e a Elis estão fazendo um trabalho. — Os olhos da menina chegavam a brilhar de entusiasmo. Nada melhor que uma bagunça básica de três colegas de classe em uma fazenda.

— E a minha sogra me mandou aqui no mercado com uma lista gigante de compras para fazer o café das meninas. Uma boca a mais será muito bem-vinda.

— Só se a Dona Eulália me mandar um pouco de cada. — Respondeu Sérgio. — Ela sabe que eu sou apaixonado por qualquer coisa que ela faça.

— Pode deixar, Sérgio! Mando a Liana junto com a Bia quando o pai dela foi busca-la à noite.

E com isso, Liana foi junto com Hélio enquanto Sérgio acompanhava Fernanda até em casa conforme o seu pedido inicial. Fernanda até fez um agradecimento silencioso com a saída de Liana. Ela estava muito apreensiva em rever Ricardo e a sua situação em si. Via que o guri não estava bem, e o sangue que havia encontrado nas suas roupas ontem e novamente hoje, não acalmava a sua alma. Sabia que era algo sério e muito além do que uma simples gripe ou outra doença normal para a época.

Chegaram e procuraram pelos cômodos do andar de baixo. Nenhum rastro de Ricardo na sala jogando videogame ou em qualquer parte. Subiram as escadas em silêncio. Sérgio bateu e chamou na porta do quarto por Ricardo e não obteve nenhuma resposta. Abriram a porta e o choque de não encontrar Ricardo na cama dormindo, e ela toda bagunçada não era um bom sinal. Nunca que ele iria sair do seu quarto e deixar a cama revirada daquele jeito.

— Aonde foi que o guri se meteu? — Questionou Sérgio abrindo a porta do banheiro dele e encontrar o ambiente vazio.

— Será que ele saiu de casa e não avisou ninguém? — Fernanda foi até o quarto de Liana e mais uma vez o vazio a fez sentir um pesar na alma.

— Ele não faria isso, não o Ricardo! — Sérgio começou a ficar em pânico enquanto procurava em seu quarto.

Nenhum sinal de Ricardo por lado nenhum que os dois olhassem.

E antes de descenderem novamente as escadas, Sérgio deu meia volta. Parou na porta do quarto dos pais e tentou abrir a porta e a encontrou trancada pelo lado de dentro. Forçou a sua entrada e nenhuma resposta em ceder.

— Tu trancou a porta? — Olhou para Fernanda que negou com um aceno rápido de cabeça.

— Está escutando isso? — Ela colocou o ouvido na porta e, muito baixo, conseguiu escutar

o barulho de água correndo. — Tem alguém aqui!

— Ricardo! — Gritou e esmurrou a porta. — Abre essa porta, AGORA! — O desespero na voz de Sérgio era nítido.

Ele começou a esmurrar e a forçar a porta de forma frenética e amaldiçoou todas as pessoas que inventaram as portas maciças de madeira, que não cediam por nada.

— Eu vou ver se encontro a chave reserva lá embaixo! — Fernanda afastou-se enquanto sentia as lágrimas arderem nos olhos.

Nada daquilo estava certo. Ela conhecia Ricardo, sabia que ele não se trancaria no quarto dos pais para tomar banho e não responderia o apelo incessante de Sérgio, que estava quebrando a porta desesperadamente.

— Eu vou arrombar essa porta com um pé de cabra que tenho lá embaixo.

Os dois desceram as escadas e enquanto Fernanda procurava pela chave extra que a casa tinha guardado, e etiquetada com todos os cômodos. Ela encontrava todas as chaves, menos a que ela precisava. Sérgio pegou o pé de cabra que tinha na casinha ao lado e com uma velocidade acima da média subiu as escadas e começou o trabalho.

Ele lutou contra a madeira de lei até quase à exaustão e quando a porta começou a ceder, ele usou a força do pé de cabra, associada com a sua para que a porta se arrebentasse de uma vez. Era uma coisa desesperada e bruta. Puramente instinto.

Seu coração batia violentamente no seu peito. Ele conhecia o irmão, desde o momento em que os seus pais disseram, com toda a felicidade do mundo, que a família iria crescer. Sérgio soube naquele momento que tinha ganhado um amigo para a vida toda. Que, apensar da notável diferença de idade entre eles, seriam parceiros. E Sérgio teve essa confirmação quando conheceu Ricardo ainda na maternidade, todo enrugado e chorando alto por estar sendo incomodado.

Ali começava uma aliança que nada no mundo separaria. Irmãos de sangue e de alma. E Sérgio estava lá quando Ricardo deu os primeiros passos, as primeiras palavras, a bicicleta sem as rodinhas auxiliares, que ele mesmo havia tirado e a paixão pelos carros antigos e sua restauração.

Sérgio não podia acreditar que o seu irmão fosse capaz de fazer aquilo que seus olhos estavam vendo. Era a segunda vez na vida que ele encontrava o seu irmão coberto de sangue. E dessa vez era do seu próprio sangue.

A banheira, com uma cachoeira, escorria livremente para o chão. O azulejo branco do chão estava coberto pela água manchada de sangue. Sérgio atravessou a extensão em passos largos não se importando em se sujar. E no meio da água de sangue, Sérgio encontrou Ricardo de olhos fechados, como se dormisse tranquilamente imerso no seu próprio sangue.

Tocou a face fria do irmão, tão fria como naquele dia da foto em meio a neve na serra. Chamou e sacudiu Ricardo até ele tentar abrir os olhos e revirá-los ao fechar novamente. Sérgio procurou pelo pulso esquerdo do irmão e quando o trouxe para a superfície, encostou na faca antiga do pai e notou o corte no pulso, infligido por Ricardo mesmo.

— Encontrei a chave! — Escutou a Fernanda gritando enquanto os passos dela na escada ecoavam pela casa.

Sérgio tirou a blusa que estava vestindo e atou fortemente em cima do pulso, esperando que com isso o sangramento parasse.

— Liga para a emergência agora! — Gritou ele desesperado. — Não entra aqui, Fernanda! Só liga e pede com urgência, o Ricardo se cortou no pulso, está inconsciente e perdendo muito sangue!

Fernanda não conseguiu assimilar o que havia escutado. Era surreal demais o que Sérgio havia falado. Impensável.

Só conseguiu perceber a gravidade do caso enquanto ligava para a emergência e relatava para a atendente o que havia acontecido. Corte no pulso, perda de sangue e inconsciência. A receita fatídica para um desastre descomunal.

Fernanda subiu as escadas novamente e parou ao entrar no quarto e viu a água manchada de sangue aos seus pés. Ela não teve coragem de entrar. Não queria deixar registrada na sua mente a visão do Ricardo esvaindo em sangue. Foi covarde ao dar meia volta e avisar Sérgio que a ajuda estava a caminho e voltar para o andar de baixo. Naquele momento Fernanda não podia fazer mais nada a não ser esperar a ajuda e estar pronta para o que viesse em seguida. Apesar de não estar nenhum pouco preparada para o que pudesse acontecer.

Sérgio retirou o irmão da água. Continuou a fazer pressão na sua blusa amarrada ao pulso de Ricardo e sentia que aquele simples pano não poderia aguentar por muito tempo. Já conseguia sentir a umidade viscosa do sangue passando cada camada da blusa fina.

Embalou o irmão enquanto suas lágrimas escorriam livremente pelo seu rosto. Não conseguia imaginar que estava passando por aquilo novamente. Sérgio não tinha forças para suportar outra perda, principalmente a de seu irmão. Aquele que ele deveria proteger acima de tudo, até mesmo dele próprio.

Sérgio chorava por dentro e por fora. Seu coração sangrava mais que a ferida que Ricardo fez nele mesmo. E enquanto a dele não parasse, a sua muito menos reduziria o fluxo.

Num apelo interno, pediu para os pais, que de onde eles estivessem intercedessem pelo seu irmãozinho. Aquele que ele sentia que a vida escorria pelos seus dedos.

Capítulo 37

Dizem que o tempo é relativo com aquilo em que estamos vivendo no momento. Se a alegria está mais presente, o tempo passa em um piscar de olhos, mas se a tristeza e o desespero estão no comando, o tempo demora demais para passar. Ainda mais quando a cada minuto que passava Sérgio ficava mais impaciente e sem respostas sobre o que estava acontecendo com a vida de Ricardo.

A passagem de tempo começou a andar para trás enquanto ele esperava a ambulância. Era como se o automóvel tivesse vindo de outra cidade, de tanto que eles demoraram para o resgate. E nesse tempo infinito, Sérgio chorava e implorava a qualquer entidade que pudesse atender o seu pedido: que Ricardo não morresse nos seus braços. Era a única coisa que ele poderia fazer naquele momento. Não estava mais sobre os seus cuidados a vida do seu irmão. E isso foi a coisa mais impotente que Sérgio já havia sentido na vida. Era como fosse um pesadelo e não conseguisse acordar por livre e espontânea vontade.

Anos atrás, logo depois do falecimento dos pais, Sérgio questionou-se sobre o quão difícil deve ter sido para o seu pai ver a mãe tomando o tiro primeiro que ele. Assistir a pessoa que mais se ama nessa vida partir e ficar sem ter o que fazer. Era um pensamento torturante, quem dirá vivê-lo, e hoje, Sérgio conseguia sentir na pele o que era esse sentimento.

A ambulância chegou e Ricardo arrancado dos seus braços sem nenhuma pergunta ou julgamento. O que importava naquele momento era reestabelecer a vida que lhe escapava aos poucos. Sérgio viu pessoas em cima do seu irmão o colocando em cima da maca e os seguiu até a ambulância estacionada na frente de casa. Foi posto ao lado do motorista sem conseguir fugir do questionamento de como estava ele. Tudo que importava naquele momento era saber se a ajuda tinha chego a tempo de reverter a situação.

Ele não sentiu a ambulância chegando ao hospital. Saltou automaticamente e seguiu a equipe que trabalhava no seu irmão como se ele fosse um boneco. Gritos dos profissionais para cada movimento, cada medicação e cada um que tocava a sua pele. Como se fosse um balé sincronizado perfeitamente, e toda essa apresentação não era para arrancar aplausos da plateia e sim trazer seu irmão de volta à vida.

A maca entrou dentro do hospital com o alarde de urgência para que ninguém ousava a ficar na sua frente. E ao entrar em uma das salas, Sérgio foi barrado por um enfermeiro.

— A gente assume daqui. — Disse o rapaz impedindo a entrada de Sérgio com a mão no seu peito.

— Eu preciso saber como ele está. — Implorou sem vergonha nenhuma das marcas de lágrimas no seu rosto ou as roupas encharcadas de água e sangue.

— Nós vamos fazer tudo para salvar a vida dele. — E fechou a porta deixando Sérgio com a última visão de uma pessoa em cima do seu irmão comprimindo seu peito ritmicamente.

E naquele momento, Sérgio estava desesperado e com o mundo caindo sobre os seus ombros. Essa era mais uma das situações em que ninguém sabia como agir. Ninguém ensinava a outra pessoa o que fazer em casos em que os irmãos mais novos tentam se suicidar e o responsável fica na sala de espera para saber notícias. Era uma situação que todos conhecem,

mas não acreditam que possa acontecer na sua família. Com tantas pessoas no mundo, porque isso foi acontecer justo com as pessoas que nós amamos? Casos como esse eram relatados nos jornais, distantes de todas as pessoas, nunca que aconteceria por aqui.

Sérgio queria respostas, saber como seu irmão estava. Abraçar Ricardo e tirar da sua cabeça a imagem de encontrar ele em uma banheira com o seu próprio sangue o cobrindo. Essa era a imagem que ele nunca mais gostaria de ver e ao mesmo tempo, sabia que não conseguiria esquecê-la para sempre.

Sérgio ficou no corredor, tentando ver, sem sucesso nenhum, o que acontecia por detrás daquelas portas, onde o entra e sai de pessoas o dava um pouco de esperança. Sinal que ainda havia pelo que lutar e ninguém estava medindo esforços para salvar Ricardo. Se a sala estivesse quieta e sem a entrada e saída frenética de funcionários, seria um alarde a mais para Sérgio.

— Eu preciso de sangue aqui! — Ele ouviu pela fresta que algum funcionário deixou ao sair da sala.

— Não sabemos o tipo! — Gritou outro.

Era desesperador ouvir aquilo e não poder fazer nada. E quando o primeiro passou por ele, Sérgio o interceptou e disse que ele e o irmão tinham o mesmo tipo sanguíneo. E no mesmo momento ele foi encaminhado ao hemocentro com caráter de urgência.

— Coleta e me entrega o mais rápido possível. — Disse o enfermeiro para o atendente do banco de sangue do hospital. — Sem teste e sem nada, só sobe a bolsa lá para o PS.

A atendente ficou sem entender o porquê daquela quebra de protocolo total. Nunca nos seus anos de trabalho naquele setor foi solicitada com tanta veemência, e, por isso, não pestanejou ao colocar Sérgio sentado em uma das cadeiras de coleta e começar o procedimento de retirar o seu sangue.

Sérgio nunca teve problemas em procurar veias ou elas sumirem. E agradeceu por isso no momento em que sentiu a picada e o sangue vermelho saindo em direção à bolsa que iria para Ricardo. Sairia do seu corpo para ajudar a salvar o seu irmão. E ele percebeu que daria bem mais do que isso para que pudesse ter Ricardo ao seu lado novamente.

Fernanda ficou em pânico ao ver colocarem Ricardo na ambulância. Seu choro escorria livre pela sua face. E a incerteza de como agir corroía seu coração. Ela precisou de alguns momentos para voltar a pensar com clareza e lidar com o que havia acontecido.

Não conseguia unir os pontos que levaram Ricardo àquele ato de desespero extremo. Por mais que soubesse que a sua alma estava cada vez mais triste, não imaginava que as suas perspectivas de melhora estavam em tirar a própria vida.

O dois chegaram até a debater um livro sobre isso! Fernanda lembrava de como Ricardo tinha ficado quieto quando ela dizia que aquela não era a saída para o personagem principal. Havia muito mais a ganhar do que acabar com a própria vida. Se ela soubesse que ele estava pensando nisso, teria batido mais nessa tecla. Faria ele ver novas coisas, discutiriam mais assuntos que ele gostasse, tentaria fazer o impossível para que esse pensamento nunca chegasse a mente de Ricardo.

Porém agora não era a hora de pensar em tudo que ela poderia fazer para impedir o que já

havia acontecido. Nada poderia mais mudar o fato que Ricardo tinha tentado acabar com a própria dor da forma mais drástica que poderia imaginar.

E então começou a agir.

A primeira coisa que lembrou foi de Liana e de como ela estava alheia a tudo isso. E como isso era bem-vindo naquele momento. Se mal poderia lidar com ela mesma, quem diria com Liana vendo aquilo de tão perto.

Ligou para os pais da Bia. Únicas pessoas naquele momento que poderiam ajudar nesse quesito. Não entrou em detalhes e muito menos no teor do “machucado” que Ricardo sofrera. Apenas pediu para que a buscasse na casa da colega Elis e que ficasse lá por essa noite. Qualquer coisa eles seriam avisados. A mãe de Bia preocupou-se, assim como toda a mãe preocuparia, pois também conhecia Ricardo desde que ele era pequeno. E teve dificuldade em conseguir despistar ela tão fácil.

Resolvido esse assunto e com a alma mais leve em saber que Liana não estava ciente de nada, passou para o próximo passo. Pedir ajuda a única pessoa que poderia e confiava: sua mãe. Correu, o máximo que a sua gravidez permitia, à parada de ônibus e mandou o recado a um vizinho que estava embarcando naquele momento. Sua mãe não tardaria muito para chegar.

Ao voltar para casa e subir as escadas, Fernanda levou um choque ao ver o rastro de sangue pelo chão. E ao lembrar da cena de Sérgio saindo todo manchado, teve que parar e respirar um pouco.

Sérgio!

Ele deveria estar desesperado no hospital! E ela nem havia se lembrado do que ele está pensando nesses minutos em que ela ficou aqui. Ele estava sozinho lá e desamparado.

Rapidamente ela foi até o seu quarto, juntou algumas roupas limpas e saiu em disparada ao hospital. Ao encontra-lo, sentado, com as mãos sobre a cabeça, completamente sozinho, e sujo, sabia que ali era o lugar que ela deveria estar.

Aproximou-se e sentou-se ao seu lado. Tocou no seu ombro e quando Sérgio a reconheceu, a abraçou e desatou a chorar novamente.

— Meu irmão.... Meu irmãozinho, Fernanda. O que... O que eu....

Ele não conseguia formular frases completas diante de tanta dor, desespero e a falta de informação quanto ao estado de Ricardo.

E ela tão pouco. Apenas ficaram ali, compartilhando um abraço tão profundo que sentimentos banais não eram capazes de explicar. Era como se dois campos unissem suas forças em um bem maior. A capacidade de alguém encontrar no abraço do outro a força para continuar, independentemente de onde essa caminhada fosse levar. Era o que os dois precisavam naquele momento.

Quem passava no corredor não viam um patrão e uma empregada. E sim duas pessoas unidas na dor e que precisavam daquele contato tão vital, cru e primitivo que todas as pessoas carregam dentro de si.

Sérgio estava acabado. Tanto psicologicamente quando fisicamente. Ele ficou chorando no

ombro de Fernanda por um bom tempo. E ela estava ali para ser o seu suporte. O consolou até ele se desvencilhar do seu abraço e limpou as suas lágrimas de sofrimento pela falta de notícia, pela situação e tudo, delicadamente.

— Eu não sei o que fazer. — Admitiu depois de um tempo. — Se alguma coisa acontecer eu.... Não vou conseguir. O Ricardo e a Li foram as únicas coisas que me sobraram nessa vida. Tudo que eu faço é por eles. Não vou conseguir perder o meu irmão, Fernanda.

— Não vamos perde-lo. — Disse ela em meio as suas lágrimas e novamente limpando as de Sérgio. — Se tivesse acontecido o pior já teriam te avisado.

— Eu quero acreditar nisso, mas.... Foi muito sangue... Ele estava respirando com dificuldade, como se estivesse sufocando. Eu.... Eu....

— Eu estou aqui. — Fitou seus olhos. — O Ricardo vai sair dessa e nós vamos encontrar um jeito que ele melhore. Eu prometo que estarei ao teu lado nisso, Sérgio.

Novamente eles se abraçaram selando aquele acordo que não precisava ser posto em palavras. Fernanda não sairia para nenhum lugar enquanto não visse a recuperação total de Ricardo e a sua ascensão completa.

A noite chegou, Fernanda conseguiu fazer com que Sérgio trocasse aquela roupa suja depois que ele havia lhe dito do procedimento de doação que fora submetido às pressas. Fernanda disse que aquilo era um ótimo sinal, e tentava fazer com que suas palavras fossem um incentivo a acreditar na luz no fim do túnel. E quando o relógio havia cansado de trabalhar, a porta se abre em definitivo com o médico olhando para os dois.

— Nós conseguimos reverter a situação.

Capítulo 38

Liana estava sentindo-se estranha. Desde que entrou no carro do pai da sua colega Elis. Um aperto estranho no peito, angustiante e que estava a deixando inquieta.

Ela estava na casa de Bia, o qual seu pai foi buscá-las na casa na fazenda de Elis. Até chegou a pedir para ficar em casa, estava cansada de tanta coisa que as três fizeram, até correr atrás das galinhas que ela tinha lá e cuidado de alguns filhotes de ovelha que haviam nascido há pouco tempo. Precisava de um banho e deitar no sofá para ficar mexendo no cabelo do Kado enquanto ele jogava videogame. Mas seu pedido foi recusado pelo pai de Bia que ficou dizendo que já havia falado com Sérgio e ele deixado Liana passar a noite com Bia na sua casa. E quando a amiga começou a fazer chantagem emocional, Liana teve que ceder, mesmo que estivesse contrariada.

Liana estava vestindo um pijama de Bia e as duas no seu quarto cor de rosa, deitadas na cama e conversando sobre assuntos que só pré-adolescentes de 13 anos conseguem entender. Bia falava sem parar, tanto que Liana já nem prestava mais a atenção e foi advertida com isso com uma almofada no rosto.

— Estou falando com as paredes aqui! — Reclamou Bia. — Está tudo bem?

— Não estou me sentindo muito bem — desabafou Liana.

— Como assim? Está com dor em algum lugar?

Liana virou-se na cama e ficou fitando o teto. Como explicar aquela apreensão, o medo de alguma coisa se perder para sempre e não ter mais como reaver.

— Não é bem dor — começou ela a procurar palavras — é como se eu estivesse com um peso em cima de mim. Apertando o meu coração.

— Eu nem sabia que tu tinha coração.

As duas amigas se entreolharam.

— E nem eu. — E desataram a rir. Até os vizinhos escutaram.

Bia também se deitou de barriga para cima e suspirou após conseguir parar de rir.

— Minha prima começou assim. — Ela olhou para Liana que não havia entendido. — Tu sabe! Aquilo de não ser mais criança....

Liana arregalou os olhos e sentou-se rapidamente.

— Não! Não é isso! Não vou menstruar.... — sussurrou a palavra como se fosse um maldição e se escutassem ela falando isso seria punida.

Ahhh a entrada da adolescência e seus temores...

Enquanto umas sonham com a primeira menstruação, outras até evitam de falar sobre o assunto com medo de que isso pudesse chamá-la mais cedo.

— Não deve ser tão ruim. — Explicou Bia. — Minha prima é dois anos mais velha que eu e... Uau! — Bia ficou com aquela expressão de que estava sonhando acordada. A mesma que fazia Liana revirar os olhos. — Tudo é diferente na idade dela! Tantas coisas legais que nós

ainda não podemos fazer. E as revistas! — Animou-se mais ainda. — Esses dias vi uma Revista Capricho dela falando sobre namorados, beijos e até sobre — Bia olhou para a porta do seu quarto com medo que ela abrisse no meio da conversa proibida e escutassem o que falavam — sexo! — Disse a palavra tão rápido nem acreditando que havia dito em voz alta.

Liana fez uma cara de nojo ao mesmo tempo que a amiga.

— Que nojo! E tu olhou a revista? Eu vejo elas na banca onde compro os meus cd's, mas não tenho coragem de pegar para ver. Ainda mais com a vendedora lá no caixa olhando para tudo.

— Olhei um pouco. Não consegui ler mais porque a minha tia apareceu e eu tive que disfarçar. Mas quando eu for para lá de novo vou pegar escondida. Talvez eu peça para a minha prima e traga escondida no meio de algum livro meu. Aí a gente olha junto, pode ser?

Liana sentiu as bochechas corarem com a possibilidade de pegar a revista de adolescente, tão a frente nos dois anos a mais que ela tinha. Era um ato de rebeldia e curiosidade extrema. Se Sérgio e Kado soubessem que ela faria isso, ficaria de castigo para o resto da vida. Até porque, pelas suas contas, não pagaria todos os castigos que já tem até os seus trinta e tantos anos.

Ao pensar em Ricardo, Liana ficou novamente com a sensação de que tinha alguma coisa errada. Era como soubesse, lá na sua alma, que o irmão estava passando por algum problema sério. Sua mãe há muitos anos, havia dito que os irmãos têm uma conexão bem maior do que simplesmente os laços de sangue. Muito além do que qualquer laço poderia explicar em palavras.

Apesar de estar com Bia, sua melhor amiga e alheia ao que estava acontecendo no hospital próximo, Liana permaneceu com a sensação. Sua intuição ainda era tão criança como ela mesma. A noite chegou e ela ainda continuava às cegas quanto ao que havia acontecido. Elas foram dormir e o pai de Bia, ainda incrédulo quanto ao acontecido, é que foi saber notícias sobre Ricardo, para que se Liana descobrisse, ele tivesse alguma novidade. E também por ser amigo de tantos anos da família Chiarelli e sentisse como um pouco de pai de Liana e Ricardo, que a sua família viu crescer dentro da sua casa.

No hospital, o clima de nervosismo ainda não havia se esvaído por completo. O médico que havia atendido Ricardo apenas trouxe a notícia que o seu quadro tinha sido revertido. O corte que Ricardo fez era profundo e a perda de sangue, unido com a água gelada em volta ao seu corpo, foi uma combinação quase fatal.

Rapidamente o médico explicou que a perda de sangue havia sido severa e que se chegassem alguns poucos minutos depois, o quadro não poderia ser revertido com sucesso. E os deixou no corredor ainda na espera.

O tempo havia passado. A mãe de Fernanda, ao escutar o recado, não hesitou em ir para a cidade em busca de notícias. Foi direto para a casa e encontrou o sangue de Ricardo espalhado pelo andar e pensou no pior. Entrou no pronto-socorro do hospital da cidade quase em prantos, pensando que todo aquele sangue era de sua filha. E quando a encontrou sentada ao lado de Sérgio no banco de espera, agradeceu aos céus por sua filha e seu bebê estarem bem, e ao saber a origem do sangue na casa, orou novamente pela vida e saúde de Ricardo.

Sérgio ainda estava desolado. Não podia acreditar que esse pesadelo estava acontecendo com a sua família novamente e especialmente com o seu irmão. Queria entrar porta adentro e

ficar ao lado de Ricardo. Saber o que estava acontecendo com ele e como poder ajudá-lo, para nunca mais ter que passar por isso novamente.

Ele percebeu a vinda da mãe de Fernanda, bem como a do pai de Bia, que estava com Liana na sua casa por essa noite. Mas nada o fazia desviar o foco de preocupação que ele estava. Seu mundo estava naquele quarto a sua frente, onde o vai e vem de enfermeiros, médicos e assistentes, o deixavam apreensivo e sem direito de ver o seu irmão.

E por esse motivo era que Fernanda estava lá. Além da preocupação nata com Ricardo, estava lá para ficar ao lado de Sérgio e ser a sua “porta voz” já que ele se encontrava desestruturado para qualquer outra coisa naquele momento. Ela que havia feito a sua ficha de atendimento, respondido ao questionário de saúde e dado as notícias a quem chegasse.

— Eu vou ficar, mãe. — Afirmou quando sua mãe a questionou. — O Sérgio não tem condições de ficar sozinho e eu também estou preocupada com o Ricardo. Eles... — As palavras faltaram por completo.

— Precisam de ti. — Sua mãe completou a frase e entendendo o que aquilo significava.

Fernanda assentiu e despediu-se da sua mãe, que iria para a casa deles limpar o que havia ficado, para ninguém ter o choque de chegar em casa e encontrar com a cena. Se despediu com um beijo e dizendo que voltaria mais tarde para verificar como eles estavam. Pois a noite ainda seria muito longa naquele banco de hospital.

Acabou que um certo momento, Fernanda não aguentou mais esperar. Suas costas doíam, seus pés estavam inchados e ela estava cansada. Inácio estava cobrando um pouco de atenção no meio daquela crise. E com a ajuda de algumas enfermeiras bondosas, conseguiu um travesseiro e um cobertor onde se recostou no banco ao lado de Sérgio e acabou adormecendo.

Neste momento que ele percebeu que ela havia ficado e resolvidos tantos assuntos que Sérgio não tinha condições naquele momento. Fernanda, enrolada no cobertor padrão do hospital, deitada naquele banco horrível e grávida, não sairia de lá até saber que tudo estava bem e Ricardo não corria mais risco nenhum. E isso era um gesto que Sérgio não conseguiria agradecer nunca.

Em toda a sua vida não poderia chegar perto do que seria grato a Fernanda. Desde a mudança na vida daquela casa, o modo como aceitou cada um deles e se preocupar tanto com os seus irmãos como ele mesmo fazia. Isso não haveria dinheiro que pagasse. O amor que Fernanda sentia por aquela família era visível e Sérgio não sabia como recompensá-la por isso.

Ela estava ali, de corpo e alma. Tão preocupada e resolvendo os assuntos que ele, como responsável, deveria cuidar. E vendo o seu desespero, Fernanda tomou a dianteira e solucionou. Era um gesto tão simples, mas que fazia toda a diferença. Nunca que na cabeça atordoada de Sérgio ele conseguiria responder aqueles questionamentos burocráticos, lembrar de onde deixar Liana, para que ela ficasse alheia ao que estivesse acontecendo, pedido para Nara encerrar o expediente no mercado para ele e ainda ficado ao seu lado naquele banco do corredor do hospital pela a noite toda.

Ao retirar o cabelo de Fernanda sobre o seu rosto, ela abriu os olhos rapidamente.

— Aconteceu alguma coisa? — Disse apressadamente levantando.

— Não. — Sérgio a encarou enquanto ela olhava para a porta em que Ricardo estava em observação. — Ainda não veio ninguém aqui falar nada.

— Como diz a minha mãe, notícia ruim chega primeiro. Sinal que não houve nenhuma mudança no estado dele. — Ela bocejou.

— Não quis te acordar. — Desculpou-se com o olhar. — Tu deve estar cansada e não deve ser nada confortável se deitar nesse banco duro.

— Ultimamente nenhum lugar é confortável para o Inácio. — Ela colocou a mão em cima da barriga. — Ele se mexe demais e eu tenho que ficar mudando de posição o tempo todo.

Fernanda sentou-se reta novamente e suspirou fundo depois que Inácio provou que ela falava a verdade.

— Obrigado. — Sérgio segurou a sua mão e eles trocaram um olhar.

Pela primeira vez Fernanda encarou os olhos castanhos de Sérgio e notou como eles eram bonitos. Encantou-se com a miríades de tons que os seus olhos tinham. Perdeu-se por alguns segundos esquecendo-se do que ele estava falando.

— Pelo que? — Sussurrou.

— Por estar aqui. Ontem, hoje e amanhã. Viver naquela casa se tornou melhor desde que tu chegou. A minha relação com as crianças.

— Eu não fiz nada disso, sou apenas a empregada. — Desabafou.

Se isso que ele havia falado fosse verdade, Ricardo não estaria naquela sala e quase morrido por conta própria. Fernanda não havia feito nada de especial. Apenas o seu trabalho e se apegado de uma forma fora do padrão por eles. No fundo ela temia que pudesse ser demitida a qualquer momento e ficar sem poder ver Ricardo e Liana diariamente como estava. Isso seria uma dor sem fim para ela.

— Não. — Sérgio continuou a falar baixinho. — Tu fez e ainda faz toda a diferença, Fernanda. E se não tivesse me chamado para voltar para casa e ver o Ricardo.... — Ele não conseguiu formar palavras, e deixou que suas lágrimas mostrasse o significado.

E do lado de Fernanda a história não foi diferente. Suas lágrimas apareceram junto com as dele.

— Me ajuda a passar por isso. — Pediu. — Eu não vou conseguir lidar com isso tudo sozinho. O Kado, a Li, o mercado.... Eu sei que é uma coisa além do teu trabalho, mas eu não tenho mais ninguém para me apoiar nesse momento. Nenhuma pessoa que se diz meu amigo sabe o que eu estou passando agora, só tu, Fernanda.

Com o coração se despedaçando com a verdade brotando de Sérgio, Fernanda compadeceu-se do que ele havia falado.

— Eu vou estar lá para quando e o tempo que vocês precisarem de mim. Não precisa nem me pedir, Sérgio. Eu amo o Ricardo e a Liana. Faço qualquer coisa por eles.

Sérgio pegou as mãos dela e a beijou. Queria que ela ficasse para sempre ao lado dele.

A porta abriu-se e o médico apareceu. Olhou para os dois e pediu que o seguissem. Sérgio

e Fernanda se entreolharam, levantaram e quando começaram a caminhar deram as mãos inconscientemente. Seguiram para outra sala, sentaram-se em frente ao médico e esperaram as notícias que viriam.

Capítulo 39

Uma coisa é fato. Suicídio é um tabu em qualquer parte.

Não são muitas pessoas que conseguem enxergar além do ato de tirar a própria vida. Não levam em consideração a dor, sofrimento e depressão que pode levar uma pessoa a se machucar fatalmente. Além de outros fatores incontáveis.

Tudo é resolvido por baixo dos panos. Nenhuma família consegue explicar o feito a não ser que seja para denegrir a pessoa que cometeu tal ato. Ou é esquecida completamente ou taxado como fraco e afins.

Para cada jovem que se suicida, muitos tentam. E ser resgatado pode deixar sequelas horríveis, tantos psicológicos ou incapacitações, podendo fazer com que o ato volte a se repetir até que não haja mais volta.

Aliado com esta questão, também há o tabu das doenças psicológicas. Isso é frescura, diziam os antigos, falando que época deles ninguém sofria com essas coisas, pois havia muito trabalho e pouco tempo para pensar em besteiras. E os “loucos” mesmo, eram mandados para o hospício e deixados para que a sorte se encarregasse deles, novamente excluindo as pessoas que precisavam de ajuda.

Realmente o tabu em torno do suicídio ainda precisa ser reavaliado. Ninguém gosta de sofrer por nada. Ninguém faz um ato de desespero para chamar a atenção. A dor é real. Somente quem a sente, sabe o que significa realmente sofrer a ponto de não ver mais saída, senão tirar a própria vida para que todo aquele tormento passasse.

Muitas pessoas dão indícios de que estão perto de cometer o suicídio. Sinais muitas vezes sutis, com frases, palavras, ações e até mesmo curiosidade sobre temas que envolvem a própria morte. Alguns chegam a alertar a própria família com pinceladas, porém, a maioria das vezes, as pessoas com que podemos contar nesses casos, não conseguem entender nas entrelinhas.

Isso não é totalmente um erro, talvez um descuido. Nenhum familiar consegue aceitar ou entender o fato de que essa pessoa esteja passando por um problema sério e precisa de ajuda. Além do que, na correria do dia a dia, deixamos de lado pequenos detalhes que quando se juntam, o estrago está feito e pode ser sem retorno. Um atraso de cinco minutos é uma coisa bem mais prejudicial do que uma troca de palavras, ao ver de quase todas as pessoas. E são esses pequenos detalhes que passamos despercebidos por nossos olhos.

E tudo vira uma bola de neve. Um quarto com as paredes se aproximando cada vez mais do indivíduo. O ar sufocante preso dentro dos pulmões e a escuridão tomando tudo por completo. A morte não é uma solução, é um alívio que a paz eterna pode proporcionar.

Sérgio estava acompanhado de Fernanda no pequeno e indiferenciado consultório médico do pronto socorro. O médico, um homem, antigo amigo da família Chiarelli não encontrava palavras para descrever o que havia acontecido com Ricardo.

Todos naquela pequena cidade o conheciam. Sabiam que ele era quieto, inteligente e sentiram a pena quando souberam que ele foi o sobrevivente do assassinato dos pais. Ricardo não era tão sociável como Sérgio, mas nem por isso deixou de destratar alguma pessoa na cidade ou

de ajudar o próprio médico que o atendeu a levar as suas compras pesadas até o carro.

— Eu queria te dizer o que aconteceu, Sérgio. — Admitiu com um olhar cansado. — Mas essa não é a minha área. Fiz o que estava nas minhas mãos. Estabilizei o Ricardo, contive o grave sangramento e fechei o corte no pulso dele.

— Obrigado, por...

— Não precisa me agradecer. Não fiz mais do que a minha obrigação como médico.

— E como ele está? — Fernanda questionou aflita.

O médico não conhecia pessoalmente Fernanda, mas escutou os boatos que rolava na cidade. Sabia que ela estava grávida, até porque já era muito evidente esse fato, estava trabalhando na casa dos Chiarelli e que, apesar de todos os boatos, ninguém sabia quem era o pai da criança. Havia boatos de que era o próprio Sérgio e outros que ela tinha voltado da capital depois de passar de cama em cama, por assim dizer. O falatório era grande. Quanto menor a cidade, maior a fofoca se tornava. Contudo naquele momento, não havia nada de falatórios e pensamentos maldosos. A mulher que estava ali na sua frente estava sentindo a pior dor de todas: a de estar a procura da resposta de que seu familiar está bem.

— Estável. — Essa era a palavra que ele poderia usar no momento. — A perda de sangue foi bastante alta. Tivemos que recorrer a bolsas de sangue para que pudéssemos contornar a situação. Inclusive a que tu doou, Sérgio. Deixamos essa correr por último para não ter perigo de rejeição ou alguma complicação. Posso dizer que o Ricardo nasceu novamente.

O alívio de Fernanda foi parcial. Só conseguiria respirar novamente quando o visse com seus próprios olhos, e sem nenhum tipo de risco no meio.

— Nós vamos deixá-lo em observação esta noite. Demos alguns sedativos para ele dormir e não se agitar, para não arrebentar os pontos, o local da incisão é delicado. Sem contar que.... — o médico começou a sentir-se desconfortável.

— Ele pode acordar e tentar de novo.... — Sussurrou Fernanda, concluindo baseada na expressão que via no médico a sua frente.

— Não! — Interveio Sérgio. — Ele não seria capaz de fazer isso de novo!

— Sérgio, eu sei que isso é uma coisa chocante. Extremamente inesperada e...

— Meu irmão não é louco a ponto de fazer isso novamente! — Exaltou-se Sérgio levantando da cadeira rapidamente sem compreender o que estava acontecendo ali naquela sala. — Deve haver uma explicação para o que ocorreu, ele podia estar brincado com a faca dentro da banheira ou...

— Sérgio, te acalma, por favor. Todos nós sabemos que essa situação toda é nova e sem explicação. Mas temos que encarar os fatos, o Ricardo entrou naquela banheira com uma faca para se matar e se tu chegasse minutos mais tarde ele teria conseguido. Alguma coisa deve ter acontecido para que levasse ele a fazer isso.

— O Kado andava apanhando na escola. — Confessou Fernanda. — Eu vi o sangue na roupa dele e quando questionei ele desconversou e disse que tinha caído, mas eu não acreditei. Por isso que te levei para casa àquela hora, para vocês conversarem e... — As lágrimas romperam

dos olhos de Fernanda e ela começou a se culpar.

— E como eu não sei de uma coisa dessas? Ele me disse que havia parado de brigar na escola e que ninguém mais incomodava ele. Eu.... eu deveria ter prestado mais atenção neles e...

— Sérgio caiu na cadeira e passou a mão sobre os cabelos.

Era tudo culpa dele. Tudo por culpa do mercado que sugava cada fibra do seu corpo. Da volta para a faculdade. O tempo com Ricardo e Liana e estava cada vez menor e sem funcionalidade nenhuma. Os três ficavam sentados na sala olhando para a TV, sem falar nada enquanto a vida passava por diante dos seus olhos.

Sérgio poderia aproveitar esse tempo ocioso, que associava em descansar o corpo enquanto ficava com os dois para fazer outras coisas. Viajar mais, passar mais tempo a céu aberto com eles, conversar mais, explicar coisa da vida, como evitar drogas, amigos ruins, sexo e todas aquelas coisas que a gente pensa que os nossos “filhos” já sabem só por serem nossos filhos e sabermos que eles são inteligentes. Ou que a nossa família era imune a todo o mal que se esconde na esquina de casa.

— Agora não é hora de encontrar culpados, e eu acredito que nessa história não há um. O Ricardo está a salvo e isso que importa nesse momento. — Disse o médico ao notar o clima de desamparo que havia tomando conta do consultório.

— E agora? O que fazemos? — Fernanda limpou as lágrimas e encarou o médico.

Essa era a questão que pairava: e agora? Como lidar com a situação em si? Era um fato que Ricardo precisava de ajuda, mas como encontrar esse tipo de ajuda e como saber se a que ele vai receber é a certa? Como encarar a realidade quando ele acordar e perceber o que havia acontecido? O que seus irmãos, amigos e afins poderiam fazer para que a vida de Ricardo voltasse a ser a mais normal possível?

O médico queria tivesse uma fórmula mágica para que isso se resolvesse. Um medicamento que fizesse com que tudo se apagasse e a vida ficasse alegre e feliz para toda a eternidade. Uma pílula da felicidade vendida em cada farmácia e que resolvesse todos os problemas magicamente, não apenas os disfarçasse fazendo como se a pessoa usasse uma máscara sorrindo enquanto o mundo caia dentro de si. Estes a farmácia vendia e a cada dia que passava as prateleiras recebem dezenas de novas fórmulas prometendo mundos e fundos para que se ache a felicidade.

Mas esse não era o caso. O que havia acontecido merecia uma atenção mais especializada ainda. O mundo ainda continuaria a ruir, mas Ricardo, e sua família, teriam que aprender a conviver com isso e a descobrir que por trás de toda a destruição há um novo recomeço. E que ele pode ser bem melhor do que havia caído antes.

— Eu indico um psiquiatra e ele avaliar o caso dele. Se é só um caso para psicólogo ou um tratamento mais intensivo.

O médico viu a descrença no rosto de Sérgio. Sabia que ele era inteligente, mas também conhecia a cidade em que vivia. Onde a profissão ainda era ligada aos loucos, denegrada e taxativa por quem frequentava esses profissionais como malucos e débeis mentais. E isso era um erro que aos poucos a mentalidade da sociedade iria perceber. Ele esperava isso e sabia o bem que a especialidade poderia fazer a todos os envolvidos.

— A psiquiatria vem se atualizando a cada ano. Não é mais vista como médicos de loucos e malucos. Foi-se o tempo em que as instituições psiquiátricas eram vistas como um antro de pessoas desajustadas e que não conseguiam cuidar de si próprios.

Sérgio balançou a cabeça em sinal de arrependimento pelo que havia passado na sua cabeça e na conversa das comadres que fofocavam nos corredores do mercado sobre os loucos da cidade. Não queria que Ricardo entrasse para esse hall.

— Eu sei, desculpa. Não era isso que eu queria transparecer. Só que tão insano tudo isso que eu nunca imaginei que um dos meus irmãos precisasse de um psiquiatra.

— Se a pessoa está doente do coração vai a um cardiologista, se a pessoa está doente no psicológico... — Fernanda formou a analogia.

— Exatamente — aprovou o médico. — Tenho um colega que eu acredito que possa ajudar o Ricardo no momento. Ele é novo e tem ideias novas para o tratamento de suicidas, semana passada escutei uma palestra dele e fiquei impressionado como ele induz o paciente. Posso te passa o contato dele.

— Por favor. E obrigado, mais uma vez. — Agradeceu Sérgio.

E depois que o contato do médico psiquiatra havia sido passado, Fernanda não se segurou em perguntar quando poderiam ver Ricardo. Ela estava cansada, Inácio estava pedindo atenção dentro dela, mas nada disso seria páreo para que ela finalmente pudesse respirar aliviada ao ver Ricardo.

— Aqui é pronto socorro, não é nem aconselhável vocês fiquem aqui no corredor, principalmente tu pelo teu estado — aponto o médico para Inácio dentro da sua barriga. — Estão providenciando um quarto no andar de cima e quando estiver tudo pronto não levar ele para lá. E aí sim vocês podem ver e ficar ao lado do Ricardo.

Fernanda agradeceu o médico e acompanhada da Sérgio eles foram escoltados até a área de espera do pronto socorro à espera de serem chamados quando Ricardo fosse para o quarto.

Capítulo 40

Sérgio e Fernanda estavam na pequena lanchonete do hospital, onde os próprios pacientes, acompanhantes e funcionários comiam em silêncio. A espera pelo quarto para que pudessem remover Ricardo ainda continuava.

Àquela hora, madrugada ainda, o movimento estava fraco. Sérgio não estava realmente com vontade nenhuma de comer, ele queria mesmo era um maço de cigarro. Porém o seu tinha ficado em cima da sua mesa no mercado, ao lado da sua carteira. Ele só estava encarando aquele sanduíche de queijo quente e o café fraco por mera consideração a Fernanda, que devorava o seu com vontade. Ela disse que não estava com fome quando ele ofereceu, mas Sérgio sabia que ultimamente ela andava comendo bem mais do que antes. Culpa do Inácio. E ele não poderia deixar de atender um desejo do bebê, ainda mais depois de Fernanda se recusar e bater o pé dizendo que não ia para casa descansar.

Sérgio, apesar de saber que Fernanda ficaria melhor em casa, também não queria ficar sozinho naqueles corredores brancos do hospital. A ideia de ficar sozinho com os seus pensamentos o assustava bastante. E quando Fernanda se negou de o abandonar ali, ele agradeceu silenciosamente e não tocou mais no assunto.

— Quer outro suco? — Questionou ao ver ela acabar com o seu.

— Não precisa, obrigada. — Respondeu sem adiantar, já que Sérgio havia pedido para o dono da lanchonete com um aceno de cabeça.

— Eu te pago quando tu for pegar coisa lá no mercado, pode ser? — Sérgio comentou com o senhor.

— Não precisa, seu Sérgio. — Respondeu-lhe com um sorriso sincero. — O senhor já me vendeu fiado muitas vezes quando eu precisei, e isso é o mínimo que eu posso fazer.

Sérgio agradeceu o senhor que os deixou sozinhos novamente. Fernanda lhe sorriu e pegou na sua mão em cima da mesa.

— A bondade com as pessoas é recompensada das mais diversas formas. Dizia o meu pai. — E ele concordou com um aceno rápido de cabeça.

Terminaram de comer e voltaram ao posto em frente à entrada do pronto socorro. Fernanda escorou-se em um dos bancos e estava quase pegando no sono quando o médico os chamou novamente.

— Já levaram ele para o quarto, A enfermeira leva vocês até lá.

Os três subiram a rampa que ligava o hospital ao pronto socorro e caminharam pelo longo corredor. E quando chegaram a porta Sérgio e Fernanda respiraram fundo ao entrar.

No meio do quarto branco estava a cama com Ricardo em cima. Ligado a aparelhos que emitiam barulhos constantes, mostrando no painel as batidas do seu coração.

Sérgio foi o primeiro a chegar perto da cama. Por segundos, lembrou-se a aproximação que fez na funéria para ver os pais. O quarto branco, o cheiro de limpeza extrema, os corpos deitados em caixões e a pele tão alva e fria.

As lágrimas não demoraram a chegar nos olhos do irmão mais velho. Imagens de Ricardo na mesma posição dos pais não saía diante dos seus olhos. E ele só conseguiu perceber que estava longe daquela realidade quando se tocou o rosto de Ricardo e sentiu o calor emanando dela.

Passou a mão sobre os cabelos castanhos dele, desceu para o rosto onde o princípio de barba, que Ricardo tanto reclamava quando Sérgio tentava ensinar como se barbear, nascia em toda a extensão do seu rosto e pescoço. Era inacreditável que o mesmo guri que estava brigando com ele há poucos dias por causa de uma penugem, que ele achava que era barba, estava deitado naquela cama parecendo tão indefeso e quase morrido por conta própria.

Vendo com os seus próprios olhos, tudo parecia em uma dimensão paralela. O barulho do monitor cardíaco, o cheiro de limpeza e o curativo cobrindo toda a extensão do seu pulso. Era um pesadelo que Sérgio pretendia acordar o mais rápido possível em cima da sua mesa no escritório. Descer as escadas, fumar um cigarro e ir para o caixa com as funcionárias, depois de um tempo ver Ricardo e Liana entrarem como um furação dentro do mercado, assaltarem a prateleira de bobagens e irem para casa em segurança.

Porém o pesadelo era real. O medo de Sérgio de perder um dos seus irmãos foi sentido na pele. O vazio no seu peito, pelo despedaçamento do seu coração, doía. De uma forma que ele só sentiu quando perdeu os pais.

Ricardo dormia profundamente. Sempre teve o sono pesado, e com medicamentos percorrendo no seu corpo, não sentiu nenhum dos carinhos que Sérgio fazia no seu rosto. As lágrimas dele que pingavam na roupa que estava usando ou das palavras que o irmão sussurrava para ele.

Fernanda ficou afastada olhando para a cena. Ela também não conteve as lágrimas ao ver Ricardo ali naquela cama, inconsciente para o que ocorria na sua volta. Lentamente aproximou-se da cama e tocou na mão dele, ficando ao lado do Sérgio.

— Sábado passado ele estava brigando comigo por causa da barba que estava nascendo. Reclamando que estava todo cortado no rosto e estava ardendo. — Ele ri ironicamente. — Quase chorando por causa daqueles cortes pequenos e agora ele se cortou bem pior....

Sérgio acariciava os cabelos do irmão enquanto suspirava.

— A enfermeira disse que ele só vai acordar amanhã. E aí todos nós vamos poder conversar com ele e assim conseguiremos encontrar alguma saída. Ele precisa descansar agora, está sendo monitorado e virão aqui a cada intervalo de tempo para verificar se está tudo bem.

Fernanda encostou na mão de Ricardo.

— Essa semana íamos colocar o carro para andar na cidade. Sabia que eu vou dar aquele carro para ele no aniversário? O Kado pensa que eu vou vender como o fusca que fizemos para investir em outro carro. Mas não, esse que estamos trabalhando vai ser dele.

— Ele vai adorar. Sempre quando não está fazendo nada está na volta daquele carro. E ele me disse que esse é o primeiro que tu está deixando ele fazer mais coisas.

— É... os outros era sempre eu que me sujava mais, mas ele já está grande o bastante para se sujar com graxa também.

O reencontro é interrompido com a primeira enfermeira batendo na porta e fazendo a ronda da noite. Uma cama improvisada foi entregue para eles para que passassem a noite.

— Eu me arrango no sofá mesmo. — Sussurrou Fernanda.

— Nem pensar. Tu fica com a cama e eu no sofá.

— Tu vai ficar com a metade do corpo para fora nela. Eu caibo direitinho.

Fernanda sentou-se e Sérgio viu que aquilo não ia funcionar. Ele não ia conseguir dormir mesmo essa noite. O máximo aqueles cochilos e depois acordar assustado. Era praxe isso acontecer quando ele ficava muito nervoso ou ansioso. E essa seria uma dessas ocasiões onde ambos os sentimentos se misturavam dentro de si.

Já Fernanda tinha até dormido no banco de espera escorada nele. Ela nunca conseguiria passar o resto da noite naquele sofá sem conforto nenhum. E quando os dois recomeçaram a discutir isso, Fernanda acabou com a história de uma vez por toda.

— Então ficamos os dois juntos.

E depois de muitas tentativas, eles conseguiram se encaixar naquela cama improvisada. Como de fato, Sérgio passou a noite toda quase em claro, enquanto Fernanda dormia profundamente.

Nesse tempo em que esteve sozinho ali, pensou em tudo que havia acontecido, ainda não conseguia entender uma explicação lógica para tudo aqui e chegou à conclusão que o irmão levava uma vida completamente diferente da que Sérgio pensava.

Ninguém sabe o que se passa com a pessoa que mora ao nosso lado. Somente quando estamos sozinhos, nesses momentos que podemos refletir sobre os nossos problemas, indiferente do tamanho deles e sem ninguém julgar sobre a importância que damos para eles.

Sérgio mesmo sabia que havia coisas que só ele sabia sobre si mesmo. Problemas que importava somente a ele e a mais ninguém. Nunca que ele traria os problemas que ele enfrenta no mercado para dentro de casa. A maioria deles eram puramente burocráticos, besteiras e que as crianças nem saberia como lidar com eles e nem mudariam nada nas suas vidas por causa disso. E percebeu que por causa desses pequenos segredos, para não preocupar seus irmãos, acabou criando um pequeno monstro dentro da sua própria casa.

Quantas vezes Ricardo mesmo o questionou se estava acontecendo alguma coisa e Sérgio desconversou? Seria por esse motivo que Ricardo agora fazia a mesma coisa? Quantas vezes Sérgio questionou o irmão e ele disse que não estava acontecendo nada.

Talvez vendo a mania de Sérgio de poupar Ricardo e Liana, dizendo que os problemas não eram nada que Ricardo começou a achar os seus inferiores e a guardá-los dentro de si.

O que mais acontecia embaixo daquele teto que Sérgio não sabia? Será que Liana escondia algum problema grave assim como Ricardo por tanto tempo.

E por falar em Liana, como seria quando ela soubesse o que aconteceu com o irmão? Só de pensar nisso Sérgio já imaginava o escândalo que ela faria. E quando Ricardo acordasse alguém teria que ficar junto dela para que não atacasse seu irmão. Liana com certeza iria querer bater em Ricardo por fazer uma coisa dessas.

Em algum determinado momento da noite, depois de tanto pensar e concluir que só o tempo poderia determinar o que acontecesse em seguida, Sérgio tentou dormir.

Inconscientemente, ele se aproximou de Fernanda, que dormia profundamente a ponto de ficar respirando tão próximo dela e sentindo o cheiro do shampoo que ela havia usado naquele dia. Acostumado a dormir com a Liana o esmagando a noite toda, sua mão repousou na cintura dilatada dela, fazendo que os dois, ou melhor, os três, se encaixassem perfeitamente naquele pequeno espaço.

Fernanda acordou com o sol nascendo e entrando por entre a janela do quarto. Sentiu a presença de alguém ao seu lado e quando se virou encontrou Sérgio dormindo serenamente. Situando-se aos poucos, lembrou-se do que havia acontecido e de onde estavam. Ricardo ainda dormia sob o efeito de medicamentos e o soro que ele estava recebendo havia sido trocado no recentemente, pois estava cheio.

Ainda trôpega pelo sono e percebendo que Inácio ainda estava dormindo, pois ele sempre acordava agitado dentro dela, Fernanda ficou deitada encarando Sérgio na sua frente, com pouca distância entre eles.

Desde que o viu pela primeira vez soube que era diferente, em todos os sentidos que poderia ser. Viu a bondade nos seus olhos ao receber naquela pequena entrevista que tiveram. Fernanda havia percebido que, para ele, ela não era a candidata perfeita para o cargo, mas mesmo assim tinha lhe dado a oportunidade, nem que fosse para ficar algum tempo e depois sair. Para ajudá-la com o que poderia fazer. Por esse motivo passou a admirá-lo pelo seu caráter e bondade.

E agora ali, deitada ao seu lado, depois de ter passado por uma das noites e dia mais angustiante das suas vidas, Fernanda começava a perceber que a admiração se expandia cada vez mais.

Capítulo 41

Fernanda pulou da cama depois que pensamentos invadiram sua mente.

Aproveitou que uma enfermeira veio para anotar os sinais de Ricardo e saiu em direção à casa deles. Abriu o portão e viu a porta da cozinha aberta. Por alguns instantes pensou que, além do que havia acontecido no dia anterior, agora eles teriam um assalto para lidar. Mas respirou aliviada quando viu a sua mãe saindo da cozinha.

— Que susto, mãe! Pensei que agora a tinha sido assaltada. Era só o que faltava.

— Não, Fernanda. Eu fiquei aqui depois que sai do hospital. Limpei — ela apontou para o andar de cima — e dormi no quartinho lá de baixo.

— Obrigada, mãe. Eu vim para cá para buscar algumas roupas para eles e dar um jeito lá em cima. Sem contar que a Liana vai ficar aqui e eu vou ficar com ela. O tempo que for preciso.

A mãe de Fernanda tinha um pouco de receio quando escutava a filha falar desse modo tão enérgico e apaixonado por aquela família. Ela sabia, e tinha a plena consciência que a ajuda que Fernanda estava recebendo era mais do que bem-vinda e aceita. Porém, era essa entrega de corpo e alma que Fernanda fazia que deixava o seu coração em dúvida.

Conhecia a filha melhor que ninguém. Ela não via maldade em ninguém, e se visse, ficava na sua, mas nunca deixando de tentar ver pelo melhor lado possível. E isso sempre a deixava em maus lençóis. Mesmo ficando grávida do último patrão, Fernanda não havia aprendido a lição.

Fernanda não percebia que era apenas uma empregada. Paga para fazer o seu trabalho e só. Mais uma na multidão que poderia ser despedida no mesmo dia. Simplesmente ela se doava de corpo e alma em qualquer situação. Se apegava as pessoas facilmente e mesmo que não recebesse a mesma importância que ela lhes davam. Desde pequena ela era assim, e pelo visto, nunca aprenderia.

O que ela ganhava com essa dedicação toda, além de um salário no final do mês? Absolutamente nada além de decepção. E quando isso acontecia, era sua mãe que a consolava em casa. Nenhuma das lágrimas serviria de lição para que em pouco tempo Fernanda voltasse a se doar novamente para qualquer pessoa que fosse.

Fernanda não se importava com nada disso, e já sabia o discurso da mãe de cor e salteado. Para ela o que valia mesmo era a intenção de ajudar o próximo. E, claro que ela era muito inclinada pelo lado afetivo com a família Chiarelli.

Por esse motivo que Fernanda fez uma mala com algumas roupas para Ricardo e outra para Sérgio. Carregou as roupas até o hospital novamente e encontrou os dois na mesma posição que havia deixado, dormindo.

Ela cutucou Sérgio que não respondeu no primeiro momento. E continuou até se ajoelhar a sua frente e ele abrir os olhos lentamente.

Sérgio estava embriagado de sono. Pensou que ainda estava sonhando, e a imagem a sua frente era um anjo iluminado. Levou um tempo para perceber que era Fernanda ajoelhada e iluminada pela janela atrás dela.

— Bom dia. — Ela sorriu e ele novamente teve a ideia de um anjo estar a sua frente. — Desculpa te acordar, mas eu trouxe algumas roupas para vocês e quero saber o que vamos fazer agora.

Ele conseguiu sentar. Ficou esperando a dor de cabeça chegar, mas surpreendentemente nada veio, riscando assim a hipótese de estar bêbado ou algo do tipo. E que estava alucinando de estar vendo um anjo no lugar de Fernanda.

Ela continuava a falar e ele sem entender nada. Ainda não tinha acordado realmente e muito menos sabia onde estava. Até que se virou de lado e viu a cama do hospital com Ricardo deitado. Nessa hora ele deu um pulo e recordou do que havia acontecido para que os três estivessem ali.

— Agora tu acordou realmente. — Fernanda ria levemente do susto de Sérgio. — Bom dia.

— Bom dia e.... — a porta abriu novamente e uma enfermeira cumprimentando.

— O médico disse que a medicação duraria até o meio da manhã. Ele pode acordar a qualquer momento. Se vocês precisarem de ajuda para alguma coisa depois que ele acordar é só tocar a campainha ao lado da cama que alguém aparece para ver o que é. Geralmente eles ficam bem grogues e desorientados quando acordam desses remédios.

— Obrigada. — Agradeceu Fernanda e Sérgio murmurou alguma coisa do tipo quando ela saiu.

Sérgio aproximou-se da cama e cutucou Ricardo e não obteve nenhuma resposta. Nem ao mesmo o resmungo característico e o afastamento da origem dele.

— Ele já tem um sono pesado, com esses remédios vai acordar lá pelo meio da tarde. — Sérgio arrumou uma mecha de cabelo que estava fora do lugar em forma de carinho.

Se Fernanda não estivesse aqui já teria dado algumas mexidas mais bruscas nele para se certificar de que Ricardo realmente acordaria. Além do medo de que isso pudesse acontecer, queria olhar novamente nos olhos do irmão, ouvir a sua voz, sua risada e saber que ele estava bem. Realmente bem, a ponto de Sérgio não ter que sair de casa se preocupando no que vai acontecer quando ele não estiver por lá.

Será que ele conseguirá novamente sentir essa sensação?

Ele acreditava que não.

— Preciso ligar para o psiquiatra que o médico me indicou, saber o que eu faço com a Liana e outras coisas. Mas ao mesmo tempo não quero sair daqui. Como me desdobrar em dois ao mesmo tempo?

— Posso ficar aqui enquanto tu lida com isso, se o Kado acordar eu ligo para casa do orelhão aqui do hospital a cobrar.

— Queria estar aqui quando ele acordasse. Ser a primeira pessoa que ele visse. Para que não ele não pensasse que nem quando ele tentou se matar eu estava aqui.

Fernanda assentiu. Entendeu o lado de Sérgio e o apoiava nessa decisão. Era importante para os dois terem esse contato primário depois do que aconteceu.

— Se quiser eu ligo para o psiquiatra e vejo o que eu posso fazer e lido com a Liana.

Sérgio ainda observava o irmão dormir e só depois de algum tempo é que se virou para Fernanda. Dessa vez ele não imaginou e nem alucinou, Fernanda para ele era a personificação de um anjo.

O seu anjo da guarda que o padre Simas havia recomendado naquela tarde em que Sérgio não sabia onde socar os irmãos. Nada mais santificado que um padre indicando um anjo para ajuda-lo naquela hora e até hoje. Pela eternidade.

Não precisou dar muitas instruções para Fernanda, sabia que ela resolveria da melhor maneira que pudesse. Só o fato de saber que ela estava tomando conta de tudo, Sérgio já ficava menos preocupado com algumas coisas e poderia se focar em outras.

Aproveitou que Fernanda tinha lhe trazido algumas roupas e tomou um banho e quase não acreditou quando encontrou um maço de cigarro enrolado no meio das suas roupas limpas. Aproveitou que Ricardo ainda estava dormindo como uma pedra e foi para a área externa do hospital e finalmente fumou o seu cigarro. Era quase que hipnótico o efeito da nicotina entrando dentro do seu corpo e o acalmando por alguns segundos. A coragem que lhe faltava para enfrentar o que viria em breve.

Sérgio voltou para o quarto depois de ter fumado dois cigarros seguidos. E quando fechou a porta percebeu que Ricardo se mexia levemente na cama. Aproximou-se e tocou-lhe o ombro.

— Mano? — Chamou baixinho. — Acorda, Kado.

Ele abriu os olhos e ainda sobre o efeito dos medicamentos, voltou a fechar.

— Acorda, Ricardo. Por favor, mano!

Sérgio quase subiu em cima da cama para despertar Ricardo. Queria olhar nos olhos acordados do irmão o mais breve possível.

— Acorda, Ricardo! — Sacudiu um pouco ele até que voltasse a abrir os olhos.

— Não.... — Resmungou Ricardo. — Não quero, pai.... Dói...

— Sou eu, Kado, Sérgio. — O irmão ficou com o coração na mão vendo ele chamar o pai. — Está tudo bem, mano. Eu estou aqui do teu lado.

Ricardo começou a chorar. Sérgio o abraçou e deixou que ele ficasse ali. Os dois juntos, cada um com as suas lágrimas.

— Eu te amo tanto, Kado. Fiquei com tanto medo que tivesse acontecido alguma coisa que não tivesse volta. — O abraçou mais forte que podia.

Ricardo chorava de uma forma dolorosamente marcante. Era profundo e cheio de sentimentos que ele e nem ninguém poderia colocar em palavras. Sua mente ainda estava nublada pelos medicamentos e sonhos de infância se misturavam com coisas que aconteceram há poucos dias.

Até que as imagens de ter entrado no quarto dos pais, pegado a faca que o pai guardava junto com as suas coisas, de entrar na banheira com ela e depois um apagão. Somente flashes da água gelada ao seu redor manchada pelo próprio sangue.

Já tinha tido sonhos daqueles, mas sempre acordava em casa na sua cama com a Liana batendo na sua porta e gritando. Agora a situação era outra. A dor que a sua alma estava sentindo há dias havia o sucumbido por completo. Tinha tirado a sua voz de consciência e agido por conta própria.

—Dói tanto...— Chorou abraçado no irmão que ainda não fazia menção de deixá-lo sair dos seus braços.

Ricardo ainda estava sofrendo. Fisicamente pela tentativa de suicídio e psicologicamente por tudo que havia passado. Não era uma dor que afligia as pessoas em um dia de cansaço ou de trabalho exagerado. Era a dor de carregar um fardo sozinho. De não suportar respirar mais sem ter medo de explodir novamente.

Sua alma estava manchada. Manchada com o sangue dos seus pais e agora com o seu. O que ele havia feito não era a solução para o que estava passando, mas um pedido de ajuda urgente que ele gritava internamente aos quatros ventos e ninguém a sua volta percebia. Ninguém sente mais a nossa dor a não ser nós mesmos.

E agora com eles chorando abraçados é que a verdade vinha à tona. Ricardo não precisava carregar todo aquele peso sozinho. Ele tinha um irmão que estava ao seu lado. Um irmão tão perdido como ele, mas estava ali para dividir todo aquele peso que Ricardo carregava sozinho.

— Vai dar tudo certo, ok? — Sérgio o largou e beijou repetidamente o rosto do irmão. — Nós vamos passar por tudo isso juntos. Eu, tu, a Li e a Fernanda, certo? Não vamos te abandonar e tu nunca vai nos deixar.

Ricardo fitou o irmão e pediu para que isso fosse verdade. Que tudo isso um dia passasse e ele pudesse olhar para frente sem a sombra do passado o perseguindo.

Capítulo 42

Liana estava inquieta. Passou a noite inteira se mexendo de um lado para o outro na cama improvisada que ela e Bia compartilhavam. Tanto que a amiga acordou e mandou ela parar de “trotear como um cavalo arisco”.

Só depois desse sutil aviso que ela se rendeu a um sono nada relaxante. Passou a maior parte do tempo sonhando com coisas abstratas e que lhe traziam aflição maior ainda.

Acordou como se não tivesse ido dormir. Enquanto Bia falava como uma tagarela ela não conseguia entender a metade. E depois que chegaram à escola e a Elis se juntou ao bando, aí mesmo que Liana não prestava atenção nas amigas. Ainda mais porque ela esperava, ansiosamente a chegada de Ricardo para questioná-lo se tudo estava bem em casa.

Ela esperou. Esperou o sinal tocar, todos os alunos entrarem e só não ficou do lado de fora do portão porque o porteiro a puxou para dentro. Caminhou olhando para todos os lados a procura de seu irmão e quando parou na sua porta e viu a sua classe vazia foi que o desespero bateu por completo.

Alguma coisa não estava certa e Liana não sabia o que era.

Então, decidida como sempre, Liana nem deu satisfação a professora que perguntava para onde ela iria quando ela pegou a sua mochila e saiu porta a fora. Chegou na diretoria e disse que estava com uma dor horrível e que precisava ir para casa urgentemente. A diretora, sabendo que Liana estava na idade de sentir dores estranhas, pensou que fosse mais uma aluna com cólica e ligou para o mercado, onde sempre encontrava Sérgio.

— Ele não está lá, Liana. Nem apareceu hoje pelo que me disseram.

Realmente a cara que a menina fez convenceu a professora que a dor era verdadeira. Sim, Liana sentiu a pontada no seu peito e quase se curvou. Lágrimas começaram a querer sair dos seus olhos, mas ela se manteve onde estava.

Seu coração batia desesperado no seu peito. Ela precisava saber o que estava acontecendo. Ricardo sem vir à aula e agora o Sérgio sem estar no mercado? A última vez que isso tinha acontecido uma tragédia havia se instalado sobre a sua família. E ela não poderia estar trancada naquela escola sem saber o que estava acontecendo.

Pediu, educadamente, tanto que a diretora até estranhou o tom dela, para que pudesse ir para casa sozinha. Só que o pedido não foi aceito. A diretora não podia liberar um aluno sem a conscientização dos pais ou responsáveis.

— Liga para casa, a Fernanda deve estar lá. — Suplicou. Era essa a sua última opção.

— Já liguei. Está ocupado. — Uma lágrima escapou sem ser autorizada a fazer o percurso. E a diretora estranhou novamente, decidiu por tentar mais uma vez rediscar para a sua casa.

E quando atenderam, a vontade de Liana era de pular nas mãos da professora e pegar aquele telefone de uma vez. A conversa que durou pouco tempo parecia que tinha durado uma década. E Liana nem esperou a diretora perguntar duas vezes se ela estava bem para fazer o caminho de casa sozinha, já que Fernanda não poderia ir buscá-la naquele momento.

Liana saiu do mais rápido que conseguiu daquela escola. Tanto que a sua mochila ficou atirada na sala da diretora e nem foi notada a sua ausência. Ela correu. Tanto o quando seu fôlego conseguia aguentar.

Encontrou Fernanda no portão a esperando. Correu para os seus braços já iniciando um choro junto com uma dor horrível que se instalou no seu peito.

— Está tudo bem, Li. Já passou o pior... — Dizia enquanto beijava os cabelos da menina.

— O que aconteceu? Por que vocês não me chamaram? Foi com o Kado, não foi?

— Vamos entrar. — Fernanda a puxou para dentro de casa e sentaram na escada que dava ao segundo andar.

Como Fernanda conseguiu explicar para Liana que Ricardo havia tentado se suicidar, ninguém sabia. Foi no automático, por assim dizer. Não sabia da onde tinha irado força e nem coragem para essa tarefa tão difícil que ela estava vivendo naquele momento.

Consolar Liana era quase que impossível. Fernanda já conhecia todos os trejeitos dela, desde o feliz, ao debochado, passando pelo triste e na euforia extrema. Porém o desespero era uma faceta nova e tão cruel o que ele fazia com a menina que novamente as lágrimas vieram aos seus olhos.

Sabia que a ligação entre os dois era além do que se esperava. Os dois eram confidentes, Ricardo sabia todos os segredos de Liana. E ela imaginava que soubesse todos que o irmão guardava. A revelação que ele era bem mais profundo a pegou completamente despreparada.

— Eu pensei que ele tivesse se machucado. Até mesmo batido com o carro enquanto dirigia com o mano. Não pensei que.... — As lágrimas corriam livremente sobre o seu rosto.

— Pegou todo mundo de surpresa, Li. Eu, tu e o Sérgio também. Ninguém esperava que ele fosse fazer uma coisa dessas. — Fernanda tentava acalmar ela tocando nos seus cabelos e os arrumando delicadamente. — Ele teve sorte. Nós chegamos a tempo e o Sérgio ficou ao lado dele.

Liana levantou-se rapidamente. Limpou as lágrimas e esperou que Fernanda levantasse vagarosamente.

— Eu quero ver o meu irmão. Agora! — Disse dando voz a Liana que não aceita nenhum tipo de negação aos seus pedidos.

— O Sérgio está lá e eu estou em contato com o médico que foi indicado que e...

— Estou indo para lá de qualquer forma. Vocês já me esconderam o tempo todo e agora eu não vou ficar em casa como uma planta! — Terminou a frase gritando.

Fernanda viu que não tinha nenhuma opção a não ser deixar que ela fosse ao hospital ver o irmão. Sabia que Liana estava certa e por isso furiosa por não ter sido avisada sobre o estado de Ricardo. Ela só não entendia que Sérgio e Fernanda, naquele momento desesperados, sem ter notícias nenhuma, não tinha condições de avisarem Liana e muito menos de ficar com ela no hospital junto com os dois.

Se o caso não fosse tão grave e tão repentino, a história seria outra. Com toda a certeza que eles avisariam Liana.

— Só me dá cinco minutos para eu ligar para o Sérgio e avisar que tu está chegando, ok?

Liana chegou a abrir a boca para discutir com Fernanda, mas desistiu no último segundo. Fernanda não estava negando nada para ela, bem pelo contrário, tinha contado o que havia acontecido sem poupar ou diminuir a proporção que tinha se tornado tudo. Uma coisa que Sérgio faria sem pensar duas vezes. Diria as coisas pela metade e tentaria abafar a preocupação de Liana.

Ela acabou concordado e esperando enquanto ela fazia a ligação.

Liana tinha entrado para o time dos que não conseguiam entender o que havia acontecido com Ricardo. Até mesmo ela, a que mais conhecia o irmão. Sabia das brigas na escola, até mesmo da última surra que ele havia levado nos últimos dias e achava que tinha quebrado uma costela. Sem contar as noites que pulou para a cama de Ricardo por escutar ele gemendo e chorando nos seus sonhos com o assalto que resultou na morte dos pais e outras coisas que somente ela sabia.

Ricardo era o único que sabia o que se passava na cabeça de Liana. Foi ele que sempre esteve ao seu lado quando ela chorava as noites inteiras depois da morte dos pais. Sérgio estava muito preocupado em conseguir a guarda dos irmãos, deixar a vida que tinha e voltar para casa para começar a trabalhar no mercado. Ricardo era quem ficava cuidando dela enquanto ele resolvia esses problemas burocráticos que a irmã nunca entendeu. Ele que ficava com Liana e a levou para sala de aula de mãos dadas no retorno as aulas.

E era a vez de Liana ficar ao lado do irmão.

— O Sérgio vai dar um jeito para que tu suba lá onde eles estão. — Fernanda disse a acordado dos seus pensamentos.

— Ok. Eu dou um jeito de entrar de qualquer maneira.

Liana limitou-se apenas a lavar o rosto e tomar um copo de leite que Fernanda empurrou para ela de qualquer forma. As duas se despediram e Liana seguiu para o mercado sem olhar nem para os lados. Seu único objetivo era ver o seu irmão.

Quase nem parou na portaria para se identificar, e quando estava prestes a dar um escândalo, uma das enfermeiras a reconheceu e a levou para o quarto em que seu irmão estava.

Liana parou na porta. Naquele momento em que viu o interior do quarto sua força se esvaiu por completa. Até porque, por mais que o próprio Ricardo dissesse que ela tinha uma pedra de gelo no lugar do coração, naquele momento o iceberg no seu peito tinha derretido um pouco.

O quarto estava escuro. Ela não conseguia identificar nada além da cama com um pano branco por cima. Um arrepio tocou o seu corpo e quando ela estava dando meia volta, esbarrou em Sérgio. Que ela só reconheceu pelo cheiro característico de cigarro e o leve aroma de pão quente que ele já tinha incorporado.

— Li, minha princesinha. — Sérgio a apertou a ponto de Liana não conseguir respirar por um momento. — O mano te ama tanto....

Ele começou a beijar o rosto da irmã fazendo com que a sua barba, que já estava bem maior do que Liana estava acostumada, a machucasse no rosto. E por mais que Liana nunca deixasse Sérgio fazer isso, ela não o afastou e nem reclamou. Simplesmente ficou lá pelo tempo

todo que Sérgio ficou a abraçando e beijando a sua irmã afetuosamente.

Sérgio a puxou para dentro do quarto e Liana não teve coragem própria para se aproximar de Ricardo. A lembrança de ver os pais deitados no caixão, com o mesmo pano branco que cobria Ricardo lhe invadiu a mente naquelas lembranças perdidas que chegam sem avisar.

— Ele voltou a dormir. Por isso que eu sai para fumar. — Sérgio se aproximou da cama e afagou os cabelos de Ricardo.

Somente com esse incentivo do irmão e a confirmação que ele estava apenas dormindo, foi que Liana criou coragem para se aproximar da cama. Passo a passo ela caminhou em direção a Ricardo. Tocou-lhe a atadura que encobria o ferimento e sentiu a pele quente por baixo.

— Ele chorou muito. Se agitou e tiveram que trocar o curativo para ver se não tinha aberto novamente os pontos. Vai ficar uma cicatriz horrível. Mas....

Ele não continuou a frase. Não precisava. Uma cicatriz não era nada perto da vida de Ricardo.

— Vai ficar tudo bem, não é, mano?

Liana falou com uma voz tão baixa que Sérgio nem reconheceu como sendo dela. Às vezes ele esquecia completamente que Liana, apesar de toda as briga, irritações, mais brigas e teimosias, ela tinha apenas 13 anos. Uma criança, que assim como Ricardo, já tinha passado por muitas coisas.

Ele deixou o lado de Ricardo e foi até Liana. Novamente abraçou a irmã e sentiu ela passando os braços pela sua cintura. Como se também pedisse um pouco de apoio para o momento em que estavam passando. Beijou a sua cabeça e sussurrou.

— Sim. Nós vamos passar por isso e vai ficar tudo bem. Juntos nós vamos conseguir.

Capítulo 43

O guarda balançou a cabeça e murmurou um não inaudível para Fernanda. Ela agradeceu e saiu da fila que se formava atrás dela. Sentou-se em um dos bancos na rua e ficou esperando. Começou a sentir as pernas doendo e nem queria imaginar o inchaço que os seus pés estariam àquela altura do dia.

Os sinais de cansaço estavam começando a ficar evidentes. E Inácio estava agitado dentro dela, se contorcendo e a chutando, como se pedisse para a mãe parar e descansasse um pouco. Fernanda colocou as mãos por cima da barriga e acariciou o filho, como se desculpando-se pela falta de atenção que estava tendo com ele nesse dia.

Fernanda não parou quieta um minuto que fosse. Tudo começou a ligação com o médico que foi recomendado ao Ricardo. Um sacrifício conseguir ligar e outro para convencer o médico a vir para a cidade em que moravam para começarem o tratamento urgentemente. Ela teve que rebolar para conseguir um horário amanhã e agradeceu com todo o seu coração quando recebeu a ligação com a confirmação.

Claro que isso não sairia nenhum pouco barato, mas Sérgio havia lhe dado a carta branca para que ela fizesse o que precisasse para conseguir agendar essa consulta a todo custo. E aliado com a preocupação dela com Ricardo, Fernanda iria até a capital para buscar o tal médico a pé se fosse o caso.

E o mercado que ficou completamente abandonado, trabalhando só com os funcionários nos seus setores, sem Sérgio para comandar todo o resto. Quando os problemas começaram a se acumular exponencialmente, Nara, a única que sabia o que havia acontecido, ligou para Fernanda que ainda estava envolvida com Liana.

De tanto escutar Nara narrando o que estava acontecendo, Fernanda tomou a frente e foi até o mercado para saber no que poderia ajudar. Era completamente leiga no que Sérgio fazia, mas pelo menos poderia ser o elo entre ele e o que acontecia dentro do mercado. E então reuniu num bloco todas as questões que estava acontecendo e foi até o hospital com a esperança de poder entrar e poder, nem que fosse, falar rapidamente com Sérgio.

E depois de esperar por um bom tempo, Sérgio apareceu na sua frente. Com um rosto cansado, sentou ao seu lado.

— Como está o Kado? — Fernanda questionou vendo Sérgio puxar a carteira de cigarro e tirar um de lá.

Calmamente Sérgio acendeu e tragou.

— Acordado, mas quieto demais. Nem reagiu quase quando a Liana disse que ela era a única pessoa que poderia matar ele. — Ele riu de leve.

Estava preocupado com Ricardo. Agora que o irmão não precisava mais fingir que estava deprimido, sua energia vital tinha decaído drasticamente a ponto de nem se importar com as ameaças de Liana ou se estão falando com ele. Nem a luz do quarto ele queria que acendessem, preferindo ficar no escuro e em silêncio. Tanto Sérgio como Liana conversavam, brincavam entre si, mas nada despertava Ricardo daquela letargia e melancolia.

— O médico vai vir amanhã à tarde. Perto das três horas.

— Obrigado. — Sérgio apagou o cigarro. — Não vejo a hora de saber o que fazer. Ver o Kado assim, tão apático não condiz com o meu irmão.

— Amanhã o médico vai poder dar uma luz para o que deve ser feito. — Positivamente Fernanda pegou na mão de Sérgio.

Ambos se encararam e acreditaram nas palavras que ela proferiu.

Dentro do hospital, na penumbra do quarto, Liana olhava televisão em silêncio e Ricardo encarava a parede do outro lado.

Ele estava confuso. Com a situação em si, com o aperto no seu peito e com uma pontada de arrependimento. Não arrependimento pelo que havia feito, e sim pelo fato de não ter tudo se encerrado ali mesmo.

Apesar do choque inicial de ter se dado por conta do que tinha feito, Ricardo estava vazio. Vazio e inexplicavelmente indiferente ao que acontecia ou sentia. Era uma casca de pessoa. Sem sentimentos, alma ou sensações de temperatura ou dor. Uma casca. Um corpo básico que faz as funções vitais de respirar e circular sangue, mas tão inútil como uma planta morta.

Era assim que ele estava. Alheio a tudo. Só queria fechar os olhos e desaparecer por entre as cobertas que roçava no seu corpo. Sem mais o Sérgio falando repetidamente que tudo iria ficar bem, que logo Ricardo voltaria para a escola, para suas atividades e que a vida deles ia mudar. Ou de Liana o ameaçando toda a vez que lhe dirigisse a palavra.

Se tudo tivesse “dado certo”, ele não precisaria estar no hospital nesse momento. Tudo estaria acabado. Encerrado.

Enterrado.

Ricardo não precisaria estar passando por tudo isso agora. Estaria em paz com ele mesmo, com os seus pais e com a sua vida. Nada mais de sofrimento, nada mais de dor, nada mais de fingir que tudo estava bem enquanto o seu mundo desmoronava ao redor.

Sabia que isso seria um transtorno para Sérgio e Liana. Mas também conhecia o irmão para saber que sofreria por um tempo e depois sua vida voltaria ao normal. Liana que ficaria mais tempo sofrendo pela falta do irmão. Porém ela tinha mais vida, era alegre e também superaria a partida de Ricardo com seus amigos, as milhares de coisas que ela sonhava e tudo mais que a vida lhe reservava.

A vida seguiria firmemente sem a presença de Ricardo para todos. Seria um “fardo a menos” naquela casa. Sérgio poderia aproveitar mais a sua vida sem se matar no mercado, Liana não precisaria ficar na volta de Ricardo e querendo tomar as suas brigas. Ambos teriam apenas a sua vida para cuidarem e se preocuparem.

Ninguém sentiria falta de Ricardo em poucos anos. Ele seria apenas uma nota de rodapé que, assim como os seus pais, viveram pouco e com o passar dos anos e as conquistas de Sérgio e Liana se sobrepondo, as memórias do irmão do meio iam se deteriorando cada vez mais.

Até simplesmente não existirem.

Na cabeça de Ricardo era isso que ele queria naquele momento. Ser esquecido, deixado de

lado enquanto a vida dos outros passasse. A dele não tinha nada de importante para que ele ficasse aqui sofrendo. Qual era o sentido da vida se ao invés de viver ele só sofria. E que o machucava mais era saber que era o único naquela casa que passava por isso....

Acabar com tudo era a saída mais fácil. O plano perfeito, por assim dizer. E que foi quase atingido com sucesso.

Ele fechou os olhos, ignorou a voz vindo da tv que Liana olhava e ria, e tentou dormir. Um prelúdio de paz que ele conseguia ter, pelo menos quando não sonhava e acabava sofrendo mais ainda.

Sorrateiramente Fernanda abriu a porta e entrou no quarto escuro. Liana estava sentada na poltrona e sorriu para ela.

— Cadê o mano?

— Foi ver umas coisas no mercado e já vem. E ele disse para ti ir para casa agora, ok?

Liana não rebateu. Apenas acenou a cabeça e levantou-se. Aproximou-se de Ricardo e fez um carinho nos cabelos do irmão. Fazendo com que ele acordasse novamente.

— Estou indo para casa. Já sabe, né? — A irmã olhou seriamente para Ricardo. — Nada de tentar fazer nada. Só eu posso te machucar, porque tu é meu irmão e eu tenho plena autorização para isso.

Ele não respondeu verbalmente, apenas a casca que estava no seu lugar manteve o olhar em direção a ela.

Liana saiu logo depois e Fernanda tomou o seu lugar. Ricardo mantinha o olhar fixo na parede. Isso cortou o seu coração em milhares de pedaços.

— O Sérgio já vai voltar e passar a noite aqui contigo. E amanhã um médico vem te ver.

Ele não respondeu e nem desviou o olhar. E isso frustrou Fernanda. Queria que ele reagisse, mostrasse que estava arrependido do que havia feito e que nunca mais repetiria tal ato de desespero. Contudo ela captou que aquele não era o Ricardo que ela conhecia. Era apenas o seu corpo, desligado da sua alma.

Ela queria falar alguma coisa impactante. Que fizesse a alma de Ricardo voltar para o seu corpo e essas ideias saíssem da sua cabeça por completo. Queria o seu companheiro, aquele que recebeu Fernanda na sua casa com um pouco de desconfiança, mas que depois se tornou o seu melhor amigo. Quem Fernanda lembraria por toda a vida, a cada vez que chamasse o nome de Inácio, já que foi Ricardo que deu a ideia desse nome para o seu bebê.

E nada lhe recorria a cabeça para que essa epifania acontecesse com Ricardo. Isso era frustrante para ela. E ficou pensando em como a sua mãe conseguia fazer isso tão rapidamente e com poucas palavras! Isso não era um dom que as mães recebiam quando ficavam grávidas? Não faltava muito para Inácio nascer e ela não tinha a mínima ideia de como fazer isso!

Por fim, cansada demais para esses pensamentos, resolveu deixar o seu coração falar mais alto do que tudo. Tocou os cabelos de Ricardo e enquanto ele continuava a olhar para um ponto fixo na parede começou a falar baixinho.

— Eu sei que o Sérgio já repetiu mil vezes que tudo vai ficar bem. Ele acredita nisso e no

fundo eu sei que um dia vai ficar sim. E que também a Liana te ameaçou dizendo que só ela pode te machucar, Kado. Posso estar a pouco tempo ao lado de vocês, mas os conheço e sei como cada um reagiu a essa situação toda. Só que acredito que ambos estão com medo de admitirem que quase te perderam. Vai demorar um pouco para eles perceberem isso e que o medo maior deles é te perder para sempre. O Sérgio é todo estressado, mas eu nunca vi alguém em pânico como ele quando chegamos ao hospital. O medo de te perder é maior do que qualquer coisa para o teu irmão, Ricardo. E eu presenciei isso ontem. E a Li... ela é a Liana. — sorriu com a explicação mais simples e também a mais verdadeira para a menina. — Ela se finge de durona e ninguém pode com ela, mas na verdade ela está tão assustada quando o Sérgio com isso.

Fernanda sentiu os olhos de Ricardo se movendo em sua direção, a encarando pela primeira vez.

— Vocês já perderam tanto — uma lágrima escorreu pela face de Ricardo e Fernanda interceptou no meio do caminho. — Eles não querem perder mais um irmão. Isso destruiria tanto eles... e eu. O medo de te perder é maior do que qualquer coisa, Ricardo. Ninguém consegue ver o futuro dessa família sem que tu esteja no meio deles. E nem eu vejo no futuro, quando o Inácio crescer, mostrando para o meu filho quem escolheu o nome dele não está mais aqui.

Dessa vez a lágrima que caiu foi de Fernanda.

— Vou me tornar repetitiva ao citar o Sérgio, mas um dia tudo isso vai passar. Pode não ser amanhã, nem mês que vem. Mas vai ter um dia, independente de se vamos manter contato ou não, em que vamos estar todos juntos e vendo que esses dias passaram e a dor é uma simples lembrança ruim.

Ricardo movimentou-se com dificuldade, agarrou a mão de Fernanda e a beijou com as lágrimas ainda escorrendo. Finalmente ele estava sentindo alguma coisa novamente.

Capítulo 44

— Sua esposa é bem insistente, senhor Chiarelli. — Miguel, o médico que veio para analisar Ricardo apertou a mão de Sérgio quando eles se conheceram.

— Desculpe...?

— Sua esposa — repetiu o médico sorrindo — colocou até medo na coitada da minha secretária.

Sérgio estava cansando demais para processar a informação pela primeira vez. Havia passado a noite em claro observando Ricardo. Nem mesmo quando a enfermeira veio administrar um remédio para ele dormir Sérgio conseguiu descansar. Ele estava assustado quanto ao olhar fixo de Ricardo e sua preferência pela escuridão do quarto. Seu medo era que enquanto ele dormisse alguma coisa de ruim acontecesse.

— A Fernanda. Ela não é minha esposa. É uma funcionária minha.

— Ahhhh, então se serve de ajuda, ela é uma ótima funcionária.

O médico era estranho ao olhar de Sérgio. Não que ele fosse o sinônimo de padrão, mas o médico não tinha nenhum estereótipo dos médicos do interior. Os quais eram considerados quase santos, imponentes, respeitados e pessoas acima de todos. Miguel estava com as roupas tão amassadas como Sérgio e aparentemente sem ver um barbeador há mais tempo que ele.

— É. Ela é ótima mesmo.

Sérgio estava com Fernanda tomando conta de tudo a sua volta. Inclusive no mercado. Ontem à noite, depois que ele voltou do mercado e a encontrou no quarto de Ricardo, com ele tomando banho, pediu para ela que ficasse hoje no mercado acompanhando algumas entregas que seriam feitas por fornecedores. Era só estar presente e assinar a nota depois de estar com tudo conferido.

Ele confiava que ela faria um trabalho melhor que o seu próprio e mais completo se ele tivesse que sair no meio da tarde para contar caixas e mais caixas, comparar as notas fiscais e outras burocracias necessárias. Isso faria com que ele estivesse presente na hora em que o médico que veio de Porto Alegre viesse para analisar Ricardo.

— Minha secretária me passou por cima a história do Ricardo. Quinze anos, tentativa de suicídio... Mas gostaria de saber um pouco mais. Principalmente de quem lida com ele diariamente para que quando eu o conhecer saber onde pisar.

Os dois estavam sentados na lanchonete do hospital. O médico que havia indicado Miguel estava conversando com Sérgio quando ele chegou e se propôs de encontrar algum consultório ou sala mais reservada para os dois conversarem mais à vontade, mas Miguel recusou a oferta e preferiria ficar na lanchonete tomando uma Coca-Cola gelada.

— Somos três lá em casa. — Sérgio começou a falar. — Eu, ele e a Liana, nossa irmã mais nova. Nossos pais morreram há cinco anos e eu assumi toda a responsabilidade da casa, trabalho e afins....

Sérgio viu o Miguel abrir a sua mochila, não muito diferente da que Ricardo usava para ir à

escola e de lá tirar uma pasta e folhas. Começou a escrever enquanto ele narrava todos os acontecimentos que achava significativa na vida de Ricardo até o dia de hoje.

Miguel escrevia alucinadamente de forma quase que incompreensível. Só parava para tomar um pouco do refrigerante e não tirava os olhos do papel. Teve horas em que Sérgio jurou que estava falando para as paredes da lanchonete vazia.

— E eu acho que era isso. — Acabou o relato e esperou alguma reação de Miguel que ainda olhava para os seus rabiscos.

Depois de algum tempo, o médico levantou os olhos, limpou a garganta e começou a falar.

— Ricardo, quinze anos. Filho do meio entre três irmãos. O mais quieto, tranquilo deles e inteligência acima da média. Trauma psicológico aos onze anos ao ver os pais morrerem brutalmente na sua frente. Irmão mais velho assume todas as responsabilidades sobre os dois há quase cinco anos. Entrada na adolescência sem a figura paterna ou materna para lidar com os problemas ligados à falta de sociabilidade com outros da sua idade. Atividades físicas e educativas presentes no cotidiano e hobbies. Maníaco por organização das coisas que o cerca, quase se transformando em um TOC. Os problemas de socialização, misturados com os traumas e também ao fato de não ter um contato familiar afetivo levaram a tentativa de suicídio. Paciente potencialmente propenso a repetir o ato caso não for tratado.

Miguel olhou para a garrafa de Coca-Cola e ao ver que estava vazia pediu outra. Já Sérgio estava boquiaberto com o resumo que o médico fez a sua frente. E extremamente chocado com o que havia escutado. Principalmente o final.

— Esse foi um resumo pelo o que tu me contou.

— Mas ele tem contato familiar. Eu....

A nova garrafa de refrigerante chegou e Miguel serviu-se.

— Contato familiar no sentido patriarcal e matriarcal. Fraternal não se enquadra, nesse caso. Ajuda, mas às vezes não é o suficiente.

— E como reverter isso, já que os nossos pais estão mortos! — Sérgio quase se exaltou com isso.

— Se fosse uma coisa fácil eu não passaria anos e mais anos em cima de livros. — Debochou e logo recuperou o tom de voz profissional. — Sérgio, eu quero deixar uma coisa bem clara entre nós. O meu ramo de trabalho não é exato. Nenhuma pessoa é igual a outra. O modo como tu lidou, ou a tua irmã lidaram com o falecimento dos pais de vocês não é o mesmo que eu lidarei ou como o Ricardo lidou. A mente humana é a máquina mais perfeita e complexa do mundo. Ela age de formas diferentes em cada caso. Cabe a mim, ou a qualquer médico nessa área, tentar decifrar o modo em que a do Ricardo opera e encontrar a solução em conjunto com ele. E eu te garanto, isso não é nenhum pouco fácil ou rápido. Pense em um quebra-cabeça com milhares de peças espalhadas, viradas e desviradas, é mais ou menos isso que eu e o Ricardo vamos tentar arrumar.

Com certeza essa não era a resposta que Sérgio esperava escutar de um médico.

— Pensa assim — continuou Miguel — existem milhares de antibióticos no mercado e bilhões de bactérias espalhadas. Não é um trabalho fácil descobrir qual remédio que vai combater

essa bactéria. A gente vai testando até acertar.

— E se caso errarem meu irmão tenta se matar novamente?

— A reincidência de suicídio tem a taxa de quarenta por cento. Mas nós vamos trabalhar em cima dos sessenta.

Sérgio passou as mãos nos cabelos não acreditando que estava escutando isso de um médico viciado em Coca-Cola. Quarenta por cento já era um número alto. Altíssimo! Não conseguiria passar por tudo isso novamente. Sem contar que alguma coisa poderia acontecer quando não estivesse ninguém com Ricardo e chegasse tarde demais, assim como ele quase chegou dessa vez.

— Mas isso tudo é só pelo o que tu me disse. — Apressou-se Miguel. — Pode ser que conversando com Ricardo eu consiga mudar opinião.

E isso não acalmou nada Sérgio.

Aquele médico era pirado, no mínimo! Como alguém poderia indicar e se tratar com ele?

— Acho que eu estou pronto para ver o Ricardo.

Sérgio suspirou. Estava começando uma leve dor de cabeça. Ele queria acordar neste instante e sair desse pesadelo completo. Acordar em casa, com o relógio despertando às quatro e meia da manhã, abrir o mercado às cinco e ajudar a fazer a primeira leva de pães. Voltar para casa meio dia, aguentar os irmãos brigando, cair na cama antes das dez da noite e rezar para que nesse meio tempo Ricardo e Liana não colocassem fogo na casa.

Porém, a sua única opção agora momento era deixar o médico maluco conhecer Ricardo. Já que ele tinha feito toda a viagem até aqui era o mínimo que Sérgio poderia fazer para se livrar de Miguel e procurar um médico mais confiável.

Caminharam por entre os corredores do hospital e quando Sérgio abriu a porta e fez menção de entrar, Miguel o repreendeu.

— Gostaria de conversar a sós no primeiro momento. Sem a interferência externa de um familiar.

E aquilo estava se tornando insuportável. Sérgio não estava nenhum pouco confortável com aquela situação. Porém se afastou antes que dissesse algumas coisas para o médico.

Viu a porta fechar e resolveu fumar mais um cigarro. Ele já havia perdido a conta de quantos tinha matado nos últimos dias. Sentou-se em um dos bancos em que já estava familiarizado demais. Fechou os olhos por alguns minutos e reabriu quando sentiu uma pessoa se atirando ao seu lado.

— Ai, Liana! Tu não é mais pequena para se atirar assim em cima de mim. — A menina sentou-se ao lado do irmão, mas não sem o largar.

Sérgio a abraçou e beijou seus cabelos molhados.

— Por que não está na aula? E como foi a noite?

— Eu e a Fernanda dormimos demais e quando acordamos já era tarde demais para ir à aula. — Ela deu os ombros inocentemente. — Tomei banho e vim para cá e a Fernanda seguiu

para o mercado.

A noite havia sido estranha na casa deles. Liana, sempre independente, não queria ficar sozinha por um minuto que fosse. Agarrou-se em Fernanda de uma maneira diferente do que era esperado. Era como se Liana tivesse medo de que alguma coisa acontecesse e ela fosse acometida pelo mesmo mal que caíra sobre Ricardo.

E por esse motivo, não deixou Fernanda dormir na casa ao lado enquanto ela ficava sozinha no seu quarto. Fez ela subir as escadas, devagar e deitar na sua cama ao seu lado. As duas conversaram, riram, sentiram Inácio se mexendo dentro de Fernanda e abriram os seus corações.

Liana contou que estava com medo. Medo de ficar sozinha, de perder Ricardo para sempre e de que Sérgio se afastasse dela por completo. Um medo tão real que Fernanda sentiu na própria pele o que ele poderia fazer. Teve que respirar fundo várias vezes para encontrar as palavras certas para que Liana parasse de pensar aquelas coisas.

Nada de ruim iria acontecer a Liana. Ela não iria perder Ricardo para sempre, somente agora que ele estava afastado, mas em breve ele voltaria recuperado e sendo o mesmo irmão protetor e amigo que ela sempre teve. E Sérgio, apesar da preocupação constante com os problemas, nunca esteve afastado dela e nem ficaria. Ele era o seu irmão mais velho e a amava acima de tudo. Faria qualquer coisa por Liana e Ricardo. Ele era apenas uma pessoa que tentava abraçar o mundo com os braços e as pernas e às vezes não conseguia lidar com todas as coisas ao mesmo tempo.

Sem contar que relação dos dois sempre teve vários conflitos, a grande maioria por parte de Liana com Sérgio. Fernanda precisou tocar nesse assunto. Era doloroso para ela falar, mas necessário. A hora perfeita para que Liana percebesse que poderia melhorar em alguns aspectos. E finalmente entender que Sérgio não fazia nada para o seu mal. Tudo que ele fazia, todo o esforço, estresse e chateação, como ela dizia, era unicamente para o seu bem.

Fernanda não sabia se cabia a ela ter essa conversa com Liana, mas assumiu a responsabilidade para si própria. O momento surgiu e ela agarrou a oportunidade. Mal não haveria de fazer.

Bem pelo contrário.

Liana estava com o coração pesado. Triste por ver o irmão naquela situação e com um pouco de culpa pesando nos seus ombros. Principalmente quando viu Sérgio sentado naquele banco, com os olhos fechados e um rosto cansado. Naquele momento ela percebeu que o irmão estava com um peso maior do que poderia carregar sozinho. E que poderia ajudá-lo o compreendendo mais quando ele pedisse alguma coisa para Liana.

Capítulo 45

— E tu quer levar o meu irmão para um manicômio?

Miguel detestava essa palavra. Parecia que os anos de reforma psiquiátrica não tinham servido para absolutamente nada. Claro que ainda muitos lugares ainda com esse nome horrendo, mas o que ele trabalhava não tinha nenhum por centro de comparação com os antigos manicômios.

— Esta palavra está sendo banida da psiquiatria. — Explicou ele para Sérgio ainda incrédulo com o que Miguel poderia oferecer. — É mais uma casa de repouso com pessoal treinado para ajudar em todos os casos de pacientes como o Ricardo.

— Meu irmão não é um maluco!

Miguel teve que se conter para não respirar fundo. Mas no fundo ele sabia de toda essa desconfiança com a sua profissão. Sempre tinha sido associada a pessoas loucas, ainda mais em cidades pequenas como a de Sérgio. Nelas os preconceitos apareciam bem mais enraizados.

— Não, ele não é um maluco. Só está passando por um problema difícil de ser trabalhado, angustiante e dolorido, tanto que para ele é preferível a morte do que continuar vivo e aguentando tudo isso. — Nesse momento que ele finalmente conseguiu a atenção de Sérgio.

Miguel havia passado um bom tempo com Ricardo dentro do quarto. Foi difícil fazer o rapaz começar a falar, e quando conseguiu, todas as suas suspeitas estavam certas. Ricardo já havia passado o ponto de que apenas medicamentos contornariam a sua situação. Ele precisava de um tratamento mais intensivo, longe da sua fonte de estresse primário, sua casa. E para que isso acontecesse, Miguel precisaria convencer Sérgio de que isso era necessário e para o bem de Ricardo.

— Não vamos eletrocutar o Ricardo, e muito menos deixar ele amarrado em uma maca. Isso é coisa antiga, e só contemos os pacientes agressivos, e eu acho que esse não é o caso dele. Gosto de chamar de casa de repouso. Uma casa onde ele vai conhecer outros jovens da idade dele que passaram pelo mesmo problema e até piores. Ver a sua doença por outro lado e enxergar que há outra saída além do suicídio. Tem equipe de médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras e outros profissionais. Eu trouxe um panfleto explicando melhor.

Miguel puxou da sua mochila um e entregou a Sérgio que estava cada vez mais desconfiado de tudo isso. Pegou o panfleto com uma paisagem verde e um céu azul gigante. Virou e começou a ler sobre a casa de repouso, no papel era muito bonito, mas era mesmo o melhor lugar para que Ricardo ficasse um mês, quase sem contato com ele e Liana? Não seria o contrário, eles não teriam que se unirem nesse momento difícil e ele que os afastar?

Ele gostaria de uma resposta divina nesse momento. Qualquer luz, sinal, uma corrente de ar ou até mesmo uma voz interior para lhe dizer o que fazer, já que estava começando a ficar cego e tateando em busca de uma saída.

— Boa tarde.... — Ambos se viraram e Fernanda lhe sorriu. — Dr. Miguel, é um prazer em conhecer o senhor.

— Doutor é que tem doutorado e senhor está no céu. — Ele sorriu em direção dela. — Tu

deve ser a funcionária do Sérgio que quase enlouqueceu a minha secretária.

— Sim, sou eu. E peço desculpas pelo meu jeito enfático, mas é que nós estávamos um pouco apreensivos com o Ricardo. E como ele está?

— Bem. — Apressou Sérgio para responder antes que Miguel fizesse por si próprio.

Além de querer levar o Ricardo para longe ele ainda tinha a audácia de ficar com sorrisos para Fernanda?

— Trouxe algumas roupas limpas e um pedaço de bolo que eu fiz hoje há pouco. A Li que pediu que eu trouxesse, ela foi para a casa da Bia. Disse que não suportava ficar ali por muito tempo.

— É a irmã mais nova? — Miguel questionou e Fernanda acenou a cabeça confirmando. — É uma reação normal para os mais próximos e mais novos. Eles associam certas coisas com os acontecimentos e evitam.

Sérgio espantou-se, já que levou um bom tempo para que Ricardo voltasse a frequentar o mercado depois do assalto. E meio que ele forçou o irmão a fazer isso. Sentiu-se um pouco culpado nesse momento.

E também um pouco isolado no assunto, já que Miguel e Fernanda começaram a conversar e excluíram ele. Saiu de fininho sem nem ser notado e entrou no quarto de Ricardo. A luz estava acesa e Ricardo sentado na cama sem o olhar pedido que tinha adquirido desde que acordara.

— Pensei que fosse o Miguel novamente. — Disse Ricardo.

— Não, só o teu velho e único irmão de guerra. — Sérgio aproximou-se da cama e sentou-se de lado. — Como foi a conversa com ele?

Ricardo evitou o olhar. Miguel havia o pegado de surpresa. Ricardo lembrava de Sérgio falando que um médico viria o visitar naquele dia. E quando Miguel entrou, nunca que Ricardo poderia imaginar que ele seria o médico. Só se deu por conta quando estava conversando com ele sobre coisas que nem imaginava contar para qualquer outra pessoa da sua família ou que o conhecia. E aí já era tarde demais.

— Foi legal até. — Por fim assumiu, para o espanto de Sérgio.

— E sobre o que falaram?

Ricardo deu os ombros e mostrou o pulso enfaixado, como se ficasse bem claro sobre o que os dois tinham falado.

— Sobre o que aconteceu, que isso é uma coisa que acontece — Sérgio quase bufou de ironia, como se o que tivesse acontecido fosse uma coisa tão banal como tomar banho — e que ele pode me ajudar, se eu quiser, a não pensar mais nisso e essas coisas.

Tão vago quanto ele poderia imaginar.

Mas em compensação, o pouco tempo em que os dois ficaram juntos, alguma coisa no olhar de Ricardo havia voltado. Não o brilho completo que Sérgio era acostumado a ver quando o irmão era menor, mas uma pequena fagulha de esperança que se acendia.

E por onde estava aquele sinal divino para Sérgio decidir pelo certo para Ricardo?

Novamente a porta se abre com uma batida leve e Fernanda surge na porta.

— Posso entrar?

— Claro — respondeu Ricardo, com um pequeno sorriso no rosto.

— Tua irmã pediu que eu trouxesse um bolo para ti, consegui passar escondida no meio da bolsa de roupa. Deve estar um pouco amassado, mas espero que o gosto tenha sido o mesmo que fez o Inácio ligar na tomada e não parar mais de se mexer.

Fernanda coloca a mão por cima da barriga e Sérgio leva um pequeno susto, já que a convivência diária com Fernanda mesclava o tamanho em que ela se encontrava. E ela já poderia estar quase classificada como gigante.

Ricardo comeu o bolo sem que Fernanda pudesse oferecer duas vezes, e depois disso resolveu aproveitar as roupas limpas e tomar um banho. Sérgio até se ofereceu para ajudá-lo, mas Ricardo negou veemente a ajuda do irmão. Seria muito constrangedor.

Fernanda estava sentada no sofá criando coragem de voltar para casa. Se Liana não gostava de ficar lá, Fernanda sozinha muito menos. E já que estava ficando com ela enquanto Sérgio dormia no hospital, poderia fazer um pouco de hora sentada no hospital enquanto Liana ficava um pouco com Bia e espirecesse um pouco com a amiga.

— Ele parece mais animado hoje. — comentou com Sérgio que ainda pensava na melhor decisão que poderia tomar. Talvez essa fosse a mais importante de todas que ele já tomou e futuramente tomaria na vida. — Será que tudo isso foi apenas com a conversa com o Miguel?

Sérgio deu os ombros e lembrou-se do médico. O que havia acontecido com ele? Questionou para Fernanda.

— Disse que já tinha falado o que tinha que falar e que se precisassem dele sabiam onde o encontrarem.

Sérgio assentiu. Sem o médico dando sorrisinhos para Fernanda e falando aquelas coisas, Sérgio pensava melhor. Ou pelo menos ele achava que pensava.

Na verdade, ele estava tão perdido quando poderia imaginar. A vista de Miguel só o deixou com mais perguntas do que realmente respostas. E a principal delas ainda estava pairando por cima da sua cabeça: quando Ricardo melhoraria? Quando isso ficaria para trás? Quando poderia dormir novamente sem pensar que amanhã o irmão poderia tentar novamente a vida? Quando....?

Ele gemeu, alto, tanto que Fernanda ficou em estado de alerta. E quando ela questionou, ele explodiu. Disse que estava a ponto de desespero por não saber fazer com Ricardo e com medo de tomar a decisão errada e estragar tudo de vez.

— Quero os meus pais, Fernanda. Eu não sou pai, sou só apenas o irmão, não sei o que fazer. Se eu aceito a opção do Miguel de deixar o Kado ir por um tempo para essa casa de repouso, ou se levo ele para casa. E se eu tomar a decisão errada? Qual das duas é a certa? Meu Deus, eu estou surtando e não sei para onde me viro!

Fernanda se assustou, não imaginava que Sérgio estava com tudo aquilo na cabeça. E ficou mais ainda nervosa por não saber como o ajudá-lo. Tentou se colocar no seu lugar, mas ainda não conseguia. Pois já conseguia sentir um princípio de dor indestrutível que tomava conta do

seu corpo só em pensar em alguma coisa de ruim que acontecesse com Inácio. Se para ela era insuportável, quem dirá para Sérgio que estava sentindo tudo aquilo e muito mais.

— Tu é pai, sim, Sérgio. Para a Liana e para o Kado tu é o pai e a mãe deles. E faz o teu trabalho com muito afinco.

— Tanto que estamos aqui. — Desprezou o que Fernanda disse.

— Nenhum pai é perfeito. E nenhum filho também. Minha mãe sempre me disse isso. O Ricardo está doente e tu está fazendo o possível para ajudá-lo. Não te martiriza por isso, eu não aguento ver vocês sofrerem. Quero ver a família bem novamente. — Abriu o seu coração.

— E o que eu faço?

Ela hesitou. Não esperava que ele lhe perguntasse isso tão diretamente. E chegou ao mesmo dilema que Sérgio, não sabia o que fazer a respeito. E então começou a fazer uma lista mentalmente sobre os prós e contras sobre as opções que tinham. Pediu que Sérgio explicasse sobre a casa de repouso e analisou o panfleto que já estava amassado.

Quando descreveu a sua lista, percebeu que a casa de repouso ainda tinha uma leve vantagem de poder contar com a monitoração constante. Uma coisa que nem ela e Sérgio conseguiam oferecer, já que ele ficava no mercado e Fernanda tinha outros afazeres.

— Acho que vale a pena dar uma pesquisada mais a fundo. — concluiu Fernanda. — E também levar em consideração a opinião de Ricardo.

Sérgio assentiu. Escutou com atenção o que Fernanda falou e entendeu cada um dos tópicos que ela usou. Não poderia ele fazer uma lista melhor naquele momento.

Ricardo voltou do banho e logo a enfermeira entrou no quarto com as medicações para que ele dormisse bem a noite. Fernanda despediu-se dos dois e caminhou novamente até a casa de Bia onde buscou Liana.

Sérgio tomou um banho demorado e deitou-se na pequena cama improvisada que o hospital havia lhe cedido. Fechou os olhos para tentar dormir, mas não antes de acatar a opinião de Fernanda. Talvez ela fosse mesmo o seu anjo que atendeu o seu pedido por uma luz.

Capítulo 46

Se fosse alguns dias antes, Sérgio prometeria mundos e fundos pelo silêncio na sua casa. Nada de Liana escutando música ao último volume, Ricardo com o som do videogame a ponto de estourar os autos falantes da TV da sala ou a eterna briga dos dois. Nunca pesou que fosse dizer isso, mas Sérgio daria um braço para ver toda aquela agitação dentro da sua casa nesse momento.

Havia deixado Ricardo na casa de repouso antes de ontem e ainda não havia se acostumado com o silêncio que havia ficado no lugar. Até a viagem de volta, com Sérgio e Liana no carro havia sido com poucas palavras.

E chegar em casa, e ver o quão grande e silencioso ela era lhe doía demais o coração. Chegava a ser torturante.

Ricardo não ficou muito tempo no hospital, sua estadia era mais para não dar nenhuma reação do sangue doado que ele havia recebido. Na atual circunstância e a pressa de estabilizá-lo, só contaram com a resposta de Sérgio, nem sabiam se era confiável.

A chegada em casa foi muito estranha. Ricardo não estava nenhum pouco à vontade ao chegar e muito menos com ele mesmo. Por mais estranho que parecesse a situação. E vendo por esse lado, percebendo que o irmão cada vez se afundava mais em seu íntimo, Sérgio decidiu ouvir o que Fernanda havia lhe falado e pesquisado mais a fundo sobre a opção que Miguel havia lhe dado.

Viajou, sozinho, e marcou uma visita acompanhada de Miguel pelas dependências e pode ter uma bela visão do que tudo se tratava. Apesar de ter tido muita desconfiança quando foi apresentado ao sistema, Sérgio saiu de lá com a esperança renovada. Aquele parecia ser o lugar certo para deixar Ricardo por um tempo, para que começasse a sua recuperação.

Chegou em casa e foi conversar com o irmão, que estava deitado, lendo algum livro. Mostrou para Ricardo a casa de repouso e disse sobre o trabalho que eles fariam. Deixou claro que aquela era uma medida para o seu próprio bem. Um tempo de férias, como havia colocado, para que Ricardo pudesse respirar novos ares, conhecer pessoas que passaram pela tentativa de suicídio e que agora estavam enxergando a vida por outro panorama.

Ricardo o escutou com a mesma atenção que sempre teve. Em nenhum momento achou que essa fosse uma forma de se livrarem dele. Apesar de machucado, ele sabia que Sérgio nunca o abandonaria, muito menos no momento em que ele mais precisava de apoio. Por isso que não relutou e nem argumentou sobre a possibilidade de não ir. Tudo que Ricardo mais queria era que a angústia no seu peito se dissipasse por completo.

Fernanda ajudou Ricardo a fazer as malas e na sexta pela manhã os três embarcaram no carro rumo à capital para deixarem Ricardo aos cuidados de Miguel e sua equipe.

Se Sérgio estava contente com isso? Nenhum pouco. Era nitidamente visível o semblante cada vez mais triste dele ao perceber que Ricardo ficaria um bom tempo longe de casa e podendo o visitá-lo somente quando a casa de repouso deixasse. O que acontecia em datas específicas e dependendo de como o tratamento de Ricardo estava.

E tudo que ele pensava era que seu irmão estava seguro e em tratamento. Esse era o fio que ainda segurava a sua sanidade. E a presença de Liana.

Pela primeira vez tudo estava dando certo entre eles. Ela, apesar de ainda estar abalada pelo que tinha acontecido, aproximou-se de Sérgio de uma forma mais fraternal que poderia existir. Era praticamente a sombra dele quando Sérgio estava em casa. Só se separavam quando ela ia para a escola, muito contragosto ainda.

Por ser uma cidade pequena, e o sigilo médico e de enfermagem funcionar perfeitamente, toda a cidade já sabia o que havia acontecido com Ricardo. E virou o assunto da cidade. Em todas as rodas de chimarrão na calçada no final da tarde, o nome da família Chiarelli estava presente.

A grande maioria não sabia da missa nem a metade. Tudo se concentrava na grande falha de Sérgio em comandar a família e o mercado. Enquanto um ia em perfeito estado, outro desmoronava. Opiniões de que ele deveria colocar Ricardo no trabalho desde cedo, para não pensar besteira, já que cabeça desocupada era oficina do diabo a que as crianças precisavam de uma mulher naquela casa eram as mais comuns.

No final das contas, as pessoas acabavam por aumentar o caso exponencialmente, causando um certo constrangimento em todos envolvidos na história. Pois estavam mais interessadas em saber detalhes do que darem apoio. E isso colocava a família em evidência na cidade mais uma vez. Novamente os burburinhos aumentavam quando algum deles era visto em atividades normais e os colegas de Liana e Ricardo não escaparam.

Se não fosse suas amigas de sempre, Bia e Elis, Liana já teria entrado na briga com todos aqueles que estavam chamando o seu irmão de maluco pelas suas costas. Principalmente aqueles meninos que implicavam com Ricardo desde sempre. Seria o ápice para Liana se pudesse quebrar um dente de cada um.

Mas ela se conteve. Sabia que esse não era o momento certo para causar problemas. Conseguia ver como Sérgio estava esgotado com tudo aquilo, apesar de tudo, a relação entre os dois estava melhor e, por mais incrível que parecesse, Liana não estava afim de partir para uma briga. O que ela queria mesmo, era que Ricardo voltasse para casa.

Logo no primeiro momento em que se despediram dele na casa de repouso, ela sentiu saudades do seu retardadinho do coração. Havia passado os seus treze anos com ele ao seu lado diariamente, nem que fosse só para escutar a sua voz através das paredes de casa ou algum vislumbre dele no recreio da escola. E estar sem ele ao seu lado era estranhamente perturbador e solitário.

Quando os pais haviam falecido, ela não compreendia muito o que estava acontecendo a sua volta. E naquele momento, quem ficou ao seu lado foi Ricardo. Ela mudou-se para o seu quarto por um bom tempo. Dormiam com o abajur ligado todos os dias. Fizeram isso por vários meses.

Ao retornarem para casa, Liana novamente mudou-se com o seu travesseiro de estimação para o quarto de Ricardo. O irmão nem se importava, já que tomava alguns remédios para apagar durante a noite.

Agora era de se esperar que Liana estivesse mais conscientizada do que acontecia ao seu

lado, já que Ricardo não estava em casa. Ela até tentou na noite passada, conseguiu ficar dez minutos na cama sozinha, no apartamento em que a família tinha em Porto Alegre, Sérgio não queria encarar a estrada depois da carga emotiva forte do dia anterior. Pulou para a cama de Sérgio, que ainda estava acordado e só assim conseguiu dormir.

Hoje ela já tinha até colocado o travesseiro ao lado do de Sérgio quando chegou da escola. Ao lado do irmão poderia se sentir mais segura e nada mais reconfortante que o cheiro característico de cigarro e pão quentinho que ele tinha.

E por falar no mercado. Ele ainda continuava no mesmo lugar e bem mais organizado do que quando Sérgio saiu. Quando retornou, naquela semana, depois de uma semana afastado, percebeu que nada havia mudado por lá. E que ficar um tempo afastado não era o fim do mundo como ele achava que seria. Claro que com a Fernanda, e alguns funcionários, lhe passando o que acontecia diariamente, nada era tão difícil assim. Sérgio havia dado a Fernanda a carta branca por completo durante aqueles dias, pediu para que ela largasse o serviço de casa para auxiliar no que precisasse no mercado. E aquilo funcionou tão bem que Sérgio nem sabia se queria voltar para lá e trabalhar. Apesar de saber que era melhor trabalhar do que ficar em casa sem fazer nada e ainda revivendo aquelas cenas de terror a toda hora.

De uma coisa ele não poderia deixar de concordar, mente vazia era a oficina para muitos pensamentos. Pensamentos que Sérgio precisava manter muito longe da sua mente e principalmente da sua casa. Para sempre.

Por isso que as férias forçadas acabaram por completo. Sérgio sentiu como se a sua vida começasse a voltar ao normal em algum aspecto. Passos pequenos para percorrer grandes distâncias. Era isso que ele almejava.

E ao chegar ao seu escritório encontrou tudo da melhor forma possível. Até mesmo as suas gavetas, atulhadas de papéis, estavam organizados impecavelmente e uma lista do que tinha que ser feito na sua mesa, o chamando para trabalhar imediatamente.

Não acreditou quando ia fazer alguma coisa e já encontrava encaminhada, ou em estado adiantado de negociação com os fornecedores. Realmente a Fernanda fez um excelente trabalho na sua vida. Tanto na de casa como no mercado.

Teria mais algum lugar para que ela pudesse entrar e mudar completamente?

Claro que ele não falava só no sentido de arrumação e limpeza. Fernanda era capaz de comandar aquele mercado só com uma semana e sem experiência nenhuma quase tão bem como ele que foi criado no meio daqueles corredores. E isso o fazia ficar de boca aberta, maravilhado com a determinação dela em ser a melhor em qualquer coisa que colocasse a mão.

Fernanda estava se tornando uma peça tão importante para Sérgio, que ele já nem pensava nela como sua empregada. E sim como alguém indispensável para o funcionamento de tudo ao seu redor e, mesmo que ainda não tivesse notado, ou dado atenção suficiente dadas os últimos acontecimentos, na sua vida também.

E, acima de tudo, ela gostava de qualquer coisa que fizesse. Seja limpando a casa, ficando com Liana durante as tardes, ou sendo necessitada no mercado. Fernanda fazia tudo com o maior gosto. Se um dia ela estava naquela casa apenas para trabalhar e juntar dinheiro para quando Inácio nascesse, hoje a história já começava a tomar outros rumos.

Capítulo 47

— A Fernanda ficou lá embaixo. Ela disse que só subiria se um guindaste içasse ela. — Liana informou Sérgio comendo chocolate. Um hábito que os três irmãos herdaram, de passarem e pegarem alguma coisa da prateleira.

Sérgio riu.

— Estou pensando em comprar uma empilhadeira, será que serve?

— Pelo menos eu não vou precisar andar devagar. E nem carregar as sacolas.

Sérgio levantou-se e junto com a irmã eles desceram as escadas. Fernanda estava lá embaixo, rodeadas com algumas sacolas e mostrando para Nara as compras que ela e Liana fizeram hoje durante a tarde.

— Não comprei muitas coisas porque ele vai crescer rápido. — O sorriso dela era contagiante, tanto que Sérgio no meio do caminho já estava sorrindo junto.

As roupas minúsculas do Inácio fizeram todas as funcionárias que estavam perto pararem. Ninguém resiste a uma camisetinha minúscula e que quase cabe na palma da mão.

— Ele vai ser grandão. Olha o teu tamanho, Fernanda! — Exclamou Nara como se embalasse um macacãozinho azul. — A última vez que eu peguei um assim no colo acho que era rosa da Liana.

— E olha no que se transformou. — Sérgio se aproximou do bolinho eufórico. — Nunca coisa chata, que só sabe incomodar e comer.

— Hey — Liana gritou de trás do corredor de chocolate — eu estou aqui!

— Mas não deixa de ser verdade mesmo. — Revidou Sérgio. — Mas a Liana quando nasceu era cara de joelho, já o Kado era o bebê mais bonito que eu já vi.

— Verdade. — Nara lembrou. — E o Sérgio era careca e chorão.

— Que mentira! — Ele colocou as mãos na cintura.

— Não era o que a tua mãe dizia. Porque tu acha que eles demoraram tanto para ter o Kado e a Liana?

Ele abriu a boca para responder.

— Por que tu não parava de chorar e isso colocou medos nos dois. Por isso esperaram tu crescer. E para a felicidade deles, nem o Kado e nem a Liana foram berrões assim.

— Ok, sem mais bebês chorando que eu já começo a entrar em pânico. — Fernanda disse. — Não quero pensar nessa parte.

— Ah, minha querida, o Inácio já é um amorzinho, ele não vai ser um Sérgio. Ele dava trabalho desde que estava na barriga da sua mãe, o Inácio é e vai ser tranquilo.

— Eu não era assim não, Nara! Era o bebê mais bonito de todos e nunca incomodei. — Sérgio parecia extremamente ofendido, mas pelos seus olhos sorria. E com isso fazia com que Fernanda risse cada vez mais.

— Chorão e careca, sim senhor. E cuidado, depois dos cabelos branco vem a queda e para chorar não é tão difícil assim.

Sérgio se olhou por um espelho atrás delas e passou as mãos nos cabelos. Contra fatos não há argumento, cada vez mais ele encontrava cabelos brancos no meio dos seus castanhos. E sobre chorar.... Bom nesses últimos tempos ele havia descoberto que poderia desidratar por causa disso.

Fernanda juntou as coisas quando o assunto encerrou. Ela levaria para casa para que sua mãe lavasse. Não via a hora de ver o varal de casa cheia de roupinhas minúsculas. E assim como Nara, queria que elas fossem preenchidas por Inácio o mais rápido possível. Um misto de alegria e medo ao mesmo tempo.

Ela e Liana caminharam de volta para a casa da menina e lá Fernanda colocou as sacolas juntos com as outras que ela já tinha. Finalmente poderia dizer que o seu enxoval estava pronto. E também agradecer pelo tempo perfeito para fazê-lo, já que ela e Liana não aguentavam ficarem sozinhas em casa. Tudo parecia silencioso e sem graça quando Ricardo não estava por perto.

E então, Fernanda aproveitou o tempo livre e sem compromisso que Liana tinha para arrastá-la até as lojas para verem roupas para Inácio. Só isso que animava a menina para sair de dentro de casa, e mesmo assim, as duas sabiam que se Ricardo estivesse junto, seria bem mais divertido as compras.

A gravidez de Fernanda estava cada vez atingindo o seu ápice. A dificuldade de caminhar e fazer coisas simples se tornava difícil a cada dia que se passava. Principalmente quando precisava limpar alguma coisa. Sorte que Liana não fazia mais aquelas bagunças fenomenais no quarto, senão ela conseguiria mais limpar....

Por causa do seu diâmetro aumentado, Fernanda já quase não conseguia caminhar com a mesma velocidade que antes. Por isso, acabava perdendo o último ônibus por não conseguir chegar a tempo. Passando a noite na casa ao lado da principal. Por um lado ela até gostava, já que não precisava sacolejar até a sua casa e pela manhã novamente. Deitava na cama improvisada e colocava os pés para cima enquanto lia alguma coisa. Era o descanso merecido, já que nem sempre Sérgio precisava dela e Liana ficava na volta do irmão, deixando ela em paz por alguns momentos.

E aquela noite era uma dessas. Nem colocar os pés para cima estava adiantando o inchaço exagerado que ela estava e por causa disso, resolveu tentar uma coisa nova. O que lhe dava um medo.

Fechou a porta da casinha e caminhou até a piscina gigante que tinha na casa. Parou perto da borda e recuou. Seu medo com água era gigante, mas não tão gigante como os seus pés estavam de inchados. Deu mais alguns passos e sentou na borda, agarrada na escada. Com um passo de cada vez, sentou e colocou os pés de molho.

Até gemeu com o contato da água gelada. Fernanda e o seu inegável hábito de achar o paraíso nas pequenas coisas.

Sérgio estava sentado na escada, ao lado do telefone, esperando, pacientemente que algum atendente de bom coração pudesse encontrar Ricardo na casa de repouso. Ele ansiava nem que fosse escutar a respiração do irmão. E todas as vezes que ele havia ligado, em nenhuma delas

tinha conseguido falar com ele. Sempre era uma atividade, horário de refeição ou ocupado demais. Se não fosse o caso de terem uma segurança forte, Sérgio já pensaria que o irmão tivesse fugido e....

— Alô!

— Kado! — Ele chegou a dar um pulo e levantar-se.

— Oi, mano. — A voz de Ricardo era tão suave que Sérgio sorria de felicidade.

— Kado, como estão as coisas aí? Estou morrendo de saudades, meu Deus, parece que faz um século que eu não te vejo!

— Está tudo bem, Sérgio. É legal aqui, não é tão... — ele deixa a frase no ar e suspira. — É bom estar aqui. Ando conhecendo tantas pessoas, que passaram por isso e hoje ajudam. Casos piores que os meus e o Miguel tem me ajudado tanto.

— Isso é ótimo, mano. — Sérgio segurou as lágrimas e voltou a sentar na escada enquanto conversava com Ricardo.

O irmão lhe contava tudo. Desde a hora que acordava, aos encontros em grupo, onde era aberto para quem quisesse falar, as oficinas de terapia envolvendo trabalhos manuais aos horários que ele tinha livre e poderia ficar no seu quarto ou vagando pela propriedade. Era quase mágico escutar Ricardo falando tanto e tão empolgado assim.

Se despediram um bom tempo depois. Sérgio não queria desligar, mas por fim acabou fazendo. Prometeu que ligaria para Ricardo todos os dias, se pudesse, todas as horas para saber como estava o irmão. E ao deixar o telefone no gancho, sentiu-se um pouco mais leve do que de costume.

Caminhou no escuro pela casa, em direção à cozinha em busca de alguma coisa para comer. Tinha conseguido fazer Liana desgrudar um pouco, com um suborno em forma de CD e a promessa de que se ela ligasse no meio da noite, ele iria buscá-la na casa da Bia. E ele tinha certeza de que isso não ia acontecer, pois pegou um pouco da conversa das duas pelo telefone e envolvia algum tipo de revista que a prima mais velha de Bia havia deixado na sua casa.

Catou alguma coisa na geladeira e enquanto comia olhou pela janela alguém sentado na beira da piscina sozinha: Fernanda.

Ele nem imaginava que ela estava na casa ao lado. Mal estacionou o carro no pátio e foi direto para o chuveiro tomar um banho. O plano era esse, banho, ligar para tentar falar com o Kado, comer e ir para cama. A casa estava silenciosa e sozinha demais para ele ficar no andar de baixo. Levaria algum livro da faculdade e ficaria deitado na sua cama até o sono vir. Não duraria mais do que dez páginas....

Saiu para a rua decidido a fumar o último cigarro da noite. Aproximou-se sorrateiramente de Fernanda e sentou em uma das mesas a beira da piscina. Ela estava sentada na borda, sacudindo os pés dentro d'água, completamente alheia a sua presença.

A luz da lua a deixava quase celestial. Inocente alma brincando de molhar os pés na água limpa e pura da piscina. Nem nos sonhos mais delirantes de Sérgio ele teria uma imagem como essa. Era digna de um belo quadro, para colocar na frente da sua mesa de trabalho. Cada vez que ele estivesse cansado, irritado ou a ponto de jogar tudo para o alto, levantaria os olhos para o

quadro e tiraria a força para continuar da imagem.

Era uma coisa tão irreal e perfeita e ele não tinha coragem nem de se mexer para que movimentasse. Queria guardar na sua mente cada milímetro dessa imagem. Sabia que seus olhos cansados não guardariam nem a metade dos detalhes, mas só de saber que havia presenciado a cena em si, já era uma dádiva para Sérgio.

Porém, melhor do que ver, era saber se era real. Por isso abandonou a ideia de apenas olhar e sentiu a necessidade de tocar. Fernanda quase pulou de susto ao ver Sérgio sentando ao seu lado na piscina.

— Não queria te assustar — desculpou-se ao colocar os pés dentro d'água como ela. — Só bateu a curiosidade de te ver aqui sentada no meio da noite no escuro. Querendo entrar para nadar um pouco? — Brincou, sabendo do medo dela de água.

— Meus pés estão inchados demais, minha mãe disse que era bom colocar em um balde com água — ela deu os ombros.

— E aí tu achou um baldão. Não sabia que tu estava aqui, pensei que tivesse ido para casa.

— Acabei me atrasando ao guardar as roupas limpas, e como eu não consigo mais correr como antes, acabei por ficar. Espero que não tenha nenhum problema.

— Nenhum mesmo. Aquela casa está sempre a tua disposição.

Sérgio nunca seria indelicado ao ponto de dizer que Fernanda não pudesse ficar o tempo que quisesse na casa ao lado. Era um pouco reconfortante saber que não estava sozinho em toda aquela imensidão.

— Acabei de falar com o Kado pelo telefone. — Sérgio viu Fernanda se iluminar com a menção de seu irmão. — Ele está bem animado, diferente de como saiu daqui.

— Ele vai se recuperar rápido — disse ela com convicção e fazendo a água se movimentar ao seu redor. — Estou com saudades dele me seguindo pela casa falando sem parar.

— Ou brigando com a Liana. — Ela riu, e Sérgio se pegou rindo a acompanhando.

Quando foi a última vez que ele fez isso mesmo? E como ela conseguia fazer com que ele se sentisse tão bem e a vontade consigo mesmo?

Os pensamentos inundaram a mente de Sérgio. A grande maioria das perguntas só tinham uma resposta: Fernanda. Ela por ela mesma. Por ser quem é, pelo jeito que tratava os seus irmãos, como se fossem seus próprios irmãos, o modo como ela recebeu aquela família problemática e estava ajudando a lidar com cada um dos problemas.

Simplesmente ela.

A bela e pequena Fernanda, grávida, quase explodindo, e que apesar dos seus próprios problemas, estava sempre lá. Para Liana. Para Ricardo. E para ele mesmo, Sérgio, que de tão perdido, já conseguia se encontrar cada vez mais. Não era isso o que ele pedia todos os dias? Que ele conseguisse, finalmente, respirar mais aliviado e sem o peso do mundo nas costas, que alguém entrasse na sua vida e mudasse tudo por completo.

E lá estava ela.

Tudo que faltava era apenas um ajuste. Uma questão de tempo. A poeira abaixar um pouco mais e a vida fazer uma pausa não tão longa, mas nem tão breve. O tempo exato de um ponto e vírgula em um texto importante.

E enquanto isso não acontecia, nada impedia de pequenos paraísos em momentos como esses.

Sérgio entrou na água por completo. De roupa e tudo, mergulhou para molhar o resto do corpo e quando voltou para a superfície, estendeu a mão para ela.

— Vem. Eu te seguro.

Fernanda hesitou, mesmo com um sorriso no rosto. Porém a curiosidade falou mais alto. Sérgio percebendo o brilho nos seus olhos, mesmo com a penumbra da noite e se aproximou. Colocou as mãos fortes, de carregar caixas e mais caixas no mercado, na cintura de Fernanda e a levantou, delicadamente puxando-a para a água. Aquela que batia no seu peito, mas quase cobria o pescoço de Fernanda.

Confiando o seu medo nele, Fernanda deixou que Sérgio a conduzisse na água. Não reclamou quando ele colocou a mão nas suas costas e fez que ela deitasse na superfície da água.

Fernanda flutuava, como não pesasse nada, apenas com as mãos de Sérgio por baixo das suas costas para ampará-la. Sentiu-se livre, voando sem direção nenhuma, apenas escutando a voz dele e respondendo quando era preciso.

Realmente era o seu paraíso na terra.

Capítulo 48

Fernanda queria chorar. De dor, de cansaço e principalmente por não conseguir estender mais do que duas peças de roupas no varal sem sentir alguma dor ou fisgada.

E isso estava a desesperando.

Ela não queria ter que pedir as contas para Sérgio. Não agora em que ela se sentia uma peça importante naquela casa que, aos poucos, estava virando o seu lar. Liana ainda estava debilitada com a falta de Ricardo em casa ao seu lado todos os dias e Sérgio não estava muito longe do estado da irmã.

Não conseguia admitir para si mesma que a hora de abandoná-los estava chegando.

Sua mãe havia avisado que ela não aguentaria mais muito tempo. Inácio estava grande demais para o corpo pequeno de Fernanda. Ela não conseguia mais fazer as tarefas mais básicas na mesma velocidade que antes. E tudo que fazia a deixava completamente exausta.

E avisou também que, apesar de Sérgio ser um ótimo patrão, ele não pensaria duas vezes antes de substituí-la por qualquer outra empregada que fizesse o seu trabalho. Principalmente agora, no momento em que ele precisava dos seus serviços. Liana se acostumaria com outra pessoa ao seu lado todos os dias e, quem ficasse no seu lugar, aprenderia como lidar com os irmãos da mesma forma como ela aprendeu.

Fernanda não queria acreditar naquela verdade que estava batendo na sua porta cada vez mais forte. Romântica por natureza, movida pelo coração e com uma boa pitada de soberba, ela achava que era insubstituível. Que nenhuma outra pessoa que entrasse naquela casa conseguira se adaptar àquela família cheia de problemas que ela tinha se apaixonado perdidamente em pouco tempo.

— Ninguém é insubstituível, Fernanda. Aprende isso. Sérgio vai perceber que tu não estás mais rendendo o que ele precisa e vai te trocar. — Sua mãe falou enquanto a consolava. — Eles têm a vida deles e tu tem a tua. Em nenhum momento a vida de vocês se cruzam. Tu é apenas a empregada. Paga para fazer as tarefas e ajudar na casa. Só isso.

Sua mãe acariciava os cabelos da filha no seu colo.

— Eu te disse para não te apegar demais. — Um soluço saiu de Fernanda. — Infelizmente a vida é assim e a tua agora em diante é em torno do Inácio. Tu conseguiu, Fernanda. Trabalhou até agora para dar o melhor que pode para ele nos primeiros meses. Não era esse o plano? Daqui para frente o plano é outro e eu sinto muito em dizer que eles não fazem parte.

E isso tinha arrasado Fernanda pelo resto do final de semana que havia passado. A negação a acompanhou por todos os dias até esse momento. E agora ela percebia que, novamente, as palavras da mãe soavam a verdade.

Havia acabado. Fernanda tinha chegado ao seu limite físico completo. Ainda faltava poucas semanas para Inácio nascer, e tudo que ela queria era aproveitar esses últimos dias.

Sentou à mesa da casinha ao lado, onde suas coisas estavam e começou a chorar de verdade. Chorava, principalmente, por ter que abandoná-los nesse momento e saber que poderia nunca mais voltar àquela casa. Nada mais de cantar com Liana no meio da sala quando elas

tinham um tempo livre, ou ver os ensaios no CTG, visualizando cada passo que a coreografia tinha e por rir das loucuras de Liana. Derramou outras lágrimas por saber que Ricardo voltaria para casa e ela não estaria lá para recepcioná-lo com as coisas do jeito que ele gostava. E quase desidratou por saber que Sérgio arrumaria outra menina para o seu lugar em um piscar de olhos para o seu lugar vendo coisas que era para Fernanda ver o seu progresso.

Sérgio....

Partiu o seu coração em imaginar que a outra empregada receberia as conversas nos sábados pela manhã, enquanto escutam músicas tradicionalistas no rádio que era do pai de Sérgio. Ela que ria com ele das cenas que acontecem no mercado...

Não Fernanda.

Nunca ela.

Porém o relógio chegava ao final do seu tempo. Em breve ela seria mãe de Inácio, a única pessoa de quem o seu filho precisaria para o resto da vida. Ela seria o seu suporte e Inácio seria o suporte de Fernanda. Ela sabia que choraria por mais alguns dias, semanas até. Mas no momento em que conhecesse o seu filho, nada mais importaria.

O tempo se encarregaria de curar esse ressentimento. E quando voltasse a ativa, passaria pelo mercado, reveria Ricardo e Liana de longe e vibraria com as suas conquistas. Era tudo uma questão de o tempo passar e tudo tomar o seu rumo natural.

Não era?

Fernanda permitiu ter os seus dez minutos de desespero e começou a limpar as suas lágrimas. Respirou fundo e levantou-se da mesa em que estava debruçada. Iria terminar de colocar a roupa no varal, arrumaria a casa conforme o seu estado deixasse e reuniria a coragem necessária para enfrentar Sérgio e dizer que o seu tempo ali tinha chegado ao fim. Ficaria até ele conseguir encontrar outra pessoa e daria todo o suporte para a nova empregada que ficasse no seu lugar. Não o deixaria na mão do dia para a noite.

Pelo menos assim ganharia mais alguns dias na presença deles.

Sérgio estava com a cabeça escorada na sua mesa de trabalho. Escorado não era bem a palavra certa. Ele estava batendo, não fortemente, mas leve pancadas repetidamente, em sinal de cansaço extremo.

A sorte era que faltava pouco para fechar o mercado. Só estava esperando fecharem os caixas e deixarem pronto para amanhã. Por isso que ele estava no seu escritório. Só esperando a tão sonhada batida na porta do último funcionário para sair daquela sala. Chegaria em casa, tomaria um bom banho e iria pegar aquele livro da faculdade para a prova que ele teria nesse final de semana.

Se tudo desse certo, faria a prova e ainda visitaria Kado. Chegaria lá como se não quisesse nada e tentaria a sorte para ficar na presença do irmão nem que fosse por cinco minutos. Tinha conversado com Miguel no meio da tarde por telefone e ele deixou a entender que essa possibilidade poderia acontecer.... Então ele arriscaria.

E fora a conversa sobre burlar as regras da casa de repouso, eles haviam tido falado sobre o progresso de Ricardo. Sérgio nunca ficou tão feliz em escutar essa palavra. Progresso.

Tão promissora e animadora.

E tudo estava entrando nos eixos novamente....

Sérgio voltou para casa fumando um pouco. Era bom dar uma relaxada para acabar o dia. Chegou em casa e foi direto para o banho, tirar a sujeira do corpo de caixas e mais caixas carregadas para o depósito e notas e mais notas para conferir.

E quando desceu para procurar alguma coisa para comer, encontrou Fernanda, um pouco nervosa, esfregando as mãos entre elas.

— Tudo bem, Fernanda? — Questionou ele sorrindo.

Já conhecia os jeitos dela. Sabia que quando ela ficava com aquele semblante o problema era mínimo, quase insignificante e que Sérgio nem precisava se preocupar, já que ela daria o problema e a solução junto.

— Precisamos conversar. — O tom de voz dela o fez perder o sorriso. — A Liana está tomando banho e eu não gostaria que ela estivesse presente quando eu falasse isso. Se for possível, por favor... — A voz dela falhou e isso fez com que Sérgio ficasse apreensivo.

— Claro. Vamos conversar agora enquanto a Li está no banheiro. Ela demora uma vida lá mesmo. — Ele fez a piada para quebrar o gelo, mas não conseguiu.

Sentaram à mesa, com Sérgio na ponta e Fernanda na lateral. Ela continuava a enrolar as mãos e com os olhos nervosos olhando para tudo ao seu redor.

Fernanda tomou uma respiração profunda, sentiu o aperto no peito e percebeu que a hora tinha chegado.

— Eu não consigo mais.... Acho... — Sua voz faltou. Força, Fernanda! — acho que quero a demissão.

Se Sérgio não estivesse sentado, ele teria caído de bunda no chão nesse momento.

Nunca pensou que uma frase tão pequena pudesse destruir tudo ao seu redor. Aliás, ele sabia muito bem o poder de uma frase pequena, havia escutado uma há cinco anos atrás e o efeito foi estarrecedor.

Imaginou que, na sua vida, nunca mais escutaria uma frase que o fizesse sentir tão perdido novamente. Ainda mais no momento em que estava passando, onde cada passo era um tijolo para a sua reconstrução. Fernanda acabara de chutar tudo o que ele tinha feito até agora.

A pequena Fernanda. A que estava ajudando na mudança completa da sua vida. Compreendido os problemas que sua família enfrentava e os abraçou por completo. Deixando a sua marca significativa em cada um dos moradores daquela casa.

Casa agora que ele poderia voltar a pensar em chamar assim. Só poderia usar essa palavra quando o progresso de Ricardo fosse pleno e ele estivesse de volta a sua cidade natal para junto dos seus irmãos.

Fernanda tinha conseguido o maior feito de todos. Liana estava se comportando como uma pessoa normal! Isso era o maior e melhor legado dela. Até hoje ninguém tinha conseguido domar a fera Liana e o mérito todo era de Fernanda. Sérgio chegou a imaginar que já era um caso perdido e até se desculpou com Fernanda, mentalmente, quando a conheceu por causa das

atitudes que Liana teria com ela.

Mas não, Fernanda o havia surpreendido em todos os aspectos possíveis! Na sua casa, no mercado, com o tempo que ficou no seu lugar, com Ricardo e Liana. Foi ela quem o trouxe para casa acarretando que Sérgio encontrasse Ricardo a tempo de salvar a sua vida. Ela quem tinha o ajudado a escolher a opção de mandá-lo para a casa de repouso e agora ele estava com grande progresso no caso. Liana sempre seria o caso à parte. Ela fizera que a irmã gostasse de Fernanda. E isso era impossível, já que ela nunca aceitava nenhuma pessoa estranha na sua casa mexendo nas suas coisas.

Só que Fernanda não era uma pessoa estranha. Em nenhum significado da palavra. Era a Fernanda. Tão adaptável e perfeita. Pronta para todos os desafios que poderiam surgir na sua frente sem nunca ceder ou desistir pela metade.

Era Fernanda.

Sua Fernanda....

E o pensamento bateu fundo em Sérgio. Ela não poderia abandoná-lo! Não agora. Não amanhã. Nunca...

Fernanda não sairia daquela casa. Não sairia da sua vida para ser apenas uma lembrança de quem tinha feito tantas mudanças e não ficado para ver. Era insubstituível, em todos os sentidos.

Ali, com Fernanda a sua frente, Sérgio percebeu que faria qualquer coisa para Fernanda continuar na sua casa.

E na sua vida.

Capítulo 49

Fernanda achava que queria a demissão.

Como aquilo era tão difícil para ela? Era só um emprego, não era? Onde os patrões apenas queriam sua casa e roupas limpas, cheguem e encontrem tudo nos devidos lugares para não terem que se preocupar com essas coisas. Fernanda era paga para fazer o seu trabalho e pronto. Sem nenhum vínculo afetivo envolvido no meio disso.

Mas não. Fernanda era sensível demais para não se apegar ao seu trabalho e a toda a família. E esse fato estava trucidando com o seu pequeno coração já machucado pelo passado. Passado esse que resultou na sua gravidez e que agora a afastava do trabalho.

Ela nunca seria tão baixa a ponto de colocar Inácio como culpado, longe disso. Apenas achava curioso a ironia que o destino havia lhe proporcionado. E agora tinha chegado a hora de encarar o seu próprio destino.

Fernanda havia colocado em palavras o que ela desejava querer, a sua demissão. Mesmo seu coração não querendo tal coisa. Só ela sabe o quanto dizer aquelas palavras haviam sido difíceis para ela.

Sérgio a encarou. Ficou alguns segundos inexpressivo e quando abriu a boca, uma única palavra saiu.

— Não.

Ele levantou da cadeira a ponta da mesa e começou a caminhar.

— Não, Fernanda! — a encarou do alto. — Eu não aceito a tua demissão. Aqui de casa tu não sai!

Fernanda, ainda sentada, levantou os seus olhos sem entender o que estava acontecendo ali na cozinha.

— Eu não... — Sérgio passou a mão nos cabelos ainda úmidos do banho de minutos atrás — eu não consigo fazer tudo sozinho. Preciso de ti aqui, preciso de ti com a Liana, quando o Kado voltar e.... — ele voltou a sentar-se — preciso de ti na minha vida.

Aquilo era a derrota de Sérgio. A saída de Fernanda, além de inesperada era aterrorizante para ele.

— Não faz isso comigo, Fernanda.

Ela via a súplica nos seus olhos. E isso foi um tiro no seu peito. A afetou completamente, porém Fernanda precisava daquilo. Era a uma briga ferrenha entre o seu corpo pedindo por descanso e o seu coração pedindo para que ficasse. Pela primeira vez seu coração não seria seguido. Ela precisava aprender a rejeitá-lo.

— Eu não consigo mais. Por mais que eu ame essa casa e vocês, meu corpo não suporta. O Inácio está para chegar em pouco tempo e eu preciso descansar. Preciso estar inteira para cuidar do meu filho.

Ambos estavam desolados com a notícia. E Fernanda, por ter pensado em todas as alternativas, explicou para Sérgio tudo que passou pela sua cabeça durante o tempo que estava

sozinha.

— Eu não consigo nem estender uma roupa no varal decentemente. Subir as escadas é um martírio. Por mais que eu durma aqui, parece que eu fico mais cansada a cada dia que se passa.

— Amanhã eu compro uma cama para colocar naquele quarto. Ou melhor, tu pode ficar no quarto do Kado até ele voltar. — Sérgio começava a soar desesperado.

E ele estava mesmo.

— Posso encontrar outra empregada para fazer essas tarefas mais pesadas. Jesus, eu sou um idiota mesmo! Era claro que tu não conseguiria mais fazer isso, está explodindo de tão gordinha.

Fernanda nem deu bola para o comentário, já que sabia que estava exatamente desse jeito. E até achou delicado, pois parecia que não havia comido apenas uma melancia inteira, e sim a plantação completa de vários hectares.

— Eu preciso parar — voltou a falar suavemente. — O máximo que posso fazer é dar ajuda para a pessoa que ficar no meu lugar. A médica me disse que eu não tenho muito tempo de gravidez ainda, o Inácio já está em posição e agora depende dele.

Sérgio não conseguia fingir o seu desgosto com aquela notícia bombástica. Fernanda estava quase todos os dias ao seu lado e por isso quase nem tinha notado a mudança repentina que ela estava apresentando. Parecia que tinha sido ontem que ela havia dito que era um menino. E agora lá estavam eles, Inácio nascendo, Fernanda saindo da casa e ele desesperado.

— Eu não esperava por isso, Fernanda. Apostei todas as minhas fichas em ti e acabei ganhando mais do que eu imaginaria. Essa casa é outra depois que tu veio para cá. Não consigo entender a razão da demissão e nunca vou entender, pensei que tudo estivesse bem entre nós.

O coração dela quase parou nesse momento.

— E está, Sérgio. Mas tu precisa de alguém que fique completamente aqui nessa casa. Com a chegada do Inácio eu não vou conseguir desempenhar esse papel com a atenção que ele merece. Preciso me dedicar ao meu filho.

Ele assentiu. Derrotado, já que não possuía arma nenhuma que pudesse usar para combater de frente com Inácio. Assim como Sérgio desistiu de tudo pelos seus irmãos e voltar para casa, Fernanda estava desistindo deles pelo seu filho. Sérgio não conseguiria superar isso.

Fernanda alegou que estava cansada e quando disse que iria para a casa ao lado, Sérgio a impediu. Disse para ela ficar no quarto de Ricardo, ou até mesmo junto com Liana. Pelo menos assim ele poderia ficar sozinho com os seus pensamentos.

— Quer que eu conte para ela?

Sérgio fechou os olhos e imaginou o escândalo que Liana faria ao descobrir esse pedido de Fernanda. E nem quis imaginar o de Ricardo. Ele sempre perguntava por ela e se tudo estava bem com Inácio.

Fernanda era especial para os dois irmãos. A única pessoa, depois da própria mãe que eles conseguiam escutar e respeitar. Nenhuma outra pessoa no mundo, incluindo o próprio Sérgio era capaz de tal feito.

— Vamos esperar um pouco, ok? A Liana ainda está sensível pelo Ricardo e ela gosta muito de ti. Vai ser um baque para ela e...

— Tudo bem.

Sérgio levantou e Fernanda pegou na sua mão chamando a sua atenção. A pele fria dela em contato com a sua, quente, lhe fez ficar e olhar para ela.

— Obrigada. Por tudo.

— Nunca vou ser capaz de te agradecer por tudo o que tu fez por nós, Fernanda. Não há dinheiro do mundo que supra esse meu débito.

Liana apareceu na porta e flagrou o momento de despedida entre os dois. Ela não era burra e entendeu que alguma coisa tinha acontecido entre eles. Sérgio estava distraído e Fernanda com os olhos marejados. Liana só precisava descobrir o que era.

O momento passou quando Fernanda viu ela parada na porta. Recolheu a mão rapidamente e sorriu daquela forma que fazia com que Liana fosse a única pessoa do mundo que merecesse atenção.

— Banho rápido hoje, se continuar assim nem vou precisar parcelar a conta de água esse mês. — Brincou Sérgio, abandonando, parcialmente, o semblante distraído pela situação.

— Engraçadinho. — Liana olhou para o irmão e Sérgio se aproximou dela a abraçando, quase a sufocando.

Segurou a irmã por um bom tempo. Até ela começar a se debater e gritar.

Fernanda observou a cena e percebeu que seu filho nunca teria um abraço de pai assim. Inácio só teria ela em todos os seus momentos da sua vida. Estremeceu por dentro diante de toda a responsabilidade que havia sido colocado no seu destino e respirou fundo. Encarar era a única opção que ela tinha. E faria com toda a sua força de vontade, amor, medo e coragem que possuía.

Jantaram os três juntos. Sérgio havia desistido de estudar para ficar um pouco mais de tempo com as duas. Conversaram, riram, comeram e brincaram mais um pouco entre os três. Era uma cena onde só faltava Ricardo, e por esse motivo. Sérgio resolveu tentar a sorte e ligar para onde ele estava mais uma vez.

E quando Ricardo escutou a voz dos três pelo telefone, sorriu feliz de onde estava.

Fernanda e Liana estavam empolgadas. Aproveitaram que ainda estava cedo e fizeram sobremesa e os três comeram na sala assistindo um filme que Sérgio locou na videolocadora mais próxima. Uma boa comédia para combinar com o ânimo que eles estavam, ou pelo menos, Sérgio e Fernanda aparentavam estar.

Foi uma noite boa naquela casa. Uma que há tempos não se via. Liana nem se lembrava de quando tinha se divertido tanto com o irmão mais velho. Até que Sérgio nem era tão chato como Liana pensava.

Já Fernanda estava mais tranquila. Sabia que tudo daria certo. Se lembraria do riso dos dois, e do Ricardo pelo telefone, melhorando para em breve voltar ao convívio dos três. Era esse o quadro que ela levaria daquela casa. Da transformação das brigas entre os três nos risos.

Não poderia pedir uma despedida melhor. Saber que foi parte daquele momento seria o

bastante por ora.

Sozinho, no escuro do seu quarto, Sérgio começou a pensar no que faria para conseguir que Fernanda voltasse. Seu único pensamento era de deixar o lugar dela garantido para quando ela sentisse pronta para voltar ao trabalho o seu cargo estar a esperando.

Ela não poderia fazer isso. E ele faria de tudo para que não acontecesse. A noite que eles haviam passado hoje tinha sido perfeita. Era como se Fernanda fosse a catalizadora entre ele e os irmãos e sua presença amenizasse qualquer problema que surgisse.

Sérgio havia perdido o jeito para lidar com os irmãos, isso era um fato que ele tinha aceitado há muito tempo. Somente quando Fernanda estava presente que ele conseguia retomar algum modo de conversar com eles. Ser um Sérgio mais irmão do que outra coisa. Sem tanta responsabilidade de ser a pessoa a ensinar para que eles que a vida não era aquele mar de rosas e um mundo o esperava lá fora.

Havia se tornado dependente de Fernanda nesse aspecto. Ela deixava tudo mais descontraído e ao mesmo tempo coreto. Era a certeza de que tudo que ele fazia estava certo. No fundo, Sérgio tinha medo de que ela fosse embora por completo e acabasse voltando àquela época de brigas e mais brigas naquela casa. Esse não era o ambiente que ele queria retornar, não era o que Liana gostaria e muito menos o que Ricardo precisaria para completar o seu tratamento o mais rápido possível.

E quando estava quase dormindo, ele deu um pulo na cama ao ter uma ideia e perceber que tinha a solução perfeita para que Fernanda ficasse. De uma forma bem mais presente para ele e ainda ajudando bem mais do que fazia com os seus irmãos.

De uma coisa Sérgio sabia, Fernanda não sairia daquela casa.

Capítulo 50

De uma coisa ninguém poderia duvidar: da capacidade de Liana de perceber que estavam escondendo alguma coisa dela. Era um dom comparado ao farejar de um cão treinado.

Tinha sido assim quando ela desconfiou que Bia estava diferente em relação ao Ricardo e enquanto não fez a pobre amiga definhar em perguntas, todas elas diretas, revelar que estava apaixonada. Ou das vezes que tinha arrancado alguma coisa do seu irmão. E não tinham sido poucas as vezes que isso havia acontecido.

E agora, mais uma vez, ela sentia ao longa o cheiro de que Fernanda e Sérgio estavam escondendo alguma coisa dela. Ela precisava descobrir urgentemente sobre o que era. Ainda mais depois daquela cena que tinha presenciado naquela outra noite.

Foi ao alvo mais difícil primeiro: Fernanda.

Pelo tempo que andavam juntas, Liana sabia que não conseguiria arrancar muitas respostas satisfatórias dela. Mas não poderia deixar de tentar, muitas coisas andavam acontecendo ao mesmo tempo e vá que o raio caísse bem naquele lugar?

Ela foi sutil, no meio da noite, enquanto as duas se preparavam para dormir. Como quem não queria nada, foi conduzindo a conversa até ela achar o tempo certo de dar o bote, e quando achou que seria a hora, Fernanda já estava quase roncando ao seu lado. Liana havia se esquecido que Fernanda dormia mais rápido que qualquer pessoa que ela já tivesse dividido a cama.

Até pensou em mudar de quarto e invadir o de Sérgio. Era certo que o irmão ainda estivesse acordado, ao contrário de Fernanda, ele demorava um século até pegar no sono. E acordava por qualquer mexida na cama que ela desse. Mas o cansaço e a preguiça bateram mais forte que a curiosidade e Liana acabou caindo no sono ao lado de Fernanda.

Nada impedia que o seu plano de descobrir o que os dois conversavam não aguentasse até o final da tarde do outro dia. Liana teve a aula, o ensaio do CTG e até uma passada na loja de CD, um pouco para Fernanda descansar da caminhada e ela olhar as novidades, para chegar afiada na frente de Sérgio e interrogá-lo daquela forma meiga que só ela conseguia.

E foi exatamente como aconteceu. Fernanda ficou sentada conversando com as funcionárias do caixa do mercado enquanto Liana corria nas escadas em direção ao seu irmão. Encontrou Sérgio tomando chimarrão enquanto analisava algumas notas de mercadorias.

— O que está acontecendo entre ti e a Fernanda? Vocês estão namorando?

Sérgio olhou para a irmã e se engasgou.

Começou a tossir desesperadamente em busca de ar. Tanto que Liana chegou a se assustar, ir para trás da cadeira do irmão e bater nas suas costas. Além de afogado, ele quase soltou um pulmão pelas batidas nada delicadas de sua irmã do coração.

— Que história é essa, Liana?! — Disse entre um acesso e outro da tosse que ainda o acometia.

Ela saiu de trás do irmão, depois que ele se esquivou de mais um tapa dela nas suas costas e parou na sua frente com as mãos na cintura. Liana, com treze anos quando ficava naquela

posição dava medo, quem dirá quando estiver perto dos trinta.

— Vi vocês dois ontem à noite. A troca de olhares entre vocês e as mãos dadas. — Ela continuava naquela posição e Sérgio começou a rir.

Não sabendo se era de medo ou de graça mesmo.

— Eu e a Fernanda? — Voltou a se recostar na sua cadeira que inclinou um pouco e cruzou os braços sobre o peito. — E o que te faz pensar nisso?

Sérgio não negou e nem afirmou a questão da irmã, apenas deu corda para que ela continuasse o assunto.

— Sei lá. — Ela deu os ombros e relaxou a postura.

Liana sentou-se e refletiu sobre o que havia chegado a conclusão sozinha enquanto decifrava o que havia visto.

— Vocês combinam e... Antes a Fernanda tua namorada que a vaca da Vanessa.

Sérgio riu. Com gosto.

Fazia tempo que não ria desse modo. Ultimamente ele não tinha tantos motivos para rir no meio do dia. É claro que essa explosão do irmão fez Liana endurecer um pouco seu semblante.

Ela detestava quando alguém ria do que ela falava. Ainda mais se a sua opinião era uma coisa séria.

— Acho que até eu concordo com isso, a Fernanda seria uma namorada bem melhor que a Vanessa. Principalmente quando o assunto é vocês dois.

Até porque Fernanda não era uma pedra no sapato de Sérgio, como Vanessa ainda era. Por mais que eles tivessem acabado com qualquer possibilidade, por parte de Sérgio, de reatarem, Vanessa não conseguia entender bem o recado ainda.

Volta e meia ela ainda dava uma ligada e caía no ramal de Sérgio no mercado. Nas primeiras vezes ele até tentou ser educado, aguentou os dramas e choros com os falsos pedidos de perdão e as juras de amor falso. Ele aguentou, pacientemente ao telefone até um dia ser mal-educado e desligar o telefone na sua cara deslavada.

Mas o auge tinha sido “encontrar” Sérgio por acaso na faculdade. Na primeira vez ele até acreditou na casualidade, mas na segunda desconfiou, e quando ela apareceu a terceira vez, Sérgio fugiu como o diabo da cruz. Se escondeu no banheiro masculino até acabar o intervalo, o povo entrar nas salas de aula e Vanessa desistir procurá-lo na semana passada.

Ele não tinha condições nenhuma de enfrentar Vanessa após deixar o irmão em uma casa de repouso. Só havia ido à faculdade para não perder a reposição da prova que tinha perdido na outra semana. Fez aquelas questões o mais rápido possível porque tinha deixado Liana no apartamento e com um estoque de pilhas para o seu discmann.

Liana continuava a olhar o irmão com uma certa expectativa nos olhos.

Sérgio e Fernanda, isso seria perfeito ao ver dela! E Liana tinha certeza que Ricardo ficaria tão feliz como ela com esse casal.

— Li, tu sabe que isso não é verdade, eu e a Fernanda não...

E o brilho de Liana se apagou tão rapidamente quanto ao apagar de uma lâmpada em um cômodo.

— Ahhh. — Tentou disfarçar — É claro. Era uma suposição mesmo. — Ela limpou a garganta e se explicou melhor. — Eu vi vocês dois ontem e pensei que.... Sobre o que vocês falavam então?

A mudança de assunto pegou Sérgio desprevenido. E quando viu já tinha começado a falar.

— Ela pediu a demissão.

Liana sentou na cadeira a sua frente e ficou estática. Já tinha um irmão suicida numa casa de repouso e agora uma irmã catatônica a sua frente. Ele não tinha pretensão nenhuma de envolver Liana nesse problema. Até porque ele já estava praticamente resolvido. Faltava apenas informar Fernanda que ela não precisaria sair daquela casa para ter o Inácio.

— Ela não pode... — Sussurrou Liana com uma voz embargada.

Sérgio poderia contar nos dedos as vezes que tinha visto Liana chorar por algo que não fosse uma dor insuportável, como aquela vez que ela tinha derrubado chimarrão quente em cima do seu braço.

— E ela não vai, ok? — Apressou-se em dizer antes que pudesse contabilizar essa vez. — Eu prometo que a Fernanda não vai sair lá de casa.

Liana soltou um suspiro, respiração de alívio, quase um soluço contido ao escutar a promessa do irmão. Sabia que quando ele falava essa palavra significava que tudo ficaria bem. Ele não teria a audácia de quebrar uma promessa com ela.

— Ela ainda acha que eu vou dar a demissão de bom grado, então nem comenta com ela. — Advertiu.

Um pouco mais recuperada do choque inicial, Liana apenas acenou que sim. Se despediu do irmão um pouco mais calma. Ela não poderia deixar que Fernanda saísse da sua casa. Não agora que precisava dela para tantas coisas.

Pela primeira vez ela não estava em desvantagem naquela casa. Tinha outra mulher para ter os mesmos pensamentos que ela. Nada contra Ricardo e Sérgio, mas eles eram homens e nenhum deles imaginavam no que passava nas cabeças das mulheres. E Liana estava sendo ouvida em outros aspectos, além do básico que os irmãos poderiam saber.

Liana havia aprendido a desenvolver sentimentos fortes por Fernanda. Sabia que tinha importunado na sua vinda, mas isso já tinha passado e ela jurando que nunca mais ia se comportar daquela forma novamente com Fernanda.

Se ela saísse da sua casa, Liana até pensaria em fugir de casa novamente. Ia se mudar de mala e cuia para a casa de Fernanda e ficaria por lá até convencer ela de voltar para a sua.

Isso poderia funcionar! E iria!

Era só a promessa de Sérgio não se cumprir que ela se mandaria de casa. Por mais que amasse os irmãos, não suportaria em aguentar a cabeça dura dos dois em minoria novamente. Não poderia perder a sua companheira, justo agora!

Desceu as escadas na mesma velocidade que havia subido e se deparou com uma Fernanda a repreendendo para não fazer isso. Era perigoso ela cair e se machucar feio. Ainda mais treinando tanto no CTG.

— Se eu me machucar tem a Bia de reserva, já que o Kado não está dançando.

— Ah claro — retrucou Fernanda — só que eu que vou ter que te cuidar se isso acontecer.

— Vou ficar na cama o tempo todo e comendo chocolate. Seria o paraíso.

— Meu Deus, o Inácio chegou a dar um pulo aqui.

— Então acho que temos que atender o pedido dele. — Liana olhou para Fernanda de uma forma irresistível, daquela forma que ninguém conseguia dizer não aos seus pedidos.

Fernanda até tinha esse poder nas mãos. E sabia que negar era a melhor opção para aqueles pedidos descabidos de Liana. Mas em compensação, imaginando que esse seria um dos seus últimos momentos com a menina, hesitou e acabou concordando.

Foram para casa e fizeram um bolo de chocolate com calda. Comeram o bolo quente mesmo no meio da sala, escutando música e cantando, Liana perfeitamente e Fernanda desafinadamente. O contraste das duas vozes era nítido a quilômetros de distância. Tanto que quando Sérgio chegou, horas mais tarde, não sabia se entrava correndo dentro de casa ou chamava a ambulância para acudir. Por fim, acabou entrando, parando na porta da sala e escutando ambas até se darem conta da plateia.

Mais uma noite e Fernanda havia ficado na casa deles. Realmente era bem mais confortável dividir a cama com Liana do que batendo dentro do ônibus. Até Inácio enjoaria naquelas estradas de chão esburacadas que havia na rota da sua casa.

Como não gostava de começar o dia limpando, quando percebeu, ao seu lado Sérgio e Liana a ajudaram a arrumar toda a cozinha. Numa cena particularmente familiar, claro que faltando a presença de Ricardo, que foi suprida por uma ligação rápida onde os quatro participaram.

E de acordo com o pedido de Kado, a saudade dos três era gigante. Tanto quando Sérgio disse que tentaria burlar as regras para ver o irmão, Ricardo implorou que Fernanda também estivesse nessa pequena reunião clandestina.

Mais uma vez naquele dia, ela não conseguiu negar um pedido de algum membro daquela família que ela amava do fundo do seu pequeno coração.

Capítulo 51

Os três haviam saído sexta à tarde para a capital com Sérgio dirigindo, enquanto Liana e Fernanda quebravam o silêncio que ele sempre teve quando fazia aquele trajeto de quase duas horas. Achou aquelas companhias bem mais agradáveis do que as notícias do rádio, que ele deixava tocando baixinho, ou então o barulho dos fones de ouvidos de Liana ao seu lado.

Como seria de praxe, ele largaria Liana sozinha em casa, no rumo da faculdade, e iria para a aula, onde assistiria até o final e depois retornaria para o apartamento onde Sérgio morou por cinco anos. Só que nada disso fazia parte dos planos de Liana. Enquanto ela não carregou Fernanda para o shopping, que também ficava a caminho da faculdade de Sérgio, ela não sossegou.

O destino principal era o cinema. Uma ideia um pouco aterrorizante para Fernanda, já que nunca tinha entrado em um shopping e muito menos em um cinema. Aí mesmo que Liana não desistiu da loucura. Sérgio até incentivou as duas. Já era um fardo a menos saber que Liana não estaria sozinha em casa e com perigo de pôr fogo no prédio, sabendo que ela estaria com Fernanda e numa área tão aberta e movimentada, era quase o paraíso. Então não pensou duas vezes antes de abrir a carteira e deixar as duas na entrada.

Liana já conhecia o prédio e as lojas, já Fernanda se ficasse encantada com alguma vitrine perderia a menina de vista e nem saberia como se movimentar lá dentro. As duas compraram o ingresso do cinema, que só começaria mais tarde e aproveitaram o tempo para caminhar entre as lojas. Uma parada especial na loja de cd's, ao qual Liana quase se esqueceu da vida, o paraíso estava na sua frente. Milhares de cd's que nunca chegariam na sua cidade e doía o seu coração em deixar todos eles lá, lacrados e esperando um lar para serem tocados exaustivamente.

Fernanda sofreu para arrastar Liana de lá, e só conseguiu isso quando apelou para o Inácio, que estava brincando com a sua bexiga e ela precisava urgentemente ir ao banheiro.

Olharam o filme dividindo um pote gigante de pipoca e Fernanda nunca tinha se divertido tanto. Sempre tivera o sonho de ir ao cinema, mas nunca entrava no seu pequeno orçamento no breve tempo em que morou na capital. Tempo que ela pretendia um dia esquecer por completo um dia.

Sérgio as esperava perto de uma loja e depois de comerem, já que ele nem mantinha comida no apartamento mesmo. Só ia lá para passar a noite mesmo. E limpeza também não era nenhum forte, percebeu Fernanda ao entrar pela porta e ver os rastros de poeira pelo chão. Porém não contava com Sérgio a proibindo de pegar em qualquer vassoura, pano ou produto de limpeza. E ainda disse que tinha medo dela se agachar e Inácio sair pela outra ponta. Liana quase chorou de rir ao escutar isso do irmão.

Meninas no quarto e Sérgio no outro. Assim foi dividido os quartos da casa. Enquanto Sérgio dava uma lida rápida por cima dos livros, Fernanda e Liana desmaiaram em cima da cama. E só acordaram no outro dia já bem mais perto do almoço do que do café da manhã. As duas almoçaram no restaurante da rua de baixo e passaram a tarde andando pelas lojas por perto para passarem o tempo. Compraram o básico para a janta e voltaram para casa às pressas para o retorno de Sérgio.

No outro dia, saíram cedo em direção à casa de repouso onde Ricardo se encontrava. Sérgio estava nervoso e ansioso em ver com os próprios olhos seu irmão. Se pudesse, colocava ele dentro do porta malas e o traria de volta para casa sem pensar duas vezes.

Fernanda estava sentada, não estava se sentindo tão bem como no dia passado. Pelo menos Inácio estava bem mais quieto do que antes. E aproveitando a sombra abaixo de uma árvore em um banco, ficava de olho em Sérgio caminhando de um lado para o outro. Se ele pudesse estaria fumando o quinto cigarro em pouco mais de dez minutos que eles estavam esperando. Até Liana estava inquieta olhando para todos os lados.

Sentiu uma fisgada nas costas, um pouco mais forte das que recebia diariamente de Inácio e respirou fundo. Eram os últimos dias, pelas contas da médica do posto, mais duas ou três semanas para estar com o seu filho no colo. E pensando nisso percebeu que teria que conversar com Sérgio novamente sobre a sua demissão. Parecia que ele havia ficado surdo, mudo e cego perante as palavras que ela tinha dito.

— Que demora! Quando eu trouxe ele foi bem rápido para levarem, para trazerem é uma vida. — Sérgio começou a andar novamente e Fernanda já começava a enxergar o rastro dele se formando no chão.

— Vai ver o mano fugiu e só perceberam agora. — Liana comentou olhando para o lado em direção a uma grama verde.

— Nem brinca com isso, Li...

Ele fez menção de continuar a falar, mas dobrando a lateral da casa, Ricardo apareceu.

Sérgio foi em encontro ao irmão e quando o abraçou o levantou do chão. A saudade era tanta, misturada com a ansiedade de saber como ele estava e a preocupação constante que Sérgio não conseguia falar. Apenas queria manter Ricardo sobre os seus braços e o mundo que se explodisse com seus problemas supérfluos. Nada mais para ele importava naquele momento.

Seu irmão do meio, o que seguia Sérgio para todos os lados quando era pequeno, que sobreviveu ao massacre que matou os seus pais e era motivo de orgulho em todos os aspectos para Sérgio estava em seus braços.

Teria um sentimento maior que esse? A certeza de que quem amamos estar vivendo no mesmo mundo que nós? A pessoa que daríamos o mundo por ela está em nossa frente. Se recuperando de um problema que poderia ter tirado a sua vida por questão de minutos. Tudo isso para que futuramente voltasse ao convívio do lar e Sérgio nunca mais desperdiçar nenhum momento junto de Ricardo e Liana.

Era incrível como apenas depois que quase perder ele que Sérgio pudesse dar valor a pequenas dádivas como passar alguns minutos no abraço do irmão ou apenas escutar a sua voz sem ser através de um telefone. Ele deveria ter aprendido essa lição quando os pais morreram, mas não. Precisou outra quase tragédia mudar a sua vida para Sérgio perceber que não adiantava se desgastar trabalhando, se virando em mil, já que nada o que ele fazia poderia seus pais de volta, ou até mesmo Ricardo, se algo a mais tivesse acontecido aquele dia.

E ele finalmente aprendeu a lição.

Aos poucos estava mais ciente que momentos como aqueles não voltariam nunca mais e se

dependesse dele, não os deixaria passar.

— Ei, ele não é só teu. — Liana empurrou Sérgio e abraçou o seu irmão. — Meu retardadinho, que saudade!

Sérgio se afastou enquanto limpava uma lágrima ou outra que escapou naquele momento. Fernanda fez um esforço, quase descomunal para levantar-se e foi ao encontro de Kado, e teve que esperara que Liana o soltasse.

Fernanda não se sentia tão atrás em relação ao que Sérgio sentia sobre esse momento. Aprendeu a amar Ricardo assim como se ele fosse seu filho e doía em saber que ele precisou passar por tudo isso para enfim eles reconhecerem o seu problema e procurar ajuda. Em partes ela até se culpava por não ter percebido mais cedo para não deixar chegar a esse ponto.

Porém agora não adiantava mais chorar pelo passado, era hora de encarar o futuro e ver, com os próprios olhos, que Ricardo estava bem melhor do que o que havia saído de casa há poucos dias.

— Cuidado que apertar demais pode fazer com que ela exploda. — Comentou Sérgio sorrindo.

Uma estranha sensação de plenitude tomava conta do seu corpo.

— Ainda não. — Fernanda abraçou e beijou a bochecha de Ricardo. — Ele ainda tem mais um tempinho aqui dentro.

— Tempinho, porque se ficar tempão vai ocupar o teu corpo todo. — Liana completou e todos riram.

Ricardo estava mais magro do que já era. Isso foi a primeira coisa que Sérgio e Fernanda notaram. Mas isso não era nada comparado ao brilho nos olhos de Ricardo e o sorriso no seu rosto ao encontrar a sua família novamente.

Miguel apareceu após alguns minutos de privacidade aos quatro. Enquanto Liana e Ricardo colocavam as novidades em dia, os três conversavam em outro canto.

— O Ricardo é um ótimo paciente. Não tenho nenhuma queixa dele quanto a comportamento ou ordens. Nunca se negou a tomar os remédios ou problema de cuspir eles depois que a enfermeira sai. Um problema que temos com quase todos os internos daqui. Ricardo aceita que tem problemas e isso é um meio caminho tortuoso andado.

Como sempre, Miguel enrolava mais do que falava o que se queria ouvir. E Sérgio já tinha começado a notar o modo como ele olhava para Fernanda, quase hipnotizado nos seus olhos castanhos. Por isso que interrompeu a explicação dele e sugeriu que Fernanda se sentasse, ou Inácio ia sair de dentro dela e bater na cara do médico.

— E quanto ao tratamento? Como ele está se saindo? — Cortou Sérgio já impaciente.

— Agora começamos a segunda parte do caminho também tão tortuoso como o primeiro. Ele é introspectivo demais. Coloquei ele em alguns grupos, de dinâmicas ou até de conversas, e ele sempre ficou quieto, sempre ouvindo muito mais do que falando.

— Ele sempre foi assim.

— Exatamente — continuou Miguel calmamente. — É uma coisa dele e não podemos

mudar. Ele se abre mais trabalhando sozinho comigo, seja no horário dele ou até mesmo conversando casualmente pelo jardim. Depois que pega confiança conseguimos fazer com que ele se abra mais.

— Comigo foi assim também. Quando eu cheguei ele ficava com os dois pés atrás, mas depois que pegou confiança....

— Sim. E eu já cheguei à conclusão que a convivência em terapia de grupo não vai ajudá-lo tanto como a individual. Vai funcionar até certo ponto, no quesito de escutar outras histórias e relatos de pacientes que passaram e passam pelo mesmo que ele e pronto. Depois é com ele mesmo e outro profissional que ele se sentir à vontade.

— Isso é por um certo tempo, não é? — Sérgio perguntou querendo que Miguel olhasse para ele, e não para Fernanda. E como não quer nada, Sérgio colocou a mão no recosto da cadeira em que ela estava sentada.

— Como eu já disse, nada disso é exato. Eu digo o que no momento é necessário, tanto as terapias individuais, as em grupo e o uso de medicamentos. Semana que vem posso dizer que a individual não adianta mais e que as duas seguem até ele apresentar alguma melhora.

Sérgio não gostava da ambiguidade, mas aceitava. Era o que poderia fazer, naquele momento, já que via os resultados visíveis no irmão. Apenas disse para Miguel reforçar a comida dele por alguns dias antes que o guri desaparecesse.

— Vocês já vão? — Kado questionou quando a hora chegou. Ele ainda nem tinha levado Fernanda à biblioteca que tinha ali, ou Liana até a sala de música onde tinha algumas oficinas. E muito menos Sérgio a qualquer outro lugar que ele quisesse ir.

— Por mim ficaria mais. — Liana respondeu automaticamente. O tempo que ficaram nem deu para conversar direito. Ela tinha tantas coisas para dizer ao irmão. De como a escola continuava chata, os ensaios no CTG e que Bia o esperava para que ano que vem ganhassem o prêmio de melhor casal de prenda e peão do estado.

— Nem éramos para estar aqui. — Fernanda colocou a mão no rosto dele. — Quando for dia de visita mesmo o Sérgio volta.

Ela não quis dizer que não estaria junto nessa ocasião. Não precisava que Ricardo ficasse com isso na sua cabeça. Precisava que ele estivesse completamente focado na sua recuperação. Era isso que importava naquele momento.

— Claro. — Sérgio disse apressadamente. — Primeiros a entrarem e últimos a saírem. E quando tu voltar para casa o opala vai estar nos esperando para a gente acabar aquele motor de uma vez. Aproveitei o tempo e mandei para a chapeação e estofamento.

— Não vejo a hora de ver ele pronto.

E então se despediram com a promessa que da próxima vez Ricardo estaria melhor do que hoje e assim até o dia de sair e voltar para casa.

Os três caminharam em silêncio até o estacionamento para voltarem para casa. E quando chegaram no carro, Fernanda sentiu a pior dor da sua vida e sentiu um líquido quente escorrendo pelas suas pernas.

Capítulo 52

Respirar fundo. Eram essas as palavras que escutava de todas as pessoas que passavam pela sala onde Fernanda estava. Uma sala completamente desconhecida, com fluxo intenso de pessoas a sua volta e mulheres gritando.

Não era de espantar se ela estivesse no mínimo em pânico, sozinha e recebendo olhares mortais das outras mães que estava ao seu lado, em trabalho de parto e com dores horríveis. Fernanda era a única sortuda na sala de parto que não tinha apresentado contrações dolorosas. E isso era como se fosse um alvo tremulante vermelho em uma arena com touros raivosos.

Sua bolsa havia estourado ainda no estacionamento da casa de repouso onde Ricardo estava. Sérgio teve apenas o tempo de volta à recepção e pedir uma indicação de hospital mais próximo.

E quando chegaram ao hospital, ela foi encaminhada a sala de parto e já tinha perdido a noção do tempo em que estava ali esperando que as contrações comesçassem, ou que ela tivesse alguma dilatação, que mesmo com a medicação entrando no seu corpo pelo soro, não dava resultado.

Sentia-se só. E sabia que isso não era só um sentimento, era uma realidade. Sérgio deveria ter pegado a estrada com Liana de volta para a cidade. Ele avisaria a sua mãe e ela estaria aqui no outro dia. Ou pelo menos ela esperava que isso acontecesse.

Sabia que a mãe não era acostumada a se deslocar da cidade para a capital e muito menos como se locomover ali dentro. Fernanda esperava que ela pegasse o dinheiro guardado no fundo do seu guarda-roupa para fazer isso. Seria uma boa parte dele gasto nisso, mas ao mesmo tempo, reconfortante para Fernanda. Pelo menos teria alguém ao seu lado.

E isso era o que ela mais queria naquele momento. Alguém ao seu lado, segurando a sua mão e dizendo que tudo daria certo. Mesmo que fosse só da boca para fora e alguém conhecido. Não era nada tranquilizador escutar essas palavras de alguma enfermeira que só queria liberar o seu leito para a próxima mãe ocupar seu lugar.

Fernanda já tinha caminhado por toda a extensão da sala diversas vezes. Até não conseguir mais por causa da dor nas pernas e o cansaço em carregar sozinha o suporte do soro. Ela não era como as outras mães que tinha os pais ao seu lado a ajudando naquele momento mágico.

Olhava para os lados e tinha vontade de chorar. De nervosa, medo e por estar abandonada. Queria que a dor viesse de uma vez, assim saberia que em breve Inácio estaria nos seus braços e teria a certeza de que nunca mais iria sentir-se desse forma.

Do outro lado de uma porta, Sérgio estava começando a ficar com as pernas dormentes, ainda mais com a Liana dormindo em cima dele. E ela estava pesada.

Ele não tinha a mesma facilidade da irmã em dormir em qualquer posição ou lugar. Simplesmente toda as vezes que fechava os olhos, sua mente era tomada por pensamentos e inúmeras coisas que poderia estar acontecendo naquele momento, especialmente atrás daquela porta.

A última vez que viu Fernanda, ela estava apavorada. E não era para menos, sua bolsa

havia estourado e Inácio estava chegando alguns dias antes do previsto pegando todo mundo de surpresa.

Ele e Liana estavam às cegas. Não sabiam se Inácio já tinha nascido ou se Fernanda estava bem. E isso era bem mais perturbador do que Liana dormindo em cima das pernas de Sérgio quase bloqueando a sua circulação.

E com todo amor e carinho que Sérgio possuía, ele levantou Liana, que nem se mexeu e conseguiu caminhar um pouco pelo corredor vazio e na penumbra. A noite já era alta e o movimento caído drasticamente desde que eles haviam chegado. Sérgio caminhou até o posto de enfermagem a fim de conseguir alguma novidade sobre Fernanda e Inácio.

A enfermeira, que havia chegado depois que eles já estavam lá, se solidarizou com a história completa que Sérgio narrou. De que saíram cedo de sua cidade do interior, que o bebê não era para aqueles dias e que estava sem nenhuma notícia desde que chegaram. Nenhuma pessoa sem uma alma deixaria de se cativar pelos acontecimentos daquele trio. Pediu alguns minutos para ver o que conseguia saber sobre Fernanda e saiu.

Por trás do vidro do balcão, Sérgio conseguia ver o movimento nas salas que davam para onde ele estava. O vai e vem de pessoas com bandejas nas mãos com medicamentos, o barulho de conversa e alguns urros assustadores. Fazendo com que ele se afastasse do vidro um pouco.

Lembrava da mãe dizendo que nunca tinha sentindo tanta dor quando ele nasceu. Ela fazia questão de dizer isso todas as vezes que tinha a oportunidade e lembrá-lo que, quando chegasse a hora, não deixasse sua mulher fazer um parto normal. Que trabalhasse para pagar uma cesárea. Era o mínimo que ele poderia fazer após a mulher carregar a criança por nove meses dentro de si e com todas aquelas restrições.

A mulher sofria fisicamente e o homem no bolso. Eram essas as palavras da mãe de Sérgio quando tocava nesse assunto. Ele agora entendia ao ouvir os gritos pelo vidro do balcão.

Seriam de Fernanda?

Isso fez com que o chão nos seus pés sumisse por completo. Ela era frágil demais para aguentar um parto normal. E agora ela estaria em cima de uma maca, sozinha e gritando de dores horríveis. A mãe de Sérgio, onde ela estivesse, estava olhando de cara feia para o filho não ter pensado nisso antes. E ele chegara a sentir até o olhar de reprovação, o mesmo que recebeu ao longo da vida e que ainda lhe assustava.

Impacientemente e esperando que não fosse tarde demais, Sérgio esperou que a enfermeira voltasse e quando a viu voltando quase se botou no vidro de ansioso por respostas.

— Ela ainda está no soro, sem dilatação ou soro. Sem previsão de quando o bebê vai nascer. — Disse sem expressar nenhum sentimento ou solidariedade a pobre alma que gritava desesperada de dor.

— E por quanto tempo ela pode ficar assim? Não faz mal para o bebê ficar lá depois da bolsa estourada?

— Por um certo tempo não, mas como estamos longe dessa margem o médico nem se preocupou em fazer outras coisas. Isso aqui está cheio hoje! — Quis encerrar a conversa.

— E quando esse tempo acabar? — Sérgio começava a soar impaciente.

— Aí vemos o que temos disponível.

A resposta de enfermeira foi como um soco na sua cara. E doeu como tal.

Então Fernanda estava em algum canto de uma sala, sozinha, observando tudo ao seu redor e ainda nem sabia o que poderia acontecer com ela?

Essa verdade enfureceu Sérgio. Ele queria entrar dentro daquela sala e ficar ao lado dela. E quando questionou se poderia fazer isso a enfermeira respondeu, sem nem levantar os olhos do que estava fazendo, que só o pai poderia estar presente.

Novamente ele ficou furioso com a falta de tato de certas pessoas. Se estivessem no hospital da cidade, até o tio-avô da quinta geração passada poderia entrar e ficar ao lado de Fernanda. E tinha um caso parecido com esse na cidade em que moravam.

— Vocês vão ver o que está disponível?! — Por alguns tons Sérgio não se alterou.

Era incompreensível o que ele estava escutando. E se acontecesse alguma coisa nesse meio tempo e ninguém visse? E se fosse tarde demais para eles “verem o que teriam disponível” para Fernanda e Inácio? Um absurdo, segundo os princípios de Sérgio.

Se estivessem em casa, ele já teria falado com todos os médicos disponíveis e ainda estaria lá dentro com Fernanda. E era exatamente isso que ele faria naquele mesmo instante.

— Quero falar com um médico! — Pelo vidro, a enfermeira teve que segurar a vontade de revirar os olhos. Aquele era o início de um plantão conturbado.

— Senhor, — ela tomou uma respiração e sorriu amigavelmente. — Eu lhe garanto que a sua amiga está sendo bem cuidada lá dentro. Isso aqui é uma maternidade pública, tenho milhares de outras grávidas entrando a cada minuto para terem os seus bebês de graça. O médico não vai sair de onde ele está para responder as mesmas coisas que eu já disse.

E então Sérgio entendeu o cerne do problema. Sorriu amistosamente para a enfermeira e fez o pedido novamente, mas com um porém que mudava toda a questão.

Fernanda continuava à espera. Ela tinha dormido em algum ponto da espera e acordou quando o movimento ao seu redor se intensificou. Sua cama começou a se movimentar por entre as outras. Olhou para a enfermeira e perguntou para onde estava indo.

— Para a sala de cirurgia. O médico está a sua espera para fazer a cesárea.

Ela tentou levantar, mas foi bloqueada por outro par de mãos. Pediram para que ela voltasse a se deitar que logo tudo se arrumaria e o seu bebê estaria nos seus braços.

O que ela não entendia de fato era a opção de a cesárea ter chegado tão abruptamente. Ela havia conversado com a sua médica sobre essa possibilidade e de quais seriam os casos que seria aplicada. Todos eles eram sinal de que tinha alguma coisa errada com ela, com Inácio ou até mesmo com ambos.

— Por favor, me diz se tem alguma coisa errada com a gente. — Suplicou com as lágrimas ardendo nos seus olhos.

Isso estava se tornando desesperador. Todos os sonhos de o dia do nascimento de Inácio ser perfeito e com tudo saindo perfeitamente bem, estavam indo para o ralo. Não era para ela estar nesse hospital, longe de casa e de todos, sozinha e agora com algum tipo de risco

desconhecido.

— Está tudo certo — a enfermeira lhe sorriu.

— Então porquê da cesárea? — Quis saber afoitamente.

— Só recebemos a ligação da sala de cirurgia dizendo para te levarmos para lá. Tudo ficará bem, e assim o teu bebê chegará mais rápido. Ainda hoje.

As lágrimas estavam caindo dos seus olhos. Medo, ansiedade, nervosismo e, principalmente, alívio em saber que Inácio e ela estavam bem. Isso era apenas para tirar o pequeno teimoso que fez a bagunça de romper a bolsa, mas não queria sair. Pela primeira vez na tarde, Fernanda relaxou e pode sorrir entre as lágrimas.

Chegou a outra parte do hospital e, com a ajuda, foi despida e vestida com as roupas especiais de cirurgia. Em um breve resumo, foi apresentada ao médico e ao que iria acontecer naquela sala.

— O espetáculo mais perfeito de todos. — Garantiu o médico por detrás de uma máscara, mas que pelo os olhos, ela sabia que estava certo.

Fernanda foi sentada na mesa quando outra pessoa, vestida igual a todos os outros e se aproximou dela quando um enfermeiro o puxou para ajudar a segurar a cabeça de Fernanda, para que ela ficasse a mais imóvel possível para a anestesia ser aplicada.

A primeira impressão que Fernanda teve era que ele era alto. Mais alto que a maioria das pessoas, aliás, só existia uma pessoa tão alta que Fernanda conhecia e....

— Sérgio... — Ela sussurrou ao encerrar os olhos do novo enfermeiro que tinha os olhos brilhantes.

— A Liana está me xingando e vai me xingar pelo resto da vida por eu ter deixado ela colada em um sofá na recepção e eu aqui dentro vendo tudo de camarote.

Eles se abraçaram.

Era o que Fernanda mais queria no mundo. Um abraço de alguém que gostasse muito e que ficasse ao seu lado no momento mais importante da sua vida. O nascimento do seu filho.

Sérgio era a escolha perfeita para aquele momento.

Capítulo 53

Foi o tempo de um suspiro. Assim assimilou o tempo em que deixou de ser apenas Fernanda para ser mãe.

Ela não imaginava que seria tão rápido e não estava nenhum pouco preparada para quando o médico anunciou que seu filho estava nascendo. Foi o tempo de soltar um suspiro de surpresa e a sala se encher com um choro fraco.

Era um fato: Fernanda, daquele momento em diante, não estava mais sozinha, ganhara o maior e melhor companheiro que uma pessoa pudesse sonhar. Um filho.

Inácio não chegou com a mesma tranquilidade de quem não queria sair. Bem pelo contrário, chorou por terem tirado ele de dentro de sua mãe à força, por assim dizer. Nem tinha conseguido se despedir direito do local que havia passado os últimos oito, quase nove meses.

Só se acalmou de fato quando o colocaram em cima de Fernanda. O contato entre mãe e filho foi instantâneo, e Inácio se acalmou sendo abraçado por sua mãe que beijava o seu rostinho enrugado em meio as suas lágrimas.

Essa sempre será a cena mais comovente, que alegra a vida dentro de um hospital. A chegada de uma nova vida a esse mundo era sinônimo de tantas coisas boas e felicidades, que a ala da maternidade era a mais iluminada de todas. Talvez não era coincidência que o parto também era chamado de dar à luz.

Sérgio ficou estarelecido com o que tinha presenciado. Nunca imaginou na sua vida que presenciaria um parto. Principalmente depois que a mãe havia lhe assustado tanto com as histórias que contava sobre o seu e de seus irmãos. Porém, sentindo-se no dever de acompanhar Fernanda, por saber que estaria sozinha e completamente vulnerável, não pensou duas vezes ao avisar ao médico que entraria junto na cesárea.

Pelo preço que havia pago, ele poderia até levar o papa para dentro da sala de cirurgia, mas não chegou a essas vias de fato. Apenas solicitou a presença e foi atendido de bom grado.

Claro que havia o risco de ele cair desmaiado no meio do chão e ter que ser atendido às pressas. Ele mesmo não duvidava que poderia acontecer, da mesma forma quando era pequeno e viu o pai ajudando a carrear um porco para um churrasco gigante no CTG. Ou nauseou-se quando começou a aprender os cortes de carne para atender no açougue.

Nada disso era comparado a um parto, mas sua mãe dizia que todas as carnes tinham o mesmo princípio. Ótimo parâmetro para Sérgio não entrar na sala de cirurgia, mas ele engoliu o medo/asco de ver alguma coisa além e entrou vestido a rigor para a festa que se dava naquela sala.

E que espetáculo, senhoras e senhores!

Ficou ao lado de Fernanda a acalmando e acariciando os cabelos por baixo da touca que ela usava. Como suspeitava, ela estava assustada ao extremo. Não foi fácil fazê-la se acalmar para que a cesárea começasse. Sua preocupação toda era em Inácio. Se ele estava bem e se não estavam escondendo alguma coisa dela.

Era bonitinho ver a preocupação nos seus olhos, mesmo quando ele garantia que tudo

estava muito bem. Só estavam dando uma ajudinha ao Inácio para que ele nascesse mais rápido. E foi bem rápido, mesmo. Nem conseguiu acalmar Fernanda completamente e quando percebeu, ele já estava nas mãos do médico chorado.

Uma cena impactante. Um serzinho puxado pelas perninhas e meio acinzentado. Incrível como uma coisa assim possa fazer a vida de uma pessoa mudar tanto.

Sérgio nunca parou para pensar em ter filhos. Vanessa também nunca teve a empolgação com crianças, como Sérgio tinha com as dos outros. Porém ali, vendo Inácio sendo colocado em cima de Fernanda, embrulhado em um pano qualquer que a enfermeira pegou, ele não pode deixar de se imaginar como pai. Tendo uma família completa, esposa e filhos e, principalmente, com os irmãos levando as suas vidas independentes.

Era uma cena tão real que Sérgio quase poderia sentir ela acontecendo na sua frente. Como se a mulher que estivesse na maca fosse sua esposa e o bebê nos seus braços seu filho.

Seu coração parou por alguns milésimos de segundos e a realidade se misturou com a cena de sua cabeça que ele não percebeu o limite entre elas. Aproximou-se de Fernanda, encostou a sua cabeça na dela e sentiu-se como o homem mais feliz da face da terra pela esposa e filho que tinha. Inclusive lágrimas desceram dos seus olhos e com a máscara beijou Fernanda e Inácio na cabecinha.

Inácio foi levado logo após, rápido demais para o gosto de Fernanda. Ela queria ficar com o seu filho nos braços por mais tempo. De preferência nunca mais soltar. Queria memorizar todas as feições que ele tinha. Os dedinhos minúsculos das mãos que abanavam em busca de alguma coisa para segurar. Ou até mesmo os finos cabelos escuros que cobriam a sua pequena cabeça.

Ao contrário disso, Fernanda teve que ficar na sala de cirurgia enquanto o médico acaba de fazer a cesárea. Sérgio tinha acompanhado a enfermeira que havia levado Inácio e novamente ela estava sozinha.

E dessa vez, ela estava feliz. A felicidade não cabia dentro de Fernanda.

Não havia problemas, a despedida da casa de Sérgio, o modo como descobriu a sua gravidez, o aborto encomendado pelo o pai biológico de Inácio ou qualquer outra coisa que pudesse causar alguma dor de cabeça futuramente. Ela era mãe, e isso bastava para tudo se resolver...

O tempo passou como um piscar de olhos, principalmente para Sérgio. Acompanhou Inácio no seu primeiro banho até o vestirem, com uma roupinha que o hospital conseguiu, já que eles não tinham nada. Coisa que Sérgio resolveria quando as lojas abrissem pela manhã.

Encontrou Liana sentada no mesmo sofá em que havia lhe deixado, só que dessa vez com uma sacola de doces ao seu redor.

— Quem mandou deixar a tua carteira comigo? — Ela deu os ombros inocentemente. — Bateu a fome e a única coisa que me agradou foram os doces.

Sérgio só pode fazer uma única coisa: sorrir. Nada estragaria o seu bom humor.

— Sobrou um para mim? — Liana riu e entregou o que sobrou para o irmão e começou a perguntar mil e umas coisas sobre o parto de Inácio.

E o irmão não poupou nenhum detalhe da experiência que tinha assistido tão de perto. Liana não entendia a metade dos sentimentos que Sérgio tentava passar e ele esperava que a irmã em breve pudesse entender.

Foram até a ala da maternidade onde através do vidro conseguiram enxergar ao longe Inácio dormindo tranquilamente ao lado de outros bebês.

— Quero ver ele de perto. Só consigo ver que tem uma criança lá, mas não definir.

— Acho que todos os bebês têm a mesma cara aqui, Li. Enrugado e vermelho. Melhor do que o tom de cinza e gosmento que ele nasceu.

— Pode ser. Mas mesmo assim. Todos eles têm uma plaquinha de identificação, o coitadinho do Inácio não tem nada. — Liana ficou na ponta dos pés para conseguir ver melhor.

— Nem roupa — Sérgio completou — amanhã vou ir a alguma loja e comprar umas roupinhas para voltarmos para casa.

Percebeu a movimentação no seu bercinho e suspeitou que ele estivesse bocejando. Olhou no relógio e percebeu que já era madrugada. Começou a sentir o cansaço físico e a necessidade de um banho para tirar o cheiro de hospital. Sabia que pela quantidade que Liana havia comido de chocolate e dormido em cima dele, que viraria a noite se ele deixasse. E com muita conversa, conseguiu convencer ela a irem para o quarto em que Fernanda iria depois da sala de recuperação, a qual passaria a noite. A cesárea, por ter sido paga, dava direito a um quarto privativo.

Não era um hotel cinco estrelas, mas tinha um sofá para Sérgio e colocaria Liana em cima da cama. Só esperava que nenhuma enfermeira entrasse durante a madrugada e confundisse a irmã com uma paciente.

Fernanda, nos primeiros raios de sol do dia foi para o quarto. Ela ainda estava meio grogue dos medicamentos para dor e havia dormindo um sono confuso que beirava a consciência e a inconsciência constantemente.

Só acordou mesmo no meio da manhã, com a movimentação de Liana a sua volta. Abriu os olhos e encontrou a menina quase em cima dela.

— Finalmente acordou. Pensei que estivesse em coma.

— Ähn...? — Fernanda voltou a fechar os olhos, e fez uma força descomunal para reabri-los.

— Bom dia, Fernanda! Inacinho ainda não apareceu aqui, a enfermeira disse que ele só ia chegar quando tu acordasse.

Fernanda tentou levantar, mas não conseguiu pela dor horrível que lhe acometeu. Colocou a mão em cima da barriga, bem menor do que ela havia se acostumado. Aquele era mesmo o seu corpo?

Ela conseguiria se readaptar a ficar sem a barriga gigante?

— Nós dormimos aqui no sofá — Liana ainda continuava a falar pelos cotovelos. Muito chocolate no sangue, Fernanda desconfiava. — Era para eu dormir na cama, mas o mano inventou de dizer que uma enfermeira iria entrar no meio da noite e me confundir contigo e me

dar uma injeção na bunda. Aí dormi em cima do mano mesmo.

Sérgio...

Fernanda tentava desnuviar a mente, mas com Liana falando era um pouco impossível. Lembrou da cesárea de Inácio, de ter o seu filho nos braços por alguns segundos e a sensação de plenitude na sua alma. Um pedaço do seu coração nos seus braços. Não tinha nada mais perfeito do que isso. E não via a hora de repetir a sensação.

Lembrou de Sérgio ao seu lado no parto e se pegou sorrindo. Não havia outra pessoa que pudesse ficar ao seu lado naquela hora a não ser Sérgio. Ele era a pessoa que havia ajudado a chegar aquele momento com a força e o apoio que ela precisou em tantas vezes. Seria mais uma daquelas coisas que ela nunca poderia agradecer corretamente para ele.

Viu a porta se abrindo e uma enfermeira chegar. Conversou com Fernanda algumas coisas, como o estado de dor dela, se precisava de alguma coisa e aferiu seus sinais vitais.

— Como está o meu filho? Quando ele vai chegar?

— Inácio é um belo nome, ele encantou todas as enfermeiras da noite, sorri para todas que chegam perto dele. Vai ser um terror quando crescer se continuar com aquele sorriso travesso no rosto.

Fernanda não conseguiu segurar a emoção.

— Vou trazer ele aqui em breve. Ele deve estar com fome, não é?

E momentos depois ele chegou.

Colocaram Inácio no colo de Fernanda e a sensação de estar completa na vida a preencheu novamente. Era tão perfeito aquele momento que ela queria salvar na sua memória todos os segundos. Com a penumbra do quarto, Inácio abriu os olhos castanhos, iguais ao da mãe e abriu um sorriso fofo.

— Ele está sorrindo! — Liana não sabia se ria ou falava. — Ele é tão fofo! Quero morder essas bochechas!

E Fernanda ainda não tinha conseguido desgrudar os olhos do filho.

Pela primeira vez na vida conseguiu entender todos os sacrifícios que sua mãe fez por ela em todos esses anos. E até mesmo que a mãe de Sérgio, Ricardo e Liana havia feito. Ela faria a mesma coisa.

Duas vezes se fosse possível.

Daria a sua vida pela a de Inácio em qualquer que fosse a situação.

Capítulo 54

Sérgio estava em um dilema.

Queria entrar no quarto de Fernanda, mas sabia que se fizesse isso, não conseguiria se segurar. Ainda não confiava completamente nos seus instintos e sabia que se entrasse naquele quarto e visse Fernanda sorrindo daquele jeito emocionado, não resistiria.

Ele queria a beijar. Profundamente e pelo tempo que quisesse. Ou seja, por muito tempo.

De onde havia surgido esse desejo? Sérgio imaginava que fosse pelo momento que tinha compartilhado, o nascimento de Inácio. Era mais do que um simples procedimento, era um nascimento de uma vida e porque não de uma afeição que Sérgio sempre nutriu por Fernanda virar um sentimento mais profundo?

Ele sabia que o que se passava dentro dele era bem mais do que o desejo normal que um homem sentia por uma mulher bonita. Ou aquela coisa que ele nutriu por Vanessa por cinco anos e se apagou com o tempo. Era um sentimento bem mais profundo e mais respeitável que alguém poderia sonhar.

E por isso Sérgio estava ali, sentado de frente para o vidro da maternidade, observando as enfermeiras trocarem Inácio e sorrirem para ele. Pensando em como lidar com tudo aquilo que o atropelara nas últimas horas e se não poderia ser apenas um reflexo da chegada de Inácio.

Aliado a tudo isso ainda tinha a dor nas costas de ter dormido muito mal aquela noite com Liana naquele sofá, que deixava quase a metade das suas pernas para fora. Porque não poderiam fazer sofás para pessoas do tamanho dele? E porque ele teve que brincar com Liana dizendo que uma enfermeira chegaria no meio da noite para dar uma injeção nela?

— Para mim essa é a melhor recordação que um pai pode ter.

Sérgio estava não entretido com os seus pensamentos que nem percebeu a chegada de um estranho ao seu lado.

— Depois de toda a correria de chegar até aqui e o parto.... — O cara sorri para o vidro — é bom ver que tudo deu certo. — Ele se volta para o Sérgio — Primeiro filho?

Pego de surpresa pelo alegre desconhecido, Sérgio acabou confirmando.

— Parabéns, cara. Estou aqui com o meu terceiro.

— Parabéns... — Foi o que conseguiu falar enquanto o homem não se continha em apenas sorrir.

— O primeiro é o mais difícil. Muita novidade, mas depois.... só vai. Te dou um conselho, fica ao lado da tua mulher, cara. Ela vai passar por poucas e boas, amamentar é só bonito, porque elas viram um cão quando fazem isso e tu vai ser o alvo de todas as coisas que dão errado. Seja esse alvo. Não importando o que ela dizer. Vai valer a pena, tanto que eu estou aqui pela terceira vez.

O cara riu espantado da cara de medo de Sérgio que se limitava apenas em piscar para o estranho a sua frente.

— Qual é o teu? — Levantou-se e caminhou até o vidro e olhou para Sérgio que ainda

estava sentado, absorvendo tudo aquilo.

— O terceiro. — Disse baixinho — Inácio o nome.

— Belo nome, o meu é o segundo. — Apontou e ambos ficaram olhando para os “filhos”.

Nesse momento Sérgio teve a confirmação de que aquilo que estava dentro dele não era apenas reflexo do momento. Era o sentimento que havia crescendo dentro dele em silêncio e que finalmente tinha vindo à tona.

E ele não tinha a mínima ideia de como conviver com ele.

Fernanda estava completamente alheia a tudo isso e ele tinha a absoluta certeza que nesse momento não poderia pensar em alguma coisa assim. Tinha acabado de dar à luz a Inácio, passado por uma cirurgia e completamente vulnerável. Sérgio não poderia aproveitar do momento em que ela precisava dele para obter algum tipo de relacionamento. Seria altamente indelicado de sua parte pensar em fazer algum avanço.

O “problema” teria que esperar por mais alguns meses. Meses esse que ele acharia que demoraria anos, ainda mais com a cabeça tão ocupada e preocupado com Ricardo na sua casa de repouso. Miguel poderia atestar que Ricardo estava ótimo, mas a preocupação com o irmão e Liana era uma coisa constante, Sérgio nunca mais conseguiria dormir tranquilamente na sua vida. E agora tinha uma grande suspeita que Inácio entrava para esse time.

Conversou com o estranho animado por um bom tempo, até compartilharam a área de fumantes em uma parte externa do hospital. Sérgio não desmentiu o fato de ter se escalado como pai de Inácio em nenhum momento e admitiu para si mesmo que gostou do modo que soava. Quando retornaram ao vidro, nenhum dos bebês se encontravam nos seus bercinhos.

— Bom, é hora de encarar a fera e ser xingado de santo para baixo. Boa sorte, meu amigo.
— Se despediram e Sérgio respirou fundo.

Estava na hora de enfrentar Fernanda.

Entrou no quarto e na penumbra encontrou ela com Inácio no colo e sorrindo. A cena que Sérgio iria guardar para o resto da sua vida.

— Oi. — Ela disse em meio ao sorriso.

Sérgio precisou se encostar na cama para acalmar o seu coração que batia descontroladamente no seu peito.

— Pensei que tinha voltado para casa — o tom baixo da sua voz o fez sorrir.

— Como eu conseguiria deixar vocês sozinhos? — Ele aproximou-se. — Estava apenas resolvendo algumas coisas. Ligando para casa e comprando algumas roupinhas para o Inácio.

— Ah, Sérgio. — Fernanda tocou o seu braço de leve e ele sentiu aquilo direto no seu coração. — Eu não tenho palavras para te agradecer.

Sérgio pegou a mão de Fernanda e a beijou delicadamente.

— Não precisa me agradecer. Faria tudo de novo sem pensar duas vezes.

Os olhos dela encontraram os dele e Sérgio e ele viu a sua felicidade toda em Fernanda. Aquilo foi mais potente que um raio. Não existia luz e nem força viva tão poderosa capaz de

explicar o tão alto Sérgio havia caído de amores por Fernanda.

Ele tentava entender quando isso tudo começou? Será que havia sido quando viu ela cuidando os ensaios dos irmãos em silêncio enquanto ele falava sem parar ao seu lado? Naquela vez que pegou ela nos braços depois da enchente que acometeu a sua região, ou quando acordou depois do porre resultando da briga de Vanessa com Liana e a encontrou sentada, dormindo em sua escrivaninha? Tudo para que ele não se machucasse durante o seu sono bêbado?

Não importava. O fato era o que acontecia naquele momento, e Sérgio sabia que, pela primeira vez na vida, estava apaixonado. E faria de tudo para que Fernanda correspondesse o seu sentimento.

— Não sei o que faria sem vocês aqui comigo. — Lágrimas vieram aos olhos de Fernanda e Sérgio inclinou-se para as limpar delicadamente.

— Já disse que não precisa falar nada. Só descansa e.... Cadê a Liana?

O encanto passou e Fernanda recolheu a mão que Sérgio ainda segurava para terminar de limpar as suas lágrimas.

— Tu deixou ela com dinheiro e ela enquanto não ver o fim não vai sossegar. Disse que iria à cantina para pegar alguma coisa para comer.

Ela assentiu, conhecia a irmã e ela voltaria para o quarto empanturrada e nem se lembraria de trazer alguma coisa para eles. E ele percebeu que estava morrendo de fome naquele momento.

— Já comeu?

— Sim — ela falou enquanto alisava a cabecinha de Inácio. — A enfermeira disse para eu alimentar ele mais tarde. Se ele não chorasse era para insistir até ele pegar. Da primeira vez foi fácil, quero ver como vai ser as próximas.

— A minha mãe dizia que nós três éramos preguiçosos para comer, principalmente o Kado. Tinha que acordar ele para que mamasse. Já a Liana quando se lembrava colocava a casa abaixo se não fosse na hora que ela queria.

Fernanda riu.

— Digamos que ela não mudou muito então.

— Nenhum pouco.

A porta se abre e a pessoa em questão entra não negando que estava realmente comendo.

— Olha quem está aqui! — Liana correu para o lado de Fernanda já esticando os braços.

— Já tenho uma cuidadora oficial — Fernanda olhou para Sérgio e piscou. — Quero ver se ele começar a chorar se vai continuar no teu colo.

— Primeiro de tudo, Li. Vai limpar essa boca suja de chocolate! — Sérgio caçoou. — E quem vai pegar o Inácio sou eu.

Liana tentou argumentar, mas foi em vão. Sérgio foi até o banheiro, lavou as mãos e quando retornou, Fernanda entregou Inácio para os seus braços.

Completamente desajeitado, segurou o pequeno Inácio e não conseguiu conter o sorriso.

Ele era perfeito. Dos fios finos de cabelo na sua cabeça as mãozinhas fechadas para fora do cobertor azul. Embalou, daquela forma automática que as pessoas fazem quando pegam um bebê no colo, Inácio bocejou grande e terminou com um pequeno sorriso.

— Ele sorriu para mim. — Disse entusiasmado.

— As enfermeiras chamam ele de Sorrisinho. Já conquistou umas quatro enfermeiras da maternidade. Acho que vou passar trabalho quando ele crescer.

— Vai sim, não é, Inacinho? Eu e o tio Kado vamos te ensinar a fazer tanta arte. A puxar os cabelos da tia Li, de mexer nos cd's dela e vai correr pelo pátio só de fralda e sujo de graxa com a gente mexendo nos carros, não é?

Inácio se mexeu, como se concordasse e abriu os olhos.

Encarou Sérgio como se aceitasse toda e qualquer coisa que ele oferecesse para o resto da sua vida. Aceitaria a sua ajuda desde as primeiras engatinhadas, primeiros passos até quando Sérgio pudesse o ajudar.

Era o selamento de uma jura entre pai e filho.

Sérgio sempre havia sido um irmão para Ricardo e Liana, apesar de todas as responsabilidades sobre eles sempre teria esse status. Já com Inácio ele mudava o patamar de irmão responsável para pai. A maior responsabilidade na vida de um homem. Ser o porto seguro de uma criança e o guiá-lo para o resto da sua vida. Pois uma vez pai, sempre pai. Em qualquer lugar que esta pessoa estiver o cargo será o mesmo.

Sérgio sabia que o seu estava olhando por ele naquele momento e o guiaria todos os dias para que ele fosse o pai que Inácio precisava e teria. Assim como ele teve e ainda tem o seu.

Capítulo 55

Era ótimo estar em casa.

Respirar o ar de sempre, os cheiros característicos que só a sua cidade natal poderia proporcionar. Ainda mais depois de uma estadia tão conturbada e cheia de surpresas no meio do caminho.

Saíram do hospital no outro dia. Fernanda ainda caminhava com um pouco de dificuldade por conta da cirurgia, Sérgio carregava Inácio no colo e Liana vinha com a cara amarrada atrás deles. Nunca que Sérgio deixaria ela levar o bebê no colo até o carro. Se ele já tinha medo de cair, quem dirá Liana, estabanada do jeito que era.

A última parada antes de pegarem a estrada de vez foi para visitar Ricardo. Ele não poderia ser deixado de fora em conhecer Inácio em primeira mão. Afinal o nome de Inácio era mérito total de Ricardo. E foi um encontro emocionante.

Miguel incentivou a apresentação, disse que era um motivo a mais que ele poderia utilizar na recuperação total de Ricardo. Dando assim mais um motivo para Sérgio ficar confiante. Em breve a família estaria completa novamente e ele poderia se concentrar em seu novo plano: conquistar para sempre o coração de Fernanda.

Ele teria tempo para planejar tudo com calma, e quando a hora chegasse, Fernanda não conseguiria resistir a ele. Nos pensamentos de Sérgio, tudo seria facilmente resolvido.

E um dos primeiros passos ele daria hoje. Ao chegarem em casa, encontraram a mãe de Fernanda esperando por eles no mercado conversando com Nara. Desceram do carro e Inácio foi apresentado a todos com aquele sono gostoso e um sorriso no rosto.

Fernanda estava cansada. Mas nem por todo a dor que ela estava sentindo por dentro e dos pontos, deixaria de ficar feliz em estar com Inácio nos seus braços. Não havia uma mãe mais feliz do que ela àquela hora e todos os presentes naquele momento eram testemunhas desse fato.

— Ele é tão grande — sua mãe disse ao pegar o neto no colo. — Tu era pequena, Fernanda, mas em compensação ele tem o teu rosto. Até o narizinho arrebitado.

Que assim fosse, pensou Fernanda consigo mesma. Em todo esse tempo ela evitou ao máximo em pensar no pai de Inácio. O canalha que a chutou para fora da sua casa com um aborto pago em uma clínica clandestina. Porém escutar aquilo de sua mãe a fez reviver algumas coisas que não queria pensar no momento para não estragar a sua felicidade. Haveria tempo para tal infortúnio, e não seria agora.

— Fiquei tão preocupada quando vocês não voltaram no domingo. Me acalmei por pensar que tu teria ficado na casa deles, mas quando cheguei na segunda...

— Eu imagino, mãe. Eu também fiquei assustada com tudo aquilo e lá sozinha. Pensei que o Sérgio e a Liana tinham voltado para casa e te avisados.

— Se ele fizesse isso eu teria batido nele — Nara olhou feio para Sérgio. — E com todo o consentimento da mãe dele.

— Com certeza. Ela assombraria os meus sonhos para o resto da minha vida. — Sérgio se

arrepiou todo com a visão da mãe lhe xingando todas as noites nos seus sonhos. — Não poderia deixar Fernanda lá.

— Como se eu fosse querer voltar para casa e não conhecer o Inacinho. — Liana falou atrás de algum corredor pegando alguma coisa para comer.

— Tivemos os melhores enfermeiros. — O olhar iluminado de Fernanda atingiu Sérgio em cheio e não escapou dos olhos de Nara que analisava os dois de perto.

Sabia antes de Sérgio admitir para si mesmo que estava completamente apaixonado por Fernanda. Era tão evidente que isso estava acontecendo que só ele que não havia percebido ainda. E o caso de Fernanda era a preocupação com a chegada de Inácio. Agora que ele havia chegado, por um tempo Fernanda ainda ficaria na volta do filho, mas em breve também abriria os olhos e perceberia que estava se apaixonando por Sérgio.

E Nara seria uma das primeiras pessoas a apoiar e ajudar o novo casal. Não via a hora de Sérgio ser feliz e Fernanda era a pessoa perfeita para que isso se realizasse.

— Está quase na hora do ônibus, Fernanda. — Sua mãe, ainda com Inácio no colo disse olhando para o relógio.

— Ônibus? — Sérgio se manifestou e recebeu um sorriso de Nara. — A Fernanda e o Inacinho já balançaram demais nessa viagem, eles não podem embarcar em um ônibus para uma estrada de chão esburacada. Vão ficar lá em casa, e a senhora também, claro.

— Eu também concordo! — Nara interveio no assunto. — Fernanda e Inácio devem descansar por agora. Não seria prudente levar eles para casa. Essas estradas estão tão péssimas e eu sei que as dores de uma cesárea são horríveis.

Fernanda hesitou. Realmente estava cansada e não via a hora de chegar em algum lugar, tomar um banho, um remédio para dor e dormir um pouco. Aproveitar enquanto Inácio dormia por grande parte do tempo.

— E nós precisamos conversar — Sérgio falou baixo.

Sim, isso também. Fernanda ainda precisava acertar com Sérgio as contas sobre o seu trabalho. Agora com a chegada antecipada de Inácio, algumas coisas teriam que ser programadas com mais urgência.

— Só por essa noite. — Disse por fim, ignorando os olhares da mãe de negação. — Concorde que estou cansada e acho que não aguento outra viagem para casa batendo naquele ônibus velho.

— Então está resolvido. Vou deixar vocês em casa e volto para cá para resolver o que deve ter de pendência. À noite conversaremos, Fernanda.

Finalmente Fernanda conseguiu deitar-se e dormir um pouco. Estava confortavelmente deitada na cama de Ricardo, quando escutou o gemido baixo de Inácio ao seu lado.

— Olha quem acordou. — Disse ela sorrindo ao pegar o seu filho nos braços com um pouco de dificuldade. — Como tu está, Inacinho?

Aproximou o seu nariz do pequenino dele e se deliciou com o cheiro de roupa limpa, que sua mãe havia trazido de casa do seu enxoval e beijou a sua bochecha fofa. Estava apaixonada

pelo seu filho. E já não conseguia mais imaginar a sua vida longe dele.

— Acho que tu deve estar com fome, não é? — Inácio olhou para a mãe, como quem entendesse o que ela estava falando. — É, eu sei que está, meu amorzinho.

Ainda tinha um pouco de dificuldade em amamentar, mas a enfermeira havia dito que tudo era uma questão de prática. Em breve ela estaria perita em fazer isso, que faria no meio da noite e sem nenhuma luz para auxiliar.

Inácio não precisava de uma segunda pergunta, agarrou-se na sua mãe e mantinha os olhos fixos nos dela até ir gradualmente fechando e adormecer. Uma cena que fez Fernanda suspirar. Colocou Inácio no seu ombro e esperou que ele arrotasse, como lhe assustaram bastante no hospital, caso não fizesse, e continuou com ele no seu colo, ignorando as dores nas costas e na cirurgia. Nada era mais forte que esse amor cru entre mãe e filho.

Ouviu uma batida fraca na porta e pensou que fosse a sua mãe. Sérgio apareceu, com as roupas mais informais, os cabelos molhados do banho e uma barba já começando a cobrir o seu rosto.

— Pensei que tu ainda estava dormindo. — Sorriu ele e entrou no quarto do irmão agora ocupado por Fernanda. — Imaginei que fosse acabar rápido lá no mercado e quando dei por mim já estava dentro de um caminhão descarregando caixas. Ainda o caminhão mais sujo de todos, tive que passar primeiro no banho para chegar perto de vocês.

Ele sentou na cama ao lado de Fernanda.

— Muito trabalho acumulado?

— Não muito, pensei que estaria bem pior. E como ele está? — Olhou para Inácio dormindo e sentiu o coração ficar mais leve.

— Dormindo como um príncipe. Acabei de amamentar e agora ele volta a dormir por um bom tempo. Minha mãe e a Li deram um banho nele quando chegamos e eu tomei outro.

— Elas me contaram. Aliás, minha irmã tem uma outra paixão, a tua mãe. E se ela fizer mais um arroz com leite igual aquele, eu vou pedir ela em casamento.

Fernanda riu.

— Vou avisar ela para ficar de olho em ti, e caso queria casar com ela, vai ter que me dizer as tuas intenções.

— Completamente gastronômicas. Pode ser que assim eu consiga fazer o Ricardo engordar um pouco quando voltar.

Ambos riram e ficaram naquele silêncio forçado que antecipa algum grande momento.

— Sérgio...

— Fernanda eu... — Ambos falaram ao mesmo tempo. — Eu falo primeiro, assim não tem chance de tu rebater algum ponto.

Ela calou-se e aconchegou Inácio mais perto do seu corpo.

— Eu sei que tu me pediu demissão e que eu não aceitei. — Sérgio falou olhando para ela — E eu ainda não aceito. O Inacinho nasceu e todos nós estamos muito contentes com a

chegada dele. Eu, o Kado e a Li, desde que nossos pais morreram, ficamos muito isolados e apegados a nós mesmos, apesar de às vezes um querer matar o outro. Mas acredito que isso vai ser para a vida toda.... — Ele sorriu. — Enfim, tu chegou nessa casa de mansinho, assustada e me deixando culpado por ter ti deixado numa jaula de leões com um pedaço de carne fresca na mão. E tu derrotou cada um deles. Me fez conhecer os meus irmãos por outros lados, me ajudou a lidar com o que aconteceu com o Kado e se doou a nós três com uma devoção incrível.

Fernanda sorriu e teve que se segurar para não deixar as lágrimas caírem.

— E por isso que eu tenho uma proposta. Uma proposta louca, mas que eu imagino que seja a única saída para essa casa, para os meus irmãos e para mim também.... — Falou as últimas palavras quase em um sussurro. — Eu quero que tu te mude de vez para cá, com o Inácio e até a tua mãe se tu quiser. Eu arrumo aquela casa lá embaixo para vocês.

— Sérgio isso....

— Deixa eu acabar, Fernanda, por favor. — Suplicou. — Eu sei que tu vai me dar mil e um motivos para não aceitar isso, mas eu sou um cara quase desesperado. Tenho medo que tu saia daqui e eu perca tudo que já consegui com eles. Principalmente agora com o Kado, se não fosse tu me chamando aquele dia.... Não quero nem pensar no que seria a minha vida hoje se não tivéssemos chegado a tempo.

— Tu não vai perder nada, Sérgio. Eu tenho certeza de que não sou nada do que tu está me dizendo. Sou só a empregada da casa que acabou tendo alguns acertos.

— Não te menospreza. Por favor. Tu fez toda a diferença e ainda faz. Por isso te quero aqui, tu me faz ter paz de espírito, uma coisa que eu nunca tive desde que eu voltei para casa. Eu sei que tudo isso é loucura, mas eu prefiro a loucura dessa ideia do que voltar ao que era antes. Preciso de ti aqui, Fernanda. Quero te ver morando aqui, quero acompanhar o Inácio crescendo dentro desse pátio, quero comer mais coisas que a tua mãe preparar e ainda quero te levar para trabalhar comigo no mercado. Não te quero mais como empregada nessa casa, aliás nunca te vi assim. Te quero trabalhando ao meu lado no mercado, como o meu braço direito.

Capítulo 56

Pela janela da cozinha Fernanda observava Sérgio carregar tijolos para a reforma na casa de baixo.

Era uma loucura, como ele mesmo havia dito aquele dia, mas no fundo, Fernanda tinha gostado de ter escutado aquilo. Praticamente resolvia parte dos seus problemas de não querer abandonar a família Chiarelli e ainda ficar com Inácio o máximo de tempo que quisesse.

Um alívio para a sua alma e mais uma briga eterna com a sua mãe. Era claro que ela levaria essa loucura ao pé da letra totalmente. Foi contra a primeira vez que Fernanda havia lhe dito e ainda não aceitava a decisão da filha em ficar.

— Isso não vai dar certo. — Sua mãe falou novamente enquanto Fernanda beijava a barriguinha de Inácio depois do banho.

— Ele disse que tu pode vir para cá também, vovó.

— Isso é loucura, Fernanda! Tu está te apegando demais nessa família e...

— Eu sei qual é o meu lugar aqui. O Sérgio precisa de ajuda e eu de dinheiro. Somos o par perfeito, por assim dizer. As oportunidades que ele está me dando são únicas e eu não estou na condição de desperdiçar, mãe. Por favor, eu e o Inácio estamos bem.

E ela encerrou novamente o assunto ao continuar a brincar com Inácio enquanto colocava roupas nele.

E para o delírio de sua mãe, no outro dia Sérgio havia começa do a reforma daquela pequena casa para uma peça habitável. Ele até tentou explicar para ela como seria as mudanças, mas Fernanda não entendeu coisa nenhuma.

Ainda estava em casa, se recuperando da cesárea e cuidando de Inácio o tempo em que Liana e sua mãe deixavam. Ou seja, quando o filho estava com fome. Era somente nessa hora em que sua mãe e Liana deixavam que Fernanda pegasse o seu filho no colo. De assessoramento de babás, Fernanda não poderia se queixar.

Por isso que ela estava na cozinha, preparando alguma coisa para Sérgio tomar, já que ele estava descarregando os tijolos exaustivamente desde que havia chegado do mercado. Com calma, ela pegou o copo e foi em sua direção.

— Dizem que as pessoas normais cansam. Eu posso atestar que sou uma pessoa bem normal, porque já estou cansada de te ver carregando isso.

Sérgio limpou o suor do rosto e se virou para Fernanda.

— Sempre soube que não era normal, mas confesso que prefiro estar aqui descarregando tijolos do que lendo as apostilas da faculdade que eu tenho ao lado da minha cama.

Ela entregou o copo gelado e ele agradeceu. Sentaram na sombra e começaram a conversar.

— Liguei para o Kado hoje pela manhã e ele antes de perguntar por mim, perguntou pelo Inácio. Acho que perdi os meus dois irmãos por ele.

— A Liana principalmente. Ela e a mãe passam o dia na volta dele. E ontem com a Bia e a

Elis juntas, nem lembraram da minha existência. Acho que vou passar um grande trabalho quando ele crescer.

— Inácio vai ser um terror na adolescência, tudo que o Ricardo não aprontou na escola com as colegas, o Inacinho vai aprontar. Vai ser pior que eu, e olha que eu nunca fui um santo.

Fernanda riu.

— Aquele sorriso sacana dele vai ser uma perdição — continuou Sérgio.

— Para de me assustar, Sérgio! Já não sei como lidar com ele agora, quem dirá daqui há dezesseis anos! Ainda tenho tempo para isso, não vamos colocar os bois na frente da carroça.

E ela riu novamente, para desespero e alegria de Sérgio. Cada dia que passava ele estava mais perdido por ela. E também não tinha a mínima ideia do que fazer. Ainda mais quando a mãe de Fernanda pegou ele de canto num dia desses.

Para o seu desespero ficar completo, a mãe de Fernanda havia percebido a sua inclinação, quase uma queda quilométrica, por sua filha e não hesitou antes de questionar isso para Sérgio. Era uma cena épica, um cara do tamanho de Sérgio gaguejando para uma senhora tão pequena como a filha.

— Minha filha não está disponível, Sérgio! — Ele engoliu em seco. — Conheço a Fernanda e sei como ela se doa de corpo e alma a tudo que faz e a todas as pessoas. Foi assim que ela acabou grávida do Inácio e voltando para casa sozinha e com um filho para criar.

— Eu sei que....

— Se as tuas intenções não são de trabalho, quero que tu diga a ela o mais rápido possível, para que nós possamos juntar as nossas coisas e voltarmos para casa. Ela vai sofrer como nunca sofreu, mas nós vamos sobreviver. Eu só não quero ver a minha filha na mesma posição novamente.

— A senhora pode ter a certeza de que eu nunca faria nada de mal para a Fernanda. — Sérgio falou com a mais pura verdade que seu coração poderia carregar. — Sua filha é única e especial, e eu não estou oferecendo nada a mais do que não está ao alcance dela. Preciso da ajuda de Fernanda aqui em casa e lá no mercado. Eu juro.

De fato não estava mentindo. Apenas omitindo que queria bem mais com Fernanda do que de fato uma relação profissional. Mas nunca faria nada que a deixasse desconfortável ou até mesmo em uma posição a qual ela pudesse sentir-se obrigada a manter uma coisa além para ter o seu trabalho.

Apenas precisava a poeira abaixar de vez. Deixar Fernanda se recuperar de vez do parto de Inácio, se estabelecer na casa nova, no cargo ao seu lado no mercado e Ricardo voltar para casa. Depois que tudo isso passasse e a calma voltasse a reinar naquela casa é que Sérgio começaria a pensar no que fazer em relação aos seus sentimentos com Fernanda.

O problema era ele aguentar até lá, principalmente quando ela sorria em sua direção. Ou passasse ao seu lado deixando o seu cheiro pelo ar. Brincando com Inácio, interagindo com Liana ou até mesmo respirando.

E quando isso acontecia, Sérgio se enfiava no trabalho, como descarregar tijolos. Fez isso

até não restar mais nenhum. Já que o riso de Fernanda, sua mãe e Liana eram bem audíveis para ele. Atirou-se na piscina, de roupa e tudo, fumou mais um cigarro e só depois de tudo isso é que conseguiu entrar dentro de casa, indo direto para o seu quarto tomar um banho descente. Jantou com todos reunidos na mesa e ainda entrou na disputa com a Liana para quem ficava com Inácio no colo por um tempo antes de dormirem. E quando o sono não veio e para que ele dormisse de uma vez, Sérgio pegou uma das apostilas da faculdade.

No outro dia, levantou antes do sol terminar de sair. Abriu o mercado e no meio da manhã, do andar de cima, percebeu a movimentação das funcionárias do caixa. Só uma pessoa poderia fazer esse alvoroço todo: Inácio.

Desceu as escadas e acertou o fato em questão. Lá estava Fernanda, toda sorridente com o pequeno no colo.

— O que tu faz aqui sozinha?

— Não aguentava mais ficar em casa olhando para as paredes. Fomos ao posto de saúde tirar os meus pontos e fazer as vacinas. Ele se comportou como um homenzinho, nem chorou.

— E tu veio sozinha?

— Minha mãe nem sonha que eu sai, ela foi para casa buscar algumas coisas e nós fugimos, não é meu amor?

Claro que ela falava isso para Inácio que bocejava.

— Por favor, Sérgio, eu não aguento mais ficar em casa sem fazer nada. Já estou muito bem e pronta para trabalhar. Hoje à tarde eu vou sair com a Liana comprar uma cadeirinha para deixar o Inácio sentadinho e eu poder fazer alguma coisa.

E ele aproveitou a brecha e pegou Inácio no colo. Como sempre, o pequeno abriu um sorriso ao encarar Sérgio, deixando ele mais embasbacado do que já era com Inácio.

— Consegue subir as escadas? — Fernanda nem precisou responder, levantou e rumou. — Ela consegue mesmo, Inacinho.

Com Inácio no colo, Sérgio subiu as escadas e Fernanda já estava à espera de alguma coisa para fazer. Qualquer coisa que a tirasse de dentro daquela casa sem fazer absolutamente nada. Ficar parada por uns dias era ótimo para descansar, mas o seu tempo havia acabado e ela estava mais do que pronta para trabalhar.

— Por onde começamos?

— Por onde tu quiser. — Sérgio sentou-se na sua cadeira e colocou Inácio sobre o seu peito. — A princípio quero ajuda com tudo, desde a burocracia a coisas mais sérias. Preciso dos teus documentos para fazer uma procuração para ti poder assinar notas e outras coisas por mim também.

A boca de Fernanda abriu e ela não conseguiu mais fechar. Poderia ser leiga em leis, mas sabia que aquilo que Sérgio estava dizendo era importante. Bem mais do que qualquer outra coisa que ela poderia imaginar.

— Uma procuração...? — Ela precisava confirmar o que havia escutado.

— Claro. Assim quando eu não estiver aqui tu pode assinar o no meu lugar. — Falou

Sérgio como se isso fosse a coisa mais banal.

— Mas...

— Eu sei que é uma coisa e tanto, mas eu confio o mercado nas tuas mãos, Fernanda. Meus irmãos e o mercado, as duas coisas mais importantes da minha vida nas tuas mãos.

— É uma responsabilidade e tanto e eu...

— Eu sei que tu vai conseguir. Também me soou aterrorizante nos primeiros dias que fiquei aqui sem o pai para comandar tudo. Mas pensa pelo lado bom, eu vou estar aqui e tu vai aprender com o melhor professor que há.

— Ainda bem que tu é modesto. Vai ficar com ele no colo? Então eu vou começar a arrumar essa tua mesa, que parece um muquifo. Mais desorganizado que o quarto da Liana quando e comecei a trabalhar com vocês.

— Ai! Viu só como é, Inacinho? Vamos descer e dar uma volta pelo mercado, senão vai acabar sobrando até para nós aqui.

Sérgio aproveitou a oportunidade única, em ter Inácio só para si, e começou a mostrar todo o mercado para ele. Claro que Inácio prestou a atenção em tudo e encantou todas as senhoras que estavam no mercado àquela hora fazendo as compras de casa.

Parecia uma típica cena de um pai carregando o seu filho e sonhando com o futuro em que o herdeiro assumisse o seu trabalho. Sérgio viu o seu próprio pai fazer isso com Ricardo e anos depois com Liana. Agora era a sua vez de assumir esse papel.

Que todas as entidades o ajudassem para que Fernanda ficasse ao seu lado para sempre e que Inácio crescesse por entre essas prateleiras não apenas como filho de Fernanda e sim de Sérgio também.

Que o tempo passasse! E de preferência rápido!

Capítulo 57

— Ricardo? — Miguel repetiu o acordando dos devaneios em que estava. — Tudo bem?

— Sim... — Disse depois de alguns segundos de hesitação.

Estavam no consultório de Miguel, como sempre, Ricardo estava sentado no chão, encostado no sofá em uma quase posição de lótus. Com as pernas dobradas e as mãos por cima dos joelhos.

— Já avisou o mano?

— Sim, venho falando com o Sérgio regularmente. Ele liga todos os dias. Amanhã pela manhã ele estará aqui.

Ricardo assentiu.

Estava na casa de repouso há quase dois meses. Gostava dali. Sua vida era metódica, hora para acordar, hora para comer, agenda de atividades e das sessões em grupo e com Miguel. E no tempo vago, poderia andar por entre a propriedade, ficar na biblioteca ou até mesmo conversando com outros internos.

Era prático, arrumado e calmo. Longe de todos os tumultos que habitavam o seu redor quando estava em casa. Sentia-se livre, sem o peso em cima dos ombros e principalmente não precisava se preocupar em encontrar alguém para zombar dele.

Foi acordado por uma das enfermeiras essa manhã avisando que Miguel queria vê-lo e imaginou que fosse uma daquelas consultas repentinas que haviam tendo desde que chegara ali. Fora da agenda normal. Vestiu-se, tomou o café, engoliu os medicamentos sem reclamar e desceu até o consultório. E agora estava ali perante a notícia que estava voltando para casa amanhã.

Era para ser uma notícia boa, não era?

Claro que era! Sentia saudade de casa, do seu quarto, de Liana, Sérgio, Fernanda e agora de Inácio. Quando eles vieram semana passada o visitar foi o paraíso em poucos minutos. Sentia tanta saudade de casa que ansiava por aquele momento. E agora ali estava ele, sentado na mesma posição de sempre se imaginando de volta a todas as suas atividades.

— Algum problema, Ricardo? — Ele levantou os olhos para Miguel e tentou se esquivar. — Sabe que isso não funciona aqui, não é?

E Miguel estava certo. Por mais que Ricardo escondesse alguma coisa sobre ele, Miguel sempre dava um jeito de descobrir o que é e ambos acabavam falando sobre isso. Ok, falando não era bem sempre o que acabavam fazendo...

Quando chegou ali na casa de repouso, Ricardo ainda estava confuso. Não sabendo dos dons tão investigativos de Miguel, se reclusava em uma cápsula de silêncio que parecia uma panela de pressão. E quando Miguel conseguia abrir, como tal, ela explodia com força total. Naquela pequena sala, Ricardo gritou, chorou, teve vontade de quebrar alguma coisa, se desfez em mil pedaços várias vezes e juntou os seus cacos. Sempre com Miguel ao seu lado o ajudando.

Por esse motivo, depois de tantas explosões, chegando ao ápice quando Ricardo jogou

uma das cadeiras na parede de raiva, única coisa realmente móvel naquela sala, que ele sabia que não deveria deixar nada dentro de si quando estava com Miguel. A descoberta por parte dele pode ser bem mais dolorida do que ele precisava.

— Estou com medo. — Disse.

— Te deixaria mais tempo aqui se tu me dissesse que não estivesse com medo. — Miguel sorriu, fazendo com que Ricardo relaxasse e também abrisse um sorriso tímido.

Apesar das explosões, os dois ficaram amigos. Ricardo aprendeu a confiar em Miguel não apenas como seu psiquiatra, mas como seu amigo e a escutá-lo quando ele falava alguma coisa de importante.

— Estar aqui é provisório. Quase uma colônia de férias. Algumas férias duram mais, dependendo da pessoa, mas todas elas acabam um dia.

— E o meu dia chega amanhã?

— Acredito e espero que sim.

— E se eu não estiver? — Ricardo murmurou e de relance olhou para a cicatriz no pulso.

Uma cicatriz que ia além da forma física. Seria uma marca, quase um rótulo para Ricardo para o resto da sua vida. Fora isso, também tinha as marcas psicológicas que se encrustaram em sua alma.

— Ricardo, — Miguel disse calmamente fazendo com que Kado levantasse os olhos em sua direção. — O que aconteceu contigo foi horrível, e eu incluo o que aconteceu com os teus pais e com o teu episódio de suicídio. É um fardo e tanto para uma pessoa tão jovem, mas eu tenho a plena consciência e a certeza de que tu vai superar isso. Eu aposto as minhas fichas em ti.

Ricardo revirou os olhos. Já tinha entendido o recado de que Miguel era apostador nato dele. Mas nem o próprio Ricardo apostava todas as suas fichas em si. E isso já era um avanço e tanto, já que teve épocas que ele não apostaria nenhuma, apostar algumas era muita coisa.

— As pessoas vão falar, Ricardo. — Miguel continuou com toda aquela calma e paciência que ele tinha. — Vão te rotular como maluco, doido e afins, e acima de tudo olhar para a tua cicatriz com espanto. E o que elas vão ver com isso?

— Apenas a verdade. — Concluiu Ricardo, já sabendo aquele discurso de cor e salteado.

— Exatamente. A verdade não ofende. E a mentira também não, pois ela não existe. Então não há motivo para ficar chateado com nenhuma das opções. A verdade é verdade e a mentira é falsa. Porque se estressar com ambas as ocasiões se elas se auto explicam?

Ricardo assentiu. Eles estavam trabalhando nesse rótulo fazia algumas sessões. Agora Kado entendia o porquê.

— E se teus colegas continuarem a fazer coisas que tu ache que vá além do aceitável, chama alguma professora, o Sérgio ou se afasta. Pensa em alguma coisa feliz.... Ou naquelas tuas contas de matemática gigantes.

— Vou fazer o meu melhor.

— E qualquer coisa é só me ligar. Nós vamos ter encontros semanais por enquanto. Sexta

o Sérgio vem para a faculdade e tu vem junto para a gente conversar. Tu não vai te livrar de mim tão fácil assim.

— Já imaginava isso. E os remédios?

Ricardo foi um pouco contra eles no início, mas acabou cedendo aos seus encantos depois de alguns dias tomando. Suas noites de sono eram mais tranquilas, sem sonhos agitados ou os terríveis pesadelos que faziam Ricardo ficar receoso ao dormir. Ele sabia dos perigos dos narcóticos e que eles viciavam, e também entendia a necessidade que ele tinha em tomá-los. Miguel ainda disse que eles poderiam ser passageiros, conforme ele ia melhorando eles iam diminuindo. Tanto que ele já conseguiu eliminar dois desde que entrou aqui.

— Ele continuam por um tempo. Vejo grandes melhoras em ti com o uso deles. Time que está ganhando não se mexe, e enquanto estamos tendo benefícios, não vejo o porquê de eliminá-los. Um passo por cada vez, Ricardo. Nenhum passo além do que as tuas pernas conseguem caminhar. E posso te adiantar uma coisa, esses teus primeiros dias vão ser complicados e talvez eu volte a incluir mais um.

— Ah, isso é um ótimo alívio em saber que eu vou sair daqui, onde eu estou bem e ir para casa onde eu vou piorar. Tu é um ótimo médico, Miguel.

Miguel riu.

— Essa é a minha intenção mesmo. Tu já está além do que podemos te oferecer aqui. Os grupos de apoio já não estão te ajudando, tu é mais de escutar do que falar, e já escutou bastante nos grupos.

Isso foi o que ele mais fez. Escutou histórias e histórias. Desde as de pacientes da sua idade que tentaram tirar a vida assim como ele a pacientes que já tinham passado dessa fase e estavam lá para motivar quem estava chegando. Problemas diversos, alguns traumas piores que o seu, outros não tão impactantes e afins. Ricardo descobriu que a sua condição acometia inúmeras pessoas, pessoas tão normais como as que ele lidava todos os dias, mas que por baixo enfrentavam tantas coisas que ninguém percebia.

A doença de todos eles eram uma briga interna contra si mesmo. Somente a pessoa acometida que sabe o que enfrenta e quais são os seus percalços. Alguns era a tentativa de suicídio, como Ricardo, outros os cortes e mutilações como indulgências pelas coisas que faziam, induziam vômitos ou se esquivavam de comer de propósito.

De uma coisa Ricardo sabia, sairia da li olhando para as pessoas com outros olhos. E tentaria ajudar o máximo que pudesse todos que cruzarem o seu caminho e passarem por algum problema. Ele não desejaria o que passou, e viu o que outras pessoas passaram, para o seu pior inimigo.

Conversou por mais um tempo com Miguel e foi dispensado para fazer o que quisesse, já que havia sido dispensado de todas as outras atividades do dia.

— Me lembra de varrer o chão do consultório quando tu for lá. — Brincou Miguel ao ajudar Ricardo a se levantar do chão.

Ricardo riu e silenciosamente agradeceu ao médico por nunca interferir naquele ritual de sentar no chão ao lado de um sofá.

Ele gostava da sensação de saudade do pai quando era menor e Ricardo sentava no chão e o pai ficava mexendo nos seus cabelos. Além da saudade era um estado de conforto sem explicação.

Ricardo foi para o seu quarto, o pequeno dormitório que dividia com outro paciente. Começou a arrumar as suas coisas, metodicamente no lugar e passou o resto do dia caminhando pelas dependências da casa de repouso. Sentiria saudade do ar limpo, do cheiro da grama molhada depois que chovia e a sensação de paz e tranquilidade. Mas a saudade de casa, do seu quarto e as suas coisas começava a formigar dentro de si diante a expectativa de voltar para casa.

Respirou fundo e tomou coragem.

Ricardo estava voltando.

Não totalmente curado, ainda levaria um bom tempo para que isso acontecesse, mas diferente. Mais sensível e mais preparado para encarar os problemas que o rodeavam.

Tinha seu irmão, irmã e Fernanda para ajudá-lo. Qualquer sintoma que visse diferente do que estava acostumado consigo mesmo, chamaria qualquer um deles. Não voltaria a encarar a escuridão sozinho, traria alguém para o seu lado como seu guia e luz para enfrentar aquele momento. Tinha as melhores pessoas para o acompanhar. E agora entendia isso e usaria todas as vezes que precisasse.

Capítulo 58

Sérgio olhou para Miguel enquanto os dois conversavam sobre Ricardo. Ele estava apreensivo, com um misto de ansiedade inexplicável. E prestando a atenção em tudo que Miguel falava, por milagre, sem nenhum tipo de pensamento sobre a forma de ser do médico.

— O Ricardo é disciplinado, queria que a grande maioria dos meus pacientes tivessem a metade da disciplina que ele tem. — Miguel sorriu. — Aqui estão as receitas dos medicamentos que ele vai tomar por enquanto. Horários e doses, está tudo explicado aqui e conforme as consultas semanais forem acontecendo eu vou ajustando até o Ricardo se sentir bem por completo.

Sérgio deu uma olhada por cima e não conhecia nenhum daqueles nomes estranhos que Miguel escreveu nas receitas, e muito menos conseguia decifrar o que estava escrito. Porém aquilo tudo não importava, e sim o que aconteceria depois que Sérgio saísse desse consultório.

Ricardo estava voltando para casa. E isso era o que mais importava no momento. O resto se ajeitaria de uma forma e outra.

— Acho que já falei demais, está na hora de vocês irem para casa. Ainda mais que a Liana e Fernanda ficaram em casa. Como elas estão? — A casualidade formal de Miguel pegou Sérgio de jeito.

Miguel poderia ter ajudado bastante para salvar Ricardo, mas Sérgio não deixaria ele se prevalecer com Fernanda.

— Com certeza esperando a nossa volta ansiosamente. — Disse secamente ao médico.

Levantaram-se e saíram em direção a recepção.

— E lembre-se, por mais cansado que esteja, estressado do trabalho ou com qualquer outro problema, não esqueça que ele precisa de ti e da família mais do que qualquer outro problema.

Sérgio assentiu. E tomou isso como um belo puxão de orelha quanto a sua conduta com os irmãos. Sabia que isso tinha mudado com o tempo. Havia dias, em que ele mal chegava em casa e via Ricardo e Liana, de tão cansado e cheio de problemas no mercado. Um erro que se tornava cada vez mais comum nos lares. Onde os pais não conseguem o mínimo de tempo para os próprios filhos.

Um erro que Sérgio se lamentava todas as vezes que pensava e se esforçava ao máximo para corrigi-lo todos os dias.

Ricardo apareceu na recepção e Sérgio foi em sua direção para abraça-lo. E a sua vontade era de nunca mais largar o irmão.

Saíram para casa depois de alguns minutos. E a viagem seguiu-se tranquila, depois de uma parada estratégica em uma lanchonete famosa para comerem alguma coisa.

Chegaram em casa ainda cedo, e Ricardo não via a hora de poder chegar no seu quarto. Claro que depois de passar por Fernanda e Liana, que estavam à espera deles desde que acordaram.

A primeira a se lançar em cima de Ricardo foi Liana. Praticamente se jogando em cima do carro em movimento e quase arrancando Ricardo de dentro do automóvel.

— Kado! — Liana apertou tanto o irmão que ele quase ficou sem fôlego. E estranhamente feliz ao ser recebido pela irmã daquela forma.

— Li, minha princesinha.... — Ricardo a levantou do chão a fazendo gritar de alegria.

Sérgio saiu do carro e viu a cena dos irmãos se abraçando. Era uma cena que ele gostaria de guardar para o resto da sua vida. Dormir todos os dias com a paz que aquela cena emanava e acordar depois de sonhar em presenciá-la novamente.

— E eles estão em casa. — Fernanda chegou logo atrás com Inácio no colo, acordado e olhando para todos os lados.

— Finalmente a família está completa. — Sérgio disse com a maior naturalidade enquanto pegava Inácio no colo.

E não era de nenhuma mentira. Para Sérgio sua família estava completa novamente. Ricardo em casa, Liana parecendo gente pela primeira vez na vida, Fernanda ao seu lado no trabalho e Inácio crescendo como uma abóbora todos os dias.

Se isso não era sinônimo de felicidade, ele não poderia imaginar o que mais seria.

Fernanda ao entregar Inácio para Sérgio, aproximou-se de Ricardo e Liana os envolvendo em um abraço a três.

— Que saudade que eu estava de ter os dois na minha volta! — Fernanda falava enquanto distribuía beijos entre eles.

— Até consigo te abraçar, Fernanda. Antes a barriga não deixava.

— Perdi a barriga, mas ganhei outra coisa que não deixa muito as pessoas se aproximarem de mim. — Sussurrou ela ao escutar o resmungo de Inácio. — Ainda mais quando elas chegam perto de mim quando ele está com fome. A criança bonitinha e risonha vira uma fera.

Ricardo riu.

— Acho que estão falando de ti, Inacinho. — Sérgio se aproximou e Ricardo estendeu os braços, desajeitado, para pegar Inácio no colo.

— Como ele cresceu! E está pesado. — Ricardo beijou a cabecinha de Inácio e eles entraram para dentro de casa.

Ricardo soltou o ar que estava preso nos seus pulmões há tanto tempo, que ele sentiu que milhares de quilos saíssem dos seus ombros ao fazer isso quando entrou em casa.

A casa continuava igual à que ele havia deixado. Mesmos móveis, cores e cômodos, tirando o fato de um cobertor azul na sala, uma fralda em cima do sofá e um bico esquecido em cima da mesa da cozinha.

E isso o fez sorrir. Finalmente ele estava em casa. Sua casa, o único lar que conheceu em toda a sua vida. Não apenas uma construção de tijolos, areia e cimento. Era a representação de quem Ricardo era. Foi naquela casa que viveu os momentos mais felizes e mais tristes da sua pequena vida. O local aonde quis viver e também morrer.

Subiu as escadas, segurando no corrimão e sentindo a vontade imensa de chorar. Miguel havia dito que quando essa vontade viesse, não era para segurar, simplesmente deixasse que ela tomasse conta do seu corpo e o limpasse. E ao entrar no seu quarto e encontrá-lo exatamente do mesmo jeito ele chorou.

Chorou de medo do dia de amanhã. Por tudo que tinha sofrido. A cicatriz no seu pulso que sempre estaria ao seu lado para o lembrar do que tinha feito e do tão perto que chegou ao fundo do poço, mas sobreviveu e estava lutando para voltar a superfície e principalmente, derramava lágrimas por entender que estava passando por um período conturbado e que tinha uma família para contar. Uma família não tão perfeita, mas que se pudesse escolher outra, escolheria Sérgio, Liana, Fernanda e agora o pequeno Inácio para estarem ao seu lado.

— Kado eu trouxe a tua mala e.... — Sérgio entrou de supetão no quarto e encontrou o irmão limpando as lágrimas.

E isso quase fez dar um passo para trás. O seu corpo gelou instantaneamente em imaginar encontrar Ricardo novamente dentro de uma banheira com seu próprio sangue.

— Kado o que...

— Nada — em meio as lágrimas, Ricardo sorriu — é normal me dar essas crises. O Miguel me avisou que quando desse vontade de chorar, era para eu não segurar. — Ele deu os ombros de leve. — Voltar para casa, ver vocês, subir aqui para o meu quarto, voltar a viver.... É bom e ao mesmo tempo aterrorizante. — Sorriu novamente.

Sérgio colocou a mala de Ricardo no chão e caminhou em direção ao irmão. Sentaram na cama e Ricardo voltou a falar baixo.

— Estar lá me dava segurança. Se me acontecesse qualquer coisa eu tinha as enfermeiras e o Miguel a minha disposição. Sair me pegou de surpresa e eu fico com medo de mim mesmo. De acordar amanhã, não estar bem e...

— Kado, não.... — Sérgio o interrompeu o puxando para um abraço. — Nós vamos estar ao teu lado nesses momentos é só tu chamar, ou melhor — Sérgio segurou as lágrimas em vão — sempre vamos estar do teu lado. Tu não vai voltar para o colégio esse ano, as tuas professoras vão te mandar trabalho e todo mundo sabe que tu não precisa de provas para terminar o ano. Se não é eu e a Fernanda, a Li vai estar aqui, sabemos que ela pode ser uma chata de galocha e vai grudar mais em ti do que já era.

Sérgio beijou a testa de Ricardo diversas vezes.

— Eu sei mano, se eu não estiver bem vocês vão ser os primeiros a saberem. Só não quero ficar em casa o tempo todo. Acho que isso me deixaria claustrofóbico demais.

— Claro. — Sérgio limpou as lágrimas. — Tu pode fazer o que quiser, eu e a Fernanda vamos para o mercado pela manhã e mãe dela vem para cá ficar com o Inacinho, leva ele lá quando está com fome. E a tarde....

— Quero ir para o mercado com vocês. — Falou antes que Sérgio pudesse falar outra coisa e isso o deixou perplexo.

Havia sido orientado por Miguel a não deixar Ricardo parado em casa, já que ele não voltaria para a escola esse ano. Ele até pensou em levar o irmão para o mercado, para fazer algumas coisas leves, mas ia esperar um tempo mais. Até ele se acostumar com a volta.

— Posso ajudar a colocar as coisas nas prateleiras, organizar tudo.

— É claro que tu ia querer ir para essa parte. Onde mais o sr. Milimetricamente iria querer ficar? Só não vale brigar com os clientes quando eles desarrumarem as prateleiras, ok?

— Pode deixar. E a tarde posso ficar com a Li aqui, a Fernanda volta mais cedo, não é?

— Sim. Ela fica com a Li e com o Inácio. A Li anda indo sozinha para seus compromissos, mas geralmente a Fernanda no final da tarde vai buscar ela dando um passeio com o Inácio.

— Seria uma boa então.

Uma rotina. Acordar, tomar seus remédios, distrair a cabeça com um pouco de trabalho leve e voltar para casa. Era isso que Ricardo precisava e era isso que ele teria.

— É bom estar de volta. — Ricardo acabou falando por fim.

— É ótimo te ter em casa de novo, Kado. Vai tomar um banho e descer para a gente comer o que a Fernanda e a Liana fizeram para nos esperar. E não esquece que temos um Opala para revisar o motor ainda. — Sérgio bateu na perna do irmão e saiu do quarto.

Ouviu o grito de Liana e o modo que ela xingou o irmão que agarrou ela no meio do caminho e beliscou o seu braço de brincadeira. Sérgio riu alto e Fernanda mandou os dois pararem porque o Inácio se agitava com os dois e acabava vomitando.

Era perfeito estar de volta.

Ricardo não via a hora de descer as escadas e entrar na brincadeira com os irmãos, sorrir novamente, ser xingado por Liana, mimado por Fernanda e agora também, porque não, vomitado por Inácio de tanto brincar com ele.

Olhou para a sua cicatriz no pulso e sabia que por aquele dia tudo estava bem. Amanhã era um dia longe ainda para se preocupar.

Capítulo 59

— Fernanda, tu viu...

— Segunda gaveta. — Disse ela sem levantar os olhos dos papéis que estava trabalhando.

— E o....

— Embaixo desse que tu está procurando. — Novamente ela respondeu sem perder a concentração.

— Agora eu sei porque o Kado te ama. — Brincou Sérgio. — Vivo no meio de duas pessoas com extremo senso de organização.

Fernanda levantou os olhos para Sérgio e rebateu.

— Ou talvez eu e o Kado que vivemos no meio dos bagunceiros como tu e a Liana.

— Uma harmonia em perfeito equilíbrio.

Sérgio sorriu e Fernanda apenas revirou os olhos, sem conseguir esconder o seu próprio sorriso.

— Viu que uma das meninas da padaria não veio hoje? — Sérgio achou os papéis que estava procurando, exatamente no local em que Fernanda indicou e continuou a falar.

— Sim, ela ligou hoje pela manhã e eu atendi, já pedi para as meninas ficarem no lugar dela.

— Ok.... — Disse ele olhando para ela. — Acho que a minha presença nem se faz tão importante mais. — Deu os ombros desolado.

— É sim, está chegando um carregamento de verduras, alguém tem que ajudar a descarregar o caminhão. Eu e o Kado vamos conferir as notas.

— Ahhh, claro! Para o trabalho pesado o Sérgio serve, agora para o resto se tem a Fernanda. Bons tempos em que os funcionários se reportavam a mim. Agora eu sou apenas mais um funcionário nessa grande e ótima empresa comandada pela Fernanda.

O tom de ironia e sarcasmo de Sérgio fez Fernanda se desconcentrar completamente do que estava lendo. E isso era ótimo, porque ela não aguentava mais aqueles números de lotes.

O trabalho no mercado foi complicado nos primeiros dias. Até Fernanda entender a bagunça, que Sérgio jurava que era muito organizada, Fernanda penou. Levou um considerável tempo para que ela conseguisse arrumar conforme ficasse de fácil acesso geral e que não implicasse Sérgio espalhar todos os papéis para pegar somente um.

Passado esse tormento, o resto era simples até demais. Era só uma questão de prestar a atenção no cotidiano do mercado e sua administração que Fernanda tirava de letra qualquer problema que aparecesse. Contando sempre com o excelente professor que Sérgio era.

Os dois se davam bem no trabalho. Até Fernanda se surpreendia com a sincronização que eles compartilhavam. Completavam um ao outro só com o pensamento. E isso surpreendeu a ambos.

E em casa, Fernanda não tinha reclamações. A pequena casa, aquela que antes só funcionava como um depósito, cada dia tomava mais cara de casa. Ela, Inácio e, às vezes, sua

mãe, estavam bem confortáveis do que em qualquer outro lugar em que poderiam estar.

Sua mãe ainda achava um exagero todo aquele esmero que Sérgio tratava Fernanda. Alertou a filha para todos os perigos que poderia haver em se apegar demais para depois ser descartada. Fernanda não deu ouvido a nenhum deles. A cada dia que passava ao lado deles sentia-se mais parte da família.

Já amava Ricardo e Liana, e sabia que os dois eram doidos pelo Inácio e nunca teve nenhum problema com Sérgio. Ele era o amigo que ela sempre sonhou em ter. Confiava nele com a mesma força que ele confiava nela. E sabia que as oportunidades que ele dava para ela eram bem além das que ela poderia agradecer.

Sérgio fez de Fernanda uma pessoa melhor. Uma mãe melhor, também, dando a chance de Fernanda criar Inácio da melhor maneira possível. E ela tinha a grande certeza que Sérgio também morria de amores pelo seu filho. Inácio era um poço de fofura quando estava com qualquer um dos irmãos Chiarelli.

Fernanda não era nenhum pouco burra. Sabia que Sérgio nutria alguns sentimentos a mais para com ela, mas em nenhum momento ele havia cruzado a linha entre a amizade deles. Fernanda o admirava por esse fato e gostava do respeito que ele tinha por ela em todos as esferas possíveis que alguém poderia imaginar.

Passado todo o tormento que se acometeu sobre eles, a conduta de Sérgio havia mudado aos poucos. Sutilmente as conversas, que nunca tiveram o tom entre patrão e funcionário começaram a soar com outros intuitos. Fernanda era confidente de Sérgio em todos os detalhes da sua vida. Ela conhecia cada pedaço da casa deles, os desejos, sonhos e segredos que muitos amigos mais próximos não sabiam.

Ela sabia que era um campo minado entre eles e estava gostando de se infiltrar cada vez mais. Sérgio, apesar de ser o seu patrão acima de tudo, era bonito e tinha o seu charme e Fernanda era ciente de cada uma dessas peculiaridades. Nem ela era imune a ele. Assim como sabia que ele não era nenhum pouco imune a ela.

Quando o assunto destoava completamente dos profissionais, dentro do escritório que dividiam, os dois flertavam. Nada muito sério, mas o ponto certo entre a brincadeira e a seriedade. Era bom andar na corda bamba e pender para os dois lados. Desde que nenhum caísse e se machucasse, não havia mal nenhum, não era?

Pelo menos era assim que Fernanda pensava. Já Sérgio estava louco que ela caísse de uma vez. Ele já estava lá em baixo pronto para ampará-la e assim, mostrar como era bom estar fora da corda bamba e firme com os pés no chão.

Sérgio era paciente. Sabia, assim como um bom assador, que se o fogo estivesse alto demais a carne não cozinharía por dentro como deveria. E então ele estava cultivando Fernanda quase que só na brasa. Não iria se satisfazer apenas com ela pela metade. Quando fosse, seria por inteiro. E para sempre.

Enquanto isso não acontecia ele se continha em apenas observar. Observava o modo como Fernanda mandava e desmandava na sua vida, e como ele gostava disso, o modo de dividir as tarefas do mercado sem precisar pedir nada para ela, que por iniciativa própria Fernanda assumia. E tantas coisas mais que exaltavam a perfeição em forma de pessoa que ele a achava.

Para não ficar parecendo um maníaco, Sérgio sentou-se e começou a trabalhar e o silêncio

perdurou por eles. Sendo apenas burlado por Fernanda bocejando frequentemente.

— Ah essas pessoas que passam de baile a noite toda.... — Sérgio olhou para Fernanda por cima dos seus papéis.

— O baile começou às quatro e acabou antes das seis. Engrolando a língua e quando eu dormia ele parecia que entendia e chorava para me acordar. Aí eu vou chegar em casa agora para ele comer e adivinha? Ele vai estar dormindo como uma pedra e ainda ficar irritado porque eu vou acordar ele.

— Mas é melhor o baile do que a cólica.

— Nem me fala! Meus braços agradecem pelo alívio delas. Ele está ficando pesado para ficar embalando de um lado para o outro.

— Chama a Liana — Sérgio falou. — Ela adora embalar o Inacinho.

— Às quatro da manhã? Amo o meu filho, mas nem eu gosto de fazer isso. Ninguém gosta de participar do baile do Inacinho. Nem a minha mãe quando está dormindo comigo. Ela diz que já curtiu muito baile meu e não tem mais idade para essas peripécias.

E era um fato. Fernanda, por ser mãe solteira, não contava com ninguém para ajudá-la nas noites de festa de Inácio, cada vez mais frequentes. Ela sempre tinha Liana e Ricardo para brincar com ele durante o dia, até mesmo por parte da noite. Principalmente no banho, onde o quarto de Fernanda ficava cheio com todo mundo brincando na água com o Inácio, mas a noite o trabalho era dela.

Claro que isso a cansava. Cansava casais, quem dirá ela sozinha. Inácio era um amor de criança, mas dava o seu trabalho como tal. Era totalmente dependente de Fernanda, chorava quando estava com dor, fome ou com as fraldas sujas. Cabia a ela decifrar cada um desses choros e ainda o fazer dormir quando estava com sono. Sua mãe a ajudava pela parte da manhã, quando Fernanda estava no mercado. Levava Inácio para mamar, ou Fernanda voltava para casa para amamentá-lo nos horários que ele demandava.

Era cansativo e ao mesmo tempo uma tarefa tão boa. Compensador em cada sorriso, cada gritinho ou até mesmo a forma quando Inácio olhava tão profundamente para Fernanda. Isso valia cada noite em claro com ele enrolando a língua e não deixando que ela dormisse. Era uma ligação única que Fernanda sabia que era a mais especial de todas.

— Já disse que quando estiver cansada e quiser dormir durante os bailes é só me chamar.

Fernanda riu.

— Tu já faz demais por mim, Sérgio. Por nós, eu e o Inacinho. E por falar nele, daqui a pouco ele aparece aqui reclamando o que é dele.

Fernanda largou o que estava fazendo e desceu as escadas. Deixou Sérgio sozinho com os seus pensamentos voando milhares de léguas além do que realmente deveria. Só acordou do transe romântico em que envolvia Fernanda dormindo ao seu lado, quando Ricardo apareceu.

— Mano? — Ele disse vendo que Sérgio estava sonhando acordado. — Sérgio!

— Que foi, tchê! — Ele levou um susto e levantou da cadeira levando quase um fichário de notas junto com ele.

— Chegou o caminhão de verduras e a Fernanda pediu para eu te avisar. Ela disse qualquer

coisa sobre tu estar sem fazer nada. — Ele dá os ombros.

Sérgio suspirou e saiu apertando os ombros de Ricardo. Fernanda ainda pagaria ele com juros e mais juros.

Sérgio ajudou a descarregar o caminhão com as verduras e ainda a colocá-los à exposição, enquanto Fernanda conversava com os entregadores fazendo com que todos babassem ao seu redor.

Ele detestava quando isso acontecia, e se triunfava quando era com ele que ela ia para casa. Não no sentindo de casa mesmo, mas para perto. Poderia ser mais perto ainda se dependesse dele.

Fernanda, como sempre, ficou à tarde com Ricardo e Liana. Principalmente de olho em Liana que estava se estranhando com a empregada nova. Cargo que ela havia deixado quando Inácio nasceu e ela assumiu no mercado. Era uma briga constante entre Liana e Fernanda, que sempre acabava com as duas comendo alguma coisa no café da tarde.

— Nunca vou gostar de ninguém estranho aqui em casa. — Liana disse novamente.

— Eu já entendi, aliás, sofri isso nas tuas mãos, lembra? Roupas espalhadas pelo quarto, papel higiênico e tantas outras coisas.... Bons tempos aqueles.

— Não é a mesma coisa. — Liana debochou de Fernanda.

— Menos, Li. E eu já disse qual é a solução. Duas semanas sem ela entrar no teu quarto para arrumar. Deixo tuas roupas em frente da tua porta e se tu não descer as roupas para lavar elas não descerão sozinhas. Aposto que tu vai vir correndo em minha direção quando a primeira barata sair voando no teu quarto.

— Que nojo! Detesto barata!

— Então... estamos conversadas?

— Tu não teria cora....

— Como não?! — Fernanda fez o mesmo escândalo que Liana fazia nessas circunstâncias. — Lembra dos teus temas que tu disse que eu não precisava ficar lembrando?

— Isso foi trapaça!

— Como trapaça? Não te lembrei deles por três dias e o Sérgio foi chamado lá. A culpa é de quem?

— Do mano! — Liana tentou se manter firme, mas acabou rindo. — Ok, tu venceu, ela entra no meu quarto e arruma.

— Isso ela já faz, quero sem brincadeiras, isso é chato.

— Ahh, tu está ficando igual ao meu irmão, chata!

— Eu sei, mas uma chata que tu adora porque ela te deixar ler aquelas revistas para adolescentes que o teu irmão te mataria se soubesse o que elas falam. E se eu ver tu e a Bia testando como se beijar com um copo e gelo vou rir de vocês. — Fernanda piscou e por assim deu por fim a discussão com Liana. — Agora vai lá chamar o Ricardo para a gente dar uma volta com o Inácio.

Capítulo 60

Sérgio achava que já tinha superado a fase da insônia, ou simplesmente aceitado o fato de que não precisava das mesmas horas de sono que todos os outros mortais do mundo. Havia ido para o seu quarto cedo da noite, a festa com Liana, Ricardo, Fernanda e Inácio ainda estava só no começo. E agora, perto das três da manhã, enquanto o silêncio reinava ele estava acordado.

Era cedo demais para começar o dia. E nem tinha o que fazer naquele horário, a não se estudar para a prova que o professor havia marcado para a outra semana. Ligou a luz do quarto e puxou os livros para o seu lado.

A faculdade ia indo aos trancos e barrancos. Os cinco anos parado, sem pegar nenhum texto que fosse havia deixado Sérgio completamente enferrujado e despreparados para o que estava enfrentando agora. Sem contar das matérias que tinha passado e que hoje nem se recordava. Estudar para ele estava sendo um trabalho mais que dobrado. Queria ele ter a facilidade que Ricardo tem para aprender e a fixar as coisas na memória.

A cada matéria que ele começava, pensava em desistir. Largar tudo, mais uma vez. Nunca que precisaria daquele diploma de advogado para administrar um mercado. Principalmente todas aquelas leis e artigos que ele odiava com tanto fervor. E, mesmo assim, toda a semana, na sexta à tarde, ele saía de casa em direção à capital para mais um final de semana de aulas cansativas e exaustivas.

Um dia escutando um professor falar cansava mais do que uma semana descarregando uma tonelada de batata por dia no mercado. Isso Sérgio tinha a certeza comprovada.

Sua única motivação para continuar indo as aulas era Ricardo. O irmão o acompanhava todas as semanas para consultar com Miguel. E esse era um bom motivo para que Sérgio não abandonasse a faculdade de vez. Já que tinha que ir mesmo, pelo menos aproveitava para estudar e tinha um tempo sozinho com Ricardo.

Sempre que Sérgio chegava da aula, aproveitava o tempo com Ricardo. Seja indo a algum barzinho local perto para comerem alguma coisa, um jogo de futebol do Grêmio quando Sérgio saía mais cedo das aulas ou qualquer outra coisa que eles quisessem ir. Óbvio que tudo escondido de Liana e um programa altamente de meninos, como ela dizia.

E quando a hora chegava, não se sabia qual dos dois estava com mais saudade de casa. Ricardo por voltar para o seu mundinho particular, um pouco mais agitado agora e Sérgio para casa. Para passar um tempo com Liana, e até com Fernanda e Inácio.

Domingo era um dia dedicado à família por completo. A mãe de Fernanda vinha cedo e todos ajudavam a preparar o churrasco de meio-dia. E eles estavam se tornando mais especialistas a cada final de semana que se passava.

Era especial naquela casa aquele momento. Momento que Sérgio teve com os seus pais por boa parte da sua vida e, injustamente, seus irmãos tinham tão poucas memórias sobre esses eventos. Sérgio estava feliz ao poder voltar a proporcionar essa normalidade para os irmãos. Era ótimo ver o riso entre todos ali, as conversas e sentindo-se completos apenas com a companhia um dos outros.

O retrato de uma família feliz.

Sérgio olhou no relógio e viu que havia se passado meia hora desde que havia começado a ler, parecia que tinha transcorrido mais de cinco. Largou tudo e foi espionar os irmãos dormindo antes de descer para comer alguma coisa que deveria ter sobrado do almoço de hoje.

Primeiro passou no quarto de Liana, já desviando dos calçados espalhados para todos os lados e as roupas atiradas no chão. A cama de Liana parecia que tinha passado um furacão, e a irmã esparramada o máximo que o seu corpo permitia. Braços abertos e as pernas afastadas, com uma descoberta por completo.

Sérgio cobriu a irmã, que gemeu alguma coisa inaudível e se virou para o outro lado. Ficou ali parado por um tempo, sentado ao seu lado, tirando os cabelos do rosto de Liana e vendo ela dormir. Um hábito que pegou desde que Ricardo havia tentado tirar a própria vida. Todos os dias, antes de ir trabalhar, dava uma passada para ver os irmãos e se eles ainda estavam respirando.

Quando contou isso para Fernanda, pensou que ela fosse rir da sua cara, mas sua reação foi oposta, já que Fernanda repetia o gesto diversas vezes quando estava com Inácio. Ela explicou que era uma coisa de pais, só eles seriam tão paranoicos a ponto de ver se o filho está respirando no meio da noite.

Sérgio não podia discordar de Fernanda. Sabia que iria encontrar Ricardo e Liana nas suas camas, dormindo profundamente e, principalmente, respirando normalmente, mas não conseguia evitar. Todos os dias dava uma checada básica, por precaução.

Saiu do quarto de Liana e foi para o de Ricardo. Diferente do quarto da irmã, Sérgio podia transitar livremente pelo quarto de Ricardo sem ter medo de esbarra em alguma coisa. Ricardo dormia no meio da cama, de bruços e com a metade do corpo descoberto. Sérgio fez o mesmo gesto de cobrir o irmão e observou Ricardo por um tempo dormir.

Somente depois dessa sondagem é que poderia começar o dia completo.

Desceu as escadas no escuro e antes mesmo de assaltar a geladeira, abriu a porta e saiu para fumar.

Sim, ele sabia que deveria tentar que parar de fumar. Em breve. Da primeira vez, tinha conseguido ficar quase seis meses sem fumar. Deixou se levar de que tinha sob controle a quantidade que tragava e que fumar apenas alguns por dia não fariam retornar o vício por completo. E agora lá estava ele, viciado de novo.

Sentado à beira da piscina, sozinho, ainda com as estrelas brilhando no céu enquanto tentava fazer aquele isqueiro velho funcionar na marra, ele prometeu que quando acabasse a faculdade pararia de fumar.

Seus pensamentos foram barrados por uma luz acendendo na casa de Fernanda. O baile do Inácio havia começado, pensou ao colocar a carteira de cigarro em cima da mesa, frustrado por não conseguir fazer o isqueiro produzir uma chama decente para acender o cigarro.

Já que estava sem sono e, sem cigarro, decidiu ser útil em alguma coisa. Nada melhor que bailar com Inácio pelo resto da noite enquanto Fernanda poderia aproveitar o resto do seu sono. Ela estava com cada vez mais olheiras enquanto o Inácio mais engraçadinho. Não parecia uma

troca justa.

Bateu na porta e escutou a voz dela dizendo que poderia entrar. A boa e velha segurança da cidade do interior, onde se pode dormir com as portas abertas.

— É aqui que está tendo um baile? — Sérgio falou ao ver uma Fernanda caminhando pelo quarto embalando um Inácio muito esperto para quem deveria estar dormindo.

— Sim. E já está se prolongando mais do que eu gostaria. — Inácio olhou para a mãe e sorriu, desaforado. — Sim, senhor, já faz quase meia hora que estou te embalando e nada do senhor dormir.

— Inácio é como eu, da noite. — Sérgio se aproximou deles e pegou Inácio no colo. Um alívio para Fernanda, já que o peso dele estava aumentando consideravelmente. — Bunda limpa e barriga cheia?

— Sim, ele acordou para mamar e não dormiu mais.

— Vai dormir que eu fico com ele até ele dormir de novo, Fernanda. Nós vamos dar uma volta no pátio, aproveitando que está quente. — Sérgio, com mais prática em segurar um bebê no colo não escutou os protestos de Fernanda e saiu com Inácio no colo.

Caminhou com ele por todo o pátio, conversando, com se Inácio estivesse entendendo todo o assunto e opinando. Cansou de fazer o trajeto e acabou com ele dentro do seu carro com o rádio ligado em alguma estação que tocava música tradicionalista o dia todo. Deitou Inácio no banco de trás e ficou sentado ver ele pegar no sono aos poucos.

Não demorou muito para que Fernanda aparecesse de pijama trazendo um cobertorzinho e o travesseiro de Inácio.

— Eu que não vou tirar ele daí — disse depois de arrumar o filho. — E também não consigo dormir sem ele ao meu lado. Fiquei revirando na cama até agora. Vai tu dormir que eu fico aqui com ele.

— Já perdi o sono há muito mais tempo. Desci para começar o dia mesmo. Mas aí percebi que não tenho nada para fazer. — Ele deu os ombros.

Começou a cantarolar baixinho a música que estava tocando, já que Inácio tinha dormindo dentro do carro e com a música, preferia deixar o som ligado, para não ter risco de ele acordar quando desligassem.

— Pelo menos o baile dessa vez tem música. — Riu Fernanda de leve.

— E com dança ficaria mais completo ainda. — Sorriu Sérgio.

E então teve uma ideia. Levantou-se do banco do carro e esticou a mão para Fernanda, a tirando para dançar. Nunca teve a chance de dançar com Fernanda. Nos treinos de Liana, ele é que era o seu par e quando Ricardo participava, era ele que ficava com Fernanda. Era ruim demais dançar com o Kado, dizia Liana ao seguir em direção de Sérgio todas as vezes. Por fim ele sempre acabava cedendo aos encantos de Liana e deixando que Fernanda e Ricardo rissem o tempo todo enquanto ela errava os passos e Sérgio era castigado quando era sua vez de errar.

— Sou péssima fazendo isso. Tu dança perfeitamente. Só o Kado para ter paciência comigo.

A mão de Sérgio ainda estava a convidando e ele insistiu.

— Tu nunca me deu a chance de provar os meus dotes como professor de dança. Acho que mereço ser recompensado por isso.

Ela hesitou. Inácio deu uma mexida no banco e ela se voltou para o filho. Um alarme falso, já que ele continuou a dormir.

— Vamos lá, Fernanda. Estamos os dois aqui depois de um baile do Inácio, merecemos uma dança.

— Já que não tenho escapatória.... — ela revirou os olhos e acabou cedendo.

Levantou-se e Sérgio de aproximou, bem mais do que estava acostumada. Ele guiou a mão dela para o seu ombro e segurou fortemente a outra enquanto a sua mão se posicionava na sua cintura. E colou o seu corpo no dela.

Sérgio era alto. Tão alto perto dela que Fernanda teve que levantar o rosto para encará-lo. E isso a fez engolir em seco pela primeira vez na vida. Era intimidador e ao mesmo tempo causava uma sensação de curiosidade que ela estava mais do que tentada em saber o que aquele entusiasmo todo significava.

— Contato visual sempre. E não esquecer que eu comando a dança, ao contrário da Liana que acha que pode conduzir. Sabia que o professor teve que pedir para o par dela deixar que ela conduzisse, porque a marrentinha não consegue ser conduzida?

— Sim. E ela disse que se o par dela não quisesse, ele não ia dançar com mais ninguém. — Sérgio começou a embalar a dança aos poucos.

E como Fernanda havia dito, ela não era tão boa assim, mas o deixava conduzir a dança conforme era o certo. Pelo menos ali, naquele justo momento, Sérgio conseguia conduzir alguma coisa.

Sabia que a sua ideia de dançar seria péssima. E ao Fernanda colocar a sua mão na dele, arrependeu-se por completo. Era demais todo aquele contato físico e tão íntimo para quem sofria de amor por Fernanda secretamente. Seria o seu fim. O mundo começaria a ser dividido entre o tempo que ocorreu antes dessa dança e o que aconteceria depois.

A dança ainda, para o maior dos pecados, era lenta. Se fosse rápida, poderia se concentrar nos pisões que receberia de Fernanda, mas não. Ela era tão leve para ele que nem cócegas fazia quando ela o pisava.

Ele precisava desviar o foco dos seus pensamentos.

Não em Fernanda colada ao seu corpo dançando uma milonga, com aqueles passos de tango e tão românticos. Ou no fato que ela estava só de pijama e ele com bem menos do que isso. E quem dirá que ela estava nos seus braços e completamente indefesa. Ele poderia descer a sua cabeça alguns centímetros e encostar a boca na dela.

Será que ela o aceitaria ou o empurraria e acabasse tudo antes de começar? Valia o risco de continuar naquele jogo perigoso demais para que ela caísse nos seus braços e de lá nunca mais saísse.

— Acho que eu iria gostar de ir a um baile e dançar. Desde que eu tenha professores tão

bons assim. — Disse ela para acordar Sérgio dos seus delírios febris que o deixariam acordado pelo resto da semana.

— Podemos resolver isso. Quando tiver um baile no CTG tu vai junto.

Fernanda riu com gosto.

— Eu estava brincando. Não sei dançar mesmo e nunca fui a um baile. Os do Inácio não valem, esse é o primeiro que tem música mesmo.

— Nunca foi, Fernanda? — O corpo de Sérgio estava no limite, seu coração batalhava mortalmente com o seu cérebro. — Bailes são ótimos, principalmente quando a gente acha a pessoa certa para dançar, a oportunidade de convidá-la para dançar e a música que tocar ser perfeita. — Os olhos dos dois se chocaram.

Fernanda estava em um impasse dentro de si. De um lado sabia que Sérgio a estimava bastante, mas não imaginava se o sentimento era tanto ou apenas uma brincadeira entre amigos. Já que para ela, eles eram mais isso do que aquele vínculo empregatício.

— Não. — Disse lentamente, testando o ambiente em que estava caminhando. A qualquer passo uma bomba poderia estourar.

— Nunca soube o que é uma dança equivaler bem mais do que ela representa? De saber que nada mais vai ser igual depois que a música acabar?

Fernanda ficou sem palavras ao escutar o que Sérgio dizia. E entendia que o que acontecesse essa noite, mudaria a história dos dois.

Limitou-se a responder com um aceno leve de cabeça negativamente.

Sérgio sorriu lentamente ao perceber que Fernanda havia ficado sem palavras. Aquele era o momento perfeito. Ele não iria perder a chance.

— Gostaria de saber como é essa sensação? — Perguntou e a mão que estava na cintura de Fernanda subiu meio centímetro. Uma distância tão ínfima e ao mesmo tempo quilométrica.

Os lábios perfeitos de Fernanda se entreabriram. Ela tomou uma respiração, ainda com os olhos vidrados nos de Sérgio e disse a palavra que mudaria a sua vida.

Sérgio, no automático, seguiu conduzindo a dança lenta no meio do seu pátio. A música soava chiada pela estática do rádio mal sintonizada dentro do carro e as estrelas ainda brilhavam. Mas nada disso importava mais.

Principalmente quando ele desceu a boca dele em direção a de Fernanda e a beijou.

Capítulo 61

Sérgio entrou na casa e viu Ricardo tomando o seu café.

— Bom di...

— Aonde tu estava? — Ricardo perguntou antes mesmo do irmão terminar de entrar em casa.

Sérgio estava com uma cara de sono. Como se tivesse dormindo por um dia inteiro. Na verdade, ele tinha dormido por uma boa parte da manhã. Bem mais do que estava acostumado todos os dias.

— Cadê a Li?

— Ficou te esperando para ir para a escola contigo. Aí a Fernanda chegou e ela e o Inácio foram levar a Li atrasada.

Sérgio assentiu, como se ainda não tivesse acordado completamente.

— Já tomou os remédios? — Foi a única coisa que conseguiu perguntar para Ricardo.

— Já. E aonde tu estava? A mana vai te xingar quando voltar da escola. E o Inácio vai para o mercado hoje com a Fernanda.

— Eu sei que ele vai. E eu estava no paraíso... — Sérgio sorriu para o irmão enigmático.

Ele e Fernanda haviam se beijado. E aquilo tinha sido realmente o paraíso na Terra. Ela tinha correspondido o beijo na mesma altura. Isso era mais do que Sérgio pudesse esperar. Sua expectativa não era tão alta para o momento assim. Achou que Fernanda ia empurrá-lo ou dar um tapa no seu rosto.

Mas não.

E aquele beijo tornou-se o melhor que Sérgio já tinha dado na vida.

— No paraíso... — Ricardo fixou no irmão e sem entender o que aquilo significava. — Depois o louco dessa família sou eu. — Disse revirando os olhos.

Sérgio riu e voltou a lembrar da noite passada. Especialmente na parte do beijo.

Ele e Fernanda haviam perdido a noção do tempo de quanto tempo ficaram ali, um nos braços do outro. Acordaram quando Inácio choramingou dentro do carro e eles tiveram que se afastar.

Sérgio carregou Inácio nos seus braços até a casa de Fernanda e deitou-se ao seu lado para que dormisse novamente. No escuro, notou Fernanda deitando no outro lado da cama e não sabe se ele ou Inácio tinha pegado no sono primeiro. Acordou havia pouco e ainda estava tentando se achar no seu lugar do planeta.

— Em casa eu sei que tu não estava. Passei no teu quarto quando acordei e vi o carro vazio no pátio. Aí vim para casa e coloquei a mesa do café, já que nem isso tu tinha feito e... — Ricardo continuou a falar os lugares em que procurou o irmão.

— Eu estava dormindo na Fernanda. — Respondeu Sérgio lentamente enquanto preparava

o seu café.

O silêncio reinou sobre a mesa.

— Tu estava dormindo com a Fernanda... — Ricardo falou com uma voz de quem não acreditava no que o irmão estava falando.

— Sim.

A cara de nojo de Ricardo era mítica.

— Não nesse sentido que tu está pensando, Ricardo! O Inácio deu baile e eu ajudei ela a cuidar dele. Acabei deitado por lá e acordando agora.

— Menos mal. — Ricardo suspirou em alívio.

— Mas nós nos beijamos. — Acrescentou por fim e deu os ombros.

— Ai meu Jesus! — Ricardo se afogou com café e se derramou todo.

Sérgio, rindo do irmão, jogou um guardanapo para ele se limpar e a bagunça que fez. Estava se divertindo com a cena.

— Como isso aconteceu....

— Ué, eu encostei a minha boca na dela e...

— NÃO! — Ele gritou e levantou-se rapidamente. — Não é isso que eu estou falando. Pelo amor de Deus! — Sérgio recomeçou a rir do irmão.

Se com Ricardo ele ria, com Liana ele apanharia. Tinha que se lembrar de contar isso para ela quando estivessem longe de qualquer coisa pontiaguda que a irmã pudesse jogar na cabeça dele.

Ele estava sendo muito precipitado ao dizer isso ao Ricardo. Não tinha conversado com Fernanda sobre o que aquilo tinha significado e nem o que aconteceria daqui para frente. E, no entanto, lá estava ele, sonhando com um futuro ao lado de Fernanda e Inácio para o resto da sua vida.

— Vocês estão juntos? É isso? — Ricardo perguntou vendo que teria que trocar de roupa, o estrago havia sido grande.

Sérgio queria dizer que sim. Todo o seu corpo, cada célula que ele tinha, queria confirmar isso. Mas se conteve.

— Eu espero que sim. Gosto demais da Fernanda e acho que ela gosta de mim. Poderíamos ver aonde isso tudo vai dar juntos.

Ricardo ficou olhando para o irmão e pensando no que ele tinha dito.

— E se não der certo? Ela vai embora daqui? — Sua voz foi caindo até ficar quase um muxoxo.

Fernanda era especial para todos naquela casa. Sérgio sabia que não era o único da família Chiarelli que a amava. Nesse meio estavam incluídos Ricardo e Liana. Não no mesmo parâmetro de amor que Sérgio sentia, mas um amor bem mais emocional ao que ele nutria.

Ela era a materialização de maternidade que seus irmãos possuíam. E os efeitos desde que

ela havia chegado naquela casa com eles eram visíveis e sentidos por todos. Sérgio não poderia ser tão egoísta com os seus sentimentos a ponto de não levar isso em consideração.

Por esse motivo é que deixou a brincadeira de lado com Ricardo. Especialmente com ele, por tudo que estava passando e havia passado nos últimos tempos.

— Ela não vai embora, se ela não quiser nada comigo eu vou aceitar e tudo continuará como está, ok?

Ricardo não acreditou nas palavras do irmão de primeira. Foi necessária a inclusão de uma manhã fora do mercado e os dois ficarem sujos de graxa pelo carro que ainda arrumavam, para que pudessem conversar e Ricardo perceber que Sérgio não colocaria os seus sentimentos pela Fernanda acima das dela e os de seus irmãos.

Ficar o dia todo longe de Sérgio tinha sido uma coisa boa, assim pensava Fernanda ao colocar Inácio na cama para dormir. Ele estava casadinho de tanto ficar acordado. Nada de baile para ele hoje.

Fernanda trabalhou pela manhã no mercado, e cada vez que a porta se abria ela sentia um peso no coração. Não estava preparada para encarar Sérgio assim tão sem pensar no que havia acontecido. E quando ela via que não era ele, conseguia voltar a respirar normalmente.

A manhã havia passado sem ele aparecer no mercado e a tarde, ela foi para casa e ele para o mercado. Então não tinha cruzado o caminho por ele desde quando acordou essa manhã com ele dormindo na sua cama ao lado de Inácio.

E essa cena havia ficado gravado na sua mente por quase todo o dia. Quando ela estava distraída, ou fazendo alguma coisa que precisava de sua atenção lá estava a imagem dos dois dormindo ao seu lado. Uma cena que de tão bonita chegava a ser desconcertante.

Eles haviam se beijado, isso era um fato. Mas um fato que foi muito apreciado por Fernanda. Ela podia contar nos dedos, de uma mão e ainda sobrava dedos, quantas pessoas já havia beijado na sua vida. E aquele tinha sido um beijo diferente.

Nada desesperado e sufocantes, em comparação com os que ela havia recebido. Sérgio era delicado, compreensivo e esperou pelo tempo dela para começar a investir no beijo em si. Fernanda apreciava esse fato e quase agradeceu por fim.

Era carinhoso, disso ela não tinha dúvida. Um afeto que ia bem além do relacionamento entre um patrão e uma empregada. E bem mais diferente do que ela havia recebido do pai biológico de Inácio.

Hoje, olhando para trás, conseguia ver o seu papel de burra nas mãos daquele traste que a seduziu e abandonou grávida e sozinha. Percebia que as palavras que ele falava era tudo a mais pura mentira e com o único objetivo de levar Fernanda para cama por ela ser considerada bonitinha. E ela, inocente e não enxergando a maldade nos olhos dele, deixou ser envolvida por completo.

Acreditou em cada palavra sem fundamento que ele havia dito. Das promessas infundáveis, onde ela deixaria aquela vida de empregada e iria ser outra pessoa. Com condições de sair daquele quartinho minúsculo e viria para a casa principal e seria aceita como um deles. As mentiras em que ela seria dona ao lado dele de todo aquele império e mais um pouco que ele

daria.

Fernanda não queria nada disso, era claro. Sua intenção era puramente amorosa. Amar e ser amada na mesma intensidade. Se ele achava necessário todo aquele conforto que ele prometia, ela sabia que não era por seu pedido. Apenas um amor que pudesse durar para o resto dos seus dias e a felicidade plena.

E no final, ela conseguiu isso, vendo por outro lado da história.

Tinha Inácio na sua vida. O amor mais puro e recíproco que ela poderia sonhar em ter. Amaria seu filho para toda a sua vida e sabia que Inácio também a amaria. Um amor que os bens materiais nunca iriam se sobrepor.

E além disso, tinha Ricardo e Liana. Amava aqueles irmãos com a mesma intensidade que Inácio. Não precisava nem de palavras para demonstrar tal afeto. Via nos olhos deles que Fernanda era importante para ambos. E isso era o que realmente precisava saber.

Sentiu as lágrimas arderem nos fundos dos olhos, mas as barrou. Não iria chorar por isso. Deixaria que elas rolassem quando chegasse a hora realmente e agora não era esse momento. Ainda tinha muito que pensar. Principalmente sobre Sérgio.

Aquele beijo que haviam compartilhado era o sinal que estavam envolvidos em algum aspecto. Precisavam apenas descobrir em qual plano que se encontravam.

Fernanda conhecia Sérgio, sabia que ele não era igual ao pai de Inácio. Nunca a usaria daquela forma. Não a enganaria com palavras sem nenhum fundo de verdade apenas para levá-la para a cama e a descartá-la como alguma coisa sem valor nenhum.

Sérgio não faria isso com ela.

Porém, a dúvida, e, principalmente, o medo de passar por tudo aquilo de novo fazia com que Fernanda ficasse com os dois pés atrás perante a situação que se encontrava.

Tudo que ela queria era trabalhar. Ficar ao lado de Ricardo e Liana o quanto eles precisassem dela. Criar Inácio com tudo que ele merecia e ser o mais presente que conseguisse com o seu filho. Ajudar a sua mãe, assim como estava começando a fazer, com um pouco do seu salário para que ela ficasse com Inácio enquanto ela trabalhava ao lado de Sérgio e assim melhorasse a vida que sua mãe levava.

Contudo, Fernanda tinha reafirmado na sua vida que nada era fácil. Até mesmo o trabalho simples de uma empregada tinha ido pelo ralo e se transformado em algo bem além do que ela imaginaria um dia.

E enquanto ela lutava novamente com as lágrimas e as dúvidas que a matava aos poucos, a batida fraca na sua porta a acordou. Pensou que fosse Ricardo ou Liana para ficarem com ela por mais um tempo, mas enganou-se completamente.

Sérgio estava parado na sua frente. E ele não pensou duas vezes antes de se aproximar dela e a beijar novamente.

Capítulo 62

O beijo de Fernanda era o melhor de todos. Isso Sérgio tinha certeza absoluta.

Tinha passado o dia relembrando ele e não via a hora de chegar em casa e ver Fernanda para repeti-lo. Precisava saber se o seu sonho era tão bom quanto a realidade. E sua mente nunca que conseguiria repetir a tal perfeição que estava sentindo naquele momento.

Fernanda era receptiva. Mais do que ele esperava e mais do que Fernanda se orgulhava em sentir. Mas contra fato não havia argumentos, ainda mais argumentos onde as partes estavam tão envolvidas assim.

A mão de Sérgio, segura na cintura esguia de Fernanda movimentou-se um pouco, fazendo que um ínfimo pedaço de pele dele ficasse em contato com a dele. Era como jogar gasolina no fogo ardente e do outro lado álcool puro. Os dois se entregaram mais ainda ao beijo. Se é que isso era fisicamente possível.

Se fisicamente era quase impossível eles se doarem mais, sentimentalmente a história era diferente. Sérgio sabia que para ele não haveria outra pessoa além de Fernanda. Esse era o momento em que ele entregaria tudo de bandeja para ela. Sua casa, irmãos e trabalho já era dominado por Fernanda em todos os cantos, entregar o seu coração era um mero detalhe no meio de tudo isso.

Uma miríade de sentimentos passava por entre Fernanda. Como uma pessoa tão pequena poderia ter tantas coisas passando na sua cabeça e ao mesmo tempo nada? Nem Fernanda sabia explicar.

Nos braços de Sérgio ela sentia-se assim. Se de um lado a sensação de segurança, felicidade e aquele amor puro e a certeza de que tudo ficaria bem, do outro, a incerteza, misturada com o medo de ser enganada novamente, se engalfinhavam. E enquanto eles brigavam entre si, Fernanda se deleitava mais um pouco.

De uma coisa era certa, os beijos de Sérgio causavam mais fervor nela do que qualquer outra coisa. As mãos dele, sempre firmes e seguras, o pouco de pele dela que descobriam das suas costas eram quase o seu fim. Ela poderia ser mãe, mas era inexperiente e sabia que Sérgio estava fazendo no seu corpo não era considerado uma coisa normal em um beijo.

E nesse momento é que a briga dos seus sentimentos havia terminado e um dos lados se manifestando.

— Sérgio.... — Ela o empurrou de leve e Sérgio ignorou o efeito e começou a beijar o seu pescoço, causando arrepios pelo corpo de Fernanda.

— Hm... — gemeu perto do seu ouvido, causando novas sensações nela.

Novos beijos e delicados foram surgindo e ela tentava se concentrar no que precisava falar.

— Por favor.... — Ela implorava. Só ficava a dúvida se era para ele continuar ou para ela ter forças para continuar a falar.

Sérgio não precisou de explicações. Continuou a fazer o que estava fazendo, com toda a maestria que possuía.

Um novo fôlego de Fernanda fez com que ela colocasse as mãos sobre o peito de Sérgio e o empurrasse. Surgindo efeito dessa vez. Ela deu um passo para trás, para conseguir respirar sem se embriagar com Sérgio e a tentação que ele proporcionava. Usou como desculpa Inácio que mexia as mãos freneticamente e pegou o filho no colo.

— Inacinho! Como foi o dia? — Sérgio, não respeitando o espaço que Fernanda havia imposto, se aproximou. — O meu foi bom. Acordei com o teu cheirinho na cama, depois passei o dia todo pensando na mamãe.

Fernanda engoliu em seco. Não era só ela que tinha pensando naquele beijo da última noite.

— E agora, Inacinho? O que o tio Sérgio faz? O que a mamãe Fernanda quer fazer? — Sérgio pegou Inácio no seu colo e o beijou diversas vezes.

Fernanda limpou as mãos, que começaram a suar depois das últimas palavras dele. Ela sentou-se na cama e sentiu-se acabada. Cansada e querendo se enrolar na cama e só acordar depois que tudo acabasse.

Ela estava completamente dividida. Mas de uma coisa ela tinha certeza. Nunca mais faria o papel de boba. Se Sérgio achava que ela seria apenas uma diversão, estava bem enganado.

— Não sou dessas, Sérgio. Posso ter tido o meu passado e ainda pago os meus pecados por isso. — Logo que as palavras saíram da sua boca ela se arrependeu. Não poderia chamar Inácio de pecado.

Isso estava a deixando confusa demais!

Tudo que ela queria nessa vida era trabalhar, criar Inácio e acompanhar Ricardo e Liana até o tempo que elas precisassem dela. Nada de Sérgio a beijando pelos cantos.

Sérgio, vendo a briga interna que Fernanda estava passando, sentou ao seu lado. Colocou Inácio na cama e voltou-se para ela. Pegou a sua mão e a beijou delicadamente.

— Posso te contar uma história? — Começou ele, ainda segurando a mão dela enquanto via Fernanda limpar alguma lágrima com a outra.

Isso partiu o seu coração. Era a hora de Sérgio mostrar para Fernanda que ele não estava ali para tratá-la como uma “dessas”, como ela havia se referido.

— Há muito tempo, havia um cara perdido no mundo com dois irmãos a tira colo para cuidar. Ele estava completamente sem saber para onde se virar. — Ele riu de leve. — Aí apareceu uma menina, pequena demais, tímida demais e o cara achou que aquela menina nunca iria dar conta dos seus irmãos e da casa onde eles moravam. E eis que além de tudo isso, ela estava grávida. O cara nunca perguntou o porquê daquela circunstância, nada disso era necessário para ele perceber que a menina era quieta, mas o encantava a cada dia que passava.

Fernanda levantou os olhos para ele.

— O cara era um idiota, e confesso. — Sérgio olhou para ela e sorriu. — Namorava uma... Como é que a Liana chamava a Vanessa?

— Vaca... — sussurrou Fernanda.

— Isso! Ele namorava uma vaca, mas sabe porque ele fazia isso? Era prático. Nada

sentimental, longe disso. A praticidade de ter ela ali ao seu lado falava mais alto e o poupava de uma série de coisas que ele não tinha cabeça para pensar. Mas então ela foi embora e o olhos dele foram abertos novamente. E o que ele encontrou na sua própria casa? Uma pequena menina que estava cada vez maior, por causa de um certo Inacinho que ocupava espaço demais. — Sérgio olhou para Inácio e brincou com ele um pouco. — E aí ele nasceu, e junto com ele, alguns sentimentos que o cara não imaginava que pudesse ocorrer.

Sérgio apertou novamente a mão de Fernanda e foi a vez dela falar.

— Lembra quando o padre Simas disse que eu tinha vindo da capital? — Sérgio assentiu. Fernanda tomou uma respiração e encurtou a história. — O pai do Inácio era filho dos meus patrões. Eu não passava de uma empregada que caiu na teia de um rico e acreditou nas palavras dele.

Sérgio escutou e assentiu, mas não falou. Sentiu que era a vez de Fernanda falar.

— Não me arrependo de ter o Inácio. Longe disse. — Apressou-se em dizer. — Agora eu sei que nunca vou estar sozinha na minha vida. A única coisa que me arrependo, foi de ter ido até aquela casa de aborto que os meus antigos patrões arranjaram para mim. — Ela sentiu Sérgio se contrair. — Mas a questão não é essa, Sérgio. A questão é que eu já estive nessa situação. De ser a cama quente do patrão no final do dia. Eu não quero isso de novo para mim. Se isso significar o meu emprego....

Era demais. Sérgio levantou-se enfurecido. Não com Fernanda, mas com a situação em si. Fernanda era um anjo! E ele queria quebrar a cara do desgraçado do pai do Inácio que havia usado e abandonado Fernanda como se ela não valesse nada.

— Primeiro de tudo — disse ele olhando para ela e quase assustando Fernanda pela agressividade, tanto que ele se acalmou antes de continuar a falar. — Se um dia tu vir esse desgraçado, me avisa que eu vou quebrar a cara dele. E segundo, eu nunca teria coragem de propor isso para ti, Fernanda. — A voz dele suavizou drasticamente.

Sérgio voltou a sentar-se ao seu lado.

— Nunca, Fernanda. Eu prometo para ti que a questão não é essa.

Ela acreditava, todo o seu corpo conseguia ver a verdade nos olhos de Sérgio. Mas não era tão fácil assim. Fernanda tinha medo de perder o pouco que havia conquistado.

— Eu acredito, Sérgio. Mas ainda assim, as discrepâncias entre nós são absurdas. Tu tem tudo e eu não tenho nada além do Inácio.

Sérgio riu. Dolorosamente ele riu.

— Eu tenho tudo, Fernanda? — Os olhos deles brilhavam ao encontrar os de Fernanda. — Eu não tenho nada. Absolutamente nada. Para onde eu me viro eu te encontro. Tu ganhou a minha casa, todos os cômodos que eu entro eu percebo a tua presença. Meus irmãos até podem gostar de mim, mas é a ti que eles amam. É tu que eles escutam e respeitam, indiscutivelmente bem mais do que eu. Eu falando e uma porta batendo é a mesma coisa, principalmente com a Li. E vamos falar do mercado? Mercado que o meu pai ergueu, eu herdei e agora tu comanda com maestria? Os clientes, fornecedores e funcionários te idolatram. Tudo que tu toca a minha volta se ilumina. E agora tu me tocou, Fernanda. Da melhor forma possível.

As lágrimas dela ainda pingavam.

— Eu imagino o que tu deve estar sentindo em relação a isso. Como eu disse, nunca colocaria o teu emprego em risco. Só se eu não tivesse amor a minha vida e ao mercado. Se tu sai daqui, na mesma hora eu tenho uma rebelião em casa e expandindo para o mercado. Com a Li e o Kado liderando ainda por cima. — Ele riu.

Sérgio ouviu o riso de leve de Fernanda. Isso era um bom sinal, não era? E por isso arriscou mais um pouco.

Tocou de leve a face dela e Fernanda o encarou, daquela forma que fez com que Sérgio abrisse o seu coração de uma vez por toda.

— Mas de uma coisa eu sei, Fernanda. Eu te amo. — Falou. — Eu te amo... — Sussurrou.

Capítulo 63

Fernanda pouco sabia do amor em que Sérgio falava. Ela conhecia tantas outras formas em que o sentimento se expressava. No amor maternal que sentia por Inácio, no que ela sentia pela sua mãe e pelos irmãos de Sérgio. Nenhum deles tinha alguma relação ao tipo de amor que Sérgio proferia em suas palavras ali na sua frente.

Isso a atingiu em cheio. Se sua situação perante o que estavam já a assustava, colocando eles em palavras tão fortes a deixavam mais em pânico ainda. Ela estava sem reação. Seu cérebro ainda não tinha conseguido processar todas as informações que ele recebeu nos últimos segundos. Deixando assim o clima entre os dois tenso.

Sérgio estava ali, coração aberto e repleto de esperança, à espera de Fernanda. Sua aposta tinha sido alta. Mais alta do que qualquer outra que ele já havia feito na sua vida. Agora era a vez de Fernanda mostrar as suas cartas e acabar com a sua expectativa. E de uma coisa Sérgio sabia, daquela casa ou ele saia como o maior ganhador de todos ou deixaria o seu coração nas mãos de Fernanda.

Fernanda não tinha dúvida que no meio daquela confusão toda uma parte dela estava feliz. Uma felicidade plena, calma e completa. Sérgio era uma pessoa ótima, o melhor homem que uma mulher poderia sonhar. Seu coração não se enganaria com ele, não como havia se enganado com o pai biológico de Inácio. Ela conhecia todos os lados de Sérgio, do irmão brincalhão, ao atropalhado e o desesperado quando acontecia alguma coisa com Ricardo ou Liana. Do patrão atencioso ao que incentivava os seus funcionários a crescerem e a darem o melhor de si. E, além disso, Fernanda conhecia Sérgio de uma maneira mais profunda do que qualquer outra pessoa. Eles tinham uma conexão além das notadas por todos. Constante e indeformável. Que somente os dois sabiam da sua existência. Só que ao contrário de Fernanda, Sérgio já havia decifrado a sua e o denominava. Faltava Fernanda chegar a essa conclusão.

— Sérgio.... — As palavras sumiram do seu vocabulário.

— Eu sei, — assentiu Sérgio — tudo isso é loucura demais. Mas a gente não pode mudar o que sente. E eu não tenho mais idade para esconder o que eu sinto. Ainda mais que esse sentimento me faz tão bem. — Admitiu por fim e tomou um fôlego para continuar a falar. — Nunca vou te tratar como apenas mais uma — reforçou — quero que tu seja a única.

— Eu.... Eu não sei o que fazer. — Finalmente a voz de Fernanda havia retornado.

— Não precisa fazer nada, Fernanda. Apenas aceitar o fato de que eu te amo, me dar uma oportunidade para te mostrar isso e te fazer feliz. Eu vou agarrar essa oportunidade com todas as forças que eu tenho.

— Eu sei, Sérgio. Qualquer pessoa que estar ao teu lado será feliz.

— Me deixa eu te fazer feliz. — Ele se aproximou de Fernanda aos poucos. — Por favor — Tocou o rosto dela de leve enquanto implorava e a beijou delicadamente nos lábios.

— E se não for eu? — Ela disse enquanto Sérgio encostava a testa na dela.

Seu coração batia descompensado no seu peito. Chocada com a revelação e ao mesmo tempo mexida com ela. Como Fernanda havia dito, qualquer mulher ao lado de Sérgio seria feliz.

Só restava saber se seria ela a tal sortuda.

— A gente pode testar antes. Devagar. Aos poucos se conhecendo melhor, mais do que já nos conhecemos.

Fernanda se afastou um pouco.

Essas eram as mesmas palavras que o pai de Inácio usava. Devagar. Aos poucos. Se conhecendo melhor. E ela sabia onde essa história iria terminar. Ela não culpava Sérgio pelas escolhas das palavras, até porque ele não sabia que essa instabilidade era o maior temor dela. O ato de estar com uma pessoa, mas ao mesmo tempo não. De ser ignorada nos momentos em que ela precisava do outro e só ser lembrada quando era necessária.

Fernanda estava ressabiada. Tinha medo de entregar o seu coração para Sérgio e novamente ser pisoteada. Apesar de conhecê-lo e saber que isso nunca aconteceria, o seu receio era maior que tudo. E se ele se desapaixonasse no momento em que ela tivesse se entregado de corpo e alma? Ela não era cega, sabia que Sérgio era cantado por todas as mulheres solteiras da cidade. Todas tinham o sonho de se casarem com o Sérgio Chiarelli, o exemplo de irmão e cidadão da cidade, onde todos os moradores respeitavam e usavam como exemplo.

Via o quanto de mulheres se atiravam em cima de Sérgio todos os dias no mercado. E quando não eram elas, eram seus pais e avós, que sempre tinham alguma moça solteira na família pronta para assumir o papel de esposa dedicada. Todas elas bem mais apresentáveis que a pobre, mãe solteira e sem nenhum benefício que Fernanda era.

Ela já tinha caído no conto uma vez, não queria cair novamente. Mesmo que o seu coração dissesse que os sentimentos deles eram verdadeiros e que Sérgio não importava com quem ela era.

— Fala alguma coisa. — Ele tirou uma mecha dos cabelos dela delicadamente.

Fernanda levantou os olhos para os dele. Sua boca abriu o suficiente para ela dizer apenas duas palavras quase como um sussurro.

— Me beija.

E Sérgio obedeceu com prazer.

A beijou com a mesma intensidade de sempre e, com cuidado, deitou Fernanda na cama, cuidando para que não esbarrassem em Inácio, que de tanto esperar atenção deles acabou dormindo.

Beijaram-se até o limite da sanidade de Sérgio estar por um fio. E então, ficaram deitados, atravessados na cama, abraçados e sussurrando um para o outro, como se o que eles tivessem vivendo naquele momento não merecesse ser compartilhado com o mundo.

— Eu estou com medo. — Fernanda murmurou, deitada ao lado de Sérgio, enquanto ele acariciava uma pequena de faixa de pele dela.

— Não precisa ter medo. — Confortou Sérgio. — Quem precisa ter medo sou eu. Já estou prevendo a Nara e a tua mãe em cima de mim. Sem contar na Liana. O Ricardo é meu parceiro e, depois do engasgo com o café hoje pela manhã, ele aceitou bem.

— O Ricardo sabe!?

— Depois que eu cheguei com a cara amassada e ele me perguntando aonde eu estava e que tinha me procurado pela casa inteira. Eu não tinha muitas opções. Ou contava, ou contava. E é melhor assim, prefiro que ele sabia de primeira mão e por mim do que descobrir com a gente se beijando pelos cantos.

Fernanda gemeu de frustração.

— Não quero nem pensar no que a minha mãe e a Li vão dizer sobre nós. Sem contar o resto do povo. Se com a minha ascensão lá no mercado eu já escutei tantas coisas, agora então....

— A Li é fácil de ganhar. Ela já tinha me perguntado isso uma vez e disse que te preferia à Vanessa. Isso é um ótimo sinal. A tua mãe vai ser um caos e quando ao povo da cidade, eles que falem. Não tenho nada para esconder de ninguém. — Ele deu os ombros.

Lá estava Fernanda novamente, nos braços de Sérgio. Era mágico, isso ela não poderia negar. Um lugar confortável, que trazia paz ao seu coração e espírito. E por mais estranho que parecesse, e seus medos dissessem, sentia como o lugar certo para estar.

Sabia que tinham uma luta árdua pela frente. Se os falatórios da sua gravidez já haviam causado certo burburinho na cidade, o seu relacionamento com Sérgio seria a cereja do bolo. Um pacote completo.

Não sabia se estava tão preparada para isso, como Sérgio afirmava que ele estava. Fernanda era receosa e não tinha muita confiança em si mesma. Sérgio sabia que esse era um ponto em que ele precisaria trabalhar. Tiraria essa áurea de se menosprezar que Fernanda cultivava cada vez mais.

Seria um prazer fazer isso.

Sérgio foi expulso da casa de Fernanda quando Inácio tinha acordado e não aguentava mais ser deixado em escanteio. Se despediu de Fernanda com inúmeros beijos e um sorriso tímido da parte dela. Subiu as escadas que davam para o seu quarto e parou antes para ver como os irmãos estavam dormindo. Checou Ricardo e arrumou Liana na cama. Deitou-se na sua cama feliz.

O jogo havia sido ganhado e a aposta alta recompensada em cada centavo. E Sérgio sabia que essa era a primeira partida de um campeonato longo e que traria muitas surpresas e felicidades para ele.

Dormiu um sono tranquilo, coisa que há muito tempo ele não sabia o que significava. Ele estava feliz e calmo. Como se uma boa parte dos seus problemas e o peso do mundo tivesse saído de cima dos seus ombros.

Capítulo 64

Fernanda virou-se na cama e esticou a sua mão para tocar em Inácio, e ao contrário disso, encontrou uma coisa bem maior que os centímetros que o filho tinha.

— Cadê o Inácio! — Acordou por completo e sentou-se na cama.

— Ele tem uma coisa chamada berço. — Sérgio nem se mexeu e muito menos abriu os olhos, já Fernanda colocou a mão em cima do seu coração em disparada e tentou se acalmar.

Já tinha imaginado o filho esmagado embaixo de Sérgio.

Voltou a se deitar, ainda agitada e sentiu Sérgio se aproximar mais dela.

— Ele detesta aquele berço. Parece que tem espinho. — Sérgio riu e colocou a mão na cintura de Fernanda a puxando para os dois ficarem o mais próximo possível.

— Quando tu coloca, ele pensa que tem para ficar ao teu lado, até eu faria isso. Mas quando eu coloco e tenho um papo com ele, aí a história e outra.

— E o que tu está fazendo aqui? O que combinamos?

Sérgio riu.

A teoria era para eles irem com calma. Nada de beijos e toques no trabalho e nem em casa. A única pessoa que poderia presenciar os dois juntos era o Inácio, já que na maioria do tempo ele estava dormindo. Sérgio poderia aparecer no quarto de Fernanda, por pouco tempo, antes de dormirem. Quando Liana e Ricardo já estivessem nos seus quartos. E claro que nada de passar a noite. Uma regra que Sérgio quebrava quase todos os dias.

A verdade era que ele dormia bem melhor ao lado de Fernanda. Nada de horas acordado no escuro e se revirando na cama, pensando em nada e em tudo ao mesmo tempo. E roubar beijos de Fernanda no meio do mercado, às escondidas, era uma coisa interessante. Principalmente quando ela o xingava e saía pisando duro depois. Implicar com ela e ver a sua reação era bonitinho.

— Durmo melhor aqui — respondeu. — E estava com saudades. Passei um dia e uma noite longe. Dormir com o Ricardo não é a mesma coisa.

— Por que vocês dois dormiram juntos? Não tem dois quartos lá?

— Olhamos filmes e acabamos dormindo.

Sérgio puxou mais ainda Fernanda e a beijou profundamente. Virou-se na cama e ficou deitado em cima dela enquanto suas mãos percorriam a cintura dela.

— Ainda não? — Sussurrou ele.

— Não, — Respondeu Fernanda firmemente, fazendo com que Sérgio desmoronasse com a sua empolgação.

Ele ainda tinha esperanças que Fernanda tivesse pensado melhor e revogado a ideia de vetar qualquer contato mais íntimo que eles já tinham. Esperanças que se esvaíram como fumaça.

E por falar em fumaça, Fernanda havia pedido uma coisa para Sérgio. Que ele parasse de fumar. O tópico havia gerado um ponto de discussão entre os dois. Sérgio disse que pretendia

fazer isso quando acabasse a faculdade e Fernanda não aceitou a previsão, ainda faltava uns bons meses para que isso acontecesse.

Fernanda argumentou que não queria que Inácio tivesse contato com o cheiro de cigarro quando Sérgio o pegasse no colo. Das vezes que tinha acontecido, o bebê havia começado a tossir e a espirrar. E por parte dela, que detestava o cheiro e agora o gosto também.

Resultado de tudo isso, ele estava tentando. Com muito sacrifício, vontade de fumar uma carteira inteira em uma sentada e a ansiedade que o cigarro afastava.

E ainda por cima, a Fernanda não cedia nenhum pouco! Isso tudo era pior que uma tortura. Mas ele estava firme, já forte ele não poderia dizer com tanta convicção assim.

Saiu de cima de Fernanda gemendo em frustração e contando de trás para frente até vinte. Respirou fundo, olhou para o teto na penumbra do quarto, já que Fernanda sempre ligava um abajur em um canto com uma lâmpada fraca e os dois começaram a conversar.

Fernanda começou perguntando sobre a ida de Ricardo à consulta com Miguel, para Sérgio ficar um pouco mais irritado, já que a primeira coisa que Miguel perguntou quando o viu, foi sobre Fernanda. Sem contar nos olhos brilhando do médico ao tocar no nome dela. Sérgio queria destruir aquela cara de sonso de Miguel com apenas um soco, mas lembrou que toda essa irritação era a falta do seu companheiro cigarro.

Isso foi um prato cheio para que Fernanda começasse a rir no meio da noite. O relato, cheio de exageros e planos de Sérgio em quebrar a cara de Miguel era o auge do ciúme, acentuado pela falta de nicotina no organismo.

— Já disse que só tolero ele por causa do Kado. E como o Kado conta tudo para ele e está ciente sobre nós, não vai demorar muito para que ele se perceba que tu não está disponível mais.

— E quem disse que eu estava disponível para ti? — Ela aproveitou a brecha para revidar a implicância. — Adiantou alguma coisa?

— Não.... Mas agora a história é diferente. Antes tu era solteira e eu fui mais rápido e....

— Pegajoso? Colante? Grudento? E mais outros adjetivos, não me deixando ter outra opção?

Sérgio olhou para Fernanda e sorriu.

— Exatamente! Agora posso ficar ameaçando mentalmente qualquer pessoa que chegar a pensar em ti. O Miguel, aquele fornecedor de arroz que baba por ti, alguns funcionários e todos os outros. O único que pode te babar é o Inácio.

— Literalmente babar mesmo. — Fernanda riu. — E por falar em fornecedor, chegou um ontem e o pedido estava todo errado.

E o assunto perdurou por longas horas a dentro da madrugada. Conversaram sobre o mercado e o ritmo acelerado que ele andava. Sérgio falou dos planos que tinha para o futuro, de ampliação de todas as áreas, Fernanda deu a sua opinião para todos os tópicos. Falaram sobre as notas de Liana, o jeito que ela não se importa em melhorar, sempre ficando na média, mesmo sabendo que poderia ser melhor. O modo como Ricardo estava em casa, dos trabalhos que a escola estava mandando para que recuperasse em casa o tempo perdido, o jeito como ele estava

no mercado e os novos remédios que Miguel havia passado. Nada de alarmante, como disse o médico, apenas testes para saber qual Ricardo se adaptaria melhor.

Inácio acordou no meio do assunto, com fome, Sérgio virou de lado, para não ceder à tentação de ver Fernanda meio vestida e acabou dormindo profundamente. O plano era sair da cama dela antes que o sol saísse e voltasse para a sua, ou começasse a montar as coisas para o churrasco de domingo. Tudo isso antes que a mãe de Fernanda chegasse em casa e flagrasse os dois dormindo juntos.

Sérgio adorava a mãe de Fernanda, e sabia que o carinho era recíproco. Porém até certo ponto. Ela já tinha colocado Sérgio contra a parede sobre os riscos que ele correria se encostasse um dedo na sua filha. Sérgio seria a nova carne do churrasco dominical daquela casa.

Então o novo casal resolveu não anunciar o relacionamento, por ora. Era mais fácil esperar um pouco, até porque Fernanda ainda era receosa com os seus sentimentos sobre Sérgio e estava dando um voto de confiança para ele muito importante. Voto esse que nem ela sabia o que poderia acontecer nos próximos dias.

Se Sérgio tinha ciúmes de cada pessoa que passasse por Fernanda, ela tinha outros medos. Principalmente que ele abrisse os olhos e visse o tanto de mulheres que o rodeavam e que eram bem mais colocadas na sociedade daquela pequena cidade do que ela. Por isso que pediu paciência para o que acontecia entre eles. Tentaria se preservar, mas ao mesmo tempo, tendo o gostinho de estar ao seu lado sem se esquecer do quanto ela se machucaria se algo acontecesse em um futuro breve. Breve por saber que, por mais que se contivesse, não seria tão forte assim.

Acabou dormindo depois de colocar Inácio no seu berço, cheio de espinhos e ele chorado, implorando por um colo até não aguentar. Aquilo doeu o seu coração de mãe, mas sabia que a cama já era pequena demais para ela e Sérgio, que ocupava boa parte do espaço, e Inácio, por menor que fosse, também pedia outro pedaço grande da cama para ele.

Os três acordaram quando o grito da mãe de Fernanda soou como despertador para a quadra inteira. Liana desceu as escadas correndo, pensando que era fogo, inundação ou até mesmo alguma tragédia. Porém o seu desespero foi recompensado pela imagem do seu irmão mais velho apanhando da mãe da Fernanda no meio do pátio.

— Pelo amor de Deus, mãe! Para de bater nele! — Fernanda tentava apartar a briga unilateral, já que Sérgio apenas se defendia. — Li, pega ele aqui para mim.

Rindo da cena e pensando se deveria subir as escadas e pegar a câmera de fotografia da família, mas não sabia se tinha filme nela, Liana se aproximou e pegou Inácio no colo.

— Eu disse para ti ficar longe da minha filha! — A mãe de Fernanda ainda dava alguns tapas nas costas de Sérgio que tentava se esquivar.

— Não consegui! — Desesperado e com medo de ser atingido em algum lugar mais doloroso, Sérgio se encolhia cada vez mais. — Eu amo a sua filha.

— Sérgio! — Fernanda jogou as mãos para o alto em sinal de desespero.

— Amor? — A senhora se afastou um pouco, dando a chance de Sérgio se aprumar. — O que duas crianças como vocês sabem sobre isso! E tu, Fernanda, já não bastou a primeira vez?

— O que está acontecendo aqui? — Ricardo apareceu ao lado de Liana, com a cara de

sono, ou melhor, ainda dormindo.

— Chegou na hora boa, Kado. — Liana riu com Inácio no colo olhando para a menina. — O mano estava dormindo na casa da Fernanda e a mãe dela chegou antes que ele saísse. Acho que isso encerra a nossa aposta e eu ganhei.

Ricardo gemeu. Tinha acabado de perder duas semanas de mesada para Liana, apostando que a mãe de Fernanda iria descobrir ainda naquele mês. Aposta essa que surgiu depois que Liana flagrou Sérgio e Fernanda se beijando as escondidas dentro de casa. A menina foi correndo contar ao irmão do meio que já sabia da novidade antes dela. Só isso valeu uma semana de mesada, a outra era fruto da aposta.

Os dois seguiram observando e rindo da cena e Inácio mais interessado em puxar os cabelos de Liana no meio de tudo isso.

— Só aprendi sobre isso depois que conheci a sua filha. — Admitiu Sérgio. — E sei que a senhora pensa que eu sou igual ao pai do Inácio, e eu te dou a minha palavra que não sou nada parecido com ele. Amo a sua filha, amo o seu neto. Quero os dois na minha vida para sempre e a Fernanda me deu a oportunidade de provar isso para ela.

— Isso é loucura. A Fernanda é uma pessoa, ingênua ainda por cima. E a empregada. Isso nunca dá certo, em lugar nenhum! Fernanda, — ela se virou para a filha — arruma as tuas coisas que nós vamos embora.

— Não! — Todos os membros da família Chiarelli falaram ao mesmo tempo.

— Ela não sai daqui! — Ricardo foi até onde a briga estava acontecendo e com um pouco de receio de apanhar junto.

— Se ela sair eu me mudo para a casa de vocês! — Liana veio logo atrás. — E se o Sérgio fazer alguma coisa com ela, eu bato nele também.

— Ok, ninguém mais bate no Sérgio. Já apanhei bastante hoje. Aliás, a senhora tem um ótimo tapa nas costas, já sei que não morro engasgado com a senhora por perto.

— Mãe.... — Fernanda tocou o ombro de sua mãe. — Por favor, eu estou bem aqui e o Inácio também. Eu e o Sérgio.... — ela olhou para ele, para que prestasse atenção no que ela dizia — estamos indo aos poucos. Estamos ciente dos riscos que corremos e sabemos as consequências. A história não é a mesma daquela vez, Sérgio não é nenhum pouco parecido com ele — enfatizou o ele por se referir ao pai de Inácio.

— A história é outra. — Sérgio se intrometeu. — Livro diferente, apenas uma personagem em comum e o final desse vai ser feliz.

Capítulo 65

Sérgio chegou em casa bem mais cedo do que o normal. Encontrou Ricardo sentado no chão da sala, brincando com Inácio que ria frouxo. Cada dia que passava ele ficava mais fofo e com as bochechas maiores.

— Hey, meninos! — Inácio, ao escutar a voz de Sérgio se animou todo, carente por atenção para com ele. Principalmente agora que ele já gritava e se virava na cama.

Era ótimo sair catando ele em cima da cama enquanto alguém mudava a sua fralda ou quando ele começa a gritar no meio da madrugada. E só parava quando alguém levantava e o trazia para o meio de Fernanda e Sérgio. Fingir dormir só fazia com que os gritos ficassem mais agudos ainda.

— Cadê as meninas? — Sérgio pegou Inácio no colo, só depois disso que ele parou de gritar.

— Saíram, para fazer coisas de meninas. — Ele deu os ombros. — Me deixaram aqui com o Inácio não faz cinco minutos. Saíram correndo como loucas.

— Mulheres, elas são loucas, mano. Ainda mais quando agem em bando. Aprende isso. Ou melhor, aprendam os dois. — E ainda fez cócegas no Inácio para selar o acordo.

Alguma coisa as duas estava planejando. Fernanda não deixaria Ricardo com Inácio se não fosse uma coisa meio urgente. Também sabia que se Fernanda estava junto com Liana, não precisaria se preocupar. E se fosse alguma coisa de extrema urgência, Ricardo seria avisado e...

O barulho das duas chegando em casa acabou com todos os pensamentos de Sérgio. Escutou os passos acelerados de Liana pela escada em direção ao seu quarto e o barulho da porta se fechando com força.

— Quantas vezes eu vou ter que dizer para a Liana não quebrar as portas aqui de casa! — Sérgio falou alto o suficiente para que a irmã ouvisse.

— Ela tem os seus motivos hoje para se rebelar contra tudo, todos e o mundo. — Fernanda apareceu na sala e Sérgio e Inácio sorriram.

Ela caminhou até eles e pegou Inácio do colo de Sérgio e beijou ele. Ricardo fingiu que não estava na sala e sim em algum lugar bem longe daquela demonstração de afeto melosa que os dois sempre compartilhavam pela casa. Ele amava Fernanda, mas não quando o irmão estava pendurado nela.

— Saiu mais cedo hoje? — Ela questionou depois de que se separaram.

— Sim, minha chefe nem sabe. — Brincou. — Se ela souber é capaz de eu perder o meu emprego. Ela é uma tirana de marca maior.

— Engraçadinho. — Ironizou Fernanda.

Ele a beijou novamente e Ricardo revirou os olhos mais uma vez. Até já conseguia brincar novamente com a ideia de suicídio depois de tudo que já presenciou. Até mesmo Miguel achou graça do modo como ele estava lidando com aquilo.

— Ok, chega para mim. — Falou ele sendo completamente ignorado pelos dois. Se Inácio

não estivesse tão prensado entre os dois, pegaria ele também.

Subiu as escadas e quando passou pelo quarto da irmã, escutou ela suspirando como se estivesse chorando. Nada característico da forte e destemida Liana, a qual não derramava nenhuma lágrima por nada. Ricardo queria ser mais parecida com a irmã para lidar com tudo daquela forma irônica, arredia que só ela conseguia.

Intrigado pelo o que poderia estar acontecendo com a irmã, Ricardo bateu a porta de leve.

— Sai! — Gritou ela antes mesmo dela se anunciar.

— Sou eu Li...

— Sai, Ricardo! — Gritou agressivamente. Um impacto tão grande que ele chegou a dar um passo para trás.

— Agora mesmo que eu entro.

Ricardo, já preparado para levar algumas almofadadas, travesseiradas e qualquer outra coisa que ela teria na mão, entrou devagar, olhando para todos os lados e de mansinho. Encontrou a irmã deitada na cama, de barriga para baixo e com a cabeça enterrada no travesseiro.

— Aconteceu alguma coisa?

— É óbvio que aconteceu alguma coisa — brandiu, Liana, irritadiça — ou será que a tua retardadice voltou?

Tudo estava bem com a irmã, chegou à conclusão, Ricardo.

— Ok, só queria saber o que aconteceu, mas já percebi que tu está ótima e normal. Posso seguir a minha vidinha retardada. Pelo menos tenho uns remédios faixa preta legal e que me fazem dormir como um tijolo. — Ele deu os ombros, vendo que a irmã estava bem. Se estivesse ruim mesmo, teria chamado o irmão de coisas desagradáveis, como lindinho, fofinho e afins....

Liana grunhiu alto.

— Seu retardado e idiota! Eu menstruei, ok? É isso o que aconteceu! A pior coisa do mundo!

Ok... Ricardo deu um passo para trás e se encostou na parede. O que Liana havia mencionado era mais letal do que qualquer arma que a irmã poderia usar na sua vida. Saiu de lá correndo.

Tudo havia começado com leve desconforto na barriga de Liana. Ela tinha colocado a culpa no arroz com leite que a vó da Elis havia feito para elas no dia anterior na fazenda. A Dona Eulália tinha visado que poderia acontecer isso.

Mas ao final da tarde, ao ir ao banheiro e ver o sangue em um lugar que não era para estar, Liana se assustou. Gritou no banheiro desesperada, e Fernanda que passava por perto, jurou que fosse outra lagartixa que tinha aparecido no banheiro de Liana.

Quando encontrou a menina desamparada, ela compreendeu o que havia acontecido. Liana não poderia acreditar no que havia acontecido e chorava, mais do que Fernanda já tinha visto ela chorar.

Com muita paciência, sabedoria e compaixão, abraçou Liana e quase deu os pêsames para

a menina, mas se conteve e tomou uma respiração forte e conversou com ela.

Claro que não foi uma conversa agradável e detalhista. A sorte era que Liana até gostava de ciências e estudar o corpo humano era uma das suas matérias favoritas. Isso poupou muitos constrangimentos, por ambas as partes.

Esperou Liana tomar um banho, deixou Inácio com Ricardo e emprestou um absorvente para ela. E juntas foram até a farmácia mais próxima, já que Liana não queria pegar esse item de higiene básica no mercado do irmão. Seria humilhante demais.

Fernanda deu algumas “dicas” para Liana, a inconsolável. Ela era a primeira das suas amigas a ficar menstruada, e sem contar que até pouco tempo morava apenas com os dois irmãos. Sem nenhuma presença feminina na casa para pegar certas experiências pelo simples fato de observar outra pessoa fazer o mesmo. Isso era tão influente que o guarda-roupa de Liana aos poucos que começava a tomar uma forma diferente do que de um gurizinho descolado.

Sem contar todos os programas de família que sempre era praticamente voltado para os dois. Futebol nos estádios, shopping e assistir algum filme de guerra, luta marcial ou alguma coisa que envolva muitas explosões. E agora, com Ricardo e Sérgio fora as sextas e sábados. As duas tiravam o tempo de folga para fazer coisas de meninas mesmo.

Filmes românticos, com direito a lágrimas, doces e mais doces espalhados pelo sofá nas sessões, coleções de esmaltes coloridos, revistas que a idade de Liana não eram bem vistas, mas Fernanda adorava ler aquelas matérias bobas e ver a reação dela, e das amigas, quando elas estavam juntas e principalmente os testes que sempre dava crise de risos entre elas.

Claro que ainda havia muito para Liana aprender com Fernanda e vice-versa. Fernanda adorava cada momento que tinha a sós com Liana. Isso a aproximaria as duas, mais ainda, e uniam forças contra Ricardo e Sérgio, que como homens, agiam como tais. E agora ainda havia Inácio na equação, um pouco desequilibrada.

E Fernanda sabia que quando os anos passassem, Liana crescesse e virasse uma mulher completa, confiaria a ela todos os seus segredos, medos e anseios sobre o amor e suas armadilhas. Ela estaria lá, sempre para ajudá-la.

Liana limpou as lágrimas, mas não se desenrolou da posição na sua cama, o desconforto havia aumentando e Fernanda havia dito que já levaria o remédio para que aquilo acabasse. E quando a porta abriu, para o desespero completo de Liana, não era Fernanda quem entrava pela porta, era Sérgio. E pelos olhos marejados, ele já sabia da “novidade”.

— Ah, Li! — Ele se aproximou e ela se encolheu mais ainda.

— Não encosta! — Disse, mas de nada adiantou, Sérgio já tinha colocado todo o peso contra a irmã e a esmagado em um abraço.

— Minha princesinha já é mocinha! Meu Deus, como eu estou velho! Troquei as tuas fraldas... — Ele se afastou da irmã e limpou as lágrimas.

Liana queria morrer. E ainda levaria Fernanda, a fofqueira junto.

O tormento continuou quando Sérgio limpou a garganta e começou a fazer um discurso sobre a nova etapa que Liana viveria. Se a conversa com Fernanda já tinha sido constrangedora, a com Sérgio era mil vezes pior. Principalmente quando ele começou a falar de meninos e

namorados.

A porta abriu de novo e, finalmente, Fernanda surgiu na porta.

— Pelo amor de Deus, Sérgio! O que eu disse sobre discurso sobre isso? Deixa a Liana em paz, pelo menos hoje para ela curtir a cólica sozinha.

Novamente o irmão limpou as lágrimas e ficou parado olhando as duas, principalmente Liana com um olhar embasbacado.

— Aqui está o remédio, Li. É para a tua cólica e a minha mãe faz um chá que desmancha as bolas de sangue coagulados que saem e....

— Acho que eu vou descer e ajudar o Kado com o macaco do carro e me sujar um pouco de graxa. — Sérgio ficou se jeito completamente e saiu do quarto correndo.

Fernanda começou a rir.

— Homens, pensam que são os tais, mas não podem ouvir nada sobre uma coisa tão comum quanto isso e já saem correndo. O coitado do Ricardo passou branco por nós, dizendo que ia mexer no carro e ia ficar por lá por um tempo.

Liana se ajeitou na cama e Fernanda entregou o remédio.

— Mas eu falo sério sobre o chá, faz milagre mesmo. E nada dessa cara de morta-viva aí, tu vai passar por isso por uma boa parte da tua vida e vai ter que conviver. Mas pensa pelo lado bom.

— Qual? Andar com uma fralda como o Inácio, ter dores horríveis todos os meses e outras coisas.

— Não, Li. Poder xingar à vontade e colocar a culpa na TPM, dispensar o Sérgio e o Ricardo com apenas uma palavra, ou melhor, comer chocolate sem se preocupar com o resto. E o principal, principalmente para ti, vai poder assustar a Bia e a Elis quanto isso, aumentando umas dez vezes o que acontece na realidade.

Fernanda alcançou também um chocolate para a Liana e começaram a rir.

Capítulo 66

Fernanda acordou com a sua mãe entrando pela porta da frente. O barulho de chuva ainda era forte, como havia previsto. Até tinha dito para a mãe ter passado aquela noite com ela e Inácio ali, mas nada a convenceu.

Depois da surra que sua mãe havia dado em Sérgio, o clima havia ficado estranho entre as duas. E cada dia que passava era como se uma pedra fosse removida dessa tensão. Ainda mais quando Sérgio via sua mãe e a abraçava e beijava dizendo que ela era a sogra mais linda de todas. Nem a sua mãe tinha um coração tão rígido assim para não amolecer aos poucos.

E Fernanda percebia que, mesmo com os tapas que sua mãe havia dado em Sérgio, sua mãe sabia que a filha estava feliz e sendo bem tratada. A briga foi uma questão de princípios e para mostrar com quem Sérgio estava lidando.

Conversou com a mãe por alguns minutos, enquanto terminava de amamentar Inácio, tomou um banho, se arrumou e deu uma corrida para a casa principal.

— Bom dia. — Fernanda entrou sorridente em casa e encontrou um Ricardo e Sérgio, ambos com cara de sono.

— Bom dia. — Ricardo bocejou, mas ela sabia que isso era reação dos seus medicamentos. Era normal. Já Sérgio sempre estava ativo pela manhã.

E se já era estranho ele estar com essa cara de sono, desganhado e sem se barbear, ficar sem pular para a sua cama no meio da noite, era o auge da estranheza. Ela sabia que alguma coisa estava errada.

— O que aconteceu? — Ela se aproximou de Sérgio e ele se encostou na sua barriga, a abraçando e suspirou.

— Acho que a mais estranha e pior noite da minha vida. — Gemeu.

Ricardo concordou e Fernanda chegou à conclusão que envolvia Liana,

— Tudo começou com a chuva. A Li detesta chuva e morre de medo quando começa os trovões e relâmpagos. — Fernanda assentiu, já que passou boa parte do tempo esperando que Inácio não acordasse no meio da tempestade assustado com o barulho forte. — Eu já estava esperando ela para se deitar comigo, por isso que não fui para lá. Mas então ela acordou gritando e eu já sabia que era de medo.

— Até eu acordei com os gritos dela. — Ressaltando o quão alto tinha sido. Já que Ricardo dormia como uma pedra sob o efeito dos medicamentos.

— E então eu esperei e nada dela chegar no meu quarto correndo assustada e se atirar em cima de mim na cama. Fui atrás dela e quando eu cheguei no quarto gritei junto. — Sérgio fez uma cara de nojo.

— Parecia que alguém tinha morrido no quarto. E a Li matado eles com as pernas.

Fernanda revirou os olhos. Homens e suas sutilezas com as condições femininas....

— Como vocês são exagerados. A menstruação não é uma hemorragia assim. Principalmente as primeiras.

Sérgio olhou para ela sério.

— Foi tu que viu a Liana no meio do quarto, iluminada pelos raios que caíam e daquele jeito? Parecia uma assombração. Cheguei a tremer nas bases de medo que fosse algum espírito maligno.

Pobre Liana, pensou Fernanda. A o invés dele amenizarem a situação, estavam aumentando absurdamente. Ela teria que recompensar a menina pela falta de tato dos irmãos.

— Acho que vou ter que comprar um colchão novo para ela. — Choramingou, Sérgio.

— Pelo amor... — Fernanda revirou os olhos. — Parem de colocar chifre em cabeça de cavalo, — ela olhou para Ricardo — os dois, ok? Isso não é nenhuma dádiva dos céus, mas vocês podem ser menos idiotas por alguns dias? Queria que vocês passassem isso por um dia e ainda tivessem que sorrir. Agora tomem os seus cafés que eu vou lá arrumar o estrago que vocês fizeram.

Subiu as escadas e entrou no quarto de Liana comprovando o que já sabia. Nada mais do que uma manchinha inofensiva no lençol. Nada que a sua mãe não pudesse ajudar a tirar. Tirou o lençol manchado e nenhum resquício havia passado para o colchão. Caminhou até o quarto de Sérgio, abriu a porta e encontrou Liana encolhida no meio da cama.

— Bom dia, Li.

— Não vai ter nada de bom hoje. — Choramingou ela.

— Vai sim, está chovendo lá fora e uma ótima desculpa para tirar os teus irmãos de casa e fazermos uma manhã de meninas. Minhas unhas estão precisando de uma cor nova e meus cabelos de um corte, até mesmo fazer as minhas sobrancelhas. O que acha?

— Não quero sair dessa cama nunca mais.

— Que pena — Fernanda segurou o riso do drama de Liana. — Estava pensando de ir naquele salão de beleza aqui atrás. Não estou afim de fazer em casa.

E isso chamou a atenção de Liana. Fernanda tinha tocado no ponto exato da questão. Valeria a pena gastar um pouco do seu dinheiro para fazer ela sorrir novamente. Sem contar que seria uma boa levantada na autoestima de Liana.

Liana conseguiu sair da cama e as duas foram, depois que a chuva passou para o salão se arrumarem. Elas mereciam.

Sérgio ficava estranho quando Fernanda não estava ao seu lado no escritório. Já tinha se acostumado com ela ao seu lado todas as manhãs, era como se o sol estivesse sempre brilhando dentro daquela pequena sala. E por ironia do destino, não tinha sol na sua sala e nem na rua. Um dia nublado e sem cor.

Desceu as escadas e foi caminhar por entre as dependências do mercado. O trabalho burocrático poderia ficar para a tarde, como sempre. Preferia descarregar alguma coisa no depósito do que voltar para aquela sala sozinho. Conversou com quase todos os funcionários e o assunto sempre foi o mesmo, que Fernanda não tinha vindo hoje e sim, tudo estava bem com o Inacinho, não era nenhum problema com o mascote do mercado. Aquele que havia ganhando uma camisetinha com o logotipo do mercado esses dias dos funcionários.

Voltou para a casa ao meio dia, acompanhado de Ricardo e só encontrou a mãe de Fernanda e Inácio, que se animou todo ao ver os dois. Nenhum sinal de Liana e de Fernanda. Voltou para o trabalho curioso pelo dia das duas. Contou todos os minutos até não aguentar mais e voltar para casa mais cedo. Até Ricardo já estava impaciente para saber o que as duas aprontaram.

Fernanda e Liana chegaram em casa cansadas. Ainda mais Fernanda que estava empurrando o carrinho de Inácio pelas calçadas da cidade, pelo menos não havia sol para castigar as duas, e nem estragar a arrumação das duas.

Tiveram um dia de princesa, cabelos, unhas e tudo mais que o salão poderia oferecer, e vendo que a empolgação de Liana era maior do que nunca, ligou para casa e pediu para que a mãe levasse Inácio até elas. Almoçaram por um restaurante ali perto e continuaram o dia de princesas pelo centro da cidade.

Entre uma roupa e outra experimentada em uma loja do centro, as duas conversaram. Liana falou muitas coisas para Fernanda. De como se sentia confusa com algumas coisas que ainda aconteciam com ela e o seu corpo, que a cada dia que passava tinha menos características infantis. Dos rompantes de agressividade, indiferença ao oposto da meiguice e fofura. E até sobre os colegas que chamavam a atenção dela de uma forma que ela não entendia.

Fernanda escutou tudo com tanto carinho que poderia ter por aquela menina, que não sabia mais onde se encaixar. Ora criança, ora mulher e ainda com dois irmãos alheios a tudo que se passava com uma menina naquela idade. Fernanda tentou com todas as forças que tinha aconselhar Liana em algumas coisa, elucidar outras e fazer o papel de uma irmã mais velha, ou até mesmo de uma mãe.

Voltaram para casa com Liana bem mais alegre e um pouco mais confiante em si mesma. E tudo que precisavam fazer agora era convencer Sérgio a pagar todas as roupas que ela tinha comprado nas lojas. Cores diferentes para o seu guarda-roupa e modelos diversificados das calças jeans e as blusas lisas.

Entraram e encontraram Ricardo e Sérgio a espera delas, e como Fernanda rezava, a reação dos dois foi a melhor possível.

— Aonde vocês estavam e.... Uau! Cadê a minha irmã que estava quebrando a casa ontem e a Fernanda de sempre? — Sérgio foi o primeiro a falar. Olhou para Liana vendo o novo corte de cabelo, e alguma coisa diferente nos olhos que Fernanda teve que explicar para ele mais tarde.

— Fomos ter um dia de princesas, com um intruso. — Respondeu Fernanda sorrindo.

— Gostei do cabelo, mana. — Ricardo elogiou e Liana sorriu.

— Mas todos os dias de vocês são de princesas. — Sérgio se aproximou de Fernanda e a beijou.

Liana e Ricardo saíram e ela foi mostrar as roupas nova para o irmão, bem longe dos dois.

— Obrigada por ter notado e elogiado. A Liana precisava disso mesmo. E ela comprou umas roupas e... — Sérgio a beijou de novo fazendo com que ela calasse a boca.

— Eu pago. — Disse enquanto distribuía beijos sobre o pescoço dela. — Pago tudo e mais um pouco, só de ver vocês duas tão lindas assim. Especialmente tu. Senti a tua falta hoje no

mercado.

— Eu também senti. — Ela sorriu para ele e o beijou novamente.

— E de ti também, Inacinho. — Sérgio respondeu quando o bebê começou a gritar dentro do seu carrinho.

A família se reuniu para o desfile de Liana na sala e depois para jantarem alguma besteira que acharam no fundo de um armário. E depois de algumas horas, Sérgio apareceu no quarto de Fernanda e se enfiou na cama dela.

Nessa hora que Fernanda explicou o que tinha feito com Liana. De tirar a menina de casa, escutar o que ela tinha para falar e responder as suas dúvidas. Mais uma vez Sérgio ficou maravilhado com Fernanda, mais do que ele já poderia ser. Somente ela para fazer aquilo tudo pela irmã. Não seria qualquer pessoa que Liana deixaria se aproximar dessa forma e ainda se abrir.

E com toda a certeza do mundo, Sérgio não tinha a mínima ideia de como lidar com Liana, principalmente nessa fase. Para ele, ainda era mais fácil conversar com Ricardo, ainda mais agora que o irmão estava mais aberto para escutá-lo e se abrir com Sérgio de uma forma que ele nunca imaginou. Ficaram por muito tempo conversando sobre Ricardo e Liana. Era nítido a preocupação, anseio e o orgulho de ambos carregavam por cada um.

Fernanda foi a primeira a dormir. Se aninhou no peito de Sérgio e ali achou o conforto e a segurança para descansar. Já Sérgio, ficou sentindo o cheiro dos seus cabelos perfumados e a maciez deles. A abraçou, agradecendo aos céus por ela ter caído na sua vida no momento em que os dois mais precisavam e conseguirem se encaixar numa forma tão perfeita.

E que desse encaixe tão único o sentimento de amor tivesse falado mais alto e estava sendo ouvido pelos dois.

Capítulo 67

Sérgio desligou o telefone e olhou para Fernanda para saber se ela tinha captado alguma coisa sobre a ligação. E pelo visto, não. Como sempre, Fernanda estava compenetrada demais no seu próprio trabalho, alheia ao que Sérgio fazia ou falava.

Ele sorriu e seguiu olhando para ela. Seria uma surpresa e tanto e Sérgio tinha quase certeza de que ela brigaria com ele. Mas seria por uma boa causa. Causa essa que iniciou no último final de semana.

O calor havia chego rapidamente e a piscina da casa ainda estava meio verde, já que a sua limpeza, responsabilidade de Ricardo, havia sido negligenciada por algum tempo. Ainda faltava algumas sessões de agentes químicos para ela voltar a ficar em uso. E juntado ao fato de que Liana queria sair de casa, alegando que Sérgio e Ricardo saíam todos os finais de semana, resolveram ir para a praia passar o dia.

O dia estava lindo e perfeito, tanto que até Inácio arriscou colocar as pernas de fora e ficar só com as fraldas, misturado com a pequena piscina que foi improvisada para ele. Uma folia total. Para todos os envolvidos. Sérgio fez o tradicional churrasco, ele e a sogra conversaram cada vez melhores, Ricardo e Liana passaram o tempo todo dentro da água brincando e Fernanda estava contente. Até ela estava empolgada em sair de casa por algumas horas, mesmo que não entrasse na água, por mais que Liana, Ricardo e Sérgio insistissem

Sérgio e Fernanda, depois de alimentarem as três feras famintas e deixando eles com a mãe de Fernanda que descansava em uma sombra, foram caminhar pela orla da praia e ele contar algumas histórias que ele e os irmãos aprontaram quando passavam as férias por ali. Claro que muitas delas propositalmente aumentadas para que Fernanda risse daquela forma que Sérgio amava. Esse era o principal motivo de tudo. Caminharam, tomaram sorvete sentados uma sorveteria local e Sérgio aproveitou para pegar alguns panfletos de hotéis e pousadas da região que estavam abrindo a agenda para o verão que logo chegaria.

Se a ida para a praia foi agitada, a volta foi uma calmaria sem fim. Tanto que o silêncio, uma coisa tão rara naquela família, estava completo. A viagem havia cansado todos e só tiveram tempo de chegar em casa, descarregar o carro, tomarem banhos e dormirem no primeiro local que acharam.

E no outro dia, Sérgio começou a colocar o seu plano em prática e recebendo hoje a confirmação.

— Sabe quem era no telefone? — Perguntou ele como se não fosse nada de mais.

— O fornecedor de batata? Queria falar com ele!

— Não.

— O de papel higiênico? Que não veio semana passada?

Sérgio riu e se levantou.

— Não, gorda. — Fernanda revirou os olhos para o novo apelido dela.

Ela sabia que não deveria ter dito para Sérgio que ela se achava gorda demais para

colocar um biquíni na praia. Ele teve a audácia de dizer que ela era mais gorda que uma agulha. E desde então o apelido pegou.

— Peguei uns panfletos de hotéis na praia. Fiz algumas ligações e reservei três quartos em um deles por quinze dias depois que eu e a Li encerrarmos o ano.

Fernanda se iluminou.

— Que ótimo! Vocês três estão precisando de umas férias mesmo. Quando vai ser? Acho que vou pedir para a mãe ficar com o Inacinho as tardes também para eu vir para cá. Ela nem vai gostar de ficar na volta do neto.

Fernanda passou por ele e tocou o seu ombro. Voltou para o que estava fazendo e a menção em Inácio fez o seu coração se apertar. Ela gostava de trabalhar no mercado ao lado de Sérgio, mas negava o fato que a sua vontade era estar com Inácio ao seu lado.

Sua mãe ficando com ele era um alívio a curto longo prazo, pois sabia que em melhores mãos o filho não poderia estar. E sem contar o fato que sua mãe saia de casa e não precisava trabalhar tanto para se sustentar. Com o grande e generoso salário, bem além dos seus trabalhos, que Sérgio pagava para Fernanda. E não adiantava ela dizer que o valor era alto demais, ele não aceitava nenhuma das suas reclamações. Fazendo com que ela pudesse ajudar a mãe da melhor maneira possível.

Sua vida era mais do que perfeita nesse momento. Fernanda estava feliz, Inácio com uma saúde perfeita e a mãe ao seu lado todos os dias. Sérgio cada dia tomando mais espaço no seu coração e fazendo com que ela se entregasse cada vez mais de corpo e alma para ele. E sua relação com Ricardo e Liana nem precisava de comentários.

Nunca que ela sonharia que um dia chegaria até ali. Quando olha para trás, e lembrava que há pouco mais de um ano estava entrando em uma clínica de aborto e voltando para casa com apenas moedas nos bolsos, era como se uma eternidade tivesse se passado. Uma nova Fernanda surgiu e um novo destino para ela foi traçado.

Até a velha desconfiança, com um pé atrás, estava a deixando de lado. E isso tinha uma grande parcela de influência de Sérgio. Ele não era muito de esconder seus sentimentos e fazia questão de que Fernanda ficasse bem ciente de todos eles. Não tinha coração de pedra ou machucado que resistisse a tudo isso. Sem contar no modo como Sérgio era com Inácio. Aquilo era o ápice de tudo que ele poderia fazer por ela.

E por falar em Sérgio, ele estava atrás dela, a abraçando por trás e beijando o seu pescoço.

— Sim, nós três precisamos de férias mesmo. Sair dessa loucura de mercado e de casa.

Ele a abraçou mais forte e continuou a falar.

— Mas sabe que mais pessoas naquela casa precisam de férias? Três quartos para três pessoas? Não. Cinco pessoas e meia para três quartos, isso sim eu acho melhor.

Fernanda virou-se para ele não querendo ter entendido o que ele havia falado.

— Um quarto para a Li e o Kado — ele começou a contar. — Um para a tua mãe, minha sogrinha amada e o Inacinho. E o outro.... — Ele fez uma cara de cachorro sem dono que

Fernanda sabia muito bem como funcionava.

— Não. Vão vocês que alguém tem que ficar cuidando do mercado e da casa.

— A casa vai continuar no mesmo lugar quando a gente voltar e o mercado também. — Disse como se fosse a coisa mais normal do mundo. — E vocês precisam de férias também, principalmente o Inácio e todo aquele trabalho que ele tem diariamente. Deus me livre trabalhar tanto como ele.

Fernanda riu de leve.

— E convenhamos que se eu chegar em casa e dizer para o Kado e a Li que vamos para a paria por quinze dias e tu não, eles não vão querer nem passar do portão sozinhos comigo.

Isso era uma verdade incontestável. Sérgio até concordava com os irmãos, se Fernanda não fosse, ele também não iria. Que graça teria?

E então Sérgio argumentou com todas as palavras possíveis, passando pelos beijos e toque, e acabando por apelar mesmo. Sendo somente na última instância que obteve ganho de causa. Um ganho que ela achou mais parecido com um acordo, já que Fernanda tinha concordado com a viagem desde que ela ficasse no quarto da sua mãe, não no dele.

Sérgio nem esquentou a cabeça em função desse acordo, como um bom advogado que seria, daria um jeito de burlar algumas coisas e arrastar Fernanda para o seu quarto de uma forma ou outra.

Decidiram que iam contar para Ricardo e Liana ao mesmo tempo, por mais que isso deixasse Fernanda louca para falar tudo enquanto eles voltavam, caminhando de volta para casa depois do ensaio do CTG. Nada melhor que uma boa notícia depois de ficarem por horas em um galpão abafado, sem ventilador e com todas aquelas roupas para dançarem.

Ricardo já tinha voltado ao grupo depois de um tempo, e ao lado de Bia eles ainda ensaiavam bem mais atrasado do que os outros. Mas para Ricardo nada disso importava, ele estava dançando novamente e em breve ele e Bia estariam de volta ao grupo principal, focando as competições. E por Bia, nada importava, desde que ela estivesse ao lado de Ricardo por todo esse tempo, para o delírio de Liana que teria que escutar a amiga falando disso por horas e mais horas.

Sérgio chegou em casa e encontrou os dois atirados nos sofás, quase inertes e derretidos. Implicou com cada um deles e quando Fernanda chegou na sala, acompanhado de sua mãe e Inácio no colo, eles contaram a novidade.

— Sério isso!? — Liana se levantou rapidamente.

— Quinze dias? — Ricardo complementou.

— Sim. Quinze dias. Está bom ou querem mais?

— Até eu? — A mãe de Fernanda se espantou por estar inclusa.

— Claro, sogrinha. — Sérgio passou o braço pelo ombro da mãe de Fernanda e a beijou na bochecha. — A viagem não seria a mesma sem a senhora ameaçando me bater todos os dias.

— Olha que eu bato mesmo. — Ela acabou rindo e sendo abraçada pelo genro.

O riso e a felicidade extrema eram sentidos de longe naquela sala. Era o início de uma nova fase na casa da família Chiarelli. Sérgio sentia que, pela primeira vez, desde que os pais morreram, que tudo estava saindo perfeitamente bem. O mercado estava acima do esperado, Ricardo em tratamento e deixando para trás os tempos de escuridão que viveu e, a cada dia que se passava ele voltava a ser o rapaz que Sérgio se lembrava de anos atrás, Liana ainda continuava a mesma, com seus rompantes e bem mais sociável do que antes, amadureceu seu jeito de ser, e sempre seria a princesinha dos seus irmãos. E Sérgio estava em paz. Sabia que estava fazendo o seu melhor em tudo que lhe cabia respeito.

E ainda havia Fernanda. A sua luz particular. Aquela não só fazia parte da família, e sim era uma das peças importantes para o equilíbrio perfeito de todos os lados.

Não havia felicidade mais genuína do que as que eles viviam nesse momento.

Capítulo 68

— Liana, isto não vai dar certo! — Fernanda olhou-se no espelho.

— Vai sim. Já está dando certo e tu está linda com esse vestido.

Sim, realmente Fernanda estava sentindo lindíssima naquele vestido, mas seu receio era quando ela descesse as escadas e o Ricardo e Sérgio a vissem daquela forma. As imagens da última pessoa vestindo aquele vestido ainda eram bem nítidas.

— Li, acho bom eu ficar em casa com o Inacinho. Vão vocês três e eu fico aqui esperando vocês. Amanhã tu me conta tudo o que aconteceu e...

— Não! É o baile de encerramento do ano no CTG! E de comemoração ao nosso terceiro lugar como internada juvenil, tu não pode ficar em casa, Fernanda. Tem que estar lá! E o Inacinho também.

Fernanda suspirou.

Ela não estava nenhum pouco à vontade usando o vestido que era da mãe de Liana. O mesmo que havia gerado aquela discussão épica entre Liana e Vanessa, a ex de Sérgio. Tinha medo de descer as escadas e outra confusão daquelas proporções.

— A trança está pronta. Falta a maquiagem.

— Eu faço — se adiantou. — Fiquei dois dias sem poder piscar direito naquela vez que tu brincou de me maquiar. Prefiro não correr o risco dessa vez.

— Ok. Mas eu primeiro.

Liana sentou-se em frente de Fernanda já com os olhos fechados esperando ser maquiada. Fernanda respirou fundo e fez o seu melhor com a menina, tão ansiosa para sair de casa e se mostrar para todo mundo, inclusive os irmãos, que ela tinha vetado a entrada no quarto dela.

Terminaram de se arrumar, com Fernanda ainda não tão confiante sobre si mesma com aquele vestido tão querido pelos três irmãos. Era uma das únicas coisas que eles haviam ficado da mãe e Liana insistiu ao máximo para que Fernanda usasse, deixando ela sem escapatória.

— Está faltando alguma coisa. — Liana olhou para Fernanda.

— Não está faltando nada e...

— Já sei!

A guria saiu do quarto correndo, tão rápido que nem deu tempo de Fernanda interceptar, e depois de alguns minutos voltou segurando um cordão dourado na mão.

— Era isto aqui! — Colocou no pescoço de Fernanda, deixando o pequeno coração, entalhado em alguma pedra brilhante, descansar ali. — Agora sim está perfeito.

— De quem é isso, Li? — Fernanda questionou olhando pelo reflexo do espelho.

— Meu — respondeu rapidamente. — Ganhei em algum aniversário, e como é de ouro deixo escondido no quarto deles, junto com as outras coisas.

Fernanda tocou na pequena joia e não pode discordar de Liana, era o toque que faltava

para completar o vestido. E vendo a empolgação de Liana ao ver ela usando era emocionante. Ela não conseguiria negar o seu uso.

— Vocês duas já estão prontas? — Sérgio falou da porta, respeitado a ordem da irmã de não entrar. — O Ricardo está comendo até as paredes aqui de casa.

— Não estou não. — Gritou ele. — Só estou com fome!

— Já estamos indo. — Disse Liana. — Vai lá para baixo e nos espera.

Sérgio resmungou alguma coisa que não deu para entender dentro do quarto. Fernanda percebeu que aquele seria o momento. Desceria as escadas e os dois olhariam para ela diferente.

— Vamos? — Liana sorriu animadamente. Sem dar a opção dela responder, segurando sua mão e a puxando.

Fernanda só teve a opção de segui-la. Desceram as escadas cautelosamente, com medo de pisarem na barra do vestido e caírem e quando chegaram na cozinha, os três, incluindo Inácio no colo de Sérgio ficaram em silêncio.

As bochechas de Fernanda começaram a ficarem quentes e ela a sentir o vermelho subindo cada vez mais.

— Descul... — Começou a dizer e foi interrompida.

— Tu está linda, Fernanda — Ricardo foi o primeiro a falar e a se aproximar dela. — Vou ser o primeiro a dançar contigo esta noite.

— Obrigada, Kado. — Ela sorriu em agradecimento.

— Está decidido, não vamos mais! — Sérgio disse ainda sem tirar os olhos dela.

— O QUÊ? — Liana e Ricardo gritaram ao mesmo tempo.

— Ela está linda demais, não vou deixar ninguém colocar os olhos na Fernanda. E as mulheres vão querer arrancar o vestido dela no meio do baile. Vamos ficar em casa que é mais seguro.

Liana deixou um palavrão escapar e Ricardo revirou os olhos para o irmão. Sérgio se aproximou de Fernanda e a beijou, repetindo baixinho para apenas ela escutar.

— Ainda bem que vou estar armado com uma faca, qualquer um que te olhar demais eu enfio ela na barriga.

Fernanda riu e foi beijada novamente, para o desespero da plateia que os aguardavam.

Chegaram ao CTG e logo Fernanda sentiu os olhares voltados para si. Era o primeiro evento social em que ela estava incluída, e para o seu desespero, apresentada para todos como a namorada de Sérgio. E como ela sempre estava presente levando Ricardo e Liana nos ensaios, algumas pessoas demoravam para a associar ela as duas funções. Até porque, naquela noite, Fernanda estava arrumada e bonita, e nos outros dias, era uma simples babá. Isso causou muitos constrangimentos e momentos de silêncios horríveis.

Claro que Sérgio sempre tinha uma piada pronta para todos estes momentos tenebrosos que Fernanda passava. E quando ficaram sozinhos, conversaram.

— Não precisa ter medo destas pessoas e do que elas pensam, ok? Cada uma delas aqui têm um rabo preso: ou devem para alguém, traem os maridos e esposas, alcoólatras, e afins. Eles não têm nenhuma moral para julgar nós dois que não estamos fazendo nada de errado.

— Eu sei. — Disse ela ao apertar a mão de Sérgio. — Mas estou me sentindo como se estivesse saído de casa sem calças e fosse o centro das atenções. Não é uma sensação muito boa. Eu não vou saber me misturar com este pessoal.

— E nem eu quero que tu te misture. — Brincou ele. — É só nas primeiras vezes, vão falar, inventar mil e umas histórias sobre nós e quando verem que não é verdade vão parar. E sem contar que tu está linda, a mais bonita de todas daqui. Metade das mulheres estão com inveja e a outra metade queria ser tu.

Ele a acalmou e quando os pais de Bia chegaram, Fernanda conseguiu relaxar mais, ficando à vontade com a mãe da menina. As duas sempre conversaram e Fernanda sempre foi muito bem recebida por ela. Inácio estava se divertindo no colo de Ricardo, Liana e Bia, tanto que Fernanda só via ele de relance com os três. A mãe de Bia continuou as apresentações depois de Sérgio tinha ido para outra parte do salão onde estavam assando o churrasco da noite.

A noite estava começando a ficar agradável e Fernanda mais relaxada.

Depois de jantarem, o baile em si começou. Cumprindo o prometido, Ricardo foi o primeiro a dançar com Fernanda, mesmo que ela não soubesse muito bem o que estava fazendo. E quando ele ia começar a dançar a segunda música, Sérgio chegou e expulsou o irmão.

— Até pensa que é gente para dançar assim. — Sérgio riu e colocou a mão na cintura dela a puxando para mais perto de si.

— Eu tinha prometido a primeira dança para ele.

— A primeira, não a segunda e nem as que viriam depois. Estas são minhas.

Dançaram até Fernanda dizer que estava cansada. Procuraram Inácio e encontraram ele dormindo no carrinho ao lado de Bia e Liana que conversavam sobre alguma coisa muito interessante, tão interessante que Sérgio e Fernanda saíram sem as duas nem perceberem.

Sérgio levou Fernanda para o lado de fora do CTG, caminharam até chegarem em uma árvore com um banco onde sentaram.

— Este por acaso é o local onde tu levava as tuas conquistas? — Brincou Fernanda olhando para Sérgio na penumbra da noite.

— Cada uma delas. É um ótimo lugar para perder a honra perante a cidade.

— Sinto muito em te dizer, mas eu já perdi a minha honra há um tempinho. E ela está dormindo e toda suja de carne.

Sérgio riu.

— Inacinho é carnívoro. E ainda bravo quando alguém tira o pedaço de carne dele. — Lembrou do pequeno chorando quando Fernanda tirou o que um dia foi um pedaço de carne.

— Estava com medo dele se afogar com o pedaço. E tu viu a felicidade dele quando eu dei um pedaço novo? Acho que nem vai querer mamar quando chegar em casa e nem querer tomar banho.

— Eu realmente preciso de um banho. Estou fedendo a fumaça.

— Está sim, mas pelo menos desta fumaça eu gosto. — Ela se aproximou e o beijou.

Sérgio gostou da aproximação e aproveitando o fato de que estavam sozinhos, puxou Fernanda e continuou o beijo. Sentiu ela se arrepiar e se entregar aos toques dele cada vez mais. Isso o deixava cada vez mais louco por Fernanda. Beijou a sua boca e começou a descer para o pescoço, onde notou o cordão.

Sérgio riu sob a pele de Fernanda a arrepiando mais.

— Onde tu achou este cordão? — Questionou e Fernanda quase não entender o que ele queria dizer.

— A Li me emprestou. — Sussurrou. — Disse que era dela e que combinava com o vestido que...

— Ela te enganou direitinho, mas confesso que adorei te ver usando ele.

Sérgio apertou mais Fernanda e ela se afastou.

— Como assim?

Ele a beijou mais uma vez. Estava adorando ver Fernanda com aquele ar de desganhada de quem estava aprontando alguma coisa.

— Esse cordão era da mãe. — Ele sorriu e Fernanda se afastou.

— Eu não sabia. Desculpa, eu....

— Não, Fernanda, minha gordinha. — Sérgio não deixou ela sair de onde estava.

— Disse para ela que era demais usar o vestido que já foi alvo de briga por lá e agora o cordão.... Ela não deveria ter me dito de que era!

Sérgio riu e abraçou Fernanda fortemente.

— Nunca compara a Vanessa usando este vestido contigo, por favor, Fernanda. Chega a ser uma ofensa. E esse vestido agora é teu se tu quiser. Nenhuma outra pessoa seria tão digna de usar quanto tu. Minha mãe, se fosse viva hoje, te adoraria, ela com certeza está abençoando a nossa relação hoje.

Fernanda ficou sem palavras ao escutar o que Sérgio falava.

— E sobre o cordão a história é simples. A cada um dos filhos que meus pais tiveram, meu pai presenteava a nossa mãe com uma joia. Comigo foi um cordão, com um pingente de coração. Joia essa que ele quase vendeu um rim para pagar. Quando o Kado nasceu ele deu um anel e quando a Li chegou, uma pulseira. No testamento deles estas joias são destinadas as mães dos netos deles quando nascerem. Quando o Kado for pai, a mãe vai ganhar o anel e quando a Li for mãe, uma coisa que eu espero que leve muitos anos ainda para acontecer, ela vai herdar a pulseira.

Fernanda levou as mãos até o pescoço procurando o fecho do cordão de ouro. Retirou ele e entregou na mão de Sérgio com um sorriso. As lágrimas que vieram aos seus olhos eram de emoção ao escutar uma história de amor, como a dos pais de Sérgio, tão pura e verdadeira.

— Quando o teu primeiro filho nascer, a mãe dele vai receber o cordão com muito amor.

Sérgio olhou o cordão na sua mão e no sorriso de Fernanda. Não pensou duas vezes antes de recolocar a joia no pescoço dela.

— Acho que ele já nasceu, arranca suspiros por onde passa e fica furioso quando tiram um pedaço de carne assada que ele estava pensando que comia.

Fernanda tocou no pequeno pingente brilhante em forma de coração. Seus olhos choravam naquele momento tão perfeito que ela estava vivendo. Sabia que Sérgio era louco por Inácio e Inácio era todos sorrisos e alegria quando via Sérgio, esticava os bracinhos na direção dele e ficava gritando até ser pego no colo por Sérgio. Era um afeto tão mútuo que quem visse de fora acreditaria piamente que eram pai e filho.

— Eu te amo, Fernanda. E amo o Inácio como ele fosse o meu filho. Nada me daria mais felicidade em ocupar esse cargo, se ele estiver vago.

Fernanda se engasgou com o seu choro enquanto sorria. Beijou Sérgio e abriu o seu coração. Com a mesma intensidade com que Sérgio abria o dele para ela.

— Eu também te amo, Sérgio. E este cargo não poderia ser ocupado por outra pessoa a não ser tu.

Capítulo 69

Ricardo fechou os olhos e respirou fundo. Relaxou os ombros e tentou livrar a mente de todos os milhares de pensamentos que o rodeavam naquele momento.

Não era uma tarefa fácil, mas era preciso desacelerar por um tempo, se concentrar na sua respiração e deixar que o mundo continuasse com os seus trabalhos sem ele. Nada de correria dentro do mercado, clientes falando sem parar, Sérgio e Fernanda conversando no escritório e Liana o enchendo o saco a cada minuto que fosse.

Sim, ele precisava de um momento de paz consigo mesmo.

Um momento para relaxar, se imaginar em um campo verde, onde a grama e o céu azul se fundisse em um só no final do horizonte, o silêncio seria completo e o sol o esquentaria como em uma manhã fria de inverno. E era isso que Ricardo precisava.

— Ok, Ricardo, conseguiu imaginar o ponto entre a tranquilidade e o caos que eu sempre te falo?

Ricardo abriu os olhos, apagando a imagem perfeita da sua mente e se voltou para o consultório de Miguel, onde ele, como sempre, estava sentado no chão e encostado no divã. Miguel estava a sua frente, sentado em uma das cadeiras viradas para a sua mesa, já que na sua cadeira habitual ele não conseguiria visualizar o seu paciente.

— Acho que consegui, mas como aplicar isso no momento em que eu preciso? Já é difícil desligar a cabeça quando estou para dormir, quem dirá quando estiver estressado.

— Isso é uma arte, quase um dom, que vamos ter que trabalhar aos poucos.

Ricardo gemeu.

Isso soava como uma prisão. Cansativo demais para ele. Às vezes, tudo que Ricardo mais sonhava era acordar alguns anos à frente e ver que tudo tinha passado e ele estava bem. Nada mais de medo de dormir e ter pesadelos, ou de sair de casa e passar mal, não que isso tivesse acontecido, mas Miguel fez bem o seu papel em alertá-lo que isso poderia acontecer em algum momento. Realmente era uma coisa animadora de se escutar.

— Vamos lá, Kado. Tu sabe que nossa relação não vai ser breve, nós somos amigos e estamos nessa luta juntos. — Miguel sorriu e olhava para ele sentado no chão.

— Eu sei — admitiu derrotado. — Mas concordamos em dizer que tudo isso é exaustivo. Essa função de tomar remédios, os pesadelos, o povo olhando para mim, apontando para a minha cicatriz e tudo mais. Nunca fui normal, mas agora é como se eu andasse com um cartaz nas minhas costas dizendo que sou louco assumido.

Miguel riu.

— Todos nós temos um pouco de loucura dentro de nós, mas o que nos define é o modo como escondemos ela. E tu andou se exibindo demais. — Piscou e Ricardo acabou sorrindo. — E sobre os pesadelos a gente pode dar uma mexida nos remédios para ver se diminuem.

— Mais quinze dias oscilando. — Ricardo revirou os olhos.

— Quem mandou brincar com faca, agora aguenta as consequências, e vamos voltar ao que

interessa, ou então o tratamento não vai resultar em nada se a gente ficar apenas conversando aqui e não trabalharmos.

— Tu está falando igual ao meu irmão.

— E por falar em Sérgio, como está a relação entre vocês. Fora do mercado.

Ricardo pensou. Nesses últimos tempos não poderia se queixar de Sérgio, o irmão estava bem mais presente e curioso sobre a rotina de Ricardo e até Liana. Talvez fosse pelo fato dele estar mais relaxado em casa, Fernanda com ele no mercado dividia toda a responsabilidade junto com o irmão, e em casa os dois juntos estavam bem mais felizes do que antes.

Pela primeira vez em anos Ricardo sentia-se bem em casa. Nada de ficar trancado no quarto ou jogando videogame em frente à TV por horas e horas. Agora sempre tinha um deles o acompanhando, conversando sobre tudo e todos e especialmente, escutando Ricardo em todos os assuntos que ele poderia falar. Ou então Ricardo estava com Inácio, aquele pequeno bebê que crescia como abóbora que ganhou o coração de Ricardo à primeira vista.

— Estou bem como mano. Estamos sempre que podemos juntos, fazendo coisas legais e até mesmo quando eu venho para cá com ele é divertido.

— Tirando a ideia de vir aqui me ver, imagino.

— Claro, totalmente. — Os dois se olharam e riram.

Continuaram a conversar até a consulta acabar. Miguel sabia que a caminhada de Ricardo ainda era grande e a passos pequenos, mas ele já conseguia ver uma etapa do percurso vencida. Ricardo estava longe de uma alta clínica, mas só o fato de ainda estar aqui e, mesmo que reclamando um pouco, realmente escutando o que Miguel falava era uma vitória e tanta.

— Nós ainda vamos longe Ricardo, não sei te dizer ao certo se um dia tu parará de usar medicamentos, ou se até mesmo conseguirá reduzir. Já vi ambos os casos para diagnósticos como o teu, e até mesmo pacientes que não conseguiam conviver com a doença e acabaram tirando a própria vida de fato. Por isso eu quero que tu me escute e entenda: tu é um paciente com um alto risco de recidiva, de voltar a cometer suicídio.

Miguel viu os olhos de Ricardo se arregalarem perante a realidade.

— Sim, isso mesmo que tu escutou. E para que isso não aconteça, preciso que tu tenha a consciência disso e que a possibilidade existe. E que poderá haver períodos em que a ideia vai se tornar atrativa para ti. Isso pode parecer loucura de se falar e de escutar, mas é a verdade. Se se hoje ela parece loucura é porque estamos caminhando para frente, mas às vezes damos passos para trás. E é nessa hora que a gente precisa estar junto, ok? — Miguel olhou sério para Ricardo, mas logo aliviou o clima e continuou. — Como diz a música: o pecado mora ao lado e o paraíso paira no ar. É bem mais difícil encontrar o paraíso do que ceder ao pecado.

Ricardo assentiu, mas não muito certo do que tinha que fazer. Ele estava se esforçando ao máximo. Aguentava as trocas de remédios constante, alguns que faziam ele dormir demais, outro que o faziam perambular pela casa a noite toda e aqueles que o deixavam completamente apático. Respirava fundo quando sentia alguém falando ele pelas suas costas e se continha em mostrar a cicatriz no pulso para acabar com aquilo. Conversava com Sérgio, Liana e Fernanda quando sentia que alguma coisa não estava bem e tentava ao máximo estar contente com tudo.

— Tudo é confuso demais. — Falou ele baixinho, finalmente se abrindo. — Uma hora eu penso no que fiz e vejo a loucura que foi, mas em outros momentos eu não sei o que pensar e não acredito em nada.

— É assim mesmo, Ricardo. Acho que tu ainda estaria na casa de repouso se estivesse tão lúcido ainda. Hoje mesmo eu percebo que tu está num dia de falsidade. Chegou aqui todo alegre e falante, mas eu te conheço já a ponto de saber que está acontecendo alguma coisa.

— Não está acontecendo nada. Tudo está bem em casa, no mercado e em qualquer outro lugar, tirando o fato das pessoas ainda me virem e começarem a cochichar pelos cantos, como eu disse que aconteceu lá no CTG no dia do baile, mas não é sobre isso, é sobre ser eu. O Ricardo de verdade. Eu vou estar assim daqui alguns anos? Ou vou ser o cara que tentou se matar e pode fazer isso a qualquer momento de novo? Eu vejo o mano e a Fernanda, juntos, e fico imaginando se um dia eu vou ser assim também, se vou conhecer alguma pessoa especial que aceite o fato de eu ter tentado me matar e, como tu disse, podendo sempre ser um paciente psiquiátrico e dependente de remédios.

— Isso são pensamentos muitos adiantados, Ricardo. Como eu disse, eu não sei como vai andar o teu tratamento. Daqui um ano tu pode estar livre de medicamentos ou...

— Morto por mim mesmo, porque não posso lidar com a pressão de ser eu mesmo. Isso não é muito animador.

Miguel não se conteve e sorriu.

— Nenhum pouco, mas eu vou estar te monitorando e auxiliando no que precisar. Vamos viver o hoje, amanhã, semana que vem ou próximo mês. O daqui um ano está a um ano de distância e temos que viver o hoje, antes de pensar no ano que vem. Ok?

Ricardo olhou para o chão e suspirou.

— E é isso que vamos fazer. Um dia tudo isso vai passar, os dias, as semanas, os meses e os anos vão passar, mas com o tempo necessários deles. Tu, como o cara que gosta de física, sabe que o tempo é imutável e a única coisa que dá a impressão de acelerar ou retardar a sua passagem é o modo como a gente vive ele. Não adianta querer que o tempo passe rápido se tu só ficar pensando em coisas tristes e que não vão agregar nada a tua vida ou a aquele momento. E vai perceber que ele vai passar muito mais rápido quando tu estiver fazendo uma coisa que te dá prazer e te motiva. Entendeu?

— Acho que sim. — Murmurou em resposta.

— Então vamos lá, — Miguel se animou e sentou na ponta da sua cadeira se inclinando para Ricardo — quando tua cabeça estiver à mil, pensamentos a anos luz de distâncias e te fazendo ficar mal, ou então, questionador demais sobre coisas que não estão no teu controle naquele momento, eu quero que tu pare. Feche os olhos, respire o mais fundo que conseguir, o quanto de vezes tu achar necessário e encontre esse ponto entre a serenidade e o caos e siga para o caminho oposto que tu estava. Sai de casa, ou do local em que te fazia te sentir assim, dá uma volta, pega o Inácio e brinca com ele, vai mexer no carro que tu e o Sérgio estão mais destruindo do que montando, pelo visto — Ricardo sorriu — conversa com a Li, com a Fernanda ou faz qualquer outra coisa que te distraia. Fazendo isso o tempo vai passar bem mais rápido do que tu pensa.

Miguel se levantou e estendeu a mão para que Ricardo levantasse do chão.

— E quando tu perceber, vai estar melhor. Vai ter conhecido uma pessoa especial, se apaixonado, quebrado a cara por ter feito isso, vai ter passado por experiências ótimas, outras nem tanto, e principalmente, vai ter vivido, Ricardo. Com medicamentos, sem medicamentos, comigo ao teu lado, com a tua família te apoiando. Vai ter vivido uma ótima vida e vai ver que tudo passa, e se não tiver passado é só respirar fundo e encarar que uma hora eu te garanto que passa.

Ricardo saiu do consultório de Miguel, encontrou o irmão sentado em uma cadeira e lendo alguma matéria de última hora para as provas finais daquele final de semana. Sérgio sorriu e abraçou o irmão pelos ombros enquanto eles saíam do prédio onde Miguel atendia.

— Agora a última parada é a prova, que eu não tenho a mínima ideia de como vai ser a de hoje e de amanhã. E depois férias. Nem acredito nisto!

— Férias! — Ricardo repetiu mais animado do que estava no consultório de Miguel.

Ricardo sabia que Miguel tinha falado aquilo tudo para o seu bem. Era bom escutar aquelas palavras, elas eram aterrorizantes, mas ao mesmo tempo reconfortantes. Era através de uma verdade dura que vinham os melhores conselhos. E Ricardo estava entendendo cada vez mais isso.

Ele não poderia controlar o seu futuro, o máximo que conseguia eram planos a curtos prazos, e esses eram o mais fácil de lidar com tudo, já que eram certos e não demandavam de preocupações extremas, já que ele estaria acompanhado da única certeza que ele tinha enquanto vivia. Que a sua família estaria ao seu lado em todos os momentos em que ele precisasse.

Capítulo 70

Fernanda entrou no seu quarto de hotel, que dividia com sua mãe e Inácio e levou um susto ao escutar a voz da sua mãe.

— Até que chegou cedo hoje. Pensei que fosse passar a noite fora.

— Que susto, mãe. — Fernanda se acalmou e se viu pelo espelho da entrada do quarto. Completamente descabelada e com um sorriso bobo estampado no seu rosto. — E era claro que eu iria voltar para dormir. O Inácio sempre acordar e não seria nada divertido para ele se eu não estivesse aqui.

— Até parece — debochou a sua mãe. — Ele brincou tanto que só vai acordar amanhã e pronto para mais um dia de folia dentro e fora d'água.

Isto era verdade. Se alguém estava aproveitando todos os dias daquelas férias, era Inácio. Para ele não tinha tempo ruim, até no dia em que pegaram de chuva, ele deu um jeito de brincar e rir incontrolavelmente. E estava dando um cansaço em qualquer um que ficasse por muito tempo com ele de tão agitado que estava.

Já parando sentado por mais do que alguns instantes, ele se divertia ao máximo. Colocava tudo que encontrava na boca e Fernanda tinha até medo de que ele engordasse de tanto comer a areia da praia. Ou que isso prejudicasse o pequeno Inácio. Quando voltassem para casa era certo que ela levaria ele ao pediatra e pediria todos os exames que uma criança da idade dele poderia fazer.

— Ele ainda está no mesmo sono de quando tu saiu. — A mãe de Fernanda voltou a falar. — Não se mexeu um centímetro e só solta uns suspiros longos para dar sinal de vida. — Fernanda se aproximou da sua cama e tocou na cabeça do seu filho, ajeitando os cabelos dele.

Beijou a bochecha dele, sentindo a pele tão lisa e perfeita e viu ele sorrindo no seu sonho e voltando a dormir como o anjo que ele era. Fernanda não tinha o que reclamar de Inácio. Ele era o bebê mais querido e fofo, modéstia à parte, que ela já conhecia. E escutava isso de todas as pessoas que encontrava pelo seu caminho. Até mesmo na sala de vacinas do posto de saúde, depois de levar uma picada grande, Inácio era adorável com as outras pessoas.

Ela era uma mulher de sorte. Seu filho tinha uma saúde de ferro. Era perfeito em todos os sentidos da palavra, o máximo que ficava era com uma febre esporádica, principalmente agora com a chegada dos dentinhos, e quando estava nesses dias ficava manhoso e a procura de um colo vazio. Mas fora isso, nada além. Nenhum pouco comparado com as histórias que ela escutava de mães desesperadas com os filhos que choravam o dia todo e à noite não dormiam direto.

Sim, Fernanda era abençoada com Inácio e tudo que girava em seu entorno. Sua mãe ficava com ele sempre quando ela precisava e fazia isso porque amava o seu único neto, não por obrigação ou porque Fernanda não tinha com quem deixá-lo. E ela nunca faria isso. Nunca abusaria da boa vontade da sua mãe para ficar com Inácio para que ela esquecesse que o filho era seu e sua obrigação de ficar com ele. Se não tivesse jeito de alguém ficar com Inácio, Fernanda deixava de trabalhar no mercado sem pensar duas vezes, e dependendo do dia, até levava o bebê para que pudesse trabalhar e ficar com ele ao mesmo tempo. Sérgio nunca reclamava quando isso

acontecia. Bem pelo contrário, quem não trabalhava era ele, andando com Inácio para cima e para baixo naquele mercado, conversando com ele e, como o próprio Sérgio dizia, já ensinando para ele como um mercado funcionava.

Isso encantava Fernanda de uma maneira única. Ainda mais daquela forma em que Sérgio agora se denominava como pai de Inácio. Fernanda tocou no cordão, que ainda usava e disse para si mesma que nunca iria tirar do seu pescoço, sentiu aquela felicidade que nascia no seu peito e se espalhava por todo o seu corpo.

Seu coração se libertou de todas as amarras que o pai de Inácio havia deixado. Sérgio, com a maestria e dedicação, desatou todos os seus nós e revelou para Fernanda a verdade incontestável. Ela estava apaixonada e amava Sérgio da mesma maneira que ele. A beleza do sentimento mútuo era visto por todos que passavam. Chegava a ser instigante, para quem os conhecia, de como um sentimento conseguiu florescer no momento em que ambos precisavam.

E Fernanda ser apresentada a esse sentimento, e se permitir vivê-lo, era a coisa mais bonita e especial que ela poderia sentir em toda a sua pequena vida. Ainda não sabia sobre o dia de amanhã, mas sabia que seria ótimo e que Sérgio estaria ao seu lado.

Fernanda vestiu-se com o seu pijama, deitou ao lado de Inácio, que suspirou e esticou a mão em direção a sua, e dormiu feliz ao lado do seu filho.

Mesmo estando de férias, Sérgio não perdia alguns hábitos. Principalmente o de acordar junto com o sol nascendo e ser contemplado com o nascer dele da janela do seu quarto, com a água da praia no horizonte. Esperou o espetáculo do sol nascendo acabar e colocou em prática seu outro hábito de todas as manhãs. Pegou a chave reserva que tinha do quarto dos irmãos e verificou como eles estavam dormindo. Liana esparramada, com suas cobertas no chão e Ricardo elegantemente dormindo em perfeito estado.

Sérgio desceu as escadas e foi em direção à cozinha do hotel pegar um pouco de água quente para o seu chimarrão de todas as manhãs. A cozinheira até já sabia e o esperava com a térmica cheia. Agradeceu e seguiu até um banco da praia onde sentou-se e começou a tomar o seu chimarrão. Lembrando que era mais um dia sem cigarro e que parar seria por uma ótima causa.

Mateou em paz, respirando a brisa e escutando o barulho das ondas batendo na areia da praia. Era uma boa visão para começar o seu dia, mais um dia de paz e tranquilidade ao lado das pessoas que ele mais amava naquele mundo. Lembrou de quando ele mesmo estava em férias, naquela mesma cidade e escutou o seu falecido pai proferir aquelas mesmas palavras. Não havia nada melhor do que começar o dia com um chimarrão quente, uma vista para a praia e a certeza de estar acompanhado por todos aquele que o amavam e ele amava.

Sérgio sorriu para o nada depois de lembrar a frase e o momento exato em que o pai tinha falado aquelas palavras, que na época não fez nenhum sentido para o Sérgio adolescente, que estava mais interessado em ver as meninas de biquíni na praia. Agora, anos mais tarde, sentindo a maior saudade que um ser humano pudesse sentir no seu coração, Sérgio entendia tudo perfeitamente, pois sentia-se exatamente assim.

Sentia-se completo de corpo e alma. Tinha um bom emprego, que dava para sanar todas as contas da casa e ainda uma boa reserva que ele não pretendia usar por muitos anos. Irmãos

perfeitos nas suas imperfeições, Sérgio não tinha nada o que reclamar de mais sério de Ricardo e Liana. Eles eram ótimos e Sérgio aprendia cada vez mais como ser o irmão que eles precisavam. Principalmente com Ricardo.

E para completar o pacote de felicidade plena, ainda havia a doce, pequena e linda Fernanda. Sua Fernanda de alma tão pura e coração leve. A luz que chegou na sua vida, piscado até se firmar e ser toda a iluminação que ele precisava, e ainda precisa, para ser um Sérgio melhor. Junto com ela, Inácio veio para ser o filho que Sérgio nunca imaginou que teria tão rapidamente. Um sentimento que nasceu junto com ele. Ao ver Inácio pela primeira vez, percebeu que, para ser pai, a única coisa que importava era o amor incondicional que ele sentia. Não seria papéis burocráticos, biologia e qualquer leis dos homens que acusariam o contrário. Sérgio era pai de Inácio e isso nunca mudaria. Até mesmo a sogra veio junto, um adendo, que apesar de bravo, era necessário e especial. Conhecendo a sogra, Sérgio pode conhecer mais de Fernanda e de onde veio tanta generosidade e bondade.

— Bom dia, Sérgio. — Sérgio se afogou com o chimarrão e tossiu um pouco antes de responder a sogra.

— Bom dia, dormiram bem essa noite?

— Não tem como dormir mal com o som das ondas ao fundo. — Sérgio terminou o seu chimarrão concordando com a sogra.

Serviu uma cuia e ofereceu à mãe de Fernanda que aceitou com um sorriso leve no rosto.

— E como foi a noite de vocês?

— Muito boa. Fomos a um barzinho aqui perto. Fernanda não quis demorar muito por causa do Inacinho. Estava com medo que ele acordasse e sentisse falta dela e chorasse.

A mãe de Fernanda riu.

— Ele não acordou a noite toda. Fernanda deu de mamar para ele e trocou as fraldas no meio da noite e ele nem se mexeu. E até eu estranhei ela ter voltado tão cedo assim. Pensei que só iria ver a minha filha hoje pela manhã.

Sérgio pegou a cuia da mãe de Fernanda e engoliu em seco.

— Ela nunca nem entrou no meu quarto. — Apressou-se em dizer.

— Claro que não. Ela aprendeu com os seus erros. Um erro bem bonito ainda por cima — piscou em direção a Sérgio deixando claro que estava falando em Inácio. — Mas ela sabe que tu não é igual ao pai dele.

Sérgio tomou o seu chimarrão, escutando atentamente o que a senhora dizia. E também era uma ótima desculpa para ficar de boca fechada.

— Tu é um bom rapaz, Sérgio. Eles são as únicas coisas que eu tenho nesse mundo, minha filha e meu neto. E é bom saber que eles estão muito bem acompanhados.

Sérgio não conseguiu conter o sorriso.

— Obrigado. É ótimo escutar isso da senhora. Amo seu neto e a sua filha. Vou fazer de tudo para deixar ambos felizes.

— Eu sei, meu filho. — Ela respondeu calmamente. — Ou então vai apanhar de novo de mim.

Ambos riram.

Tomaram chimarrão até o movimento da manhã começar a acordar no hotel em que estavam. O dia prometia sol e praia, e quando todos acordaram e tomavam café da manhã o dia era traçado por Ricardo e Liana, animados com aqueles dias de férias.

— Vamos jantar na pizzeria! — Anunciou Liana feliz.

— Concorde! — Ricardo se animou e os dois começaram a fazer uma aposta de quem comeria mais.

Sérgio, aproveitou que a situação estava voltada para os dois e passou o braço pelo ombro de Fernanda, a puxando para si.

— E nós um passeio na praia mais tarde.

Ele beijou ela enquanto Fernanda sorria.

— Bem mais tarde.

— Isso soa ameaçador. — Ela brincou.

— E é para ser mesmo.

Sérgio tinha planos e Fernanda não escaparia deles.

Capítulo 71

A noite estava agradável. Ótima para um passeio na orla da praia.

Depois da competição de pizzas, Ricardo e Liana estavam quase rolando pelo calçadão ao voltarem para o hotel, nem quiseram fazerem a última parada na sorveteria. A mãe de Fernanda já estava cansada e resolveu levar eles e Inácio para dormirem, deixando assim Sérgio e Fernanda sozinhos para o caminharem um pouco.

— Afinal de contas, quem ganhou a competição? — Questionou ela.

— Não, fiquei cheio só de ver os dois comendo, parei de contar depois de um certo tempo. Acho que deu empate. Só espero que eles não resolvam dar uma revanche. Capaz do dono da pizzeria fechar as portas e declarar falência. Pareciam que não viam comida há um século.

— Pois é, eles comeram demais. E ainda estou preocupada com o corte no pé da Liana. Acho que deveríamos levar ela ao médico.

Sérgio olhou para Fernanda e riu em tom de deboche.

— Bem feito para ela, eu disse que a região das pedras é perigosa, mas ela não me escutou e se cortou. Na verdade, foi mais um arranhão feio, mas nada que vá causar a amputação do pé dela. Aquilo ali não é nada. Amanhã mesmo ela já vai estar enfiada dentro d'água, como sempre, só com o nariz para fora.

E isso não convenceu nenhum pouco Fernanda.

— Agora, quando a gente voltar levar todo mundo para o médico para uma dose de remédio de vermes, eu concordo.

— Ai que nojo! — Fernanda gritou fazendo com que Sérgio risse.

— Mas é verdade. — Continuou a rir da cara de nojo dela. — Isso aqui é lagoa, não é mar que a água é salgada e mata tudo que é bicho. Ou tu acha que esse pessoal todo sai da água para ir ao banheiro? Àquela hora que entrei com os dois só a Liana tomou metade da água dessa lagoa e o Kado o chegou perto. Até mesmo o Inacinho não se escapa e....

— Já entendi, Sérgio! Acabei de comer muita pizza, não preciso desse assunto mais.

Por fim, Sérgio ainda continuou a rir de Fernanda e quase que dessa vez quem bateu nele foi ela. Continuaram a caminhar pela orla da praia, passando por diversas lojinhas de artesanato e parando em cada uma delas para olharem e brincarem entre si.

Realmente a noite estava perfeita. Mãos dadas, passos lentos e muitos beijos roubados entre uma parada e outra. Era o sonho de qualquer pessoa, e Fernanda estava sentindo-se nas nuvens, por aquela estar sendo a história em que ela era a protagonista e não apenas a leitora por trás de um livro.

Tiraram os sapatos e caminharam pela areia da praia na volta. E antes de chegarem ao hotel, Sérgio sentou na areia fofa da praia e puxou Fernanda para o seu colo.

— Já está ficando tarde. — Ela disse ao se aconchegar mais nele. — E eu estou com frio da brisa da água.

— Eu te esquento, minha gordinha. — Sérgio passou os braços pelo corpo dela e a abraçou. Realmente um conto de fadas se encaminhando para o final feliz.

— Tem certeza de que a gente tem que voltar para casa? — Sérgio apoiou a cabeça na curva do ombro de Fernanda.

Ela suspirou e ele continuou a falar.

— Poderíamos ficar aqui para sempre. Administrar o mercado via telefone, cartas e quando os fornecedores virem abastecer aqui a gente fala com eles. Vamos até lá a cada quinze dias, só para ver como anda as coisas. Seria ótimo isso.

— Ah, seria, mas como ficaríamos aqui no inverno? O vento seria gelado demais.

— Uma lareira em frente à praia. Tudo resolvido, Gorda. Vamos ficar aqui para sempre. Férias constante.

— E o Kado e a Liana? Vão estudar aqui?

— Mandamos eles embora com a tua mãe, o Inacinho enquanto ele é fofo ele fica, depois que crescer mais e começar a incomodar, a gente exporta ele também. Aí ficamos só nós dois.

— É uma ótima ideia. Nada de incomodação, de estresse e outros problemas. Só sombra, água fresca e lareira com chocolate quente.

— Diz que sim, Fernanda. — Sérgio apertou mais ela e começou a fazer cócegas.

Fernanda nunca resistia a cócegas e quando percebeu estava deitada na areia da praia com Sérgio em cima dela.

— Então eu tenho outra ideia. — Ele começou a distribuir beijos pelo rosto dela enquanto ela ainda ria.

— A de como tirar toda essa areia de mim?

Sérgio parou, pensou um pouco e se voltou para ela.

— Podemos providenciar isso no meio do caminho. — A intensidade dos olhos deles alertaram Fernanda.

Sua boca ficou seca de repente, a respiração superficial e a vontade de beijar Sérgio falou mais alto do que qualquer coisa naquele momento.

— Acho que tu entendeu perfeitamente o meu ponto.

Sérgio levantou em um pulo e ajudou Fernanda a sair da areia. Caminharam até o hotel e subiram as escadas correndo.

E quando entraram no quarto dele e Fernanda escutou ele fechando a porta, começou a ficar nervosa. Ela sabia que estava fazendo papel de idiota por ficar dessa forma, mas não conseguia controlar. Era bem mais forte do que ela poderia imaginar que aconteceria.

— Sérgio... — Ela murmurou quando ele a abraçou e fitou os seus olhos.

— Sabe que eu gosto de ver os teus olhos nos do Inácio. — Ele disse tão espontâneo e carregado de sentimentos que ela ficou imóvel. — Eu sei que o que eu vou dizer soa muito idiota e cheio de preconceito, mas eu fico cada dia mais aliviado em ver que ele se parece muito

contigo do que aquela pessoa que ajudou a fazer ele. Desculpa, mas eu precisava falar isso. E quando o Inácio olha para mim, com esses mesmos olhos que eu estou vendo agora — ele se aproximou mais dela — eu vejo que meu amor por vocês só aumenta. E já te digo uma coisa, quando o irmão ou a irmã do Inácio nascer, quero os teus olhos neles também. Nem inventa de nascer com os sem graça dos meus.

Ele beijou cada um dos olhos de Fernanda enquanto ela processava o que Sérgio tinha acabado de falar.

— Irmão ou irmã? — Sérgio a beijou de leve.

— Claro. Não agora — apressou-se em dizer. — Daqui uns anos. Depois que a gente se livrar do Kado, da Li e o Inácio estiver grande.

O susto de Fernanda passou e ela começou a rir, um pouco ainda de nervosa.

— Ok, bons anos. Ainda não me recuperei de uma gravidez e não quero me preocupar com outra por um bom tempo.

— Muito bom tempo — continuou Sérgio. — Mas um dia vai se preocupar de novo. Ou melhor, nós vamos.

E depois disso ele começou a beijar Fernanda de uma forma mais urgente do que aqueles beijos inocentes.

Levou ela para a sua cama e a deitou no meio dela. Colocou parte do seu peso em cima dela e sentia Fernanda se soltar aos poucos com as suas carícias com inúmeras intenções.

Ele estava no limite havia muito tempo. Fernanda andava cozinhando Sérgio em fogo baixo e agora chegava o momento em que ele tanto ansiava. Precisava de Fernanda num nível físico que ele nunca tinha sentido na sua vida. Era bem mais do que aquela simples atração que ele um dia tinha sentido por alguém. Era diferente. Era Fernanda.

Ela fechou os olhos se rendendo aos poucos. Queria isso. Sentir o seu corpo em contato com o dele em todos os níveis que poderia existir. Seus pensamentos a deixavam até encabulada. Nem parecia que ela tinha um filho e, por mais precária que tivesse sido, tinha uma certa e limitada experiência no assunto.

Mas, internamente, sentia-se completamente ingênua. Ainda mais sendo com Sérgio a relação. Sabia que ele era bem mais experiente que ele e seria completamente diferente do que o pai de Inácio. Era por isso que ela ansiava. Uma experiência nova, completa e perfeita.

— Eu preciso te avisar algumas coisas. — Disse ela baixinho em meio a algumas sensações que estavam deixando que ela ficasse zonzinha e completamente fora de si.

— Se tu me disser que é virgem eu não vou acreditar. Até porque eu vi o Inácio nascendo e ele estava dentro de ti. De alguma maneira ele foi parar lá.

— Não, seu bobo. Eu não sou virgem, mas também não sou experiente como tu pensa que eu posso ser. Apesar de ter feito algumas vezes eu....

— Não precisa me falar nada. — Ele calou a sua boca com um beijo. — Quero que tu esqueça de tudo que aconteceu antes de me conhecer. E eu também vou fazer isso. Se tu pensa que está nervosa, imagina eu. Se pudéssemos trocar de lugar nesse momento, tu veria que eu

estou me sentindo mais nervoso de quando eu perdi a minha virgindade, e isso faz alguns anos. Mas eu prometo que não vai ser tão desastroso assim.

— O Inácio fez uma bagunça no meu corpo. Tenho a cicatriz da cesárea e não esquece que eu amamento ainda, então...

— Ele deixou o teu corpo mais bonito, pode apostar. São as marcas de uma mãe e a minha sempre dizia que eram as melhores que uma mulher poderia ter. Mas eu não quero falar da minha mãe nesse momento.

— Ok.... — Fernanda relaxou e sentiu Sérgio se aproximando dela e afastando a alça da sua blusa, junto com a do seu sutiã e beijando aquele ponto.

— Pronta para deixar um marco na tua vida, dividindo ela entre essa noite e o que aconteceu antes?

Ela riu, um pouco de nervosa, outro pouco pela prepotência dele.

— Acho que a minha vida já está bem marcada. Antes de eu te conhecer e depois de te conhecer. Eu prefiro a Fernanda depois que te conheci.

— Essa é a melhor Fernanda de todas. Mas eu ainda tenho uma sensação de que essa noite vai ser um marco ainda maior.

Fernanda correu as mãos pelas costas de Sérgio e ele entendeu que aquilo era o fim de papo para os dois.

Haviam coisas melhores para eles fazerem naquele momento do que conversarem. Isso eles poderiam fazer mais tarde.

Capítulo 72

Os dias passaram rápidos demais. Quando todos perceberam, os quinze dias de férias acabaram. Fazer as malas e voltar para casa era tão cansativo e entediante. Eles poderiam alugar aquelas bicicletas para andarem mais uma vez pela orla, comerem mais um sorvete ou estarem dentro d'água, pela última vez ao invés de estarem arrumando as suas malas.

Liana era a pior de todas. Jogava as coisas na mala de qualquer jeito. E tinha a certeza absoluta de que não caberia tudo. Ricardo olhava aquela atrocidade que a irmã fazia com suas roupas espantado. Enquanto ele dobrava, milimetricamente, cada peça de roupa e encaixava cada uma, com uma precisão de quem jogava tetrís há muitos anos, Liana reclamava.

— Não vai fechar isso! — Ela socava as roupas, cada vez com mais forças.

— Ajudaria se tu dobrasse elas corretamente e colocasse no lugar certo. — Retrucou ele, estudando o melhor lugar para colocar uma camiseta.

— Ajudaria mais se tu fizesse isso para mim. Tu leva jeito para essas coisas, eu não tenho a mínima ideia de como se faz.

Ricardo riu baixinho.

— Não, Li, tuas roupas, tua mala, tua responsabilidade. A Fernanda deixou bem claro que a única pessoa que não faria a sua própria mala seria o Inácio e por razões bem óbvias.

— Sabia que isso era coisa dela! — Revirou os olhos.

— Quem te vê revirando os olhos assim para ela não imagina que ontem tu quase chorou para ela entrar na água contigo, ou que tu pudesse dormir com ela e me deixar aqui sozinho.

— Estava para chover, e isso é completamente diferente do que dobrar essa estúpida roupa que não entra na mala.

Ricardo continuou o seu trabalho, ainda com um sorriso no rosto com o que Liana dizia. Terminou de arrumar a sua mala e deitou na cama a espera de Liana e olhando a guerra que a irmã travava com as suas roupas.

Ele fechou os olhos e percebeu que quando voltassem para casa tudo seria um pouco diferente. Pelo andar da relação entre o irmão e Fernanda, logo ela se mudaria permanentemente para a casa principal. Inácio seria como se fosse um sobrinho para Ricardo e Liana. E em breve a rotina das aulas voltariam com força total.

— Acha que tudo vai ficar como está ou vai melhorar? — Ele questionou para Liana.

— O quê?

— A Fernanda e o mano juntos. Eles já estão juntos faz um tempinho, mas depois desses dias aqui dá para perceber que eles estão diferentes. Como se estivessem apaixonados e estou te perguntando se isso pode mudar alguma coisa lá em casa. E com a gente. Parece que tudo vai mudar completamente. Não sei explicar o que eu sinto. Queria saber se é só eu que estou sentindo isso e se não for, o que acha que isso pode significar.

Liana sentou em cima da sua mala fechada e com algum sacrifício conseguiu fechá-la.

— Só digo uma coisa, se o mano e ela se separarem eu bato nos dois.

Ricardo riu.

— E também, — continuou Liana, saindo de cima da mala lentamente, com um pouco de medo que ela explodisse espalhando roupas por todo o quarto. Ou pior, levando aquela parte do hotel embora, tamanha a explosão. — Não acho que tudo vá ficar diferente. Não aguento mais ver os dois se agarrando pelos cantos. Porém, prefiro a Fernanda do que a vaca da Vanessa.

Isso Ricardo tinha que concordar em todos os sentidos.

Contudo, o que ele se referia para Liana, era diferente. Um sentimento, uma ansiedade, diferente da que ele sentia que o deixava nervoso. Era como se estivesse prevendo que alguma coisa. Uma coisa boa. Diferente da que ele vinha tendo por um longo tempo.

Não sabia explicar o que era, nem para Liana e nem para si mesmo. Era como fossem aqueles minutos que antecipavam a descoberta de uma coisa boa. O desembrulhar de um presente inesperado e que continha aquilo que a pessoa desejava com todo o seu coração.

— Alguma coisa me diz que quando voltarmos para casa, tudo vai ser diferente.

— A casa vai continuar a mesma coisa, Kado. — Liana já estava se aborrecendo com o irmão e seus assuntos sem nexos. — Mesmas paredes. Aquela marca no chão da cozinha de quando a gente derrubou uma lata de tinta. Ou quando tu começou a dirigir, foi tirar o carro da garagem e arrancou um pedaço do concreto da parede.

— Não é isso, mana. — Ricardo sentou-se na cama e olhou para a irmã. — Digo a representação da casa em si, não só o físico dela.

Liana fez uma cara de quem não estava mais entendendo nada. E lembrou de Sérgio a advertindo para que o procurasse quando Ricardo estivesse agindo diferente, ele poderia ter tomados os remédios errados e ficado um pouco dopado.

— O ambiente. O ar que a gente vai respirar. O Clima.

— Ok... e o que tu acha que isso significa. — Liana olhou para o irmão que deu os ombros de leve.

— Acho que vamos ser felizes. — Ricardo murmurou. — Nada mais de brigas entre nós e o mano. De tristezas. Solidão e outras coisas.

Liana sentou-se ao lado do irmão e ele a abraçou pelos ombros.

— Entendeu o que eu quis dizer? Acho que tudo vai ser diferente. Vamos voltar para casa como uma família. Uma família de verdade e feliz. Assim como éramos antes deles morrerem.

Liana sorriu de leve e se acalmou. O irmão não estava drogado e sim esperançoso.

— O Sérgio mudou muito com a chegada da Fernanda lá em casa, mas agora ele está feliz. E nós mudamos também.

— E também vamos ser felizes. — A irmã concluiu e se escorou em Ricardo.

Fernanda pegou Inácio no colo depois que terminou de arrumar as suas malas. Foi até a janela do quarto e observou a lagoa a sua frente, calma e com as ondas quebrando de leve.

Respirou fundo e olhou para Inácio. Seu filho, que estava entretido com algum dos brinquedos que ele tinha. Ela estava leve, de corpo e alma. Sentia-se feliz por estar feliz. E isso era uma coisa ótima.

Saber que amava e era amada era a sensação mais indescritível que Fernanda já tinha sentido. Tudo se tornava mais fácil a medida que ela descobria mais sobre aquela sensação. A constante presença de Sérgio ao seu lado, o modo como ele agia com ela, cuidava dela, de seu filho e até mesmo de sua mãe, como compartilhavam suas preocupações constante sobre Ricardo e Liana, do mercado e sobre a casa.

Era ótimo ter alguém ao seu lado para dividir todos os problemas do cotidiano. Desde os mais simples, aos mais complexos. Pela primeira vez na sua vida, Fernanda sabia que tinha alguém para todas as horas, todos os momentos e principalmente para toda sua vida.

A porta abriu com Sérgio entrando dentro do quarto sorrindo. Seu semblante relaxado e feliz era a imagem perfeita que Fernanda tinha dele. E se dependesse dela, esse seria o estado contínuo dele.

— Não sei como, mas a Li conseguiu colocar tudo dentro da mala. Não quero estar por perto quando ela abrir aquilo. Vai voar roupa para todos os lados.

— Eu disse que ela ia conseguir sozinha. Não importa o jeito que foi, só que ela conseguiu.

— Só falta a de vocês. Deixei por último para não ter problema como da última vez, em que tivemos que descarregar o carro no meio do posto de gasolina para pegar alguma coisa para esse carinho aí.

Inácio levantou os olhos para Sérgio.

— É de ti mesmo que eu estou falando. — Aproximou-se deles e beijou Inácio para depois beijar Fernanda. — Aquela proposta de ficarmos aqui ainda está em pé.

Fernanda riu e o abraçou com a outra mão que não estava amparando Inácio. Sentia-se muito bem fazendo aquele sanduíche de Inácio.

— Por mais tentadora que ela seja, temos uma casa para voltar, arrumar e daqui uns dias voltar ao trabalho. — Sérgio gemeu de frustração. — Vamos pensar pelo lado positivo, a gente volta para casa e começa a sonhar com as férias do ano que vem.

— Ano que vem? Está louca, gorda? Vamos ter as férias de inverno na serra, para sentir mais frio ainda.

Ela riu e sentiu ele beijando a sua cabeça.

Sérgio carregou as malas de Fernanda e Inácio para dentro do carro e fechou o porta-malas com um suspiro. Estavam voltando para casa, depois das primeiras férias em um longo tempo sem descanso para ele, e também, dá em família.

E voltar para casa seria ótimo.

Aos poucos, todos desceram dos seus quartos e se despediram dos funcionários do hotel. Sérgio sentou no banco do motorista, a mãe de Fernanda no do carona e atrás o espaço era dividido por Fernanda, Ricardo, Liana e um certo Inácio passando de colo em colo, para ver em qual era o melhor para tirar uma soneca.

Sérgio respirou fundo ao ligar o carro e começar a viagem. Sentiu um arrepio passando pelo seu corpo e quando olhou pelo espelho interno do carro, seus olhos bateram no reflexo de Fernanda sorrindo para alguma coisa que alguém falava no banco de trás. O pingente que ele havia lhe dado refletiu a luz do sol e ele sentiu um presságio de que tudo ficaria bem.

Todos estavam indo para casa, e como Ricardo disse para Liana, ao passarem pela porta, notariam que tudo estava igual e ao mesmo tempo diferente. A alma da família Chiarelli, finalmente estava em paz.

Eles estavam felizes.

E assim continuariam.

Fim.

Epílogo

Sérgio desviou os olhos do seu reflexo, de onde se barbeava e avisou.

— Se tu te sujar, tua mãe e a tua avó vão brigar contigo. E eu também.

— Mas pai... — Inácio olhou para Sérgio com aquela cara que fazia com que ele cedesse a todos os pedidos dele.

— Hoje não, — disse se referindo a espuma de barbear, o terror de Fernanda, como ela dizia todas as vezes em que os dois resolviam brincar dentro do banheiro — daqui a pouco temos que sair. Esqueceu o que vamos fazer hoje?

— Não. — Ele baixou os olhos e olhou para o sapato que estava usando. — Meu sapato é igual ao teu. Vamos estar igual, pai!

— Vamos, sim. Agora, por favor, senta quieto em algum lugar e não te suja, Inácio.

O menino saiu correndo para alguma parte da casa e Sérgio não pode segurar o riso.

Inácio estava crescendo rápido demais, isso era um fato que todos que o conheciam falavam repetidamente. Parecia que era ontem que Fernanda estava grávida dele, e hoje, Inácio já tinha cinco anos. Cinco anos que, para Sérgio, não eram nada e ao mesmo tempo, tudo.

O que poderia ter mudado em cinco anos? Algumas coisas....

O mercado ainda continuava a se superar a cada dia mais, tanto que em breve eles pensavam em aumentar a área física deles e estavam fazendo negócio com algumas casas velhas que estavam à venda por perto. Eles já estavam com todo plano feito. Mais espaço para o depósito, mais espaço para o mercado e ainda sobriaria espado para um pequeno prédio comercial, onde a principal sala seria o consultório de Liana, ou melhor, a futura dentista Liana. E mais ao fundo um sobrado para ela.

Ricardo ainda era um capítulo à parte. Apesar de morar em Porto Alegre e estar na pós-graduação, visando um mestrado em física, junto com Liana, no mesmo apartamento em que Sérgio ficou enquanto estudava, ele ainda inspirava cuidados. Principalmente depois do episódio com a superdosagem de medicamentos. Ao qual Ricardo jura que foi por descuido seu. Um fato que ainda gerava certa discussão entre ele e Miguel, que garante que não foi nenhum descuido, e sim por vontade própria, reforçando o fato de que ele não ainda não poderia morar sozinho. Por isso, tinha que aguentar Liana fuçando nas suas coisas todos os dias. Só com a presença da irmã que Sérgio liberou que ele ficasse tanto tempo longe de casa. E mesmo assim, onde isso tinha parado? Finalizava Sérgio quando eles tocavam nesse assunto.

Esse era um tópico constante para Sérgio e Fernanda, todas as noites antes de dormirem. A pesar de fazer mais de um ano que eles estivessem fora. Se eles já se preocupavam quando Ricardo ia e voltava todos os dias da faculdade, quem dirá perdendo Ricardo e Liana para a cidade grande juntos. As diversas ligações diárias não eram o bastante para que os corações dos dois se acalmasse ao escutarem que tudo estava muito bem e que eles não precisavam de nada.

A casa não era completa sem Ricardo, Liana e Inácio correndo pelos cômodos, brigando por alguma comida roubada as escondidas, ou qualquer outra coisa que se transformava em um furação. Isso tornava a casa mais alegre e cheia de vida. E de uma hora para a outra, os dois se

mudaram de vez e só voltavam às sextas. Era muito pouco.

Sérgio e Fernanda tiveram que acostumar a ausência dos dois e aproveitar ao máximo o tempo quando a família estava toda reunida. E adoravam quando algum feriado, ou data importante prolongava as visitas. Como hoje.

— Tu vai colocar gravata ou só vai com o casaco de paletó? — Ricardo apareceu na porta do banheiro de Sérgio ajeitando a manga da sua camisa azul. — Não estava afim de colocar um terno em si.

— Não vou colocar terno, a gente só vai casar no civil. Só vou jogar o casaco por cima e pronto.

— Menos mal — Ricardo deu os ombros. — Então eu já estou pronto. E o noivo como está?

— Só colocar a roupa. — Sérgio lavou o rosto, para tirar o resto de espuma e Ricardo o seguiu até o quarto.

Sérgio vestiu-se enquanto conversava com Ricardo. Como sempre, tudo relacionada à faculdade do irmão. As experiências que a física apresentava para Ricardo e como ele era apaixonado pelo o que fazia.

Claro que isso deixava Sérgio muito apreensivo em certos aspectos. O foco de Ricardo era completamente acadêmico. O único campo para que o irmão pendia, com o que estava estudando, era a vida universitária. Ricardo planejando em ser professor de faculdade, ensinar a jovens a amarem a física como ele amava e enxergava. Uma coisa completamente esquisita, já que quando Ricardo começava a falar, se empolgava e ia para os termos técnicos, Sérgio se perdia todo. Apenas sorria para Ricardo, e ficava feliz em ver o irmão empolgado com o que ele fazia. Isso era o que importava.

E claro que ele adorava mais quando Ricardo suspirava alto e sorria ao encerrar o assunto. Apesar de saber que a condição psicológica de Ricardo, não se alterara muito desde a sua adolescência, era muito bom ver o irmão empolgado e sonhando com um futuro.

— E por falar em tudo isso. — Sérgio olhou sério para o irmão. — Qual é a da Liana dessa vez?

Ricardo riu.

Como Sérgio previu, Liana era uma dor de cabeça constante. Tudo começou aos dezesseis anos e o primeiro “namorado” que ela teve a audácia de apresentar em casa. Sorte que Fernanda o segurou a noite toda, ou Sérgio sairia de casa direto para a delegacia por homicídio. E o desfile de pretendentes não parou. Às vezes ela se superava como ninguém, para o seu desespero.

— Em defesa da Li, esse pelo menos usa calças, sabe falar bem mais do que duas palavras e não usa nenhuma peça de roupa com o desenho de folha de maconha.

Sérgio fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Esse é estudante de medicina, último semestre e parece bem legal. Foi ele que me atendeu no episódio dos remédios a mais que eu tomei sem querer....

Ricardo parou de falar repentinamente. Sabia que se fosse por esse lado o humor do irmão no casamento não seria tão bom.

— Ela me disse isso, só não sei como eles se acharam depois. Ela negou essa informação para mim ontem.

— Foi no bar e... — Ricardo fechou a boca repentinamente. Não era para Sérgio saber que Liana estava trabalhando em um bar à noite e muito menos cantando junto com alguns clientes que tocavam seguidamente por lá. Ele mesmo ia algumas vezes com a irmã e gostava de lá.

— No bar.... E tu foi junto?

— Claro. Ele chegou e sentou na nossa mesa e começamos a conversar. — Ricardo era péssimo em mentir. Se Sérgio continuasse a pressionar, acabaria dizendo que Liana estava atendendo no bar quando ele apareceu e só voltou a ver a irmã no outro dia pela manhã, com ela recém chegando enquanto ele saía para a aula.

Inácio apareceu no quarto, para o alívio de Ricardo, e como ele havia dito, vestido igual a Sérgio e muito feliz em se mostrar completamente limpo, sem nenhum tipo de arte nos poucos minutos que lhe foi pedido.

— A mãe disse que... — ele parou, pensou e voltou a falar. — Esqueci. Dindo, tu pode me levar para andar de cavalo hoje?

— Claro. — Ricardo riu e Inácio se animou todo com a promessa.

— Cavalo depois, agora corre lá e vê o que a tua mãe queria e....

— Queria dizer que estou pronta.

Fernanda apareceu na porta do quarto e o mundo de Sérgio parou, como sempre parava quando ela chegava perto dele.

Realmente, em cinco anos muitas coisas poderiam acontecer, mas uma coisa não mudou em nada. O modo como Sérgio amava Fernanda e o jeito como ela o amava. Isso era imutável.

— Está linda, Gorda. — Sergio sorriu para a Fernanda.

— Obrigada, tu também, Sérgio. Aliás, os três. Agora vamos?

Ricardo e Inácio saíram primeiro e antes de Fernanda passar pela porta, Sérgio a puxou pela mão.

— Deixa eles irem na frente um pouco. — Fernanda abraçou Sérgio e, mesmo com os saltos médios, ficou na ponta dos pés. — Pronta para ser, oficialmente, uma Chiarelli?

— Ainda dá tempo de desistir? — Brincou e o beijou de leve, para não manchar o seu batom.

— Olha que eu te levo arrastada. — Sérgio a levantou do chão a fazendo gritar de susto.

Ela estava feliz. Mais feliz a cada dia que se passava. E não importava o que um papel dizia, ela já se sentia uma Chiarelli há muito tempo.

Havia recebido a honra de ser uma e levava no seu coração cada um deles. Ricardo e

Liana como seus filhos mais velhos e Sérgio como o homem da sua vida. O pai dedicado a Inácio e o melhor namorado/marido que ela poderia ter sonhado em ter na sua vida.

Ela tinha o pacote completo na sua vida. Um homem perfeito ao seu lado, trabalhavam juntos de igual para igual, com a transparência que necessitavam ter e a confiança cega. E isso importava muito em uma relação como a deles.

Sérgio não se conteve apenas com o beijo simples e quis mais. Queria sempre tudo com Fernanda, não importando o lugar em que estavam.

— Vamos lá de uma vez, que eu estou pressentindo que o Kado e a Li aprontaram alguma coisa para nós.

— Capaz, os dois anjos? — Sérgio ainda a segurava e a fazia sorrir mais. — Eles são uns amores que nunca me deram um fio de cabelo branco.

— Acho que essa frase tu não pode mais usar, Sérgio. Esse teu cabelo grisalho já está em toda a parte. — Enfatizou a última parte e o casal saiu de mãos dadas em direção ao cartório onde iriam oficializar a união.

O sonho de Fernanda em se casar na igreja foi bloqueado quando o padre Simas, aquele que apresentou Sérgio e Fernanda veio a falecer depois de meses do batizado de Inácio, na sua pequena capela, onde Fernanda e sua mãe moravam anos atrás. Nenhum outro pároco poderia fazer essa cerimônia se não fosse o padre Simas. E o assunto foi encerrado. Não haveria casamento religioso de Sérgio e Fernanda. Padre Simas abençoaria a união deles de onde estivesse.

Agora era um caso estritamente burocrático, já que Sérgio queria que as novas expansões do mercado ficassem no nome dos dois e decidiram se casarem para oficializar. Não oficializar a união, eles não precisavam de um pedaço de papel para jurarem amor eterno. Isso eles faziam todos os dias ao levantarem da cama, ao educarem Inácio, se preocuparem com Ricardo e Liana, tomando uma decisão para a melhoria do mercado, ou enfrentarem algum problema juntos.

Um pedaço de papel, algumas assinaturas em um livro não eram nada perto do que eles realmente tinham.

Fizeram os procedimentos de casamento civil na presença de Inácio, que não parou quieto um instante que fosse, Liana, que cochichava com Ricardo o tempo todo e a mãe de Fernanda.

— O mano vai te matar. — Ricardo murmurou.

— Não vai, a já falei com a Fernanda. Está tudo certo. Só preciso da chave do carro.

Ricardo não respondeu e isso deixou Liana irritada. Travou um olhar mortal para o irmão, que depois de alguns minutos ele acabou cedendo. Saíram do cartório e quando Sérgio ligou o carro Liana começou a falar.

— Preciso passar no CTG para buscar uma coisa que eu esqueci.

— Depois tu pega, vamos almoçar e depois eu tenho que voltar para o mercado. — Sérgio disse.

— Tem que ser agora! — Ela insistiu e acotovelou Ricardo para que ele entrasse na onda

dela.

— É, mano. Eu tenho que buscar uma coisa também e...

— Eu quero andar a cavalo com o dindo! — Inácio se meteu na conversa.

— Não e...

— Não quero sair depois! Quero aproveitar que já estamos na rua com o carro e ir lá.

— Cavalo!!! Cavalo!! Cavalo!!!

— E eu preciso ver se tem alguém lá para falar sobre....

— Ok! — Sérgio falou mais alto fazendo com que os três calassem a boca. Fernanda, conhecendo Ricardo e Liana, sabia que eles tinham aprontado alguma coisa. Sérgio ainda continuava muito burro quando se tratava dos irmãos mais novos.

— É rapidinho, Sérgio. Não vai dar nem cinco minutos. — Fernanda tocou no braço dele.

Ricardo, Liana e Inácio desceram correndo o carro, deixando Sérgio, Fernanda no carro esperando.

— O que eles estão aprontando? Acho que deveríamos ir lá ver. — Ela saiu do carro e deixou os dois sozinhos.

— Ai, Sérgio.... — Fernanda começou. — Tu não entendeu ainda? Eles fizeram uma surpresa para nós e tu quase estragou o trabalho deles.

— O que eles aprontaram?

— Eu não sei, temos que ir lá ver.

— Não. Vamos ficar aqui e aproveitar os nossos primeiros minutos como casados. — Sérgio pegou a mão esquerda de Fernanda, a qual agora carregava uma aliança com o seu nome. Aliança essa que Inácio quase perdeu dentro dos seus bolsos. Ele era o encarregado das alianças.

Fernanda sorriu para a aliança. Não sabia que iriam trocar ali perante o pessoal do cartório. Foi emocionante ver Inácio procurando as alianças nos bolsos e Sérgio tento que se abaixar e procurar junto com o filho.

— Daqui a dois dias vamos poder curtir essa vida de casados, bem longe dos três. Agora vamos lá que alguma coisa nos espera no CTG.

Saíram do carro e deram as mãos.

Entraram no salão e viram todos os seus amigos reunidos esperando o novo casal de marido e mulher entrarem. E isso era melhor do que qualquer festa chique que eles poderiam sonhar em fazer. Cumprimentaram todos os convidados e agradeceram os votos de felicidade que ofereceram.

Ricardo observava de longe, sentado, a felicidade do irmão e Fernanda. Amava os dois com tanta intensidade que sentia quase a mesma felicidade que ambos. Nada era melhor e mais promissor de ver Sérgio sendo feliz ao lado de Fernanda. Um tipo de espelho, onde a imagem que ele via na sua frente, era o reflexo que ele queria para a sua vida.

Uma tarefa que ele mesmo já achava impossível acontecer na sua vida. Ricardo entendia com todas as letras que não era normal como o irmão, que conseguiu encontrar a felicidade plena ao lado de Fernanda, ou tão alegre como Liana, que procurava a sua felicidade em quem pudesse oferecer um algo a mais. Isso era uma coisa que Ricardo nunca poderia entender.

Conseguia sentir amor pelos irmãos, por Fernanda e pelo Inácio. Mas pessoas fora desse círculo familiar era complicado. Tão complicado que quando perguntou para Miguel como seria, nem mesmo o seu médico conseguiu explicar exatamente o que era. Apenas disse que o que Ricardo perguntava era inexplicável, sentia-se. E Ricardo, tão literal e científico, sempre procurando todas as respostas das suas perguntas, simplesmente não entendia nada.

Tudo tinha uma explicação. Absolutamente tudo. A terra se movia porque tinha uma órbita estável, graças ao equilíbrio existente entre sua velocidade e a força gravitacional exercida sobre ela pelo sol. O tempo constante, o passado imutável e o presente em aberto. A velocidade da luz era de 299.792.458 metros por segundo. E todos os outros questionamentos que existiam tinham uma resposta plausível e aceita por Ricardo.

Tudo que fugisse do patamar que não pode ser encaixado em repostas simples era obscura a Ricardo. E isso o deixava em pânico quando resolvia pensar e Miguel o fazia encará-las.

E então, resolveu deixar esses questionamentos para quem conseguia senti-los. Como Sérgio e Fernanda, Liana e seus inúmeros namorados e qualquer pessoa que conseguia viver com essa certeza que para ele era tão obscuro quando um buraco negro no espaço.

Era melhor viver assim. Tinha a sua rotina completamente programática. Acordar cedo, levantar, tomar um banho e junto com seu café da manhã seus remédios que o faziam conviver com todos os seus questionamentos, ansiedade e qualquer tipo de contratempo que poderia ter com seus sentimentos. Estudava, fazia estágio na faculdade, onde ajudava alunos que ingressavam na faculdade. Às vezes Liana o arrastava para o bar onde trabalhava e ele acompanhava a irmã. Até gostava de ficar lá, tinha uma música boa e ele conseguia relaxar vendo as pessoas a sua volta.

E muitas vezes, conhecia pessoas diferentes e que o achavam interessantes seus papos de inteligente, como diziam. Ricardo perdeu a conta de quantas mulheres sua irmã apresentou para ele. Era legal conversar, tomar alguma coisa e rir um pouco. Porém era só isso. Não criava vínculos. Nenhum tipo deles. E isso era motivo de brigas constantes entre Liana e Ricardo.

Sua irmã queria que ele aproveitasse a vida. Saísse com algumas daquelas garotas só para se divertir, mas Ricardo não conseguia. Ela forçou, brigou e questionou tanto que ele sucumbiu. Sua cabeça começou a fazer questionamentos diversos, tantas perguntas sem respostas que tudo que ele mais queria era que elas parassem. Ele não ia conseguir descobrir de o porquê não criar laços com ninguém ou como não sentir empatia por nenhuma daquelas garotas e tantas outras coisas que passaram na sua cabeça ao mesmo tempo.

Estava sentindo-se péssimo. Ficou paranoico e ansioso demais. Só queria que tudo aquilo parasse. Queria voltar para a sua rotina programada e nenhum pensamentos sobre coisas que ele não conseguia explicação. Ligou para Miguel, conversou com ele, mas o médico o alertou para não ficar sozinho naquele momento. Pediu para que Ricardo fosse até a clínica ou que esperasse que Miguel fosse ao seu encontro. Mas Ricardo não escutou. Simplesmente achou que poderia

lidar com a situação sozinho e acabou tendo uma overdose com seus próprios medicamentos.

Não, ele não culpava Liana sobre isso. Ele amava a irmã e sabia que ela só queria que ele fosse feliz, queria ver a mesma felicidade de Sérgio estampada nos olhos de Ricardo. E isso não a fazia culpada.

Ninguém tinha culpa.

Ele continuou a observar o irmão, abraçado com Fernanda e sentindo-se feliz por ser testemunha de uma coisa que ele nunca teria, pois como saber se viveria se nem sabia realmente o que era.

— Ricardo? — Virou-se e viu Bia sorrindo em sua direção. — Tudo bem? Quanto tempo que eu não te vejo!

Ele levantou-se e abraçou a amiga da irmã.

— Oi, Bia. Como tu está? E a faculdade?

— Está tudo ótimo! Acabei de chegar e a mãe disse para eu vir direto para cá. Quem diria que finalmente os dois se casaram. — Ela olhou para Sérgio e Fernanda.

— E por falar em casar.... Acho que não dei meus parabéns pelo noivado. Ouvi a Liana gritar para todo o prédio escutar.

— Obrigada. Ela ainda está brava comigo, mas eu já disse que não vou casar semana que vem. Quero acabar os meus estudos e focar na minha carreira antes de tudo. E eu sei que a Li nunca aceitou o meu namoro.

Claro que Liana não aceitava. Sua melhor amiga estava noiva com um dos ex-colegas de Ricardo que zombavam do irmão. Ela até bateu no noivo de Bia o deixando incapacitado por alguns dias.

— A Li está sendo a Li de sempre. — Ricardo não defendeu a irmã. — Mas no fundo ela vai estar bem se tu estiver feliz.

— Eu sei. E também não acredito que ela vai trazer o Richard aqui hoje.

— Eu nem me meto mais nas loucuras delas. Só espero que o mano não fique perto de uma faca hoje.

Eles riram juntos.

— Ah, o Thiago chegou. Vou te aguardar para me tirar em uma dança. O Thiago não sabe dançar e eu ficaria muito triste se o meu par de anos e o primeiro peão do estado não tirasse a primeira prenda do estado para dançar. E tu sabe que a minha mãe te caçaria até te encontrar.

— Eu sei, Bia. Quando o baile começar, depois do almoço, eu vou lá te tirar para dançar, isso se o Thiago me permitir.

— Ah, ele vai sim.

Bia se afastou e deixou Ricardo sozinho novamente, lembrando dos momentos em que eles dançaram nas finais da competição estadual e, pela primeira vez em anos, o casal foi escolhido como o primeiro peão e a primeira prenda do estado. Geralmente o casal escolhido tinha o peão de uma região e a prenda de outra. Juntos, Ricardo e Beatriz fizeram história

naquele CTG.

Liana entrou no salão de mãos dadas com Richard, o seu novo namorado. Novamente ela estava apaixonada e sentia que essa vez seria diferente de todas as outras. Richard era um encanto de pessoa. Fazia o seu estágio final da faculdade de medicina e sonhava em ser um grande médico. Conheceu ela enquanto estava inconsolável com Ricardo sendo levado às pressas para dentro do pronto socorro, completamente imóvel e com risco de vida.

Richard foi um médico perfeito e a ajudou a passar por aquilo tudo, sempre a deixando informada sobre o estado de Ricardo. Se hoje o seu irmão estava ali, era pela eficiência de Richard.

Richard se encantou por Liana no momento que a viu fora do hospital. Ele tinha acabado de brigar com o seu pai, mais uma vez, enquanto fazia o seu estágio e acabou no primeiro bar que encontrou na sua frente. Lá viu ela, sorrindo a atendendo a todos da mesma maneira. Lembrou-se vagamente de que já tinha a visto em algum lugar, mas não a reconheceu de primeira. Precisou de algumas doses de bebidas e algumas palavras para a reconhecer.

A chamou para sair e hoje eles estavam juntos. Liana era uma luz na sua vida tão tumultuada.

— Tem certeza que essa é a hora exata de conhecer o teu irmão mais velho? Já estou contente em conhecer o Ricardo.

— O Kado não conta. E eu já falei com a Fernanda, ela não vai deixar o meu irmão fazer nada contra ti.

Realmente Liana era ótima motivadora.

Puxou Richard em direção aos dois e foi logo fazendo as apresentações.

— Mano, Fernanda, esse é o Richard. O meu namorado.

Fernanda apertou a mão em torno do braço de Sérgio. Sabia que Liana iria trazer ele, mas não imaginava que seria dessa forma. Fernanda nem teve tempo de preparar o meio de campo.

— Richard, é um prazer em te conhecer. A Li e o Kado falam bastante em ti.

— Obrigada, senhora. E meus parabéns pelo casamento.

— Senhora está no céu. Pode me chamar de Fernanda. — Como sempre, ela sorriu daquela forma que fazia qualquer pessoa se sentir bem-vinda.

— Quem tem um nome só é cachorro. — Sérgio falou ríspido. Fernanda apertou o braço de Sérgio novamente.

— Matzembecker, senhor. Richard Matzembecker.

— Olha lá a mãe da Bia. Temos que falar com eles.... — Fernanda disfarçou. — Aproveite o almoço, Richard. E seja bem-vindo.

— Obrigado. — Richard agradeceu, educadamente.

Fernanda arrastou Sérgio pelo salão até a mesa deles.

— Como ela teve coragem de fazer isso? Por favor, me deixa matar a Liana hoje?

Presente de casamento, Gorda!

Fernanda revirou os olhos para o marido.

— Deixa a Li, Sérgio. Ela me avisou que ele viria, mas não o horário para eu te avisar e te adestrar. Nome de cachorro, sério? — Nem ela conteve o riso ao olhar para o marido.

— Mas é verdade, meu pai já falava isso.

— Certo. Passou. — Ela respirou fundo. — E vamos pensar positivo, pelo menos esse sabe falar bem mais do que duas palavras, usa calças e eu não achei nenhuma estampa de maconha nas roupas dele.

Fernanda abraçou o marido e o beijou de leve. Sérgio passou as mãos sobre a cintura da esposa e relaxou sobre os seus braços.

— É a nossa festa de casamento, — disse ela somente para ele escutar. — Vamos deixar para pensar nisso depois. De preferência depois que tudo isso acabar e a gente voltar da nossa lua-de-mel.

— Podemos já ir? — Ele a apertou mais.

— Ainda não. Preciso mostrar para todos que estamos casados de verdade. E que eu te amo mais que tudo. Mais do que todos os namorados que a Liana possa vir nos apresentar um dia.

— Pelo amor de todos os santos, não me fala isso, senão eu infarto aqui mesmo. Só por hoje já me contento com esse tal de Richard como o único. Ok, tu venceu, vamos aproveitar o nosso dia de casamento e deixar os problemas de lado.

— E por falar em problemas. — Fernanda apontou um Inácio que já tinha andado pela churrasqueira do CTG e desfilava como se não estivesse todo sujo. — Ele estava tão bonitinho de camisa social, agora vou ter que colocar essa no lixo de tanto carvão que estou vendo nela.

Sérgio riu e suspirou ao ver Inácio feliz correndo pelo salão. Observou Ricardo seguindo seu afilhado e sorrindo para ele e até mesmo Liana com os olhos brilhando, acompanhada de Richard.

A família Chiarelli estava feliz.

O que seria melhor do que isso?

Bonus inédito